

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

SERMÕES VOL.3
Padre Antonio Vieira

SERMÃO DE SANTA CATARINA

PREGADO À UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANO 1663

Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes¹

§I

A casa da Sabedoria, edificada por Salomão. Por que razão os arcos triunfais das palmas do Santo dos Santos cobrem antes estátuas de querubins sábios que de capitães valorosos? Assunto do sermão: as vitórias de Catarina. O título: A sábia vencedora.

324. A casa que edificou para si a Sabedoria: *Sapientia aedificavit sibi domum²*, era aquela parte mais interior e mais sagrada do Templo de Salomão, chamada por outro nome *Sancta Sanctorum*. Levantavam-se no meio dela dois grandes querubins, cujo nome quer dizer sábios, e são entre todos os coros dos anjos os mais eminentes na sabedoria. Com as asas cobriam estes querubins a Arca do Testamento, e com as mãos sustentavam o propiciatório, que eram os tesouros e o assento da Sabedoria divina. A Arca era o tesouro da Sabedoria divina em letras, porque nela estavam encerradas as tábuas da lei, primeiro escritas, e depois ditadas por Deus; o propiciatório era o assento da mesma Sabedoria em voz, porque nele era consultado Deus, e respondia vocalmente, que por isso se chamava oráculo. As paredes de toda a casa em roda estavam ornadas com sete palmas, cujos troncos formavam outras tantas colunas, e os ramos de umas para as outras faziam naturalmente seis arcos, debaixo dos quais se viam em pé seis estátuas, também de querubins. Esta era a forma e o ornato da casa da Sabedoria, edificada por Salomão, porém traçada por Deus, e não se viam em toda ela mais que querubins e palmas, em que a mesma Sabedoria, como vencedora de tudo, ostentava seus troféus e triunfos.

325. Mas se Deus naquele tempo se chamava *Dominus exercituum*, e se prezava de mandar sobre os exércitos e batalhas, e dar ou tirar as vitórias, parece que as estátuas colocadas debaixo de arcos triunfais de palmas não haviam de ser de querubins sábios, senão de capitães famosos. Não pareceria bem, debaixo do primeiro arco, a estátua de Abraão com a espada sacrificadora de seu próprio filho, vencendo a quatro reis só com os guardas das suas ovelhas? Não diria bem, debaixo do segundo arco, a estátua de Moisés com o bastão da vara prodigiosa, afogando no Mar Vermelho a Faraó, e triunfando de todo Egito? Não sairia bem, debaixo do terceiro arco, a estátua de Josué com o sol parado desfazendo o poder e geração dos gabaonitas, sem deixar homem à vida? Não avultaria bem, debaixo do quarto arco, a estátua de Gedeão com a tocha na mão esquerda e a trombeta na direita, metendo em confusão e ruína os exércitos inumeráveis de Madiã e Amalec? Não campearia bem, debaixo do quinto arco, a estátua de Sansão com o leão aos pés e a queixada do jumento na mão, matando a milhares dos filisteus? Finalmente, não fecharia esta famosa fileira a estátua de Davi com a funda e a pedra, derrubando o gigante e cortando-lhe a cabeça com a sua própria espada? Pois se estas seis estátuas famosas ornariam pomposamente a sala do Senhor dos exércitos, por que razão os arcos triunfais das palmas cobrem antes estátuas de querubins sábios, que de capitães valorosos? Porque é certo na estimação de Deus, ainda que alguns homens cuidem o contrário, que as vitórias da Sabedoria são muito mais gloriosas que as das armas, quanto vai das mãos à cabeça. Por isso quis o mesmo Deus que lhe edificasse a casa, não o pai, senão o filho, não Davi, o valente, senão Salomão, o sábio.

326. Suposta esta verdade, que em toda a parte, e muito mais neste empório das letras, se deve supor sem controvérsia, acomodando-me à profissão do auditório e à celebridade do dia, só falarei de Santa Catarina hoje enquanto doutora e sábia. Lá diz Ezequiel que viu uma roda junto a um querubim: *Rota una juxta cherub unum* (Ez. 10,9). E que querubim é aquele,

que tem a roda ao lado, senão Santa Catarina? Na casa da Sabedoria, a cada palma respondia um querubim; nesta, que também é da sabedoria, veremos um querubim com muitas palmas. O assunto pois do sermão serão as vitórias de Catarina, e o título: A sábia vencedora. *Ave Maria*.

§II

A mais ostentosa disputa que nunca ouviram as Academias: a de Santa Catarina com os cinqüenta filósofos pagãos da corte de Maximino. A conversão dos cinqüenta filósofos e a obstinação das virgens néscias.

327. O mais formoso teatro que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as Academias, a mais rara e portentosa vitória que nunca alcançou da ignorância doura e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um querubim em hábito de mulher, ou um rosto de mulher com entendimento e asas de querubim, Santa Catarina. A aula, ou teatro desta famosa representação, foi o palácio imperial; os ouvintes e assistentes, o Imperador Maximino, o senado de Alexandria, e toda a corte e nobreza do Oriente; a questão, a da verdadeira divindade de um ou de muitos deuses, e a fé ou religião que deviam seguir os homens; os defendentes, de uma parte uma mulher de poucos anos, e da outra cinqüenta filósofos, escolhidos de todas as seitas e universidades; e a expectação da disputa e sucesso da controvérsia, igual nos ânimos de todos à grandeza de tão inaudito certame. Em primeiro lugar propuseram os filósofos inchados seus argumentos, aplaudidos e vitorizados de todo o teatro, e só da intrépida defendente recebidos com modesto riso. E depois que todos disseram quanto sabiam em defesa e autoridade dos deuses mortos e mudos, que eles chamavam imortais, então falou Catarina, por parte da divindade eterna e sem princípio, do Criador do céu e da terra e da humanidade do Verbo, tomada em tempo, para remédio do mundo.

328. Falou Catarina, e foi tal o peso das suas razões, a sutileza do seu engenho e a eloquência mais que humana com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos ou erros dos enganados filósofos, mas, redarguindo e convertendo contra eles seus próprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidência, que sem haver entre eles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a uma voz a verdade infalível da fé e religião cristã. E que faria com este sucesso Maximino, imperador empenhado e cruel? Afrontado de se ver vencido nos mesmos mestres da sua crença, de quem tinha fiado a honra e defesa dela, e enfurecido e fora de si, por ver publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses, a quem atribuía o seu império, em lugar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos filósofos, com sentença bárbara e ímpia, mandou que ou sacrificassem logo aos ídolos, ou morressem todos a fogo. Todos, sem duvidar nem vacilar algum, aceitaram a morte por Cristo, não só constantemente, mas com grande alegria e júbilo, e na mesma hora, e do mesmo teatro onde tinham entrado filósofos, saíram teólogos, onde tinham entrado gentios, saíram cristãos, e onde tinham entrado idólatras, saíram mártires. Oh! vitória da fé a mais ilustre e ostentosa, que antes nem depois celebraram os séculos da Cristandade! Oh! triunfo de Catarina, não com duas palmas nas mãos, de virgem e mártir, mas com cinqüenta palmas aos pés de sutil, de angélica e de invencível doutora! Digna por esta inaudita façanha de que no mais alto do Monte Sinai, depois de ser trono do supremo legislador, as mesmas mãos, que escreveram as primeiras letras divinas, levantassem eterno troféu à memória das suas.

329. Esta foi, senhores, a famosa ação, tão própria do dia como do lugar, sobre que determino discorrer neste breve espaço; e para ponderar os quilates dela nas circunstâncias mais particulares e relevantes de tão admirável vitória, me ofereceu o Evangelho as palavras que propus: *Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque pruddentes* (Mt. 25, 2). Eram as virgens, que saíram a receber o Esposo, dez, e destas dez, cinco sábias e cinco néscias. Sábias e néscias quando saíram: *Exierunt obviam sponso et sponsae*³; sábias e néscias quando se detiveram: *Moram autem faciente Sponso*⁴; sábias e néscias quando umas entraram às bodas e outras ficaram de fora: *Et quae paratae erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua*⁵. O em que agora reparo, é que sendo estas duas parelhas semelhantes no sexo, iguais no número e diferentes no entendimento; semelhantes no sexo, porque todas eram mulheres; iguais no número, porque eram cinco e cinco; diferentes no entendimento, porque umas foram sábias, outras néscias — nem todas estas néscias, nem parte, nem sequer uma delas, com a companhia, com o trato e com a conversação das sábias se emendasse e deixasse de ser néscia. Se todas as néscias aprendessem, e todas as sábias ensinassem a o ser, não parece demasiada maravilha de mulheres a mulheres, de cinco a cinco e de sábias a néscias, mas de mulheres a mulher, de cinco a uma, e de sábias a néscia, que nem esta uma e única se mudasse com a companhia, nem se emendasse com o trato, nem se convertesse com o exemplo? Assim foi, e assim costuma ser, sendo mais digno de admiração que as néscias não pervertessem a todas as sábias, que todas as sábias não converterem uma néscia.

330. Passemos agora a Santa Catarina, e vejamos estas mesmas parelhas no sexo, no número e no entendimento, quão diversas foram na sua batalha, e quanto mais admiráveis na sua vitória. Lá o sexo era o mesmo, porque umas e outras eram mulheres; o número igual, porque umas e outras eram cinco; as armas e a força maior, porque umas eram sábias e outras néscias; porém, na batalha de Catarina com os filósofos, ela era uma, e eles cinqüenta; ela mulher, e eles homens; ela sábia, e eles sábios, que é muito mais forte e muito mais dificultosa oposição. E que uma mulher, ou menos que mulher, porque apenas chegara a dezoito anos, posta em campo contra tantos e tais homens, não só vencesse a um, nem a muitos,

senão a todos, e os sujeitasse a defender com a vida a mesma fé que impugnavam, estas, digo, que foram as circunstâncias da sua vitória, que a fazem sobre toda a imaginação gloriosa. Vamos agora discorrendo e ponderando cada uma por si, e veremos quão singular foi em cada uma e em todas a nossa sábia vencedora.

§III

Primeira diferença: o número. O desafio do gigante filisteu contra os exércitos de Saul. O desafio dos três Horácios romanos contra os três Coriácios albaneses. A mesma Onipotência divina divide para vencer. A vitória de Deus sobre os edificadores da Torre de Babel, e a vitória de Catarina sobre os cinquenta filósofos.

331. Começando pela primeira diferença, que é de número a número, e de uma a muitos, se a antigüidade, ainda fabulosa, assentou por axioma indubitável que nem Hércules contra dois, que desafio pode haver mais desigual, e que vitória mais gloriosa, que a de um, ou de uma, que ainda é menos, contra cinquenta? No desafio do gigante filisteu contra os exércitos de Saul, sempre admirei muito a forma do cartel com que os irritava ou provocava ao campo: *Eligite ex vobis virum, et descendat ad singulare certamen*: Escolhei de todo o vosso exército o homem que quizerdes — dizia o gigante — e saia comigo a certame singular, isto é, de corpo-a-corpo, de soldado a soldado, de homem a homem. — Assim continuou a blasonar o filisteu quarenta dias inteiros, e por mais que experimentava que não havia quem se atrevesse a aceitar o desafio, nunca mudou nem acrescentou o cartel. E isto é o que eu admiro. A estatura deste gigante como descreve o texto sagrado, era de seis côvados e um palmo: *Altitudinis sex cubitorum et palmi* (1 Rs. 17, 4). Pois, se era tamanho como três homens, por que não desafiava a sua arrogância, ou a três, ou quando menos a dois, senão a um só: *Ad singulare certamen*? Porque sabia, como soldado que era, que um homem contra mais que um homem, por mais gigante e por mais valente que seja, não tem partido. Ainda não está ponderado. Saem as danças a receber a Davi em triunfo depois da vitória, e o que cantavam era: *Percussit David decem milia* (1 Rs. 18,7): Davi, em matar o gigante, matou dez mil. — Pois um homem, que valia por dez mil homens, não se atreve a desafiar mais que a um homem? Não. A arrogância nos valentes sempre é maior que a valentia, e não há valentia nem soberba tão agigantada que se atreva a sair a campo mais que um com um.

332. Oh! que afrontada ficaria a arrogância de Golias, se neste dia ressuscitara, à vista do desafio e certame de Catarina! Uma em campo contra cinquenta, e não contra cinquenta homens, senão contra cinquenta gigantes, porque cada um era o maior e o corifeu da sua escola. Como os opositores eram cinquenta, pudera justamente Catarina dividir o desafio em cinquenta batalhas, e o certame em cinquenta disputas, sustentando a verdade que defendia singular e separadamente contra cada um; mas que tivesse confiança para se opor a todos juntamente, e valor para os impugnar e vencer a todos juntos? Esta foi a maior circunstância da maravilha. Naquele famoso desafio dos três Horácios romanos contra os três Coriácios albaneses, dois Coriácios mataram dois Horácios, e o terceiro Horácio, que ficou, matou aos três Coriácios. Mas como? Vendo-se só, lançou a fugir, e os outros após ele. Alcançou-o o que mais corria, e voltando-se contra este, matou-o, e continuou a fugir; alcançou-o o segundo, e também o matou; e depois que não ficava mais que o último, então pelejou só por só com ele, e com a sua morte acabou de vingar as dos dois irmãos, e ficou com a inteira vitória. Tito Lívio e os outros historiadores romanos celebram muito esta façanha, dizendo que o terceiro Horácio venceu aos três Coriácios, mas não dizem bem. Venceu por três vezes a cada um, mas não venceu a todos três. E evidente, porque ele venceu aqueles com quem pelejou, e nunca pelejou com todos três, nem com dois, senão com um só. Foram três vitórias de um, mas não foi uma vitória de três. E é tanto assim, que dos três fugiu, e também dos dois, porque nem com três, nem com dois se atreveu a pelear, senão só com um.

333. Muito antes deste caso tinha dito Salomão: *Funiculus triplex difficile rumpitur* (Ecl. 4,12): que o cordão de três fios dificultosamente se rompe. — E por isso o prudente e valoroso Horácio, aos mesmos três que juntos se não atreveu a desafiar, desfiou-os, e deste modo rompeu fio a fio o cordão, que não podia romper unido. Mas não assim Catarina. Não dividiu os seus combatentes, nem pelejou com eles um a um, mas com serem não dois, nem três, senão cinquenta, a todos cinquenta admitiu juntos, e a todos juntos venceu.

334. É tão sublime e tão mais que humano este modo de vencer, que até a mesma Onipotência, se não obra extraordinariamente, divide para vencer, ou vence dividindo. A maior guerra que a soberba humana intentou contra Deus foi a dos edificadores da Torre de Babel. Presumiam de chegar com ela ao céu: *Cujus cumen pertingat ad caelum*⁶. E chegou a dizer Deus que o haviam de conseguir, se se não acudisse com tempo à temeridade de seus intentos: *Caeperunt hoc facere, nec desistent a cogitationibus suis donec eas opere compleant*⁷. Enfim, acudiu o mesmo Deus em pessoa, e o modo com que desbaratou os intentos daqueles homens, que eram todos os que havia no mundo, foi dividindo-os. Juntos edificavam a torre contra o céu; divididos não houve mais quem continuasse a obra, e o mesmo edifício que começou em torre acabou em confusão, e por isso se chamou Babel.

335. Assim venceu Deus então, mas não venceu assim Catarina hoje, posto que uma e outra empresa fossem mui semelhantes. Os pensamentos com que se uniram os filósofos também eram, não de edificar uma torre que chegasse, mas de sustentar outra que já chegava ao céu, porque no céu, e em todos os céus punham as falsas divindades que defendiam. Em um céu a Júpiter, em outro céu a Saturno, em outro a Mercúrio, em outro a Vênus, em outro a Marte, em outro a Diana, em outro a Apolo. E que fez Catarina? Deus, aos edificadores da torre, confundiu-lhes as línguas: *Venite, confundamus linguam eorum*⁸. E Catarina, aos filósofos também lhes confundiu as línguas, mas por outro modo. Deus confundiu as línguas aos edificadores, mudando-lhas de modo que se não entendessem; e Catarina confundiu as línguas aos filósofos, atando-lhas de modo que não pudessem falar, nem tivessem que responder. Uns e outros ficaram confusos, e uns e outros vencidos, mas

Deus venceu aos seus opositores dividindo-os, e Catarina aos seus sem os dividir. Aludindo a este mesmo artifício de Deus, lhe dizia Davi em semelhante caso: *Praecipita, Domine, divide linguas eorum, quoniam vidi iniquitatem et contradictionem in civitate*⁹. Os meus inimigos, Senhor, unidos todos com Absalão, já se começam a dividir em Jerusalém, uns seguindo o conselho de Aquitofel, outros o de Cusai; o que agora vos peço é que os dividais de todo e a todos, como fizestes na Torre de Babel, porque os que não posso vencer juntos, eu os vencerei divididos. Oh! Davi! Oh! Catarina! Davi, imitando aquela vitória de Deus, quer-se tomar com os inimigos divididos para os vencer, e Catarina, sem imitação nem exemplo, não pede que venham os inimigos um por um, nem divididos, senão juntos, porque não quer vencer a cada um com muitas vitórias, senão a todos com uma.

A vitória das tentações. Vencer, convencer e converter. A batalha da serpente de Moisés com as dos egípcios, símbolo das batalhas e vitórias da sabedoria cristã contra todas as seitas dos gentios. A visão de S. Pedro. O que não fez a serpente milagrosa de Moisés fez Catarina sem milagre. Vitórias de Santo Agostinho, de S. Gregório Magno e de outros Padres da Igreja. Os exemplos dos Concílios.

336. A razão desta dificuldade e diferença em vencer os mesmos juntos ou divididos é porque, ainda que a multidão se compõe de unidades, as mesmas unidades, que divididas são fracas, ou menos fortes, unidas são fortíssimas. Daqui se entenderá aquele enigma teológico, que, com ser verdade definida, sempre se explica e declara com novidade, e nunca acaba de se entender. É certo que só com os auxílios ordinários ninguém pode vencer todas as tentações em matéria leve; e também é certo que só com os mesmos auxílios pode todo o homem vencer cada uma dessas mesmas tentações. Pois, se cada uma das tentações em singular é a que forma aquela coleção ou multidão de todas, e todas se compõem só de cada uma delas, sem se lhe acrescentar outra alguma, eu, que posso vencer a cada uma, por que não posso vencer a todas? Porque esse é o mistério e a força da multidão. Os mesmos contrários, que divididos se podem vencer sem grande dificuldade, todos, e juntamente tomados, ou é muito dificultoso, como nos outros casos, ou impossível, como neste. E notai, ou lembrai-vos — como sabeis — que não falam os Concílios de coleção simultânea, senão sucessiva, para que se veja quanto é sobre as hipóteses da admiração vencer Catarina, e convencer juntamente a todos os cinqüenta filósofos, quando fora vitória mais que admirável vencer e convencer sucessivamente a cada um, sendo tantos.

337. Disse vencer e convencer, e disse pouco, porque bem pudera Catarina vencer e convencer todos aqueles filósofos sem os reduzir nem converter, e este foi o ponto mais árduo da vitória, e por isso mais gloriosa. Não houve teatro mais semelhante ao de Alexandria, em que estamos, que o outro famosíssimo de Mênfis, em que o bárbaro Faraó fez o papel de Maximino. Estava Moisés só de uma parte, e da outra todos os magos do Egito, presente o rei e a corte, suspenso ele e toda ela na expectação do sucesso. Não refere o mesmo Moisés — que é o autor da história — quantos eram os magos, porque ele foi tão confiado e generoso, que não pôs limite ao número. E posto que São Paulo só nomeia a dois, Janes e Mambres (2 Tim. 3,8), tanto importava que fossem dois, como duzentos. E esta é outra grande circunstância e excelência do número que Catarina venceu, porque os cinqüenta não foram limitados por ela, senão escolhidos pelo imperador; donde se segue que tanto montou vencer a cinqüenta, como se foram cinco mil. Converteu, pois, Moisés a sua vara em serpente, e os magos também as suas em outras igualmente ferozes e grandes, e o fim da batalha foi que a serpente de Moisés comeu todas as outras: *Devoravit virgas eorum* (Êx. 7,12) Agora pergunto: e não bastara que a serpente de Moisés matara as serpentes dos Magos? Parece que não só bastava, senão que deste modo ficaria a superioridade mais conhecida, a vitória mais ostentosa, o teatro mais funesto e temeroso, e o mesmo Faraó mais confuso e compungido. Pois, por que razão as serpentes dos egípcios não foram somente mortas, senão comidas? Porque nesta batalha da serpente de Moisés com as dos egípcios eram significadas as batalhas e vitórias que a sabedoria cristã havia de alcançar de todas as seitas dos gentios, tão fantásticas, aparentes e falsas, como as serpentes dos magos; e nestas batalhas da fé e da religião é maior e mais dificultosa vitória ficarem os contrários comidos, que somente mortos. E por quê? Porque ficarem somente mortos é ficarem vencidos e convencidos, sem força, alento, nem voz para persistir no que defendiam; porém, ficarem comidos e incorporados em quem os comeu é ficarem não só vencidos e convencidos, senão também convertidos, assim como o que se come se converte na substância de quem o come. E mistério altíssimo declarado, não menos que pelo mesmo Deus a São Pedro, quando lhe mostrou todos os gentios em figuras de feras e serpentes, e lhe mandou que não só as matasse, senão que também as comesse, isto é, que as convertesse e incorporasse em si mesmo: *Occide, et manduca*¹⁰.

338. Tal foi a vitória de Catarina, que não só venceu e convenceu os filósofos e suas seitas, mas, vencidos e convencidos, os converteu a todos da falsa crença das mesmas seitas à verdade da Fé, que pretendiam impugnar, fazendo-os de membros do demônio, membros de Cristo, e incorporando-os em si mesma, bem assim como a serpente de Moisés às serpentes dos Magos. A serpente de Moisés era uma, e Catarina uma; as serpentes dos Magos muitas, e os filósofos muitos; aquelas não só vencidas, mas comidas, estes não só vencidos, mas convertidos; aquelas todas, e estes todos, sem haver um só que persistisse no seu erro. Só houve de caso a caso, e de vitória a vitória esta notável diferença: que a serpente de Moisés comeu as serpentes dos Magos uma a uma, e cada uma por si, assim como eles as formaram: *Projecerunt singuli virgas suas, quae versae sunt in dracones*¹¹. Porém, Catarina não venceu e converteu os filósofos um por um, e cada um por si, em disputa ou batalha particular, senão a todos juntamente, e de uma vez. Da serpente de Moisés, diz a propriedade do texto, que devorou e engoliu as serpentes dos Magos, para mostrar que nenhuma teve força para resistir, assim como o que não tem dureza ou resistência se engole facilmente. Mas se esta serpente engolira as outras não cada uma por si, senão todas juntas e de um bocado, não seria muito maior prodígio? Claro está. Pois isto que não fez a serpente milagrosa de Moisés, fez Catarina sem milagre, convencendo e convertendo a tantos e tão assinalados filósofos, não a cada um particularmente em muitas disputas, senão a todos em uma só, maravilha singular e sem exemplo.

339. Quatro vezes, em diversos tempos, entrou em disputa pública, à vista de toda África, Santo Agostinho. Mas com quantos contendeu? A primeira vez com Fortunato, maniqueu, a segunda com Félix, também maniqueu, a terceira com

Fortúnio, donatista, a quarta com Emérito, também donatista. Que saísse sempre vencedor Agostinho, não é necessário que se diga; mas o que fez mais gloriosas estas vitórias, foi que os mesmos vencidos as confessaram e se reduziram à Fé que negavam. E se é tanta glória do maior atleta da Igreja, que de pessoa a pessoa, e de doutor a doutor vencesse em quatro disputas a quatro homens insígnies nas suas seitas, que glória incomparável será a de Catarina vencer e convencer em uma só disputa a cinquenta muito mais famosos nas suas? De São Gregório Magno sabemos que em disputa singular venceu também e reduziu a Eutíquio. Mas quão raras e contadas têm sido em todos os séculos da Igreja semelhantes vitórias, sendo tão freqüentes os exemplos contrários? Em presença do Papa Zeferino convenceu Caio a Proco, montanista, mas não se reduziu Proco. No Concílio Antioqueno convenceu Melchior a Paulo Samosateno, mas não se reduziu Paulo. Diante de muitos juizes de todas as faculdades convenceu Arquelau a Manete, maniqueu, mas não se reduziu Manete. Em congresso de muitos bispos, em que se achou também o mesmo rei de França, convenceu São Bernardo a Pedro Abelardo, mas não se reduziu Pedro. Assim convenceu São Cirilo Alexandrino a Nestório, Máximo Abade a Pirro, São Cesário a Juliano, São Jerônimo a Helvídio, S. Joviniano a Vigilância, e nenhum deles reconheceu a vitória da verdade, antes, afrontados de se verem convencidos, se obstinaram mais.

340. Mas, para que é referir exemplos de homem a homem, se aos mesmos Concílios inteiros sucedeu outro tanto? Ponde-vos com a memória em Jerusalém, em Nicéia, em Constantinopla, em Roma, em Cartago, em Trento: que é o que vedes? Em Trento, vereis que contra a majestade e autoridade ecumênica, e contra a sabedoria universal de toda a Igreja Católica, se atreve a resistir um Lutero, e não se rende ao Concílio Tridentino. Em Cartago, que um Celéstio, assim mesmo convencido, resiste ao Concílio Cartaginense. Em Roma, que um macedônio se não sujeita ao Concílio Romano. Em Nicéia, que um Ário contradiz o Concílio Niceno. Em Constantinopla, que um Dióscoro se opõe ao Concílio Constantinopolitano. Em Jerusalém, finalmente, que ao Concílio Jerosolimitano, em que presidiu São Pedro e assistiram os apóstolos, um Cerinto contraria e impugna suas definições, e levanta a primeira seita contra sua doutrina. Tal é a rebeldia e obstinação do entendimento humano, quando se deixa inchar da presunção e cegar da soberba. Agora voltemos com o mesmo pensamento a Alexandria, e ponhamos juntamente os olhos naqueles grandes teatros da cristandade e neste. Naqueles, tantos e tão eminentes homens, ainda que convencem claramente, não bastam a reduzir um homem batizado e cristão; e neste, uma só Catarina convence, rende e sujeita a Cristo tantos e tão eminentes homens, idólatras e gentios. Ali, tantos não prevalecem contra um; aqui, uma prevalece contra tantos. O conceito que da combinação deste paralelo resulta, forme-o cada um, se acaso o compreende, que eu não tenho palavras com que o rastrear, quanto mais encarecer.

§V

Segunda dijerença: o sexo. Santa Catarina contraria a proibição de São Paulo às mulheres acerca do ensino. Débora, a nova guerra inventada por Deus para vencer os cananeus. A vitória de Catarina e a prudente sabedoria da Samaritana.

341. Se na consideração do número venceu Santa Catarina as Virgens sábias do Evangelho, reduzindo ela só a cinquenta, quando elas, sendo cinco, não puderam nem souberam reduzir a uma, não foi menos ilustre a sua vitória na consideração do sexo. As virgens, sendo mulheres, não ensinaram a uma mulher; Catarina, sendo mulher, ensinou a cinquenta homens. O apóstolo São Paulo fiou tão pouco do gênero feminino, que a todas as mulheres proibiu o ensinar: *Docere autem mulieri non permitto*¹². E que razão teve São Paulo para um preceito tão universal e tão odioso a metade do gênero humano, e na parte mais sensível dele? A razão que teve foi a maior de todas as razões, que é a experiência: *Adam non est seductus, mulier autem seducta in praevaricatione fuit* (1 Tim. 2,14): Em Adão e Eva — diz o Apóstolo — se viu a diferença que há entre o entendimento do homem e o da mulher — porque Eva foi enganada, Adão não. — Ensine logo Adão, ensine o homem; Eva e a mulher, não ensine. O que só lhe convém, e o que lhe mando, é que aprenda e cale: *Mulier in silentio discat*¹³. Segundo este preceito, que mais parece natural que positivo, pois o Apóstolo o deduz desde Adão e Eva, Catarina havia de aprender e calar, como mulher, e os filósofos ensinar, como homens, como filósofos, como graduados nas suas ciências, e como os primeiros e mais insígnies mestres delas. Mas que Catarina fale e os filósofos ouçam, que Catarina ensine e os filósofos aprendam, que Catarina não só dispute, mas defina, não só argumente, mas conclua, não só impugne, mas vença, e tantos homens, e tais se reconheçam e confessem vencidos, foi vitória que de sexo a sexo só teve um exemplo, e de entendimento a entendimento nenhum.

342. Quis Deus humilhar a potência de Jabim, rei dos cananeus, os quais tinham mui abatido e humilhado o povo de Israel: *Humiliavit Deus in die illo Jabim, regem Chanaam, coram filiis Israel*¹⁴. E diz o mesmo texto que para esta grande empresa escolheu ou inventou Deus uma guerra nova: *Nova bella elegit Dominus* (Jz. 5,8). Em guerra nova, e inventada por Deus, parece que havia de ser nova e nunca vista a ordem dos esquadrões, novas e nunca vistas as armas, novas as máquinas, novos os estratagemas, mas nada disto houve. Pois, em que consistiu esta novidade tão celebrada? Consistiu em que da parte dos cananeus foram vencidos muitos homens, e da parte dos israelitas foi a vencedora uma mulher. Assim o disse Débora a Barac, que era o general do exército israelítico: *In hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manu mulieris tradetur Sisara* (Jz. 4,9): Esta vez, não há de ser a vitória vossa, porque Sisara, general dos cananeus, e todo seu exército há de ser

vencido por uma mulher. — Notai a palavra: *In hac vice*: esta vez, porque vencer uma mulher, e serem vencidos os homens, não é coisa que suceda muitas vezes, senão uma vez em todos os séculos: uma vez nas batalhas das armas, como em Débora, e outra vez nas das letras, como em Catarina. E se foi tão gloriosa e decantada a vitória de Débora só por ser de mulher contra homens, posto que levasse consigo quarenta mil, quanto mais admirável e admirada deve ser a de Catarina, não acompanhada de outros, senão ela só, nem em guerra de espada a espada, senão de entendimento a entendimento.

343. Mulher era de alto entendimento, posto que de baixa fortuna, a Samaritana, como mostrou no discurso que teve com Cristo; e com a ciência que bebeu no poço de Sicar, ficou tão profundamente sábia, como a que mereceu ouvir da boca do mesmo Senhor aquele altíssimo segredo, ainda não revelado ao mundo, de que ele era o Messias: *Ego sum, qui loquor tecum*¹⁵. Com esta enchente de sabedoria e luz sobrenatural, em lugar da água que viera buscar, se voltou logo a Samaritana para a sua cidade, a levar a fé e notícia de Cristo. Mas de que modo? E caso em que todos os santos e expositores fazem grande reparo. O que somente disse foi que ela, no poço de Sicar, encontrara um homem, o qual lhe dissera tudo quanto tinha feito em sua vida: que fossem eles ver se porventura seria o Messias: *Venite et videte hominem qui dixit mihi omnia quaecumque feci: Nunquid ipse est Christus* (Jo. 4, 29)? Pois, se a Samaritana sabia de certo que Cristo era o Messias, por que o não prega declaradamente, por que o põe ou propõe somente em dúvida, e diz aos seus cidadãos que vão eles ver se porventura é aquele: *Nunquid ipse est Christus?* Quando Santo André, pela doutrina de seu mestre, S. João Batista, soube que Cristo era o Messias, logo foi dizer declaradamente a seu irmão, São Pedro, que tinham achado o Messias: *Invenimus Messiam, quod est interpretatum Christus*¹⁶. E São Filipe, quando teve a mesma notícia, também deu a nova declaradamente a Natanael: *Quem scripsit Moyses in lege, et prophetae, invenimus Jesum*¹⁷. Pois, por que não falou com a mesma clareza a Samaritana, e somente pôs em dúvida e questão o que sabia de certo?

344. Santo Agostinho, São Crisóstomo e todos os Padres dizem que obrou a Samaritana prudentíssimamente, não fiando que os da sua cidade lhe dessem crédito em matéria tão grave. Mas quem declarou a razão desta mesma desconfiança com admirável energia foi o mesmo evangelista São João, referindo o caso. Notai as palavras: *Reliquit ergo hydriam suam mulier et abiit in civitatem, et dixit illis hominibus*¹⁸. Foi a mulher à cidade, e disse àqueles homens; e como aqueles a quem havia de converter eram homens, e ela mulher, não teve a samaritana confiança para crer, nem ânimo para esperar que eles se persuadissem só pelo que ela lhes dissesse. Por isso tocou somente o ponto, e excitou a questão: *Nunquid ipse est Christus?* Por isso lhes disse, que fossem eles e vissem? *Venite, et videte*. Como se discorrera assim consigo: se a matéria é tão grave, e eles são homens, e eu mulher, como me hão de crer a mim? Vão eles e vejam o que eu vi, vão e ouçam o que eu ouvi, e eles se persuadirão a si, que não eu a eles. Tal foi o .prudente temor da Samaritana, desconfiando totalmente de poder converter a homens, sendo ela mulher, posto que tão alumiada por Cristo. Para que se veja que quando Catarina não convencera nem convertera os filósofos, só a confiança com que se ofereceu a sair em campo com eles, era, de mulher para homens, uma grande vitória. Convenceu-os, porém, e converteu-os tanto sobre o crédito de todas as mulheres, e tanto sobre o conceito de todos os homens, como agora veremos.

§VI

Que conceito fizeram os apóstolos do testemunho das Marias anunciando a Ressurreição? Por que a mesma verdade na boca de Pedro há de ser verdade, e na boca das Marias delírio? O que não persuadiram as Marias, e o que persuadiu Catarina; quais eram os homens a quem elas não persuadiram, e quais aqueles a quem Catarina persuadiu. O ensino da mais própria virtude de Cristo: a humildade. Soberba de Abimelec, mortalmente ferido por uma mulher

345. Apareceram os anjos às Marias na manhã da Ressurreição, e apareceu-lhes o mesmo Senhor ressuscitado, o qual lhes mandou — como já lhes tinham mandado os anjos — que levassem a alegre nova aos apóstolos. Foram, disseram todas o que viram, e o que os anjos e o Senhor dos anjos lhes tinham dito; e que conceito fizeram os apóstolos assim da embaixada como do testemunho das Marias: *Visa sunt ante illos sicut deliramentum verba isto, et non crediderunt illis*¹⁹. O conceito que fizeram de tudo foi dizerem que eram delírios, e nenhum crédito lhes deram. Por certo que não sei quais eram neste caso os delirantes. Para serem dignas de crédito estas testemunhas, cada uma por si, e muito mais todas juntas, bastava serem escolhidas pelos anjos e pelo mesmo Cristo para tal embaixada. A qualidade e juízo de Maria Madalena era bem conhecida e respeitada; as outras duas Marias eram parentas muito chegadas do Senhor; e Maria Salomé, mãe de dois apóstolos, e Maria Jacó de três. Pois, se por tantos respeitos eram dignas de todo crédito, e todas afirmavam o mesmo como testemunhas oculares, por que razão não só se lhes nega o crédito, mas é censurado de delírios tudo o que dizem? Mais. No mesmo dia disse São Pedro que Cristo lhe aparecera, e todos creram logo que era verdadeiramente ressuscitado: *Surrexit Dominus vere, et apparuit Simoni*²⁰. Pois a Pedro, que pouco há negou três vezes a seu Mestre, se dá tanto crédito, e às três Marias, que o assistiram na cruz e o foram buscar ao sepulcro, nenhum? Se Pedro é discípulo, elas também são discípulas; se Pedro é santo, elas também são santas; se Pedro é verdadeiro, elas também são verdadeiras; se a Pedro apareceu Cristo, a elas também apareceu, e mais os anjos, que São Pedro não viu; sobretudo, Pedro é um, e elas três; e que a mesma verdade na boca de São Pedro haja de ser verdade, e na boca das Marias delírio? Sim, que Pedro é homem, e as Marias mulheres, e não há nem houve outra razão.

346. Ouvi aos discípulos, que desesperados iam para Emaús: *Nos autem sperabamus, et super haec omnia tertia dies est hodie; sed et mulieres quaedam ex nostris terruerunt nos, dicentes se visionem angelorum vidisse, qui dicunt eum vivere* (Lc. 24,21 ss): Nós esperávamos; mas sobre tudo o que temos dito, hoje é já o terceiro dia, e além disso umas mulheres das nossas disseram que viram anjos, e que ele é vivo e ressuscitado. Pois este mesmo testemunho de ser o Senhor vivo e ressuscitado no mesmo terceiro dia não era grande motivo, antes de crerem, que de desesperarem? Sim, era, se não fora testemunho de mulheres. Mas como era testemunho de mulheres, posto que mulheres da mesma escola: *Mulieres quaedam ex nostris*²¹, tão longe estiveram de os confirmar na fé, que antes lhes tiraram a esperança: *Nos autem sperabamus, sed et mulieres quaedam terruerunt nos*²².

347. Vamos agora ao nosso caso, e vejamos o que não persuadiram as Marias e o que persuadiu Catarina, e quais eram os homens a quem elas não persuadiram, e quais aqueles a quem Catarina persuadiu. Os homens a quem não persuadiram as Marias eram os apóstolos; os que persuadiu Catarina eram os filósofos. Os apóstolos eram cristãos, os filósofos gentios. Os apóstolos eram discípulos de Cristo, e todos da mesma escola; os filósofos, uns eram discípulos de Pitágoras, outros de Sócrates, outros de Platão, outros de Aristóteles, outros de Demócrito, outros de Epicuro, e as escolas e seitas que seguiam, tão diversas e ainda contrárias, como a dos pitagóricos, a dos cínicos, a dos peripatéticos, a dos estóicos, a dos acadêmicos, e as demais. Sobre tudo os apóstolos amavam a Cristo e desejavam a mesma ressurreição que não criam, e esta, que os teólogos chamam *pia affectio*, é a melhor disposição para crer; pelo contrário, os filósofos eram inimigos do mesmo Cristo e sua lei, e esta mesma malevolência era a disposição mais repugnante que podiam ter para a fé, porque *in malevolam animam non introibit sapientia*²³. E sendo uns e outros tão dispostos, os apóstolos para crer, e os filósofos para não crer, as Marias, por serem mulheres, não persuadiram aos apóstolos um só mistério da fé, qual era o da Ressurreição, e Catarina, com ser mulher, persuadiu aos filósofos todos os mistérios da mesma fé, se todos contrários às suas disposições.

348. Os filósofos, uns criam em muitos deuses, outros negavam totalmente a divindade, e Catarina persuadiu a todos que havia Deus, e que este era um em essência, e trino em pessoas, e que, sendo cada uma Deus, não eram três deuses, senão um só Deus. Os filósofos criam que o mundo fora *ab aeterno*, e uns diziam que o criara Deus necessária, e não livremente, outros que era increado, e tinha o ser de si, ou que ele se criara e se fizera a si mesmo; e Catarina persuadiu-lhes que o mundo tivera princípio, e havia de ter fim, e que Deus o criara voluntariamente em tempo, e não composto de átomos, como outros diziam, senão criado de nada. Os filósofos ensinavam que todas as coisas sucediam a caso, que umas não podiam deixar de ser, porque assim o tinham decretado os fados, e outras eram mudáveis e contingentes, sem outra dependência que o arbítrio da fortuna; e Catarina persuadiu-lhes que não havia fortuna nem fados, nem as coisas sucediam a caso, senão todas governadas com suma sabedoria, e que a Providência divina era a ordem e governo delas. Os filósofos nunca souberam que houvesse pecado original nem remédio dele; e Catarina persuadiu-lhes que no primeiro homem pecaram todos os homens antes de serem, e que para remédio deste e dos outros pecados o Verbo, segunda Pessoa da Trindade, sem deixar de ser Deus, se fizera homem. Os filósofos não conheceram que uma natureza se pudesse supositar na subsistência de outra; e Catarina persuadiu-lhes que no composto inefável de Cristo subsistiam no mesmo suposto duas naturezas realmente distintas, e que, sendo o mesmo Cristo juntamente Deus e homem, juntamente era infinito e finito, juntamente imenso e limitado, juntamente impassível e passível, juntamente imortal e mortal.

349. Os filósofos uns negavam a imortalidade da alma, outros a duvidavam; e Catarina persuadiu-lhes que não só a alma era imortal, senão que também os corpos o haviam de ser depois de ressuscitados, e que então os havia de julgar Cristo, mandando os maus para o inferno, e levando os bons para o céu, a ver e gozar de Deus para sempre, e que nesta vista clara de Deus consistia a bem-aventurança do homem, sobre a qual os mesmos filósofos tinham tantas e tão diversas opiniões. Finalmente, os filósofos abominavam sobretudo e tinham por coisa indigna de homens com juízo, adorar por Deus a um crucificado: *Gentibus autem stultitiam*²⁴; e Catarina lhes persuadiu que não só haviam de adorar o crucificado, senão também a cruz, ainda que fosse ou tivesse sido o instrumento do mais infame suplício, e não só a mesma cruz, senão qualquer imagem dela. E que todos estes mistérios da fé, sendo tão superiores à razão humana, que muitos parecem contrários a ela, os persuadissem uma mulher a cinquenta filósofos gentios, quando três santas, e de tanta autoridade, só por serem mulheres, não puderam persuadir um só mistério da Ressurreição a onze discípulos de Cristo, vede se foi estupenda vitória.

350. Mas a maior circunstância dela, a meu sentir, ainda não foi esta. E qual foi? Foi que não só persuadiu Catarina aos filósofos toda a fé de Cristo, senão a virtude mais própria de Cristo, e nunca conhecida da filosofia, e a mais dificultosa de aprender, que é a humildade. Porque, tendo entrado naquele grande teatro tão soberbos e vãos com as suas ciências, nenhum duvidou de se sujeitar a render à sabedoria e doutrina de uma mulher, sem repararem nem fazerem caso de que todos os circunstantes vissem e todo o mundo soubesse que uma mulher os vencera. Tendo Abimelec entrado à força de armas os muros de Tebes, e não lhe restando por render mais que a última torre, a cujas portas estava pondo fogo, uma mulher lançou de cima sobre ele uma grande pedra, de que caiu mortalmente ferido na cabeça, mas ainda teve acordo para dizer ao seu pajem da lança estas palavras: *Evagina gladium tuum, et percute me, ne forte dicatur quod a foemina interfectus sim* (Jz. 9, 54): Tira depressa pela espada, e mata-me, por que se não diga no mundo que me matou uma mulher. — Tão injuriosa coisa é aos homens, principalmente grandes e famosos, qual era Abimelec, poder-se dizer que uma mulher os venceu, que antes se deixarão e mandarão matar, que sofrer tal injúria. Porém os cinquenta filósofos ensinados por Catarina, de tal maneira tinham desprezado o mundo e todos os seus ditos, que não só não tiveram por afronta confessar que uma mulher os vencera,

mas, em testemunho de ela os ter vencido, e da fé que lhes tinha ensinado, não duvidaram em se deixar matar e queimar vivos, como todos foram mortos e queimados por esta causa. Pudera-se dizer que nesta ação eles se mostraram mais que homens, como Catarina mais que mulher, mas baste que ela fique mulher, e eles homens, para que não excedamos o nosso assunto.

§VII

Terceira diferença: a sabedoria. A mais celebrada disputa de que há memória nas divinas letras: a de Jó com os três filósofos. O aparato da conversão de Saulo. São Paulo e a conversão de Dionísio Areopagita. O Deus desconhecido pregado aos sábios de Atenas.

351. Ponderada a vitória de Catarina pelas duas considerações de número a número e de sexo a sexo, se foi maravilhosamente insigne, e por ser de uma a cinqüenta, e de mulher a homens, a terceira e última consideração, e que mais a qualifica de admirável, é ser de sábia a sábios. Que as cinco virgens sábias do Evangelho não reduzissem uma néscia, costume é dos néscios serem incorrigíveis; mas que uma sábia reduzisse a tantos sábios, esta digo que foi a mais prodigiosa circunstância daquela vitória, e o troféu mais ilustre da nossa sábia vencedora.

352. Aquele prolóquio vulgar dos filósofos, que um semelhante não tem atividade contra outro semelhante: *Simile non agit in simile*, em nenhuma gente se verifica mais que de sábio a sábio. Como pelejam com armas iguais, podem-se resistir, mas não se podem vencer. A mais celebrada disputa de que há memória nas divinas letras, e como tal a primeira e mais antiga coisa que se escreveu no mundo, foi a de Jó com aqueles três filósofos que o vieram visitar em seus trabalhos (Jó 2, 11). Aconteceu-lhes o que acontece ordinariamente entre letrados, que começa a visita em conversação, e acaba em questão e disputa. Disse, pois, Jó o que lhe ditava a sua dor, e quando esta lastimosa proposta pedia mais consolações que argumentos, argumentou contra ela, em primeiro lugar, Elifaz, em segundo Beldad, em terceiro Sofar, e, posto que Jó respondeu copiosa e eficazmente assim aos argumentos como as instâncias, que uma e outra vez replicaram sobre as suas respostas. Eliú, que ouvia de fora, tomou a mão sobre todos, e o argüiu de novo tão furiosamente, que, se o mesmo Deus não interpusera sua autoridade, favorecendo a parte de Jó, não se sabe em que viria a parar a disputa. Pois, se Jó tinha tanta ciência, assim adquirida como infusa, se natural e sobrenaturalmente era tão sábio, se falou tanto e tão altamente, e com aquela força de eloquência que a mesma dor ensina ainda aos que não sabem falar, sobretudo, se tinha de sua parte a razão, e respondeu a todas as contrárias, como não rendeu nem convenceu estes amigos, antes os irritou mais? Porque todos eram filósofos, todos sábios, todos doutos, e não há mais dificultosa vitória que de sábio a sábios. É verdade que a razão estava da parte de Jó, como definiu o mesmo Deus, mas eles, como eram filósofos e doutos, ainda que lhes faltasse a razão, ou sofísticas ou verdadeiras, para tudo tiveram razões. Lede com atenção o que disseram, para que, depois de admirados da profundidade de suas filosofias, vos admireis mais de que Santa Catarina convencesse a tantos filósofos.

353. O que a mim me admira e pasma, sobretudo, é que toda esta vitória fosse unicamente da sabedoria e eloquência da nossa santa, sem se valer de prodígios nem milagres, como em semelhantes conflitos fizeram outros santos, e o mesmo Santo dos Santos. Ponde-vos à vista da cidade de Damasco, vereis toldar-se o céu, bramir os ventos, escurecer-se e acender-se as nuvens, tudo relâmpagos, tudo trovões, tudo raios (At. 9,3)! Que é isto? É que desce Cristo do céu a reduzir e converter a Saulo. Pois, tanto empenho, tanto aparato, tanto estrondo, tanta máquina, para reduzir a um homem? Não sois vós, Senhor, aquele mesmo que com um *venite post me*, reduzistes a Pedro e André, a João e Diogo? Com um *sequere me* a Mateus? E com um *descende*²⁵ a Zaqueu? Pois para reduzir também a Saulo, não bastam poucas ou muitas palavras, senão acompanhadas de tamanhos prodígios? Sim, diz a mesma Sabedoria descida do céu. Não sabeis que Saulo é um homem douto, graduado na escola de Gamaliel, e o mais vivo engenho de toda ela? Pois esta é a dificuldade e diferença que há entre sábios e letrados aos que o não são, para se reduzirem e converterem. Por isso se vêem tantas letras e tão poucas conversões. Levantam-se os indoutos e idiotas com o reino do céu, e nós, com as nossas letras, estamos-nos indo ao inferno, dizia Agostinho a Alípio, e Alípio a Agostinho, e com esta consideração aquele grande par de doutores se fizeram igualmente santos. Mas já que estamos com São Paulo à vista, entremos com ele na Coimbra da Grécia, e vejamos os progressos que faz a sua eloquência e espírito naquelas escolas.

354. Entrou São Paulo na cidade e Universidade de Atenas, mãe até aquele tempo de todas as ciências do mundo; encontrou-se ali — diz o texto (At. 17,16 s) — com vários filósofos, particularmente estóicos e epicureus, com os quais disputou, e estes o levaram ao Areópago, que era o tribunal supremo da justiça e da ciência, por que desse conta da nova doutrina que pregava. Era Paulo aquele famosíssimo orador, que de três coisas que desejava ver Santo Agostinho, a primeira era a humanidade de Cristo, e a segunda a Paulo pregando. Pregou pois em presença dos areopagitas com maior peso de sentenças, com maior eficácia e energia de eloquência do que nunca foi ouvido em Atenas Demóstenes. E quantos converteu daqueles sábios? Caso maravilhoso! Um só, Dionísio Areopagita, nos diz São Lucas que convertesse; mas eu vos digo que, sendo esta conversão e vitória de um só, não foi toda de São Paulo. Lembrou-se Dionísio que, peregrinando no Egito com Apolofanes, vinte anos pontualmente antes, em vinte e cinco de março, tinha visto na cidade de Heliópolis aquele estupendo eclipse que o obrigou a exclaimar, como ele mesmo escreve: *Aut Deus naturae patitur, aut mundi machina dissolvetur*²⁶. E

combinado o que tinha visto com o que ouvia a Paulo, inferindo de uma verdade a outra, deu crédito a tudo o mais que pregava. De sorte que, bem considerava esta conversão do Areopagita, não foi Paulo propriamente o que o converteu a ele, senão ele, pelo seu discurso, o que se converteu a si mesmo. E se contudo, a quisermos atribuir às coisas ou instrumentos que para ela concorreram, só a metade da vitória foi de Paulo, e a outra metade do sol. O sol foi, como pedra de Davi, o que deu o primeiro golpe naquela cabeça, e a espada de Paulo a que consumou a vitória. E se do apóstolo das gentes, se do vaso de eleição, escolhido nomeadamente por Deus para doutor e mestre da gentildade. apenas se pode afirmar com inteiro elogio que de todos os filósofos de Atenas converteu um, quem poderá dignamente compreender, ó Catarina, a imensidade de louvor devido a vossos triunfos, pois de cinqüenta filósofos escolhidos, não só na mesma Atenas, senão em toda a Grécia, Egito e Palestina, nenhum houve que resistisse à vossa sabedoria e eloquência: a todos inteiramente vencestes e convencestes. Mas ainda não está adequado o paralelo.

355. O modo com que São Paulo quis introduzir em Atenas a fé do verdadeiro Deus, foi dizendo que ele achara naquela cidade um altar, o qual tinha por título *Ignoto Deo*, e que este mesmo Deus, o qual Atenas já adorava, mas não conhecia, era o que ele pregava. A razão deste raro e prudentíssimo invento foi porque não esperava São Paulo poder persuadir aos atenienses que recebessem outro Deus, constando que Sócrates, na mesma cidade, fora condenado à morte com duzentos e oitenta e um votos do senado, só por querer introduzir deuses novos. Acomodando-se, pois, o apóstolo à capacidade, ou incapacidade dos homens por uma parte tão supersticiosos da religião e por outra tão presumidos da sabedoria, absteve-se de nomear nova divindade, ou nova adoração, e só lhes propôs e pregou um novo conhecimento da que já adoravam: *Quod ergo ignorantes colitis, hoc ego annuntio vobis*²⁷. Como se dissera: não vos prego que não adoreis o que adorais, mas só que conheçais o que não conheceis. Aquele a quem levantastes altar, vós mesmo credes que é Deus, e vós mesmos confessais que o não conheceis: *Ignoto Deo*. Pois este Deus, que vós já reconheceis por Deus, é o que eu vos prego, e deste, que vós confessais por não conhecido, é que eu vos anuncio o conhecimento. — Tão cortês, e tão suavemente, e com tanto decoro e reverência da sabedoria ateniense lhes quis introduzir São Paulo a fé do verdadeiro Deus, mas não pôde. Lá vai São Paulo navegando para Corinto (At. 18,1), sem outro despojo de Atenas mais que um filósofo. Porém, Catarina, sem mover pé do teatro imperial, tanto maior e mais ilustre que o Areópago, ali exprobra livremente aos filósofos a falsidade de seus deuses, ali declara por idolatria as suas adorações e altares, ali os obriga e convence, não só a crer com o entendimento a verdadeira divindade de um só Deus, e todos os outros mistérios da fé cristã, mas a confessá-los a vozes diante de todos.

§VIII

Nicodemos e o reconhecimento público da doutrina de Cristo. A disputa de Estêvão com as escolas de Cilícia e de Ásia. A transformação do boi na visão de Ezequiel e o trato com os homens sábios.

356. Não sei se ponderais e sondais bem o fundo desta última cláusula. Conhecer um sábio a sua ignorância ou o seu erro é muito fácil: não fora sábio, se o não conhecera. Porém, chegar a o confessar, e confessá-lo publicamente, é o ponto mais árduo e dificultoso a que se pode reduzir o brio humano, e tanto mais quanto maior for o nome, a opinião e o grau que tiver de doto. Ponderou Nicodemos a doutrina de Cristo, juntamente com a grandeza de seus milagres, e veio a conhecer que só ela era a verdadeira, e toda a outra falsa: *Scimus quia a Deo venisti, magister: nemo enim potest haec signa facere, quae tu facis*²⁸. Delibera-se a ir buscar o divino Mestre e lançar-se a seus pés, para que o ensine, mas como? *Erat homo ex pharisaeis, Nicodemus nomine: hic venit ad Jesum nocte*²⁹.

Despiu a toga, ou a beca, e disfarçado e desconhecido foi buscar ao Senhor de noite. Vede como o argúi São João Crisóstomo: *Scimus, inquit, quia a Deo venisti, magister Quid ergo noctu venis, et clanculum ad eum, qui divina docet qui a Deo venit? Quid non aperte profiteris*³⁰? Se conheceis que Cristo é mestre vindo do céu, se conheceis que a sua doutrina é divina, e o vindes buscar para que vos ensine, por que vindes de noite e às escondidas, por que não confessais isso mesmo clara e publicamente? — Porque Nicodemos era um mestre de grandíssima reputação em Israel. Assim o declara o texto grego: *Tu es magister ille in Israel*³¹. E posto que ele já reconhecia os seus erros, isso era em segredo, e das portas do seu entendimento para dentro; porém, que esses mesmos erros e ignorâncias, de que já estava convencido, os houvesse de confessar publicamente, de nenhum modo fez, ou se atreveu a fazer tal coisa Nicodemos, porque lho não consentia a reputação e o crédito, e por isso vinha de noite. De noite reconhecia que era morcego, de dia queria ostentar-se águia.

357, Oh! se os livros falaram, quantas ignorâncias haviam de dizer, que consultam com eles de noite, os que de dia se publicam grandes letrados? Mas não é só a capa da noite a que dissimula estes defeitos. Quantas vezes reconhece o quinau na consciência o mesmo que na cadeira o defende a vozes? Pouco sabe quem não conhece a força do argumento e a fraqueza da solução. Uma coisa é responder, outra falar no cabo. Mas sendo mui freqüentes as contrições destes pecados lá no secreto da consciência, chegar com eles à pública confissão quem tem opinião de sábio, é milagre só da graça de Santa Catarina. Todos aqueles cinqüenta filósofos eram os primeiros mestres nas suas universidades, como vimos; e que cada um reconhecesse a força das demonstrações com que os impugnava Catarina, e dentro de si mesmo se descesse das opiniões que tinha estudado e ditado, muito foi, mas não foi tanto; porém que todos, em um ato tão público, não duvidassem de confessar estes mesmos erros, e detestar as suas seitas, e não sustentar a toda a força, e sem ela, os dogmas das suas escolas, aqui pasma a

admiração, e perde o nome o encarcimento.

358. Pus no último lugar o não sustentar os dogmas das suas escolas, porque este é o último castelo em que o erro dos sábios, ainda depois de convencido, se sustenta e defende obstinadamente, sem se render à mais conhecida verdade. Grandes exemplos viu a nossa idade destas batalhas do entendimento, e se perguntardes a uns e outros combatentes a causa, não é outra que o amor natural ou parcial bebido com o leite da primeira doutrina, e a honra e reputação da própria escola. Mas vamos à primitiva Igreja. Contra a publicação da lei da graça, que Santo Estêvão pregava, diz a história dos Atos Apostólicos que entre outras escolas de Cilícia e de Ásia se levantaram nomeadamente a dos libertinos, a dos alexandrinos e a dos cirenenses, os quais disputavam com Estêvão, porém que não podiam resistir à força do espírito e sabedoria que nele falava: *Surrexerunt quidam de Synagoga libertinorum et syrenensium et alexandrinorum disputantes cum Stephano, et non poterant resistere sapientiae et Spiritui qui loquebatur*³². Suposto, pois, que não podiam resistir, segue-se que se renderam? Nada menos. Antes se viu aqui praticada uma que parece implicação porque, faltando de uma parte a resistência, da outra não resultou a vitória. Eles não podiam resistir, e Estêvão não os podia vencer. Pois, homens sábios, ou presumidos de sábios, se disputastes, se argüístes, se respondestes, se tendes dito uma e outra vez quanto sabíeis, e vedes que não podeis resistir, por que vos não rendeis, por que vos não confessais vencidos? Porque libertinos, alexandrinos e cirenenses, todos pugnavam pelas suas escolas, e quem pugna pela própria escola, poderá não poder resistir, mas chegar a se confessar vencido, não pode ser. Faltar-lhes-ão as razões, faltar-lhes-ão os argumentos, ver-se-ão atalhados e mudos, e quando não tiverem outro gênero de defesa, arremeterão às pedras, e assim foi. Em lugar de Estêvão sair vencedor da disputa, saiu apedrejado, e eles tão obstinados e duros como as pedras, mas não convencidos. Alexandrinos podemos dizer que eram todos os cinqüenta filósofos que hoje se acharam no teatro de Alexandria, mas todos de tão diferentes seitas e escolas, como as que já nomeei. O espírito e sabedoria que falava em Catarina, reduziu-os a termos que não podiam resistir: *Non poterant resistere sapientiae et Spiritui, qui loquebatur* Mas a vitória maior e o ponto mais subido dela, foi que se confessassem vencidos e convencidos, não só contra o crédito das próprias opiniões de cada um, mas contra a soberba e arrogância das suas mesmas escolas.

359. Desta maneira triunfou a nossa sábia vencedora de todas as escolas mais famosas da filosofia gentílica, e assim conseguiu de todos os cinqüenta filósofos, com o discurso de poucas horas, o que as sábias do Evangelho não puderam conseguir de uma só néscia em muitos dias de companhia e trato. A primeira vez que Ezequiel viu aquele carro triunfal, chamado da glória de Deus, tiravam por ele quatro animais enigmáticos, compostos de homem, de leão, de águia, de boi (Ez. 1,10). Tornou depois o mesmo profeta a ver o mesmo carro, e dos quatro animais, o boi estava transformado em querubim: *Facies una, facies cherub; et facies secunda, facies hominis; et in tertio facies leonis, et in quarto facies aquilae*³³. E donde lhe veio ao boi uma tão notável melhora? Veio-lhe da companhia e trato que teve no mesmo carro com o homem e com a águia, para que entendam os que desejam aprender e saber quanto importa ainda aos mais rudes tratar com sábios. O querubim é um rosto humano com asas, e como o boi no carro acompanhava com o homem e com a águia, do homem tomou o rosto, e da águia as asas, e por isso, sendo boi, saiu querubim. O mesmo se pudera esperar das cinco néscias, por mais rudes que fossem; mas foi tão pouco eficaz a companhia e trato das sábias, que todas ficaram tão néscias como dantes eram. Ficou porém reservado o milagre da transformação para o carro triunfal de Catarina com muito maior maravilha da que viu Ezequiel.

360. E se não, pergunto: por que se transformou ali o boi, e não o leão? A rudeza ou bruteza do leão, como a do boi, ambas são de quatro pés. Pois, se o leão igualmente andava junto com o homem e com a águia, por que se não transformou também em querubim? Porque o boi é animal sujeito e humilde, o leão é inchado e soberbo, e, por mais racional que seja o entendimento do homem, e mais sublime que seja a agudeza da águia, onde há inchação e soberba, nem o homem, nem a águia podem introduzir a sua forma. Esta é a alegoria do famoso carro, o qual, para maior glória de Catarina, também hoje transformou os leões. Que eram os cinqüenta filósofos, senão outros tantos leões soberbos e inchados com a presunção e arrogância das suas ciências, aos quais lançou o imperador Maximino a Catarina, naquele segundo anfiteatro de Alexandria, como faziam no de Roma. Mas as razões do juízo de Catarina eram tão superiores às de todos os homens, e a agudeza do seu discurso tanto mais penetrante que a de todas as águias, que nenhuma soberba a pôde rebater, nenhuma inchação resistir. Sujeitos, pois, e humilhados assim os cinqüenta leões, todos com a grenha caída, e todos com a boca tapada, essa mesma sujeição e humildade os fez capazes da forma de querubins, e, transformados nesta nova figura, com pompa jamais vista no mundo, foram os que levaram até o céu o carro triunfal de Catarina, laureado de outras tantas palmas. Eles diante, como sábios vencidos, e ela no trono, como sábia vencedora: vencedora uma de tantos, vencedora mulher de homens, e vencedora sábia de sábios.

§IX

Já que não podemos imitar a santa vencedora, imitemos os filósofos vencidos em sua docilidade e constância. Sabedoria e docilidade. Advertência de Davi aos doutores e catedráticos. Baltasar, exemplo aos reis e monarcas. Conselho do Eclesiástico aos letrados cristãos. O que todo o sábio deve não querer querer.

361. Tenho acabado o meu discurso, e não sei se satisfeito ao que prometi. Seguia-se agora a peroração e exortar nela os ouvintes, como se costuma, à imitação da santa; mas a nossa sábia vencedora, assim na sabedoria como nas vitórias é inimitável. O que só posso, e desejo aconselhar, é que todos os estudiosos e doutos, já que não podem imitar a santa vencedora, imitem os filósofos vencidos. Duas coisas tiveram insignes estes famosos catedráticos: a primeira, a docilidade, a segunda, a constância. A docilidade, com que se renderam à verdade conhecida da doutrina de Catarina, e a constância, firme até a morte com que defenderam a mesma verdade, apesar e a despeito do imperador.

362. Quem não é dócil, senhores, não pode ser douto; antes, a mesma docilidade é um sinônimo da ciência. Disse Deus a Salomão que pedisse o que quisesse, porque tudo lhe concederia. O que pediu foi docilidade: *Dabis servo tuo cor docile*^{3 4}; e o que o Senhor lhe concedeu foi a maior sabedoria que nunca teve, nem terá outro homem: *Dedi tibi cor sapiens, et intelligens in tantum, ut nullus ante te similis tui fuerit nec postea te surrecturus sit*^{3 5}. Pois, se Deus tinha prometido a Salomão que lhe daria o que pedisse, e ele pediu docilidade, como lhe deu ciência? Por isso mesmo. Porque docilidade e ciência são a mesma coisa, e não podia Deus, segundo a sua promessa, deixar de lhe dar ciência, tendo ele pedido docilidade. Assim lho disse o mesmo Deus: *Ecce leci tibi secundum sermones tuos*^{3 6}. A ciência nenhuma outra coisa é que o conhecimento claro de muitas verdades, umas em si, que são os princípios, e outras que delas se seguem, que são as conclusões. E aqueles que não têm docilidade, — como são os tenazes do próprio juízo, e ferrados à sua opinião — ainda que a verdade se lhes represente, não são capazes de a receber. Por isso estes tais cada vez sabem menos, e todas as vezes que a opinião passa a erro, perseveram nele. O mesmo havia de suceder aos filósofos de Santa Catarina, persistindo e obstinando-se mais nos erros das escolas que seguiam e em que foram criados; mas a sua docilidade, que é o que só tinham de sábios, foi a que lhes tirou dos olhos o véu da cegueira, com que conheceram claramente a verdade, e, conhecida, a abraçaram e defenderam.

363. Nesta defesa consistiu a sua admirável constância, conservando-se firmes no maior perigo e invencíveis na maior tentação, em que costumam fraquear e cair os doutos. Qual vos parece que é a maior e mais forte tentação em que se pode ver um homem letrado? A maior tentação de um letrado é conhecer a inclinação, e vontade, e o empenho do rei, e não torcer da verdade, nem acomodar as suas letras ao que ele quer. E neste ponto tão árduo e dificultoso é que se provou a constância dos cinquenta filósofos verdadeiramente sábios e doutos, depois que, na escola de Santa Catarina, aprenderam o que não sabiam e conheceram a verdade. A vontade e empenho do imperador Maximino em que pugnassem pela divindade de seus falsos deuses e defendessem sua adoração; mas eles, sendo chamados e escolhidos a esse fim, e conhecendo a vontade e empenho do imperador, e o risco a que se expunham de cair na sua desgraça e nas mãos da sua crueldade enfurecida, antes quiseram perder a vida e ser lançados, como foram, em uma fogueira, que desdizer, nem torcer um mínimo ponto do que entenderam que era verdade.

364. Oh! que ditosas seriam as repúblicas, que veneráveis as universidades, e que bem-aventurados os mestres e doutores delas, se imitassem a verdade, e valor e a constância destes filósofos! *Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum, et in via peccatorum non stetit, et in cathedra pestilentiae non sedit* (Sl. 1, 1). Estas são as primeiras palavras com que Davi, rei e profeta, deu princípio ao Livro dos Salmos, cheios de tão altos mistérios, sendo muito digno de se notar que os homens, também primeiros, de que se falou, fossem os doutores e catedráticos. — Bem-aventurados, diz, os que não ajuntarem o seu voto ao conselho dos ímpios, os que não assistirem e defenderem o caminho dos pecadores, e os que se não assentarem na cadeira da peste. — E se os que isto fazem, são por isso bem-aventurados, os que fizerem o contrário, que serão? As cadeiras das universidades, ainda que sejam de Teologia, de Leis, de Cânones, todas são de Medicina, porque todas se ordenam à saúde pública. E que seria se os catedráticos da saúde se trocassem em catedráticos da peste: *In cathedra pestilentiae*? Pois, saibam que tais são os que, tentados da ambição, da lisonja ou do temor, em lugar de desenganarem com a verdade aos príncipes que os consultam, se deixam enganar do seu, ou de outros respeitos, e o que eles desejam ou pretendem, isso respondem que é justo. Mudam as leis como as velas, segundo o vento que corre, dissera eu; mas Davi o declarou com comparação mais vil, e por isso mais própria, dizendo que se deixam levar do mesmo vento como o pó da terra: *Tanquam pulvis, quem projicit ventus a facie terrae*^{3 7}. Os que são ou podem ser tentados desta tentação ouçam ao grande Teodoreto na exposição deste mesmo texto: *Nam quando tentatio flaverit, arguuntur tanquam pulvis terrae, hinc inde dispersi ad placitum dynastarum sententiam mutantur*: A tentação é a esperança ou o temor; os doutores inconstantes são o pó solto e leve; a vontade ou inclinação dos dinastas é o vento; e o voto, a sentença e a interpretação das leis, o que eles querem ou se presume quererem. E por esta perversão das letras e dos letrados, as mesmas universidades e cadeiras, donde havia de manar a saúde pública, vêm a ser o veneno, a ruína e a peste dos reinos: *Cathedra pestilentiae*.

365. Se eu pregara onde agora me não querem ouvir, não deixara de representar aos reis, ou a seus ministros, o exemplo nunca assaz louvado de Baltasar, e o prêmio que tirou Daniel da verdade e constância com que lhe interpretou as suas letras. Continha-se nelas não menos que a morte do rei, a perda da coroa imperial e a sujeição de toda a monarquia a seus inimigos; e, não lhe restando a Baltasar mais que poucas horas de vida, na mesma em que lhe anunciou Daniel uma tão funesta sentença, o mandou vestir de púrpura e levantar à maior dignidade. Assim premiou um tal desengano quem tão enganado vivia. Mas esta generosidade e justiça de um rei gentio falta hoje em muitos príncipes cristãos e desejosos de parecer justos, os quais antes querem imitar ao imperador Juliano, tão apóstata da verdade, da razão e da sua mesma coroa, como o tinha sido da fé. Tendo frequentado Juliano a Universidade de Atenas, e prezando-se de douto, só estimava e premiava aqueles letrados que não conheciam outra lei mais que a da sua vontade. Assim o escreve dele seu antigo discípulo,

São Gregório Nazianzeno: *Alios honoribus capiens, nimirum eos, qui nullam legem, quam principis voluntatem agnoscebant.* E onde os professores das letras têm os aumentos seguros na adulação e perigosos na verdade, vede se lhes é mais necessário serem jubilados na constância que graduados nas ciências?

366. Sobre esta injustiça dos prêmios ainda acresce outra maior e que mais reforça a tentação. E qual é? É que estes hereges das leis — ainda que sejam canônicas — são os aplaudidos de letrados e os reputados por doutos; e, pelo contrário, os que defendem a razão e pugnam pela verdade, ficam tidos por idiotas e ignorantes, como ficaram os nossos filósofos na opinião de Maximino e dos seus adutores. Esta circunstância de tentação, como dizia, é a mais forte, e, para ânimos generosos, a mais sensível, quanto vai do interesse à honra. Mas, para que todo o letrado cristão não tema o boato destas opiniões, posto que coroadas, e vença a vaidade delas com a verdade, tome na memória uma só sentença, com que acabo, digna de se mandar gravar com letras de bronze em todas as universidades do mundo: *Penes regem noli velle videri sapiens* (Ecl. 7,5): Guarda-te de querer ser tido por sábio no conceito dos reis. — E de quem é este conselho, este aviso e esta cautela? Não é menos que do Espírito Santo, por boca do Eclesiástico, para que ninguém a duvide. Mas, se o que mais estimam os homens, e porque mais trabalham, assim na paz como na guerra, é que os reis tenham boa opinião deles, que razão particular há nos sábios para que a não queiram? A razão é porque os reis — comumente — não têm por doutos e sábios senão aqueles que em tudo aprovam e se conformam com os seus ditames e interesses políticos, e com as razões ou pretextos com que os querem justificar; e como isto muitas vezes não pode ser sem ofensa das leis divinas e violências das humanas, melhor é para os tais casos ser reputado por menos douto, e não ter para com os reis opinião de sábio: *Penes regem noli velle videri sapiens*. E notai que não só diz o Espírito Santo: não queiras ter tal opinião com os reis, mas o que diz é: não queiras querê-la ter: *Noli velle*: não queiras querer. De sorte que não só proíbe o desejo, senão o desejo do desejo; nem só proíbe a vontade, senão a vontade da vontade: *Noli velle* porque, se quem não quer, está longe de desejar, quem não quer querer, ainda está mais longe. E tão longe como isto deve estar todo o sábio de querer parecer sábio diante dos reis: *Penes regem noli velle videri sapiens*.

367. Isto é o que todo o sábio deve não querer querer, e queira Deus que todos não queiram, assim como não quiseram todos os filósofos que Santa Catarina fez, não só verdadeira, mas constantemente sábios. A mesma sábia vencedora, pela grande valia que tem com Deus, alcance a todos os presentes esta fortaleza e constância, para que, vencedores de tão grave tentação, e perseverando até à morte na mesma vitória, mereçam ser admitidos, com os que ela ensinou, à companhia e glória de seu triunfo. Amém.

SERMÃO DE DIA DE RAMOS

PREGADO NA MATRIZ DO MARANHÃO, ANO 1656

Alii autem caedebant ramos de arboribus, et sternebant in via¹.

§I

A Semana Santa, Sancta Sanctorum do tempo. Assunto do sermão: Que deve fazer todo o cristão para que a Semana Santa seja santa?

368. Como Deus não se agrada de afetos súbitos, senão de corações preparados, maravilhosas são as disposições cada vez maiores e mais estreitas, com que a Igreja Católica, nossa mãe, governada pelo Espírito Santo, de muito longe nos começou a preparar, e foi preparando sempre, para que chegássemos dignamente a este dia, e entrássemos como convém nesta sagrada semana. Para chegar ao *Sancta Sanctorum*, que era o lugar mais sagrado do templo de Jerusalém, traçou Deus a entrada com tal artifício, que primeiro se passasse por três estâncias, tão misteriosas no sítio como na medida, porque quanto eram mais interiores, tanto se estreitavam mais. A primeira e a segunda se chamavam átrios, e a terceira propriamente templo. Por estes como degraus de reverência e culto, e com todas estas disposições de sempre maior recolhimento e aperto, se chegava finalmente ao *Sancta Sanctorum*; e com as mesmas quer e ordenou a Igreja que entrássemos nós à Semana Santa, porque assim como o *Sancta Sanctorum* era o lugar mais sagrado do templo, assim a Semana Santa é o *Sancta Sanctorum* do tempo.

369. As três estâncias que o precedem, e já passamos, tanto mais estreitas quanto mais interiores, foram, a primeira, desde a Septuagésima até a Quaresma; a segunda, do princípio da Quaresma até a Dominga próxima, chamada da Paixão; a terceira, da mesma Dominga da Paixão até o dia presente. Na entrada da Septuagésima se começaram a enlutar os altares, e cessaram no canto eclesiástico as aleluias, sendo esta cerimônia exterior o primeiro prelúdio ou reclamo da penitência, para que não dissolutos, mas compungidos, entrássemos no tempo santo da Quaresma. Começou a Quaresma com a memória da cinza e do pó que somos, e com o jejum universal; continuou com tanta freqüência de sermões, com tantas procissões de modéstia, compunção e piedade cristã, com tantas mortificações secretas e públicas, e com tanta efusão violenta do próprio

sangue; e, não se dando por satisfeita com todas estas demonstrações, a Igreja, para maior representação de sua justa dor e tristeza, na domingo proximamente passada, correu totalmente as cortinas aos altares, e até as imagens sacrossantas de Cristo crucificado nos encobriu e escondeu com aquele véu negro, para que, eclipsado assim e escurecido o Divino Sol de nossas almas, chegássemos com maior assombro e santo horror aos dias em que somos entrados.

370. Os antigos, como se lê em São Bernardo, chamavam a esta semana a Semana Penosa, pelos tormentos e penas que Cristo nosso Redentor nela padeceu, e pelo sentimento e dor com que nós as devemos corresponder e acompanhar. A Igreja universal lhe chama a Semana Maior, porque nela se consumaram os maiores mistérios de nossa Redenção, os maiores excessos do amor e misericórdia divina, e o maior e mais tremendo exemplo de sua justiça. Nós, em significação de todas estas coisas juntas, chamamos vulgarmente à mesma semana a Semana Santa, mas não sei se as nossas ações e exercícios nela respondem às obrigações de tão sagrado nome. Ora eu tão escandalizado do que algumas vezes acontece, como zeloso do que é bem se veja e reconheça em todos estes santos dias, o assunto que somente vos determino pregar hoje é este: que deve fazer todo o cristão para que a Semana Santa seja santa? A matéria, nem pode ser mais pia, nem mais útil, nem mais própria da ocasião, se aquele Senhor, que hoje chorou sobre a cidade de Jerusalém, puser seus divinos olhos na nossa, e nos assistir com sua graça. Peçamo-la por intercessão da Virgem Senhora, com tão devoto afeto de nossos corações, que a mereçamos alcançar. *Ave Maria*.

§II

Os quarenta dias da Quaresma e os quarenta dias do dilúvio universal. O livro de Deus e os Evangelhos da Quaresma. A pregação de Jonas aos ninivitas na interpretação dos Setenta. Os dias da Semana Santa, dias de salvação.

371. Santo Agostinho, São Basílio e São Pedro Crisólogo comparam os quarenta dias da Quaresma aos quarenta dias do dilúvio universal. Naquele dilúvio esteve Deus quarenta dias chovendo castigos; neste está outros quarenta dias chovendo misericórdia. Mas somos os homens tão protervos, que nem por bem, nem por mal pode Deus conosco: os castigos não nos emendam, as misericórdias não nos abrandam. Barro, enfim. Assim como o barro se endurece com os raios do sol, assim nós com os favores do céu não nos abrandamos, antes nos endurecemos mais. O mesmo que lhes sucedeu àqueles antigos homens no primeiro dilúvio, nos acontece a nós neste segundo.

372. Começou a chover o dilúvio de Noé: alagaram-se na primeira semana os vales e os quartos baixos dos edifícios; subiram-se os homens aos quartos altos. Choveu a segunda semana; venceram as águas os quartos altos, subiram-se aos telhados. Choveu a terceira semana: sobrepujou o dilúvio os telhados, subiram-se às torres. Choveu a quarta semana: ficaram debaixo das águas as torres e as ameias mais altas, subiram-se aos montes. Choveu a quinta semana: ficaram também afogados os montes, subiram-se finalmente às árvores, e assim estavam suspensos e pegados nos ramos. Postos neste estado os homens, já não tinham para onde subir, e não lhes restava mais que uma de duas: ou nadar, ou acolher-se à Arca, ou deixar-se afogar e perecer no dilúvio. Oh! se nos víssemos bem neste grande espelho! E quantos de nós estamos hoje no mesmo estado! Desde o princípio da Quaresma começou Deus a querer-nos conquistar as almas, e nós sempre a retirar e a fugir de Deus de semana em semana. Passou a primeira semana da Quaresma, guardamo-nos para a segunda; passou a segunda, deixamo-nos para a terceira; passou a terceira, esperamos para a quarta; passou a quarta, dilatamo-nos para a quinta; passou a quinta, apelamos para a sexta; já estamos na sexta e na última semana deste dilúvio espiritual, já estamos, como os do outro dilúvio, com as mãos nos ramos das árvores, ou com os ramos das árvores nas mãos: *Caedebant ramos de arboribus*².

373. Em dia de ramos estamos, e chegados a este dia e a esta semana precisa, em que não há já para onde retirar, que é o que nos resta? Ou afogar e perecer, ou resolver e nadar para a Arca. Os daqueloutro dilúvio não podiam nadar nem salvar-se na Arca de Noé, uns porque estavam muito longe, outros porque não sabiam dela, e todos porque a Arca não tinha mais que uma porta, e essa estava fechada por fora, e tinha Deus levado as chaves, como diz o texto. Cá no nosso dilúvio não é assim. O Noé é Cristo, Salvador e reparador do mundo, e a Arca em que salvou o gênero humano é a sua cruz. Assim lhe chama a Igreja no hino corrente deste tempo: *Atque portum praeparare Arca mundo naufragis*. O antigo Noé não tinha porta por onde recolher os que se quisessem valer da Arca; mas o nosso Noé divino está com cinco portas abertas, e abertas em si mesmo, para recolher e salvar todos os que se quiserem valer dele e de sua cruz. Oh! que diferente dilúvio é este daquele! Naquele morreram todos os homens, e salvou-se só Noé; neste morreu e afogou-se só o divino Noé: *Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me*³, para que todos os homens se salvem. Os que pereceram naquele dilúvio são os que não se quiseram persuadir, e se foram dilatando até que não tiveram remédio. E será bem que nós, chegados a este dia, ainda nos dilatemos mais, e pereçamos como eles? Perecer não, cristãos, pelo que nos merece o amor de Cristo e suas santíssimas chagas. Aproveitemo-nos ao menos destes poucos dias da Semana Santa, já que dos de toda a Quaresma nos não soubemos aproveitar.

374. Diz São Basílio Magno que os anjos de cada cidade, desde o princípio da Quaresma, vão escrevendo em um livro os que jejuam e os que não jejuam. Assim como os párcos no mesmo tempo tomam a rol todos os fregueses, para lhes pedirem conta da confissão e comunhão, assim o fazem os anjos para a tomarem do jejum. Mas além destes dois livros,

ainda há outro terceiro, de que muito mais dificultosamente nos havemos de desobrigar. E que livro é este? É o que vedes naquele altar. O primeiro livro é o do pároco, o segundo o do anjo, o terceiro o de Cristo. Em todos os dias da Quaresma nos manda Cristo ler um novo Evangelho — o que não se faz nos outros dias do ano — e por este diário da doutrina havemos de ser também examinados todos os que nos chamamos cristãos. Ouvi ao profeta Davi, falando deste livro em nome da Igreja universal, que daquele altar e desta cadeira nos lê estas lições tão mal aprendidas: *Imperfectum meum viderunt oculi tui, et in libro tuo omnes scribentur: dies formabuntur et nemo in eis* (Sl. 138, 16): Os vossos olhos, Senhor, — diz a Igreja — vêem as minhas imperfeições, isto é, as imperfeições daqueles de que eu me componho, que são os cristãos; todos se escreverão no vosso livro; formar-se-ão os dias, e ninguém neles.

375. O lugar é escuro, mas admirável. Que tenha Deus livro em que se escrevam os defeitos e pecados de todos, e os nomes de todos os que os cometem, e os dias em que se cometem, é coisa muito sabida e vulgar nas Escrituras. Mas que dias são estes que se chamam formados, e nos quais ninguém se acha: *Dies formabuntur, et nemo in eis*? São propriíssimamente os dias da Quaresma, em cada um dos quais nos propõe Cristo uma forma particular do Evangelho, pela qual forma, como por exemplar e idéia de nossas ações, nos devemos nós também formar e reformar, que esse é o intento deste tempo santo. E porque geralmente ninguém se reforma nem conforma com o que se lhe propõe no Evangelho daquele dia, por isso diz o profeta que os dias se formam, e ninguém se acha neles: *Dies formabuntur, et nemo in eis*. De sorte que o *nemo* refere-se ao *formabuntur* como se dissera: *Dies formabuntur et nemo in eis, idest, formabuntur* Os dias dão a forma, e ninguém se conforma com ela, porque, sendo a forma de cada Evangelho ordenada cada dia à reformation de cada vício, em vez de se ver a emenda e reformation, continuam as mesmas deformidades, e pode ser que maiores.

376. Oh! se aqui aparecera agora este livro como está notado e cotado na mente divina, se se abrisse este livro diante de todos, e se começara a ler publicamente o que cada um fez ou deixou de fazer nesta Quaresma, que vergonha havia de ser, e que confusão a de muitos, quando se fossem confrontando dia por dia a forma dos Evangelhos e a deformidade das vidas! Veio um primeiro dia da Quaresma, veio uma Quarta-feira de Cinzas, pôs-nos a Igreja diante dos olhos não só a memória, senão a mesma morte, e quantos houve que mudassem de vida? Veja-se o livro neste dia: *Dies formabuntui; et nemo in eis*. Passou o dia, e ninguém se achou escrito nele. Continuamos na mesma vida, como se ela nunca houvera de acabar, e tão esquecidos da conta, como se Deus no-la não houvera de pedir. Chegou uma primeira sexta-feira de Quaresma, leu-se aquele admirável Evangelho do amor dos inimigos, e quantos houve que deixassem os ódios, quantos que se arrependessem dos propósitos da vingança, quantos que se reconciliassem e se pedissem perdão? *Dies formabuntur, et nemo in eis*. Passou o dia, e os ódios não passaram: ainda fulano se não corre com fulano, ainda se não falam, ainda se não saúdam, ainda inimigos, ainda escandalosos, ainda não cristãos, como de antes. Chegou o Domingo das Tentações, vimos como Cristo no-las ensinou a vencer com tanto despego, sendo tão naturais, e com tanta resolução, sendo tão fortes. Mas quantas vitórias alcançamos depois disso contra o demônio? *Dies formabuntur, et nemo in eis*. O demônio sempre vencedor, e vencedor sem batalha, porque onde o pecar é hábito, não há resistência. Tantas vezes vencidos quantas tentados, e o que pior é, antes de tentados, vencidos não sendo já necessário ao demônio tentar a muitos, porque eles são os que buscam as tentações, e os piores tentadores.

377. Chegou o segundo Domingo da Glória: vimos transfigurado a Cristo, e arrebatado a São Pedro no Monte Tabor. E quem houve que por saudades do céu se despegasse um pouco da terra? Também em tal dia, folha em branco: *Dies formabuntur, et nemo in eis*. Tão apegados à terra, tão cegos, tão enterrados e tão toupeiras nela, como se o céu não fora criado para nós, nem nós para ele, e como se o Filho de Deus o não comprara para nós com seu próprio sangue. Chegou o terceiro Domingo do Diabo Mudo, e quantos houve que aprendessem a saber calar os pecados alheios, e a confessar, como convém, os próprios? *Dies formabuntur et nemo in eis*. Ainda aquele miserável, ainda aquela mesquinha, que traz encoberto o pecado há tanto tempo, se não deliberou a o confessar, acrescentando em cada confissão fingida um novo sacrilégio, sem reparar que é justo juízo de Deus, provado com muitos exemplos, que falte a fala e a confissão na morte, a quem a não faz como deve na vida. Chegou finalmente uma sexta-feira de Lázaro ressuscitado de quatro dias, e que moço ou velho houve que, à sua imitação, — se levantasse da sepultura, em que podres de seus vícios jazem há tantos meses, e pode ser que tantos anos? Chegaram os dias da conversão da Samaritana e da Madalena, uma de baixa condição, outra nobre e senhora, e que mulher houve perdida, ou arriscada a se perder, que reparasse na sua mesma perdição, e abrisse os olhos à sua cegueira? *Dies formabuntur, et nemo in eis*. Ainda continuam os mesmos pensamentos e malditos cuidados, ainda as mesmas correspondências, ainda as mesmas ocasiões, ainda as mesmas torpezas, ainda os mesmos escândalos, e ainda continua e arde o mesmo fogo para se continuar no do inferno.

378. Eis aqui, cristãos, como muitos de vós tendes passado a Quaresma, perdendo tantos dias em que pudéreis abrir os olhos, e em que pudéreis entrar dentro em vós, cerrando sempre os ouvidos às vozes do céu, e fechando os corações às inspirações divinas. Os dias que passaram já não podem tornar, nem têm remédio; os que estão por vir daqui até quinta-feira — que é a última reserva das consciências mais descuidadas — não são mais que três dias; vede se será bem que até estes deixemos passar debalde, e que nem de um prazo tão estreito nos aproveitemos.

379. Vomitado da baleia, como muitas vezes ouvistes, o profeta Jonas nas praias de Nínive, entrou por aquela grandíssima cidade pregando ou apregoando a altas vozes: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur* (Jon. 3, 4): Daqui a quarenta dias se há de subverter Nínive. — Assim se lê no texto sagrado da Bíblia, chamada Vulgata, de que hoje usa a

Igreja. Porém os Setenta intérpretes, que também são autores canônicos, em lugar de quarenta dias, põem somente três, e dizem que disse Jonas: *Adhuc tres dies, et Ninive subvertetur*: Daqui a três dias se há de subverter Nínive. — Todos estais vendo o encontro destas duas escrituras e a dificuldade delas, porque se é certo que Jonas disse, daqui a quarenta dias, como pode concordar com a mesma verdade que dissesse: daqui a três? S. Isidoro Pelusioti soltou admiravelmente a dúvida, e diz que uma e outra coisa disse o profeta, não no mesmo, senão em diferentes tempos. Quando começou disse: daqui a quarenta dias; quando acabou, disse: daqui a três. Foi o caso desta maneira. Entrou Jonas o primeiro dia pregando e dizendo: Daqui a quarenta dias se há de subverter Nínive — e muitos dos ninivitas zombaram do que dizia o estrangeiro. Amanheceu o segundo dia, continuou o profeta a mesma pregação, mas diminuindo um dia, que era o que já tinha passado, e disse assim: Daqui a trinta e nove dias se há de subverter Nínive; porém os que não tinham feito caso dos primeiros brados, também o não fizeram dos segundos. Amanheceu o dia terceiro, foi por diante Jonas com sua pregação: Daqui a trinta e oito dias se há de subverter Nínive; e os maus ouvintes como dantes. Passaram dez dias, passaram vinte, passaram trinta, e Jonas sempre diminuindo, até que finalmente chegaram os dias a ser trinta e sete: então disse o profeta o que referem os Setenta intérpretes: *Adhuc tres dies, et Ninive subvertetur*: Daqui a três dias se há de subverter Nínive — porque estes só faltavam para cumprimento do prazo que Deus lhe tinha dado. Vendo, pois, os rebeldes que já lhes não restavam mais que três dias, ainda que até ali tinham estado tão obstinados e insensíveis, o mesmo aperto do tempo os fez entrar em si. Consideraram que a ameaça do profeta era muito conforme a suas culpas, creram que as vozes daquele homem verdadeiramente eram de Deus, e, reconhecendo de perto o mesmo perigo, em que não reparavam quando se lhes representava mais longe, resolveram-se de todo o coração a se converter. Cobrem as cabeças de cinza, vestem-se de cilício, publicam jejum universal, em que ninguém comesse bocado, prostram-se por terra, batem os peitos, choram e clamam ao céu, e desde o rei até o menor da cidade, desde os homens até os animais do campo, fizeram aquela tão celebrada e tão notável penitência, com que mereceram que Deus levantasse o castigo e lhes perdoasse.

380. Os ninivitas eram gentios; nós por graça de Deus somos cristãos. Cada cidade é uma Nínive grande, cada casa uma Nínive pequena, e cada alma uma Nínive maior que ambas. Ainda que em todos os dias nos podemos converter a Deus, o tempo que sua divina misericórdia nos sinalou particularmente para a penitência dos pecados são os quarenta dias da Quaresma: *Adhuc quadraginta dies*. O dia maior destes quarenta, e em que todos, ou por verdadeira devoção, ou por costume e cerimônia, nos lançamos geralmente aos pés de Cristo e lhe pedimos perdão em um Sacramento e o recebemos em outro, é o dia de Quinta-Feira de Endoenças. Neste grande dia, segundo a disposição de cada um, ou se convertem ou se subvertem as Nínives, ou se convertem ou se perdem as almas, como se perdeu a de Judas. Lançai agora a conta aos dias que nos restam para este último, e achareis que somos chegados a termos que não são já mais que três: *Adhuc tres dies*. Oh! que desgraça seria tão indigna do caráter e piedade cristã, se os que imitaram, aqueles gentios em se dilatar, os não imitarem, posto que tarde, em se converter! Os ninivitas, diz Cristo, que se hão de levantar no dia do Juízo, e acusar aquele povo duro e incrédulo, a quem o Senhor pregava e não se convertia. Por reverência do mesmo Cristo, que não queiramos nós também que se levantem contra nós. Se os ninivitas, sem fé nem batismo, se o seu rei, que era Sardanapalo, o mais vicioso de todos os homens, vendo-se reduzidos a um termo tão apertado, conheceram o seu perigo, e por meios tão extraordinários lhe buscaram remédio, nós, a quem Deus com os braços abertos, há tantos dias no-lo está oferecendo tão fácil, por que o desprezaremos?

381. Acabemos de nos enganar, antes que se acabe o tempo: *Ecce nunc tempus acceptabile*⁴. Acabemos de tratar da salvação, antes que se fechem as portas da misericórdia: *Ecce nunc dies salutis*⁵. Ou fazemos conta de nos converter deveras a Deus alguma hora, ou não: se não fazemos esta conta, para que somos cristãos? Por outro caminho mais largo podíamos ir ao inferno. Mas se nenhum há tão rematadamente inimigo de sua alma, que ao menos não tenha tenção de algum dia a tirar do poder do demônio e a dar a Deus, quando há de ser este dia? Que dia, ou que dias mais a propósito podemos ter ou esperar que estes da Semana Santa? Que dias mais a propósito para pedir a Deus perdão dos pecados, que aqueles mesmos dias em que Deus se pôs em uma cruz por meus pecados? Que dias mais a propósito para alcançar e ter parte nos merecimentos do sangue de Cristo, que os dias em que se está derramando o mesmo sangue? Agora, agora, e não depois, é o tempo aceito a Deus: *Ecce nunc tempus acceptabile*. Estes dias, estes, e não os futuros, incertos e enganosos, são os dias da salvação: *Ecce nunc dies salutis*.

§III

Os dois mistérios encerrados no aparato dos ramos de palma e de oliveira: paciência e compaixão, padecer e compadecer Os padecimentos de Cristo em todos os cinco sentidos. As mortificações com que os nossos cinco sentidos hão de imitar nesta semana as penas de Cristo. Advertência aos soldados da cidade em relação ao jogo.

382. Suposto pois, cristãos, que este é o tempo, e suposto que os dias são tão precisos que não temos outros para que apelar, o que resta é recuperar o perdido, e que nos aproveitemos deles com tais atos de verdadeira contrição e devoção, que esta Semana Santa, como o é em si, seja em nós também santa. Os ramos que cortaram das árvores os que hoje saíram a receber a Cristo: *Caedebant ramos de arboribus*, posto que São Mateus não declare quais fossem, São João diz que eram

de palma, e São Lucas de oliveira. E com os dois afetos que estes ramos significavam, devemos nós seguir e acompanhar o Senhor em todos seus passos, oferecendo estes humildes obséquios a seus sacratíssimos pés, que isto quer dizer: *Et sternerant in via*⁶. A palma é símbolo da paciência, como a oliveira da misericórdia e compaixão; e tais eram os dois mistérios que encerrava o aparato e diferença daqueles ramos: padecer e compadecer. Desta maneira receberemos e acompanharemos a nosso bom Rei e Redentor muito melhor que a ingrata e inconstante Jerusalém, se não só hoje, mas todos estes dias, padeceremos alguma coisa com ele, e nos compadeceremos dele. Tudo resumiu São Paulo a uma só palavra, quando disse: *Si tamen compatimur*⁷ Uma coisa é compadecer, e outra padecer com: compadecer, é compadecer dele; padecer com, é padecer com ele; e tanto nos merecem a paciência as suas penas, como a compaixão o seu amor. Toda a sua sagrada humanidade do corpo e alma de Cristo nos mereceu sempre muito, mas nunca tanto como nestes dias: padecendo na imitação de seus tormentos, acompanharemos seu santíssimo corpo, e compadecendo-nos na meditação de suas dores, acompanharemos sua santíssima alma.

383. Digo pois, quanto ao corpo, que havemos nesta semana de procurar padecer alguma coisa em todos os cinco sentidos, assim como Cristo padeceu em todos. Adão e Eva, em um só pecado, pecaram com todos os cinco sentidos. Pecaram com o ouvir, ouvindo a serpente; pecaram com o ver, olhando para a fruta; pecaram com o palpar, tirando-a; pecaram com o cheirar, cheirando-a; pecaram com o gostar, comendo-a. Com todos os cinco sentidos pecaram nossos primeiros pais, e nós, tão herdeiros de suas misérias como de suas culpas, em todos pecamos infinitas vezes. E como Cristo vinha pagar pelo pecado de Adão e pelos nossos, quis padecer também em todos os cinco sentidos.

384. Padeceu no sentido de ver, vendo fugir a todos seus discípulos: vendo que um o entregou tão aleivosamente; vendo que outro o negou três vezes; vendo-se atar e levar preso, e a tantos tribunais; vendo-se tapar os olhos; vendo-se despir no Pretório, e estar despido no Calvário tantas horas à vista de todo o mundo, e no meio de dois ladrões; sobretudo, vendo a desconsolada Mãe ao pé da cruz, em cujo coração e em cujos olhos estava outras três vezes crucificado. Finalmente, vendo os meus pecados e os vossos, com que tão ingratos havíamos de ser a tanto amor, que todos naquela hora lhe eram presentes.

385. Padeceu no sentido do ouvir, ouvindo o Deus-te-salve aleivoso da boca de Judas; ouvindo os crimes e testemunhos falsos com que foi acusado; ouvindo as vozes e brados com que os mesmos que hoje o aclamaram rei lhe pediam a morte; ouvindo a sentença com que o iníquo juiz o entregou à vontade de seus inimigos; ouvindo o pregão de malfeitor e alvorotador do povo; ouvindo as injúrias e blasfêmias dos príncipes dos sacerdotes na cruz, e as dos mesmos ladrões que com ele estavam crucificados, e não ouvindo em todo este tempo uma só palavra de consolação aquele mesmo Senhor que com palavras e obras tinha consolado a tantos.

386. Padeceu no sentido do olfato, ou de cheirar, porque morreu entre os ascos e horrores do Monte Calvário, chamado assim das caveiras e ossos dos malfeitores que ali se justificavam, os quais, ou porque os enterravam mal os algozes, ou porque depois os desenterravam os cães, estavam espalhados por todo o monte, e de mistura com a corrupção do sangue faziam aquele infame lugar horrendo, hediondo, asqueroso e insuportável ao cheiro. E como divino pagador de nossos pecados, não só escolheu o gênero da morte, senão também a circunstância do lugar; para satisfazer nele pelos excessos do olfato, quis que fosse tão infeccionado e malcheiroso.

387. Padeceu no sentido do gosto, não só pelo fel e vinagre que lhe deram a beber, senão muito mais por aquela ardentíssima sede, maior incomparavelmente que todos os outros tormentos, porque só ela obrigou ao pacientíssimo Redentor a pedir alívio. Mas podendo mais o desejo de padecer por nós, que a força da natureza na humanidade enfraquecida e exausta, provou o azedo do vinagre e o amargoso do fel, para mortificar o gosto, e não quis levar para baixo o úmido, para não moderar o ardor nem aliviar a sede.

388. Padeceu, finalmente, no sentido do tato, não ficando em todo o sagrado corpo parte alguma que não fosse martirizada com particular tormento. Padeceu nos braços as cordas e cadeias, no rosto as bofetadas, na cabeça a coroa de espinhos, nos ombros o peso da cruz, nas costas os milhares de açoites, nas mãos e nos pés os cravos, e em todos os ossos, em todos os nervos, em todas as veias, em todas as artérias a suspensão, a aflição, a violência mais que mortal de estar três horas no ar pendente de um madeiro até expirar nele.

389. Pois, se estes são os dias em que o meu Deus padeceu tão cruelmente em todos os cinco sentidos, e tão amorosamente por mim, não será justo que eu também em todos os sentidos padeça alguma coisa por ele? Nenhum coração me parece que haverá tão ingrato e tão insensível, que se não deixe mover desta razão: *Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesu* (Flp. 2,5), diz São Paulo: O que Cristo Jesus sentiu em si, devemos nós sentir em nós — ele por amor de nós, e nós por amor dele. E se a vossa devoção deseja saber e me pergunta de que modo poremos em prática este recíproco sentimento, mortificando-nos também em todos os nossos sentidos, digo primeiramente que mortifiquemos o ver, andando nestes dias com grande modéstia e recato, e negando aos olhos as vistas de todas as criaturas, e apartando-os principalmente daquelas que mais nos agradam e mais nos apartam de Deus. Os olhos têm dois ofícios: ver e chorar; e mais parece que os criou Deus para chorar que para ver, pois os cegos não vêem e choram. Já que tantos dias damos aos olhos para ver, já que tão cansados andam os nossos olhos de ver, não lhes daremos alguns dias de férias, para que descansem em chorar? Chorem os nossos olhos os nossos pecados nestes dias, e chorem muito em particular o não haverem antes cegado que ofendido a Deus. Ah! Senhor, quanto melhor fora não ter olhos, que ter-vos ofendido com eles!

390. O sentido de ouvir mortificá-lo-emos, retirando-nos esta semana de todas as práticas e conversações, não só ilícitas e ociosas, mas ainda das lícitas. Troquemos o ouvir pelo ler, lendo todos estes dias algum livro espiritual em que Deus nos fale e nós o ouçamos. A quem não está muito exercitado no orar, é mais fácil o ler, e muitas vezes mais proveitoso. Na oração falamos nós com Deus; na lição fala Deus conosco. E de quantas coisas — que fora melhor não ouvir — ouvimos todo o ano aos homens; estes dias ao menos, bem é que ouçamos a Deus.

391. No sentido do olfato pouco têm que mortificar os homens nesta terra, porque não vejo nela este vício. Nas mulheres, se nelas há alguma demasia, lembrem-se de que nesta semana derramou a Madalena os seus cheiros e os seus unguentos aos pés de Cristo. E para os aborrecerem e detestarem para sempre, saibam que a última disposição da morte do mesmo Senhor foram estes cheiros. Porque a Madalena derramou os unguentos, se excitou a cobiça de Judas; porque em Judas se excitou a cobiça, tratou da venda; porque vendeu a seu Mestre, o prenderam e o mataram. Por isso o Senhor disse — e este é o sentido literal: *-Mittens haec unguentum hoc in corpus meum, ad sepeliendum me fecit⁸*, como se dissera: Estes unguentos são para a minha sepultura, porque destes unguentos se me há de ocasionar a morte.

392. O sentido do gosto, ainda que se tenha mortificado por toda a Quaresma com o jejum ordinário, nestes dias é bem que haja para ele alguma particular mortificação. Muitos santos do ermo passavam esta semana inteira sem comer, e pessoas de mui diferente estado, não no ermo, senão nas cortes, passam em jejum de quinta-feira até sábado. Nos maiores dias desta semana é estilo das mesas dos grandes príncipes não se porem nelas mais que ervas; para estes dias se fizeram propriamente os jejuns de pão e água: ao menos estes dias não são para regalo. O cordeiro mandava Deus que se comesse com alfices agrestes, porque o agreste e desabrido no comer destes dias é a melhor disposição para comer quinta-feira o Divino Cordeiro sacramentado.

393. O sentido do tato, como o mais vil e mais delinqüente que todos, é razão que seja nestes dias mais mortificado. Quando Urias veio do exército com aviso a el-rei Davi, disse-lhe o rei que fosse descansar à sua casa. E ele, que respondeu? E bem, Senhor: está o meu general dormindo sobre a terra na campanha, e eu que me haja de deitar em cama? Não farei tal desprimor. — E foi-se deitar em uma tábua no corpo da guarda. A cama em que dormiu o último sono da morte o nosso Jesus, bem sabeis qual foi. Pois, será justo que quando ele tem por cama o duro madeiro da cruz, descanse o nosso corpo tão regaladamente como nos outros dias? Alguma diferença é bem que haja nestes. Ao menos o nosso rei e seus filhos, de quinta-feira até domingo não se deitam em cama, nem se assentam, senão no chão, assistindo sempre ao Senhor, sem sair nunca da Capela Real, nem de dia, nem de noite. Estas são as noites e os dias para que se fizeram as penitências: para estas noites se fizeram os pés descalços, para estas noites as disciplinas, e para estes dias e para estas noites os cilícios. Que poucos cilícios deve de haver no Maranhão? Não vos escuseis com isto.

394. Quando os ninivitas se resolveram a fazer penitência, mandaram que todos, não só os homens, senão também os animais, se cobrissem de cilício. Que fosse tão universal a penitência, que até aos animais a estendessem, não me espanta, porque a contrição, quando é verdadeira, dá nestes extremos. O que sobretudo pode admirar a muitos é que, sendo a cidade tão grande, que só de crianças inocentes tinha cento e vinte mil, e, sendo os moradores tão ociosos, que os mandava Deus subverter, houvesse em tal cidade e entre tal gente tantos cilícios, que se pudessem cobrir deles tanta imensidade de homens, mulheres e meninos, e até os animais. Se o não dissera a Escritura, parecera coisa incrível, mas é muito fácil de crer. Os cilícios, não é necessário que sejam tecidos de sedas de camelo, como os do Batista; de qualquer coisa áspera se faz um cilício, se há devoção e vontade de o trazer. Um irmão tivemos na Companhia, chamado Luís Gonzaga, o qual era filho herdeiro dos Marqueses de Castiglione, em Itália; e como em casa de seu pai houvesse mais instrumentos de cavalaria que de penitência, tomava o devoto moço umas esporas de roseta, e, pondo-as de uma parte e de outra, fazia delas cilício. E porque aplicou as esporas desta maneira a seu corpo, correu com tanta velocidade a carreira da virtude e perfeição, que em menos de vinte e três anos, que só teve de vida, mereceu ser — como já é — contado entre os beatos. Assim que, para haver cilícios, não são necessários camelos nem teares, se há vontade e devoção.

395. Estas são as mortificações com que os nossos cinco sentidos hão de imitar nesta semana as penas de Cristo. Não falo na continência de outros vícios, porque sei que estamos em terra de cristãos. Mas porque também estamos em terra de soldados, advirto que em dia de Ramos se cerram as portas às casas de jogo, e que não é coisa que devam consentir os oficiais nem ao soldado mais perdido. Queixa-se Cristo pelo profeta de que no dia de sua Paixão lhe jogassem as vestiduras: *Et super vestem meam miserunt sortem⁹*. Assim foi que os que crucificaram ao Senhor, depois que o tiveram posto na cruz, lançaram as mãos aos dados, e jogaram os sagrados vestidos. E acrescenta logo o evangelista: *Et milites quidem haec fecerunt* (Jo. 19,24): E os que fizeram isto foram os soldados. — Os soldados foram também os que crucificaram ao Senhor, mas o evangelista não faz a reflexão em que eles o crucificaram, senão em que jogaram as vestiduras, porque o crucificar a Cristo foi obediência de seus maiores, o jogar as vestiduras foi vício depravado seu. Sabeis quem joga em tais dias como estes? Só quem crucifica a Cristo, e quem jogara suas sagradas vestiduras, se as tivera. Quero-vos contar o que me sucedeu em Inglaterra. Iam comigo dois portugueses, os quais em um domingo se puseram a jogar as tábulas em uma estalagem; saiu o hóspede muito assustado, e como fora de si: — E bem, senhores, quereis que me venham queimar a casa? — Queimar a casa? E por quê? — Porque é esse um jogo que se pode ouvir de fora, e se o ouvirem, ou souberem os magistrados, sou perdido. — Assim o dizia este homem, e assim havia de ser. E para que mais vos admireis, a cidade, ou vila, era Dovres, porto e escala marítima, onde todos, sem se excetuar um só, são hereges. Oh! vergonha dos que tanto nos prezamos do nome

de católicos! Se em terra de hereges é sacrilégio jogar as tábulas em um domingo ordinário, que será jogar, ou estes ou outros jogos, em uma Semana Santa, em terra onde se adora a cruz e as imagens de Cristo, e se celebram os mistérios de sua morte? Seja esta também uma das mortificações que pertencem ao corpo.

§IV

O que há de fazer a alma: meditar perguntando a si mesma três coisas: Quem padece? Que padece? Por quem padece?

396. E a alma, que há de fazer? O corpo, imitar; a alma, meditar: o corpo com os ramos da palma, a alma com os da oliveira. A alma nestes santos dias há de fazer do coração um Monte Calvário, levantar nele um Cristo crucificado, e pôr-se desta maneira a contemplar suas dores. Oh! quem pudera explicar-se agora com o pensamento, e falar com o silêncio! Quando os amigos de Jó o foram visitar nos seus trabalhos, diz a Escritura Sagrada que estiveram uma semana inteira olhando só para ele, sem falarem palavra. Assim o hão de fazer nossas almas esta semana, se são amigas de Jesus: olhar, calar e pasmar. Oh! que vista! Oh! que silêncio! Oh! que admiração! Oh! que pasmo! Só três coisas dou licença a nossas almas que se possam perguntar a si mesmas no meio desta suspensão. Quem padece? Que padece? Por quem padece? E que meditação esta para uma eternidade!

397. Quem padece? Deus, aquele ser eterno, infinito, imenso, todo-poderoso, aquele que criou o céu e a terra com uma palavra, e o pode aniquilar com outra; aquele, diante de cujo acatamento, os principados, as potestades e as dominações, e todas as hierarquias estão tremendo. Este Deus, cuja grandeza, este Deus, cuja majestade, este Deus, cuja soberania incompreensível só ele conhece inteiramente, e todos os entendimentos criados com infinita distância de nenhum modo podem alcançar, este, este é o que padece. Aqui se há de fazer uma pausa, e pasmar. São Bernardo, cheio de pasmo e assombro nesta mesma consideração, rompeu dizendo: *Ergo ne credendum est, quod iste sit Deus, qui flagellatur, qui conspuitur, qui crucifigitur?* É possível que se há de crer que este, que padece tantas injúrias e afrontas, e a mesma morte, é aquele mesmo Deus imortal, impassível, eterno, que não teve princípio, e é o princípio e fonte de todo ser? Este, este é; que nem ele fora Deus, nem a nossa fé fora fé, se ela não fizera, e nós não crêramos o que excede toda a capacidade humana. Por isso Isaías, quando entrou a falar da Paixão, como profeta que sobre todos era o mais eloquente, o exórdio por onde começou, foi aquela pergunta: *Quis credidit auditui nostro* (Is. 53,1)? Quem haverá que dê crédito ao que há de ouvir de minha boca? — Tão alheio é quem padece do que padece, e este é Deus. Vede se há bem de que pasmar aqui.

398. Depois de considerarmos que é Deus quem padece, então se segue a consideração do que padece. E não só havemos de trazer à memória o que já vimos que padeceu exteriormente em todos os sentidos do corpo, mas muito mais devemos considerar e ponderar o que padeceu no interior da alma e em todas suas potências. Com dois nomes, ou com duas semelhanças nos declarou nosso amorosíssimo Redentor o que padeceu em sua Paixão, com nome e semelhança de cálix, quando disse a S. Pedro: *Calicem, quem dedit mihi Pater, non vis ut bibam illum* (Jo. 18,11)? O cálix que me deu meu Padre, não queres que o beba? — E com nome e semelhança de Batismo, quando disse a todos os discípulos: *Baptismo habeo baptizari, et quomodo coarctor usque dum perficiatur* (Lc. 12,50)? Eu hei de ser batizado em um batismo, o qual desejo com grandes ânsias e aperto do coração até que chegue. — De sorte que declarou o Senhor o que havia de padecer por nós, já chamando-lhe cálix, já batismo, e por quê? Porque o batismo recebe-se por fora, o cálix bebe-se por dentro, e Cristo, Redentor nosso, em toda sua Paixão não só padeceu por fora os martírios do corpo, senão também, e muito mais, por dentro os tormentos da alma. Por fora padeceu os tormentos dos açoites, dos espinhos, dos cravos, da lança, que o banharam todo em sangue, e por isso lhes chamou Batismo; por dentro padeceu as tristezas, os tédios, os temores, as angústias e agonias, que, sem ferro, lhe tiraram também sangue no Horto, e lhe penetravam mortalmente a alma: *Tristis est anima mea usque ad mortem!*^o.

399. Oh! quem pudesse entrar profundamente no interior da alma de Jesus, e entender o que naquele consistório sacratíssimo e secretíssimo das suas três potências passava e se conferia em tantas horas! A memória, desde o princípio do mundo representava os pecados de todos os homens, por quem satisfazia a divina justiça; o entendimento ponderava o pouco número dos mesmos homens que se haviam de aproveitar do preço infinito daqueles tormentos, e a vontade se desfazia com dor de ver perder tantas almas por sua culpa, sem achar consolação alguma a tamanha perda; e esta era a tristeza que ocupava toda a alma do Salvador, e com três cravos mais agudos e penetrantes a crucificava. Aqui havemos de fazer a segunda pausa, e pasmar tanto daquele infinito amor, como da nossa infinita cegueira. Oh! Senhor, quantos pode ser que vísseis então, dos que agora se acham nesta mesma igreja, que, por que haviam de desprezar e condenar as suas almas, agonizavam a vossa! Considere cada um se porventura, ou eterna desventura, é algum destes, e veja bem o seu perigo, enquanto tem tempo.

400. Este é o Deus que padece, estas as penas e dores que padece, e só resta ver por quem padece. Se a fé me não ensinara outra coisa, cuidara eu que padecia Deus pelo céu, porque vejo o sol eclipsado e coberto de luto; cuidara que padecia pela terra, porque a vejo tremer e arrancar-se de seu próprio centro; cuidara que padecia pelas pedras, porque as vejo quebrarem-se umas com outras e abrirem-se as sepulturas; cuidara que padecia pelo Templo de Jerusalém, porque vejo

rasgar-se de alto a baixo o véu do *Sancta Sanctorum*; cuidara que padecia por este mundo elementar, porque vejo confusos, perturbados, atônitos e com prodígios de sentimento e assombro todos os elementos. Mas não são estas as criaturas por quem padece Deus, posto que todas confessam que padece seu Criador; e, com serem irracionais e insensíveis, quiseram acabar com ele quando o vêem morrer. Quem são logo aqueles por quem padece o Autor da natureza, e por quem morre o Autor da vida? Sou eu, sois cada um de vós, e somos todos os homens. Por nós, e só por nós padece Deus; por nós, e só por nós padece quanto padece. Por nós que, depois de nos criar, o não respeitamos; por nós que, depois de nos sustentar, o não servimos; por nós que, depois de nos remir, o não obedecemos; por nós que, depois de morrer por nosso amor, o não amamos; por nós que, depois de se pôr em uma cruz por nós, o tornamos a crucificar mil vezes; por nós que, esperando-nos assim, e chamando-nos com os braços abertos, não queremos acudir a suas vozes; por nós, enfim, que, sabendo que nos há de julgar, e nos prometeu o céu, se o não ofendermos, queremos antes o inferno sem ele, que o céu com ele. Isto é o que faz todo o homem que peca mortalmente, e isto o que continua a fazer enquanto se não tira do pecado, para que vejais se tem razão, não só de pasmar, mas de perder o juízo.

§V

Deus só com memórias se contenta. Como correr as igrejas? A modéstia na assistência aos Divinos Ofícios. Oração.

401. Estes são, cristãos, os três pontos breves e altíssimos que havemos de meditar nestes poucos dias, os quais torno a repetir, para que vos fiquem bem na memória: Quem padece, o que padece, e por quem padece? Espero de vossa cristandade, que não só para estes dias da Semana Santa, senão para todos os de vossa vida, haveis de tomar esta devoção tão devida ao que nos merece o amor de quem deu a sua por nós. E ninguém se escuse com dizer que não sabe meditar ou discorrer, porque Deus não quer discursos, senão vontades, antes, nem ainda vontades nos pede; só com memórias se contenta: *Hoc facite in meam commemorationem!*: Filhos — diz Cristo — dei a vida, dei o sangue, dei-me todo a mim mesmo por vosso amor; não quero de vós outra paga, senão que vos lembreis de mim. — De quantas coisas disse e fez o Filho de Deus na vida e na morte, nenhuma é mais para enternecer, e ainda magoar qualquer coração humano, que esta última recomendação com que se despediu de nós. Que Deus, feito homem por amor dos homens, e morto por amor dos homens, chegue a pedir aos mesmos homens que se lembrem dele? Oh! amor! Oh! benignidade divina! Oh! dureza! Oh! ingratidão humana! É Deus tão amoroso e tão benigno que nos pede a nossa memória, e somos tão duros e tão ingratos, que é necessário a Deus que no-la peça. Não me entenece tanto, nem me move tanto à compaixão tudo o que Cristo padeceu, quanto o que argüi no seu coração e nos nossos esta lastimosa recomendação. E que lástima seria, cristãos, ou que lástima é tão indigna, e tão afrontosa de nossos corações, que, pedindo-nos um tão bom Senhor só a memória, ainda essa lhe neguemos?

402. Ora, por reverência do sangue, da morte e de toda a Paixão de Jesus, que não seja assim ao menos nestes santos dias. Lembremo-nos de suas dores, lembremo-nos de suas penas, lembremo-nos de suas chagas, e, sobretudo, lembremo-nos de seu amor. Com esta memória nos levantemos ao amanhecer, com esta memória nos recolhemos à noite, e nesta memória gastemos alguma parte dela. Particularmente vos encomendo muito esta única memória nas igrejas e no correr das igrejas. Grande fraqueza é a dos homens, e grande a astúcia do demônio, que até nesta Santa Semana nos arme laços e no-los teça da nossa própria devoção. As igrejas não se hão de correr por ostentação, nem por festa, nem por curiosidade, nem para ver quem vai, e como vai, e com quem vai, senão para ir com os olhos no chão, e a alma mui dentro em si mesma, considerando que naquele mesmo dia e por aqueles mesmos passos ia Deus com uma cruz às costas a morrer por mim, para que eu não morresse eternamente, e padecendo tantas afrontas e penas, para me livrar das do inferno. Oh! que memória esta para nos tirar tudo o mais da memória! Finalmente, chegados à igreja, haveis de imaginar que chegais ao Monte Calvário — que não é imaginação, senão verdade de fé, porque ali estava realmente o mesmo Cristo — e fazer com efeito o que fizéreis, se então estivera o Senhor na cruz, e o víreis com vossos olhos.

403. Com esta modéstia e com esta consideração havemos de correr e visitar as igrejas, e com a mesma, e muito maior, assistir nelas aos Divinos Ofícios, e não olhando, falando e conversando, que é um abuso maldito, o qual, não se vendo em outra alguma parte da cristandade, só em Espanha e Portugal — onde tanto nos prezamos de católicos — se tem introduzido, com escândalo e abominação até dos hereges. Oh! se assistíramos nas nossas igrejas como eles nas suas, posto que indignas de tão sagrado nome, onde não há altar, nem cruz, nem está Cristo! Por amor do mesmo Cristo, cristãos e cristãs, que não cometamos uma tão grande indecência, e não façamos um tão público e manifesto agravo à fé com que cremos que aquele Senhor, que temos presente no Santíssimo Sacramento, é o mesmo que esteve por nós crucificado no Calvário. No Calvário assistiram a Cristo a Virgem Senhora nossa, São João, Santa Maria Madalena, e outras Marias, e é coisa digníssima de se notar que em todos os quatro evangelistas se não diz que alguma de todas estas pessoas falasse uma só palavra. Todos viam e consideravam o que passava, mas ninguém falava, porque os mistérios da Paixão querem-se venerados com suma atenção e meditados com sumo silêncio.

404. Façamos, pois, todos nestes dias este pequeno sacrifício — de que ninguém tem causa para se escusar — e

com satisfação do muito que temos ofendido a Deus com nossas línguas, ofereçamos-lhes o não falarmos com outrem, senão com ele, ao menos enquanto estivermos na sua presença. De tudo o mais que até aqui tenho dito, fará cada um o que seu fervor e devoção lhe ditar; mas deste silêncio, modéstia e reverência nas igrejas, a ninguém excetua o mesmo Cristo. Lembremo-nos que somos cristãos, e que em alguma coisa se há de ver que o somos, e que desse mesmo sermão, e das advertências que nele vos tenho feito, vos há de pedir Deus estreita conta. Lembremo-nos de quantas Semanas Santas têm passado sem nos aproveitarmos delas, e que pode mui bem ser que seja esta a última para alguns de nós. Quantos viram a passada, que não vêem esta, e quantos verão esta, que não hão de ver a que vem! Se soubéramos de certo que havia de ser esta a última Semana Santa de nossa vida, que havíamos de fazer? Pois, façamos isso mesmo, e não o façamos por temor da nossa morte, senão por amor de Jesus.

405. Ah! Senhor, que as minhas palavras são de regelo, e estes corações, sem vossa graça, de bronze. Quando expirastes na cruz, inclinastes a cabeça sobre o peito, em sinal que haviéis de pôr os olhos em vós, e não em nós, em vosso coração, e não em nossos pecados. Desse mesmo coração alanceado e ofendido saíram os dois elementos com que formastes vossa Igreja; saíam também agora os espíritos vitais, espíritos de vida e graça, com que a reformeis. E, assim como alumiasse e destes vista ao mesmo que vos feriu, assim, posto que tão ferido e ofendido de nós — pois está sempre vivo no vosso coração o mesmo amor — saia dele um raio de luz que alumie nossas cegueiras. Fertilize, Senhor, este sangue, e regue esta água que saiu de vosso coração, nossas almas, que todas rendidas a vosso amor, e prostradas ao pé de vossa cruz, contritas e humilhadas, vos pedem perdão de todas suas culpas e de todas as ofensas vossas até esta hora cometidas. Nunca mais, Senhor, ofender-vos, nunca mais, por serdes vós quem sois. Assim o prometemos e protestamos firmissimamente. E assim o esperamos, clementíssimo Jesus, de vossa misericórdia infinita, dos merecimentos de vossa Paixão, e dos auxílios de vossa graça. Amém.

SERMÃO DO BOM LADRÃO

PREGADO NA IGREJA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA, ANO 1655

Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum: Hodie mecum eris in Paradiso!

§I

Não diz a doutrina do sermão com o lugar, pois o texto em que se funda pertence mais à majestade da Capela Real que à piedade da Misericórdia de Lisboa. Assunto: Nem os reis podem ir ao Paraíso, sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno, sem levar consigo os reis.

406. Este sermão, que hoje se prega na Misericórdia de Lisboa, e não se prega na Capela Real, parecia-me a mim que lá se havia de pregar, e não aqui. Daquela pauta havia de ser, e não desta. E por quê? Porque o texto em que se funda o mesmo sermão, todo pertence à majestade daquele lugar, e nada à piedade deste. Uma das coisas que diz o texto é que foram sentenciados em Jerusalém dois ladrões, e ambos condenados, ambos executados, ambos crucificados e mortos, sem lhes valer procurador nem embargos. Permite isto a misericórdia de Lisboa? Não. A primeira diligência que faz é eleger por procurador das cadeias um irmão de grande autoridade, poder e indústria, e o primeiro timbre deste procurador é fazer honra de que nenhum malfeitor seja justificado em seu tempo. Logo esta parte da história não pertence à Misericórdia de Lisboa. A outra parte — que é a que tomei por tema — toda pertence ao Paço e à Capela Real. Nela se fala com o rei: *Domine*; nela se trata do seu reino: *cum veneris in regnum tuum*; nela se lhe apresentam memoriais: *memento mei*; e nela os despacha o mesmo rei logo, e sem remissão, a outros tribunais: *Hodie mecum eris in Paradiso*. O que me podia retrair de pregar sobre esta matéria, era não dizer a doutrina com o lugar. Mas deste escrúpulo, em que muitos pregadores não reparam, me livrou a pregação de Jonas. Não pregou Jonas no paço, senão pelas ruas de Nínive, cidade de mais longes que esta nossa, e diz o texto sagrado que logo a sua pregação chegou aos ouvidos do rei: *Pervenit verbum ad regem* (Jon. 3,6). Bem quisera eu que o que hoje determino pregar chegara a todos os reis, e mais ainda aos estrangeiros que aos nossos. Todos devem imitar ao Rei dos reis, e todos têm muito que aprender nesta última ação de sua vida. Pediu o Bom Ladrão a Cristo que se lembrasse dele no seu reino: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum*. E a lembrança que o Senhor teve dele foi que ambos se vissem juntos no Paraíso: *Hodie mecum eris in Paradiso*. Esta é a lembrança que devem ter todos os reis, e a que eu quisera lhes persuadissem os que são ouvidos de mais perto. Que se lembrem não só de levar os ladrões ao Paraíso, senão de os levar consigo: *Mecum*. Nem os reis podem ir ao paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno sem levar consigo os reis. Isto é o que hei de pregar. *Ave Maria*.

§II

A novidade de um assunto que devera ser mui antigo e mui freqüente.

407. Levarem os reis consigo ao Paraíso ladrões não só não é companhia indecente, mas ação tão gloriosa e verdadeiramente real, que com ela coroou e provou o mesmo Cristo a verdade do seu reinado, tanto que admitiu na cruz o título de rei. Mas o que vemos praticar em todos os reinos do mundo é tanto pelo contrário que, em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao Paraíso, os ladrões são os que levam consigo os reis ao inferno. E se isto é assim, como logo mostrarei com evidência, ninguém me pode estranhar a clareza ou publicidade com que falo e falarei, em matéria que envolve tão soberanos respeitos, antes admirar o silêncio, e condenar a desatenção com que os pregadores dissimulam uma tão necessária doutrina, sendo a que devera ser mais ouvida e declamada nos púlpitos. Seja, pois, novo hoje o assunto, que devera ser muito antigo e mui freqüente, o qual eu prosseguirei tanto com maior esperança de produzir algum fruto, quanto vejo enobrecido o auditório presente com a autoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunais, sobre cujo conselho e consciência se costumam descarregar as dos reis.

§III

Sem restituição do alheio não pode haver salvação. O preceito da restituição na Lei Velha. Diferença entre o ladrão Dimas e o ladrão Zaqueu. Enquanto não saiu da casa de Zaqueu a restituição, não podia entrar nela a salvação.

408. E para que um discurso tão importante e tão grave vá assentado sobre fundamentos sólidos e irrefragáveis, suponho primeiramente que sem restituição do alheio não pode haver salvação. Assim o resolvem com Santo Tomás todos os teólogos, e assim está definido no capítulo *Si res aliena*, com palavras tiradas de Santo Agostinho, que são estas: *Si res aliena propter quam peccatum est, reddi potest, et non redditur, poenitentia non agitur sed simulatur. Si autem veraciter agitur non remittitur peccatum, nisi restituatur ablatum, si, ut dixi, restitui potest.* Quer dizer: Se o alheio, que se tomou ou retém, se pode restituir, e não se restitui, a penitência deste e dos outros pecados não é verdadeira penitência, senão simulada e fingida, porque se não perdoa o pecado sem se restituir o roubado, quando quem o roubou tem possibilidade de o restituir. — Esta única exceção da regra foi a felicidade do Bom Ladrão, e esta a razão por que ele se salvou, e também o mau se pudera salvar sem restituírem. Como ambos saíram do naufrágio desta vida despidos e pegados a um pau, só esta sua extrema pobreza os podia absolver dos latrocínios que tinham cometido, porque, impossibilitados à restituição, ficavam desobrigados dela. Porém, se o Bom Ladrão tivera bens com que restituir, ou em todo, ou em parte o que roubou, toda a sua fé e toda a sua penitência, tão celebrada dos santos, não bastara a o salvar, se não restituísse. Duas coisas lhe faltavam a este venturoso homem para se salvar: uma como ladrão que tinha sido, outra como cristão que começava a ser. Como ladrão que tinha sido, faltava-lhe com que restituir; como cristão que começava a ser, faltava-lhe o Batismo; mas assim como o sangue que derramou na cruz lhe supriu o Batismo, assim a sua desnudez e a sua impossibilidade lhe supriu a restituição, e por isso se salvou. Vejam agora, de caminho, os que roubaram na vida, e nem na vida, nem na morte restituíram, antes na morte testaram de muitos bens e deixaram grossas heranças a seus sucessores, vejam onde irão ou terão ido suas almas, e se se podiam salvar.

409. Era tão rigoroso este preceito da restituição na lei velha, que, se o que furtou não tinha com que restituir, mandava Deus que fosse vendido, e restituísse com o preço de si mesmo: *Si non habuerit quod pro furto reddat, ipse venundabitur* (Êx. 22,3). De modo que, enquanto um homem era seu, e possuidor da sua liberdade, posto que não tivesse outra coisa, até que não vendesse a própria pessoa, e restituísse o que podia com o preço de si mesmo, não o julgava a lei por impossibilitado à restituição, nem o desobrigava dela. Que uma tal lei fosse justa não se pode duvidar, porque era lei de Deus, e posto que o mesmo Deus na lei da graça derogou esta circunstância de rigor, que era de direito positivo; porém na lei natural, que é indispensável, e manda restituir a quem pode e tem com que, tão fora esteve de variar ou moderar coisa alguma, que nem o mesmo Cristo na cruz prometeria o Paraíso ao ladrão, em tal caso, sem que primeiro restituísse. Ponhamos outro ladrão à vista deste, e vejamos admiravelmente no juízo do mesmo Cristo a diferença de um caso a outro.

410. Assim como Cristo, Senhor nosso, disse a Dimas: *Hodie mecum eris in Paradiso*: Hoje serás comigo no Paraíso — assim disse a Zaqueu: *Hodie salus domui huic facta est* (Lc. 19,9): Hoje entrou a salvação nesta tua casa. — Mas o que muito se deve notar é que a Dimas prometeu-lhe o Senhor a salvação logo, e a Zaqueu não logo, senão muito depois. E por que, se ambos eram ladrões, e ambos convertidos? Porque Dimas era ladrão pobre, e não tinha com que restituir o que roubara; Zaqueu era ladrão rico, e tinha muito com que restituir: *Zacheus princeps erat publicanorum, et ipse dives*, diz o evangelista.² E ainda que ele o não disserra, o estado de um e outro ladrão o declarava assaz. Por quê? Porque Dimas era ladrão condenado, e se ele fora rico, claro está que não havia de chegar à forca; porém Zaqueu era ladrão tolerado, e a sua mesma riqueza era a imunidade que tinha para roubar sem castigo, e ainda sem culpa. E como Dimas era ladrão pobre, e não tinha com que restituir, também não tinha impedimento a sua salvação, e por isso Cristo lhe concedeu no mesmo momento. Pelo contrário, Zaqueu, como era ladrão rico, e tinha muito com que restituir, não lhe podia Cristo segurar a salvação antes que restituísse, e por isso lhe dilatou a promessa. A mesma narração do Evangelho é a melhor prova desta diferença.

411. Conhecia Zaqueu a Cristo só por fama, e desejava muito vê-lo. Passou o Senhor pela sua terra, e como era pequeno de estatura, e o concurso muito, sem reparar na autoridade da pessoa e do officio: *Princeps publicanorum*, subiu-se a uma árvore para o ver, e não só viu, mas foi visto, e muito bem visto. Pôs nele o Senhor aqueles divinos olhos, chamou-o por seu nome, e disse-lhe que se descesse logo da árvore, porque lhe importava ser seu hóspede naquele dia: *Zachee, festinans descende, quia hodie in domo tua oportet me manere*³. Entrou, pois, o Salvador em casa de Zaqueu, e aqui parece que cabia bem o dizer-lhe, que então entrara a salvação em sua casa; mas nem isto, nem outra palavra disse o Senhor. Recebeu-o Zaqueu e festejou a sua vinda com todas as demonstrações de alegria: *Exceptit illum gaudens*⁴, e guardou o Senhor o mesmo silêncio. Assentou-se à mesa abundante de iguarias, e muito mais de boa vontade, que é o melhor prato para Cristo, e prosseguiu na mesma suspensão. Sobretudo disse Zaqueu que ele dava aos pobres a metade de todos seus bens: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus*⁵. E sendo o Senhor aquele que no dia do Juízo só aos merecimentos da esmola há de premiar com o reino do céu, quem não havia de cuidar que a este grande ato de liberalidade com os pobres responderia logo a promessa da salvação? Mas nem aqui mereceu ouvir Zaqueu o que depois lhe disse Cristo. — Pois, Senhor, se vossa piedade e verdade tem dito tantas vezes que o que se faz aos pobres se faz a vós mesmo, e este homem na vossa pessoa vos está servindo com tantos obséquios, e na dos pobres com tantos empenhos, se vos convidastes a ser seu hóspede para o salvar, e a sua salvação é a importância que vos trouxe à sua casa, se o chamastes, e acudiu com tanta diligência, se lhe dissesstes que se apressasse: *Festinans descende*⁶, e ele se não deteve um momento, por que lhe dilatais tanto a mesma graça que lhe desejais fazer, por que o não acabais de absolver, por que lhe não segurais a salvação?

412. Porque este mesmo Zaqueu, como cabeça de publicanos: *Princeps publicanorum*, tinha roubado a muitos, e como rico que era: *Et ipse dives*, tinha com que restituir o que roubara, e enquanto estava devedor e não restituía o alheio, por mais boas obras que fizesse, nem o mesmo Cristo o podia absolver, e por mais fazenda que despendesse piamente, nem o mesmo Cristo o podia salvar. Todas as outras obras, que depois daquela venturosa vista fazia Zaqueu, eram muito louváveis; mas enquanto não chegava a fazer a da restituição, não estava capaz da salvação. Restitua, e logo será salvo: e assim foi. Acrescentou Zaqueu que tudo o que tinha mal adquirido restituía em quatro dobros: *Et si aliquem defraudavi, reddo quadruplum*⁷. E no mesmo ponto o Senhor, que até ali tinha calado, desfechou os tesouros de sua graça e lhe anunciou a salvação: *Hodie salus domui huic facta est*⁸. De sorte que, ainda que entrou o Salvador em casa de Zaqueu, a salvação ficou de fora, porque, enquanto não saiu da mesma casa a restituição, não podia entrar nela a salvação. A salvação não pode entrar sem se perdoar o pecado, e o pecado não se pode perdoar sem se restituir o roubado: *Non dimittitur peccatum, nisi restituatur ablatum*.

§1V

A restituição do alheio não só obriga aos súditos, senão também aos príncipes. O que diz Santo Tomás. A opinião de Santo Agostinho: Que são os reinos, senão grandes ladroeiros? Como definiu Sêneca os reis e os piratas?

413. Suposta esta primeira verdade certa e infalível, a segunda coisa que suponho com a mesma certeza é que a restituição do alheio, sob pena da salvação, não só obriga aos súditos e particulares, senão também aos cetros e às coroas. Cuidam ou devem cuidar alguns príncipes que, assim como são superiores a todos, assim são senhores de tudo, e é engano. A lei da restituição é lei natural e lei divina. Enquanto lei natural obriga aos reis, porque a natureza fez iguais a todos; e enquanto lei divina também os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que eles. Esta verdade só tem contra si a prática e o uso. Mas por parte deste mesmo uso argumenta assim Santo Tomás, o qual é hoje o meu doutor, e nestas matérias o de maior autoridade: *Terrarum principes multa a suis subditis violenter extorquent, quod videtur ad rationem rapinae pertinere; grave autem videtur dicere, quod in hoc peccent, quia sic fere omnes principes damnarentur. Ergo rapina in aliquo quo casu est licita*. Quer dizer: A rapina ou roubo é tomar o alheio violentamente contra a vontade de seu dono; os príncipes tomam muitas coisas a seus vassallos violentamente, e contra sua vontade: logo, parece que o roubo é lícito em alguns casos, porque, se dissermos que os príncipes pecam nisto, todos eles, ou quase todos se condenariam: *Fere omnes principes damnarentur*. Oh! que terrível e temerosa conseqüência, e quão digna de que a considerem profundamente os príncipes, e os que têm parte em suas resoluções e conselhos! Responde ao seu argumento o mesmo Doutor Angélico, e, posto que não costumo molestar os ouvintes com latins largos, hei de referir as suas próprias palavras: *Dicendum, quod si principes a subditis exigunt quod eis secundum justitiam debetur propter bonum commune conservandum, etiam si violentia adhibeatur; non est rapina. Si vero aliquid principes idebite extorqueant, rapina est, sicut et latrocinium. Unde ad restitutionem tenentur sicut et latrones. Et tanto gravius peccant quam latrones, quanto periculosius et communius contra publicam justitiam agunt, cujus custodes sunt positi*: Respondo — diz Santo Tomás — que se os príncipes tiram dos súditos o que segundo justiça lhes é devido para conversação do bem comum, ainda que o executem com violência, não é rapina ou roubo. Porém, se os príncipes tomarem por violência o que se lhes não deve, é rapina e latrocínio. Donde se segue que estão obrigado à restituição, como os ladrões, e que pecam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso e mais comum o dano com que ofendem a justiça pública, de que eles estão postos por defensores.

414. Até aqui acerca dos príncipes o Príncipe dos Teólogos. E por que a palavra rapina e latrocínio, aplicada a

sujeitos da suprema esfera, é tão alheia das lisonjas que estão costumados a ouvir, que parece conter alguma dissonância, escusa tacitamente o seu modo de falar, e prova a sua doutrina o santo Doutor com dois textos alheios, um divino, do profeta Ezequiel, e outro pouco menos que divino, de Santo Agostinho. O texto de Ezequiel é parte do relatório das culpas por que Deus castigou tão severamente os dois reinos de Israel e Judá, um com o cativo dos assírios, e outro com o dos babilônios; e a causa que dá, e muito pondera, é que os seus príncipes, em vez de guardarem os povos como pastores, os roubavam como lobos: *Principes ejus in medio illius, quasi lupi rapientes praedam.*⁹ Só dois reis elegeram Deus por si mesmo, que foram Saul e Davi, e a ambos os tirou de pastores, para que, pela experiência dos rebanhos que guardavam, soubessem como haviam de tratar os vassallos; mas seus sucessores, por ambição e cobiça, degeneraram tanto deste amor e deste cuidado que, em vez de os guardar e apascentar como ovelhas, os roubavam e comiam como lobos: *Quasi lupi rapientes praedam.*

415. O texto de Santo Agostinho fala geralmente de todos os reinos, em que são ordinárias semelhantes opressões e injustiças, e diz que, entre os tais reinos e as covas dos ladrões — a que o santo chama latrocínios — só há uma diferença. E qual é? Que os reinos são latrocínios, ou ladroeiros grandes, e os latrocínios, ou ladroeiros, são reinos pequenos: *Sublata justitia, quid sunt regna, nisi magna latrocinia? Quia et latrocinia quid sunt, nisi parva regna?* É o que disse o outro pirata a Alexandre Magno. Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. — Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? — Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem.* Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

416. Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estóico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos, em tempo de príncipes católicos e timoratos, ou para a emenda, ou para a cautela, não puguem a mesma doutrina. Saibam estes eloqüentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam, que com o que disserem, porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. Mas passemos brevemente à terceira e última suposição, que todas três são necessárias para chegarmos ao ponto.

§ V

Não trata o autor dos ladrões a quem a pobreza condenou a este gênero de vida, mas dos ladrões de maior calibre como os de que falava Diógenes na Grécia, e Sidônio Apolinar em Roma.

417. Suponho finalmente que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria, ou escusa, ou alivia o seu pecado, como diz Salomão: *Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animam.*¹⁰ O ladrão que furta para comer, não vai, nem leva ao inferno; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões, de maior calibre e de mais alta esfera, os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento, distingue muito bem S. Basílio Magno: *Non est intelligendum fures esse solum bursarum incisores, vel latrocinantes in balneis; sed et qui duces legionum statuti, vel qui commisso sibi regimine civitatum, aut gentium, hoc quidem furtim tollunt, hoc vero vi et publice exigunt:* Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. — Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam. Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: — Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos. — Ditosos Grécia, que tinha tal pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas! Quantas vezes se viu Roma ir a enforcar um ladrão, por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um cônsul, ou ditador, por ter roubado uma província. E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes? De um, chamado Seronato, disse com discreta contraposição Sidônio Apolinar: *Nou cessat simul furta, vel punire, vel facere:* Seronato está sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer. — Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo, para roubar ele só.

§ VI

Como levam consigo ao inferno estes maus ladrões a estes bons reis? Primeiro, porque os reis lhes dão os ofícios

e poderes com que roubam. Quem pagou o furto cometido por Adão? Deus, que o elegeu.

418. Declarado assim por palavras não minhas, senão de muito bons autores, quão honrados e autorizados sejam os ladrões de que falo, estes são os que disse e digo que levam consigo os reis ao inferno. Que eles fossem lá sós, e o diabo os levasse a eles, seja muito na má hora, pois assim o querem; mas que hajam de levar consigo os reis é uma dor que se não pode sofrer, e por isso nem calar. Mas se os reis tão fora estão de tomar o alheio, que antes eles são os roubados, e os mais roubados de todos, como levam ao inferno consigo estes maus ladrões a estes bons reis? Não por um só, senão por muitos modos, os quais parecem insensíveis e ocultos, e são muito claros e manifestos. O primeiro, porque os reis lhes dão os ofícios e poderes com que roubam; o segundo, porque os reis os conservam neles; o terceiro, porque os reis os adiantam e promovem a outros maiores; e, finalmente, porque, sendo os reis obrigados, sob pena de salvação, a restituir todos estes danos, nem na vida, nem na morte os restituem. E quem diz isto já se sabe que há de ser Santo Tomás. Faz questão Santo Tomás, se a pessoa que não furtou, nem recebeu ou possui coisa alguma do furto, pode ter obrigação de o restituir. E não só resolve que sim, mas, para maior expressão do que vou dizendo, põe o exemplo nos reis. Vai o texto: *Tenetur ille restituere, qui non obstat, cum obstat teneatur. Sicut principes, qui tenentur custodire justitiam in terra, si per eorum defectum latrones increscant, ad restitutionem tenentur, quia redditus, quos habent, sunt quasi stipendia ad hoc instituta, ut justitiam conservent in terra*: Aquele que tem obrigação de impedir que se não furte, se o não impediu, fica obrigado a restituir o que se furtou. E até os príncipes, que por sua culpa deixarem crescer os ladrões, são obrigados à restituição, porquanto as rendas, com que os povos os servem e assistem, são como estipêndios instituídos e consignados por eles, para que os príncipes os guardem e mantenham em justiça. — É tão natural e tão clara esta teologia, que até Agamenão, rei gentio, a conheceu, quando disse: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet*¹.

419. E se nesta obrigação de restituir incorrem os príncipes pelos furtos que cometem os ladrões casuais e involuntários, que será pelos que eles mesmos, e por própria eleição, armaram de jurisdições e poderes, com que roubam os mesmos povos? A tenção dos príncipes não é nem pode ser essa; mas basta que esses oficiais, ou de Guerra, ou de Fazenda, ou de Justiça, que cometem os roubos, sejam eleições e feitura suas, para que os príncipes hajam de pagar o que eles fizeram. Ponhamos o exemplo da culpa, onde a não pode haver. Pôs Deus a Adão no Paraíso, com jurisdição e poder sobre todos os viventes, e com senhorio absoluto de todas as coisas criadas, excepta somente uma árvore. Faltavam-lhe poucas letras a Adão para ladrão, e ao fruto para furto não lhe faltava nenhuma. Enfim, ele e sua mulher — que muitas vezes são as terceiras — aquela só coisa que havia no mundo que não fosse sua, essa roubaram. Já temos a Adão eleito, já o temos com ofício, já o temos ladrão. E quem foi o que pagou o furto? Caso sobre todos admirável! Pagou o furto quem elegeu e quem deu o ofício ao ladrão. Quem elegeu e quem deu o ofício a Adão foi Deus: e Deus foi o que pagou o furto tanto à sua custa, como sabemos. O mesmo Deus o disse assim, referindo o muito que lhe custara a satisfação do furto e dos danos dele: *Quae non rapui, tunc exolvebam*². Vistes o corpo humano de que me vesti, sendo Deus; vistes o muito que padeci, vistes o sangue que derramei, vistes a morte a que fui condenado, entre ladrões. Pois, então, e com tudo isso, pagava o que não furtei. Adão foi o que furtou, e eu o que paguei: *Quae non rapui, tunc exolvebam*.

420. Pois, Senhor meu, que culpa teve vossa divina Majestade no furto de Adão? — Nenhuma culpa tive, nem a tivera, ainda que não fora Deus, porque na eleição daquele homem, e no ofício que lhe dei, em tudo procedi com a circunspecção, prudência e providência com que o devera e deve fazer o príncipe mais atento a suas obrigações, mais considerado e mais justo. Primeiramente, quando o fiz, não foi com império despótico, como as outras criaturas, senão com maduro conselho, e por consulta de pessoas não humanas, senão divinas: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram, et praesit*³. As partes e qualidades que concorriam no eleito eram as mais adequadas ao ofício que se podiam desejar nem imaginar, porque era o mais sábio de todos os homens, justo sem vício, reto sem injustiça, e senhor de todas suas paixões, as quais tinha sujeitas e obedientes à razão. Só lhe faltava a experiência, nem houve concurso de outros sujeitos na sua eleição, mas ambas estas coisas não as podia então haver, porque era o primeiro homem, e o único. — Pois, se a vossa eleição, Senhor, foi tão justa e tão justificada, que bastava ser vossa para o ser, por que haveis vós de pagar o furto que ele fez, sendo toda a culpa sua? — Porque quero dar este exemplo e documento aos príncipes, e porque não convém que fique no mundo tão má e pernicioso consequência, como seria, se os príncipes se persuadissem em algum caso que não eram obrigados a pagar e satisfazer o que seus ministros roubassem.

§VII

Não se podem desculpar os reis com este mesmo exemplo de Deus, porque Deus não faz eleição dos homens pelo que hão de ser; senão pelo que de presente são. A eleição de Judas. A porta por onde legitimamente se entra ao ofício: o merecimento. O paralítico introduzido pelo telhado.

421. Mas estou vendo que com este mesmo exemplo de Deus se desculpam ou podem desculpar os reis, porque, se a Deus lhe sucedeu tão mal com Adão, conhecendo muito bem Deus o que ele havia de ser, que muito é que suceda o mesmo aos reis, com os homens que elegem para os ofícios, se eles não sabem nem podem saber o que depois farão? A desculpa é

aparente, mas tão falsa como mal fundada, porque Deus não faz eleição dos homens pelo que sabe que hão de ser, senão pelo que de presente são. Bem sabia Cristo que Judas havia de ser ladrão; mas quando o elegeu para o ofício em que o foi, não só não era ladrão, mas muito digno de se lhe fiar o cuidado de guardar e distribuir as esmolas dos pobres. Elejam assim os reis as pessoas, e provejam assim os ofícios, e Deus os desobrigará nesta parte da restituição. Porém as eleições e provimentos que se usam não se fazem assim. Querem saber os reis se os que provêm nos ofícios são ladrões ou não? Observem a regra de Cristo: *Qui non intral per ostium, jur est et latro*⁴. A porta por onde legitimamente se entra ao ofício, é só o merecimento. E todo o que não entra pela porta, não só diz Cristo que é ladrão, senão ladrão e ladrão: *Fur est latro*. E por que é duas vezes ladrão? Uma vez porque furta o ofício, e outra vez porque há de furtrar com ele. O que entra pela porta poderá vir a ser ladrão, mas os que não entram por ela já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, e todos pela negociação. E quem negocia não há mister outra prova: já se sabe que não vai a perder. Agora será ladrão oculto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz S. Jerônimo, a diferença *de fur a latro*.

422. Coisa é certo maravilhosa ver a alguns tão introduzidos e tão entrados, não entrando pela porta nem podendo entrar por ela. Se entraram pelas janelas, como aqueles ladrões de que faz menção Joel: *Per fenestras intrabunt quasi fur*⁵, grande desgraça é que, sendo as janelas feitas para entrar a luz e o ar, entrem por elas as trevas e os desares. Se entraram minando a casa do pai de famílias, como o ladrão da parábola de Cristo: *Si sciret pater familias qua hora fur veniret, non sineret perfodi domum suam*⁶, ainda seria maior desgraça que o sono, ou letargo do dono da casa fosse tão pesado que, minando-se-lhe as paredes, não o espertassem os golpes. Mas o que excede toda a admiração é que haja quem, achando a porta fechada, empreenda entrar por cima dos telhados, e o consiga, e mais sem ter pés, nem mãos, quanto mais asas. Estava Cristo, Senhor nosso, curando milagrosamente os enfermos dentro em uma casa, e era tanto o concurso que, não podendo os que levavam um paralítico entrar pela porta, subiram-se com ele ao telhado, e por cima do telhado o introduziram. Ainda e mais admirável a consideração do sujeito, que o modo e lugar da introdução. Um homem que entrasse por cima dos telhados, quem não havia de julgar que era caído do céu: *Tertius e caelo cecidit Cato*?⁷ E o tal homem era um paralítico que não tinha pés, nem mãos, nem sentido, nem movimento, mas teve com que pagar a quatro homens, que o tomaram às costas, e o subiram tão alto.

423. E como os que trazem às costas semelhantes sujeitos estão tão pagos deles, que muito é que digam e informem — posto que sejam tão incapazes — que lhes sobejam merecimentos por cima dos telhados. Como não podem alegar façanhas de quem não tem mãos, dizem virtudes e bondades. Dizem que, com seus procedimentos, cativa a todos. E como não havia de cativar, se os comprou? Dizem que, fazendo sua obrigação, todos lhe ficam devendo dinheiro: e como lho não hão de dever, se lho tomaram? Deixo os que sobem aos postos pelos cabelos, e não com as forças de Sansão, senão com os favores de Dalila. Deixo os que, com voz conhecida de Jacó, levam a bênção de Esaú, e não com as luvas calçadas, senão dadas ou prometidas. Deixo os que, sendo mais leprosos que Naamã Siro, se alimpam da lepra, e não com as águas do Jordão, senão com as do Rio da Prata. É isto, e o mais que se podia dizer, entrar pela porta? Claro está que não. Pois se nada disto se faz: *Sicut fur in nocte*⁸, senão na face do sol, e na luz do meio-dia, como se pode escusar quem ao menos firma os provimentos de que não conhecia serem ladrões os que por estes meios foram providos? Finalmente, ou os conhecia, ou não: se os não conhecia, como os proveu sem os conhecer? E se os conhecia, como os proveu conhecendo-os? Mas vamos aos providos com expresse conhecimento de suas qualidades.

§ VIII

A eleição da piedade bem-intencionada. São Francisco Xavier e a conjugação do verbo rapio. As provisões, passaporte para furtrar Os corsários do mar e os corsários da terra.

424. Dom Fulano — diz a piedade bem-intencionada — é um fidalgo pobre: dê-se-lhe um governo.

— E quantas impiedades, ou advertidas ou não, se contém nesta piedade? Se é pobre, dêem-lhe uma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas por que é pobre, um governo, para que vá desempobrecer à custa dos que governar? E para que vá fazer muitos pobres à conta de tornar muito rico? Isto quer quem o elege por este motivo. Vamos aos do prêmio, e também aos do castigo. Certo capitão mais antigo tem muitos anos de serviço: dêem-lhe uma fortaleza nas conquistas. Mas se estes anos de serviço assentam sobre um sujeito que os primeiros despojos que tomava na guerra, eram a farda e a ração dos seus próprios soldados, despidos e mortos de fome, que há de fazer em Sofala ou em Mascate? Tal graduado em leis leu com grande aplauso no Paço; porém, em duas judicaturas e uma correição não deu boa conta de si: pois vá degradado para a Índia com uma beca. E se na Beira e Além-Tejo, onde não há diamantes nem rubis, se lhe pegavam as mãos a este doutor, que será na relação de Goa?

425. Encomendou el-rei D. João, o Terceiro, a S. Francisco Xavier o informasse do estado da Índia, por via de seu companheiro, que era mestre do Príncipe; e o que o santo escreveu de lá, sem nomear ofícios nem pessoas, foi que o verbo *rapio*⁹ na Índia se conjugava por todos os modos. A frase parece jocosa em negócio tão sério, mas falou o servo de Deus como fala Deus, que em uma palavra diz tudo. Nicolau de Lira, sobre aquelas palavras de *Daniel: Nabucodonosor rex misit ad congregandos satrapas, magistratus et judices*²⁰, declarando a etimologia de sátrapas, que eram os governadores das

províncias, diz que este nome foi composto de *sat* e de *rapio*: *Dicuntur satrapae quasi satis rapientes, quia solent bona inferiorum rapere*: Chamam-se sátrapas, porque costumam roubar assaz. E este assaz é o que especificou melhor S. Francisco Xavier, dizendo que conjugam o verbo *rapio* por todos os modos. O que eu posso acrescentar, pela experiência que tenho, é que não só do Cabo da Boa Esperança para lá, mas também das partes daquém, se usa igualmente a mesma conjugação. Conjugam por todos os modos o verbo *rapio*, porque furtam por todos os modos da arte, não falando em outros novos e esquisitos, que não conheceu Donato nem Despautério.

426. Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo indicativo, porque a primeira informação que pedem aos práticos é que lhes apontem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo imperativo, porque, como têm o mero e misto império, todo ele aplicam despoticamente às execuções da rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque aceitam quanto lhes mandam, e, para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos. Furtam pelo modo optativo, porque desejam quanto lhes parece bem e, gabando as coisas desejadas aos donos delas, por cortesia, sem vontade, as fazem suas. Furtam pelo modo conjuntivo, porque ajuntam o seu pouco cabedal com o daqueles que manejam muito, e basta só que ajuntem a sua graça, para serem quando menos meeiros na ganância. Furtam pelo modo potencial, porque, sem pretexto nem cerimônia, usam de potência. Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que outros furtem, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinitivo, porque não tem o fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas, porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados, e as terceiras quantas para isso têm indústria e consciência. Furtam juntamente por todos os tempos, porque do presente — que é o seu tempo — colhem quanto dá de si o triênio; e para incluírem no presente o pretérito e futuro, do pretérito desenterram crimes, de que vendem os perdões, e dívidas esquecidas, de que se pagam inteiramente, e do futuro empenham as rendas e antecipam os contratos, com que tudo o caído e não caído lhes vem a cair nas mãos. Finalmente, nos mesmos tempos, não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, *plus quam* perfeitos, e quaisquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em suma, que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar para furtar. E quando eles têm conjugado assim toda a voz ativa, e as miseráveis províncias suportado toda a passiva, eles, como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos, e elas ficam roubadas e consumidas.

427. É certo que os reis não querem isto, antes mandam em seus regimentos tudo o contrário; mas como as patentes se dão aos gramáticos destas conjugações, tão peritos ou tão cadimos nelas, que outros efeitos se podem esperar dos seus governos? Cada patente destas, em própria significação, vem a ser uma licença geral *in scriptis*, ou um passaporte para furtar. Em Holanda, onde há tantos armadores de corsários, repartem-se as costas da África, da Ásia e da América com tempo limitado, e nenhum pode sair a roubar sem passaporte, a que chamam carta de marca. Isto mesmo valem as provisões, quando se dão aos que eram mais dignos da marca que da carta. Por mar padecem os moradores das conquistas a pirataria dos corsários estrangeiros, que é contingente; na terra suportam a dos naturais, que é certa e infalível. E se alguém duvida qual seja maior, note a diferença de uns a outros. O pirata do mar não rouba aos da sua república: os da terra roubam os vassallos do mesmo rei, em cujas mãos juraram homenagem; do corsário do mar posso me defender: aos da terra não posso resistir; do corsário do mar posso fugir: dos da terra não me posso esconder; o corsário do mar depende dos ventos; os da terra sempre têm por si a monção; enfim, o corsário do mar pode o que pode: os da terra podem o que querem, e por isso nenhuma presa lhes escapa. Se houvesse um ladrão onipotente, que vos parece que faria a cobiça junta com a onipotência? Pois isso é o que fazem estes corsários.

§IX

O afastamento dos que furtam com o ofício. A parábola do administrador desonesto. O que dantes era um ladrão, depois foi muitos ladrões, não se contentando de o ser só.

428. Dos que obram o contrário com singular inteireza de justiça e limpeza de interesse, alguns exemplos temos, posto que poucos. Mas folgara eu saber quantos exemplos há, não digo já dos que fossem justificados como tão insignes ladrões, mas dos que fossem privados do governo por estes roubos. Pois, se eles furtam com os ofícios, e os consentem e conservam nos mesmos ofícios, como não hão de levar consigo ao inferno os que os consentem? O meu Santo Tomás o diz, e alega com o texto de São Paulo: *Digni sunt morte, non solum qui faciunt, sed etiam qui consentiunt facientibus*^{2.1}. E porque o rigor deste texto se entende não de qualquer consentidor, senão daqueles que, por razão de seu ofício ou estado, tem obrigação de impedir, faz logo a mesma limitação o santo Doutor, e põe o exemplo nomeadamente nos príncipes: *Sed solum quando incumbit alicui ex officio, sicut principibus terrae*^{2.2}. Verdadeiramente não sei como não reparam muito os príncipes em matéria de tanta importância, e como os não fazem reparar os que no foro exterior, ou no da alma, têm cargo de descarregar suas consciências. Vejam uns e outros como a todos ensinou Cristo, que o ladrão que furta com o ofício, nem um momento se há de consentir ou conservar nele.

429. Havia um senhor rico, diz o divino Mestre, o qual tinha um criado, que com ofício de ecônomo ou administrador, governava as suas herdades — tal é o nome no original grego, que responde ao *villico da* Vulgata. — Infamado pois o

administrador de que se aproveitava da administração e roubava, tanto que chegou a primeira notícia ao Senhor, mandou-o logo vir diante de si, e disse-lhe que desse contas, porque já não havia de exercitar o ofício. Ainda a resolução foi mais apertada, porque não só disse que não havia, senão que não podia: *Jam enim non poteris villicare*^{2,3}. Não tem palavra esta parábola que não esteja cheia de notáveis doutrinas a nosso propósito. Primeiramente diz que este senhor era um homem rico: *Homo quidem erat dives*(Lc. 16,1), porque não será homem quem não tiver resolução, nem será rico, por mais herdades que tenha, quem não tiver cuidado, e grande cuidado, de não consentir que lhas governem ladrões. Diz mais que, para privar a este ladrão do ofício, bastou somente a fama, sem outras inquirições: *Et hic diffamatus est apud illum*^{2,4}, porque se em tais casos houverem de mandar buscar informações à Índia ou ao Brasil, primeiro que elas cheguem, e se lhes ponha remédio, não haverá Brasil nem Índia. Não se diz, porém, nem se sabe quem fossem os autores ou delatores desta fama, porque a estes há-lhes de guardar segredo o senhor inviolavelmente, sob pena de não haver quem se atreva a o avisar, temendo justamente a ira dos poderosos. Diz mais, que mandou vir o delatado diante de si: *Et vocavit eum*, porque semelhantes averiguações, se se cometem a outros, e não as faz o mesmo senhor por sua própria pessoa, com dar o ladrão parte do que roubou, prova que está inocente. Finalmente, desengana-o e notifica-lhe que não há de exercitar jamais o ofício, nem pode: *Jam enim non poteris villicare*, porque nem o ladrão conhecido deve continuar o ofício em que foi ladrão, nem o senhor, ainda que quisesse, o pode consentir e conservar nele, se não se quer condenar.

430. Com tudo isto ser assim, eu ainda tenho uns embargos que alegar, por parte deste ladrão, diante do Senhor e autor da mesma parábola, que é Cristo. Provará que nem o furto, por sua quantidade, nem a pessoa, por seu talento, parecem merecedores de privação do ofício para sempre. Este homem, Senhor, posto que cometesse este erro, é um sujeito de grande talento, de grande indústria, de grande entendimento e prudência, como vós mesmo confessastes, e ainda louvastes, que é mais: *Laudavit Dominus villicum iniquitatis, quia prudenter fecisset*^{2,5}; pois, se é homem de tanto préstimo, e tem capacidade e talentos para vos tornardes a servir dele, por que o haveis de privar para sempre do vosso serviço: *Jam enim non poteris villicare?* Suspendei-o agora por alguns meses, como se usa, e depois o tomareis a restituir, para que nem vós o percais, nem ele fique perdido. -Não, diz Cristo. Uma vez que é ladrão conhecido, não só há de ser suspenso ou privado do ofício *ad tempus*, senão para sempre e para nunca jamais entrar ou poder entrar: *Jam enim non poteris*, porque o uso ou abuso dessas restituições, ainda que parece piedade, é manifesta injustiça. De maneira que, em vez de o ladrão restituir o que furtou no ofício, restitui-se o ladrão ao ofício, para que furtar ainda mais? Não são essas as restituições pelas quais se perdoa o pecado, senão aquelas por que se condenam os restituídos, e também quem os restitui. Perca-se embora um homem já perdido, e não se percam os muitos que se podem perder e perdem na confiança de semelhantes exemplos.

431. Suposto que este primeiro artigo dos meus embargos não pegou, passemos a outro. Os furtos deste homem foram tão leves, e a quantidade tão limitada, que o mesmo texto lhes não dá nome de furtos absolutamente, senão de quase furtos: *Quasi dissipasset bona ipsius*^{2,6}. Pois em um mundo, Senhor, e em um tempo em que se vêm tolerados nos ofícios tantos ladrões, e premiados, que é mais, os *plus quam* ladrões, será bem que seja privado do seu ofício, e privado para sempre, um homem que só chegou a ser quase ladrão? — Sim, torna a dizer Cristo, para emenda dos mesmos tempos, e para que conheça o mesmo mundo quão errado vai. Assim como nas matérias do sexto Mandamento teologicamente não há mínimos, assim os deve não haver politicamente nas matérias do sétimo, porque quem furtou e se desonrou no pouco, muito mais facilmente o fará no muito. E se não, vede-o nesse mesmo quase ladrão. Tanto que se viu notificado para não servir o ofício, ainda teve traça para se servir dele e furtar mais do que tinha furtado. Manda chamar muito à pressa os rendeiros, rompe os escritos das dívidas, faz outros de novo com antedatas, a uns diminui a metade, a outros a quinta parte, e por este modo, roubando ao tempo os dias, às escrituras a verdade, e ao amo o dinheiro, aquele que só tinha sido quase ladrão, enquanto encartado no ofício, com a opinião que só tinha de o ter, foi mais que ladrão depois. Aqui acabei de entender a ênfase com que disse a pastora dos Cantares: *Tulerunt pallium meum mihi* (Cânt. 5,7): Tomaram-me a minha capa a mim — porque se pode roubar a capa a um homem, tomando-a não a ele, senão a outrem. Assim o fez a astúcia deste ladrão, que roubou o dinheiro a seu amo, tomando-o não a ele senão aos que lho deviam. De sorte que o que dantes era um ladrão, depois foi muitos ladrões, não se contentando de o ser ele só, senão de fazer a outros. Mas vá ele muito embora ao inferno, e vão os outros com ele, e os príncipes imitem ao Senhor, que se livrou de ir também, com o privar do ofício tão prontamente.

§X

Os ladrões vis e os de qualidade. Ofurto de Acã, da casa real de Judá. O furto de Adão e a privação de seu posto.

432. Esta doutrina em geral, pois é de Cristo, nenhum entendimento cristão haverá que a não venere. Haverá, porém, algum político tão especulativo que a queira limitar a certo gênero de sujeitos, e que funde as exceções no mesmo texto. O sujeito em que se fez esta execução, chama-lhe o texto *villico*: logo, em pessoas vis, ou de inferior condição, será bem que se executem estes e semelhantes rigores, e não em outras de diferente suposição, com as quais, por sua qualidade e outras dependências, é lícito e conveniente que os reis dissimulem. Oh! como está o inferno cheio dos que com estas e outras interpretações, por adularem os grandes e os supremos, não reparam em os condenar! Mas, para que não criem a aduladores, criem a Deus, e ouçam. Revelou Deus a Josué que se tinha cometido um furto nos despojos de Jericó, depois

de lho ter bem custosamente significado, com o infeliz sucesso do seu exército. E mandou-lhe que, descoberto o ladrão, fosse queimado. Fez-se diligência exata, e achou-se que um, chamado Acã tinha furtado uma capa de grã, uma regra de ouro, e algumas moedas de prata, que tudo não valia cem cruzados. Mas quem era este Acã? Era porventura algum homem vil, ou algum soldadinho da fortuna, desconhecido e nascido das ervas? Não era menos que do sangue real de Judá, e por linha masculina, quarto neto seu. Pois, uma pessoa de tão alta qualidade, que ninguém era ilustre em todo Israel, senão pelo parentesco que tinha com ele, há de morrer queimado por ladrão? E por um furto, que hoje seria venial, há de ficar afrontada para sempre uma casa tão ilustre? Vós direis que era bem se dissimulasse; mas Deus, que o entende melhor que vós, julgou que não. Em matéria de furto não há exceção de pessoas, e quem se abateu a tais vilezas, perdeu todos os foros. Executou-se com efeito a lei, foi justificado e queimado Acã, ficou o povo ensinado com o exemplo, e ele foi venturoso no mesmo castigo, porque, como notam graves autores, comutou-lhe Deus aquele fogo temporal pelo que havia de padecer no inferno, felicidade que impedem aos ladrões os que dissimulam com eles.

433. E quanto à dissimulação que se diz devem ter os reis com pessoas de grande suposição, de quem talvez depende a conservação do bem público, e são mui necessárias a seu serviço, respondo com distinção. Quando o delito é digno de morte, pode-se dissimular o castigo e conceder-se às tais pessoas a vida; mas quando o caso é de furto, não se lhes pode dissimular a ocasião, mas logo logo devem ser privadas do posto. Ambas estas circunstâncias concorreram no crime de Adão. Pôs-lhe Deus preceito que não comesse da árvore vedada, sob pena de que morreria no mesmo dia: *In quocumque die comederis, morte morieris*²⁷. Não guardou Adão o preceito, roubou o fruto, e ficou sujeito, *ipso facto*, à pena de morte. Mas, que fez Deus neste caso? Lançou-o logo do Paraíso, e concedeu-lhe a vida por muitos anos. Pois, se Deus o lançou do Paraíso pelo furto que tinha cometido, por que não executou também nele a pena de morte a que ficou sujeito? Porque da vida de Adão dependia a conservação e propagação do mundo, e quando as pessoas são de tanta importância, e tão necessárias ao bem público, justo é que, ainda que mereçam a morte, se lhes permita e conceda a vida. Porém, se juntamente são ladrões, de nenhum modo se pode consentir nem dissimular que continuem no posto e lugar onde o foram, para que não continuem a o ser. Assim o fez Deus, e assim o disse. Pôs um querubim com uma espada de fogo à porta do Paraíso, com ordem que de nenhum modo deixasse entrar a Adão. E por quê? Porque assim como tinha furtado da árvore da ciência, não furtasse também da árvore da vida: *Ne forte mittat manum suam, et sumat etiam de ligno vitae*²⁸. Quem foi mau uma vez, presume o Direito que o será outras, e que o será sempre. Saia pois Adão do lugar onde furtou, e não torne a entrar nele, para que não tenha ocasião de fazer outros furtos, como fez o primeiro. E notai que Adão, depois de ser privado do Paraíso, viveu novecentos e trinta anos. Pois, a um homem castigado e arrependido, não lhe bastaram cem anos de privação do posto, não lhe bastarão duzentos ou trezentos? Não. Ainda que haja de viver novecentos anos, e houvesse de viver nove mil, uma vez que roubou, e é conhecido por ladrão, nunca mais deve ser restituído, nem há de entrar no mesmo posto.

§XI

A parábola do rei e dos três criados. Por que não introduziu Cristo na sua parábola um criado que roubasse, para a tornar mais completa? Os príncipes companheiros de ladrões. Ameaça e sentença de Deus contra esses tais.

434. Assim o fez Deus com o primeiro homem do mundo, e assim o devem executar com todos os que estão em lugar de Deus. Mas que seria se não só víssemos os ladrões conservados nos lugares onde roubam, senão, depois de roubarem, promovidos a outros maiores? Acabaram-se-me aqui as Escrituras, porque não há nelas exemplo semelhante. De reis que mandassem conquistar inimigos, sim, mas de reis que mandassem governar vassallos, não se lê tal coisa. Os Assueros, os Nabucos, os Ciros, que dilatavam por armas os seus impérios, desta maneira premiavam os capitães, acrescentando em postos os que mais se sinalavam em destruir cidades e acumular despojos, e daqui se faziam os Nabusardões, os Holofernes, e os outros flagelos do mundo. Porém os reis, que tratam os vassallos como seus, e os Estados, posto que distantes, como fazenda própria, e não alheia, lede o Evangelho, e vereis quais são os sujeitos, e quão úteis a quem encomendam o governo deles.

435. Um rei, diz Cristo, Senhor nosso, fazendo ausência do seu reino à conquista de outro, encomendou a administração da sua fazenda a três criados. O primeiro acrescentou-a dez vezes mais do que era, e o rei, depois de o louvar, o promoveu ao governo de dez cidades: *Euge bone serve, quia in modico fuisti fidelis, eris potestatem habens super decem civitates*²⁹. O segundo também acrescentou à parte que lhe coube cinco vezes mais, e com a mesma proporção o fez o rei governador de cinco cidades: *Et tu esto super quinque civitates*³⁰. De sorte que os que o rei acrescenta e deve acrescentar nos governos, segundo a doutrina de Cristo, são os que acrescentam a fazenda do mesmo rei, e não a sua. Mas vamos ao terceiro criado. Este tornou a entregar quanto o rei lhe tinha encomendado, sem diminuição alguma, mas também sem melhoramento, e no mesmo ponto, sem mais réplica, foi privado da administração: *Auferte ab illo mnam*³¹. Oh! que ditosos foram os nossos tempos, se as culpas por que este criado foi privado do ofício foram os serviços e merecimentos por que os dagora são acrescentados! Se o que não tomou um real para si, e deixou as coisas no estado em que lhas entregaram, merece privação do cargo, os que as deixam destruídas e perdidas, e tão diminuídas e desbaratadas, que já não têm semelhança do que foram, que merecem? Merecem que os despachem, que os acrescentem e que lhes encarreguem outras maiores, para que também as consumam e tudo se acabe? Eu cuidava que, assim como Cristo introduziu na sua parábola dois criados que

acrescentaram a fazenda do rei, e um que a não acrescentou, assim havia de introduzir outro que a roubasse, com que ficava a divisão inteira. Mas não introduziu o divino Mestre tal criado, porque falava de um rei prudente e justo, e os que têm estas qualidades — como devem ter, sob pena de não serem reis — nem admitem em seu serviço, nem fiam a sua fazenda a sujeitos que lha possam roubar: a algum que não lha acrescente, poderá ser, mas um só; porém a quem lhe roube, ou a sua, ou a dos seus vassallos — que não deve distinguir da sua — não é justo, nem reis quem tal consente. E que seria se estes, depois de roubarem uma cidade, fossem promovidos ao governo de cinco, e, depois de roubarem cinco, ao governo de dez?

436. Que mais havia de fazer um príncipe cristão, se fora como aqueles príncipes infiéis, de quem diz Isaías: *Príncipes tui infideles, socii furum* (Is. 1, 23): Os príncipes de Jerusalém não são fiéis, senão infiéis, porque são companheiros dos ladrões. — Pois saiba o profeta que há príncipes fiéis e cristãos, que ainda são mais miseráveis e mais infelizes que estes, porque um príncipe que entrasse em companhia com os ladrões: *Socii furum*, havia de ter também a sua parte no que se roubasse; mas estes estão tão fora de ter parte no que se rouba, que eles são os primeiros, os mais roubados. Pois, se são os roubados estes príncipes, como são ou podem ser companheiros dos mesmos ladrões: *Príncipes tui socii furum*? Será porventura porque talvez os que acompanham e assistem aos príncipes são ladrões? Se assim fosse, não seria coisa nova. Antigamente os que assistiam ao lado dos príncipes, chamavam-se *laterones*. E depois, corrompendo-se este vocábulo, como afirma Marco Varro, chamaram-se *latrones*. E que seria se assim, como se corrompeu o vocábulo, se corrompessem também os que o mesmo vocábulo significa? Mas eu nem digo nem cuido tal coisa. O que só digo e sei, por ser teologia certa, é que em qualquer parte do mundo se pode verificar o que Isaías diz dos príncipes de Jerusalém: *Príncipes tui socii furum*: Os teus príncipes são companheiros dos ladrões. — E por quê? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões, porque os consentem; são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e os poderes; são companheiros dos ladrões porque talvez os defendem, e são, finalmente, seus companheiros, porque os acompanham e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo.

437. Ouvi a ameaça e sentença de Deus contra estes tais: *Si videbas furem, currebas cum eo*³²; o hebreu lê *concorrebas*, e tudo é, porque há príncipes que correm com os ladrões e concorrem com eles. Correm com eles, porque os admitem à sua familiaridade e graça, e concorrem com eles, porque, dando-lhes autoridade e jurisdições, concorrem para o que eles furtam. E a maior circunstância desta gravíssima culpa consiste no *Si videbas*. Se estes ladrões foram ocultos, e o que corre e concorre com eles não os conhecera, alguma desculpa tinha; mas se eles são ladrões públicos e conhecidos, se roubam sem reboço e à cara descoberta, se todos os vêem roubar, e o mesmo que os consente e apóia o está vendo: *Si videbas furem*, que desculpa pode ter diante de Deus e do mundo? *Existimasti inique quod ero tui similis* (Sl. 49, 21): Cuidas tu, ó injusto — diz Deus — que hei de ser semelhante a ti — e que, assim como tu dissimulas com estes ladrões, hei eu de dissimular contigo? — Enganas-te. *Arguam te, et statuam contra faciam tuam*: Dessas mesmas ladroíces, que tu vês e consentes, hei de fazer um espelho em que te vejas — e quando vires que és tão réu de todos esses furtos, como os mesmos ladrões, porque os não impedes, e mais que os mesmos ladrões, porque tens obrigação jurada de os impedir, então conhecerás que tanto, e mais justamente que a eles, te condeno ao inferno. Assim o declara com última e temerosa sentença a paráfrase caldaica do mesmo texto: *Arguam te in hoc saeculo, et ordinabo iudicium Gehennae in futuro coram te*: Neste mundo argüirei a tua consciência, como agora a estou argüindo, e no outro mundo condenarei a tua alma ao inferno, como se verá no dia do Juízo.

§XII

Como os mesmos reis, se quiserem, podem levar consigo os ladrões ao Paraíso. O que devem pedir os maus ladrões ao rei: Salvai-vos a vós e a nós. A restituição dos bens da fazenda real e dos particulares. As restituições de frei Teodorico.

438. Grande lástima será naquele dia, senhores, ver como os ladrões levam consigo muitos reis ao inferno; e para que esta sorte se troque em uns e outros, vejamos agora como os mesmos reis, se quiserem, podem levar consigo os ladrões ao Paraíso. Parecerá a alguém, pelo que fica dito, que será coisa muito dificultosa, e que se não pode conseguir sem grandes despesas, mas eu vos afirmo, e mostrarei brevemente, que é coisa muito fácil, e que sem nenhuma despesa de sua fazenda, antes com muitos aumentos dela, o podem fazer os reis. E de que modo? Com uma palavra, mas palavra de rei. Mandando que os mesmos ladrões, os quais não costumam restituir, restituam efetivamente tudo o que roubaram. Executando-o assim, salvar-se-ão os ladrões e salvar-se-ão os reis. Os ladrões salvar-se-ão, porque restituirão o que têm roubado, e os reis salvar-se-ão também, porque restituindo os ladrões, não terão eles obrigação de restituir. Pode haver ação mais justa, mais útil e mais necessária a todos? Só quem não tiver fé, nem consciência, nem juízo, o pode negar.

439. E porque os mesmos ladrões se não sintam de haverem de perder por este modo o fruto das suas indústrias, considerem que, ainda que sejam tão maus como o mau ladrão, não só deviam abraçar e desejar esta execução, mas pedi-la aos mesmos reis. O bom ladrão pediu a Cristo, como a rei, que se lembrasse dele no seu reino, e o mau ladrão, que lhe pediu? *Si tu es Christus, salvum fac temetipsum et nos* (Lc. 23,39): Se sois o rei prometido, como crê meu companheiro, salvai-vos a vós e a nós. — Isto pediu o mau ladrão a Cristo, e o mesmo devem pedir todos os ladrões a seu rei, posto que sejam tão

maus como o mau ladrão. Nem Vossa Majestade, Senhor, se pode salvar, nem nós nos podemos salvar sem restituir: nós não temos ânimo nem valor para fazer a restituição, como nenhum a faz, nem na vida, nem na morte; mande-a, pois, fazer executivamente Vossa Majestade, e, por este modo, posto que para nós seja violento, salvar-se-á Vossa Majestade a si, e mais a nós: *Salvum fac temetipsum et nos*. Creio que nenhuma consciência haverá cristã, que não aprove este meio. E para que não fique em generalidade, que é o mesmo que no ar, desçamos à prática dele, e vejamos como se há de fazer. Queira Deus que se faça!

440. O que costumam furtar nestes officios e governos os ladrões de que falamos, ou é a fazenda real, ou a dos particulares, e uma e outra têm obrigação de restituir depois de roubada, não só os ladrões que a roubaram, senão também os reis, ou seja porque dissimularam e consentiram os furtos quando se faziam, ou somente — que isto basta — por serem sabedores deles depois de feitos. E aqui se deve advertir uma notável diferença — em que se não repara — entre a fazenda dos reis e a dos particulares. Os particulares, se lhes roubam a sua fazenda, não só não são obrigados à restituição, antes terão nisso grande merecimento, se o levarem com paciência, e podem perdoar o furto a quem os roubou. Os reis são de muito pior condição nesta parte, porque, depois de roubados, têm eles obrigação de restituir a própria fazenda roubada, nem a podem dimitir ou perdoar aos que a roubaram. A razão da diferença é porque a fazenda do particular é sua: a do rei não é sua, senão da República. E assim como o depositário, ou tutor, não pode deixar alienar a fazenda que lhe está encomendada e teria obrigação de a restituir, assim tem a mesma obrigação o rei, que é tutor e como depositário dos bens e erário da República, a qual seria obrigado a gravar com novos tributos, se deixasse alienar ou perder as suas rendas ordinárias.

441. O modo pois com que as restituições da fazenda real se podem fazer facilmente, ensinou aos reis um monge, o qual, assim como soube furtar, soube também restituir. Refere o caso Mayolo, Crantzio e outros. Chamava-se o monge frei Teodorico, e porque era homem de grande inteligência e indústria, cometeu-lhe o imperador Carlos Quinto algumas negociações de importância, em que ele se aproveitou de maneira que competia em riquezas com os grandes senhores. Advertido o imperador, mandou-o chamar à sua presença, e disse-lhe que se aparelhasse para dar contas. Que faria o pobre, ou rico monge? Respondeu sem se assustar que já estava aparelhado, que naquele mesmo ponto as daria, e disse assim: — Eu, César, entrei no serviço de Vossa Majestade com este hábito, e dez ou doze tostões na bolsa, da esmola das minhas Missas; deixe-me Vossa Majestade o meu hábito e os meus tostões, e tudo o mais que possuo, mande-o Vossa Majestade receber, que é seu, e tenho dado contas. — Com tanta facilidade como isto fez a sua restituição o monge, e ele ficou guardando os seus votos, e o imperador a sua fazenda. Reis e príncipes mal servidos, se quereis salvar a alma e recuperar a fazenda, introduzi, sem exceção de pessoas, as restituições de frei Teodorico. Saiba-se com que entrou cada um; e de mais torne para donde saiu, e salvem-se todos.

§ XIII

A restituição aos particulares. O imperador Maximino e os governadores-esponjas. Santo Tomás e a lei da restituição no Êxodo.

442. A restituição que igualmente se deve fazer aos particulares parece que não pode ser tão pronta nem tão exata, porque se tomou a fazenda a muitos e a províncias inteiras. Mas como estes pescadores do alto usaram de redes varredouras, use-se também com eles das mesmas. Se trazem muito, como ordinariamente trazem, já se sabe que foi adquirido contra a lei de Deus, ou contra as leis e regimentos reais, e por qualquer destas cabeças, ou por ambas, injustamente. Assim se tiram da Índia quinhentos mil cruzados, de Angola duzentos, do Brasil trezentos, e até do pobre Maranhão mais do que vale todo ele. E que se há de fazer desta fazenda? Aplicá-la o rei à sua alma e às dos que a roubaram, para que umas e outras se salvem. Dos governadores que mandava a diversas províncias o Imperador Maximino, se dizia com galante e bem apropriada semelhança, que eram esponjas. A traça ou astúcia com que usava destes instrumentos era toda encaminhada a faltar a sede da sua cobiça, porque eles, como esponjas, chupavam das províncias que governavam tudo quanto podiam, e o imperador, quando tornavam, espremia as esponjas, e tomava para o fisco real quanto tinham roubado, com que ele ficava rico, e eles castigados. Uma coisa fazia mal este imperador, outra bem, e faltava-lhe a melhor. Em mandar governadores às províncias homens que fossem esponjas fazia mal; em espremer as esponjas quando tornavam, e lhes confiscar o que traziam, fazia bem, e justamente; mas faltava-lhe a melhor, como injusto e tirano que era, porque tudo o que espremia das esponjas não o havia de tomar para si, senão restituí-lo às mesmas províncias donde se tinha roubado. Isto é o que são obrigados a fazer em consciência os reis que se desejam salvar, e não cuidar que satisfazem ao zelo e obrigação da justiça, com mandar prender em um castelo o que roubou a cidade, a província, o estado. Que importa que por alguns dias ou meses se lhe dê esta sombra de castigo, se passados eles se vai lograr do que trouxe roubado, e os que padeceram os danos não são restituídos.

443. Há nesta, que parece justiça, um engano gravíssimo, com que nem o castigado, nem o que castiga se livram da condenação eterna; e para que se entenda ou queira entender este engano, é necessário que se declare. Quem tomou o alheio fica sujeito a duas satisfações: à pena da lei e à restituição do que tomou. Na pena, pode dispensar o rei como legislador; na restituição não pode, porque é indispensável. E obra-se tanto pelo contrário, ainda quando se faz ou se cuida que se faz justiça, que só se executa a pena, ou alguma parte da pena, e a restituição não lembra, nem se faz dela caso. Acabemos com

Santo Tomás. Põe o Santo doutor em questão: *Utrum sufficiat restituere simplim quod injuste ablatum est*: Se, para satisfazer à restituição, basta restituir outro tanto quanto foi o que se tomou? — E depois de resolver que basta, porque a restituição é ato de justiça, e a justiça consiste em igualdade, argumenta contra a mesma resolução, com a lei do capítulo vinte e dois do Êxodo, em que Deus mandava que quem furtasse um boi restituísse cinco; logo, ou não basta restituir tanto por tanto, senão muito mais do que se furtou; ou, se basta, como está resoluto, de que modo se há de entender esta lei? Há-se de entender, diz o santo, distinguindo na mesma lei duas partes: uma enquanto lei natural, pelo que pertence à restituição, e outra enquanto lei positiva, pelo que pertence à pena. A lei natural, para guardar a igualdade do dano, só manda que se restitua tanto por tanto; a lei positiva, para castigar o crime do furto, acrescentou em pena mais quatro anos, e por isso manda pagar cinco por um. Há-se porém de advertir, acrescenta o santo Doutor, que entre a restituição e a pena há uma grande diferença, porque à satisfação da pena não está obrigado o criminoso antes da sentença, porém à restituição do que roubou, ainda que o não sentenciem nem obriguem, sempre está obrigado.

444. Daqui se vê claramente o manifesto engano ainda dessa pouca justiça, que poucas vezes se usa. Prende-se o que roubou, e mete-se em livramento. Mas que se segue daí? O preso, tanto que se livrou da pena do crime, fica muito contente; o rei cuida que satisfaz à obrigação da justiça, e ainda se não tem feito nada, porque ambos ficam obrigados à inteira restituição dos mesmos roubos, sob pena de se não poderem salvar. O réu porque não restitui, e o rei porque o não faz restituir. Tire, pois, o rei executivamente a fazenda a todos os que a roubaram, e faça as restituições por si mesmo, pois eles as não fazem, nem hão de fazer, e deste modo — que não há, nem pode haver outro — em vez de os ladrões levarem os reis ao inferno, como fazem, os reis levarão os ladrões ao Paraíso, como fez Cristo: *Hodie mecum eris in Paradiso*.

§XIV

A obrigação do pregador. Vantagens para os reis, para os ladrões e para os roubados. Oração.

445. Tenho acabado, senhores, o meu discurso, e parece-me que demonstrado o que prometi, de que não estou arrependido. Se a alguém pareceu que me atrevi a dizer o que fora mais reverência calar, respondo com Santo Hilário: *Quae loqui non audemus, silere non possumus*: O que se não pode calar com boa consciência, ainda que seja com repugnância, é força que se diga. — Ouvinte coroadado era aquele a quem o Batista disse: *Non licet tibi*³, e coroadado também, posto que não ouvinte, aquele a quem Cristo mandou dizer: *Dicite vulpi illi*⁴. Assim o fez animosamente Jeremias, porque era mandado por pregador *Regibus Juda, et Principibus ejus*⁵. E se Isaías o tivera feito assim, não se arrependera depois, quando disse: *Vae mihi, quia tacui*⁶. Os médicos dos reis com tanta e maior liberdade lhes devem receitar a eles o que importa à sua saúde e vida, como aos que curam nos hospitais. Nos particulares, cura-se um homem; nos reis, toda a República.

446. Resumindo pois o que tenho dito, nem os reis, nem os ladrões, nem os roubados se podem molestar da doutrina que preguei, porque a todos está bem. Está bem aos roubados, porque ficarão restituídos do que tinham perdido; está bem aos reis, porque sem perda, antes com aumento da sua fazenda, desencarregarão suas almas. E, finalmente, os mesmos ladrões, que parecem os mais prejudicados, são os que mais interessam. Ou roubaram com tenção de restituir, ou não: se com tenção de restituir, isso é o que eu lhes digo, e que o façam a tempo. Se o fizeram sem essa tenção, fizeram logo conta de ir ao inferno, e não podem estar tão cegos que não tenham por melhor ir ao Paraíso. Só lhes pode fazer medo haverem de ser despojados do que despojaram aos outros, mas, assim como estes tiveram paciência por força, tenham-na eles com merecimento. Se os esmoleres compram o céu com o próprio, por que se não contentarão os ladrões de o comprar com o alheio? A fazenda alheia e a própria toda se alija ao mar, sem dor, no tempo da tempestade. E quem há que, salvando-se do naufrágio a nado e despido, não mande pintar a sua boa fortuna, e a dedique aos altares com ação de graças? Toda a sua fazenda dará o homem de boa vontade por salvar a vida, diz o Espírito Santo, e quanto de melhor vontade deve dar a fazenda, que não é sua, por salvar, não a vida temporal, senão a eterna? O que está sentenciado à morte e à fogueira, não se teria por muito venturoso, se lhe aceitassem por partido a confiscação só dos bens? Considere-se cada um na hora da morte, e com o fogo do inferno à vista, e verá se é bom partido o que lhe persuado. Se as vossas mãos e os vossos pés são causa de vossa condenação, cortai-os, e se os vossos olhos, arrancai-os, diz Cristo, porque melhor vos está ir ao Paraíso manco, aleijado e cego, que com todos os membros inteiros ao inferno. É isto verdade, ou não? Acabemos de ter fé, acabemos de crer que há inferno, acabemos de entender que sem restituir ninguém se pode salvar. Vede, vede, ainda humanamente, o que perdeis, e por quê. Nesta restituição, ou forçosa, ou forçada, que não quereis fazer, que é o que dais e o que deixais? O que dais, é o que não tínheis; o que deixais é o que não podeis levar convosco, e por isso vos perdeis. Nu entrei neste mundo, e nu hei de sair dele, dizia Jó, e assim saíram o bom e o mau ladrão. Pois, se assim há de ser, queirais ou não queirais, despido por despido, não é melhor ir com o bom ladrão ao Paraíso, que com o mau ao inferno?

447. Rei dos reis e Senhor dos senhores, que morrestes entre ladrões para pagar o furto do primeiro ladrão, e o primeiro a quem prometestes o Paraíso foi outro ladrão, para que os ladrões e os reis se salvem, ensinaí com vosso exemplo, e inspirai com vossa graça a todos os reis, que, não elegendo, nem dissimulando, nem consentindo, nem aumentando ladrões, de tal maneira impidam os furtos futuros, e façam restituir os passados, que em lugar de os ladrões os levarem consigo, como levam, ao inferno, levem eles consigo os ladrões ao Paraíso, como vós fizestes hoje: *Hodie mecum eris in Paradiso*.

SERMÃO DO MANDATO

PREGADO EM LISBOA, NO HOSPITAL REAL, ANO 1643

*Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*¹

§I

A enfermidade, e não a prodigalidade, trouxe Jesus ao hospital. Argumento do presente discurso: Os remédios do amor; e o amor sem remédio.

448. Quem entrar hoje nesta casa — todo-poderoso e todo amoroso Senhor — quem entrar hoje nesta casa — que é o refúgio último da pobreza e o remédio universal das enfermidades — quem entrar, digo, a visitar-vos nela — como faz todo este concurso da piedade cristã — com muito fundamento pode duvidar se viestes aqui por pródigo, se por enfermo. Destes o céu, destes a terra, destes-vos a vós mesmo, e quem tão prodigamente despendeu quanto era e quanto tinha, não é muito que viesse a parar em um hospital. Quase persuadido estava eu a este pensamento, mas no juízo dos males sempre conjecturou melhor quem presumiu os maiores. Diz o vosso evangelista, Senhor, que a enfermidade vos trouxe a este lugar, e não a prodigalidade. Enfermo diz que estais, e tão enfermo que a vossa mesma ciência vos promete poucas horas de vida, e que por momentos se vem chegando a última: *Sciens Jesus quia venit hora ejus* (Jo. 13,1). Qual seja esta enfermidade, também o declara o Evangelista. Diz que é de amor, e de amor nosso, e de amor incurável. De amor: *cum dilexisset*; de amor nosso: *suos qui erant in mundo*; e de amor incurável e sem remédio: *in finem dilexit eos*. Este é, enfermo Senhor, e saúde de nossas almas, este é o mal ou o bem de que adoceastes, e o que vos há de tirar a vida. E porque quisera mostrar aos que me ouvem que, devendo-vos tudo pela morte, vos devem ainda mais pela enfermidade, só falarei dela. Acomodando-me pois ao dia, ao lugar e ao Evangelho, sobre as palavras que tomei dele, tratarei quatro coisas, e uma só. Os remédios do amor e o amor sem remédio. Este será, amante divino, com licença de vosso coração, o argumento do meu discurso. Ainda não sabemos de certo se o vosso amor se distingue da vossa graça. Se se não distinguem, peço-vos o vosso amor, sem o qual se não pode falar dele, e se são coisas distintas, por amor do mesmo amor vos peço a vossa graça. *Ave Maria*.

§II

Os quatro remédios do amor: tempo, ausência, ingratidão e melhoria de objeto.

449. Os remédios do amor e o amor sem remédio são as quatro coisas, e uma só, de que prometi falar, porque, sendo a enfermidade do amor a que tirou a vida ao Autor da vida, não se pode mostrar que foi amor sem remédio, sem se dizer juntamente quais sejam os remédios do amor. Desta matéria escreveu eruditamente o Galeno do amor humano, nos livros que intitulou *De Remedio Amoris*, cujos aforismos, porque hão de ser convencidos, entrarão sem texto e sem nome, como quem não vem a autorizar, senão a servir. Os remédios, pois, do amor mais poderosos e eficazes que até agora tem descoberto a natureza, aprovado a experiência e receitado a arte, são estes quatro: o tempo, a ausência, a ingratidão, e, sobretudo, o melhorar de objeto. Todos temos nas palavras que tomei por tema, e tão expressos que não hão mister comento: *Cum dilexisset*, eis aí o tempo; *suos qui erant in mundo*, eis aí a ingratidão; *ut transeat*, eis aí a ausência; *ex hoc mundo ad Patrem*, eis aí a melhoria do objeto. E com se aplicarem todos estes remédios à enfermidade, todos estes defensivos ao coração, e todos estes contrários ao amor do divino Amante, nem o tempo o diminuiu, nem a ingratidão o esfriou, nem a ausência o enfraqueceu, nem a melhoria do objeto o mudou um ponto: *In finem dilexit eos*. Estas são as quatro partes do nosso discurso; vamos acreditando amor e desacreditando remédios.

§III

O primeiro remédio: o tempo. O amor de Davi a Bersabé. A eternidade do amor em Salomão e em Santo Agostinho. O amor de Cristo e a jurisdição do tempo: em vez de o tempo diminuir-lhe o amor, o amor diminuiu o tempo. O amor de Jacó a Raquel, figura do amor de Cristo. A morte de Cristo na Epístola aos Hebreus.

450. O primeiro remédio que dizíamos é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas que partem do centro para a circunferência, que, quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino,

porque não há amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não tira, embota-lhe as setas, com que já não fere, abre-lhe os olhos, com que vê o que não via, e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhes os defeitos, enfastia-lhes o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos. Baste por todos os exemplos o do amor de Davi.

451. Amou Davi a Bersabé com aqueles extremos que todos sabem, e, sendo o coração deste homem feito pelos moldes do coração de Deus, e Deus tão picado de ciúmes, como ele confessa de si: *Ego Deus zelotes*², coisa é digníssima de grande reparo que o mesmo Deus o deixasse continuar naquele amor, sem lhe procurar o remédio, senão ao cabo de um ano, quando o mandou reduzir pelo profeta Natã. Quanto Deus sentisse este desamor de Davi, bem se vê da circunstância deste mesmo cuidado, pois ele, sendo o ofendido, foi o que solicitou a reconciliação, sem esperar que Davi a procurasse. Pois, se Deus queria e desejava tanto que Davi se apartasse do amor de Bersabé, por que dilatou esta diligência tanto tempo, e não lhe procurou o remédio senão no fim de um ano? Pois esse mesmo ano, e esse mesmo tempo foi o primeiro remédio com que o começou a curar. As outras enfermidades têm na dilação o maior perigo; a do amor tem na mesma dilação o melhor remédio. Via, o que só vê os corações dos homens, que, enquanto duravam aqueles primeiros fervores da afeição de Davi, dificultosamente se lhe havia de arrancar do coração um amor em que estava tão empenhado; pois deixe-se a cura ao tempo, que ele pouco a pouco o irá dispondo, e assim foi. Ao princípio não reparava Davi no que devia ao vassalo, nem no que se devia a si, nem no que devia a Deus: matava homens, perdia exércitos, não fazia caso da fama nem da consciência, que tanta violência trazia aquele bravo incêndio em seus princípios; mas foi andando um dia e outro dia, foi passando uma semana e outra semana, foi continuando um mês e outro mês, e quando já chegou o fim do ano, em que estado estava o amor de Davi? Estava a chaga tão disposta, o coração tão moderado, e o calor tão remetido, que bastou uma só palavra do profeta para o sarar de todo. O que era desejo se trocou subitamente em dor; o que era cegueira, em luz; o que era gosto, em lágrimas; e o que era amor, em arrependimento. E se tanto pode um ano, que farão os muitos?

452. Estes são os poderes do tempo sobre o amor. Mas sobre qual amor? Sobre o amor humano, que é fraco; sobre o amor humano, que é inconstante; sobre o amor humano, que não se governa por razão, senão por apetite; sobre o amor humano, que, ainda quando parece mais fino, é grosseiro e imperfeito. O amor, a quem remediou e pôde curar o tempo, bem poderá ser que fosse doença, mas não é amor. O amor perfeito, e que só merece o nome de amor, vive imortal sobre a esfera da mudança, e não chegam lá as jurisdições do tempo. Nem os anos o diminuem, nem os séculos o enfraquecem, nem as eternidades o cansam: *Omni tempore diligit, qui amicus est*³, disse nos seus Provérbios o Salomão da Lei Velha; e o Salomão da Nova, Santo Agostinho, comentando o mesmo texto, penetrou o fundo dele com esta admirável sentença: *Manifeste declarans amicitiam aeternam esse, si vera est; si autem desierit, nunquam vera fuit*: Quis-nos declarar Salomão — diz Agostinho — que o amor que é verdadeiro tem obrigação de ser eterno, porque, se em algum tempo deixou de ser, nunca foi amor: *Si autem desierit, nunquam vera fuit*. Notável dizer! Em todas as outras coisas o deixar de ser é sinal de que já foram; no amor o deixar de ser é sinal de nunca ter sido. Deixou de ser? Pois nunca foi. Deixastes de amar? Pois nunca amastes. O amor que não é de todo o tempo, e de todos os tempos, não é amor, nem foi, porque se chegou a ter fim, nunca teve princípio. É como a eternidade, que se, por impossível, tivera fim, não teria sido eternidade: *Declarans amicitiam aeternam esse, si vera est*.

453. Tão isento da jurisdição do tempo é o verdadeiro amor. Porém um tal amor, onde se achará? Só em vós, Fênix divino, só em vós. Isso quer dizer: *Cum dilexisset*: como tivesse amado. E quando, ou desde quando? Primeiramente, desde o princípio sem princípio da eternidade, porque desde então começou o Verbo eterno a amar os homens, ou desde então os amou sem começar, como ele mesmo disse: *Et deliciae meae esse cum filiis hominum*⁴. E um amor, que teve as raízes na eternidade, vede como podia achar remédio no tempo? O tempo começou com a criação do mundo, porque antes do mundo não havia tempo. E este tempo em Cristo divide-se em duas partes: o tempo em que amou desde o princípio do mundo, com a vontade divina, e o tempo em que amou desde o princípio da vida, com a vontade divina e humana. Desde o princípio da vida passaram trinta e quatro anos; desde o princípio do mundo passaram mais de quatro mil, e em tantos anos e tantos séculos de amor, nenhum poder teve sobre ele o tempo. Oh! amor só verdadeiro! Oh! amor só constante! Oh! amor só amor! Que não desfez, que não acabou a continuação pertinaz de tantos anos, quantos correram desde o princípio do mundo até o fim da vida de Cristo? Que cidade tão forte que não arruinasse? Que mármore que não gastasse! Que bronze que não consumisse? Todas as coisas humanas, em tão comprida continuação, acabou o tempo, e o que é mais, até a memória delas; só o amor de Jesus, apesar dos anos e dos séculos, sempre inteiro, sem diminuição, sempre firme, sempre perseverante, sempre o mesmo, porque, assim como tinha amado no princípio: *Cum dilexisset*, assim amou, e com a mesma intenção, no fim: *In finem dilexit*.

454. Tão fora esteve o tempo — vede o que digo — tão fora esteve o tempo de poder diminuir o amor de Cristo, que antes o amor de Cristo diminuiu o tempo. No mesmo texto do nosso Evangelho o temos: *Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*: Sabendo Jesus que era chegada a hora de passar deste mundo ao Padre. — Isto disse o evangelista, falando dos mistérios da última Ceia, em que Cristo, com o maior prodígio da sua humildade, e com o maior milagre da sua onipotência, manifestou aos homens qual era o extremo com que os amava. Mas a hora em que o

Senhor passou deste mundo ao Padre não foi neste dia, senão no dia de sua Ascensão, quarenta e dois dias depois deste. Pois, se ainda lhe restavam a Cristo quarenta e dois dias para estar no mundo antes de subir ao Padre, como diz o evangelista que já era chegada a hora: *Quia venit hora ejus?* Eram tantos dias, e era uma só hora? Sim, porque todos estes dias em que o Senhor se havia de deter no mundo, eram dias de estar com os seus amados: *Cum dilexisset suos*, e, ainda que pela medida do tempo eram muitos dias, pela conta do seu amor era uma só hora: *Hora ejus*. Notai muito agora o cômputo destes mesmos dias, e reparai no que nunca reparastes. Desde a hora da Ceia até a hora em que Cristo subiu ao céu, passaram-se pontualmente mil horas, sem faltar nem sobejar uma só. E todos estes dias que medidos pelas rodas do tempo, faziam cabalmente mil horas, contadas pelo relógio do amor, que Cristo tinha no peito, era uma só hora. Por isso se chama: *Hora ejus*: hora sua, porque para o mundo e para o tempo eram mil horas, e para Cristo e para o seu amor era uma. E se o amor de Cristo de mil horas fazia uma só hora, vede quão certo é o que eu dizia, que, em vez de o tempo diminuir o amor, o amor diminuiu o tempo.

455. De Jacó dizia a Escritura que, sendo sete os anos que serviu por Raquel, lhe pareciam poucos dias, porque era grande o amor com que a amava: *Videbantur illi pauci dies prae amoris magnitudine* (Gên. 29,20). Não seria Jacó tão celebrada figura de Cristo se também o seu amor não tivesse a propriedade de diminuir o tempo. Mas nesta mesma diminuição é necessário advertir que os anos que a Jacó lhe pareciam poucos dias não foram só sete, senão muitos mais, ou muito maiores. Assim como o gosto faz os dias breves, assim o trabalho os faz longos. A Abraão disse Deus que seus descendentes serviriam aos egípcios quatrocentos anos, sendo que serviram cem anos somente, porque o trabalho dobra e redobra o tempo, e cem anos de servir são quatrocentos anos de padecer. Do mesmo modo se hão de contar os anos de Jacó. Jacó serviu com tanto trabalho, de dia e de noite, como ele bem encareceu a Labão, não sendo os enganos e trapaças do mesmo Labão a menor parte do seu grande trabalho. Logo, assim como o amor de Jacó diminuía os anos por uma parte, assim o trabalho os acrescentava por outra, e, concorrendo juntamente o amor a diminuir e o trabalho a acrescentar os mesmos anos, já que eles se não multiplicassem tanto que fossem três vezes dobrados, ao menos haviam de ficar inteiros. Como podia logo ser que a Jacó lhe não parecessem anos, senão dias, e esses poucos? Não há dúvida que esta mesma que parece implicação é o maior encarecimento do amor de Jacó. O tempo fazia os anos, o trabalho multiplicava o tempo, mas o amor de Jacó, maior que o trabalho e maior que o tempo, não só diminuía os anos que fazia o tempo, senão também os que multiplicava o trabalho. Com o gosto de servir diminuía o amor uns anos, com o gosto de padecer diminuía os outros, e por isso, ainda que fossem anos sobre anos, e muitos sobre muitos, todos eles lhe pareciam dias, e poucos dias: *Videbantur illi pauci dies*.

456. Muito estimara eu que estes dias do amor de Jacó, que a Escritura chama poucos, nos dissesse também a mesma Escritura quantos eram, ou quantos seriam. Mas dado — impossivelmente — que cada ano lhe parecesse um só dia, ainda o amor do figurado excede infinitamente ao da figura, e o de Jesus ao de Jacó. No tempo que diminui o amor de Cristo entra também o tempo da sua Paixão; e se o trabalho acrescenta e multiplica o tempo à medida do que se padece, quem poderá medir neste caso o tempo com o trabalho, e a duração do que o Senhor padecia com o excesso do que padeceu? Padeceu Cristo em sua Paixão, como provam todos os teólogos com Santo Tomás, mais do que padeceram nem hão de padecer todos os homens, desde o princípio até o fim do mundo. Os tormentos em si mesmos eram acerbíssimos, e fazia-os incomparavelmente maiores a delicadeza do sujeito, a viveza da apreensão, a tristeza suma, bastante ela só a tirar a vida, e, sobretudo, o conhecimento compreensivo da injúria infinita cometida contra Deus naquele e em todos os pecados do gênero humano. E quantos séculos de padecer vos parece que caberiam naquelas compridíssimas horas? Foram tão compridas, que bastou a duração delas para satisfazer pela eternidade das penas do inferno, que com a mesma duração se pagavam. E que sendo tão compridas, ou tão eternas aquelas horas, as reduziu o amor de Cristo a uma só hora: *Hora ejus?* Oh! amor verdadeiramente imenso! Que as outras horas e dias parecessem ao amorosíssimo Senhor muito breves não é tão grande maravilha, porque eram horas de estar com os que tanto amava; mas que também as da Paixão, sendo de tão excessivas penas, as abreviasse igualmente o seu amor? Sim, e pela mesma causa. As outras eram breves, porque eram horas de estar conosco, e estas eram também breves, porque eram horas de padecer por nós. Não sofreu o amor que pudesse menos contra o tempo o gosto da paciência que o da presença: por isso, diminuiu igualmente as horas tanto o gosto do padecer pelos homens como o gosto de estar com eles.

457. Uma e outra coisa compreendeu e declarou S. Paulo em uma só palavra, quando disse, falando da morte de Cristo: *Ut pro omnibus gustaret mortem*⁵. Não diz que padeceu o Senhor a morte por todos, senão que a gostou: *Ut gustaret*. Esta palavra *gustaret* quer dizer gostar e provar, e por isso diz com grande energia que Cristo gostou a morte, porque o gosto com que a padeceu a abreviou de tal sorte, como se somente a provara. Excelentemente S. Anselmo, comentando as mesmas palavras: *Ut gustaret, idest, horariam, et non longam, quasi ali quid gustando transiret*: Quer dizer o Apóstolo — diz Anselmo — que padeceu o Senhor a morte com tanto gosto, como se a não padecera toda, e somente a tocara, e passara por ela: *Quasi aliquid gustando transiret*. E por isso, sendo de tantas horas, e tão longas, lhe pareceu de uma só hora: *Horariam, et non longam*. Notai o novo adjetivo *horariam*, formado sem dúvida do *hora ejus* de São João. E vede que remédio podia ser o do tempo para curar o nosso divino enfermo, se a força do seu mal, ou do seu e nosso bem era tão forte e tão aguda que, em vez de o tempo diminuir o amor, o amor foi o que diminuiu o tempo: *Cum dilexisset, dilexit*.

O segundo remédio do amor: a ausência. Os efeitos da morte e os efeitos da ausência. Madalena e o temor da ausência. Os efeitos contrários da ausência no amor de Cristo. O amor de Cristo e a descida do Espírito Santo. Os efeitos da sua ausência. Cristo, Sol da ausência.

458. O segundo remédio do amor é a ausência. Muitas enfermidades se curam só com a mudança do ar; o amor com a da terra. E o amor como a lua que, em havendo terra em meio, daí-o por eclipsado. À sepultura chamou Davi discretamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis* (Sl. 87, 13). E que terra há que não seja a terra do esquecimento, se vos passastes a outra terra? Se os mortos são tão esquecidos, havendo tão pouca terra entre eles e os vivos, que podem esperar, e que se pode esperar dos ausentes? Se quatro palmos de terra causam tais efeitos, tantas léguas que farão? Em os longes, passando de tiro de seta, não chegam lá as forças do amor. Seguiu Pedro a Cristo de longe, e deste longe que se seguiu? Que aquele que na presença o defendia com a espada, na ausência o negou e jurou contra ele. Os filósofos definiram a morte pela ausência: *Mors est absentia animae a corpore*.⁶ E a ausência também se há de definir pela morte, posto que seja uma morte de que mais vezes se ressuscita. Vede-o nos efeitos naturais de uma e outra. Os dois primeiros efeitos da morte são dividir e esfriar. Morreu um homem, apartou-se a alma do corpo: se o apalpardes logo, achareis algumas relíquias de calor; se tomastes daí a um pouco, tocastes um cadáver frio, uma estátua de regelo. Estes mesmos efeitos ou poderes têm a vice-morte, a ausência. Despediram-se com grandes demonstrações de afeto os que muito se amavam, apartaram-se enfim, e, se tomardes logo o pulso ao mais enternecido, achareis que palpita no coração as saudades, que rebentam nos olhos as lágrimas, e que saem da boca alguns suspiros, que são as últimas respirações do amor. Mas, se tomardes depois destes ofícios de corpo presente, que achareis? Os olhos enxutos, a boca muda, o coração sossegado: tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausência seu ofício, como a morte: apartou, e depois de apartar, esfriou.

459. Ouvi o maior exemplo que pode haver desta verdade. Foi a Madalena ao sepulcro de Cristo na madrugada da Ressurreição, olhou, não achou o sagrado corpo, tornou a olhar, persistiu, chorou. E qual cuidais que era a causa de todas estas diligências tão solícitas? Diz, com notável pensamento, Orígenes, que não era tanto pelo que a Madalena amava a Cristo, quanto pelo que temia de si: *Metuebat, ne amor Magistri sui in pectore suo frigeret, si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret*⁷: Sabia a Madalena, como experimentada, que a ausência tem os efeitos da morte: apartar e depois esfriar; e como se via apartada do seu amado, que é o primeiro efeito, temia que se lhe esfriasse o amor no coração, que é o segundo: *Metuebat, ne amor Magistri sui in pectore suo frigeret*. Pois o amor da Madalena, tão forte, tão animoso, tão constante, tão ardente, o amor da Madalena canonizado de grande, engrandecido de muito: *Quoniam dilexit multum*⁸, tão pouco fiava de si mesmo, que temesse esfriar-se? Sim, que tais são os poderes da ausência contra o mais qualificado amor. E como o coração se aquece pelos olhos, por isso procurava com tanta diligência achar o corpo de seu Senhor, para que, com a sua vista, se tornasse a aquecer o amor, ou se não esfriasse sem ela: *Si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret*.

460. Estes costumam ser os efeitos da ausência, ainda nos corações mais finos, qual era o da Madalena, coração humano enfim. Porém, o coração de Cristo, humano e divino juntamente, ainda que, como humano, se aparta, como divino não se esfria. O fogo pode-se apartar, mas não se pode esfriar. Ao perto e ao longe, ou presente ou ausente, sempre arde igualmente, porque sempre é fogo. Poderá ser tão distante a ausência, que o tire da vista; mas nenhuma tão poderosa, que lhe mude a natureza. Tal o amor de Cristo — diz São Bernardo — *quia nunquam et nusquam potuit non amare, qui amor est*: Assim como o amor de Cristo não podia deixar de amar em nenhum tempo, porque é eterno, assim não pode deixar de amar em nenhum lugar ou distância, porque é amor. — O amor não é união de lugares, senão de vontades; se fora união de lugares, pudera-o desfazer a distância, mas como é união de vontades, não o pode esfriar a ausência. A ausência mais distante que se pode imaginar é a que hoje fez Cristo: *Ut transeat ex hoc ad Patrem*: ausência deste para o outro mundo. Todas as outras ausências, por mais distantes que sejam, sempre se fazem dentro do mesmo elemento, de uma parte da terra para a outra. A ausência de Cristo era tão distante, que excedia a esfera de todos os elementos, e passava da terra até o céu. Mas com a distância e a ausência serem tão excessivas, pôde a distância apartar os corpos, mas não pôde dividir os corações; pôde a ausência impedir a vista; mas não pôde esfriar o amor.

461. Tão longe esteve a ausência com os seus longes de ser remédio para o amor de Cristo, e tão longe de causar os seus efeitos, que antes produziu os contrários. Os efeitos da ausência, como vimos, são dividir e esfriar; e a ausência de Cristo, em vez de dividir, uniu, e em vez de esfriar, acendeu. Em vez de dividir, uniu as pessoas, e em vez de esfriar, acendeu o amor. Quando São Paulo, antes de ser santo nem Paulo, caminhava furioso para Damasco, as vozes com que Cristo o derrubou e converteu, foram: *Saule, Saule, quid me persequeris* (At. 9, 4): Saulo, Saulo, por que me persegues? — Sucedeu este grande caso no ano vinte do imperador Tibério, dois anos depois da subida de Cristo ao céu. Pois, se Cristo estava no céu — pergunta Santo Agostinho — se estava no céu, onde não podiam chegar as fúrias de Saulo, nem os poderes das provisões que levava da sinagoga, como se queixa o mesmo Cristo de que Saulo o perseguia? Se dissera que perseguia a seus discípulos, isso é o que refere o texto: *Saulus autem adhuc spirans minarum, et caedis in discipulos Domini*⁹. Mas dizer que Saulo, o qual estava na terra, o perseguia a ele, estando no céu? Sim, responde o mesmo Santo Agostinho, porque, ainda que o Senhor estava tão distante dos discípulos, quanto vai do céu à terra, estava contudo tão unido com eles, que os não distinguia de si. Se os distinguira de si, dissera: Por que persegues a meus discípulos? Mas, porque os não distinguia de sua

própria pessoa, por isso disse: Por que me persegues a mim: *Quid me persequeris?* Bem se encaminhava este texto a concluir o que eu pretendo provar, se não tivera contra si uma grande réplica. Quando no Horto vieram prender a Cristo os ministros dos Príncipes dos Sacerdotes, e disseram que buscavam a Jesus Nazareno, apontando o Senhor para os discípulos que o acompanhavam, disse: *Si ergo me quaeritis, sinite hos abire* (Jo. 18,8): Se me buscais a mim, deixai ir a estes. — Agora entra o meu reparo. Pois, se Cristo no Horto faz tão grande distinção de si aos seus discípulos, quando está no céu, por que se não distingue deles? Porque no Horto estava ainda presente, no céu estava já ausente, e o primeiro efeito que causou a ausência em Cristo foi uni-lo mais com os mesmos de quem se ausentara. Quando estava presente, Cristo e os discípulos eram eu e estes: *Si me quaeritis, sinite hos abire*; porém, depois que esteve ausente, já não havia eu e estes, senão eu; já não havia: Por que os persegues a eles, senão a mim: *Quid me persequeris?* E se a ausência com efeito tão contrário a si mesma, em vez de dividir, uniu as pessoas, também em vez de esfriar, acendeu o amor.

462. Depois da Ceia deste dia despediu-se o divino Mestre amorosamente dos mesmos discípulos, e, vendo-os tristes por sua partida, consolou-os com estas palavras: *Expedi vobis ut ego vadam: si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; si autem abiero, mittam eum ad vos* (Jo. 16,7): Discípulos meus, não vos desconsolou a minha partida: ausentome de vós, mas adverti que a vós vos convém e importa muito esta mesma ausência, porque, se eu não for para o céu, não virá o Espírito Santo; porém se for, como vou, eu vo-lo mandarei de lá. — Todos os teólogos concordam, e é sem dúvida, que tanto podia vir o Espírito Santo ausentando-se Cristo da terra, como não se ausentando; que conseqüência tem logo haver de vir se Cristo se ausentasse e se fosse para o céu, e não haver de vir se se não ausentasse? Ninguém ignora que o Espírito Santo essencialmente é amor; mas em que amor se viu jamais tal conseqüência? Ir-se o amor quando se vai o amante, esta é a conseqüência ordinária do que cá chamamos amor; mas haver-se de ir o amante para que venha o amor, e não haver de vir o amor, se não se for e se não se ausentar o amante? Só na ausência e no amor de Cristo se acha tal conseqüência. Assim o prometeu o Senhor, e assim o cumpriu. Partiu-se, foi para o céu, e dentro em poucos dias, ficando lá a pessoa do amante, veio cá em pessoa o seu amor. Mas como veio? Não menos intenso, não menos ardente, não menos abrasado que em forma de fogo. Bem dizia eu logo que, em vez da ausência lhe esfriar o amor, o havia de acender mais.

463. O mesmo Cristo o tinha já dito muito tempo antes. Falava deste fogo de seu amor, e disse que ele viera pôr fogo à terra, e que nenhuma coisa mais desejava senão que se acendesse: *Ignem veni mittere in terram, et quid volo, nisi ut accendatur?*¹⁰ Pois, se o Senhor desejava tanto que o fogo de seu amor se acendesse na terra, por que o não acendeu enquanto esteve nela? Porque é propriedade maravilhosa deste fogo divino aguardar pela ausência para se acender. As mesmas palavras, se bem se consideram, o dizem: *Ignem veni mittere in terram*. Não diz que veio para trazer o fogo à terra, senão para o mandar; logo sinal era que se havia de ausentar primeiro, e tornar para o céu, donde o mandasse. E isto é o que disse aos discípulos em próprios termos: *Si autem abiero, mittam eum ad vos*: Se eu me for, se eu me ausentar de vós, então vos mandarei o fogo do meu amor, ou o meu amor em fogo, para que vejais quanto vos convém esta minha ausência, e para que não receeis que ela, como costuma, me haja de esfriar o amor, porque antes o há de entender e acender mais.

464. O amor da Madalena, que ainda era imperfeito, buscava o remédio da vista para se não esfriar: *Quo viso recalesceret*; porém, o amor perfeitíssimo, qual era o do coração de Cristo, não depende do ver para amar, antes, quando a ausência e distância lhe impedem a vista, então se reconcentra e arde mais. Os olhos são as frestas do coração, por onde respira, e daqui vem que o coração na presença, em que tem abertos os olhos, por eles evapora e exala os afetos; porém, na ausência, em que os têm tapados pela distância, que lhe sucede? Assim como o vaso sobre o fogo, que, tapado e não tendo por onde respirar, concebe maior calor e o reconcentra todo em si, e talvez rebenta, assim o coração ausente, faltando-lhe a respiração da vista, e não tendo por onde dar saída ao incêndio, recolhe dentro em si toda a força e ímpeto do amor, o qual cresce naturalmente, e se acende e adelgaça, de sorte que, não cabendo no mesmo coração, rebenta em maiores e mais extraordinários efeitos.

465. Tudo o que acabo de dizer é filosofia não minha, senão do mesmo Cristo, e nesta mesma hora, declarando aos mesmos discípulos quais haviam de ser os efeitos da sua ausência. Na presença de seu soberano Mestre obravam os discípulos aquelas prodigiosas maravilhas com que assombravam o mundo, e cuidavam agora, entristecidos, que com a ausência do sol ficariam destituídos de todas estas influências. — Mas não há de ser assim, diz o Senhor; cada um de vós não só há de fazer as mesmas obras que dantes fazia, nem só tão grandes como as minhas, senão ainda maiores, e isto não por outra razão, senão porque me ausento: *Opera quae ego facio, et ipse faciet, et majora horum faciet: quia ego ad Patrem vado*.¹¹ Esta última cláusula: *Quia ego ad Patrem vado*, é digna de sumo reparo. — De maneira, Senhor, que porque ides para o Padre, e porque vos ausentais de vossos discípulos, por isso hão eles de fazer maiores obras que as suas, e maiores também que as vossas? Porventura haveis de ser mais poderoso no céu, do que éreis na terra? Não, responde o divino Amante. Não hão de experimentar esta diferença meus discípulos, porque lá hajam de ser maiores as jurisdições do meu poder, senão porque hão de ser maiores os efeitos do meu amor. Porque me vou: *Quia vado*, por isso hão de ver o que pode comigo a ausência; e porque vou para tão longe, *ad Patrem*, por isso hão de ver o que obram em mim as distâncias. Os longes só hão de servir de mais os favorecer, de mais os honrar, de mais os estimar, porque o meu amor todo é estimação, e o preço da estimação são os longes: *Procul, et de ultimis finibus pretium ejus*.¹²

466. Com razão chamei sol a Cristo nesta ocasião. O profeta chamou-lhe Sol de Justiça, e eu chamo-lhe Sol da Ausência. Quando a lua se mostra oposta ao sol no seu ocaso, então está maior e mais cheia, e faz em sua ausência outro

novo dia. Mas donde lhe vêm à lua estas enchentes de luz e de resplendores? Sábia e discretamente Apuléio: *Quanto longius abít a sole, tanto largius illuminatur; pari incremento itineris et luminis*: Quando a lua está mais longe do sol, então se vê mais alumiada, porque tão longe estão os longes do sol de lhe diminuir a luz, que, antes, à medida da distância lhas comunica maiores. — E se estes são os efeitos, ou os primores do sol quando se ausenta, quais serão os daquele Senhor que criou o sol? Já ele o tinha dito de si pelo profeta Jeremias: *Putasne Deus e vicino ego sum, et non Deus de longe* (Jer. 23,23)? Cuidais que eu só sou Deus de perto, e não Deus de longe? — Enganai-vos. De perto sou Deus, e de longe Deus; antes, do modo que pode ser, mais Deus ainda de longe do que de perto, porque de perto mostro a minha presença, e de longe a minha imensidade. Tal o amor do nosso Deus, ou o nosso Deus do amor. Aparta-se e ausenta-se de nós nesta hora: *Ut transeat*; a distância é tão grande quanto vai da terra ao céu: *Ex hoc mundo ad Patrem*; mas as gages da sua presença não se diminuem, antes crescem: *Pari incremento itineris et luminis*, porque, quanto são mais remotas as distâncias da sua ausência, tanto são maiores e mais intensos os afetos e efeitos de seu amor: *Ut transeat ex hoc mundo, in finem dilexit eos*.

§ V

O terceiro remédio do amor e o mais forte: a ingratidão. Caim, o primeiro ingrato depois de Adão. Cristo e a ingratidão dos presentes. Cristo e a penha milagrosa do deserto. Judas e Pedro, os mais ingratos e os mais favorecidos. O sangue e a água do lado de Cristo frutos da maior de todas as ingratidões que os homens usaram com Cristo: a lançada.

467. O terceiro remédio do amor é a ingratidão. Assim como os remédios mais eficazes são ordinariamente os mais violentos, assim a ingratidão é o remédio mais sensitivo do amor, e juntamente o mais efetivo. A virtude que lhe dá tamanha eficácia, se eu bem o considero, é ter este remédio da sua parte a razão. Diminuir o amor o tempo, esfriar o amor a ausência, é sem-razão de que todos se queixam; mas que a ingratidão mude o amor e o converta em aborrecimento, a mesma razão o aprova, o persuade, e parece que o manda. Que sentença mais justa que privar do amor a um ingrato? O tempo é natureza, a ausência pode ser força, a ingratidão sempre é delito. Se ponderarmos os efeitos de cada um destes contrários, acharemos que a ingratidão é o mais forte. O tempo tira ao amor a novidade, a ausência tira-lhe a comunicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. De sorte que o amigo, por ser antigo, ou por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado; se o deixamos de amar não é culpa sua, é injustiça nossa; porém, se foi ingrato, não só ficou indigno do mais túbio amor, mas merecedor de todo o ódio. Finalmente o tempo e a ausência combatem o amor pela memória, a ingratidão pelo entendimento e pela vontade. E ferido o amor no cérebro, e ferido no coração, como pode viver? O exemplo que temos para justificar esta razão ainda é maior que os passados.

468. O primeiro ingrato depois de Adão foi Caim: ingrato a Deus, ingrato aos pais, ingrato ao irmão, e a toda a natureza ingrato. Matou a Abel, e, morto ele, parece que ficava segura a ingratidão de ter a correspondência que merecia no coração ofendido; mas vede o que diz Deus ao mesmo Caim: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra* (Gên. 4,10): A voz do sangue de teu irmão desde a terra, onde o derramaste, está clamando a mim e pedindo vingança. — Notável caso! Três razões acho em Abel, que desafinam muito nos meus ouvidos estas suas vozes. Ser irmão, ser santo e ser morto. Se era morto, como brada? Onde está a insensibilidade da morte? Se era santo, como não perdoa? Onde está o sofrimento da virtude? Se era irmão, como pede vingança? Onde está o afeto da natureza? Aqui vereis quão poderosa é a ingratidão, para trocar em aborrecimento ainda o mais bem fundado amor. Aonde achará amor um ingrato, se nem em um irmão achou piedade, nem em um santo perdão, nem em um morto silêncio? É tão justa e tão certa paga da ingratidão o aborrecimento, que porque houve um ingrato homicida, houve logo um aborrecimento ressuscitado. E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como achará amor nos vivos?

469. A natureza e a arte curam contrários com contrários. Sendo, pois, a ingratidão o maior contrário do amor, quem duvida que este terceiro remédio seria também o último, e o mais presente e eficaz, ou para extinguir de todo, ou, quando menos, para mitigar o amor de Cristo? Assim o ensinam os aforismos da arte, assim o confirmam as experiências da natureza, mas não foi assim. É a ingratidão com o amor, como o vento com o fogo: se o fogo é pequeno, apaga-o o vento; se é grande, acende-o mais. Mais ofendido foi Cristo que Abel, maiores ingratidões usaram com ele os homens que a de Caim, mas nenhuma, nem todas juntas foram bastantes para lhe remitirem um ponto o amor, nem vivo, nem morto: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos*. Aquelas palavras: *qui erant in mundo*: os seus que estavam no mundo - parecem supérfluas, e que antes limitam do que encarecem o amor. Cristo, Senhor e Redentor nosso, como Senhor e Redentor de todos os homens, não só amou aos que estavam no mundo, senão também aos que não estavam. Não só amou os presentes, senão os passados e os futuros, porque por todos os que eram, foram e haviam de ser, deu o preço de seu sangue. Fez, porém, expressa menção o evangelista só dos presentes e dos que estavam no mundo: *Suos qui erant in mundo*, porque estes foram os mais ingratos. Os futuros ainda não eram, os passados, pela maior parte, não conheceram a Cristo; os presentes conheceram-no, ouviram sua doutrina, viram seus milagres, receberam seus benefícios, e como lhe pagaram? Deixando-o, negando-o, vendendo-o, crucificando-o. Pode haver correspondências mais desiguais, mais contrárias, mais ingratas? Não pode. Mas não podendo as ingratidões ser maiores, tiveram tão pouco poder contra o amor de Cristo, que — assim como dissemos dos outros remédios — em vez de as ingratidões o diminuïrem, o acrescentaram, e em vez de serem remédio para aborrecer,

foram motivo para mais amar.

470. Quando os filhos de Israel caminhavam pelo deserto para a Terra de Promissão, acompanhava-os milagrosamente uma penha, da qual saíam ribeiras de água também sucessiva, com que o povo matava a sede. Fala deste milagre S. Paulo, e diz assim: *Bibebant de consequente eos petra, petra autem erat Christus* (1 Cor. 10, 4): Bebiam da pedra que os seguiam, e esta pedra era Cristo. — Se fora no passo em que estamos, não era muito que Cristo se convertesse em pedra, porque não há coisa que tanto seque e endureça como a ingratidão. Mas que achou São Paulo nesta pedra milagrosa, para dizer que era Cristo? O mesmo texto que conta a história no-lo dirá: *Percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae*.¹³ Aquela pedra era pederneira: *silicem*; feriu-a Moisés duas vezes com a vara: *Percutiens virga bis silicem*; e o que a pedra ferida brotou de si foi grande cópia de água: *Egressae sunt aquae largissimae*. Daqui tirou a sua consequência o apóstolo. O natural da pederneira, quando lhe dão golpes, é lançar de si faíscas de fogo; e pedra — diz São Paulo — que ferida uma e outra vez, em vez de responder com fogo, se desfaz em água, esta pedra não era pedra, era Cristo: *Petra autem erat Christus*. Ponhamo-nos agora com o pensamento no Cenáculo de Jerusalém, e veremos este mesmo milagre, não só repetido, mas verificado. Dois golpes deram hoje naquela pedra divina; com dois golpes feriram hoje o coração de Cristo dois homens, de quem ele devera esperar, e a quem merecia bem diferente tratamento. Um golpe lhe deu Judas, que o vendeu, outro golpe lhe deu Pedro, que o negou. E que aconteceu? Oh! milagre de amor verdadeiramente divino! Em lugar de sair da pedra fogo, saiu água: *Egressae sunt aquae largissimae*; em lugar de sair fogo — castigo próprio de infiéis — com que os abrasasse, o que saiu foi água, com que, por suas próprias mãos, lhes lavou os pés: *Misit aquam in pelvim, et caepit lavare pedes discipulorum*¹⁴.

471. Notai agora, e notai muito, que, lavando o Senhor os pés a todos os discípulos, só de Judas e de Pedro faz menção neste ato o evangelista. De Judas: *Cum diabolus jam misisset in cor; ut traderet eum Judas, surgit a caena, et ponit vestimenta sua*¹⁵; de Pedro: *Misit aquam in pelvim, et caepit lavare pedes discipulorum: venit ergo ad Simon Petrum*¹⁶. — Pois, Senhor, vós que tudo sabeis e estais vendo, vós os pés de Judas? Vós os pés de Pedro? Não são os pés de Pedro aqueles pés covardes que vos hão de seguir de longe? Não são os pés de Pedro aqueles pés desleais que o hão de levar ao paço, onde vos há de negar três vezes? Os pés de Judas não são aqueles pés infiéis que deste mesmo lugar hão de partir a vender-vos? Os pés de Judas não são aqueles pés traidores que hão de guiar vossos inimigos a vos prender no Horto? Pois, diante de pés tão indignos estais vós prostrado de joelhos? Estes pés lavais com vossas próprias mãos e com a água que sobre essa água estão derramando vossos olhos? Sim, que não fôreis vós, Deus e Senhor meu, quem sois, nem o vosso amor fora amor, nem fora vosso, se o puderam mudar ingratidões ou diminuir agravos. Porque nesses dois homens andou a ingratidão mais refinada, por isso com eles se mostra o vosso amor mais fino. E não só mais fino no ato do lavatório dos pés, que foi comum a todos os discípulos, senão mais fino também nos favores particulares com que a estes dois mais ingratos singularizou entre todos vosso amor.

472. Se bem repararmos antes e depois da morte de Cristo, acharemos que o mais favorecido na Ceia foi Judas, e o mais favorecido na Ressurreição foi Pedro. Na Ceia todos os discípulos comeram igualmente, e só a Judas fez o Senhor um mimo particular: *Et cum intinxisset panem, dedit Judae*¹⁷. Na Ressurreição a todos igualmente mandou a nova, e só a Pedro nomeou em particular: *Dicite discipulis ejus, et Petro*¹⁸. E por que só a Judas e só a Pedro estes favores particulares? Porque só Judas e só Pedro tiveram particularidade na ingratidão. Na Ceia o que mais ofendeu a Cristo foi Judas; na Paixão o que mais o ofendeu foi Pedro. E como o amor de Cristo das maiores ingratidões faz motivos de mais amar, foram estes dois os mais favorecidos, porque foram estes dois os mais ingratos. Se o amor de Cristo fora como o nosso, haviam de ser as ingratidões motivos de aborrecer; mas como o seu amor era o seu, foram incentivos de mais amar, e razões sobre toda a razão de mais bem fazer.

473. Ora, eu buscando a causa destes contrários efeitos — que todos, creio, desejam saber — e filosofando sobre a diferença deles, acho que toda procedia da qualidade singular do coração de Cristo. Era tal a qualidade daquele soberaníssimo coração que, metidas nele as ingratidões dos homens, e estiladas com o fogo do seu amor, o estilado das mesmas ingratidões vinham a ser favores e benefícios. O mesmo Cristo se queixava por boca de Davi de que, semeando benefícios nos corações dos homens, de grandes benefícios colhia maiores ingratidões: porém o seu amor — que é o que agora digo — estilando essas mesmas ingratidões dentro no coração, de grandíssimas ingratidões, tirava maiores benefícios. Já o vimos nos exemplos de Cristo vivo e de Cristo ressuscitado: vejamo-lo agora, com maior assombro, no de Cristo morto.

474. Morto o Redentor na Cruz, abriram-lhe com uma lança o peito, e saiu dele sangue e água: *Exivit sanguis et aqua* (Jo. 19,34). Mas que sangue foi este em um corpo que o tinha derramado todo, e que água em um morto, morto a sede? Nem a água, nem o sangue eram o que tinham sido. São Cirilo Jerosolimitano diz que o sangue fora o sangue que tomaram sobre si os que procuraram a morte do Senhor: *Sanguis ejus super nos*¹⁹, e que a água fora a água com que Pilatos lavou as mãos quando o condenou ou entregou à morte: *Aqua lavit manus coram populo*²⁰. As palavras do santo são breves, mas expressas: *Erant haec duo de latere, judicanti aqua, clamantibus vero sanguis*. E como esta injustiça foi tão ímpia e bárbara, e a ingratidão tão desumana e tão atroz, não é muito que o Senhor a sentisse como merecia, e que — ao modo que se diz da água do dilúvio: *Tactus dolore cordis intrinsecus*²¹ — a mesma água e o mesmo sangue lhe chegassem ao coração, e se conservassem nele até a morte. Isto é o que tinham sido aquele sangue e aquela água, quando entraram no coração de Cristo. E quando saíram, que foram? Tertuliano, S. Crisóstomo, Santo Agostinho, e o comum sentir dos Padres concordam

em que o sangue era o Sacramento da Eucaristia, e a água o Sacramento do Batismo, dos quais se formou a Igreja, saindo do lado de Cristo como Eva do lado de Adão. Deixo as autoridades, porque são sabidas. Pois se este sangue e esta água, quando entraram no coração de Cristo, foram os dois instrumentos de sua morte, como agora, quando saem do mesmo coração, são os dois elementos de nossa vida? Porque esta é a qualidade soberana do coração de Cristo, e assim se mudam e trocam nele as ingratidões dos homens. Os agravos se trocam em benefícios, as injustiças em misericórdias, os sacrilégios em sacramentos, e o consumado da ingratidão no estilado do amor: *Contumelia invertitur*; disse Teofilato.

475. Mas qual foi o motivo que teve o mesmo amor para sair com este prodígio? Foi, porventura, a fé do centurião, que, reconhecendo a divindade do crucificado confessou publicamente que era Filho de Deus: *Vere Filius Dei erat iste*²²? Foi, porventura, a contrição e penitência dos que tornavam do Calvário para Jerusalém batendo nos peitos: *Percutientes pectora sua, revertebantur*²³? Não. O motivo que tomou o amor para converter nos dois maiores benefícios as duas maiores ingratidões foi outra ingratidão maior que todas. A maior de todas as ingratidões que os homens usaram com Cristo, é, sem controvérsia, que foi a lançada. Porque as outras foram cometidas contra Cristo vivo, e a lançada, não só contra Cristo morto, mas morto pela salvação dos mesmos homens, que assim lhe pagaram o morrer por eles. Por isso o mesmo Senhor, naquele salmo em que se referem todos os tormentos da Paixão, só da lançada pediu a Deus o livrasse: *Erue a framea, Deus, animam meam*²⁴, não pela dor que houvesse de sentir o corpo, que já estava morto, mas pelo horror que já lhe feria e penetrava a alma, na apreensão de uma atrocidade tão feia e tão ingrata. E essa foi a razão por que não disse que lhe livrasse da lança o seu corpo, senão nomeadamente a sua alma: *Erue a framea animam meam, Deus*. Sendo, pois, esta a mais cruel e desumana ingratidão que jamais se cometeu nem podia cometer no mundo, que não só a convertesse o coração de Cristo no maior e mais consumado benefício, mas que esperasse com o peito fechado até que a lança, como diz São Crisóstomo, fosse a chave que lho abrisse, por que pela mesma ferida nos comunicasse sem nenhuma reserva os últimos tesouros de sua graça? Não há dúvida que, assim como da parte da ingratidão foi o maior excesso a que podia chegar a fereza humana, assim da parte do amor foi o maior extremo com que a podia corresponder a benignidade divina. E se este é o modo com que Cristo vingava os agravos, e esta a moeda com que paga as ingratidões, como podia sarar o seu amor com este remédio, ou deixar de amar os seus, por mais que lhe fossem ingratos: *Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos*?

§VI

O quarto remédio do amor: a melhoria do objeto. Um amor com outro se apaga. Davi e o amor de Micol. O amor dos homens e o amor do Padre Eterno. As despedidas de Cristo. Tristeza da alma de Cristo. Efeitos contrários deste último remédio.

476. Não havendo aproveitado até agora nem o remédio natural do tempo, nem o artificial da ausência, nem o violento da ingratidão, antes, tendo mostrado a experiência que com os remédios cresce a enfermidade, e com os contrários se aumenta, como já disse Ricardo Vitorino: *Quia amoris incendium ex alterutra contradicitione magis exaestuat*²⁵, também eu parara aqui, e deixara de aplicar ou explicar o quarto remédio, se ele não fora tão poderoso e superior na eficácia a todos, que sobre a maior desconfiança pode dar esperanças da melhoria.

477. É pois o quarto e último remédio do amor, e com o qual ninguém deixou de sarar: o melhorar de objeto. Dizem que um amor com outro se paga, e mais certo é que um amor com outro se apaga. Assim como dois contrários em grau intenso não podem estar juntos em um sujeito, assim no mesmo coração não podem caber dois amores, porque o amor que não é intenso não é amor. Ora, grande coisa deve de ser o amor, pois, sendo assim, que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dois amores. Daqui vem que, se acaso se encontram e pleiteiam sobre o lugar, sempre fica a vitória pelo melhor objeto. É o amor entre os afetos como a luz entre as qualidades. Comumente se diz que o maior contrário da luz são as trevas, e não é assim. O maior contrário de uma luz é outra luz maior. As estrelas no meio das trevas luzem e resplandecem mais, mas em aparecendo o sol, que é luz maior, desaparecem as estrelas. Grande luz era o Batista antes de vir Cristo ao mundo; apareceu Cristo, que era a verdadeira luz: *Erat lux vera, quae illuminat omnem hominem*²⁶, e que lhe sucedeu ao Batista? Logo deixou de ser luz: *Non erat ille lux*²⁷. O mesmo lhe sucede ao amor, por grande e extremado que seja. Em aparecendo o maior e melhor objeto, logo se desamou o menor.

478. Entre as injustiças que el-rei Saul cometeu contra Davi, a mais sensível e a mais sentida dele foi negar-lhe a princesa Micol, que era o preço da vitória do gigante, e não só negar-lha, que fora menor injúria, senão dá-la a seu despeito a Faltiel. Dissimulou esta dor Davi, até que se viu com a coroa de Israel na cabeça, e a primeira coisa que fez, ou a primeira condição com que aceitou a mesma coroa, foi que Micol lhe fosse logo restituída. — Sofriam-se estes câmbios na moeda corrente de cada dia. — Conta o caso a Escritura, e refere uma circunstância muito digna de reparo: *Misit ergo Isboeth, et tulit eam a viro suo Phaltiel: sequebaturque eam vir suus, plorans usque Bahurim* (2 Rs. 3,15s). Quer dizer que mandou Isboeth, filho de Saul, tirar a Faltiel sua mulher Micol, e que ele a acompanhou chorando até o lugar onde se havia de entregar, e não diz mais. O que agora noto é que neste apartamento chorasse Faltiel, e não chorasse Micol. Para Micol chorar, bastava ver chorar a Faltiel; e quando não bastasse, concorriam nela outras duas razões naturais, não só para chorar, senão para chorar mais. A primeira, porque nas despedidas costumam enternecer-se mais os que vão que os que ficam. Assim

o temos por exemplo em Davi, quando se apartou de Jônatas: *Fleverunt pariter, David autem amplius*²⁸. A segunda, por ser Micol mulher, e mulher que se apartava de seu marido, segundo aquela regra da natureza: *Uxor amans flen tem, flens acrius ipsa tenebat*²⁹. Pois, se Micol nesta ocasião tinha tantas razões de chorar, e se apartava de Faltiel, e se apartava para sempre — que era outra nova razão — por que não chorou nem uma só lágrima? Não chorou, porque já não amava, e não amava, porque melhorou de objeto. Faltiel chorava, porque perdia a Micol, e Micol não chorava, porque trocava a Faltiel por Davi. Enquanto Micol vivia com Faltiel, não podemos duvidar que o amasse, porque Micol era princesa, e o amor era obrigação; porém, tanto que lhe falaram nas bodas de el-rei Davi, mudou logo de afeição, porque melhorou de objeto.

479. E se a melhoria do objeto é tão poderoso e eficaz remédio para mudar de amor, não digo eu quão poderoso seria, senão quão onipotente no nosso caso, em que a diferença ou a competência não era de homem a homem, senão de homens a Deus, nem de Faltiel a Davi, senão de Pedro e João ao Eterno Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*. Comparai-me o Criador do céu e da terra com os pescadores de Tiberíades; o adorado dos anjos com os desprezados do mundo; o infinito, o imenso, o incompreensível, o que só é, e dá o ser a tudo, com os que verdadeiramente eram nada, como somos todos, e vereis quão temerária esperança seria, e quão louco pensamento o de quem cuidasse que à vista de tal objeto podia ter lugar, não digo o amor, mas nem a memória dos homens. Contudo o evangelista, depois de referir esta diferença e de ponderar a mesma desigualdade, dizendo: *Ex hoc mundo ad Patrem*, ainda persiste em afirmar que os homens foram não só amantes, senão os amados: *In finem dilexit eos*. Cuidava eu, e tinha infinita razão para cuidar e para crer que, quando o evangelista disse que Cristo se partia para o Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, o que havia de continuar a dizer em boa conseqüência, era: *In finem dilexit eum*. Enquanto esteve no mundo, amou aos homens: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo*; porém no fim, em que se partiu do mundo para o Padre: *Ex hoc mundo ad Patrem*, então, com a mudança e melhoria do objeto, e tal objeto, também mudou e melhorou de amor, e não os amou a eles, senão a ele: *In finem dilexit eum*. Assim o cuidava eu, e sem injúria nem agravo do amor dos homens; mas o evangelista, falando da despedida dos homens e da partida para o Padre, o que diz, com assombro da razão e pasmo do nosso mesmo juízo, é que o Padre foi o fim da jornada, porém os homens o fim do amor. O Padre, o fim da jornada: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*; e os homens, o fim do amor: *In finem dilexit eos*.

480. Assim o disse S. João, e assim o dizem todas as palavras e ações do amorosíssimo Senhor nesta mesma hora da sua partida. Viu tristes o divino Mestre aos discípulos, como era justo que estivessem em tal ocasião e tão precisa, estranhando-lhes a tristeza, disse: *Si diligeritis me, gauderetis utique, quia vado ad Patrem, quia Pater major me est* (Jo. 14, 28): Se vós, discípulos meus, me amáreis, havíeis-vos de alegrar com a minha ida, porque vou para meu Padre, que é maior que eu. Parece que da tristeza neste caso não se inferia bem o não amar. Antes, Senhor, porque os discípulos vos amam, por isso sentem vossa partida, e os entristece vossa ausência. Não -diz o divino Mestre -já eu lhes disse, e dei por razão, que o Padre para onde vou é maior que eu: *Quia Pater major me est*. E sendo a minha partida para melhorar tanto de estado e de objeto, se eles me amaram verdadeira e desinteressadamente, haviam de poder mais as minhas melhoras para os alegrar, que a minha ausência para os entristecer. Assim é em lei do perfeito amor. Mas, pouco depois de o mesmo Senhor ensinar e seguir este alto ditame, chega ao Horto, despede-se ultimamente dos mesmos discípulos, e foi tal o extremo da sua tristeza, que sem encarecimento lhes disse que era bastante a lhe tirar a vida: *Tristis est anima mea usque ad mortem*³⁰. Pois, se os discípulos se haviam de alegrar nesta despedida, porque seu Mestre e Senhor vai para o Padre, por que se não alegra também o mesmo Senhor, antes se entristece com tal extremo? Não vai para o Padre, que é maior? Sim. Não vai para melhorar tanto de estado e de objeto? Sim. Pois, por que não são bastantes estas melhoras para o alegrar, e basta a ausência dos homens para o entristecer? Por isso mesmo e pela mesma regra do verdadeiro amor. Poder mais a minha ausência para entristecer os discípulos, do que as minhas melhoras para os alegrar, é amarem-se eles a si; mas poderem menos as minhas melhoras para me alegrar, do que a sua ausência para me entristecer, é amá-los eu a eles. O que neles é tristeza, para ser amor havia de ser alegria, e o que em mim parece que havia de ser alegria, porque é amor, é tristeza. E, sendo estes dois afetos, de alegria e tristeza, tão contrários entre si, e os objetos de um e outro tão infinitamente desproporcionados quanto vai do Padre aos homens, que à vista de uma razão tão imensa de alegria tenha ainda lugar e peso a tristeza, e que no gosto e alvoroços de ir ao Padre, se não afogue, como em um mar ou dilúvio, o sentimento de deixar os homens? Só no coração imudável de um Homem-Deus se podia achar tal constância, e só no seu amor tal firmeza.

481. Mas apertemos bem o ponto e o texto em todo o rigor de Teologia. A alma de Cristo, Senhor nosso, nesta vida, e desde o instante de sua Encarnação, sempre viu a Deus, e sempre foi sumamente bem-aventurada, sem haver momento algum em que deixasse de o ser. Como podia logo a mesma alma, e no mesmo tempo, estar triste, e com tanto extremo triste: *Tristis est anima mea usque ad mortem*? Os teólogos, com Santo Tomás, declarando como isto podia ser, distinguem na alma, posto que não tenha partes, uma como parte superior, que é a intelectual, e outra inferior, que é a sensitiva. E deste modo, dividida de si para consigo mesma, a alma de Cristo, no mesmo tempo podia estar — e estava — alegre e triste juntamente: alegre na parte superior, e sumamente alegre, como bem-aventurada, e triste, na parte inferior, e sumamente triste, como tão desconsolada e afligida. Vistes o ar coberto e cerrado de nuvens grossas e espessas que rebatem os raios do sol totalmente, e não deixam lugar à luz a que se nos comuniquem? Neste caso a parte superior do mesmo ar, e que olha para o céu, está toda clara e alegre, e a parte inferior, que cerca a terra, toda escura e triste, e não em diversos tempos, senão no mesmo. Pois, da mesma maneira, e no mesmo tempo, a alma de Cristo, pela parte superior, como gloriosa, estava sumamente

alegre, e pela parte inferior, como afligida e tão afligida, sumamente triste.

482. Estes são os afetos e efeitos contrários que couberam na alma de Cristo, Senhor nosso, enquanto compreensor e viador juntamente; e os mesmos ajuntou o amor na mesma alma de Cristo só enquanto viador, não sei se com maior milagre. O partir para o Padre, e o apartar-se dos homens, ambos foram atos de viador; e sendo os objetos tão infinitamente diversos e desiguais, para que a melhoria do primeiro não eclipsasse os efeitos do segundo, que fez o amor? Ou partiu a alma do amante que se partia, dando uma parte ao Padre outra aos homens, ou a deu toda aos homens e toda ao Padre, sem a partir, toda alegre, porque ia para ele, e toda triste, porque nos deixava a nós. Lá disse a sutileza saudosa de Santo Agostinho, no apartamento de um seu amigo, que só lhe ficara ametade da alma, e a outra ametade se partira com ele, e que, vendo-se assim meio vivo e meio morto, tinha horror de si mesmo. Mas deste dito ou encarecimento se retratou depois o mesmo Santo Agostinho, e com razão, porque só do amor de Cristo, e de quando se apartou dos seus amados se podia dizer ou considerar com verdade. Assim o mostrou a experiência na mesma hora em que declarou aos discípulos a tristeza da sua alma.

483. Apartou-se o Senhor deles para orar ao Padre, sempre com o mesmo nome do Padre na boca: *Abba, Pater* (Mc. 14, 36), e notam os evangelistas que três vezes orou, e três vezes veio buscar os discípulos: *Iterum abiit, et oravit tertio*¹, diz S. Mateus; *Et venit tertio, et ait illis*², diz S. Marcos. De sorte que andava o Senhor, no mesmo tempo da oração, vindo do Padre para os discípulos, e indo dos discípulos para o Padre, e tantas vezes dos discípulos para o Padre, como do Padre para os discípulos. Agora conheço, Amante divino, com quanta razão duvidei se o vosso amor vos dividira a alma entre o Padre e os homens, ou a dera toda a ele, e toda a eles. Quando vos vejo ir para o Padre três vezes, e tornar para os homens três vezes, não só me parece que está dividida a vossa alma, mas dividida, que é mais, em partes iguais. Porém, quando ouço o sentimento do que dizeis em uma parte, e a dor do que estranhais na outra, não posso duvidar que falais com toda a alma, e que toda a leva o vosso amor quando ides, e toda a traz quando tornais. Mas, como pode ser que seja toda e a mesma, sendo os caminhos tão diversos e os termos tão opostos? Quando vos apartastes dos discípulos para orar ao Padre, diz S. Lucas que a distância foi um tiro de pedra: *Quantum jactus est lapidis* (Lc. 22, 41). E se víssemos que uma pedra por si mesma já subia para cima, e já tornava para baixo, que diríamos? Fundamento tínhamos para dizer que esta pedra tinha dois centros. Quereis logo, Amante divino, ou dai-nos licença para que cuidemos e digamos o mesmo de vós? Quando ides para o Padre, diremos que um centro vosso é o Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*; e quando vindes para os homens, diremos que outro centro também vosso são os homens: *In finem dilexit eos*.

484. Não sei se me atreva a dizer tanto; só digo que tão pouco como isto obrou, e tão pouco pode a melhoria do objeto para mudar ou diminuir o amor de Cristo. E para que concluamos este discurso, como os outros, com efeito contrário, acrescento que, sem embargo de ser o Padre tão infinitamente maior e melhor objeto, tão fora esteve o objeto de render e levar a si o amor, que antes o amor rendeu e levou a si o objeto. E de que modo? Fazendo que o mesmo Padre, que havia de ser o objeto, só amado, fosse ele também amante dos homens. E quando os homens parece que haviam de perder o amor do Filho que se partia, não só conservaram inteiro o amor do mesmo Filho, mas adquiriram de novo o amor do Padre. Ouvi e pasmai. O amor com que o Padre e o Filho se amam é de tal qualidade, que assim como são a mesma coisa por natureza, são também a mesma coisa por amor. E quando o Filho se partiu dos homens para o Padre, que sucedeu? Cresceu esta mesma união de amor, e se multiplicou de tal sorte, que não só Cristo e o Padre entre si, senão Cristo, o Padre e os homens todos ficaram a mesma coisa. Nem crer, nem imaginar se pudera tal extremo de união se o mesmo Cristo o não declarara, como declarou na mesma hora. Despedindo-se o Senhor dos discípulos, estando ainda à mesa depois da Sagrada Ceia, fez esta oração a seu Padre: *Non pro eis rogo tantum, sed et pro eis, qui credituri sunt per verbum eorum in me, ut omnes unum sint, sicut tu Pater in me, et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint* (Jo. 17,20 s). Quer dizer: Não só vos rogo, Pai meu, por estes poucos discípulos que tenho presentes, senão por todos aqueles que, por meio da sua doutrina, hão de crer em mim — que são todos os cristãos — e o que vos peço é que, assim como nós, por união de amor, somos uma mesma coisa, vós em mim e eu em vós, assim eles em vós e em mim sejam também uma coisa, pela mesma união. — Quem não pasma tendo ouvido tais palavras, ou não tem juízo, ou não tem fé. E por que não parecesse que esta união de amor era só pedida por Cristo em dúvida de o Padre a conceder ou não, o mesmo Senhor testificou logo que ele, em nome seu e no do Padre, a tinha já concedido aos homens: *Et ego claritatem quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum, sicut et nos unum sumus. Ego in eis, et tu in me, ut sint consummati in unum*³. Um e outro texto é tão claro, que não hão mister comentários; mas, para maior satisfação de todos, quero que ouçais o do doutíssimo Maldonado, cuja autoridade sabem quão singular é todos os que lêem as Escrituras: *Sensus est -diz ele — ea ratione fieri, ut cum Pater in Christo unum sit, et Christus unum cum discipulis, et discipuli unum cum Patre, idest, cum Deo sint, qua unitate nulla potest esse major*.

485. Oh! se alcançássemos a compreender quão alto, quão divino, quão inestimável foi este último e supremo invento do amor de Cristo, o qual, antes de se obrar, excedia toda a imaginação, e, depois de obrado, excede toda a capacidade humana. O Padre no Filho, o Filho no Padre, o Padre e o Filho no homem, e o homem no Padre e no Filho, com uma trindade de pessoas e uma unidade de amor tão perfeito que o mesmo Cristo lhe chamou consumada: *Ego in eis, et tu in me, ut sint consummati in unum*. Mas até os mesmos apóstolos então não puderam compreender tal extremo de união e amor, e por isso lhes disse o mesmo Cristo que, depois de alumiados pelo Espírito Santo, o conheceriam: *In illo die vos cognoscetis quia ego sum in Patre meo, et vos in me, et ego in vobis*⁴. Fique logo, por última conclusão, que mal podia a melhoria do objeto mudar o amor de Cristo para com os homens, pois, em vez de o mudar nesta mesma partida para o Padre, o melhorou de

maneira que até o mesmo amor com que Cristo ama ao Padre, e o amor com que o Padre ama a Cristo, se uniram em um amor, para mais e mais os amar: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, in finem dilexit eos.*

§VII

Amemos a quem tanto nos amou, pois não tem o nosso amor os contrários do tempo, nem os contrários da ausência, nem os contrários da ingratidão, nem há objeto mais digno de ser amado. Oração.

486. Eis aqui, fiéis, como nenhum dos remédios que costumam acabar ou diminuir o amor, nenhum dos contrários, que o costumam contrastar e vencer, foi bastante para que o intensíssimo amor com que Jesus nos amou e ama, não digo se esfriasse ou enfraquecesse, mas se remitisse um ponto, servindo só o poder dos remédios para mais o acender, e a força dos contrários para mais fortemente os triunfar. Venceu o seu amor o tempo, venceu a ausência, venceu a ingratidão, e até da melhoria de um tão incomparável objeto não pôde ser vencido. Julgue agora a nossa obrigação, se quando se rendem ao mesmo amor todos os contrários, será justo que lhe resistam os seus, e se na hora em que morre de amor sem remédio o mesmo amante, será bem que lhe faltem os corações daqueles por quem morre? Amemos a quem tanto nos amou, e não haja contrário tão poderoso que nos vença, para que não perseveremos em seu amor. Se ele nos amou por toda uma eternidade, por que o não amaremos nós por tão poucos dias, e tão breves, como são os da nossa vida? Aprenda a fraqueza da nossa virtude ao menos da constância de nossos vícios; e pois não basta o tempo a nos mudar dos pecados, não baste tão facilmente a nos mudar do arrependimento deles. Não tem o nosso amor o contrário da ausência que vencer, porque sempre temos ao mesmo Cristo, enquanto Deus e enquanto homem, presente; e se a sua presença se não deixa ver de nossos olhos, não seja motivo de diminuir o amor o que foi traça de acrescentar as saudades. Lembremo-nos todas as horas de quem hoje a esta hora se nos deu todo a si mesmo, e amanhã, antes desta hora, estará morrendo por nós em uma cruz. Ele, de tantas ingratidões fez motivos de mais nos amar, e nós por que o não faremos de tantos e tão imensos benefícios? Que nos fez um tão bom Senhor para o ofendermos? Oh! que ingratidão tão desumana! Oh! que ingratidão tão indigna de feras, quanto mais de criaturas com uso de razão! A quem te criou, a quem te remiu, a quem tanto te amou, não amas? A quem te comprou com o sangue o céu, e te tirou do inferno quantas vezes o ofendeste, tens ainda coração para o tornar a ofender? Que amamos, cristãos, se não amamos a Jesus? Que objeto mais digno de ser amado? Que objeto que compita com ele, não digo na igualdade, senão na semelhança? Toda a outra formosura, em comparação da sua, não é fealdade? Toda a outra grandeza não é vileza? E todo o outro nome de bem não é mentira? Indignamo-nos dos que trocaram a Cristo por um malfeitor, e do que o vendeu por tão vil preço, e será bem que nós o troquemos e vendamos ainda mais vil e afrontosamente?

487. Ah! Senhor, que só o vosso amor, que não teve remédio, pode ser o remédio das loucuras do nosso. Remediai tantas cegueiras, remediai tantos desatinos, remediai tantas perdições. E pelo amor com que nos amastes no fim, tenha hoje fim todo o amor que não é vosso. Esta é, amoroso Jesus, esta é só a mercê que por despedida vos pedimos nesta última hora vossa. Lembrai-vos, enfermo divino, que estais nos últimos transes da vida. Não vos esqueçais de nós em vosso testamento. O legado que esperamos de vossa liberalidade, como criados, e a esmola que pedimos a vossa misericórdia, como pobres, é que nos deixeis, pois nos deixais, alguma parte do vosso amor. Amanhã vos hão de partir o coração: reparti dele conosco, para que de todo o coração vos amemos. Oh! quanto nos pesa nesta hora, e para sempre, de vos não ter amado como devíamos! Nunca mais, Senhor, nunca mais! Só a vós havemos de amar de hoje em diante, e posto que em vós concorram tantos motivos de amor, e tão soberanos, só a vós, e por serdes quem sois. Assim o prometemos firmemente a vosso amor, e assim o confiamos de vossa graça, e só para que vos amemos eternamente na glória.

SERMÃO DO ESPÍRITO SANTO

Pregado na Cidade de S. Luís do Maranhão, na Igreja da Companhia de Jesus, em ocasião que partia ao Rio das Almas uma grande Missão dos mesmos Religiosos.

Ille vos docebil omnia, quaecumque dixerit vobis! .

§I

Ouvir e aprender. Cristo diz e o Espírito Santo ensina. Os frutos de uma única pregação de S. Pedro em Jerusalém.

488. A sexta vez é hoje, que no ano presente e nos dois passados me ouvís pregar este mesmo mistério. Mas não será esta somente a sexta vez em que vós e eu experimentamos o pouco fruto com que esta terra responde ao que se devera esperar de tão continuada cultura. Se a doutrina que se semeia nela fora nossa, achada estava a causa na fraqueza de nossas razões, no desalento de nossos afetos e na eficácia mal viva de nossas palavras; mas não é assim: *Sermonem quem audistis*

non est meus, sed ejus qui misit me, Patris (Jo. 14, 24): O sermão que ouvistes não é meu, senão do Eterno Padre que me mandou ao mundo — diz Cristo neste Evangelho — e o mesmo podem dizer todos os pregadores, ao menos os que ouvís deste lugar. Os sermões, as verdades, a doutrina que pregamos não é nossa, é de Cristo. Eles a disse, os evangelistas a escreveram, nós a repetimos. Pois, se estas repetições são tantas e tão continuadas, e a doutrina que pregamos não é nossa, senão de Cristo, como fazem tão poucos progressos nela, e como aprendem tão pouco os que a ouvem? Nas palavras que propus temos a verdadeira resposta desta tão nova admiração.

489. *Ille vos docebit omnia quaecumque dixerit vobis*²: O Espírito Santo — diz Cristo — vos ensinará tudo o que eu vos tenho dito. — Notai a diferença dos termos, e vereis quanto vai de dizer a ensinar. Não diz Cristo: o Espírito Santo vos dirá o que eu vos tenho dito; nem diz: o Espírito Santo vos ensinará o que eu vos tenho ensinado; mas diz: O Espírito Santo vos ensinará o que eu vos tenho dito, porque o pregador, ainda que seja Cristo, diz: o que ensina é o Espírito Santo. Cristo diz: *Quaecumque dixerit vobis*; o Espírito Santo ensina: *Ille vos docebit omnia*. O mestre na cadeira diz para todos, mas não ensina a todos. Diz para todos, porque todos ouvem; mas não ensina a todos, porque uns aprendem, outros não. E qual é a razão desta diversidade, se o mestre é o mesmo e a doutrina a mesma? Porque, para aprender, não basta só ouvir por fora: é necessário entender por dentro. Se a luz de dentro é muita, aprende-se muito; se pouca, pouco; se nenhuma, nada. O mesmo nos acontece a nós. Dizemos, mas não ensinamos, porque dizemos por fora; só o Espírito Santo ensina, porque alumia por dentro: *Ministeria forinsecus adjutoria sunt, cathedram in caelo habet, quia corda docet*, diz Santo Agostinho. Por isso até o mesmo Cristo, pregando tanto, converteu tão pouco. Se o Espírito Santo não alumia por dentro, todo o dizer, por mais divino que seja, é dizer: *Quaecumque dixerit vobis*; mas se as vozes exteriores são assistidas dos raios interiores da sua luz, logo qualquer que seja o dizer, e de quem quer que seja, é ensinar, porque só o Espírito Santo é o que ensina: *Ille vos docebit*.

490. Por que vos parece que apareceu o Espírito Santo hoje sobre os apóstolos, não só em línguas, mas em línguas de fogo? Porque as línguas falam, o fogo alumia. Para converter almas, não bastam só palavras: são necessárias palavras e luz. Se quando o pregador fala por fora, o Espírito Santo alumia por dentro, se quando as nossas vozes vão aos ouvidos, os raios da sua luz entram ao coração, logo se converte o mundo. Assim sucedeu em Jerusalém neste mesmo dia. Sai S. Pedro do cenáculo de Jerusalém, assistido deste fogo divino, toma um passo do profeta Joel, declara-o ao povo, e, sendo o povo a que pregava aquele mesmo povo obstinado e cego, que poucos dias antes tinha crucificado a Cristo, foram três mil os que naquela pregação o confessaram por verdadeiro Filho de Deus e se converteram à fé. Oh! admirável eficácia da luz do Espírito Santo! Oh! notável confusão vossa e minha! Um pescador, com uma só pregação e com um só passo da Escritura, no dia de hoje converte três mil infiéis, e eu, no mesmo dia, com cinco e com seis pregações, com tantas Escrituras, com tantos argumentos, com tantas razões, com tantas evidências, não posso persuadir um cristão. Mas a causa é porque eu falo e o Espírito Santo, por falta de disposição nossa, não alumia. Divino Espírito, não seja a minha indignidade a que impida a estas almas, por amor das quais desceste do céu à terra, o fruto de vossa santíssima vinda: *Veni Sancte Spiritus, et emitte caelitus lucis tuae radium*: Vinde, Senhor, e mandai-nos do céu um raio eficaz de vossa luz — não pelos nossos merecimentos, que conhecemos quão indignos são, mas pela infinita bondade vossa, e pela intercessão de vossa esposa santíssima. *Ave Maria*.

§II

A missão do Filho, a Sabedoria, e a missão do Espírito Santo, o amor. Pregai a toda a criatura. Razão dos repetidos exames do amor de Pedro. O amor de Jacó, pastor de ovelhas.

491. *Ille vos docebit omnia*. Diz Cristo aos apóstolos que o Espírito Santo os ensinará. E ser Cristo, ser o Filho de Deus o que diz estas palavras, faz segunda dificuldade à inteligência e razão delas. Ao Filho de Deus, que é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, atribui-se a sabedoria; ao Espírito Santo, que é a terceira Pessoa, o amor; e suposto isto parece que a Pessoa do Espírito Santo havia de encomendar o ofício de ensinar à Pessoa do Filho, e não o Filho ao Espírito Santo. Que o amor encomende o ensinar à sabedoria, bem está; mas a sabedoria encomendar o ensinar ao amor: *Ille vos docebit*? Neste caso sim. Porque para ensinar homens infiéis e bárbaros, ainda que é muito necessária a sabedoria, é muito mais necessário o amor. Para ensinar, sempre é necessário amar e saber, porque quem não ama não quer, e quem não sabe não pode; mas esta necessidade de sabedoria e amor não é sempre com a mesma igualdade. Para ensinar nações fiéis e políticas, é necessário maior sabedoria que amor; para ensinar nações bárbaras e incultas, é necessário maior amor que sabedoria. A segunda Pessoa, o Filho, e a terceira, o Espírito Santo, ambas vieram ao mundo a ensinar e salvar almas; mas a missão do Filho foi a uma nação fiel e política, e a missão do Espírito Santo foi principalmente a todas as nações incultas e bárbaras. A missão do Filho foi só a uma nação fiel e política, porque foi só aos filhos de Israel, como o mesmo Senhor disse: *Non sum missus nisi ad oves quae perierunt domus Israel*³. A missão do Espírito Santo foi principalmente às nações incultas e bárbaras, porque foi para todas as nações do mundo, que por isso desceu e apareceu em tanta diversidade de línguas: *Apparuerunt dispertitae linguae*.⁴ E como a primeira missão era para uma nação política, e a segunda para todas as nações bárbaras, por isso foi

muito conveniente que à primeira viesse uma Pessoa divina, a quem se atribui, não o amor, senão a sabedoria, e que à segunda viesse outra pessoa, também divina, a quem se atribui, não a sabedoria, senão o amor. Para ensinar homens entendidos e políticos, pouco amor é necessário: basta muita sabedoria; mas para ensinar homens bárbaros e incultos, ainda que baste pouca sabedoria, é necessário muito amor.

492. Desceu hoje o Espírito Santo em línguas, para formar aos apóstolos mestres e pregadores, mas mestres e pregadores de quem? O mesmo Cristo que os mandou pregar o disse: *Euntes in mundum universum, praedicate Evangelium omni creaturae* (Mc. 16,15): Ide por todo o mundo, e pregai a toda a criatura. — A toda a criatura, Senhor? — É reparo de S. Gregório papa. — Bem sei eu que são criaturas os homens, mas os brutos animais, as árvores e as pedras também são criaturas. Pois, se os apóstolos hão de pregar a todas as criaturas, hão de pregar também aos brutos? Hão de pregar também aos troncos? Hão de pregar também às pedras? Também, diz Cristo: *Omni creaturae*; não porque houvessem os apóstolos de pregar às pedras, e aos troncos, e aos brutos, mas porque haviam de pregar a todas as nações e línguas bárbaras e incultas do mundo, entre as quais haviam de achar homens tão irracionais como os brutos, e tão insensíveis como os troncos, e tão duros e estúpidos como as pedras. E para um apóstolo se pôr a ensinar e abrandar uma pedra, para se pôr a ensinar e moldar um tronco, para se pôr a ensinar e meter em juízo um bruto, vede se é necessário muito amor de Deus. Em um deles o veremos.

493. Poucos dias antes de Cristo mandar aos apóstolos a pregar pelo mundo, fez esta pergunta a S. Pedro: *Simon Joannis, diligis me plus his* (Jo. 21,15)? Pedro, amas-me mais que todos estes? Respondeu o santo: *Etiam, Domine, tu scis quia amo te*: Senhor, bem sabeis vós que vos amo. Ouvida a resposta, torna Cristo a fazer segunda vez a mesma pergunta: *Simon Joannis, diligis me plus his*? Pedro, amas-me mais que todos estes? Respondeu S. Pedro, com a mesma submissão e encolhimento, que bem sabia o Senhor, que o amava: *Tu scis quia amo te*. Ouvida a mesma resposta segunda vez, torna Cristo terceira vez a repetir a mesma pergunta, e diz o texto que se entristeceu São Pedro: *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio, amas me*? Entristeceu-se Pedro, porque Cristo lhe perguntou a terceira vez se o amava. — E verdadeiramente que a matéria e a instância era muito para dar cuidado. Quando eu li estas palavras a primeira vez, pareceu-me que seria este exame de amor tão repetido, para Cristo mandar a S. Pedro que fosse a Jerusalém, que entrasse pelo palácio de Caifás, e que, no mesmo lugar onde o tinha negado, se desdissesse publicamente, e confessasse a vozes que seu Mestre era o verdadeiro Messias e Filho de Deus verdadeiro, e, que se por isso o quisessem matar e queimar, que se deixasse tirar a vida e fazer em cinza. Para isto cuidava eu que eram estas perguntas e estes exames tão repetidos do amor de S. Pedro. Mas depois que o santo respondeu na mesma forma a terceira vez, que amava, o que o Senhor lhe disse foi: *Pasce oves meas* (Jo. 21,17): Pois, Pedro, já que me amas tanto, mostra-o em apascentar as minhas ovelhas. -Agora me admiro eu deveras. Pois, para apascentar as ovelhas de Cristo tanto aparato de exames de amor de Deus? Uma vez, se me amas, e outra vez, se me amas, e terceira vez, se me amas? E não só, se me amas, senão, se me amas mais que todos? Sim. Ora vede.

494. As ovelhas que S. Pedro havia de apascentar, eram as nações de todo o mundo, as quais Cristo queria trazer e ajuntar de todo ele, e fazer de todas um só rebanho, que é a Igreja, debaixo de um só pastor, que é S. Pedro: *Et alias oves habeo, quae non sunt ex hoc ovili, et illas oportet me adducere, et vocem meam audient, et fiet unum ovile et unus pastor*⁵. De maneira que o rebanho que Cristo encomendou a S. Pedro não era rebanho feito, senão que se havia de fazer, e as ovelhas não eram ovelhas mansas, senão que se haviam de amansar: eram lobos, eram ursos, eram tigres, eram leões, eram serpentes, eram dragões, eram áspides, eram basiliscos, que por meio da pregação se haviam de converter em ovelhas. Eram nações bárbaras e incultas, eram nações feras e indômitas, eram nações cruéis e carniceiras, eram nações sem humanidade, sem razão, e muitas delas sem lei, que por meio da fé e do Batismo se haviam de fazer cristãs; e para apascentar e amansar semelhante gado, para doutrinar e cultivar semelhantes gentes, é necessário muito cabedal de amor de Deus, é necessário amar a Deus: *Diligis me*, e mais amar a Deus: *Diligis me*, e mais amar a Deus: *Diligis me*, e não só amar a Deus uma, duas e três vezes, senão amá-lo mais que todos: *Diligis me plus his*?

495. Quando as ovelhas que Cristo encomendava a S. Pedro foram mansas e domésticas, ainda era necessário muito amor para suportar o trabalho de as guardar. Exemplo seja Jacó, pastor de Labão e amante de Raquel, de quem diz a Escritura que sofria tão levemente o que sofria, porque amava tão grandemente como amava: *Prae amoris magnitudine* (Gên. 29,20). E se, para guardar ovelhas mansas, é necessário amor, e muito amor, que será para ir tirar das brenhas ovelhas feras, para as amansar e afeiçoar aos novos pastos, para as acostumar à voz do pastor e à obediência do cajado, e sobretudo para desprezar os perigos de se confiar de suas garras e dentes, enquanto são ainda feras, e não ovelhas. Se é necessário amor para ser pastor de ovelhas que comem no prado e bebem no rio, que amor será necessário para ser pastor de ovelhas, que talvez comem os pastores e lhes bebem o sangue? Por isso Cristo examina três vezes de amor a S. Pedro, por isso o Espírito Santo, Deus de amor, vem hoje a formar estes pastores e estes mestres, e por isso o Mestre divino passa hoje os seus discípulos da Escola da Sabedoria para a Escola do Amor: *Ille vos docebit*.

§III

A dificuldade das gentes e das línguas do Brasil. Necessidade do amor para a evangelização. Por que na repartição do apostolado evangélico coube a Santo Tomé esta parte a que vulgar e indignamente chamaram Brasil. Incredulidade e dureza dos brasis. Os brasis e o pai do lunático. A evangelização da Índia e a evangelização do Brasil. Estátuas de

mármore e estátuas de murta. A continuidade da criação e a assistência contínua dos gentios.

496. Aplicando agora esta doutrina universal ao particular da terra em que vivemos, digo que, se em outras terras é necessário aos apóstolos, ou aos sucessores do seu ministério, muito cabedal de amor de Deus para ensinar, nesta terra, e nestas terras é ainda necessário muito mais amor de Deus que em nenhuma outra. E por quê? Por dois princípios: o primeiro, pela qualidade das gentes; o segundo, pela dificuldade das línguas.

497. Primeiramente, pela qualidade da gente, porque a gente destas terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas há no mundo. Bastava por prova a da experiência, mas temos também — quem tal cuidara! — a do Evangelho. A forma com que Cristo mandou pelo mundo a seus discípulos, diz o evangelista S. Marcos que foi esta: *Exprobavit incredulitatem eorum, et duritiam cordis, quia iis, qui viderant eum resurrexisse, non crediderunt, et dixit illis: Euntes in mundum universum praedicate Evangelium omni creaturae* (Mc. 16,14 s): Repreendeu Cristo aos discípulos da incredulidade e dureza de coração, com que não tinham dado crédito aos que o viram ressuscitado, e sobre esta repreensão os mandou que fossem pregar por todo o mundo. — A S. Pedro coube-lhe Roma e Itália; a S. João, a Ásia Menor; a São Tiago, Espanha; a S. Mateus, Etiópia; a S. Simão, Mesopotâmia; a S. Judas Tadeu, o Egito; aos outros, outras províncias, e finalmente a Santo Tomé esta parte da América em que estamos, a que vulgar e indignamente chamaram Brasil. Agora pergunto eu: e por que nesta repartição coube o Brasil a Santo Tomé e não a outro apóstolo? Ouvi a razão.

498. Notam alguns autores modernos que notificou Cristo aos apóstolos a pregação da fé pelo mundo, depois de os repreender da culpa da incredulidade, para que os trabalhos que haviam de padecer na pregação da fé fossem também em satisfação e como em penitência da mesma incredulidade e dureza de coração que tiveram em não quererem crer: *Exprobavit incredulitatem eorum, et duritiam cordis, et dixit illis: Euntes in mundum universum*. E como Santo Tomé, entre todos os apóstolos, foi o mais culpado da incredulidade, por isso a Santo Tomé lhe coube, na repartição do mundo, a missão do Brasil, porque, onde fora maior a culpa, era justo que fosse mais pesada a penitência. Como se dissera o Senhor: os outros apóstolos, que foram menos culpados na incredulidade, vão pregar aos gregos, vão pregar aos romanos, vão pregar aos etíopes, aos árabes, aos armênios, aos sarmatas, aos citas; mas Tomé, que teve a maior culpa, vá pregar aos gentios do Brasil, e pague a dureza de sua incredulidade com ensinar à gente mais bárbara e mais dura. Bem o mostrou o efeito. Quando os portugueses descobriram o Brasil, acharam as pegadas de Santo Tomé estampadas em uma pedra, que hoje se vê nas praias da Bahia; mas rasto, nem memória da fé que pregou Santo Tomé, nenhum acharam nos homens. Não se podia melhor provar e encarecer a barbaria da gente. Nas pedras, acharam-se rastos do pregador, na gente não se achou rasto da pregação; as pedras conservaram memórias do apóstolo, os corações não conservaram memória da doutrina.

499. A causa por que as não conservaram, diremos logo, mas é necessário satisfazer primeiro a uma grande dúvida, que contra o que imos dizendo se oferece. Não há gentios no mundo que menos repugnem à doutrina da fé, e mais facilmente a aceitem e recebam, que os brasis; como dizemos logo, que foi pena da incredulidade de Santo Tomé o vir pregar a esta gente? Assim foi — e quando menos, assim pode ser — e não porque os brasis não criam com muita facilidade, mas porque essa mesma facilidade com que crêem faz que o seu crer, em certo modo, seja como o não crer. Outros gentios são incrédulos até crer; os brasis, ainda depois de crer, são incrédulos. Em outros gentios a incredulidade é incredulidade, e a fé é fé; nos brasis a mesma fé ou é, ou parece incredulidade. São os brasis como o pai daquele lunático do Evangelho, que padecia na fé os mesmos acidentes que o filho no juízo. Disse-lhe Cristo: *Omnia possibilia sunt credenti* (Mc. 9,22): Que tudo é possível a quem crê. — E eles respondeu: *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam*: Creio, Senhor, ajudai minha incredulidade. — Repararam muito os santos nos termos desta proposição, e verdadeiramente é muito para reparar. Quem diz: creio, crê e tem fé; quem diz: ajudai minha incredulidade, não crê e não tem fé. Pois como era isto? Cria este homem, e não cria; tinha fé, e não tinha fé juntamente? Sim, diz o Venerável Beda: *Uno eodemque tempore his, qui nondum perfecte crediderat, simul et credebat, et incredulus erat*: No mesmo tempo cria e não cria este homem, porque era tão imperfeita a fé com que cria, que por uma parte parecia e era fé, e por outra parecia e era incredulidade: *Uno eodemque tempore, et credebat, et incredulus erat*. Tal é a fé dos brasis: é fé que parece incredulidade, e é incredulidade que parece fé; é fé, porque crêem sem dúvida e confessam sem repugnância tudo o que lhes ensinam, e parece incredulidade, porque, com a mesma facilidade com que aprenderam, desaprendem, e com a mesma facilidade, com que creram, descreem.

500. Assim lhe aconteceu a Santo Tomé com ele. Por que vos parece que passou Santo Tomé tão brevemente pelo Brasil, sendo uma região tão dilatada e umas terras tão vastas? É que receberam os naturais a fé que o santo lhes pregou com tanta facilidade e tão sem resistência nem impedimento, que não foi necessário gastar mais tempo com ele. Mas tanto que o santo apóstolo pôs os pés no mar — que este, dizem, foi o caminho por onde passou à Índia — tanto que o santo apóstolo — digamo-lo assim — virou as costas, no mesmo ponto se esqueceram os brasis de tudo quanto lhes tinha ensinado, e começaram a descreer ou a não fazer caso de quanto tinham crido, que é gênero de incredulidade mais irracional, que se nunca creram. Pelo contrário, na Índia pregou Santo Tomé àquelas gentilidades, como fizera às do Brasil: chegaram também lá os portugueses dali a mil e quinhentos anos, e que acharam? Não só acharam a sepultura e as relíquias do santo apóstolo, e os instrumentos de seu martírio, mas o seu nome vivo na memória dos naturais, e o que é mais, a fé de Cristo, que lhes pregara, chamando-se cristãos de Santo Tomé todos os que se estendem pela grande costa de Coromandel, onde o santo está sepultado.

501. E qual seria a razão por que nas gentilidades da Índia se conservou a fé de Santo Tomé, e nas do Brasil não? Se as do Brasil ficaram desassistidas do santo apóstolo pela sua ausência, as da Índia também ficaram desassistidas dele pela sua morte. Pois, se naquelas nações se conservou a fé por tantos centos de anos, nestas por que se não conservou? Porque esta é a diferença que há de umas nações a outras. Nas da Índia, muitas são capazes de conservarem a fé sem assistência dos pregadores; mas nas do Brasil nenhuma há que tenha esta capacidade. Esta é uma das maiores dificuldades que tem aqui a conversão. Há-se de estar sempre ensinando o que já está aprendido, e há-se de estar sempre plantando o que já está nascido, sob pena de se perder o trabalho e mais o fruto. A estrela que apareceu no Oriente aos Magos guiou-os até o presépio, e não apareceu mais. Por quê? Porque muitos gentios do Oriente, e doutras partes do mundo, são capazes de que os pregadores, depois de lhes mostrarem a Cristo, se apartem dele e os deixem. Assim o fez S. Filipe ao eunuco da rainha Candace, de Etiópia: explicou-lhe a Escritura de Isaías, deu-lhe notícia da fé e divindade de Cristo, batizou-o no rio de Gaza, por onde passavam, e tanto que esteve batizado, diz o texto que arrebatou um anjo a S. Filipe, e que o não viu mais o eunuco: *Cum autem ascendissent de aqua, Spiritus Domini rapuit Philippum, et amplius non vidit eum eunuchus* (At. 8,39). Desapareceu a estrela, e permaneceu a fé nos Magos; desapareceu S. Filipe, e permaneceu a fé no eunuco; mas esta capacidade, que se acha nos gentios do Oriente, e ainda nos de Etiópia, não se acha nos do Brasil. A estrela que os alumiar não há de desaparecer, sob pena de se apagar a luz da doutrina; o apóstolo que os batizar, não se há de ausentar, sob pena de se perder o fruto do Batismo. É necessário, nesta vinha, que esteja sempre a cana da doutrina arrimada ao pé da cepa, e atada à vide, para que se logre o fruto e o trabalho.

502. Os que andastes pelo mundo, e entrastes em casas de prazer de príncipes, veríeis naqueles quadros e naquelas ruas dos jardins dois gêneros de estátuas muito diferentes, umas de mármore, outras de murta. A estátua de mármore custa muito a fazer, pela dureza e resistência da matéria; mas, depois de feita uma vez, não é necessário que lhe ponham mais a mão: sempre conserva e sustenta a mesma figura; a estátua de murta é mais fácil de formar, pela facilidade com que se dobram os ramos, mas é necessário andar sempre reformando e trabalhando nela, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de assistir, em quatro dias sai um ramo que lhe atravessa os olhos, sai outro que lhe descompõe as orelhas, saem dois que de cinco dedos lhe fazem sete, e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas. Eis aqui a diferença que há entre umas nações e outras na doutrina da fé. Há umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quais dificultosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados; resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas, uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nela firmes e constantes, como estátuas de mármore: não é necessário trabalhar mais com elas. Há outras nações, pelo contrário — e estas são as do Brasil —, que recebem tudo o que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são estátuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser mato como dantes eram. É necessário que assista sempre a estas estátuas o mestre delas: uma vez, que lhes corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem; outra vez, que lhes cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos às fábulas de seus antepassados; outra vez, que lhes decepe o que vicejam as mãos e os pés, para que se abstenham das ações e costumes bárbaros da gentilidade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raízes, se pode conservar nestas plantas rudes a forma não natural, e compostura dos ramos.

503. Eis aqui a razão por que digo que é mais dificultosa de cultivar esta gentilidade, que nenhuma outra do mundo: se os não assistis, perde-se o trabalho, como o perdeu Santo Tomé; e para se aproveitar e lograr o trabalho, há de ser com outro trabalho maior, que é assisti-los; há-se de assistir e insistir sempre com ele, tornando a trabalhar o já trabalhado e a plantar o já plantado, e a ensinar o já ensinado, não levantando jamais a mão da obra, porque sempre está por obrar, ainda depois de obrada. Não se de haver os pregadores evangélicos na formação desta parte do mundo, como Deus se houve ou se há na criação e conservação de todo. Criou Deus todas as criaturas no princípio do mundo em seis dias, e, depois de as criar, que fez e que faz até hoje? Cristo o disse: *Pater meus usque modo operatur et ego operor*⁶: Desde o princípio do mundo até hoje não levantou Deus mão da obra, nem por um só instante; e com a mesma ação com que criou o mundo, o esteve sempre, e está, e estará conservando até o fim deles. E se Deus o não fizer assim, se desistir, se abrir mão da obra por um só momento, no mesmo momento perecerá o mundo, e se perderá tudo o que em tantos anos se tem obrado. Tal é no espiritual a condição desta nova parte do mundo, e tal o empenho dos que têm à sua conta a conversão e reformação dela. Para criar, basta que trabalhem poucos dias; mas para conservar, é necessário que assistam, e continuem, e trabalhem, não só muitos dias e muitos anos, mas sempre. E já pode ser que esse fosse o mistério com que Cristo disse aos apóstolos: *Praedicate omni creaturae* (MC. 16,15). Não disse: Ide pregar aos que remi, senão: Ide pregar aos que criei, porque o remir foi obra de um dia, o criar é obra de todos os dias. Cristo remiu uma só vez, e não está sempre remindo; Deus criou uma vez, e está sempre criando. Assim se há de fazer nestas nações: há-se-lhes de aplicar o preço da Redenção, mas não pelo modo com que foram remidas, senão pelo modo com que foram criadas. Assim como Deus está sempre criando o criado, assim os mestres e pregadores hão de estar sempre ensinando o ensinado, e convertendo o convertido, e fazendo o feito: o feito para que se não desfaça; o convertido, para que se não perversa; o ensinado, para que se não esqueça; e, finalmente, ajudando a incredulidade não incrédula, para que a fé seja fé não infiel: *Credo, Domine: adjuva incredulita tem meam*⁷. E sendo tão forçosamente necessária a assistência com estas gentes, e no seu clima, e no seu trato, e na sua miséria, e em tantos outros perigos e desamparos da

vida, da saúde, do alívio, e de tudo o que pede ou sente o natural humano, vede se é necessário muito cabedal de amor divino para esta empresa, e se com razão entrega Cristo o magistério dela a um Deus, que, por afeto, e por feitos, todo é amor: *Ille vos docebit omnia*⁸.

§IV

A dificuldade das línguas. O livro doce de Ezequiel. Os três gêneros de empresa no ofício de pregar: a fácil, a dificultosa e a dificultosíssima. A empresa fácil: pregar à gente da própria nação. A dificultosa: pregar aos povos de uma só língua, como nas missões do Japão, do Mogor etc. A dificultosíssima: pregar a gentes de diferentes nações e de diferentes línguas, como nas missões do Maranhão. O Rio das Almazonas, maior que o Mediterrâneo e pior do que Babel. As línguas que se não ouvem. Dificuldades do grego para Santo Agostinho. O dom das línguas e o dom do amor de Deus na descida do Espírito Santo.

504. A segunda circunstância que pede grande cabedal de amor de Deus é a dificuldade das línguas. Se o Espírito Santo descera hoje em línguas milagrosas, como antigamente, não tinha tanta dificuldade o pregar aos gentios; mas haverem-se de aprender essas línguas com estudo e com trabalho é uma empresa muito dificultosa, e que só um grande amor de Deus a pode vencer. Apareceu Deus em uma visão ao profeta Ezequiel, e, dando-lhe um livro, disse-lhe que o comesse, e que fosse pregar aos filhos de Israel tudo o que nele estava escrito: *Comede volumen istud, et vadens loquere ad filios Israel* (Ez. 3,1). Abriu a boca o profeta, não se atrevendo a tocar no livro por reverência, comeu-o, e diz que lhe soube bem, e que o achou muito doce: *Comedi illud, et factum est in ore meo sicut mel dulce* (Ez 3,3). Se os homens pudessem comer os livros de um bocado, que facilmente se aprenderiam as ciências, e se tomaram as línguas? Oh! que fácil modo de aprender! Oh! que doce modo de estudar! Tal foi o modo com que Deus, em um momento, antigamente ensinava os profetas, e com que hoje o Espírito Santo, em outro momento, ensinou os apóstolos, achando-se de repente doutos nas ciências, eruditos nas Escrituras, prontos nas línguas, que tudo isto se lhes infundiu naquele repente em que desceu sobre eles o Espírito Santo: *Factus est repente de caelo sonus, tanquam advenientis Spiritus*⁹. Mas haver de comer os livros folha a folha, haver de levar as ciências bocado a bocado, e às vezes com muito fastio, haver de mastigar as línguas nome por nome, verbo por verbo, sílaba por sílaba, e ainda letra por letra, por certo que é coisa muito dura e muito desabrida, e muito para amargar, e que só o muito amor de Deus a pode fazer doce. Assim o aludiu Deus ao mesmo profeta Ezequiel neste mesmo lugar, com termos bem particulares e bem notáveis.

505. *Vade ad domum Israel, et loqueris verba mea ad eos, non enim ad populum profundi sermonis et ignotae linguae tu mitteris, neque ad populos multos profundi sermonis et ignotae linguae, quorum non possis audire sermones* (Ez. 3,4 ss): Ide, Ezequiel, pregai o que vos tenho dito aos filhos de Israel, e, para que não repugneis a missão, nem vos pareça que vos mando a uma empresa muito dificultosa, adverti aonde ides e aonde não ides. Adverti que ides pregar a um povo da vossa própria nação e de vossa própria língua, que o entendeis e vos entende: *Ad domum Israel*; e adverti que não ides pregar a gente de diferente nação e diferente língua, nem menos a gentes de muitas e diferentes nações, e muitas e diferentes línguas, o que nem vós as entendais, nem elas vos entendam: *Non enim ad populum profundis sermonis et ignotae linguae tu mitteris, neque ad populos multos profundi sermonis et ignotae linguae, quorum non possis audire sermones*. De sorte — se bem advertis — que distingue Deus no ofício de pregar três gêneros de empresas: uma fácil, outra dificultosa, outra dificultosíssima. A fácil é pregar à gente da própria nação e da própria língua: *Vade ad filios Israel*; a dificultosa é pregar a uma gente de diferente língua e diferente nação: *Ad populum profundi sermonis et ignotae linguae*; a dificultosíssima é pregar a gentes não de uma só nação e uma só língua diferente, senão de muitas e diferentes nações, e muitas e diferentes línguas, desconhecidas, escuras, bárbaras, e que se não podem entender: *Ad populos multos profundi sermonis et ignotae linguae, quorum non possis audire sermones*.

506. À primeira destas três empresas mandou Deus ao profeta Ezequiel, e a todos os outros profetas antigos, os quais todos — exceto quando muito Jonas e Jeremias — pregaram a gente da sua nação e da sua língua. A segunda e a terceira empresa ficou guardada para os apóstolos e pregadores da lei da graça, e entre eles particularmente para os portugueses, e entre os portugueses, mais em particular ainda, para os desta conquista, em que são tantas, tão estranhas, tão bárbaras e tão nunca ouvidas, nem conhecidas, nem imaginadas as línguas. Manda Portugal missionários ao Japão, onde há cinquenta e três reinos, ou sessenta, como outros escrevem; mas a língua, ainda que desconhecida, é uma só: *Ad populum profundi sermonis et ignotae linguae*. Manda Portugal missionários à China, império vastíssimo, dividido em quinze províncias, capaz cada uma de muitos reinos; mas a língua, ainda que desconhecida, é também uma: *Ad populum profundi sermonis et ignotae linguae*. Manda Portugal missionários ao Mogor, à Pérsia, ao Preste João, impérios grandes, poderosos, dilatados, e dos maiores do mundo; mas cada um de uma só língua: *Ad populum profundi sermonis et ignotae linguae*. Porém os missionários que Portugal manda ao Maranhão, posto que não tenha nome de império nem de reino, são verdadeiramente aqueles que Deus reservou para a terceira, última e dificultosíssima empresa, porque vem pregar a gentes de tantas, tão diversas e tão incógnitas línguas, que só uma coisa se sabe delas, que é não terem número: *Ad populos multos profundi sermonis et ignotae linguae, quorum non possis audire sermones*.

507. Pela muita variedade das línguas, houve quem chamou ao Rio das Alamazonas rio Babel; mas vem-lhe tão curto o nome de Babel, como o de rio. Vem-lhe curto o nome de rio, porque verdadeiramente é um mar doce, maior que o Mar Mediterrâneo no comprimento e na boca. O Mar Mediterrâneo no mais largo da boca tem sete léguas, e o Rio das Alamazonas oitenta; o Mar Mediterrâneo, do Estreito de Gibraltar até as praias da Síria, que é a maior longitude, tem mil léguas de comprido, e o Rio das Alamazonas, da cidade de Belém para cima, já se lhe tem contado mais de três mil, e ainda se lhe não sabe princípio. Por isso os naturais lhe chamam Pará, e os portugueses Maranhão, que tudo quer dizer mar, e mar grande. E vem-lhe curto também o nome de Babel, porque na Torre de Babel, como diz S. Jerônimo, houve somente setenta e duas línguas, e as que se falam no Rio das Alamazonas são tantas e tão diversas, que se lhes não sabe o nome nem o número. As conhecidas até o ano de 639, no descobrimento do Rio de Quito, eram cento e cinqüenta. Depois se descobriram muitas mais, e a menor parte do rio, de seus imensos braços, e das nações que os habitam, é o que está descoberto. Tantos são os povos, tantas e tão ocultas as línguas, e de tão nova e nunca ouvida inteligência: *Ad populos multos profundi sermonis et ignotae linguae, quorum non possis audire sermones.*

508. Nesta última cláusula do profeta: *Quorum non possis audire sermones*, a palavra ouvir significa entender, porque o que se não entende é como se não se ouvira. Mas em muitas das nações desta conquista se verifica a mesma palavra no sentido natural, assim como soa, porque há línguas entre elas de tão escura e cerrada pronúnciação, que verdadeiramente se pode afirmar que se não ouvem: *Quorum non possis audire sermones*. Por vezes me aconteceu estar com o ouvido aplicado à boca do bárbaro, e ainda do intérprete, sem poder distinguir as sílabas, nem perceber as vogais ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma letra com duas e três semelhantes, ou compondo-se — o que é mais certo — com mistura de todas elas: umas tão delgadas e sutis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais afogadas na garganta que pronunciadas na língua; outras tão curtas e subidas, outras tão estendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão, sendo certo, em todo rigor, que as tais línguas não se ouvem, pois se não ouve delas mais que o som, e não palavras desarticuladas e humanas, como diz o profeta: *Quorum non possis audire sermones.*

509. De José, ou do povo de Israel no Egito, diz Davi por grande encarecimento de trabalho: *Linguam, quam non noverat, audivit*: que ouvia a língua que não entendia. — Se é trabalho ouvir a língua que não entendeis, quanto maior trabalho será haver de entender a língua que não ouvis? O primeiro trabalho é ouvi-la; o segundo, percebê-la; o terceiro, reduzi-la a gramática e a preceitos; o quarto, estudá-la; o quinto — e não o menor, e que obrigou a S. Jerônimo a limar os dentes — o pronunciá-la. E depois de todos estes trabalhos, ainda não começastes a trabalhar, porque são disposições somente para o trabalho. Santo Agostinho intentou aprender a língua grega, e, chegando à segunda declinação, em que se declina *ophis*, que quer dizer serpente, não foi mais por diante, e disse com galantaria: *Ophis me terruit*: a serpente me meteu tal medo, que me fez tornar atrás. — Pois se a Santo Agostinho, sendo Santo Agostinho, se à águia dos entendimentos humanos se lhe fez tão dificultoso aprender a língua grega, que está tão vulgarizada entre os latinos, e tão facilitada com mestres, com livros, com artes, com vocabulários, e com todos os outros instrumentos de aprender, que serão as línguas bárbaras e barbaríssimas de umas gentes, onde nunca houve quem soubesse ler nem escrever? Que será aprender o nheengaiba, o juruuna, o tapajó, o teremembé, o mamaiana, que só os nomes parece que fazem horror?

510. As letras dos chinos e dos japões muita dificuldade têm, porque são letras hieroglíficas, como as dos egípcios; mas, enfim, é aprender língua de gente política, e estudar por letra e por papel. Mas, haver de arrostar com uma língua bruta, e de brutos, sem livro, sem mestre, sem guia, e no meio daquela escuridade e dissonância haver de cavar os primeiros alicerces, e descobrir os primeiros rudimentos dela, distinguir o nome, o verbo, o advérbio, a proposição, o número, o caso, o tempo, o modo, e modos nunca vistos nem imaginados, como de homens enfim tão diferentes dos outros nas línguas, como nos costumes, não há dúvida que é empresa muito árdua a qualquer entendimento, e muito mais árdua à vontade que não estiver muito sacrificada e muito unida com Deus. Receber as línguas do céu milagrosamente, em um momento, como as receberam os apóstolos, foi maior felicidade; mas aprendê-las e adquiri-las dicção por dicção, e vocábulo por vocábulo, à força de estudo, de diligência e de continuação, assim como será maior merecimento, é também muito diferente trabalho, e para um e outro se requer muita graça do Espírito Santo e grande cabedal de amor de Deus. Maior rigor usa neste caso o amor de Deus com os pregadores do Evangelho, do que usou a justiça de Deus com os edificadores da Torre de Babel. Aos que edificavam a Torre de Babel condenou-os a justiça de Deus a falar diversas línguas, mas não a aprendê-las; aos que pregam a fé entre as gentilidades, condena-os o amor de Deus, não só a que falem as suas línguas, senão a que as aprendam, que, se não fora por amor, era muito maior castigo. E que amor será necessário para um homem, e tantos homens, se condenarem voluntariamente, não só cada um a uma língua — como os da Torre — mas muitos a muitas?

511. Vejo, porém, que me perguntais: Pois, se a Deus é tão fácil infundir a ciência das línguas em um momento, e se antigamente deu aos apóstolos o dom das línguas, para que pregassem a fé pelo mundo, agora, por que não dá o mesmo dom aos pregadores da mesma fé, principalmente em cristandades ou gentilidades novas, como estas nossas? Esta dúvida é mui antiga, e já lhe respondeu S. Gregório Papa e Santo Agostinho, posto que variamente. A razão literal é porque Deus regularmente não faz milagres sem necessidade: quando faltam as forças humanas, então suprem as divinas. E como Cristo queria converter o mundo só com doze homens, para converter um mundo tão grande, tantas cidades, tantos reinos, tantas províncias, com tão poucos pregadores, era necessário que milagrosamente se lhes infundissem as línguas de todas as

nações, porque não tinham tempo nem lugar para as aprender; porém, depois que a fé esteve tão estendida e propagada, como está hoje, e houve muitos ministros que a pudessem pregar, aprendendo as línguas de cada nação, cessaram comumente as línguas milagrosas, porque não foi necessária a continuação do milagre. Vede-o nas línguas do Espírito Santo.

512. *Apparuerunt dispersitae linguae tanquam ignis, seditque supra singulos eorum* (At. 2,3): Apareceram sobre os apóstolos muitas línguas de fogo, o qual se assentou sobre eles. Não sei se reparais na diferença: diz que apareceram as línguas, e que o fogo se assentou. E por que se não assentaram as línguas, senão o fogo? Porque as línguas não vieram de assento, o fogo sim. Os dons que o Espírito Santo trouxe hoje consigo sobre os apóstolos foram principalmente dois: o dom das línguas e o dom do amor de Deus. O dom das línguas não se assentou, porque não havia de perseverar: acabou geralmente com os apóstolos: *Apparuerunt dispersitae linguae*. Apareceram as línguas e desapareceram. Porém o dom do fogo, o dom do amor de Deus, esse se assentou: *Sedit supra singulos eorum*, porque veio de assento, e perseverou não só nos apóstolos, senão em todos os seus sucessores. E assim vimos em todas as idades, e vemos também hoje tantos varões apostólicos, em que está tão vivo este fogo, tão fervoroso este espírito, e tão manifesto e tão ardente este amor. Aos apóstolos deu-lhes Deus línguas de fogo, aos seus sucessores deu-lhes fogo de línguas. As línguas de fogo acabaram, mas o fogo de línguas não acabou, porque este fogo, esse Espírito, esse amor de Deus faz aprender, estudar e saber essas línguas. E quanto a esta ciência das línguas, muito mais à letra se cumpre nos varões apostólicos de hoje a promessa de Cristo, que nos mesmos apóstolos antigos, porque Cristo disse: *Ille vos docebit*: que o Espírito Santo os ensinaria. E aos apóstolos da Igreja primitiva não lhes ensinou o Espírito Santo as línguas: deu-lhas e infundiu-lhas; aos apóstolos de hoje não lhes dá o Espírito Santo as línguas: vem-lhas infundir e ensinar-lhas: *Ille vos docebit*. As primeiras línguas foram dadas com milagre, as segundas são ensinadas sem milagre; mas eu tenho estas por mais milagrosas, porque menos maravilha é em Deus podê-las dar sem trabalho, que no homem querê-las aprender com tanto trabalho: em Deus argúi um poder infinito, que em Deus é natureza; no homem argúi um amor de Deus excessivo, que é sobre a natureza do homem. Com razão comete logo Cristo este ofício de ensinar ao Espírito Santo, e passa os seus discípulos da Escola da Sabedoria para a Escola do Amor: *Ille vos docebit*.

§V

Nas conquistas de Portugal todos são ministros do Evangelho. Santo Agostinho e o ministério dos leigos. A missão dos soldados. O apostolado das mulheres. O apostolado das mulheres figurado na parábola da dracma perdida e profetizado por Joel.

513. Está dito e está provado. Mas que se tira ou colhe daqui? Parecerá porventura aos ouvintes que esta doutrina é só para os pregadores da fé, para os religiosos, para os missionários, para os pastores e ministros da Igreja? Assim será noutras terras: nestas nossas é para todos. Nas outras terras uns são ministros do Evangelho, e outros não; nas conquistas de Portugal todos são ministros do Evangelho. Assim o disse Santo Agostinho pregando na África, que também é uma das nossas conquistas. Explicava o santo aquela sentença de Cristo: *Ubi sum ego, illic et minister meus erit* (Jo. 12,26), em que o Senhor promete que, onde ele está, estarão também seus ministros. E convertendo-se o grande doutor para o povo, disse desta maneira: *Cum auditis, fratres, Dominum dicentem illic et minister meus erit, nolite tantummodo bonos episcopos et clericos cogitare; etiam vos pro modulo vestro ministrare Christo*: Quando ouvís os prêmios que Cristo promete a seus ministros, não cuideis que só os bispos e os clérigos são ministros seus: também vós, por vosso modo, não só podeis, mas deveis ser ministros de Cristo. E por que modo será ministro de Cristo um homem leigo, sem letras, sem ordens e sem grau algum na Igreja? O mesmo santo o vai dizendo: *Bene vivendo*: vivendo bem, e dando bom exemplo; *Eleemosynas faciendo*: fazendo esmolas, e exercitando as outras obras de caridade; *Nomem doctrinamque ejus, quibus potuerit, praedicando*: e pregando o nome de Cristo, e ensinando a sua fé e doutrina a todos aqueles a quem puder; *Unusquisque paterfamilias pro Christo et pro vita aeterna suos omnes admoneat, doceat, hortetur, corripiat, impendat benevolentiam, exerceat disciplinam*: Cada um dos pais de famílias em sua casa, por amor de Cristo e por amor da vida eterna, ensine a todos os seus o que devem saber, encaminhe-os, exorte-os, repreenda-os, castigue-os, tire-os das más ocasiões, e já com amor, já com rigor, zele, e procure e faça diligência por que vivam conforme a lei de Cristo.

514. Este tal pai de famílias, que será? Ouvi, cristãos, para consolação vossa o que conclui Agostinho: *Ita in domo sua ecclesiasticum et quodammodo episcopale implebit officium, ministrans Christo, ut in aeternum sit cum ipso*: Por este modo um pai de famílias, um homem leigo fará em sua casa não só ofício eclesiástico, mas ofício episcopal, e não só será qualquer ministro de Cristo, senão o maior de todos os ministros, quais são os bispos, servindo e ministrando nesta vida a Cristo, para reinar eternamente com eles: *Ministrans Christo, ut in aeternum sit cum ipso*. Isto dizia Santo Agostinho aos seus povos da África, e o pudera dizer com muito maior razão aos nossos da América.

515. Oh! se o divino Espírito, que hoje desceu sobre os apóstolos, descera eficazmente com um raio de sua divina luz sobre todos os moradores deste Estado, para que dentro e fora de suas casas acudiram às obrigações que devem à fé que professam, como é certo que ficariam todos neste dia não só verdadeiros ministros mas apóstolos de Cristo? Que coisa é ser apóstolo? Ser apóstolo nenhuma outra coisa é senão ensinar a fé e trazer almas a Cristo; e nesta conquista ninguém há que o não possa, e, ainda, que o não deva fazer. Primeiramente nesta missão do Rio das Almazonas, que amanhã parte — e que

Deus seja servido levar e trazer tão carregada de despojos do céu, como esperamos, e com tanto remédio para a terra, como se deseja — que português vai de escolta, que não vá fazendo officio de apóstolo? Não só são apóstolos os missionários, senão também os soldados e capitães, porque todos vão buscar gentio e trazê-los ao lume da fé e ao grêmio da Igreja. A Igreja formou-se do lado de Cristo, seu esposo, como Eva se formou do lado de Adão. E formou-se quando do lado de Cristo na cruz saiu sangue e água: *Exivit sanguis et aqua* (Jo. 19,34). O sangue significava o preço da Redenção, e a água, a água do Batismo. E saiu o sangue junto com a água, porque a virtude que tem a água é recebida do sangue. Mas, pergunto agora, este lado de Cristo, donde se saiu e se formou a Igreja, quem o abriu? Abriu-o um soldado com uma lança, diz o texto: *Unus militum lancea latus ejus aperuit* (ibid). Pois também os soldados concorrem para a formação da Igreja? Sim, porque muitas vezes é necessário que os soldados com suas armas abram e franqueiem a porta, para que por essa porta aberta e franqueada se comunique o sangue da Redenção e a água do Batismo: *Et continuo exivit sanguis et aqua*. E quando a fé se prega debaixo das armas e à sombra delas, tão apóstolos são os que pregam como os que defendem, porque uns e outros cooperam à salvação das almas.

516. E se eu agora dissesse que nesta conquista, assim como os homens fazem officio de apóstolos na campanha, assim o podem fazer as mulheres em suas casas? Diria o que já disseram grandes autores: eles na campanha trazendo almas para a Igreja, fazem officio de apóstolos; e elas em suas casas, doutrinando seus escravos e escravas, fazem officios de apóstolas. Não é o nome nem a gramática minha; é do doutíssimo Salmeirão, o qual chamou às Marias: *Apostolorum apostolas*: Apóstolas dos apóstolos. E por quê? Porque lhes anunciaram o mistério da Ressurreição de Cristo. Pois, se aquelas mulheres, que anunciaram a homens, já cristãos e discípulos de Cristo, um só mistério, merecem nome de apóstolas, aquelas que anunciam e ensinam a seus escravos gentios e rudes todos os mistérios da salvação, quanto mais merecem este nome? Põe-se uma de vós a ensinar por amor de Deus ao seu tapuia e à sua tapuia o Creio-em-Deus-Padre, e que lhe ensina? Ensina-lhe o mistério altíssimo da Santíssima Trindade, o mistério da Encarnação, o da Morte, o da Ressurreição, o da Ascensão de Cristo, o da vinda do Espírito Santo, o do Juízo, o da Vida Eterna, e todos os que cremos e professamos os cristãos. Vede se merece nome de apóstola uma mestra destas?

517. Não há dúvida que homens e mulheres todos são capazes deste altíssimo nome e deste divino ou diviníssimo exercício. Faz duas parábolas Cristo no Evangelho, uma de um pastor que perdeu uma ovelha, e a foi buscar e trazer dos matos aos ombros, outra de uma mulher que perdeu uma dracma, ou moeda de prata, e acendeu uma candeia para a buscar, e a buscou e achou em sua casa. Esta ovelha e esta moeda perdidas e achadas, são as almas desencaminhadas e erradas que se convertem e encaminham a Deus; quem buscou e achou a ovelha na primeira parábola, e quem buscou e achou a moeda na segunda, são os ministros evangélicos, que trazem e reduzem a Deus estas almas. Pois, se em uma e outra parábola significam estas duas pessoas os ministros evangélicos que trazem almas a Deus, por que na primeira introduziu Cristo um homem, que é o pastor, e na segunda uma mulher, que é a que acendeu a candeia? Para nos ensinar Cristo que assim homens como mulheres todos podem salvar almas: os homens no campo com o cajado, e as mulheres em casa com a candeia; os homens no campo, entrando pelos matos com as armas, e as mulheres em casa, alumando e ensinando a doutrina.

518. Vede como estava isto profetizado pelo profeta Joel, no mesmo capítulo segundo, que foi o que hoje declarou S. Pedro ao povo de Jerusalém; *Sed et super servos meos, et ancillas in diebus illis effundam spiritum meum, et prophetabunt* (Jl. 2,29); Naqueles dias — diz Deus — derramarei o meu Espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas, e todos pregarão. — Notai; não diz Deus que derramará o seu Espírito só sobre os servos, senão sobre os servos e sobre as servas: *Super servos meos, et super ancillas*: porque não só os homens, senão os homens e também as mulheres podem e devem, e hão de pregar, e dilatar a fé, cada um conforme seu estado: *Et prophetabunt*. Por isso hoje, com grande mistério, no Cenáculo de Jerusalém, onde desceu o Espírito Santo, não só se acharam homens, senão mulheres: *Hiomnes erant perseverantes unanimiter in oratione cum mulieribus*¹⁰. Estavam homens e estavam mulheres no Cenáculo, porque a homens e a mulheres vinha o Espírito Santo fazer mestres e mestras da doutrina do céu, e ensiná-los para que a ensinassem: *Ille vos docebit*.

Fazer-se cada dia um discípulo do soberano Mestre, para o poder ser ao menos dos seus escravos. Transformar pedras em filhos de Abraão e animais em homens. A visão de S. Pedro em Jope. Matar comer e converter.

519. Suposto pois que não só aos eclesiásticos, senão também aos seculares, não só aos homens, senão também às mulheres pertence, ou de caridade ou de justiça, ou de ambas estas obrigações, ensinar a fé e a lei de Cristo aos gentios e novos cristãos naturais destas terras em que vivemos, cada um conforme seu estado, não haja, de hoje em diante, com a graça do Espírito Santo, quem se não faça discípulo deste divino e soberano Mestre, para o poder ser ao menos dos seus escravos. Os que sabeis a língua, tereis maior facilidade; os que a não sabeis, tereis maior merecimento. E uns e outros, ou por nós mesmos — que sempre será o melhor — ou por outrem, vos deveis aplicar a este tão cristão e tão devido exercício, com tal diligência e cuidado, que nenhum falte com o pasto necessário da doutrina às poucas ou muitas ovelhinhas de Cristo que o Senhor lhes tiver encomendadas, pois todos nesta conquista sois pastores ou guardadores deste grande pastor. Muitos o fazem assim com grande zelo, cristandade e edificação; mas é bem que o façam todos.

520. E ninguém se escuse — como escusam alguns — com a rudeza da gente, e com dizer, como acima dizíamos, que são pedras, que são troncos, que são brutos animais, porque, ainda que verdadeiramente alguns o sejam ou o pareçam, a indústria e a graça tudo vence, e de brutos, e de troncos, e de pedras os fará homens. Dizei-me, qual é mais poderosa, a graça ou a natureza? A graça, ou a arte? Pois o que faz a arte e a natureza, por que havemos de desconfiar que o faça a graça de Deus, acompanhada da vossa indústria? Concedo-vos que esse índio bárbaro e rude seja uma pedra: vede o que faz em uma pedra a arte. Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe, e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até a mais miúda: ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos; aqui desprega, ali arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito, e talvez um santo que se pode pôr no altar. O mesmo será cá, se a vossa indústria não faltar à graça divina. É uma pedra, como dizeis, esse índio rude? Pois, trabalhai e continuai com ele — que nada se faz sem trabalho e perseverança — aplicai o cinzel um dia e outro dia, dai uma martelada e outra martelada, e vós vereis como dessa pedra tosca e informe fazeis não só um homem, senão um cristão, e pode ser que um santo.

521. Não é menos que promessa e profecia do maior de todos os profetas; *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahae* (Lc. 3,8): Poderoso é Deus a fazer destas pedras filhos de Abraão. — Abraão é o pai de todos os que têm fé; e dizer o Batista que Deus faria de pedras filhos de Abraão foi certificar e profetizar que de gentios idólatras, bárbaros e duros como pedras, por meio da doutrina do Evangelho havia Deus de fazer não só homens, senão fiéis, e cristãos, e santos. Santo Ambrósio: *Quid aliud quam lapides habebantur; qui lapidibus serviebant, similes utique his qui fecerant eos? Prophetatur igitur saxo, sit gentilium fides infundenda pectoribus, et futuros per fidem Abrahae filios oraculo pollicetur* Assim o profetizou o Batista, e assim como ele foi o profeta deste milagre, vós sereis o instrumento dele. Ensinai e doutrina estas pedras, e fareis de pedras não estátuas de homens, senão verdadeiros homens e verdadeiros filhos de Abraão por meio da fé verdadeira. O que se faz nas pedras, mais facilmente se pode fazer nos troncos, onde é menor a resistência e a bruteza.

522. Só para fazer de animais homens não tem poder nem habilidade a arte; mas a natureza sim, e é maravilha que por ordinário o não parece. Vede-a. Fostes à caça por esses bosques e campinas, matastes o veado, a anta, o porco montês; matou o vosso escravo o camaleão, o lagarto, o crocodilo; como ele com os seus pranceiros, comestes vós com os vossos amigos. E que se seguiu? Dali a oito horas, ou menos — se com menos se contentar Galeno — a anta, o veado, o porco montês, o camaleão, o lagarto, o crocodilo, todos estão convertidos em homens: já é carne de homem o que pouco antes era carne de feras. Pois se isto pode fazer a natureza por força do calor natural, por que o não fará a graça muito mais eficazmente por força do calor e fogo do Espírito Santo? Se a natureza, naturalmente, pode converter animais feros em homens, a graça, sobrenaturalmente, por que não fará esta conversão? O mesmo Espírito autor da graça o mostrou assim, e o ensinou a S. Pedro. Estava S. Pedro em oração na cidade de Jope; eis que vê abrir-se o céu, e descer um como grande lençol — assim lhe chama o texto — suspendido por quatro pontas, e no fundo dele uma multidão confusa de feras, de serpentes, de aves de rapina e de todos os outros animais silvestres, bravos, asquerosos e peçonhentos, que na lei velha se chamavam imundos. Três vezes na mesma hora viu S. Pedro esta representação, cada vez mais suspenso e duvidoso do que poderia significar, e três vezes ouviu juntamente uma voz que lhe dizia: *Surge Petre, occide et manduca* (At. 10,13): Eia, Pedro, matai e comei. — As palavras não declaravam o enigma, antes o escureciam mais, porque lhe parecia a S. Pedro impossível que Deus, que tinha vedado aqueles animais, lhes mandasse comer. Batem à porta neste mesmo ponto, e era um recado ou embaixada de um senhor gentio, chamado Cornélio, capitão dos presídios romanos de Cesaréia, o qual se mandava oferecer a S. Pedro, para que o instruisse na fé, e o batizasse. Este gentio, como diz Santo Ambrósio, foi o primeiro que pediu e recebeu a fé de Cristo, e por este efeito, e pela declaração de um anjo, entendeu então S. Pedro o que significava a visão. Entendeu que aquele lençol tão grande era o mundo; que as quatro pontas por onde se suspendia eram as quatro partes dele; que os animais

feros, imundos e reprovados na lei, eram as diversas nações de gentios, bárbaras e indômitas, que até então estavam fora do conhecimento e obediência de Deus, e que o mesmo Senhor queria que viessem a ela. Até aqui o texto e a inteligência dele.

523. Mas se aqueles animais significavam as nações dos gentios, e estas nações queria Deus que S. Pedro as ensinasse e convertesse, como lhe manda que as mate e que as coma? Por isso mesmo: porque o modo de converter feras em homens, é matando-as e comendo-as, e não há coisa mais parecida ao ensinar e doutrinar que o matar e o comer. Para uma fera se converter em homem há de deixar de ser o que era e começar a ser o que não era, e tudo isto se faz matando-a e comendo-a: matando-a, deixa de ser o que era, porque, morta, já não é fera; comendo-a, começa a ser o que não era, porque, comida, já é homem. E porque Deus queria que S. Pedro convertesse em homens, e homens fiéis, todas aquelas feras que lhe mostrava, por isso a voz do céu lhe dizia que as matasse e as comesse; *Occide et manduca* — querendo-lhe dizer que as ensinasse e doutrinasse, porque o ensinar e doutrinar havia de fazer nelas os mesmos efeitos que o matar e o comer. Ouvi a S. Gregório Papa: *Primo pastori dicitur macta et manduca quod mactatur quippe a vita occiditur; id vero quod comeditur in comedentis corpore commutatur: macta ergo, et manduca, dicitur id est, a peccato eos qui vivunt interfice, et a se ipsos illos in tua membra convertere.*

524. Querendo Deus que S. Pedro ensinasse a fé àqueles gentios, diz-lhe que os mate e que os coma, porque o que se mata deixa de ser o que é, e o que se come converte-se na substância e nos membros de quem o come. E ambos estes efeitos haviam de obrar a doutrina de S. Pedro naqueles gentios feros e bárbaros. Primeiro haviam de morrer, porque haviam de deixar de ser gentios; e logo haviam de ser comidos e convertidos em membros de S. Pedro, porque haviam de ficar cristãos e membros da Igreja, de que São Pedro é a cabeça. De maneira que, assim como a natureza faz de feras homens, matando e comendo, assim também a graça faz de feras homens, doutrinando e ensinando. Ensinastes o gentio bárbaro e rude, e que cuidais que faz aquela doutrina? Mata nele a fereza, e introduz a humanidade; mata a ignorância, e introduz o conhecimento; mata a bruteza, e introduz a razão; mata a infidelidade, e introduz a fé; e deste modo, por uma conversão admirável, o que era fera fica homem, o que era gentio fica cristão, o que era despojo do pecado fica membro de Cristo e de S. Pedro; *Occide et manduca*. E como a graça do Espírito Santo, por meio da doutrina da fé, melhor que a arte e melhor que a natureza, de pedras e de animais sabe fazer homens, ainda que os destas conquistas fossem verdadeiramente, ou tão irracionais como os brutos, ou tão insensíveis como as pedras, não era bastante dificuldade esta, nem para desculpar o descuido, nem para tirar a obrigação de os ensinar: *Ille vos docebit.*

§VII

O grande serviço que se fará a Deus, e a grande conta que Deus há de pedir Ameaça dos anjos aos apóstolos depois da Ascensão. As acusações dos escravos a seus senhores no dia do Juízo.

525. E para que ninguém falte a esta obrigação e a este cuidado, só vos quero lembrar o grande serviço que fareis a Deus, se o fizerdes, e a grande conta que Deus vos há de pedir, se vos descuidardes. É passo, de que me lembro e tremo muitas vezes, o que agora vos direi. Estavam os apóstolos no Monte Olivete em o dia da Ascensão, com os olhos pregados no céu e com os corações dentro nele, porque já se lhes escondera da vista o Mestre e o Senhor, que em si e após si lhes levava. Estavam enlevados, estavam suspensos, estavam arrebatados, e quase não em si de amor, de admiração, de glória, de júbilos, de saudades; eis que aparecem dois anjos e lhes dizem estas palavras: *Viri Galilaei, quid statis aspicientes in caelum? Hic Jesus, qui assumptus est a vobis in caelum, sic veniet:* Varões galileus, que fazeis aqui olhando para o céu? Este mesmo Senhor que agora se apartou de vós, há de vir outra vez, porque há de vir a julgar. — Notáveis palavras por certo, e ditas a tais pessoas, em tal lugar e em tal ocasião! De maneira que estranham os anjos aos apóstolos estarem no Monte Olivete olhando para o céu de saudades de Cristo, e para os obrigarem a que se vão logo dali — como se foram — os ameaçam com o dia do Juízo e com a lembrança da conta? Pois, estar em um monte apartado das gentes, estar com os olhos postos no céu, estar arrebatado na contemplação da glória, estar enlevado no amor e saudades de Cristo, é coisa digna de se estranhar e de a estranharem os anjos? Em tal caso, sim, porque se em todos os homens é digno de estranhar não deixarem o mal pelo bem, nos apóstolos era digno de estranhar não deixarem o bem pelo melhor. O ofício e obrigação dos apóstolos era pregar a fé e salvar almas; a ordem que Cristo lhes tinha dado era que se recolhessem a Jerusalém a preparar-se para a pregação com os dons do Espírito Santo, que lhes mandaria, e deixar o Monte Olivete pelo Cenáculo, deixar a contemplação pela escola das línguas, deixar de olhar para o céu para acudir às cegueiras da terra, deixar, enfim, as saudades de Cristo pela saúde de Cristo, não era deixar o bem, senão melhorá-lo, porque era trocar um bem grande por outro maior: era deixar um serviço de Deus por outro maior serviço, uma vontade de Deus por outra maior vontade, uma glória de Deus por outra maior glória. O contemplar em Deus é obra divina, mas o levar almas para Deus é obra diviníssima.

526. Assim lhe chamou S. Dionísio Areopagita: *Opus Dei divinissimum*. E a obrigação dos apóstolos e varões apostólicos não é só buscar o divino, senão o mais divino: é deixar o mundo pelo diviníssimo. Por isso lhes estranham os anjos o estarem parados no monte, e com os olhos suspensos no céu; por isso lhes dizem: *Quid statis?* Que estais aqui fazendo? — como se o que faziam nenhuma comparação tivera com o que haviam de fazer. O que faziam e o que os ocupava eram contemplações, admirações, êxtases, arrebatamentos; o que haviam de fazer, e o em que se haviam de ocupar, era

pregar, ensinar, doutrinar, batizar, converter almas, e tudo aquilo em comparação disto, no juízo dos anjos, que melhor que nós o entendem, que é? *Um quid*, uma coisa que se pode duvidar se é alguma coisa, um muito menos do que devera ser, um estar parados, um não ir por diante: *Quid statis?* Vede, vede vós e vós — com todos e com todas falo — quanto grande serviço fazeis a Deus, quando ensinais os vossos escravos, quando para isso aprendeis as línguas, quando escreveis e estudais o catecismo, quando buscais o intérprete ou o mestre, e quando, talvez, só para este fim o pagais e o sustentais. Oh! ditoso dispêndio! Oh! ditoso estudo! Oh! ditoso trabalho! Oh! ditoso merecimento, e sem igual diante de Deus! Em suma, cristãos, que é maior bem e maior serviço de Deus, e maior glória sua estar ensinando um negrinho da terra, que se estivéreis enlevados e arrebatados no céu: *Quid statis aspicientes in caelum?*

527. E se é tão grande o serviço que fazem a Deus os que têm este cuidado, os que o não têm, os que tão descuidados e esquecidos vivem da doutrina, da cristandade e da salvação de seus escravos, que rigorosa, que estreita e que estreitíssima conta vos parece que lhes pedirá Deus? Ameaçam os anjos aos apóstolos com o dia do Juízo, e reparam-lhes em momentos do Monte Olivete. Por quê? Porque eram homens que tinham à sua conta almas alheias, e quem tem almas alheias à sua conta, até de um momento que não cuidar muito delas há de dar muito estreita conta a Deus. Oh! que terrível conta há de pedir Deus no dia do Juízo a todos os que vivemos neste Estado, porque todos temos almas à nossa conta! Os pregadores todas, os pastores as das suas igrejas, os leigos as das suas famílias. Se é tão dificultoso dar boa conta de uma só alma, que será de tantas? S. Jerônimo, sobre tanto deserto, sobre tantas penitências, sobre tantos trabalhos em serviço de Deus e da Igreja, estava sempre tremendo da trombeta do dia do Juízo, pela conta que havia de dar da sua alma. A alma de Santo Hilarião Abade, depois de oitenta anos de vida eremítica, e de tantas e tão insígnies vitórias contra o demônio, tremia tanto da conta, que não se atrevia a sair do corpo, estando o santo para expirar, e foi necessário que ele a animasse.

528. Pois, se os Jerônimos, se os Hilariões, se as maiores colunas da Igreja temem de dar conta de uma alma depois de vidas tão santas, vós, depois das vossas vidas, que é certo não foram tão ajustadas com a lei de Deus como as suas, que conta esperais dar a Deus, não de uma, senão de tantas almas? Uns de cinquenta almas, outros de cem almas, outros de duzentas almas, outros de trezentas, outros de quatrocentas, e alguns de mil. Muitos há que tendes hoje poucas, mas naquele dia haveis de ter muitas, porque todas as que morreram para o serviço, hão de ressuscitar para a conta. As que tivestes, as que tendes, as que haveis de ter, todas naquele dia hão de aparecer juntas diante do divino tribunal a dar conta cada uma de si, e vós de todas. Certo que eu antes quisera dar conta pela sua parte que pela vossa. O escravo escusar-se-á com o seu senhor; mas o senhor, com quem se há de escusar? O escravo poder-se-á escusar com o seu pouco entendimento, com a sua ignorância; mas o senhor, com que se escusará? Com a sua muita cobiça? Com a sua muita cegueira? Com faltar à piedade? Com faltar à humanidade? Com faltar à cristandade? Com faltar à fé? Oh! Deus justo! Oh! Deus misericordioso, que nem em vossa justiça, nem em vossa misericórdia acho caminho para saírem estas almas de tão intrincado labirinto! Se a justiça divina acha por onde condenar um gentio, porque não foi batizado, como achará a misericórdia divina por onde salvar um cristão, que foi causa de ele se não batizar?

529. Oh! que justiça pedirão sobre vós naquele dia tantas infelizes almas, de cuja infelicidade eterna vós fostes causa! Abel pedia justiça a Deus, e salvou-se Abel, e está no céu. Se Abel, se um irmão pede justiça a Deus sobre o irmão que lhe tirou a vida temporal, um escravo, e tantos escravos, que justiça pedirão a Deus sobre o senhor que lhes tirou a vida eterna? Se Abel, se uma alma que se salvou, e que está hoje vendo a Deus, pede justiça, uma alma, e tantas almas, que se condenaram e estão ardendo no inferno, e estarão por toda a eternidade, que justiça pedirão, que justiça clamarão, que justiça bradarão no céu, à terra, ao inferno, aos homens, aos demônios, aos anjos, a Deus? Oh! que espetáculo tão triste e tão horrendo será naquele dia ver a um português destas conquistas — e muito mais aos maiores e mais poderosos — cercado de tanta multidão de índios, uns livres, outros escravos, uns bem, outros mal cativos, uns gentios, outros com nome de cristãos, todos condenados ao inferno, todos ardendo em fogo, e todos pedindo justiça a Deus sobre aquele desventurado homem, que neste mundo se chamou seu senhor?

530. Ai de mim, dirá um, que me condenei por não ser batizado! Justiça sobre meu ingrato senhor, que me não pagou o serviço de tantos anos, nem com o que tão pouco lhe custava, como a água do batismo! Ai de mim, dirá outro, que me condenei por não conhecer a Deus, nem saber os mistérios da fé! Justiça sobre meu infiel senhor que, mandando-me ensinar tudo o que importava a seu serviço, só do necessário à minha salvação nunca teve cuidado! Ai de mim, dirá outro, que me condenei por passar toda a vida torpemente amigado contra a lei de Deus! Justiça sobre meu desumano senhor, que por suas conveniências particulares me consentiu o pecado, e não quis consentir o matrimônio! Ai de mim, dirá outro, que me condenei por não me confessar nas quaresmas, ou não me confessar a quem me entendesse e me encaminhasse! Justiça sobre meu avaro senhor, que por não perder dois dias de serviço, me não quis dar nem o tempo, nem o lugar, nem o confessor que minha alma havia mister! Ai de mim, dirá finalmente o outro, que me condenei por morrer sem sacerdote nem sacramento! Justiça sobre meu tirano senhor, que por me não chamar o remédio, ou não me mandar levar a ele, me deixou morrer como um bruto! Cão me chamava sempre na vida, e como um cão me tratou na morte. Isto dirá cada um daqueles miseráveis escravos ao supremo juiz, Cristo. E todos juntos bradarão a seu sangue — de que por vossa culpa se não aproveitaram — justiça, justiça, justiça. — Oh! como é sem dúvida que naquele dia conhecereis quem vos dizia e pregava a verdade! Oh! como é sem dúvida que naquele dia do Juízo haveis de mudar de juízo e de juízos! Hoje tendes por ditosos os que têm muitos escravos, e por menos venturosos os que têm poucos: naquele dia os que tiveram muitos escravos serão

desventurados, e os que tiveram poucos serão os ditosos, e mais ditoso o que não teve nenhum. Tende-os, cristãos, e tende muitos, mas tende-os de modo que eles ajudem a levar a vossa alma ao céu, e vós as suas. Isto é o que vos desejo, isto é o que vos aconselho, isto é o que vos procuro, isto é o que vos peço por amor de Deus e por amor de vós, e o que quisera que leváreis deste sermão metido na alma.

531. O Espírito Santo, que hoje desceu sobre os apóstolos, e os ensinou para que eles ensinassem ao mundo, desça sobre todos vós, e vos ensine a querer ensinar, ou deixar ensinar, aquele a quem deveis a doutrina, para que ele por vós, e vós com ele, conseguindo nesta vida — que tão cara vos custa — a graça, mereçais gozar na outra, com grandes aumentos, a glória.

SERMÃO DA DOMINGA XIX DEPOIS DO PENTECOSTE

NA FESTA QUE SE FAZ TODOS OS MESES AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO. NA CATEDRAL DA BAHIA, ANO DE 1639

Misit servos suos vocare invitatos nuptias¹.

§I

A parábola do banquete. Quem é o rei? Quem o filho? Quais as bodas? Qual o banquete? Quem os convidados que vieram? Quem os que não quiseram vir? E quem os criados que os foram chamar? Assunto do sermão: o officio e obrigação do pregador é chamar os convidados para o banquete da glória.

532. É semelhante o reino do céu a um homem rei. — Vou repetindo e construindo o texto do Evangelho, palavra por palavra. Tende advertência e fazei memória de todas, porque têm mistério, e todas nos hão de servir. — É semelhante o reino do céu — diz Cristo, Redentor nosso — a um homem rei, o qual fez as bodas a seu filho. Chegado o dia, mandou a seus criados que fossem chamar os convidados para o banquete, e eles não quiseram vir. Tornou, contudo, a mandar outros criados com outro recado nesta forma: — Dizei-lhes que venham, porque o banquete está aparelhado e o gasto feito, as reses e as aves mortas, e tudo preparado. — Os convidados, porém, não fizeram caso desta segunda instância: uns se foram para a sua lavoura, outros para a sua negociação, e alguns houve tão descomedidos, que prenderam os mesmos criados, e, depois de muitas afrontas, os mataram. Irou-se o rei, como era justo, mandou os seus exércitos a que fossem castigar aqueles rebeldes, com ordem que não só matassem os homicidas, mas pusessem fogo a toda a cidade, e a queimassem. Executado assim, voltou-se o rei para os criados e disse: — O banquete está aparelhado; e pois os convidados não foram dignos, ide às saídas das ruas, e trazei quantos achardes. — Foram, e ajuntando quantos encontraram, maus e bons, todos trouxeram e introduziram, com que os lugares do convite ficaram cheios. Então o rei entrou em pessoa na sala para os ver à mesa, e como notasse que entre eles estava um sem vestidura de bodas, estranhou-lhe a descortesia, dizendo: Amigo, como entraste aqui tão indecentemente vestido? — O homem emudeceu, e o rei mandou a seus ministros que, atado de pés e mãos, o lançassem fora e o levassem a um cárcere subterrâneo e escuro, chamado trevas exteriores. Ali não haverá — conclui Cristo — senão choro e ranger de dentes, porque os chamados são muitos, e os escolhidos poucos.

533. Esta é, letra por letra, a história ou parábola do Evangelho, para cuja inteligência convém saber quem é o rei, quem o filho, quais as bodas, qual o banquete, quem os convidados que vieram, quem os que não quiseram vir, e quem os criados que os foram chamar. O rei é o Eterno Padre; o filho é o Verbo, segunda Pessoa da Santíssima Trindade; as bodas são a Encarnação do mesmo Filho de Deus, que se desposou com a natureza humana; o banquete é a glória e bem-aventurança do céu, que por meio deste mistério se nos franqueou; os convidados que vieram são os que se salvam; os que não quiseram vir, os que se condenam; e os criados, finalmente que os chamaram são os pregadores. Suposto pois que este é o officio e esta a obrigação do pregador, esta será também hoje a matéria do sermão. *Misit servos suos vocare ad nuptias* (Mt. 22,3). Manda-me Deus, senhores, que vos chame para o banquete da glória, e assim o farei. Mas quando vejo nesta mesma parábola que, chamados uma e outra vez os convidados, não quiseram vir, que razões vos posso eu alegar, ou de que meios me posso valer para vos persuadir o que tantos pregadores e escolhidos por Deus não persuadiram? Toda a minha confiança trago posta na virtude e eficácia do Evangelho; e assim vos não direi outra coisa, senão o que ele diz, e já ouvistes. Ponderarei somente as suas palavras, e ponderá-las-ei todas, sem deixar nenhuma, e para quanto disser e provar não alegarei outra escritura, nem do Velho nem do Novo Testamento, mais que o mesmo Evangelho. Se vos parece assunto novo e dificultoso, por isso mesmo me deveis ajudar a pedir mais graça hoje, que noutras ocasiões. *Ave Maria.*

§II

Todos somos convidados para o banquete da glória. Quem são os primeiros e os segundos criados que chamaram os convidados para o banquete da glória? Deus, o primeiro a nos convidar em Adão. S. Paulo e Isaías, as duas ánicas testemunhas do banquete da glória.

534. *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias.* Chamar os convidados para o banquete da glória é assunto que tomei ou me mandou tomar o Evangelho. E não sendo este banquete senão o do Santíssimo Sacramento, o que com repetida memória de todos os meses celebra hoje a vossa piedade, para que me deis atenção, sem desgosto nem escrúpulo, sabe que o mesmo Evangelho vos há de livrar dele, e com propriedade e mistério até agora não ouvido, nem de vós esperado.

535. Entrando, pois, na parábola que referi, a primeira coisa que ela supõe para fundamento do muito que encerra e nos há de ensinar, é que todos os que estamos presentes somos convidados para o banquete da glória. Para prova desta suposição, diz o texto que, chegado o dia das bodas, mandou o rei alguns dos seus criados que fossem chamar os convidados para o banquete: *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias* (Mt. 22,3). E como estes não quisessem vir, em vez de se mostrar ofendido como homem e como rei: *Homini regi*, para mostrar que debaixo desta metáfora era Deus, tornou a mandá-los chamar, não pelos mesmos, senão por outros criados: *Misit alios servos*. Quem fossem estes criados, assim os primeiros como os segundos, declaram com excelente propriedade Orígenes, S. Jerônimo e Santo Tomás. Os primeiros dizem que foram os profetas, os segundos os apóstolos. Os profetas foram os primeiros, porque primeiro chamaram os convidados na lei escrita; e os apóstolos foram os segundos, porque, vindo depois dos profetas, também chamaram os convidados na lei da graça. Daqui se segue, com a mesma propriedade, que os convidados para o banquete da glória, antes de virem os apóstolos e os profetas, já estavam convidados. Antes dos profetas já estavam convidados, porque dos primeiros criados diz o texto: *Misit servos suos vocare invitatos*; e antes dos apóstolos também estavam convidados, porque aos segundos criados disse o rei: *Dicite invitatis*. Pois, se já estavam convidados antes de haver apóstolos nem profetas, e nem os apóstolos nem os profetas foram os que os convidaram, senão os que somente os chamaram, quem os convidou? Não há dúvida que quem os convidou foi o mesmo rei, pai do príncipe desposado, que é Deus. Mas quando? Alguns dizem que foram convidados *ab aeterno*, quando Deus predestinou os homens para a glória. Mas isto não pode ser, porque convidar e ser convidado supõe notícia recíproca, e os homens não podiam ser convidados quando ainda não eram destinados ou predestinados. Logo, se antes dos apóstolos e dos profetas já estavam convidados, quando os convidou Deus? Convidou-os em Adão, quando lhe revelou que não só o criara a ele e a todos seus descendentes para o paraíso da terra nesta vida, senão para a glória do céu na outra. Nem a verdade, ordem e consequência da parábola se pode concordar doutro modo com a verdadeira teologia. Em suma, que desde o princípio do mundo e desde Adão, assim como depois todos pecamos nele, assim todos somos convidados nele para o banquete da glória, porque o fim, para que todos nascemos e somos criados, é para servir a Deus na vida, e o gozarmos na eternidade.

536. Suposta esta primeira verdade tão manifesta no nosso Evangelho, e suposto também que os sucessores dos apóstolos e profetas, que foram chamar os convidados, são os pregadores, o que a mim me toca hoje — como dizia — é chamar-vos também para o banquete, e persuadir-vos que vos não escuseis ou condeneis em o não querer aceitar. Mas, se o banquete é da glória, que posso eu dizer da grandeza, da magnificência e do sumo gosto e gostos que Deus tem aparelhado nela para os que forem dignos de a gozar? Dos profetas e apóstolos que chamaram os convidados para o banquete da glória, só dois a viram. Um a viu de longe, estando na terra, que foi Isaías; e outro a viu de perto, sendo levado ao céu, que foi S. Paulo. E que é o que disseram um e outro do que lá viram? O que disseram ambos conformemente é que se não pode dizer, porque os bens e felicidades daquela pátria bem-aventurada são tão diversos destes nossos, a que falsamente damos o mesmo nome, que excedem sem proporção nem medida a capacidade de todos nossos sentidos e a esfera natural de todas nossas potências. Pois, se o mais alumiado nas coisas da bem-aventurança entre os profetas, qual foi Isaías, e o mais alumiado e experimentado nelas entre os apóstolos, qual foi S. Paulo, não sabem dizer nada do que viram, que posso eu dizer do que não vi, nem mereço ver? Mais ainda. Quando os primeiros criados do rei, que eram os profetas, foram chamar os convidados, diz o texto que eles não quiseram vir: *Nolebant venire* (Mt. 22,3); e quando os segundos criados, que eram os apóstolos, os chamaram, também diz que não fizeram caso disso: *Illi autem neglexerunt* (Ibid. 5). Pois, se chamados com toda a eloquência dos profetas, e com toda a eficácia dos apóstolos se não persuadiram, que argumentos, ou que demonstrações vos posso eu fazer, para que entendaís o que eles não entenderam, para que queirais o que eles não quiseram, para que estimeis o que eles desprezaram, e para que procureis e trabalheis por alcançar o que eles, uma e outra vez rogados, não admitiram.

§III

Primeira circunstância notável do banquete: quem o fez? No banquete da glória faz Deus, como se fosse homem, não só tudo o que pode fazer, senão mais do que pode. O rei-homem, de que fala a parábola é o Pai Eterno que agindo como homem, pede emprestado à natureza humana o corpo que não tinha.

537. Esta é a razão, fiéis, porque hoje me despedi de todas as outras Escrituras, e só com o Evangelho, nua e

secamente considerado, quero fazer prova da vossa fé e da sua graça. Em todas as outras Escrituras apenas se acham divididas três coisas, as quais Cristo, Senhor nosso, pôs juntas neste Evangelho, para com elas nos ensinar a fazer inteiro e cabal conceito da glória a que nos tem convidado. Propõe-nos esta glória em metáfora de banquete, em que até os mais grosseiros sentidos são agudos, e as três circunstâncias notáveis que nele pondera, e quer que ponderemos, são estas. Primeira: quem o fez? Segunda: para quem se fez? Terceira: quanto custou a fazê-lo?

538. O rei que fez este banquete da glória: *Qui fecit nuptias*, é Deus. Assim o entendem concordemente todos os Padres e expositores, e se é Deus o que o fez: *Qui fecit*, quais serão as delícias incompreensíveis daquela mesa celestial e divina, a qual fez e colocou diante de si o mesmo Deus, não só para última ostentação de sua majestade e grandeza, mas para fazer eternamente bem-aventurados a todos os que se assentarem a ela? Tudo o que se pode imaginar e encarecer se encerra na significação daquela imensa palavra: *Qui fecit*. O que o fez é a infinita Sabedoria, o que o fez é a infinita onipotência, o que o fez é a infinita liberalidade e o infinito amor. Vede, que será o que fez? Os filósofos, que não tinham fé, pelas coisas que se vêem neste mundo inferior, entenderam que o autor delas era Deus. Nós, que temos fé, havemos de argumentar às avessas, e porque sabemos que o autor das coisas do céu, que não vemos, é Deus, daí havemos de argüir quais elas serão. Mas não é isto o que pondero; mais alto é o fundo do nosso texto.

539. *Simile est regnum caelorum homini regi, qui fecit nuptias filio suo* (Mt. 22, 2): É semelhante o reino do céu a um homem rei, que fez as bodas a seu filho. — Este homem rei, como dissemos ao princípio, é Deus Padre, que fez as bodas a seu filho, quando o desposou e uniu com a natureza humana. Pois, se é Deus Padre, por que se chama rei homem: *Homini regi*? Que se chame rei, para significar a soberania de sua majestade e a grandeza de seu poder, bem está; mas rei homem, parece impropriedade, porque o Padre Eterno, ainda que fez homem a seu Filho, ele nem se fez, nem é homem. Diga logo a parábola: semelhante é o reino do céu a um rei, e não a um rei homem, pois não é homem o rei de que fala. E se quer distinguir este rei dos outros reis, diga: a um rei Deus, e não a um rei homem: *Homini regi*. Assim havia de ser se a parábola não fora do banquete da glória. Mas porque é do banquete da glória, sendo o Eterno Padre Deus, e não homem, chama-se contudo homem, e não Deus, porque na magnificência deste banquete, para que fosse mais magnífico, não obrou Deus como Deus, senão como homem. Ora vede. O homem, quando se quer mostrar magnífico e grandioso, faz quanto pode; porém Deus, ainda que quisesse fazer quanto pode, não pode. A razão que a nós nos basta, deixadas outras, é muito clara, porque, como Deus é onipotente, por mais que faça, sempre lhe fica poder para fazer mais. E se pudesse fazer quanto pode, esgotar-se-ia a onipotência, e, não sendo onipotente, deixaria de ser Deus. Este é pois o modo com que Deus obra em todas as outras coisas, em que sempre faz menos do que pode, e pode mais do que faz. Porém no banquete da glória, como se obrara como homem, faz tudo o que pode, e não pode mais. Por quê? Porque se dá a gostar e a gozar a si mesmo. A glória imensa do mesmo Deus, que só ele compreende, em que consiste? Consiste em se ver, em se amar, em se gozar a si mesmo. Pois esse mesmo Deus, e esse mesmo sumo bem, que Deus vê, é o que nós vemos, esse mesmo que Deus ama é o que nós amamos, e esse mesmo que Deus goza é o que nós gozamos na glória, porque a sua mesa e a nossa é a mesma. E isto é o que fez este rei Deus, como se fora rei homem: *Homini regi, qui fecit*.

540. Dirá, contudo, alguém que não basta isto só para Deus obrar como homem na magnificência da glória, porque os homens, quando se querem ostentar magníficos, não só fazem tudo o que podem, senão mais do que podem. Vemos que os reis homens, depois de despender seus tesouros, ou os reconhecer menores que sua magnificência, carregam de tributos sobre tributos os povos, para assim igualar à ostentação de sua grandeza. E os homens que não são reis também fazem o mesmo, e por isso nas festas de um dia se empenham para toda a vida, e desertam e empobrecem toda a sua descendência. Logo, para Deus obrar como homem na magnificência do banquete da glória, não só havia de fazer quanto pode, senão mais do que pode. Assim é, e assim o faz Deus, se bem se considera. Obra Deus tanto como homem no banquete da glória, que não só faz tudo o que pode, senão também mais do que pode, porque faz que gozemos nela o que ele não pode fazer. Deus pode fazer criaturas, e essas mais e mais perfeitas infinitamente; pode fazer mais e melhores mundos, pode fazer mais e melhores céus; mas fazer-se a si mesmo, ou outros como ele é, não pode, porque nem ele se fez a si. E isto que Deus não fez nem pode fazer, faz que nós o gozemos no banquete da glória, sendo o mesmo Deus a primeira e a principal iguaria daquela mesa divina. No nosso texto o temos.

541. Quando o rei mandou a segunda vez chamar os convidados, a forma do recado foi que viessem às bodas, porque o banquete estava preparado: *Ecce prandium meum paravi: venite ad nuptias*². E suposta esta distinção das bodas enquanto bodas e enquanto banquete, é muito para reparar que as bodas diz o texto que as fez o rei: *Qui fecit nuptias filio suo*; porém o banquete, não diz o rei que o fez, senão que o preparou: *Ecce prandium meum paravi*. Pois, por que não diz também que fez o banquete, assim como diz que fez as bodas? Porque as bodas fê-las Deus; o banquete não o fez: preparou-o somente. As bodas significam a Encarnação do Verbo, o banquete significa a glória dos bem-aventurados; e a Encarnação do Verbo fê-la Deus porque fez a humanidade e a união hipostática; porém a glória dos bem-aventurados não a fez, porque o objeto da glória, e o que os bem-aventurados nela gozam, é o mesmo Deus, e Deus nem se fez, nem se pode fazer. Mas este mesmo banquete da glória, que não diz que fez, diz altíssima e propriíssimamente que o preparou, porque, elevando sobrenaturalmente o entendimento com que o vemos, com este, que se chama lume da glória, o prepara e nos faz capazes de o gozar. De sorte que o banquete da glória é um composto de tudo o que Deus pode fazer, e de mais do que pode. Da parte do objeto, que é Deus visto e gozado, é mais do que Deus pode fazer, porque Deus não se pode fazer a si mesmo, e da parte

do sujeito, que é o bem-aventurado que vê e goza a Deus, é tudo o que Deus pode, porque não pode Deus fazer mais que elevar a criatura a que o veja e goze, assim como ele é; e por este modo se verifica que no banquete da glória faz Deus, como se fosse homem, não só tudo o que pode fazer, senão mais do que pode.

542. E que mais fazem os homens quando se querem mostrar magníficos? Se lhes não basta para isso o que têm de seu, pedem emprestado o que não têm, e com o seu e o emprestado suprem a magnificência da obra. Isto fazem ultimamente os homens, e isto é o que também fez Deus, como se obrasse como homem: *Homini regi*. O homem, com os olhos da alma, que são espirituais, se forem elevados, pode ver a Deus; mas com os olhos do corpo, em que não é possível tal elevação, não o pode ver; e que fez Deus para que o homem não só com a alma, mas também com o corpo, o gozasse inteiramente no banquete da glória? O que fez Deus foi pedir emprestado à natureza humana o corpo que não tinha, e unindo, por este modo inefável, a divindade com a humanidade, o mesmo banquete da glória, que tem por objeto a Deus, ficou não só divino, mas divino e humano juntamente: divino, para beatificar o homem na alma, e humano, para o beatificar no corpo. É pensamento altíssimo de S. Cipriano: *Deus homo factus est, ut homo haberet in Deo unde fieret plene beatus: in anima videndo divinitatem, in corpore videndo humanitatem*. Sendo o homem composto de alma e corpo, se somente visse a Deus com os olhos da alma, ficaria beatificado como de meias, e não inteiramente; e como se Deus fizera a consideração de Epicteto: — *Hoc inter epulandum considera, duos tibi excipiendos convivas, corpus et animam* — vendo que em cada homem se haviam de assentar à sua mesa dois convidados, um que é a alma, outro que é o corpo, para que um e outro recebesse o gosto, e tivesse a satisfação proporcionada à sua capacidade. A este fim, diz Cipriano, tomou Deus a natureza humana, e se vestiu do corpo que não tinha, fazendo-se homem, para que o homem, gozando no mesmo Deus a vista da divindade, com os olhos da alma, e a vista da humanidade, com os do corpo, fosse inteiramente bem-aventurado: *Ut homo haberet in deo unde fieret plene beatus*. Aos anjos, que são puros espíritos, basta-lhes, para ser inteiramente bem-aventurados, ver a divindade de Deus; porém ao homem, que é composto de espírito e corpo, não lhe bastava: por isso, pois, não lhe bastando também a Deus, para nos fazer inteiramente bem-aventurados no banquete na glória, a natureza divina que tinha, tomou emprestado da natureza humana o que lhe faltava, e deste modo encheu as medidas, ou a imensidade, de sua magnificência, obrando não só como Deus, senão também como homem: *Homini regi, qui fecit*.

§IV

Segunda consideração: para quem se fez? Na criação do mundo empregou Deus os três dias mais fecundos em prover a mesa da terra. A magnificência da mesa da glória não se há de medir com a dignidade dos convidados, senão com a dignidade do Filho, porque não a fez o rei para os convidados por amor dos convidados, senão aos convidados por amor do Filho. O Filho, única medida adequada da magnificência do banquete.

543. Declarada a grandeza da glória por parte de quem a fez, segue-se a segunda consideração, e maior ainda — se pode ser maior — em que vejamos e ponderemos para quem se fez. Naquela considerou-se o autor da obra, que é o Pai; nesta considerou-se o motivo, que é o Filho; *Fecit nuptias Filio suo*. Mas quem poderá declarar bastantemente a excelência infinita deste soberano motivo, que só o mesmo Pai compreende? Os mais sublimes entendimentos, quando querem rastear de algum modo a realeza do banquete da glória, do que vemos e experimentamos na terra conjecturam o que será no céu. Na terra pôs Deus a mesa aos homens, e é coisa tão digna de agradecimento como de admiração, que, de seis dias em que criou o mundo, empregasse os três maiores e mais fecundos só em prover esta mesa. Tudo quanto nada no mar, tudo quanto voa no ar, tudo quanto nasce ou pasce na terra, são os simples que produziu a natureza, para que deles compusesse e temperasse a arte, o sustento e regalo do homem. As espécies que se contêm debaixo destes quatro gêneros vastíssimos, tão várias na formosura tão esquisitas nos sabores e infinitas no número, excedem sem limite a capacidade do gosto e dos outros sentidos. E que discurso há, que não pasmem na consideração do poder, magnificência e grandeza com que mais parece quis Deus enfiar o apetite humano com a superfluidade da mesa, que fartar a necessidade com a abundância? Daqui faz três ilações Santo Agostinho, comparando lugar com lugar, tempo com tempo, e pessoas com pessoas: *Si tanto facis nobis in carcere, quid ages in pelatio? Si tanta solatia in hac die lachrymarum, quanta conferes in die nuptiarum? Quid dabit iis, quos praedestinavit ad vitam, qui haec dedit etiam iis, quos praedestinavit ad mortem?* Se Deus fez tantas delícias para o desterro e para o cárcere, que será para a pátria e para o palácio? Se assim nos sustenta e regala no tempo das lágrimas, que será no dia das bodas? Se tudo isto criou também para os inimigos, que hão de arder no inferno, que será para os amigos, que o hão de gozar no céu? — Esta é a diferença que pondera, e o argumento e conjectura que faz Santo Agostinho. Mas, com licença de seu alto entendimento, ou sem ela, o excesso que se argüi do nosso texto é infinitamente maior. Não faz comparação de lugar a lugar, nem de tempo a tempo, nem de estado a estado, nem de pessoas a pessoas, ainda que sejam tão indignas umas, como os precitos: *Quos praedestinavit ad mortem* — e tão dignas outras, como os predestinados: *Quos praedestinavit ad vitam*. Mas, abstraindo de toda a comparação -porque a não há — diz que será o banquete qual deve ser o das bodas do Filho: *Qui fecit nuptias Filio suo*. Considere quem o puder ou souber considerar, quanta é a sua grandeza e dignidade do Filho, cujas bodas se festejam, tão infinito, tão imenso e tão Deus como o próprio Pai, e daqui forme o conceito de qual será o banquete, porque toda a outra consequência e conjectura feita de uns homens a outros homens, por mais amigos, por mais

amados, por mais cheios de graça, por mais santos e por mais dignos que sejam os que se hão de assentar àquela soberana mesa, é infinitamente desigual à sua magnificência.

544. Haverá, porém, quem cuide — e fundado no nosso mesmo Evangelho -que a grandeza e magnificência da mesa da glória não se há de medir com a dignidade do Filho, senão com a dignidade dos convidados. Assim o disse o mesmo rei, quando eles não quiseram vir: *Sed qui invitati erant, non fuerunt digni*³. Não lhes chamou ingratos, descorteses e descomedidos, como mereciam; o que somente disse é que não foram dignos. E quem são os dignos ou indignos do banquete da glória? Os dignos são os que têm merecimentos de boas obras, e os indignos os que os não têm. Não se segue daqui que os que não foram dignos de vir ao banquete também não tinham sido dignos de ser chamados a ele, porque a dignidade que faz dignos de ser chamados funda-se na excelência da natureza racional, capaz de ser elevada a ver a Deus; e a dignidade que faz dignos de o ver e gozar na glória funda-se na disposição da vontade e merecimento das boas obras. E daqui vem que, sendo o banquete o mesmo, uns o gozam mais, outros menos, segundo a maior ou menor dignidade, isto é, segundo o maior ou menor merecimento com que se fazem dignos. Logo, se a porção ou graus da glória — que Deus não quis que alcançássemos, senão a título de prêmio — se mede ou há de medir no céu pelos merecimentos desta vida, e o merecimento humano, por grande e heróico que seja, sempre é curto e limitado, a mesma sentença do rei, com que diz que os convidados não foram dignos, não só se lhes nega a eles a dignidade, mas também diminui ao banquete, porque, medido com os merecimentos, ainda dos dignos, e muito dignos, sempre será limitado.

545. Bem se inferia assim, se Deus fizera o banquete para nós por amor de nós; mas o Evangelho nega a conseqüência, e prova o contrário, porque diz que o não fez o rei para os convidados por amor dos convidados, senão para os convidados por amor do Filho: *Fecit nuptias Filio suo*. Dizei-me: quando nasce ou se desposa um príncipe primogênito, não se fazem festas reais com a maior grandeza, com a maior majestade, com o maior aparato e empenho que é possível? Sim. E esse empenho e aparato das festas reais, com quem se mede? Com o merecimento do povo, que as há de ver e gozar, ou com o merecimento e grandeza do príncipe, por quem se fazem? Claro está que com o merecimento e grandeza do príncipe. Pois o mesmo se passa no banquete do céu. A grandeza da glória e bem-aventurança que havemos de gozar não se mede pela estreiteza dos nossos merecimentos, que são limitados, senão pelos merecimentos e dignidade do príncipe, que é infinita. Os merecimentos nossos, fundados nos seus, só servem de ter melhor lugar no banquete, assim como cá nas festas uns têm lugar mais alto, outros mais baixo. Porém o ver e gozar absolutamente, ou a grandeza do que se vê e se goza, não se mede pelos nossos merecimentos, senão pelos de Cristo, porque se não foram os merecimentos de Cristo, que é a causa de nossa predestinação, a ninguém se dera a glória.

546. Considerai agora qual é a grandeza infinita do príncipe desposado nas bodas, e daí podereis inferir qual será a magnificência do banquete feito para elas. Assim o declarou com majestosa energia o mesmo rei. No recado que deu aos segundos criados, disse: *Ecce prandium meum paravi: venite ad nuptias* (Mt. 22, 4). Notai que não disse está preparado o banquete, vinde ao banquete, senão: está preparado o banquete, vinde às bodas. E por quê? Porque as mesmas bodas, por serem de quem eram, eram as que mais encareciam qual havia de ser o banquete. Como se dissera: Já uma vez não quisestes vir ao banquete, sem dúvida porque não tendes entendido qual ele é. E para que vos arrependais de não ter querido, e venhais com tanta ambição como vontade, adverti e considerai qual será o banquete, pois é feito para as bodas de meu Filho: *Venite ad nuptias*. Se o banquete fora feito para vós, então o podereis estimar menos; mas sendo feito para o Filho do Rei, e havendo vós de assentar à mesa com ele, como vos podeis escusar? Assim concluiu com mais alta e mais adequada consideração que as primeiras, o mesmo Santo Agostinho: *Ubi erit unicus ejus, ibi erunt et illi: haeredes quidem Dei, cohaeredes autem Christi*. Já não argumenta Agostinho da terra para o céu, nem dentro do mesmo céu com o merecimento e dignidade dos que Deus escolheu para a glória, nem com a graça e amor com que os escolheu. Não diz que os convidados se assentaram à mesa com os patriarcas, apóstolos e mártires, que tanto padeceram e mereceram, nem com os anjos e arcanjos, e as outras hierarquias supremas dos espíritos bem-aventurados, nem, finalmente, que terão lugar com a mesma Mãe de Deus, senão com o Filho: *Ubi erit unicus ejus, ibi erunt et illi* — porque este é só o argumento cabal, e esta a medida adequada da magnificência do banquete. Por isso ajunta, com nova e canônica confirmação, que o gozaremos não só como herdeiros de Deus, senão como co-herdeiros de Cristo: *Haeredes quidem Dei, cohaeredes autem Christi*. Faz muita diferença Agostinho, e considera grande vantagem em entrarmos no banquete da glória, mais como co-herdeiros de Cristo que como herdeiros de Deus. E por que razão? Não por outra — que não pode ser outra — senão pela que ponderamos em todo este discurso. Porque entrar ao banquete como herdeiros de Deus, declara somente a magnificência de ser feito por Deus; porém entrar como co-herdeiros de Cristo, acrescenta a vantagem não só de ser feito por Deus, mas por Deus e para seu Filho: *Qui fecit nuptias Filio suo*.

§V

Terceira consideração: quanto custou o fazê-lo? As reses e as aves mortas, símbolo de Cristo homem e Deus. Cristo e os apóstolos, os criados mortos no segundo recado. Jerusalém, a cidade assolada pelos exércitos do rei irado. Diferenças entre o primeiro e o segundo recado.

547. E se estas duas considerações ainda não chegam a nos persuadir de todo, passemos à terceira e última, de que

se não pode passar. Na primeira vimos o autor, na segunda o motivo, nesta veremos o preço. Na primeira, o autor onipotente que fez o banquete; na segunda, o motivo imenso por que se fez; nesta terceira, o preço infinito que custou o fazer-se. E se a primeira consideração foi incompreensivelmente grande, e a segunda ainda maior, esta é tão superior a toda a admiração e encarecimento, que quase excede a fé. Dirá — e com muita razão -a fé, que a quem pode tudo, não lhe pode custar nada fazer o que pode. Que podia logo custar ao Onipotente fazer este banquete? O mesmo Onipotente, que é o rei que o fez, o disse. Vendo que os convidados se escusavam, mandou-lhes declarar os gastos que tinha feito, com este segundo recado: *Tauri mei et altilia occisa sunt, et omnia parata: venite ad nuptias* (Mt. 22, 4): Dizei-lhes que venham, porque as reses e as aves já estão mortas, e tudo aparelhado. — Pois, para o banquete da glória matou-se alguma coisa? Sim, e não menos que o Filho de Deus. Se Cristo não morrera, nenhum Filho de Adão podia entrar na glória, porque no paraíso da terra perdemos o direito que tínhamos ao do céu, e pela gula de um bocado ficamos excluídos do banquete. Morreu pois Cristo, e derramou o preço infinito de seu sangue, e este preço infinito foi o custo que se fez para de novo se comprar e preparar o que por tão pouco se tinha perdido. Pesai agora, se podeis, o preço daquela morte, e contai as gotas daquele sangue, cada uma das quais vale mais que infinitos mundos, e então podereis rastear de algum modo o valor incompreensível do que com ele se comprou. Este mundo, que tanto nos leva os olhos e os corações, e tantas coisas tem deleitáveis, dignas do poder e liberalidade de seu Autor, não custou a Deus mais que um aceno de sua vontade. E se quisesa fabricar outro mundo mais precioso, em que a terra fora ouro, o mar e os rios prata, as areias pérolas, os penhascos diamantes, as plantas esmeraldas, as flores rubis e safiras, e os frutos e seus sabores proporcionados a esta riqueza e delícia, com outro aceno da mesma vontade, e sem mais tempo que um instante, o pudera criar de nada. Qual será logo o preço daquele bem, ou suma de bens que a este mesmo Deus, tão justo como poderoso, não custou menos que a morte e sangue de seu Filho? Mas ponderemos as palavras do Pai, que todas estão cheias de profundos mistérios, com que mais se declara este.

548. *Tauri mei et altilia occisa sunt*; diz primeiramente o rei que estão mortas as reses e as aves para o banquete. E que reses e aves são estas? Já se sabe que na parábola são o que são, e no fundo dela o que significam. Sendo, pois, o significado de umas e outras Cristo morto, como dizem todos os intérpretes, as reses, que são animais da terra, significam a humanidade de Cristo, e as aves, que são do céu, a divindade. E posto que a divindade seja imortal, de ambas se diz, contudo, que estão mortas: *Tauri mei et altilia occisa sunt* — porque, como a natureza humana e a divina estão unidas em um suposto, não só morre Cristo enquanto homem, mas também é verdadeiro dizer que morreu Deus. E não deve passar sem reparo o modo e distinção advertida, com que o rei falou neste caso, porque às reses chama suas, e às aves não: *Tauri mei et altilia*. Pois se o rei é Deus, Senhor de tudo, por que chama suas as reses, e não as aves? Pela mesma razão que temos dito. Sobre a humanidade de Cristo tem Deus domínio; sobre a divindade não tem nem pode ter domínio, porque é o mesmo Deus: e como as reses, no composto inefável de Cristo, significam o que tem de humano, e as aves o que tem de divino, por isso o rei, que significa e representa a Deus, às reses chama suas, e às aves não: *Tauri mei et altilia*. Como se nos dissesse: o humano que há em Cristo é meu, o divino não é meu: sou eu. Finalmente a palavra *occisa sunt*, que significa não qualquer morte, mas violenta, posto que própria para as reses e aves do banquete, também a disse o rei com particular mistério e energia, porque tal foi a morte de seu Filho, com que Deus nos preparou o banquete dá glória. Não morte natural que bastara — mas violenta, e não com o sangue congelado nas veias, mas derramado delas. No mesmo texto temos o caso, e toda a história dele singularmente descrita.

549. Quando o rei mandou segundo recado aos convidados, alguns deles foram tão insolentes e furiosos que não só não quiseram vir, mas prenderam os criados do rei, e lhes fizeram muitas afrontas, e por fim os mataram: *Reliqui vero tenuerunt servos ejus, et contumeliis affectos occiderunt*⁴. Os criados que levavam este segundo recado, já dissemos que eram os apóstolos. Os convidados que os prenderam, afrontaram e mataram, não há dúvida que foram os cidadãos de Jerusalém, os quais não só tiraram a vida a alguns dele, senão também ao Apóstolo dos apóstolos, que foi o mesmo Cristo, e de quem particularmente fala o texto. Prova-se por muitos princípios. Primeiro porque Cristo foi próprio e particular apóstolo do povo de Israel, como ele mesmo disse (Mt. 15,24). Segundo, porque o rei que mandou os recados era o Padre Eterno, e Cristo foi imediatamente mandado pelo Padre, como os outros apóstolos imediatamente por Cristo. Terceiro, porque de Cristo se verifica com toda a propriedade o ser preso, o ser afrontado com muitas injúrias, e o ser cruelmente morto: *Tenuerunt servos ejus, et contumeliis affectos occiderunt*. Nem faz contra isto o nome de servo: *servos ejus*, porque, não obstante que alguns teólogos tiveram para si que Cristo, ainda em respeito de Deus, se não podia chamar servo, é certo que, enquanto homem, verdadeira e propriamente foi servo de Deus, e assim se pode e deve chamar, como, depois de Santo Tomás, prova douta e difusamente o Padre Soares.

550. Finalmente, para que conste com toda a evidência que o nosso texto fala literalmente da morte de Cristo, vai por diante a história, e diz que, sabendo o rei o que aqueles homicidas tinham feito, mandou seus exércitos a que os fossem castigar, e não só os mataram e destruíram, mas também arrasaram e queimaram a sua cidade: *Missis exercitibus suis, perdidit homicidas illos, et civitatem illorum succendit* (Mt. 22, 7). E que exércitos mandados por Deus — que é o rei — e que cidade assolada e abrasada foi esta? São Jerônimo: *Per hos exercitus Romanos intelligimus sub duce Vespasiano et Tito, qui occisis Judaeae populis, preavaricatricem incenderunt civitatem*: Estes exércitos — diz São Jerônimo — foram os dos romanos, governados por Vespasiano e Tito, os quais, destruídos e mortos os povos de Judéia, assolaram e queimaram a cidade de Jerusalém, em pena do pecado da morte de Cristo. — O mesmo Senhor, indo a morrer, e muitas vezes antes, lho

tinha assim profetizado. E porque esta morte tão violenta, padecida em Jerusalém, foi a que no mesmo ponto abriu as portas do céu, e este o preço infinito que se suspendeu para o banquete da glória, por isso o rei mandou dizer aos convidados, que já os gastos estavam feitos, e as reses e aves mortas: *Tauri mei et altilia occisa sunt*.

551. Mas aqui se deve notar uma diferença admirável entre o primeiro recado e o segundo. No primeiro recado só mandou o rei que fossem chamar os convidados: *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias*. No segundo recado não só os mandou chamar, mas acrescentou que já o banquete estava aparelhado e o gasto feito: *Dicite invitatis: ecce prandium meum paravi, tauri mei et altilia occisa sunt, et omnia parata*. Pois, se os primeiros criados não levaram este recado, por que o levaram os segundos? E se estes haviam de dizer, e disseram, que já estava aparelhado o banquete, os primeiros, por que não disseram o mesmo? Porque nem o podiam dizer com verdade, nem o rei lhes podia mandar que o dissessem. Os primeiros criados, como vimos, foram os profetas; os segundos os apóstolos. Os profetas foram antes da Encarnação e morte de Cristo; os apóstolos foram depois de sua morte; e como por meio da morte de Cristo se abriu o céu, que estava fechado, e se preparou o banquete, que até então só estava prometido, por isso os primeiros criados não disseram nem podiam dizer que estava preparado o banquete, e os segundos sim; e por isso os que mereceram a glória na lei antiga, iam esperar ao limbo, e os que a merecem agora na lei da graça, entram logo a gozá-la.

552. E para que não fique sem ponderação a última cláusula do recado, o que nele disse o rei é que tudo estava aparelhado: *Et omnia parata*. Tudo, disse, porque tudo o que o homem pode querer e tudo o que Deus pode dar se compreende no banquete da glória. Mas não é isto o que pondero. O em que reparo é que tendo dito no princípio: *Ecce prandium meum paravi*, torne a repetir no fim: *Et omnia parata*. Se tinha dito que já estava aparelhado o seu banquete, por que torna a dizer que está aparelhado tudo? Porque antes da última cláusula fez menção do que estava morto para o mesmo banquete, e antes da primeira não; e para vir em conhecimento do que é ou pode ser o banquete da glória, não se forma tão grande conceito de dizer Deus que é seu: *Prandium meum*, quanto de se entender que custou a morte de Deus: *Tauri mei et altilia occisa sunt*. Por isso acrescentou depois: *Et omnia parata*, porque muito mais se encarece a grandeza do banquete por custar o que custou, do que por ser de quem é. É de Deus, e custou a morte de Deus: logo muito mais se engrandece pelo preço que pelo autor, porque Deus que o fez, como onipotente, pode fazer mais e menos; mas o mesmo Deus, que o pagou como justo, não pode dar menos pelo que vale mais. Oh! Deus, sempre incompreensível, mas nunca com tanto excesso como neste mistério! Sendo o Pai o que fez as bodas, e o Filho o desposado, que houvesse de morrer o desposado para o Pai fazer o banquete das bodas? Pare a consideração neste pasmo, pois não pode passar daqui.

§VI

Se um dos convivas foi lançado fora do banquete, este banquete não é o da glória. Dois banquetes em uma só parábola: o da glória, e o do Sacramento. A vestidura da graça. Como o banquete da glória se mudou em banquete do Sacramento? As trevas interiores e as trevas exteriores. Como o rei, que é o Padre, entrou no banquete? Paralelo entre os dois banquetes.

553. Tem-nos mostrado o Evangelho dentro em si mesmo qual seja a magnificência do banquete da glória, pelo Autor, pelo motivo e pelo preço dela, tudo infinito: infinito quem a fez, infinito por quem se fez, e infinito o que custou fazer-se. Mas somos chegados a ponto em que o mesmo Evangelho parece que nos desfaz tudo o que com ele fizemos até agora. Não querendo vir os convidados ao primeiro e segundo recado, mandou o rei chamar outros, e, depois que estiveram assentados à mesa, qui-la honrar o mesmo rei com a majestade de sua presença: *Intravit, ut videre discumbentes*. Não há festa sem desar, e assim aconteceu nesta. Viu entre os demais um homem que não estava vestido com a decência que convinha à realeza do banquete, estranhou o atrevimento, e mandou a seus ministros que o lançassem fora, e, atado de pés e mãos, o levassem ao cárcere. As palavras que disse o rei foram: *Quomodo huc intrasti, non habens vestem nuptialem?* Como entraste aqui sem vestidura nupcial? — A vestidura nupcial, como declaram todos os Padres e expositores católicos, é a graça de Deus. Sem graça de Deus, é de fé que ninguém pode entrar no céu: logo este banquete, de que até agora falamos, não é nem pode ser o banquete da glória. Mais: a glória e bem-aventurança do céu, de sua própria natureza é perpétua e eterna, porque doutra sorte não seria bem-aventurança; e quem uma vez entrou na glória não pode sair nem ser privado dela. Este homem que entrou e estava assentado à mesa sem vestidura nupcial, foi lançado fora do banquete: logo este banquete não é o da glória.

554. Este argumento é tão forte, que só o diviníssimo Sacramento do Altar nos pode dar a solução deles, tão verdadeira como admirável, e tão própria deste dia como verdadeira. Respondo que esta mesma mesa no princípio e na continuação da parábola era o banquete da glória; porém, no fim da mesma parábola, a que agora chegamos, é o banquete do Sacramento. E porque à mesa do Santíssimo Sacramento pode haver homens tão atrevidos e sacrílegos que cheguem com consciência de pecado — o qual só Deus conhece, e os outros que estão à mesma mesa não — por isso o rei, que é Deus, viu que um dos que estavam assentados a ela não tinha, como os demais, a vestidura da graça: *Et vidit ibi hominem non vestitum veste nuptiale*. Aos que não quiseram vir ao banquete, enquanto banquete da glória, disse o rei que não eram dignos: *Qui*

invitati erant, non fuerunt digni — porque ao banquete do céu, que é o da glória, ninguém pode entrar, senão somente os dignos; porém, no banquete da terra, que é o Santíssimo Sacramento, bem pode entrar algum que seja indigno; e por isso o rei, cujos olhos só vêem e penetram as consciências, viu que um dos que estavam à mesa não trazia vestidura nupcial: *Non vestitum veste nuptiale*.

555. A distinção e diferença bem vejo que estão vendo todos que é muito verdadeira e muito acomodada. Mas também vejo que igualmente duvidam da suposição dela, e que me estão perguntando como pode, ou podia ser, que no mesmo dia e na mesma parábola de Cristo, a mesma mesa e o mesmo banquete, que começou em banquete da glória, acabasse em banquete do Sacramento? Aqui está o ponto da maior dificuldade. Mas vede como naturalmente foi assim, nem podia ser de outro modo. O banquete havia de ser ao jantar, que assim o disse o rei: *Ecce prandium meum paravi*. E como os convidados não quiseram vir ao primeiro recado, e foi necessário ir o segundo, em que houve más respostas, prisões, injúrias e mortes, com estas dilações, que não se fizeram na mesma corte do rei, senão na outra cidade que refere o texto, passaram-se as horas do jantar. Depois disto despachou o rei, e despediu os seus exércitos, para que fossem castigar os homicidas e queimar a cidade rebelde, em que se gastou muito mais tempo. Finalmente foram-se chamar outros homens, que viessem substituir os lugares dos convidados, e estes não se trouxeram de junto ao paço do rei, mas foram-se buscar, por seu mandado, ao fim da cidade e às saídas das ruas: *Ite ad exitus viarum* (Ibid. 9). Nestas diligências, tantas e tão detençosas, posto que feitas a toda a pressa, passou-se forçosamente o resto do dia, com que o banquete veio a se fazer à noite, e já não foi jantar, como estava, determinado, senão ceia. E como foi ceia, e não jantar, e as iguarias eram as mesmas, por isso também o que era o banquete da glória se mudou em banquete do Sacramento.

556. E qual é ou foi a razão desta tão notável mudança? A razão clara e manifesta é porque entre a bem-aventurança do céu e o Sacramento na terra, não há outra distinção nem outra diferença de banquete a banquete, senão ser um de dia, outro de noite; um com luz do sol, outro com luz de candeia; um com o lume da glória, que é claro, outro com o lume da fé, que é escuro; um que se goza e se vê, outro que se goza sem se ver. Não é certo que o mesmo Deus que se goza no céu é o que está no Sacramento? Sim. Não é também certo que lá se vê esse mesmo Deus, e cá não? Também. Pois essa é só a diferença que há entre o banquete da glória no céu e o do Sacramento na terra. A glória é o sacramento com as cortinas corridas; o Sacramento é a glória com as cortinas cerradas. Lá come-se Deus exposto e descoberto: aqui come-se coberto e encerrado. Se os que se assentaram hoje a esta mesma mesa, parte foram cegos e parte não, que diferença havia de haver entre uns e outros? Os que tivessem olhos haviam de comer e ver o que comiam; os cegos não haviam de ver o que comiam, mas haviam de comer as mesmas iguarias que os outros. O mesmo nos sucede a nós, em comparação dos bem-aventurados do céu. Eles comem e vêem, porque comem de dia: nós comemos e não vemos, porque comemos de noite. É verdade que ainda que de noite, comemos à luz da candeia, que é o lume da fé; mas este lume é de tal qualidade, que certifica mas não mostra, porque, se mostrara o que certifica, já não fora fé.

557. Quando o rei mandou ir preso o que se assentou à mesa sem vestidura nupcial, disse que o levassem às trevas exteriores: *Mittite eum in tenebras exteriores* (Ibid. 13). E por que disse nomeadamente às trevas exteriores, ou trevas de fora? Para significar, como verdadeiramente era, que também dentro na mesma sala, onde se fazia o banquete, havia trevas. As trevas do cárcere, onde mandava levar o delinqüente, eram trevas exteriores e de fora; as trevas da sala, onde comiam os convidados, eram trevas interiores e de dentro. E quem fazia umas e outras trevas? As trevas do cárcere fazia-as o escuro do lugar; as trevas do banquete fazia-as o escuro da fé: mas este escuro, ou esta escuridade da fé, tem tal excelência, que tanto nos assegura a nós da verdade do que não vemos, como a vista certifica aos bem-aventurados da verdade do que vêem. Para ver os convidados, diz o texto que entrou o rei: *Intravit rex, ut videret discumbentes*. E nota Abulense que o fim e intento desta entrada foi: *Ut laetificaret epulantes, cum eis praesentiam suam exhiberet*: Para alegrar, aos que comiam, com a sua presença. — Com a sua presença, disse, e não com a sua vista; e disse bem, porque o que nos alegra e satisfaz no banquete do Sacramento não é a evidência da vista, senão a certeza da presença. Por isso advertidamente o texto não diz que entrou o rei para ser visto, senão para ver: *Ut videret discumbentes*. No banquete do céu os que estão à mesa vêem Deus, e eles vêem a Deus; no banquete do Sacramento, não é a vista recíproca, senão de uma só das partes: Deus vê-nos a nós, e nós não o vemos a ele, porque se a fé nos certifica da presença, a mesma fé nos encobre a vista.

558. Mas, se o rei, como dissemos, é o Eterno Padre, e o que comemos no banquete do Sacramento é o corpo de Cristo, como se diz que entrou o Padre neste banquete? Porque não fora igual o banquete do Sacramento ao banquete da glória, se o Eterno Padre também não entrara nele. Os bem-aventurados não só vêem uma Pessoa divina, senão todas, porque vêem a Deus como é, e Deus é um em essência e trino em pessoas. E se no Sacramento só estivera o corpo e sangue de Cristo, e não a divindade e a Pessoa do Verbo, e as outras Pessoas divinas, encerrara mais em si o banquete da glória que o do Sacramento. É, porém, certo e de fé, que tanto encerra em si o Sacramento, quanto a glória de todos os bem-aventurados e a do mesmo Deus, não *ex vi verborum*⁵ — como falam os teólogos — mas *concomitanter*. Ainda que por força das palavras da consagração só esteja no Sacramento o corpo e sangue de Cristo, como este corpo e sangue está unido à divindade, e a divindade, não por união, mas por unidade e identidade, é inseparável das Pessoas divinas, por isso todas as Pessoas divinas estão também no Sacramento, não como partes essenciais de que o mesmo Sacramento se componha, mas como partes — se assim se pode chamar — que necessariamente o acompanham e entram nele. E esta é a verdade e propriedade com que o rei, que é o Padre, se diz que entrou ao banquete: *Intravit rex*.

559. E se o Sacramento, quanto à substância, é o mesmo banquete que o da glória, quanto à grandeza e magnificência com que se comunica aos convidados, em tudo é semelhante. No banquete da glória repartem-se as iguarias sem se partirem, porque Deus é indivisível, e o mesmo se passa no Sacramento: *Non confractus, non divisus, integer accipitur*. No banquete da glória dá-se todo Deus a todos, e todo a cada um; e no Sacramento tanto recebe um como todos: *Sic totum omnibus, quod totum singulis*. No banquete da glória, por mais que cresçam os convidados, não se gastam nem se diminuem os manjares; e no Sacramento, ainda que sejam muitos os que o recebem, nem por isso se diminui: *Sumit unus, sumunt mille, nec samptus consumitur*. No banquete da glória, sendo Deus espírito, não só faz bem-aventurados os espíritos, senão também os corpos; e no Sacramento, dando-nos Cristo seu corpo, não só é rejeição dos corpos, senão muito mais dos espíritos. *Ut duplicis substantiae totum cibaret hominem*. No banquete da glória os que vêem a Deus transformam-se no mesmo Deus; e no Sacramento os que comem a Cristo também se transformam em Cristo, o qual para isso, sendo Deus, se fez homem: *Ut homines Deos faceret factus homo*. No banquete da glória enfim, gostam-se todos os deleites e delícias que manam, como de fonte, da divindade; e no Sacramento também se gozam e se gostam, porque a doçura e suavidade de todos se bebe ali na sua própria fonte: *In quo spiritualis dulcedo in proprio fonte gustatur* Assim o diz e ensina o Doutor Angélico, Santo Tomás, de quem são todos os textos citados, e de quem os tomou e aprovou a Igreja.

§VII

Os convidados dos reis homens e os convidados do Rei Deus. Os chamados e os escolhidos. Todos os que usam o pão dos escolhidos conseguem o fim dos chamados.

560. De tudo o que fica dito neste discurso, parece que bastantemente nos tem mostrado o nosso Evangelho que o banquete que havia de ser jantar veio a ser ceia, e que começando em convite da glória, acabou em convite do Sacramento. O que agora resta é que todos nos aproveitemos de um e outro, e que não sejamos tão ingratos a Deus, tão inimigos de nós mesmos, e tão faltos de entendimento e juízo, como os que uma e outra vez chamados não quiseram vir. A primeira razão que nos deve animar a todos, é saber que a todos nos chama e está chamando Deus, e que assim o banquete da glória como o do Sacramento, para todos os fez e tem aparelhado igualmente, sem reserva nem exceção de pessoas. Notou S. Pascásio que este mesmo rei da nossa parábola, quando se diz que fez as bodas a seu filho, chama-se rei homem: *Homini regi*; porém, depois que tratou do banquete, nunca mais se chamou homem, porque os reis homens convidam só aos príncipes e aos grandes; o rei Deus não é assim: a todos convida, a todos chama, todos quer que se assentem à sua mesa, ou seja no céu a da glória, ou na terra a do Sacramento.

561. Depois que os convidados descorteses ao primeiro e segundo recado não quiseram vir, mandou o mesmo rei buscar outros que substituíssem os seus lugares, e a instrução que deu aos criados, foi que saíssem às ruas, e que chamassem para o banquete todos quantos achassem: *Ite ad exitus viarum, et quoscumque inveneritis, vocate ad nuptias*⁶. Pois, para a mesa do rei, e em uma celebridade tão real como a das bodas do príncipe seu primogênito, não se limitam as qualidades? Não se assinalam os postos? Não se faz menção de títulos ou estados, nem se distingue quais hão de ser os chamados e quais os excluídos? Não. Chamai todos os que achardes pelas ruas, porque assim como as ruas são públicas e comuns a todos, assim quero que o seja a minha mesa: e assim foi. Diz o texto que os criados ajuntaram todos quantos acharam, maus e bons: *Congregaverunt omnes quos invenerunt, malos et bonos* (Ibid. 10). E destes achados e tirados das ruas, se encheram os lugares do banquete: *Et impletae sunt nuptiae discumbentium*. E que quer dizer bons e maus: *malos et bonos*? Quer dizer, como explica a glosa e os doutores: *Cujuscumque conditionis homines, cujuscumque gradus, cujuscumque nationis*: de qualquer nação, de qualquer condição, de qualquer estado, de qualquer officio, de qualquer fortuna. O hebreu e o grego, o alto e o baixo, o grande e o pequeno, o rico e o pobre, o nobre e o plebeu, o senhor e o escravo, o branco e o preto, todos, sem diferença nem exclusão. E notai que antepõe o texto os maus aos bons: *malos et bonos*, isto é, os menos nobres aos mais honrados, porque esta é a maior honra e a maior magnificência da mesa de Deus. Assim o canta ao mesmo Deus no mesmo banquete quem melhor lhe conhece a condição, que é a sua Igreja: *O res mirabilis, manducat Dominum pauper servus et humilis*: Coisa admirável que coma à mesa do Senhor, e ao mesmo Senhor, o servo, o pobre, o humilde! — Mas se eu tivera licença para mudar um advérbio, e trocar a ordem a estes versos, não havia de dizer senão assim: *Manducat Dominum pauper, servus et humilis? Haud res mirabilis!* Que o servo, o pobre e o humilde se assente à mesa do Senhor? Não é isto maravilha! — Maravilha seria se o banquete fosse de algum rei da terra; mas, sendo do Rei do Céu, que criou a todos e morreu por todos, como havia de distinguir na mesa os que igualou na natureza, no preço e na graça? Cá fazemos estas distinções, e na outra vida veremos a vaidade delas. Que confusão será dos grandes ver que o céu é dos pequenos? E que confusão a dos que têm tantos escravos ver o seu escravo assentado ao banquete da glória, e que o senhor ficou de fora?

562. Suposto, pois, que um e outro banquete é para todos, e Deus nos chama a todos para ambos, não nos descuidemos agora de freqüentar o banquete da terra, para que o mesmo banquete da terra nos leve ao do céu. Alberto Magno, tão grande na sabedoria como na piedade, em um excelente livro que compôs do Santíssimo Sacramento, diz esta notável sentença: *Id quod nunc in Sacramenti specie percipiendo Christum agimus, signum est, qualiter eumdem aliquando secundum dulcedinem*

suae deitatis in coelesti beatitudine percipiemus: Quereis saber se haveis de ir ao céu, e como lá haveis de ser recebido? Olhai se freqüentais cá o Santíssimo Sacramento, e como o recebeis, porque o modo com que nesta vida recebemos o corpo de Cristo no Sacramento, é sinal do modo com que na outra vida receberemos a divindade do mesmo Cristo na glória: *Id quod nunc percipiendo Christum agimus, signum est, qualiter eumdem in beatitudine recipiemus*. Que esperança pode ter logo de gozar o banquete da glória, ou quem despreza esta sagrada mesa, como os primeiros convidados desprezaram a outra, ou quem chega à mesma mesa com tão pouca disposição e pureza de consciência, como o que foi lançado dela e levado ao cárcere das trevas, que é o inferno? Quando o rei deu esta sentença, disse que naquele lugar escuro e subterrâneo haveria choro e ranger de dentes: *Ibi erit fletus et stridor dentium* (Ibid. 13). Onde se deve muito advertir que dois tormentos, de que só fez menção, um é da boca, outro dos olhos. No inferno há muitos outros tormentos, e mais terríveis, com que o fogo e os demônios atormentam os condenados. Por que fez logo menção somente destes dois, com que os mesmos condenados se atormentam a si mesmos, e um dos olhos, outro da boca? Porque como o comer a Deus tem por prêmio o ver a Deus, e a culpa de o comer indecentemente tem por castigo não o ver eternamente, a culpa de o comer indecentemente aquele miserável foi castigada na boca, e o castigo de o não ver eternamente foi executado nos olhos. Chorem eternamente os olhos, pois não hão de ver a Deus enquanto Deus for Deus: *Ibi erit fletus*. E pois a boca se atreveu a tocar e comer a Deus como não devera, morder-se também eternamente de raiva e desesperação com seus próprios dentes: *Et stridor dentium*.

563. Daqui inferiu Cristo, Senhor nosso, aquela tremenda conclusão: *Multi enim sunt vocati, pauci vero electi* (Mt. 22,14): porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos. — Mas, se os escolhidos são os que entraram com vestidura nupcial e ficaram no banquete, e o não escolhido, que entrou indecentemente vestido, foi um só, como diz o Senhor e infere do sucesso desta mesma parábola que os chamados são muitos e os escolhidos poucos? Esta dúvida deu já muito em que entender aos intérpretes, mas tem fácil solução. Porque os chamados não foram só os que vieram ao banquete, senão também os que não quiseram vir. E como todos os que vieram e não vieram foram chamados, e ainda dos que vieram um não foi escolhido, bem se infere que os chamados são muitos e os escolhidos poucos. Poucos em respeito de todo o número dos chamados, e menos ainda em respeito do desejo que Cristo tem, e do preço que despendeu para que todos se salvem. Porém, o que sobretudo faz ao nosso intento, é que todos os chamados que vieram com vestidura nupcial ao banquete do Sacramento, todos foram escolhidos: *pauci electi*. Poucos sim, mas escolhidos todos. E por que razão? Porque o fim dos chamados é a glória, o pão dos escolhidos é o Sacramento, e todos os que usam bem do pão dos escolhidos conseguem o fim dos chamados. Não há fim sem meios, e todos os que se sabem aproveitar deste soberano meio, tão aparelhado e tão fácil, todos os que freqüentam, com a decência e disposição que convém, a mesa do Santíssimo Sacramento, todos os que comem e se sustentam do pão dos escolhidos, que é o banquete de Deus na terra, todos conseguem o fim dos chamados, que é o do céu.

§ VIII

Por que chamou Deus para o banquete mais lavradores e mercadores que gente de outro trato ou de outros officios? Por que não acudimos ao chamado de Cristo? Os que estão no fim dos caminhos. Os que querem sem querer. Por que não houve o terceiro chamado? A culpa e o castigo do que não trazia a vestidura nupcial.

564. Grande consolação por certo, cristãos, para todos os que assim o fazem, como igual desconolação também, e afronta e vergonha grande para os que por interesses ou apetites tão vãos, como são todos os deste mundo, deixam o banquete divino do Sacramento, e perdem o da glória. Aqueles descortes e mal-entendidos, que chamados ao banquete não quiseram vir, diz o texto que um se foi para a sua lavoura, outro para a sua negociação: *Alius in villam suam, alius vero ad negotiationem suam* (Ibid. 5). Vede o que perderam; e por quê? Que podia granjear um na sua negociação e outro na sua lavoura, que tivesse comparação com o que desprezaram: *Illi autem neglexerunt* (Ibid. 5)? Chama-nos Deus para o descanso e para estarmos assentados à sua mesa, e nós antes queremos trabalhar e suar com o mundo, que descansar e regalar com Deus. Tanto podem conosco as aparências do presente, e tão pouco a fé e esperança do futuro. De ninguém se podia reear menos esta desatenção, que dos mesmos a quem o rei mandou chamar. Mandou chamar lavradores, que são os que foram para a sua lavoura, e mercadores, que são os que foram para a sua negociação. E por que mais lavradores e mercadores que gente de outro trato ou de outros officios? Porque assim o lavrador como o mercador, são homens que têm por exercício e profissão acrescentar o cabedal. O lavrador semeia pouco para colher muito; o mercador compra por menos para vender por mais. E por isso mesmo assim aos lavradores como aos mercadores os devia trazer à mesa do rei o seu próprio interesse. Que melhor lavoura que semear na terra e colher no céu? E que maior mercancia que vender o tempo e comprar a eternidade? Oh! eternidade enjeitada! Oh! glória desprezada! Oh! céu nem querido nem crido!

565. Credes vós, que vos chamais cristãos, credes que há céu? Credes que há glória? Credes que há eternidade? Dizeis que sim, de que eu duvido. Mas, se é verdade que credes tudo isto que tenho dito, como o não quereis? Assim o diz o Evangelho, que não quiseram os que vós imitais: *Et nolabant venire* (Ibid. 3). Se tanto pode convosco a lisonja do presente, e tão pouco a fé do futuro, por que não considerais no presente esse mesmo presente onde há de vir a parar? Coisa muito digna de admiração é que dos primeiros e segundos chamados, todos se escusassem e nenhum quisesse vir, e que os últimos todos viessem e nenhum se escusasse. Os recados e os criados não eram do mesmo rei, e as bodas as mesmas? Que

homens foram logo estes, de juízos e vontades tão diferentes, que nenhum repugnou, e todos quiseram vir? Olhai onde o rei os mandou buscar, e onde estavam quando vieram: *Ite ad exitus viarum* (Ibid. 9): Ide aos fins dos caminhos. *Et quoscumque inveneritis, vocate*: e todos os que ali achardes, chamai a esses. — Sabeis por que não acudimos ao chamado de Cristo? É porque não estamos nos fins dos caminhos. Os princípios dos caminhos, que cada um toma para a sua vida, e também os meios deles, são muito enganosos: os fins, e onde vão parar, esses são os que desenganam. Todas as cidades, e mais as cortes — como esta era — têm três estradas reais por onde vai o fio da gente, e onde concorrem todas: a das riquezas, a das honras, e a dos deleites. Mas os que se põem com a consideração ou com os sucessos da mesma vida onde estas estradas vão parar: *Ite ad exitus viarum*, estes são os que Deus busca, e estes os que acha: *Et quoscumque inveneritis, vocate*.

566. Também houve outra razão que muito moveu e obrigou as vontades dos que vieram em último lugar. Quando foram chamados os primeiros uma e outra vez, ainda o rei se não tinha irado: *Iratus est rex*; ainda não tinha mostrado o rigor de sua justiça: *Perdidit homicidas illos, et civitatem illorum succendit*⁷. E por isso não aceitaram o convite, nem respeitaram o recado, nem temeram o rei. Porém os outros, que viram a benignidade do rei trocada em ira, os rebeldes feitos em quartos, e a cidade em cinzas, que viram arder sem exceção as casas humildes, os palácios soberbos e as torres mais altas, como lhes não haviam de alumiar os olhos aquelas labaredas, e como lhes não haviam de abrandar os corações, ainda que fossem de bronze, um tal incêndio? Alguns, abstraindo da história, e tomando em geral a culpa e o castigo, reconhecem neste fogo o do inferno, que é o último paradeiro dos que desprezam o céu. E será bem que os interesses de tão pouco momento, e os gostos tão leves e tão breves, com os desta vida, se vão lá pagar no inferno eternamente? Pois, isto é o que querem, sem querer, os que tanto caso fazem do presente, e tão pouco do futuro, e por lograr o engano do que é — ou não é — não reparam no que há de ser.

567. Disse o que querem sem querer, porque bem vejo que lá dentro nos vossos corações estais dizendo que, se agora não quereis, haveis de querer depois, e que se agora sois como os primeiros que não quiseram vir, depois sereis como os últimos que vieram. Este é o engano comum com que o demônio nos cega e nos vai entretendo, até que nos leva, já perdidos, à condenação. Pede-nos a vontade agora, e prometemo-la para depois. Deus nos livre de uma vontade habituada a não querer, porque nunca quer. Olhai o que diz o texto: *Et nolabant venire*: E eles não queriam vir. — Não diz: *nolerunt*, senão: *nolabant*: não diz que não quiseram, senão que não queriam. Se dissera não quiseram, significava um ato de vontade; mas dizendo não queriam, não significa ato, senão hábito; e vontade habituada a não querer, nunca quer. Por isso não quiseram a primeira vez que foram chamados, nem a segunda em que os tornaram a chamar, e se os chamassem a terceira, também não haviam de querer. Mas se o rei foi tão bom e tão benigno, que sem embargo de não quererem vir a primeira vez, os chamou a segunda, por que os não mandou também chamar terceira vez? Este é o mais tremendo ponto de toda esta matéria. Ninguém se pode converter a Deus sem Deus o chamar com a sua inspiração e o prevenir com o auxílio de sua graça. E Deus, ainda que nos chama uma e outra vez, se nós desprezamos a vocação, e não acudimos a esta, também ele subtrai as suas inspirações, e nos nega justamente os seus auxílios. E que será da miserável alma destituída dos auxílios de Deus. Ouvi a S. Gregório Papa: *Nemo contemnat, nedum vocatus excuset, cum voluerit intrare non valeat*: Ninguém despreze a vocação e inspiração divina, porque, se quando é chamado, não quer ir, depois, ainda que queira, não poderá.

568. E para que nos desenganemos, e conheçamos todos que podemos chegar a tal estado, em que totalmente não possamos, ainda que quiséssemos, confirmemos a verdade desta doutrina de São Gregório com a última cláusula do nosso Evangelho, que só nos resta por ponderar. Mandou o rei que o que tinha vindo ao banquete sem vestidura nupcial, atado de pés e mãos, fosse lançado no cárcere das trevas: *Ligatis manibus et pedibus ejus, mittite eum in tenebras exteriores*⁸. E diz o texto que ouvindo o miserável homem esta sentença, emudeceu, e não disse palavra: *At ille obmutuit*. Este emudecer é o que mais me assombra e atemoriza. Homem miserável, homem pusilânime, homem inimigo de ti mesmo e sem juízo, por que não apelas da sentença para o mesmo rei? Não vês que é tão demente e piedoso, que ainda ofendido te chama amigo: *Amice, quomodo huc intrasti*⁹. Não vês que o mesmo dia de tanta celebridade é muito aparelhado para o perdão? Se não tens com que escusar a tua culpa, por que a não confessas? Por que te não lanças aos pés do Pai, e lhe pedes misericórdia por amor do Filho, e pela mesma humanidade, com que se desposou? Nada disto fez o miserável, e nada disto podia fazer, ainda que quisesse, porque a mesma sentença em pena da sua culpa o inabilitou para tudo. Nem podia ver, porque estava condenado às trevas; nem se podia lançar aos pés do rei, porque tinha presos os seus; nem podia bater nos peitos, porque tinha atadas as mãos; nem podia confessar seu pecado e pedir perdão, porque tinha emudecida a língua. E isto é o que acontece a quem, assim como este entrou despido da graça de Deus, chegou a ser despedido dela. Os pés e mãos da alma, como diz Santo Agostinho, são o entendimento e vontade, de que se compõe o alvedrio, e este, em faltando a graça de Deus, fica tão atado e escurecido, que nem tem luz para ver, nem mãos para obrar, nem pés para se mover, nem língua para dizer: pequei. — Vede se pode haver mais infeliz e mais tremendo estado, mas justamente merecido. Oh! se Deus quisesse que ao menos nos fique muito impressa nas almas, por último documento, a culpa, por que este miserável homem perdeu o uso de todas as potências e movimentos, e até a mesma fala, com que se pudera remediar de tudo. E qual foi esta culpa? Não foi outra, senão entrar ao banquete sem vestidura nupcial, isto é, chegar à mesa do Santíssimo Sacramento não estando em graça. Por isso emudeceu de tal sorte, que não pôde confessar sua culpa, porque é justo juízo de Deus castigar nas confissões o que se peca nas comunhões. Já que a boca se atreveu a comungar em pecado, não tenha língua para confessar seus pecados: *At ille obmutuit*.

569. Emudeceu o homem por justo castigo: nós devemos emudecer de horror e assombro; o Evangelho emudeceu,

porque não tem palavra que não esteja ponderada; e eu também emudeço, porque não tenho mais que dizer. Se a minha ignorância e tibieza vos não soube chamar para o banquete, como devia, espero que interiormente o tenha feito a graça e inspirações divinas com tal eficácia, que freqüentando nesta vida o do Santíssimo Sacramento, mereçamos na outra alcançar o da glória.

SERMÃO PELO BOM SUCESSO DAS ARMAS DE
PORTUGAL CONTRA AS DE HOLANDA

NA IGREJA DE N. S. DA AJUDA, DA CIDADE DA BAHIA, COM O
SANTÍSSIMO SACRAMENTO EXPOSTO. SENDO ESTE O ÚLTIMO DE
QUINZE DIAS, NOS QUAIS EM TODAS AS IGREJAS DA MESMA
CIDADE SE TINHAM FEITO SUCESSIVAMENTE AS MESMAS
DEPRECAÇÕES, ANO DE 1640

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuas avertis? Oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos propter nomen tuum¹.

§I

A nenhuma outra província de Portugal vem mais a justo o Salmo XLIII de Davi que à província do Brasil. Propriedade com que Davi descreve as desgraças do Brasil. Não são os reis, que se mudaram, a causa dessas diferenças. Davi, piedosamente atrevido, volta-se contra Deus, o que também faz o pregador, pregando não ao povo, mas a Deus.

¹ Mas cinco de entre elas eram loucas, e cinco prudentes (Mt. 25,2)

² A sabedoria edificou para si uma casa (Prov. 9, 1).

³ Saíram a receber o Esposo e a Esposa (Mt. 25,1)

⁴ E, tardando o esposo (Mt. 25,5)

⁵ E as que estavam apercebidas entraram com ele a celebrar as bodas, e fechou-se a porta (Mt. 25,10).

⁶ Cujo cume chegue até o céu (Gên. 11,4)

⁷ E pois que eles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, menos que o não tenham de todo executado (Gên. 11,6)

⁸ Vinde, pois, desçamos e confundamos a sua linguagem (Gên. 11,7).

⁹ Destrói, Senhor, confunde as línguas deles, porque tenho visto a injustiça e a contradição na cidade (Sl. 54,10).

¹⁰ Mata e come (At. 10,13) — *Ita Greg. Chrysost. et alii PP.*

¹¹ E lançaram cada um deles a sua vara, as quais se converteram em dragões (Êx. 7, 12).

¹² Pois eu não permito à mulher que ensine (1 Tim. 2,12).

¹³ A mulher aprenda em silêncio (1 Tim. 2,11).

¹⁴ Naquele dia, pois, humilhou Deus a Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel (Jz. 4,23)

¹⁵ Eu sou, que falo contigo (Jo. 4,26).

¹⁶ Temos achado ao Messias, que quer dizer o Cristo (Jo. 1,41).

¹⁷ Achamos aquele de quem falou Moisés na lei, e de quem escreveram os profetas, a saber Jesus (Jo. 1,45).

¹⁸ A mulher, pois, deixou o seu cântaro, e foi-se à cidade, e disse àqueles homens (Jo. 4,28).

¹⁹ Mas o que as mulheres lhes diziam pareceu-lhes um como desvario, e não lhes deram crédito (Lc. 24,11).

²⁰ Na verdade o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão (Lc. 24,34)

²¹ Certas mulheres, das que conosco estavam (Lc. 24,22).

²² Ora nós esperávamos, mas certas mulheres nos espantaram (Lc. 24,22).

²³ Na alma maligna não entrará a sabedoria (Sab. 1, 4).

²⁴ Uma estultícia para os gentios (1 Cor. 1,23).

²⁵ Vinde após mim (Mt. 4, 19). Segue-me (Mt. 9,9). Desce (Lc. 19,5).

²⁶ Ou está padecendo o Deus da natureza ou a máquina do mundo se desmorona.

- ²⁷ Pois, aquele Deus, que vós adorais sem o conhecer, esse é de fato o que vos anuncio (At. 17,23).
- ²⁸ Sabemos que és mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém pode trazer estes milagres que tu fazes (Jo. 3, 2).
- ²⁹ E havia um homem dentre os fariseus, por nome Nicodemos. Este uma noite veio buscar a Jesus (Jo. 3,1 s)
- ³⁰ *Chrysost. Hom. 23.*
- ³¹ *Maldonat. hic.*
- ³² E alguns da sinagoga, que se chama dos libertinos, e dos cirenenses, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia, e da Ásia, se levantaram a disputar com Estêvão, e não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que nele falava (At. 6, 9).
- ³³ Uma face era face de querubim, e a segunda face era face de homem, e no terceiro havia face de leão, e no quarto face de águia (Ez. 10, 14).
- ³⁴ Darás a teu servo um coração dócil (3 Rs. 3,9)
- ³⁵ E te dei um coração tão cheio de sabedoria e de inteligência, que nenhum antes de ti te foi semelhante, nem se levantará tal depois de ti (3 Rs. 3,12).
- ³⁶ Eis, pois, te fiz o que me pediste (3 Rs. 3, 12).
- ³⁷ Como o pó que o vento espalha de cima da face da terra (Sl 1, 4).
- ¹ E outros cortavam ramos de árvores, e juncavam com eles a passagem (Mt. 21,8).
- ² Cortavam ramos de árvores (Mt. 21, 8).
- ³ Cheguei ao alto-mar, e a tempestade me submergiu (Sl. 68, 3).
- ⁴ Eis aqui agora o tempo aceitável (2 Cor. 6, 2).
- ⁵ Eis aqui agora o dia da salvação (2 Cor. 6, 2).
- ⁶ E juncavam com eles a passagem (Mt. 21,8).
- ⁷ Se é que todavia nós padecemos com ele (Rom. 8,17)
- ⁸ Porquanto derramar ela este bálsamo sobre o meu corpo, foi ungir-me para ser enterrado (Mt. 26,12).
- ⁹ E lançaram sorte sobre a minha túnica (Sl. 21, 19).
- ¹⁰ A minha alma está numa tristeza mortal (Mt. 26, 38).
- ¹¹ Fazei isto em memória de mim (Lc. 22, 19).
- ¹ ¹ Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino: Hoje serás comigo no Paraíso (Lc.23,42 s).
- ² Zaqueu era um dos principais entre os publicanos, e pessoa rica (Lc. 19,2).
- ³ Zaqueu, desce depressa, porque importa que eu fique hoje em tua casa (Lc. 19,5).
- ⁴ Recebeu-o alegremente (Lc. 19,6).
- ⁵ Eu estou para dar aos pobres a metade de meus bens (Lc. 19,8).
- ⁶ Desce depressa (Lc. 19,5).
- ⁷ Naquilo em que eu tiver defraudado a alguém, pagar-lho-ei quadruplicado (Lc. 19,8).
- ⁸ Hoje entrou a salvação nesta casa (Lc. 19,9).
- ⁹ Os seus príncipes eram no meio dela como uns lobos que arrebatam a sua presa (Ez. 22,27).
- ¹⁰ Não é grande culpa quando algum furtar porque furta para saciar a sua esfaimada alma (Prov. 6, 30).
- ¹¹ Quem, podendo, não impede o pecado, ordena-o.
- ¹² Paguei então o que não tinha roubado (Sl. 68,5).
- ¹³ Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida (Gên. 1,26).
- ¹⁴ O que não entra pela porta, esse é ladrão e roubador (Jo. 10,1).
- ¹⁵ Entrarão pelas janelas como um ladrão (Jl. 2,9).
- ¹⁶ Se o pai de famílias soubesse a hora em que viria o ladrão, não deixaria minar a sua casa (Lc. 12,39).
- ¹⁷ Caiu-nos do céu um terceiro Catão (Juvenal, Sátira II, v. 40).
- ¹⁸ Como um ladrão de noite (Tes. 5,2).
- ¹⁹ Furtar.
- ²⁰ Despachou o rei Nabucodonosor correios para que se juntassem os sátrapas, os magistrados e os juízes (Dan. 3,2).
- ²¹ São dignos de morte, não somente os que estas coisas fazem, senão também os que consentem aos que as fazem (Rom. 1,32).
- ²² Somente, porém, quando obriga a alguém *ex officio*, como aos príncipes da terra.
- ²³ Pois já não poderás ser meu feitor (Lc. 16,2).
- ²⁴ E este foi acusado diante dele (Lc. 16,1).
- ²⁵ E o amo louvou este feitor iníquo, por haver obrado como homem de juízo (Lc. 16,8).
- ²⁶ Como quem havia dissipado os seus bens (Lc. 16,1).
- ²⁷ Em qualquer dia que comeres dele, morrerás de morte (Gên. 2,17).

- ²⁸ Para que não suceda que ele lance a sua mão, e tome também da árvore da vida (Gên. 3,22).
- ²⁹ Está bem, servo bom: porque foste fiel no pouco, serás governador de dez cidades (Lc. 19, 17).
- ³⁰ Sê tu também governador de cinco cidades (Lc. 19, 19).
- ³¹ Tirai-lhe o marco de prata (Lc 19,24).
- ³² Se vias um ladrão, corrias com ele (Sl. 49, 18).
- ³³ Não te é lícito (Mc. 6,18).
- ³⁴ Dizei a esse raposo (Lc. 13,32).
- ³⁵ Aos reis de Judá e aos seus príncipes (Jer. 1,18).
- ³⁶ Ai de mim, porque me calei (Is. 6,5).
- ¹ Sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo ao Pai, como tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (Jo. 13,1).
- ² Eu sou Deus zeloso (Êx.. 20,5).
- ³ Aquele que é amigo é-o em todo o tempo (Prov. 17,17).
- ⁴ Achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens (Prov. 8,31).
- ⁵ Gostasse a morte por todos (Hebr. 2,9).
- ⁶ A morte é a ausência da alma
- ⁷ *Orig. hom. de M. Magdal.*
- ⁸ Porque amou muito (Lc. 7,47).
- ⁹ Saulo, pois, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor (At. 9,1).
- ¹⁰ Eu vim trazer fogo à terra, e que quero eu, senão que ele se acenda (Lc. 12,49)?
- ¹¹ Esse fará também as obras que eu faço, e fará outras ainda maiores, porque eu vou para o Pai (Jo. 14,12).
- ¹² De remontadas distâncias e dos últimos confins da terra (Prov. 31,10).
- ¹³ Ferindo duas vezes com a vara a pederneira, saíram dela águas copiosíssimas (Núm. 20,11).
- ¹⁴ Lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos (Jo. 13,5).
- ¹⁵ Como já o diabo tinha metido no coração a Judas a determinação de o entregar, levantou-se da ceia e depôs suas vestiduras (Jo. 13,2,4).
- ¹⁶ Lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos. Veio pois a Simão Pedro (Jo. 13,5 s).
- ¹⁷ E tendo molhado o pão, deu-o a Judas (Jo. 13,26).
- ¹⁸ Dizei a seus discípulos, e a Pedro (Mc. 16,7).
- ¹⁹ O seu sangue caia sobre nós (Mt. 27,25).
- ²⁰ Mandando vir água, lavou as mãos à vista do povo (Mt. 27,24).
- ²¹ Tocado interiormente de dor (Gên. 6,6).
- ²² Na verdade este homem era Filho de Deus (Mt. 27,54).
- ²³ Retiravam-se batendo nos peitos (Lc. 23,48).
- ²⁴ Livra, ó Deus, a minha alma da espada (Sl. 21,21).
- ²⁵ *Rich. Victor. tract. de 4 grad. Viol. charit.*
- ²⁶ Era a luz verdadeira que alumia a todo o homem (Jo. 1,9).
- ²⁷ Ele não era a luz (Jo. 1,8).
- ²⁸ Choraram ambos, mas Davi mais (1 Rs. 20,41).
- ²⁹ *Ovid.*
- ³⁰ A minha alma está numa tristeza mortal (Mt. 26,38).
- ³¹ E deixando-os de novo, *foi* orar terceira vez (Mt. 26,44).
- ³² E veio terceira vez, e disse-lhes (Mc. 14,41).
- ³³ E eu lhes dei a glória que tu me havias dado, para que eles sejam um, como também nós somos um. E eu estou neles, e tu estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade (Jo. 17,22 s).
- ³⁴ Naquele dia conhecereis vós que eu estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós (Jo. 14,20).
- ¹ Ele vos ensinará todas as coisas que vos tenho dito (Jo.14,26).
- ² *Dixero, id est, dixi, uti habet Graecum Originale.*
- ³ Eu não fui enviado senão às ovelhas que pereceram da casa de Israel (Mt. 15,24).
- ⁴ E apareceram repartidas umas como línguas (At. 2,3).
- ⁵ Tenho também outras ovelhas que não são deste aprisco, e importa que eu as traga, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor (Jo. 10, 16).
- ⁶ Meu Pai opera até hoje, e eu opero também (Jo. 5,17).
- ⁷ Senhor, eu creio: ajuda tu a minha incredulidade (Mc. 9,23).
- ⁸ Ele vos ensinará todas as coisas (Jo. 14,26).

⁹ De repente veio do céu um estrondo, como do vento que assoprava com ímpeto (At. 2,2).

¹⁰ Todos estes perseveravam unanimemente em oração com as mulheres (At. 1,14).

¹ Mandou os seus servos a chamar os convidados para as bodas (Mt. 22, 3).

² Eis aqui tenho preparado o meu banquete: vinde às bodas (Mt. 22, 4).

³ Mas os que estavam convidados não foram dignos (Mt. 22,8).

⁴ Outros, porém, lançaram mão dos servos que ele enviara, e, depois de os haverem ultrajado, os mataram (Mt. 22,6).

⁵ Por força das palavras.

⁶ Ide pois às saídas das ruas, e a quantos achardes, convidai-os para as bodas (Mt. 22,9).

⁷ Acabou com aqueles homicidas, e pôs fogo à sua cidade (Mt. 22,7).

⁸ Atai-o de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores (Mt. 22,13).

⁹ Amigo, como entraste aqui (Mt. 22, 12)?

¹ Levanta-te, por que dormes, Senhor? Levanta-te e não nos desampares para sempre. Por que apartas teu rosto, e te esqueces da nossa miséria e da nossa tribulação? Levanta-te, Senhor, ajuda-nos, e resgata-nos por amor do teu nome (Sl.43,23,24,26).

570. Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando que orando, dá fim o profeta rei ao salmo quarenta e três, salmo que desde o princípio até o fim não parece senão cortado para os tempos e ocasião presente. O Doutor Máximo, São Jerônimo, e depois dele os outros expositores, dizem que se entende a letra de qualquer reino ou província católica destruída e assolada por inimigos da fé. Mas entre todos os reinos do mundo, a nenhum lhe quadra melhor que ao nosso Reino de Portugal, e entre todas as províncias de Portugal, a nenhuma vem mais ao justo, que à miserável província do Brasil. Vamos lendo todo o salmo, e em todas as cláusulas dele veremos retratadas as da nossa fortuna, o que fomos e o que somos.

571. *Deus, auribus nostris audivimus; patres nostri annuntiaverunt nobis, opus quod opera tus es in diebus eorum, et in diebus antiquis²*: Ouvimos — começa o profeta — a nossos pais, lemos nas nossas histórias, e ainda os mais velhos viram, em parte, com seus olhos as obras maravilhosas, as proezas, as vitórias, as conquistas, que por meio dos portugueses obrou em tempos passados vossa onipotência, Senhor. *Manus tua gentes disperdidit, et plantasti eos: afflixisti populos, et expulisti eos³*: Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações bárbaras belicosas e indômitas, e as despojou do domínio de suas próprias terras, para nelas os plantar, como plantou com tão bem fundadas raízes, e para nelas os dilatar, como dilatou e estendeu em todas as partes do mundo, na África, na Ásia, na América. *Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvavit eos, sed dextera tua et brachium tuum, et illuminatio vultus tui, quoniam complacuisti in eis⁴*: Porque não foi a força do seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuíram, e as gentes e reis que avassalaram, senão a virtude de vossa destra onipotente, e a luz e o prêmio supremo de vosso beneplácito, com que neles vos agradastes e dele vos servistes. — Até aqui a relação ou memória das felicidades passadas, com que passa o profeta aos tempos e desgraças presentes.

572. *Nunc autem repulisti et confundisti nos, et non egredieris, Deus, in virtutibus nostris⁵*: Porém agora, Senhor, vemos tudo isto tão trocado, que já parece que nos deixastes de todo, e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaneais como dantes os nossos exércitos: *Avertisti nos retrorsum post inimicos nostros; et qui oderuni nos diripiebant sibi⁶*: Os que tão acostumados éramos a vencer e triunfar, não por fracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos — que, como são açoite de vossa justiça, justo é que lhes demos as costas — e, perdidos os que antigamente foram despojos do nosso valor, são agora roubo da sua cobiça. *Dedisti nos tanquam oves escarum, et in gentibus dispersisti nos⁷*: Os velhos, as mulheres, os meninos, que não têm forças nem armas com que se defender, morrem como ovelhas inocentes às mãos da crueldade herética, e os que podem escapar à morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a pátria. *Possuisti nos opprobrium vicinis nostris, subsannationem et derisum his qui sunt in circuitu nostro⁸*: Não fora tanto para sentir, se perdidas fazendas e vidas, se salvara ao menos a honra; mas também esta, a passos contados se vai perdendo; e aquele nome português, tão celebrado nos anais da fama, já o herege insolente, com as vitórias o afronta, e o gentio, de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza.

573. Com tanta propriedade como isto descreve Davi neste salmo nossas desgraças, contrapondo o que somos hoje ao que fomos enquanto Deus queria, para que na experiência presente cresça a dor por oposição com a memória do passado. Ocorre aqui ao pensamento o que não é lícito sair à língua, e não falta quem discorra tacitamente que a causa desta diferença tão notável foi a mudança da monarquia. Não havia de ser assim dizem — se vivera um Dom Manoel, um Dom João, o Terceiro, ou a fatalidade de um Sebastião não sepultara com ele os reis portugueses. Mas o mesmo profeta, no mesmo salmo nos dá o desengano desta falsa imaginação: *Tu es ipse Rex meus et Deus meus, qui mandas salutes Jacob⁹*. O Reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou na sua fundação, é reino seu, e não nosso: *Volo enim in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire¹⁰* — e como Deus é o Rei: *Tu es ipse rex meus et Deus meus* — e este rei é o que manda e o que governa: *Qui mandas salutes, Jacob* — ele, que não se muda, é o que causa estas diferenças, e não os reis que se mudaram. À vista pois desta verdade certa e sem engano esteve um pouco suspenso o nosso profeta na consideração de tantas calamidades, até que para remédio delas o mesmo Deus, que o alumiaava, lhe inspirou um conselho altíssimo, nas palavras que tomei por tema.

574. *Exurge, quare obdormis Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis? Oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos propter nomen tuum*. Não prega Davi ao povo, não o exorta ou repreende, não faz contra ele invectivas, posto que bem merecidas; mas todo arrebatado de um novo e extraordinário espírito, se volta não só a Deus, mas, piedosamente atrevido, contra ele. Assim como Marta disse a Cristo: *Domine, non est tibi curae¹¹?* — assim estranha Davi reverentemente a Deus, e quase o acusa de descuidado. Queixa-se das desatenções da sua misericórdia e providência, que isso é considerar a Deus dormindo: *Exurge, quare obdormis Domine?* Repete-lhe que acorde e que não deixe chegar os danos ao fim, permissão indigna de sua piedade: *Exurge, et ne repellas in finem*. Pede-lhe a razão por que aparta de nós os olhos e não volta o rosto: *Quare faciem tuam avertis*, — e por que se esquece da nossa miséria, e não faz caso de nossos trabalhos: *Oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae*. E não só pede de qualquer modo esta razão do que Deus faz e permite, senão que insta a que lhe dê uma e outra vez: *Quare obdormis? Quare oblivisceris?* Finalmente, depois destas perguntas, a que supõe que não tem Deus resposta, e destes argumentos, com que presume o tem convencido, protesta diante do tribunal de sua justiça e piedade, que tem obrigação de nos acudir, de nos ajudar e de nos libertar logo: *Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos*. E para mais obrigar ao mesmo Senhor, não protesta por nosso bem e remédio, senão por parte da sua honra e glória: *Propter nomen tuum*.

575. Esta é — todo-poderoso e todo misericordioso Deus — esta é a traça de que usou para render vossa piedade quem tanto se conformava com vosso coração. E desta usarei eu também hoje, pois o estado em que nos vemos mais é o mesmo, que semelhante. Não hei de pregar hoje ao povo, não hei de falar com os homens: mais alto hão de sair as minhas palavras ou as minhas vozes; a vosso peito divino se há de dirigir todo o sermão. E este o último de quinze dias contínuos em que todas as igrejas desta metrópole, a esse mesmo trono de vossa patente Majestade têm representado suas deprecações; e pois o dia é o último, justo será que nele se acuda também ao último e único remédio. Todos estes dias se cansaram debalde os oradores evangélicos em pregar penitência aos homens; e pois eles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho de vossa misericórdia, Deus meu, que, ainda que nós somos os pecadores, vós haveis de ser o arrependido.

576. O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos, et redime nos*. Mui conformes são estas petições ambas ao lugar e ao tempo. Em tempo que tão oprimidos e tão cativos estamos, que devemos pedir com maior necessidade, senão que nos liberteis: *Redime nos*? E na casa da Senhora da Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis: *Adjuva nos*? Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando, pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça. Se a causa fora só nossa, e eu viera a rogar só por nosso remédio, pedira favor e misericórdia. Mas, como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória, e pelo crédito de vosso nome: *Propter nomen tuum*: razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este pressuposto vos hei de argüir, vos hei de argumentar, e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que também vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós, e acusar as dilações de vossa justiça ou as desatenções de vossa misericórdia: — *Quare obdormis, quare oblivisceris*? — não será esta vez a primeira em que sofrestes semelhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda, também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me há de dar vossa mesma graça as razões com que vos hei de argüir, a eficácia com que vos hei de apertar, e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastam os merecimentos da causa, suprirão os da Virgem Santíssima, em cuja ajuda principalmente confio. *Ave Maria*.

§II

Temeridade da empresa. Requerimentos e razões fundadas na multidão das misericórdias divinas. As razões de Moisés para defender o povo escolhido da ira de Deus. Que dirão os hereges vencedores? Que dirá o tapuia bárbaro? As tribulações dos católicos, penhor de vitória.

577. *Exurge, quare obdormis, Domine?* Querer argumentar com Deus, e convencê-lo com razões, não só dificultoso assunto parece, mas empresa declaradamente impossível, sobre arrojada temeridade. *O homo, tu qui es, qui respondeas Deo? Nunquid dicit figmentum ei qui se finxit: Quid mefecisti sic* (Rom. 9, 20)? Homem atrevido — diz São Paulo — homem temerário, quem és tu, para que te ponhas a alterar com Deus? Porventura o barro que está na roda e entre as mãos do oficial põe-se às razões com ele, e diz-lhe: por que me fazes assim? — Pois, se tu és barro, homem mortal, se te formaram as mãos de Deus da matéria vil da terra, como dizes ao mesmo Deus: *Quare, quare?* Como te atreves a argumentar com a Sabedoria divina, como pedes razão à sua providência do que te faz ou deixa de fazer: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis?* Venera suas permissões, reverencia e adora seus ocultos juízos, encolhe os ombros com humildade a seus decretos soberanos, e farás o que te ensina a fé e o que debes a criatura. Assim o fazemos, assim o confessamos; assim o protestamos diante de Vossa Majestade infinita, imenso Deus, incompreensível bondade: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum*^{1 2}. Por mais que nós não saibamos entender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade, e ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegais com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem.

578. Se as razões e argumentos da nossa causa as houveramos de fundar em merecimentos próprios, temeridade fora grande, antes impiedade manifesta, querer-vos argüir. Mas nós, Senhor, como protestava o vosso profeta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris prosternimus preces ante faciem tuam, sed in miserationibus tuis multis*^{1 3}. Os requerimentos e razões deles, que humildemente apresentamos ante vosso divino conspecto, as apelações ou embargos que entrepomos à execução e continuação dos castigos que padecemos, de nenhum modo os fundamos na presunção de nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericórdias: *In miserationibus tuis multis*. Argumentamos, sim, mas de vós para vós; apelamos, mas de Deus para Deus: de Deus justo, para Deus misericordioso. E como do peito, Senhor, vos hão de sair todas as setas, mal poderão ofender vossa bondade. Mas porque a dor, quando é grande, sempre arrasta o afeto, e o acerto das palavras é descrédito da mesma dor, para que o justo sentimento dos males presentes não passe os limites sagrados de quem fala diante de Deus e com Deus, em tudo o que me atrever a dizer, seguirei as pisadas sólidas dos que em semelhantes ocasiões, guiados por vosso mesmo espírito, oraram e exoraram vossa piedade.

579. Quando o povo de Israel no deserto cometeu aquele gravíssimo pecado de idolatria, adorando o ouro das suas jóias na imagem bruta de um bezerro, revelou Deus o caso a Moisés, que com ele estava, e acrescentou irado e resolutivo que daquela vez havia de acabar para sempre com uma gente tão ingrata, e que a todos havia de assolar e consumir, sem que

ficasse rasto de tal geração: *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos, et deleam eos*¹⁴. Não lhe sofreu porém o coração ao bom Moisés ouvir falar em destruição e assolação do seu povo: pôe-se em campo, opõe-se à ira divina, e começa a arazoar assim: *Cur Domine, irascitur furor tuus contra populum tuum* (Êx. 32,11)? E bem, Senhor, por que razão se indigna tanto a vossa ira contra o vosso povo? — Por que razão, Moisés? E ainda vós quereis mais justificada razão de Deus? Acaba de vos dizer que está o povo idolatrando, que está adorando um animal bruto, que está negando a divindade ao mesmo Deus, e dando-a a uma estátua muda, que acabaram de fazer suas mãos, e atribuindo-lhe a ela a liberdade e triunfo com que os livrou do cativeiro do Egito, e sobre tudo isto ainda perguntais a Deus por que razão se agasta: *Cur irascitur furor tuus*? Sim, e com muito prudente zelo. Porque, ainda que da parte do povo havia muito grandes razões de ser castigado, da parte de Deus era maior a razão que havia de o não castigar: *Ne quaeso* — dá a razão Moisés — *ne quaeso dicant Aegyptii: Callide eduxit eos, ut interficeret in montibus, et deleat et terra*¹⁵. Olhai, Senhor, que porão mácula os egípcios em vosso ser, e quando menos em vossa verdade e bondade. Dirão que cautelosamente e a falsa fé nos trouxestes a este deserto, para aqui nos tirardes a vida a todos, e nos sepultardes. — E com esta opinião divulgada e assentada entre eles, qual será o abatimento de vosso santo nome, que tão respeitado e exaltado deixastes no mesmo Egito, com tantas e tão prodigiosas maravilhas do vosso poder? Convém, logo, para conservar o crédito, dissimular o castigo, e não dar com ele ocasião àqueles gentios e aos outros, em cujas terras estamos, ao que dirão: *Ne quaeso dicant*. — Desta maneira arazoou Moisés em favor do povo, e ficou tão convencido Deus da força deste argumento, que no mesmo ponto revogou a sentença, e, conforme o texto hebreu, não só se arrependeu da execução, senão ainda do pensamento: *Et paenituit Dominus mali quod cogitaverat facere populo suo* (Êx. 32, 14 *ex text.* Hebr.): E arrependeu-se o Senhor do pensamento e da imaginação que tivera de castigar o seu povo.

580. Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido, pois sois o mesmo que éreis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomem tuum*. Moisés disse-vos: *Ne quaeso dicant*: Olhai, Senhor, que dirão. — E eu digo, e devo dizer: Olhai, Senhor, que já dizem. — Já dizem os hereges insolentes, com os sucessos prósperos que vós lhes dais ou permitis, já dizem que porque a sua, que eles chamam religião, é a verdadeira, por isso Deus os ajuda, e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece, e somos vencidos. Assim o dizem, assim o pregam, e ainda mal porque não faltará quem o creia. Pois, é possível, Senhor, que não de ser vossas permissões argumentos contra vossa fé? É possível que se não de ocasionar de nossos castigos blasfêmias contra vosso nome? Que diga o herege — o que treme de o pronunciar a língua — que diga o herege que Deus está holandês? Oh! não permitais tal, Deus meu, não permitais tal, por quem sois. Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigásseis; não o digo pelo Brasil, que pouco ia em que o destruísseis; por vós o digo, e pela honra do vosso santíssimo nome, que tão imprudentemente se vê blasfemado: *Propter nomem tuum*. Já que o pérfido calvinista, dos sucessos que só lhe merecem nossos pecados, faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua a verdadeira, veja ele na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompõem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas; as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exércitos, escalem as suas muralhas e despovoem os seus presídios; os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam alumiados, e neles enfatuados e confusos. Mude a vitória as insígnias, desafrontem-se as cruces católicas, triunfem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a perfídia, que só a fé romana que professamos é fé, e só ela a verdadeira e a vossa.

581. Mas ainda há mais quem diga: *Ne quaeso dicant Aegyptii*. Olhai Senhor, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram ontem. E estes, que dirão? Que dirá o tapuia bárbaro, sem conhecimento de Deus? Que dirá o índio inconstante, a quem falta a pia afeição da nossa fé? Que dirá o etíope boçal, que apenas foi molhado com a água do Batismo, sem mais doutrina? Não há dúvida que todos estes, como não têm capacidade para sondar o profundo de vossos juízos, beberão o erro pelos olhos. Dirão, pelos efeitos que vêem, que a nossa fé é falsa, e a dos holandeses a verdadeira, e crerão que são mais cristãos, sendo como eles. A seita do herege torpe e brutal concorda mais com a brutalidade do bárbaro: a largueza e soltura de vida, que foi a origem e é o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo; e que paga haverá que se converta à fé que lhe pregamos, ou que novo cristão já convertido, que se não perverta, entendendo e persuadindo-se uns e outros que no herege é premiada a sua lei, e no católico se castiga a nossa? Pois, se estes são os efeitos, posto que não pretendidos, de vosso rigor e castigo justamente começado em nós, se ateia e passa com tanto dano aos que não são cúmplices nas nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus*? Por que continua sem estes reparos o que vós mesmos chamastes furor, e por que não acabais já de embainhar a espada de vossa ira?

582. Se tão gravemente ofendido do povo hebreu por um que dirão dos egípcios lhe perdoastes, o que dizem os hereges e o que dirão os gentios não será bastante motivo para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo e perdoe também os nossos pecados, pois, ainda que grandes, são menores? Os hebreus adoraram o ídolo, faltaram à fé, deixaram o culto do verdadeiro Deus, chamaram deus e deuses a um bezerro, e nós, por mercê de vossa bondade infinita, tão longe estamos e estivemos sempre de menor defeito ou escrúpulo nesta parte, que muitos deixaram a pátria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos, e passam em suma miséria desterrados, só por não viver nem comunicar com homens que se separaram da vossa Igreja. Pois, Senhor meu e Deus meu, se por vosso amor e por vossa fé, ainda sem perigo de a perder ou arriscar, fazem tais finezas os portugueses: *Quare oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae*? Por que vos esqueceis de tão

religiosas misérias, de tão católicas tribulações? Como é possível que se ponha Vossa Majestade irada contra estes fidelíssimos servos, e favoreça a parte dos infieis, dos excomungados, dos ímpios?

583. Oh! como nos podemos queixar neste passo, como se queixava lastimado Jó, quando despojados dos sabeus e caldeus, se viu, como nós nos vemos, no extremo da opressão e miséria: *Nunquid bonum tibi videtur, si calumnieris me, et opprimas me opus manum tuarum, et consilium impiorum adjuves*¹⁶? Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim, que sou vosso servo, me oprimeis e aflijais? E aos ímpios, aos inimigos vossos os favoreçais e ajudeis? Parece-vos bem que sejam eles os prosperados e assistidos de vossa Providência, e nós os deixados de vossa mão, nós os esquecidos de vossa memória, nós o exemplo de vossos rigores, nós o despojo de vossa ira? Tão pouco é desterrar-nos por vós, e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos, pobreza e os desprezos que elas trazem consigo, por vosso amor? Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois, se há tanta diferença entre nós, ainda que maus, e aquele pérfido, por que os ajudais a eles, e nos desfavoreceis a nós? *Nunquid bonum tibi videtur?* A vós, que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?

§III

A quem tira Deus as terras do Brasil e a quem as dá. Inutilidade dos sacrifícios dos portugueses. Oração de Josué no assalto à cidade de Hai. Ameaça de Jó à insensibilidade de Deus: Se me buscardes amanhã, me não haveis de achar

584. Considerai, Deus meu, e perdoai-me se falo inconsideradamente. Considerai a quem tirais as terras do Brasil, e a quem as dais. Tirais estas terras aos portugueses, a quem nos princípios as destes, e bastava dizer a quem as destes, para perigar o crédito de vosso nome, que não podem dar nome de liberal mercês com arrependimento. Para que nos disse S. Paulo, que vós, Senhor, quando dais, não vos arrependeis: *Sine poenitentia enim sunt dona Dei*¹⁷? Mas, deixado isto a parte, tirais estas terras àqueles mesmos portugueses, a quem escolhestes, entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa fé, e a quem destes por armas, como insígnia e divisa singular, vossas próprias chagas. — E será bem, supremo Senhor e Governador do universo, que às sagradas quinas de Portugal, e às armas e chagas de Cristo, sucedam as heréticas listas de Holanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento vitoriosas, e aquelas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo* (Jos. 7,9)? E que fareis — como dizia Josué — ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta afronta?

585. Tirais também o Brasil aos portugueses, que assim estas terras vastíssimas, como as remotíssimas do Oriente, as conquistaram à custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e vossa fé — que esse era o zelo daqueles cristianíssimos reis — que por amplificar e estender seu império. Assim fostes servido que entrássemos nestes novos mundos tão honrada e tão gloriosamente, e assim permitis que saíamos agora — quem tal imaginara de vossa bondade — com tanta afronta e ignomínia. — Oh! como receio que não falte quem diga o que diziam os egípcios: *Callide eduxit eos, ut interficeret et deleteret e terra*¹⁸: Que a larga mão com que nos destes tantos domínios e remos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira, para aqui fora, e longe de nossa pátria, nos matardes, nos destruídes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fruto de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão ilustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas há baixio no oceano, que não esteja infamado com miserabilíssimos naufrágios de portugueses? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhamos, as hajamos de perder assim? Oh! quanto melhor nos fora nunca conseguir nem intentar tais empresas!

586. Mais santo que nós era Josué, menos apurada tinha a paciência, e contudo, em ocasião semelhante, não falou — falando convosco — por diferente linguagem. Depois de os filhos de Israel passarem às terras ultramarinas do Jordão, como nós a estas, avançou parte do exército a dar assalto à cidade de Hai, a qual nos ecos do nome já parece que trazia o prognóstico do infeliz sucesso que os israelitas nela tiveram, porque foram rotos e desbaratados, posto que com menos mortos e feridos do que nós por cá costumamos. E que faria Josué à vista desta desgraça? Rasga as vestiduras imperiais, lança-se por terra, começa a clamar ao céu: *Heu, Domine Deus, quid voluisti traducere populum istum Jordanem fluvium, ut traderes nos in manus Amorrhæi* (Jos. 7,7)? Deus meu e Senhor meu, que é isto? Para que nos mandastes passar o Jordão, e nos metestes de posse destas terras, se aqui nos havíeis de entregar nas mãos dos amorreus, e perder-nos? *Utinam mansissemus trans Jordanem!* Oh! nunca nós passáramos tal rio! — Assim se queixava Josué a Deus, e assim nos podemos nós queixar, e com muito maior razão que ele. Se este havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavam nas terras conquistadas: *Utinam mansissemus trans Jordanem!* Prouvera a vossa divina Majestade, que nunca saíramos de Portugal, nem fiáramos nossas vidas às ondas e aos ventos, nem conhecêramos ou puséramos os pés em terras estranhas. Ganhá-las para as não lograr desgraça foi, e não ventura; possui-las para as perder, castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercê nem favor de vossa liberalidade. Se determináveis dar estas mesmas terras aos piratas de Holanda, por que lhas não destes enquanto eram agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente perversa e apóstata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhes lavrarmos as terras, para lhes edificarmos as cidades, e, depois de

cultivadas e enriquecidas, lhas entregardes? Assim se hão de lograr os hereges e inimigos da fé dos trabalhos portugueses e dos suores católicos? *En queis consevimus agros*¹⁹: Eis aqui para quem trabalhamos há tantos anos! — Mas, pois vós, Senhor, o quereis e ordenais assim, fazei o que fordes servido. Entregai aos holandeses o Brasil, entregai-lhes as Índias, entregai-lhes as Espanhas — que não são menos perigosas as conseqüências do Brasil perdido — entregai-lhes quanto temos e possuimos como já lhes entregastes tanta parte — ponde em suas mãos o mundo, e a nós, aos portugueses e espanhóis, deixai-nos, repudiái-nos, desfazei-nos, acabai-nos. Mas só digo e lembro a Vossa Majestade, Senhor, que estes mesmos, que agora desfavoreceis e lançais de vós, pode ser que os queirais algum dia, e que os não tenhais.

587. Não me atrevera a falar assim, se não tirara as palavras da boca de Jó que, como tão lastimado, não é muito entre muitas vezes nesta tragédia. Queixava-se o exemplo da paciência a Deus — que nos quer Deus sofridos, mas não insensíveis — queixava-se do tesão de suas penas, demandando e altercando porque se lhe não havia de remitir e afrouxar um pouco o rigor delas, e como a todas as réplicas e instâncias o Senhor se mostrasse inexorável, quando já não teve mais que dizer, concluiu assim: *Ecce nunc in pulvene dormiam, et si mane me quoesieris, non subsistam* (Jó 7,21): Já que não quereis, Senhor, desistir ou moderar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor, e chegar com ele ao cabo, seja muito embora, matai-me, consumi-me, enterrai-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam*. Mas só vos digo e vos lembro uma coisa, que se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar: *Et si mane me quoesieris, non subsistam*. Tereis aos sabeus, tereis aos caldeus, que sejam o roubo e o açoite de vossa casa, mas não achareis a um Jó que a sirva, não achareis a um Jó que a venere, não achareis a um Jó que, ainda com suas chagas, a não desautorize. — O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos mesmos afetos que se vê no mesmo estado. Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais espanhóis e portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo mundo os estandartes da cruz; Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue; Holanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a autoridade da Igreja Romana; Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes, e oferecerá o sacrifício de vosso Santíssimo Corpo; Holanda, enfim, vos servirá e venerará tão religiosamente, como em Amsterdã, Meldeburg e Flisinga, e em todas as outras colônias daquele frio e alagado inferno, se está fazendo todos os dias.

§IV

Os convidados, os cegos e os mancos da parábola do banquete. O privilégio da fé nas virgens sábias. O arrependimento e propósito de Deus depois do dilúvio. Que há de suceder se a Bahia e o Brasil caírem às mãos dos holandeses? A profanação das imagens e dos vasos sagrados. Conseqüências para a religião. Por que na criação, só do homem, a mais perfeita das criaturas, Deus não mostrou agrado?

588. Bem vejo que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa fé, e as obras de vossa glória não dependem de nós, nem de ninguém, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazer das pedras filhos de Abraão. Mas também a vossa sabedoria e a experiência de todos os séculos nos tem ensinado que depois de Adão não criastes homens de novo, que vos servis dos que tendes neste mundo, e que nunca admitis os menos bons, senão em falta dos melhores. Assim o fizestes na parábola do banquete. Mandastes chamar os convidados que tínheis escolhido, e porque eles se escusaram e não quiseram vir, então admitistes os cegos e mancos, e os introduzistes em seu lugar: *Caecos et claudos introduc huc*²⁰. Se esta é, Deus meu, a regular disposição de vossa Providência divina, como a vemos agora tão trocada em nós, e tão diferente conosco? Quais foram estes convidados, e quais são estes cegos e mancos? Os convidados somos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nelas nos pusestes a mesa tão franca e abundante, como de vossa grandeza se podia esperar. Os cegos e mancos são os luteranos e os calvinistas, cegos sem fé e mancos sem obras, na reprovação das quais consiste o principal erro da sua heresia. Pois, se nós, que somos os convidados, não nos escusamos nem duvidamos de vir, antes rompemos por muitos inconvenientes, em que pudéramos duvidar, se viemos e nos assentamos à mesa, como nos excluí agora, e lançais fora dela, e introduzis violentamente os cegos e mancos, e dais os nossos lugares ao herege? Quando em tudo o mais foram eles tão bons como nós, ou nós tão maus como eles, por que nos não há de valer pelo menos o privilégio e prerrogativa da fé? Em tudo parece, Senhor, que trocáis os estilos de vossa Providência e mudais as leis de vossa justiça conosco.

589. Aquelas dez virgens do nosso Evangelho, todas se renderam ao sono, todas adormeceram, todas foram iguais no mesmo descuido: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt*²¹. E, contudo, a cinco delas passou-lhes o esposo por este defeito, e só porque conservaram as lâmpadas acesas, mereceram entrar às bodas, de que as outras foram excluídas. Se assim é, Senhor meu, se assim o julgastes então — que vós sois aquele esposo divino — por que não nos vale a nós também conservar as lâmpadas da fé acesas, que no herege estão tão apagadas e tão mortas? É possível que haveis de abrir as portas a quem traz as lâmpadas apagadas, e que as haveis de fechar a quem as tem acesas? Reparai, Senhor, que não é autoridade do vosso divino tribunal, que saíam dele no mesmo çaso duas sentenças tão encontradas. Se às que deixaram apagar as lâmpadas se disse: *Nescio vos*²², se para elas se fecharam as portas: *Clausa est janua*²³, quem merece ouvir de vossa boca um *nescio vos* tremendo, senão o herege que vos não conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos, senão ao herege, que os tem tão

cegos? Mas eu vejo que nem esta cegueira, nem este desconhecimento, tão merecedores de vosso rigor, lhes retarda o progresso de suas fortunas, antes a passo largo se vêm chegando a nós suas armas vitoriosas, e cedo nos baterão às portas desta vossa cidade. Desta vossa cidade, disse, mas não sei se o nome do Salvador, com que a honrastes, a salvará e defenderá, como já outra vez não defendeu; nem sei se estas nossas deprecações, posto que tão repetidas e continuadas, acharão acesso a vosso conspecto divino, pois há tantos anos que está bradando ao céu a nossa justa dor, sem vossa demência dar ouvidos a nossos clamores.

590. Se acaso for assim — o que vós não permitais — e está determinado em vosso secreto juízo, que entrem os hereges na Bahia, o que só vos represento humildemente, e muito deveras, é que, antes da execução da sentença, repareis bem. Senhor, no que vos pode suceder depois, e que o consulteis com vosso coração enquanto é tempo, porque melhor será arrepende agora, que quando o mal passado não tenha remédio. Bem estais na intenção e alusão com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Também antes do dilúvio estáveis vós mui colérico e irado contra os homens, e por mais que Noé orava em todos aqueles cem anos, nunca houve remédio para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se enfim as cataratas do céu, cresceu o mar até os cumes dos montes, alagou-se o mundo todo: já estaria satisfeita vossa justiça, senão quando ao terceiro dia começaram a boiar os corpos mortos, e a surgir e aparecer em multidão infinita aquelas figuras pálidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragédia que nunca viram os anjos, que homens que a vissem, não os havia. Vistes vós também — como se o vísseis de novo — aquele lastimosíssimo espetáculo, e posto que não chorastes, porque ainda não tínheis olhos capazes de lágrimas, enterneceram-se porém as entranhas de vossa divindade, com tão intrínseca dor: *Tactus dolore cordis intrinsecus*^{2 4}, que do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes do que tínheis feito ao mundo, e foi tão inteira a vossa contrição, que não só tivestes pesar do passado, senão propósito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultra maledicam terrae propter homines*^{2 5}. Este sois, Senhor, este sois; e pois sois este, não vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer agora valentias contra ele, se o seu sentimento e o vosso as há de pagar depois? Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimento à vossa bondade, vede o que fazeis antes que o façais; não vos aconteça outra. E para que o vejais com cores humanas, que já vos não são estranhas, dai-me licença que eu vos represente primeiro ao vivo as lástimas e misérias deste futuro dilúvio, e se esta representação vos não enternecer, e tiverdes entranhas para o ver sem grande dor, executai-o embora.

591. Finjamos pois — o que até fingido e imaginado faz horror, finjamos que vem a Bahia e o resto do Brasil a mãos dos holandeses: que é o que há de suceder em tal caso? Entrarão por esta cidade com fúria de vencedores e de hereges; não perdoarão a estado, a sexo nem a idade; com os fios dos mesmos alfanjes medirão a todos. Chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro à sua modéstia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito às suas cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortesia à sua qualidade; chorarão os religiosos e veneráveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem; chorarão, finalmente, todos, e entre todos mais lastimosamente os inocentes, porque nem a estes perdoará — como em outras ocasiões não perdoou — a desumanidade herética. Sei eu, Senhor, que só por amor dos inocentes dissestes vós alguma hora que não era bem castigar a Nínive. Mas não sei que tempos nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma inocência vos não abranda. Pois também a vós, Senhor, vos há de alcançar parte do castigo — que é o que mais sente a piedade cristã — também a vós há de chegar.

592. Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras; arrebatarão esta custódia em que agora estais adorado dos anjos; tomarão os cálices e vasos sagrados, e aplicá-los-ão a suas nefandas embriaguezes. Derrubarão dos altares os vultos e estátuas dos santos, deformá-las-ão a cutiladas, e metê-las-ão no fogo, e não perdoarão as mãos furiosas e sacrílegas nem as imagens tremendas de Cristo crucificado, nem as da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consentir semelhantes agravos e afrontas nas vossas imagens, pois já as permitistes em vosso sacratíssimo corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de vossa Santíssima Mãe, não sei como isto pode estar com a piedade e amor de Filho. No Monte Calvário esteve esta Senhora sempre ao pé da cruz, e com serem aqueles algozes tão descorteses e cruéis, nenhum se atreveu a lhe tocar nem a lhe perder o respeito. Assim foi e assim havia de ser, porque assim o tínheis vós prometido pelo profeta: *Flagellum non apropinquabit tabernaculo tuo*^{2 6}. Pois, Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decoro de vossa Mãe, como consentis agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digais, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem somente da mesma Virgem era a Arca do Testamento, e só porque Oza a quis tocar, lhe tirastes a vida. Pois, se então havia tanto rigor para quem ofendia a imagem de Maria, por que o não há também agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos às coisas sagradas, para uma severíssima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se a Jeroboão, porque levantou a mão para um profeta, se lhe secou logo o braço milagrosamente, como aos hereges, depois de se atreverem a afrontar vossos santos, lhes ficam ainda braços para outros delitos? Se a Baltasar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino, por que vivem os hereges, que convertem vossos cálices a usos profanos? Já não há três dedos que escrevam sentença de morte contra sacrílegos?

593. Enfim, Senhor, despojados assim os templos, e derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica, acabar-se-á o culto divino, nascerá erva nas igrejas como nos campos, não haverá quem entre nelas. Passará um dia de Natal, e não haverá memória de vosso nascimento; passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída: *Viae Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem*^{2 7}. Ver-se-ão ermas e solitárias, e que as não pisa a devoção dos fiéis, como costumava

em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam; morrerão os católicos sem confissão nem sacramentos; pregar-se-ão heresias nestes mesmos púlpitos, e, em lugar de São Jerônimo e Santo Agostinho, ouvir-se-ão e alegar-se-ão neles os infames nomes de Calvino e Lutero; beberão a falsa doutrina os inocentes que ficarem, relíquias dos portugueses, e chegaremos a estado, que, se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: — Menino, de que seita sois? — um responderá: — Eu sou calvinista — outro: Eu sou luterano. — Pois isto se há de sofrer, Deus meu? Quando quisestes entregar vossas ovelhas a São Pedro, examinaste-lo três vezes se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me* (Jo. 21, 15 s)? E agora as entregais desta maneira, não a pastores, senão aos lobos? Sois o mesmo, ou sois outro? Aos hereges o vosso rebanho? Aos hereges as almas? Como tenho dito e nomeei almas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver tais lástimas e tais estragos. E se assim é — que assim o estão prometendo vossas entranhas piedosíssimas — se é que há de haver dor, se é que há de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora, que não é justo vos contente antes o de que vos há de pesar em algum tempo.

594. Muito honrastes, Senhor, ao homem na criação do mundo, formando-o com vossas próprias mãos, informando-o e animando-o com vosso próprio alento, e imprimindo nele o caráter de vossa imagem e semelhança. Mas parece que logo, desde aquele mesmo dia, vos não contentastes dele, porque de todas as outras coisas que criastes, diz a Escritura que vos pareceram bem: *Vidit Deus quod esset bonum*²⁸ — e só do homem o não diz. Na admiração desta misteriosa reticência andou desde então suspenso e vacilando o juízo humano, não podendo penetrar qual fosse a causa por que, agradando-vos com tão pública demonstração todas as vossas obras, só do homem, que era a mais perfeita de todas, não mostrásseis agrado. Finalmente, passados mais de mil e setecentos anos, a mesma Escritura, que tinha calado aquele mistério, nos declarou que vós estáveis arrependido de ter criado o homem: *Poenituit eum quod hominem fecisset in terra*²⁹ — e que vós mesmo dissestes que vos pesava: *Poenitet me fecisse eos*³⁰ — e então ficou patente e manifesto a todos o segredo que tantos tempos tínheis ocultado. E vós, Senhor, dizeis que vos pesa e que estais arrependido de ter criado o homem, pois essa é a causa por que logo, desde o princípio de sua criação vos não agradastes dele nem quisestes que se dissesse que vos parecera bem, julgando, como era razão, por coisa muito alheia de vossa Sabedoria e Providência, que em nenhum tempo vos agradasse nem parecesse bem aquilo de que depois vos havíeis de arrepender e ter pesar de ter feito: *Poenitet me fecisse*. Sendo, pois, esta a condição verdadeiramente divina, e a altíssima razão de estado de vossa Providência, não haver jamais agrado do que há de haver arrependimento, e sendo também certo, nas piedosíssimas entranhas de vossa misericórdia, que se permitirdes agora as lástimas, as misérias, os estragos que tenho representado, é força que vos há de pesar depois e vos haveis de arrepender, arrependei-vos, misericordioso Deus, enquanto estamos em tempo, ponde em nós os olhos de vossa piedade, ide à mão à vossa irritada justiça, quebre vosso amor as setas de vossa ira, e não permitais tantos danos, e tão irreparáveis. Isto é o que vos pedem, tantas vezes prostradas diante de vosso divino acatamento, estas almas tão fielmente católicas, em nome seu e de todas as deste estado. E não vos fazem esta humilde depreciação pelas perdas temporais, de que cedem, e as podeis executar neles por outras vias, mas pela perda espiritual eterna de tantas almas, pelas injúrias de vossos templos e altares, pela exterminação do sacrossanto sacrifício de vosso Corpo e Sangue, e pela ausência insofrível, pela ausência e saudades desse Santíssimo Sacramento, que não sabemos quanto tempo teremos presente.

§V

O castigo dos pecados e a honra e crédito do nome de Deus. Importa à mesma grandeza da misericórdia divina que os pecados sejam grandes, e à mesma multidão das misericórdias, que sejam muitos. Pede razão Jó a Deus do castigo de seus pecados, por ter dado a Deus ocasião de perdoar. A justiça divina também não pode ultrapassar os limites impostos por ela mesma à ira humana. Que dirá o céu e o mesmo sol de tanto rigor divino? Por que manda Josué, que o sol se cale?
Oração final

595. Chegado a este ponto, de que não sei, nem se pode passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizéreis assim facilmente, e vos deixaríeis persuadir e convencer destas nossas razões, senão que está clamando, por outra parte, vossa divina justiça, e, com o sois igualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os pecados do Brasil tantos e tão grandes. Confesso, Deus meu, que assim é, e todos confessamos que somos grandíssimos pecadores. Mas tão longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes estes mesmos pecados, muitos e grandes, são um novo e poderoso motivo, dado por vós mesmo, para mais convencer vossa bondade.

596. A maior força dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento até agora, que no crédito, na honra e na glória de vosso santíssimo nome: *Propter nomen tuum*. E que motivo posso eu oferecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os nossos pecados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim* (Sl. 24, 11): Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo — dizia Davi — que me haveis de perdoar meus pecados, porque não são quaisquer pecados, senão muitos e grandes: *Multum est enim*. — Oh! motivo digno só do peito de Deus! Oh! conseqüência, que só na suma bondade pode ser forçosa! De maneira que, para lhe serem perdoados seus pecados, alegou um pecador a Deus, que são muitos e grandes? Sim, e não por amor do pecador, nem por amor dos pecados, senão por amor da honra e

glória do mesmo Deus, a qual, quanto mais e maiores são os pecados que perdoa, tanto maior é, e mais engrandece e exalta seu santíssimo nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim*. O mesmo Davi distingue na misericórdia de Deus grandeza e multidão; a grandeza: *Secundum magnam misericordiam tuam*; a multidão: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum*³¹. E como a grandeza da misericórdia divina é imensa, e a multidão de suas misericórdias infinitas, e o imenso não se pode medir, nem o infinito contar, para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada matéria de glória, importa à mesma grandeza da misericórdia que os pecados sejam grandes, e à mesma multidão das misericórdias que sejam muitos: *Multum est enim*. Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render à razão de serem muitos e grandes nossos pecados. E razão tenho também de instar em vos pedir a razão por que não desistis de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae*³²?

597. Esta mesma razão vos pediu Jó, quando disse: *Cur non tollis peccatum meum, et quare non aufers iniquitatem meam*³³? E posto que não faltou um grande intérprete de vossas Escrituras que argüísse por vossa parte, enfim se deu por vencido, e confessou que tinha razão Jó em vo-la pedir: *Criminis in loco Deo impingis, quod ejus, qui deli quit, non miseretur?* — diz São Cirilo Alexandrino. Basta, Jó, que criminais e acusais a Deus de que castiga vossos pecados? Nas mesmas palavras confessais que cometestes pecados e maldades, e com as mesmas palavras pedis razão a Deus porque as castiga? Isto é dar a razão, e mais pedi-la. Os pecados e maldades, que não ocultais, são a razão do castigo: pois, se dais a razão, por que a pedis? Porque ainda que Deus, para castigar os pecados, tem a razão de sua justiça, para os perdoar e desistir do castigo, tem outra razão maior, que é a da sua glória: *Qui enim misereri consuevit, et non vulgarem in eo gloriam habei, obquam causam mei non miseretur?* Pede razão Jó a Deus, e tem muita razão de a pedir — responde por ele o mesmo santo que o argüiu — porque se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar a glória que adquire em perdoar pecados, que razão tem, ou pode dar bastante, de os não perdoar? O mesmo Jó tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes, com energia para Deus muito forte: *Peccavi, quid faciam tibi*³⁴? Como se dissera: — Se eu fiz, Senhor, como homem em pecar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em me perdoar? — Ainda disse e quis dizer mais: *Peccavi, quid faciam tibi?* Pequei, que mais vos posso fazer? — E que fizestes vós, Jó, a Deus em pecar? — Não lhe fiz pouco, porque lhe dei ocasião a me perdoar, e, perdoando-me, ganhar muita glória. Eu dever-lhe-ei a ele, como a causa, a graça que me fizer, e ele dever-me-á a mim, como a ocasião, a glória que alcançar.

598. E se é assim, Senhor, sem licença nem encarecimento, se é assim, misericordioso Deus, que em perdoar pecados se aumenta a vossa glória, que é o fim de todas vossas ações, não digais que nos não perdoais porque são muitos e grandes os nossos pecados, que antes, porque são muitos e grandes, deveis dar essa grande glória à grandeza e multidão de vossas misericórdias. Perdoando-nos e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de vossa majestade, e não castigando-nos, em que mais se abate vosso poder, do que se acredita. Vede-o neste último castigo, em que, contra toda a esperança do mundo e de tempo, fizestes que se derrotasse a nossa armada, a maior que nunca passou a equinocial. Pudestes, Senhor, derrotá-la, e que grande glória foi de vossa onipotência poder o que pode o vento? *Contra folium, quod vento rapitur; ostendis potentiam*³⁵. Desplantar uma nação, como nos ides desplantando, e plantar outra, também é poder que vós cometestes a um homenzinho de Anatot: *Ecce constitui te super gentes et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipas, et aedificas, et plantes*³⁶. O em que se manifesta a majestade, a grandeza e a glória de vossa infinita onipotência, é em perdoar e usar de misericórdia: *Qui omnipotentiam tuam, parcendo maxime, et miserando, manifestas*. Em castigar, venceis-nos a nós, que somos criaturas fracas, mas em perdoar, venceis-vos a vós mesmo, que sois todo-poderoso e infinito. Só esta vitória é digna de vós, porque só vossa justiça pode pelejar com armas iguais contra vossa misericórdia; e, sendo infinito o vencido, infinita fica a glória do vencedor. Perdoai, pois, benigníssimo Senhor, por esta grande glória vossa: *Propter magnam gloriam tuam*: Perdoai por esta glória imensa de vosso santíssimo nome: *Propter nomen tuum*.

599. E se acaso ainda reclama vossa divina justiça, por certo não já misericordioso, senão justíssimo Deus, que também a mesma justiça se pudera dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos anos. Não sois vós, enquanto justo, aquele justo juiz de quem canta o vosso profeta: *Deus, judex justus, fortis et patiens, nunquid irascitur per singulos dies*³⁷? Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias, nem de muitos, por que se não dará por satisfeita com rigores de anos, e tantos anos? Sei eu, legislador supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa santíssima lei que não passe de um dia, e que, antes de se pôr o sol, tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram*³⁸. Pois, se da fraqueza humana, e tão sensitiva, espera tal moderação nos agravos vossa mesma lei, e lhe manda que perdoe e se aplaque em termo tão breve e tão preciso, vós que sois Deus infinito, e tendes um coração tão dilatado como vossa mesma imensidade, e em matéria de perdão vos propondes aos homens por exemplo, como é possível que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos anos, e que se ponha e torne a nascer o sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembainhada e correndo sangue a espada de vossa vingança? Sol de justiça, cuidei eu que vos chamavam as Escrituras (Mal. 4,2), porque, ainda quando mais feroso e ardente, dentro do breve espaço de doze horas passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim este sol material que nos alumia e rodeia, pois há tantos dias e tantos anos que, passando duas vezes sobre nós de um trópico a outro, sempre vos vê irado.

600. Já vos não alego, Senhor, com o que dirá a terra e os homens, mas com o que dirá o céu e o mesmo sol. Quando Josué mandou parar o sol, as palavras da língua hebraica em que lhe falou foram não que parasse, senão que se calasse: *Sol, tace contra Gabaon*³⁹. Calar mandou ao sol o valente capitão, porque aqueles resplendores amortecidos, com que se ia

sepultar no ocaso, eram umas línguas mudas, com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente vingativo; eram umas vozes altíssimas, com que desde o céu lhe lembrava a lei de Deus, e lhe pregava que não podia continuar a vingança, pois ele se ia meter no Ocidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram*. E se Deus, como autor da mesma lei, ordenou que o sol parasse, e aquele dia — o maior que viu o mundo — excedesse os termos da natureza por muitas horas, e fosse o maior, foi para que, concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem por outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o gabaonita, pois é justo castigá-lo, mas esteja o sol parado até que se acabe o castigo, para que a ira, posto que justa, do vencedor, não passe os limites de um dia. Pois, se este é, Senhor, o termo prescrito de vossa lei, se fazeis milagres, e tais milagres, para que ela se conserve inteira, e se Josué manda calar e emudecer o sol, por que se não queixe e dê vozes contra a continuação de sua ira, que quereis que diga o mesmo sol não parado nem emudecido? Que quereis que diga a lua e as estrelas, já cansadas de ver nossas misérias? Que quereis que digam todos esses céus criados, não para apregoar vossas justiças, senão para cantar vossas glórias: *Caeli enarrant gloriam Dei*¹⁰?

601. Finalmente, benigníssimo Jesus, verdadeiro Josué e verdadeiro sol, seja o epílogo e conclusão de todas as nossas razões o vosso mesmo nome: *Propter nomen tuum*. Se o sol estranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda calar o sol por que lhos não estranhe, como pode estranhar vossa divina justiça que useis conosco de misericórdia, depois da execução de tantos e tão rigorosos castigos, continuados não por um dia ou muitos dias de doze horas, senão por tantos e tão compridos anos, que cedo serão doze? Se sois Jesus, que quer dizer Salvador, sede Jesus e sede Salvador nosso. Se sois sol, e sol de justiça, antes que se ponha o deste dia, deponde os rigores da vossa. Deixai já o signo rigoroso de Leão, e dai um passo ao signo de Virgem, signo propício e benéfico. Recebei influências humanas de quem recebestes a humanidade. Perdoai-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santíssima. Perdoai-nos por seus rogos, ou perdoai-nos por seus impérios, que se como criatura vos pede por nós o perdão, como Mãe vos pode mandar, e vos manda que nos perdoeis. Perdoai-nos, enfim, para que a vosso exemplo perdoemos, e perdoai-nos também a exemplo nosso, que todos, desde esta hora, perdoamos a todos por vosso amor: *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris*. Amen¹¹.

SERMÃO DE SANTA TERESA E DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

NA IGREJA DA ENCARNACÃO, DE LISBOA
CONCORRENDO ESTAS DUAS FESTAS NA DOMINGA 19 POST
PENTECOSTEM, ANO 1644

*Simile factum est regnum caelorum homini regi, qui fecit nuptias filio suo. Et misit servos suos vocare invitatos*¹.

*Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus*².

*Simile est regnum caelorum decem virginibus, quae accipientes lampadas suas exierunt obviam sponso et sponsae*³.

§I

Os três Evangelhos do dia: o da Dominga, o do Diviníssimo Sacramento e o do comum das Virgens. O Evangelho da Dominga, narrando a parábola do banquete e dos desposórios do príncipe, nem nos desposórios diz quem foi a esposa, nem no banquete declara quais fossem as iguarias, o que o autor encontra nos dois outros Evangelhos. Tema: os maiores favores que Cristo fez a Santa Teresa são os mesmos que faz no Sacramento aos que dignamente comungam.

602. Em um dia em que se nos propõem três Evangelhos, não é muito que preguemos sobre três temas. O primeiro Evangelho é da Dominga corrente, que canta hoje a Igreja universal. O segundo é do Diviníssimo Sacramento, pela devoção particular desta casa. O terceiro é o comum das Virgens, em memória da gloriosa Virgem, mãe de tantas e tão santas, a Santa Madre Teresa de Jesus, cuja solenidade também concorre e se celebra aqui hoje.

603. Começando pois pelo primeiro Evangelho — que, como mais universal e mais próprio deste dia, é bem que seja o que nos abra o caminho, e dê fundamento a tudo — diz nele e ensina em parábola o divino Mestre que o reino do céu é semelhante a um homem rei: *Simile factum est regnum caelorum homini regi* (Mt. 22, 2). Não há duas coisas tão parecidas no mundo como o rei e o reino. Os reis são os espelhos a que se compõem os vassallos, e tais serão as ações do reino, quais forem as inclinações do rei⁴. Não fala Cristo de qualquer reino, nem de qualquer rei, senão do reino do céu, e de um rei homem, porque se o rei for humano será o reino bem-aventurado, e se o rei for homem tão seguro estará o reino da terra como o do céu. Este rei, diz o Senhor que celebrou com grandes festas o casamento do príncipe seu filho: *Qui fecit nuptias*

filio suo, e nisto mostrou também que era rei homem, porque não descuidar da sucessão é reconhecer a mortalidade. Chegando o dia das bodas, mandou alguns criados que fossem chamar os convidados para o banquete, e diz o texto sagrado uma coisa que parece incrível, e é que eles não quiseram vir: *Et nolebant venire* (Mt 22,3). Se o rei os chamara para a guerra, escusa tinha a ingratidão na fraqueza e temor natural; mas para as bodas e para o banquete, não virem? Mais abaixo diz o mesmo Evangelho que mandou o rei os seus soldados, e foram; agora chamou os seus convidados, e não vieram. Eu lhes perdô a descortesia pelo exemplo. Se os vassallos não de faltar ao príncipe, antes seja na mesa que na campanha. Vendo o rei que os convidados não queriam vir, mandou segundo recado, mas por outros criados, e não pelos mesmos: *Misit alios servos* (Ibid. 4). Não é nova razão de estado nos reis, para melhorar vontades, mudar ministros. Mas a razão que aqui teve o rei, a meu ver, foi ainda mais fácil e mais achada. Mandou a segunda vez outros criados, porque é bem que se reparta o trabalho, e que vão todos. Se os segundos descansaram enquanto foram os primeiros, bem é que descansem os primeiros, e que vão agora os segundos. Assim que, mudar o rei os criados não é condenar os talentos: é repartir os trabalhos. Se os primeiros tiveram ruim sucesso, não o tiveram melhor os segundos, que nem sempre com a mudança se consegue a melhoria. Os primeiros acharam más vontades: *Nolebant venire*; os segundos experimentaram más obras: *Occiderunt eos*⁵. Quer dizer que foram tão descomedidos alguns dos convidados que não só afrontaram de palavra aos criados do rei, mas chegaram a lhes pôr as mãos e tirar as vidas. Há maior ingratidão? Há maior descortesia? Há maior atrevimento de vassallos? Que faria o rei neste caso? Diz o texto que mandou logo seus exércitos a executar um exemplar castigo; não só nas pessoas ou corpos dos rebeldes, senão na mesma cidade onde viviam, da qual não ficaram mais que as cinzas, para memória ou esquecimento eterno de tal ousadia. Assim o fez o rei, e assim o hão de fazer os reis. Quem hoje se atreveu ao criado, amanhã se atreverá ao senhor. Ocupou os seus exércitos em arrasar as cidades próprias, quando parece que fora mais conveniente conquistar as alheias, porque não são tão danosas as hostilidades dos inimigos, como os atrevimentos nos vassallos. Melhor é ter menos cidades, e mais obedientes. Por isso lhe chamou o Evangelho cidade sua, deles, e não do rei: *Civitatem illorum* (Mt. 22, 7). Cidade que se atreve contra os ministros do rei, não é cidade do rei, é cidade livre, e liberdades não as hão de sofrer as coroas. Se os criados ofenderam aos convidados, queixem-se, que para isso tem o rei ouvidos; mas presumir violências e executá-las? Não há, nem é bem que haja em tal caso sofrimento nos reis, senão ira e fogo: *Iratu est, et civitatem illorum succendit*⁶. Tão rigoroso se mostrou no exterior como rei, mas como homem, lá por dentro lhe ficou a dor e o sentimento: *Perdidit homicidas illos*⁷. Notai os termos. A palavra *perdidit* quer dizer matar e perder, porque de tal maneira castigava, que considerava o que perdia. Matar um homicida é perder um homem: *Perdidit homicidas illos*. Executado assim, ou mandado executar, o castigo, voltou-se o rei para os criados, e disse-lhes: *Qui invitati erant, non fuerunt digni* (Ibid. 2): Os que foram convidados não eram dignos. — Pois agora, Senhor? Não fora melhor conhecê-los antes de os convidar, que convidá-los antes de os conhecer? Eis aqui o maior mal e a maior consolação que tem o mundo. Serem os indignos os convidados é o maior mal; serem os beneméritos os excluídos é a maior consolação. Vendo o rei que não queriam vir os que convidara, tornou-se aos que tinha enfeitado, e foram eles tão honrados, que todos vieram. Não introduziria Cristo na sua parábola esta diferença, se não fora o que nas suas eleições costumam experimentar os príncipes. Os seus escolhidos são aqueles que na ocasião não querem vir, e os seus enfeitados os que na ocasião vêm todos. Chamaram os criados, diz o texto, todos os que acharam pelas ruas: *Et impletae sunt nuptiae discumbentium* (Ibid. 10): E ficaram cheias as mesas. — Quantos andam desfavorecidos por essas ruas, que haviam de encher muito bem o seu lugar, se os chamaram? Enfim o rei entrou na sala onde comiam os convidados, e foi esta a melhor iguaria que veio à mesa: os olhos do rei. Viu um, entre os demais, que não estava vestido de gala, e não só o mandou lançar fora, mas que, atado de pés e mãos, o metessem no cárcere mais escuro. Tão grande delito é não festejar o que os príncipes festejam. Mas, dado que este não fizesse o que devia, o que eu muito pondero é que de todos os convidados nenhum foi bom, e de todos os excluídos só um foi mau. Antes de entrarem às bodas eram bons e maus: *Congregaverunt omnes quos invenerunt, malos et bonos*⁸. E depois de entrarem, tirando um, todos foram bons, porque a melhor arte de fazer bons é admiti-los: o desprezo a ninguém melhorou; a honra a muitos.

604. Esta é a parábola do Evangelho, tão parecida com a história dos nossos tempos, que por isso lhe ajuntei doutrina não imprópria deles. Vindo, porém, ao intento da nossa festa, ou festas, duas coisas acho menos neste Evangelho. Falados desposórios do príncipe e do banquete do rei, mas nem nos desposórios nos diz quem foi a esposa, nem no banquete nos declara quais fossem as iguarias. Por isso tomei de socorro os outros dois Evangelhos. O Evangelho das Virgens nos diz que esposa é Santa Teresa: *Exierunt obviam sponso et sponsae*⁹; e Evangelho do Sacramento nos declara que as iguarias são o Corpo e Sangue de Cristo: *Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus*¹⁰. Suposto pois que a santa e o Santíssimo são as duas partes da nossa festa, para que com o mesmo discurso satisfaçamos a ambas as obrigações, será hoje o meu assunto este: que os maiores favores que Cristo fez a Santa Teresa são os mesmos que faz no Sacramento aos que dignamente comungam. Para igualar tamanhas graças é necessário muita graça. *Ave Maria*.

§II

Favores e finezas com que Cristo singularizou Santa Teresa. Os desposórios com Jesus em presença de José e de Maria. Por que no Gênesis Adão e Eva são chamados por um só nome? Por que razão na parábola das virgens quando os esposos saíram ao recebimento se faz menção do esposo e da esposa, e quando entraram às bodas só se nomeia o esposo,

e a esposa não? O que diz a mesma Santa Teresa? O exemplo das três Pessoas divinas. A transformação do Sacramento em quem comunga dignamente.

605. Sendo tão singulares os favores em que o amor de Cristo se extremou com Santa Teresa que, não juntos, mas divididos, apenas se lhes acha paralelo entre os outros santos, maior empenho tomei do que porventura se imagina, quando prometi mostrar que os mesmos recebem invisivelmente de Cristo os que dignamente o recebem no Sacramento. E por que não pareça que fujo à dificuldade de tamanho assunto, antes o quero encarecer e subir de ponto, para mais excitar a nossa devoção e agradecimento, entre todos os favores e finezas com que o amorosíssimo Senhor singularizou esta grande santa — pois não é possível ponderar todos — escolherei os mais notáveis.

606. O primeiro, pois, e mais visível, que se me oferece, é quando o mesmo Cristo, em presença da Virgem Santíssima e de São José deu a mão de Esposo a Teresa. Os desposórios que se fazem com aprovação dos pais são mais qualificados, e para que esta circunstância de gosto não faltasse onde não podia faltar o acerto, desposou-se Jesus com Teresa em presença de José e Maria. E que vieram a *ser* estes desposórios? O mesmo Senhor o disse: — Daqui em diante eu serei todo teu, e tu toda minha. — De sorte que foi uma entrega de ambos os corações total e recíproca, com que não só Teresa ficou Teresa de Jesus, senão também Jesus, Jesus de Teresa. Ainda aquele *de* é supérfluo, porque ser um de outro distingue dois sujeitos, e a união entre Jesus e Teresa foi tão íntima que, passando de união a unidade, já Teresa e Jesus não eram dois e distintos, senão um só e o mesmo. Vejamos isso em um excelente retrato feito pela mão do mesmo Esposo.

607. Criou Deus a Adão e Eva, e diz assim o texto sagrado: *Masculum et feminam creavit eos, et vocavit nomen eorum Adam* (Gên. 5,2): Fê-los Deus homem e mulher, e deu por nome a ambos Adão. — Pois, se Adão e Eva eram duas criaturas e dois sujeitos distintos: *Masculum et feminam creavit eos* — por que lhes não deu Deus dois nomes também distintos, senão um só e o mesmo, e não outro, senão o de Adão: *Et vocavit nomen eorum Adam?* Porque a Adão e a Eva desposou-os Deus na maior perfeição da natureza; e posto que, por força da criação, eram dois, por virtude do matrimônio ficaram um. Antes que Deus formasse a Eva, não havia mais que Adão; depois que da costa de Adão formou a Eva, dividiu-se Adão, e o que era um só sujeito ficaram dois; mas tanto que Adão deu a mão de esposo a Eva, tornaram esses dois sujeitos a reunir-se, e os que eram dois e distintos ficaram um só e o mesmo. Por isso lhes deu Deus um só nome, e não outro, senão o de Adão: *Et vocavit nomen eorum Adam*. Isto foi o que foi. E o que significava, que era? São Paulo: *Sacramentum hoc magnum est: Ego autem dico in Christo et in Ecclesia*¹. Tudo isto que passou entre Adão e Eva foi um grande mistério, porque na união daquele matrimônio debuxou Deus, como em figura original, o que depois se havia de verificar na Igreja entre os desposórios de Cristo com as almas santas. Que Adão foi logo este, senão Jesus, e que Eva, senão Teresa? Antes deste divino desposório Teresa era Teresa de Jesus, e Teresa e Jesus dois sujeitos com dois nomes distintos; porém, depois que Jesus deu a mão de esposo a Teresa, o nome Teresa de Jesus perdeu a distinção daquele *de*, e ficou Teresa Jesus. A que depois se chamou Sara, chamava-se dantes Sarai, e diminuiu-lhe Deus o nome para lhe acrescentar a dignidade. Assim também a Teresa de Jesus. Tirou-lhe aquele *de*, que distinguia a Jesus de Teresa, e ficou somente Teresa de Jesus, porque, transformado Jesus em Teresa, e Teresa em Jesus, já não eram dois nomes nem dois sujeitos, senão um só e o mesmo. Adão e Eva, Adão; Teresa e Jesus, Jesus. Vamos ao Evangelho.

608. No princípio do Evangelho das Virgens diz o texto que todas dez saíram a receber o esposo e a esposa: *Exierunt obviam sponso et sponsae*. E no fim do mesmo Evangelho diz que as cinco prudentes entraram com o esposo às bodas: *Intraverunt cum eo ad nuptias* (Mt. 25,10). De maneira que, quando saíram, receberam o esposo e a esposa; mas quando entraram só se diz que acompanharam o esposo: *Intraverunt cum eo*. A esposa claro está que não havia de ficar de fora. Pois, se quando as virgens entraram acompanharam a ambos, assim como quando saíram receberam a ambos, por que razão quando saíram ao recebimento se faz menção do esposo e da esposa, e quando entraram às bodas só se nomeia o esposo, e a esposa não: *Intraverunt cum eo ad nuptias?* Excelentemente Santo Hilário: *Sponso tantum obviam proceditur, jam enim erunt ambo unum*. Não há dúvida que entraram às bodas o esposo e mais a esposa; mas esse mesmo esposo e essa mesma esposa, que antes de entrar às bodas tinham sido dois, depois de entrar às bodas já eram um só: *Jam enim erunt ambo unum*. E porque já eram um, e não dois, por isso se fez menção do esposo somente, e não da esposa: *Intraverunt cum eo*. Assim, nem mais nem menos, nos divinos desposórios de Jesus com Teresa, antes de se darem as mãos, Jesus e Teresa distinguiam-se, e eram dois; porém, depois de celebradas as bodas, já ambos eram um só: *Jam ambo erunt unum*; já não havia Teresa e Jesus, senão só Jesus: *Intraverunt cum eo*.

609. Quem nos poderá declarar a força e verdade desta união, senão quem a experimentou em si, a mesma Santa Teresa? Dizia Teresa de si que estava tão individualmente unida com Jesus, seu esposo, que podia dizer com São Paulo: — Vivo eu, já não eu, porque vive em mim Cristo: — Oh! que divina implicação: Eu não eu! Se sois vós, como não sois vós? Sou eu considerada em Cristo; não sou eu considerada em mim. Considerada em Cristo, sou eu, porque Cristo vive em mim e considerada em mim, não sou eu, porque eu vivo em Cristo. Outra vez, falando com o mesmo Cristo, lhe disse: — Senhor, que se me dá a mim de mim sem vós? Porque eu sem vós não sou eu, e de mim que não sou eu, que se me dá a mim? De sorte que estavam tão transformados estes dois corações que, reciprocando as vidas, viviam um no outro, e tão unidos na mesma transformação que, deixando cada um de ser outro, eram um só e o mesmo: *ambo unum*.

610. Da alma santa disse o Esposo divino, que lhe ferira o seu coração, e que lho tirara: que lho ferira: *Vulnerasti cor*

meum^{1 2}, como diz o texto latino; que lho tirara: *Abstulisti mihi cor*, como diz o hebraico. O mesmo sucedeu a Teresa com o seu coração. Apareceu-lhe, estando em êxtase, um serafim com uma seta de ouro afogueada. E que fez? Metendo-lhe a seta no peito, com a ponta feriu-lhe o coração: *Vulnerasti cor meum* — e, tornando a tirar a seta, com as farpas levou-lhe o coração: *Abstulisti mihi cor*. Temos a Teresa sem coração, e, sem coração, como há de viver? Sem coração, como há de amar? Antes, para melhor viver, e para melhor amar, lhe tirou seu Esposo o coração. O coração é o princípio da vida, e onde ambos viviam com a mesma vida sobejava um coração: por isso lho tirou Cristo. E também lho tirou para que melhor amasse, amando-se ambos com um, e não com dois corações. Não há exemplo na terra: no céu sim, e o mais perfeito. O mais perfeito amor que há nem pode haver é o das três Pessoas divinas. Ama o Padre ao Filho, ama o Filho ao Padre, ama o Padre e o Filho ao Espírito Santo, ama o Espírito Santo ao Padre e ao Filho, e, sendo os amantes três, a vontade com que se amam é uma só; e assim como ali há três amantes com uma só vontade, assim cá se amavam os dois com um só coração. Oh! que perfeito! Oh! que divino! Oh! que ditoso modo de amar! Amar com igualdade no amor, porque o mesmo coração é o que ama, e amar sem dúvida na correspondência, porque o mesmo coração é o que corresponde: antes o mesmo amor em unidade recíproca é amor e correspondência juntamente, porque não podiam os amores ser dois, quando os amantes se tinham transformado em um: *Et jam erunt ambo unum*.

611. Não vos parece grande extremo de fineza, não vos parece grande excesso de favor este de Cristo para com Teresa? Pois a mesma fineza usa o mesmo Cristo, e o mesmo favor faz aos que dignamente comungam. No Evangelho do Sacramento temos a prova. Porque, assim como com o Evangelho das Virgens provamos tudo o que temos dito, e provaremos tudo o que dissermos de Cristo em respeito de Santa Teresa, assim com o Evangelho do Sacramento provaremos também quanto houvermos de dizer do mesmo Cristo em respeito de nós e dos que comungam dignamente.

612. *Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus*. A primeira coisa que Cristo Senhor nosso nos certifica neste Evangelho é ser verdadeira comida o seu corpo, e verdadeira bebida o seu sangue. Onde se deve muito notar que não faz a força do que quer persuadir em ser verdadeiramente seu corpo o que se nos dá debaixo das espécies de pão, nem em ser verdadeiramente seu sangue o que se consagra debaixo das espécies do vinho, senão em que esse corpo e esse sangue é verdadeiramente mantimento nosso. E por que razão? Porque é propriedade e natureza geral de todo o mantimento converter-se na substância de quem o come; e como Cristo só neste Sacramento assiste real e presencialmente, e nos outros não, por isso também só neste se nos quis dar em forma de mantimento, para que entendêssemos que o fim de o instituir não só fora para nos comunicar sua graça, como nos outros sacramentos, senão para se unir a si mesmo conosco, e a nós consigo. O mesmo Senhor se declarou e o disse logo: *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo*^{1 3}. Sabeis por que digo que o meu corpo é verdadeira comida, e o meu sangue verdadeira bebida? Porque, assim como o mantimento se converte na substância de quem o come, assim eu me quero transformar em vós, e vós em mim: de modo que vós, comungando, fiqueis em mim, e eu, sendo comungado, em vós: *In me manet, et ego in illo*. E porque nesta união e transformação de dois que somos, se há de fazer um só, este um qual há de ser? Não haveis de ser vós, senão eu — diz o mesmo Cristo. — E assim continua o texto Santo Agostinho: *Nec tu me mutabis in te, sicut cibum carnis tuae, sed tu mutaberis in me*. De sorte que, assim como nos desposórios de Cristo com Teresa, de dois que eram, se transformaram em um só, e este um, depois de transformados, não era principalmente Teresa, senão Cristo que nela vivia: *Vivit vero in me Christus* (Gal. 2,20), assim na transformação do Sacramento, o que dignamente comunga, de tal modo fica unido e identificado com Cristo, que Cristo é o que nele vive.

613. O mesmo Evangelho o diz, e com o mesmo exemplo das Pessoas da Santíssima Trindade, com que declarei a união ou unidade do coração de Cristo com Teresa: *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Pater: et qui manducat me, et ipse vivet propter me* (Jo. 6,58): Assim como eu vivo pela vida de meu Padre, que me mandou ao mundo, assim quem me comunga verdadeiramente não vive pela sua vida, senão pela minha. — Grande caso é que, querendo a sabedoria encarnada declarar o que tinha dito com algum exemplo, não achasse outro mais adequado e mais próprio que o da unidade e vida recíproca que há entre o mesmo Cristo e seu Eterno Padre: *Vivit ergo per Patrem* — comenta Santo Hilário — *et quomodo per Patrem vivit, eodem modo nos per carnem ejus vivemus*: Assim como entre o Padre e o Filho, enquanto Deus, há uma só vida, porque o Padre vive no Filho e o Filho no Padre, e um vive pela vida do outro, assim entre Cristo e o que comunga, posto que sejam dois, a vida é e há de ser uma só, e não outra, senão a do mesmo Cristo: *Et ipse vivet propter me*. Vejam agora os que comungam se a vida que vivem é a sua ou a de Cristo, e daqui julgarão, pelos efeitos, se comungam como devem ou não.

§III

Segundo extraordinário favor concedido a Teresa: as palavras de Cristo: Se eu não tivera criado o céu, só por amor de tio criara. Donde infere São Paulo que foi o primeiro e maior pecador de todos? Por que não introduz o divino Mestre na parábola das virgens nove que fossem néscias, e uma só que fosse prudente? Prova o autor que Santa Teresa foi a grande mulher que São João viu no Apocalipse. Elias, parto singular de Santa Teresa. As alparcas de Teresa. Os lugares da santa no céu interior e exterior. Cristo, no Sacramento faz as mesmas finezas por cada um dos que comungam, porque tanto recebe cada um como todos.

614. O segundo favor, e mais extraordinário ainda, que Santa Teresa recebeu de seu Divino Esposo, foi que entre outras finezas lhe disse estas palavras: — Teresa, se eu não tivera criado o céu, só por amor de ti o criaria. — De nenhum outro santo se lê semelhante favor. Houve-se Cristo com Santa Teresa como Santo Agostinho com Deus, para encarecer o seu amor. Se eu fora Deus, e vós não — diz Agostinho — deixara eu de o ser, para que vós o fosseis. Muito tem de excessivo o amor que para se poder declarar finge suposições impossíveis. Mas isto fez um coração, posto que tão entendido, humano. Porém Cristo, que pode tudo, e com tão singulares e esquisitas demonstrações tinha manifestado a Teresa o seu amor, que invente casos condicionais, e suponha o que já foi, como se não fora, e o que já não podia ser, como se fosse possível, para assim declarar quanto ama? A sabedoria de Cristo é igual à sua onipotência, e a sua onipotência à sua sabedoria; e que o amor do mesmo Cristo signifique a Teresa que sabe mais desejar do que pode fazer, e não diga o que fará por ela, senão o que faria? Ora eu, considerando este caso que supôs Cristo, e um voto que fez Santa Teresa, entendo que se achou Cristo como alcançado, e que se não pôde desempenhar daquele voto senão com esta suposição. O voto que fez Santa Teresa foi de sempre fazer o que fosse melhor; e como a melhor coisa que Deus podia fazer é o céu e a bem-aventurança, que já estava feita, disse que, se não tivera feito o céu, só por amor de Teresa o fizera. Se o amor de Teresa se obriga por mim a fazer sempre o melhor, como posso eu pagar este amor, senão fazendo também o melhor por Teresa? Mas este melhor já está feito? Pois saiba ao menos Teresa de mim que, se não tivera feito o céu, só por amor dela o fizera. E sendo assim que Cristo fez o céu por amor de todos os predestinados, parece que pesa tanto no conceito e estimação do mesmo Cristo o amor de Teresa só, como o de todos os predestinados juntos.

615. Uma das coisas mais notáveis que escreveu São Paulo foi esta: *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere, quorum primus ego sum* (1 Tim. 1,15): Cristo Jesus veio a este mundo salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. — São Paulo não foi o primeiro pecador na antiguidade, porque esse foi Adão; nem foi o primeiro na grandeza e multidão dos pecados, porque houve outros pecadores maiores, e eles mesmo confessa, neste lugar, que pecou por ignorância: *Quia ignorans feci*. Pois donde infere São Paulo que foi o primeiro e maior pecador de todos: *Quorum primus ego sum*? Nas palavras antecedentes está a premissa desta ilação; *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere*: Cristo veio do céu a este mundo para salvar os pecadores, — e o mesmo Cristo veio também do céu a este mundo, para me salvar só a mim. Logo, no conceito e estimação de Cristo, infere Paulo, tanto pesa a graveza dos meus pecados, como os de todo o mundo. A mesma ilação faço eu. Assim como São Paulo, para encarecer a graveza de seus pecados, ponderou que fizera Deus só por ele o que tinha feito por todo o mundo, assim Cristo, para encarecer a grandeza do seu amor, disse que faria por Teresa o que tinha feito por todos os predestinados. E assim como Cristo, só por amor de Paulo desceu do céu, como tinha descido por amor de todo o mundo, assim Cristo, só por amor de Teresa criaria o céu, se por amor de todos os predestinados o não tivera criado. Oh! grande amor! Oh! excessivo encarecimento! Que no conceito de Cristo, que não lisonjeia, pese tanto o amor de Teresa como o de todos! Vamos outra vez ao Evangelho.

616. É semelhante o reino do céu a dez virgens, cinco prudentes e cinco néscias, diz Cristo nesta parábola. E, por ser parábola, faz não pequena dificuldade a igualdade destes números. O autor que faz ou inventa uma parábola, assim como tem liberdade para a dispor e historiar como lhe importa a seu intento, assim tem também obrigação de a deduzir em termos prováveis, e àquilo que é verossímil e costuma acontecer comumente. Suposto isto, parece que não haviam de ser tantas as prudentes como as néscias. Não andara mal governado, nem fora tão louco o mundo, se de cada dez mulheres se pagara o dízimo à prudência. Homens eram aqueles dez leprosos que Cristo sarou, e porque só um lhe veio dar as graças, perguntou onde estavam os nove: *Et novem ubi sunt* (Lc. 17,17)? E se em dez homens se acham nove ingratos, como não seria mais verossímil que em dez mulheres se achassem nove néscias? Não há dúvida que segundo a condição humana este número era o mais próprio, e também segundo o intento de Cristo, que era a consideração dos muitos que se condenam. Pois por que não introduz o divino Mestre nesta parábola nove virgens que fossem néscias, e uma só que fosse prudente? Porque assim como as néscias, que ficaram de fora, significam as almas que se condenam, assim as prudentes, que entraram às bodas, representam as que se salvam e vão ao céu. E no caso em que se introduzisse uma só prudente, não era nem podia ser verossímil que Cristo fizesse o céu para uma só. Por isso, fazendo a história menos verossímil, para que fosse mais verossímil a significação, não introduziu nela uma só prudente, senão muitas: *Et quinque prudentes* (ML 25,2). Não sendo porém verossímil, ainda na ficção de uma parábola, que Cristo houvesse de criar o céu para uma só alma, era tal a alma de Teresa, e tal o extremo com que o mesmo Senhor a amava, que, no caso e suposição em que não tivesse criado o céu, é verdade certa e infalível que só por amor dela o criaria. E se quereis ver pintada esta mesma figura retórica do amor de Cristo, vamos ao Apocalipse.

617. Viu São João aquela misteriosa mulher tão celebrada, a quem coroavam as estrelas, vestia o sol e calçava a lua. E conforme a exposição de São Boaventura, Ruperto, Vitorino, Hugo, Alberto Magno e outros, os quais entendem por esta mulher uma alma superiormente alumada por Deus e adornada de celestiais virtudes, a que alma se pode aplicar com maior razão esta prodigiosa e admirável figura que à de Santa Teresa, em cujo espírito sublime e elevado depositou a liberalidade divina tantos dotes e prerrogativas de perfeição, como se lê em sua vida, e tantos resplendores de ardentíssima luz, como se admiram e sentem em seus escritos? São Francisco de Borja, sendo um dos examinadores do espírito de Santa Teresa, o primeiro testemunho que deu foi que era *una gran mujer*. Digo pois que Santa Teresa foi a grande mulher que São João viu no Apocalipse, e o provo da mesma visão.

618. Diz o texto que aquela mulher tinha concebido um filho de sexo e valor masculino, o qual havia de governar o mundo com vara de ferro, e ser arrebatado ao céu; e que o parto deste filho lhe custou grandes trabalhos e dores, porque lhe saiu ao encontro um dragão de muitas cabeças coroadas, que o queria tragar. O autor da história profética carmelitana diz que este filho há de ser Elias no fim do mundo; e eu, com bem diferente pensamento e exposição, também reconheço nele a Elias, mas não que há de ser, senão que já foi, e não como filho da Igreja universal, senão como parto singular de Santa Teresa. Ora vede. Que Elias fosse de sexo e valor masculino: *Peperit filium masculum*⁴, bem se viu na resolução e constância de todas suas ações contra grandes e pequenos, e muito mais contra os grandes. Se governou as gentes com vara de ferro, diga-o el-rei Acab, a rainha Jesabel, el-rei Ocosias, os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, que degolou em um dia, as duas companhias de soldados e seus capitães, que queimou com fogo do céu, e o mesmo céu, que teve fechado três anos sem chover, como se fosse de bronze. Finalmente que fosse arrebatado ao céu: *Et raptus est ad Deum et ad thronum*⁵ — assim o viu arrebatado subitamente e desaparecer de seus olhos seu discípulo Eliseu. Tinha, pois, fundado Elias no Monte Carmelo uma religião de tanta severidade, rigor e aspereza, qual era a de seu fundador; tinham-se passado oitocentos anos antes de Cristo, e depois de Cristo mais de mil e quinhentos, em que o tempo e as variedades dele, ou tinham enfraquecido a tolerância, ou moderado a austeridade daquele primitivo instituto, quando Teresa, revestida do espírito dobrado do mesmo Elias, o concebeu dentro em si mesma, não para que ressuscitasse, porque não morrera, mas para que outra vez nascesse, e não só em mulheres, sendo ela mulher, senão também nos homens. Julgou o mundo esta empresa por impossível, e dizia com Nicodemos que Elias era muito velho para tornar ao ventre da mãe e nascer de novo: *Quomodo potest homo nasci cum sit senex? Nunquid potest in ventrem matris suae iterato introire, et renasci*⁶? Porém a santa Madre — que desde então o começou a ser — assim como segunda vez tinha concebido a Elias, assim o pariu segunda vez, e o mostrou ao mundo incrívelmente felizmente renascido: *Peperit filium masculum*.

619. E quantas dores lhe custasse este prodigioso parto e a novidade dele, diz a grandes vozes o mesmo texto: *Clamabat parturiens, et cruciabatur, ut pareret*⁷. Que trabalhos, que contradições, que perseguições, que murmurações, que descréditos e falsos testemunhos padeceu aquele sublime e constante espírito, sendo movedor de todas o dragão infernal, multiplicado, com grande propriedade do mesmo texto, em muitas cabeças, e estas coroadas, porque apenas houve coroa, não só profana, mas sagrada — e ainda muitas regulares — que não impugnasse fortemente, e trabalhasse por abortar este glorioso parto. Enfim venceu Teresa, e para distinção do novo e primitivo instituto, descalçou-se como Elias, e assim apareceu, se bem advertirdes, na mesma figura do céu que a representava. As alparcas de Santa Teresa, como invenção do céu, de tal modo descalçam os pés, que os não deixam tocar a terra. São uma sorte de meio calçado, não para calçar ou cobrir os pés, mas para se trazer debaixo deles. E disto mesmo servia a lua à mulher que viu São João. Dizemos comumente — como eu acima disse — que estava calçada da lua, e não dizemos bem. Se estivera calçada, havia de ter os pés cobertos da lua; mas ela não tinha os pés cobertos da lua, senão a lua debaixo dos pés: *Et luna sub pedibus ejus* (Apc. 12,1). Assim representava a lua as alparcas de Teresa, e assim apareceu Teresa descalça no céu, não já como filha que tinha sido, senão como nova mãe do primitivo Elias: mãe e filha de seu próprio pai, como a Virgem das virgens.

620. Provado pois com todas as propriedades do texto quem fosse a mulher misteriosa que viu São João, o que agora reparo, e muito se deve notar, é que aquela mesma mulher enchia e ocupava todo o céu e todos os céus. Com os pés estava no céu da lua, que é o primeiro; com o corpo passava pelo céu do sol, que é o quarto; com a cabeça chegava ao céu das estrelas, que é o oitavo. Logo, era tão agigantada a sua estatura que desde o primeiro até o último tomava todo o céu. Pois, se a grandeza de cada um dos céus é tão imensa, e a de todos tão incomparavelmente maior, como é possível que uma só mulher a ocupasse toda? Porque aquela mulher, como vimos, era Teresa, e Teresa, em si mesma e na estimação de Cristo, é tão grande, que ela só iguala a todo o céu. Por isso diz, com suposição já não possível mas certa, que se não tivera criado o céu, só para ela o criara. E se não, entremos no mesmo céu empíreo, de que mais propriamente falava Cristo, e veremos que se neste céu exterior, que vemos, ocupava Teresa todos os lugares com a figura, no céu interior, que não vemos, também os ocupa todos com a presença. A natureza humana beatificada tem no céu sete lugares: de patriarcas, de profetas, de apóstolos, de doutores, de mártires, de confessores, de virgens; e em todos tem assento eminente Santa Teresa. No das virgens pela pureza, no dos confessores pela penitência, no dos mártires pelo desejo, no dos doutores, por seus admiráveis escritos, no dos apóstolos pelo seu zelo ardentíssimo da propagação da fé, no dos profetas pelos secretos altíssimos das suas visões, revelações e profecias, e no dos patriarcas, finalmente, com ser mulher, como mãe e fundadora gloriosíssima de uma religião tão ilustre, e lustre das religiões. E se Cristo no céu que se vê, e no céu que se não vê, deu a Teresa todo o céu, vede se o criaria só para ela, no caso em que o não tivera criado? E sendo criado o céu para todos os predestinados, isto é, para todos os que foram, são e serão bem-aventurados na glória, julgai se parece, como eu dizia, que pesou tanto na estimação de Cristo o amor só de Teresa, como o de todos.

621. Grande favor, grande fineza, estais dizendo todos; e mais não sendo encarecimento, senão verdade infalível da boca de Cristo. Pois saiba cada um de nós — ou advirta, como já sabe que esse mesmo favor, e essa mesma fineza faz o mesmo Cristo no Sacramento por cada um dos que comungam. Se Cristo faria por Teresa o que fez por todos os predestinados, no Sacramento não só faria, mas faz por cada um dos que comungam o que fez por todos. Porque, se no Sacramento se dá todo a todos, igualmente se dá todo a cada um. É verdade que o Sacramento foi feito para todos, mas de tal maneira para todos como se se fizera para um só. No Evangelho o temos, e não em uma só parte, senão em todo: *Qui manducat meam*

carnem et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo (Jo. 6,57): Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue está em mim, e eu nele. — Notai que não diz aqueles que comem, senão aquele: *Qui manducat*. Vai por diante o Senhor: *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem, et qui manducat me, et ipse vivet propter me* (Ibid. 58): Assim como meu Padre vive, e eu vivo por ele, assim aquele que me come viverá por mim. — Notai outra vez que não diz aqueles, senão aquele: *Et qui manducat*. Finalmente faz comparação entre o Sacramento e o maná, e dizendo que seus pais, daqueles com quem falava, comeram o maná e morreram: *Patres vestri manducaverunt mana et mortui sunt* (Ibid. 59), aqui parece que por boa consequência, e para mais declarar a contraposição, havia de dizer que aqueles, porém, que comem meu corpo, viverão eternamente; e também aqui não disse aqueles, em plural, senão aquele, em singular: *Qui manducat hunc panem vivet in aeternum*. Qual é pois a razão por que sempre diz aquele, e não aqueles? Por que sempre fala em singular, e não em plural? E por que, sendo o Sacramento instituído para todos, nunca fala de muitos, senão de um só? E notai, para maior admiração, que em todas estas sentenças sempre o Senhor variou a frase, porque a primeira vez disse: Aquele que come a minha carne: *Qui manducat meam carnem*; a segunda: Aquele que come a mim: *Qui manducat me*; a terceira: Aquele que come este pão: *Qui manducat hunc panem*. Pois, se falando do Sacramento, que é carne de Cristo, e todo Cristo, debaixo de espécies de pão, variou sempre a frase, falando dos que comungam, por que não variou nem multiplicou o número, antes persistiu e perseverou sempre na unidade: *Qui manducat, qui manducat, qui manducat*? A razão é porque, ainda que o amor de Cristo, instituindo o Sacramento universalmente para todos, de tal maneira abstraiu e quis que nos abstraíssemos dessa mesma universalidade, como se verdadeiramente fora instituído não para todos, nem para muitos, nem para mais, senão singularmente para um só. E assim é, porque, dando-se Cristo no Sacramento todo a todos, e todo a cada um, de tal modo e com tal amor se dá todo a um, como se amara e estimara tanto a um só como a todos.

622. Ouvi a São Salviano, que é o que mais viva e profundamente ponderou esta singularidade: *Sicut totum ei debent universi, sic totum singuli, quod tantum acceperunt singuli, quantum universi*: No Sacramento tanto devem todos a Cristo, com cada um, porque tanto recebe cada um como todos. — E que se segue daqui? Agora vai o profundo da ponderação: *Ubi enim hoc unus accipit, quod universi, et si par est mensura, major invidia est*: Porque quando um recebe tanto como todos, ainda que a medida é igual, a inveja é maior. — Muitos comentários tenho lido desta cláusula, e muitos sentidos deste enigma de Salviano, mas nenhum que satisfaça, porque, para haver inveja, há de haver desigualdade, e sendo a medida do que se dá igual, como pode haver inveja? Na distribuição do maná nenhum tinha inveja, porque aquela medida, chamada gomor, tão cheia se dava a um como ao outro; logo, se cá também a medida é igual: *par mensura*, como pode ser maior a inveja: *major invidia est*? Porque no maná tanto levava um como o outro, mas não tanto um como todos: porém, no Sacramento, como tanto recebe um como todos, e tanto todos como um, bem pode haver inveja, e grande inveja, não pela desigualdade do Sacramento, onde a não há, senão pela desigualdade de número, que é a maior que pode haver. Quando um só recebe tanto como todos, como não hão de ter inveja todos àquele um? Se no céu pudera haver inveja, e já se soubesse que o céu que Cristo fez por amor de todos os bem-aventurados, o faria só por amor de Teresa, não seria bastante ocasião de inveja esta grande diferença? Pois o mesmo passa no Sacramento. Antes digo que, assim como da arte de todos em respeito de um pode ser inveja, assim da parte de um em respeito de todos poderá ser soberba. Que faça tanto Deus por mim só, como por todos. Ele me tenha de sua mão, para que tamanho favor me não ensoberbeça. Aqui, e neste ponto de tão verdadeira honra, quisera eu que a nossa soberba se esmerasse; mas ela é tão vã e tão vil, que, igualando-nos Deus, na sua estimação, com todos, o mesmo Deus, na nossa estimação, é menos que tudo.

Terceiro favor de Cristo a Santa Teresa: quando lhe disse, falando de Madalena: Eu amei a Madalena estando na terra, porém a ti amo-te estando no céu — distinguindo assim o amor pelo lugar, e a fineza de um pela melhoria de outro. Se Cristo antes de sua morte se agradava e defendia os obséquios da Madalena, como depois da sua ressurreição os não consente? O recado de Cristo ressuscitado. Quando se fizeram néscias as virgens néscias. O estado que Cristo tem no céu e o que tinha na terra. Finezas de Cristo conosco no diviníssimo Sacramento. Por que ao Sacramento chama Davi pão dos anjos?

623. O terceiro favor, e mui singular com que Cristo declarou seu amor a Santa Teresa, foi este. Falava a santa com o Senhor tão familiarmente, como sabemos. E passando uma vez a conversação do presente ao passado, disse-lhe Teresa: — Grande foi, Senhor, o amor com que Vossa Majestade amou à Madalena. — Estas foram as palavras debaixo das quais pudera haver alguma segunda intenção, se não fora Teresa a que as disse. Uma das maiores prerrogativas do amor divino é ser amor sem ciúme. Quem ama a Deus deseja que todos o amem, e que eles ame a todos, e por isso é amor. O humano — a quem falsamente damos este nome — nem admite companhia no amar, nem vantagem no ser amado, e por isso é amor-próprio, ou mais propriamente inveja. Falou pois Teresa sem querer fazer comparação de si à Madalena; mas como se a fizera, e quisera saber de Cristo este segredo do seu coração, respondeu o Senhor assim: — Teresa, eu amei a Madalena estando na terra, porém a ti amo-te estando no céu. — De sorte que distingui o amor pelo lugar, e a fineza de um pela melhoria de outro.

624. Se Cristo fora como os outros homens, achara eu muito fácil inteligência a esta sua resposta, porque o amor está em tal estado que, sendo afeto do coração, depende mais dos lugares que das vontades; e assim é muito maior fineza amar no céu, que amar na terra. As bem-aventuranças são muito desamoráveis, e não há maior inimigo do amor que a felicidade. Provavam antigamente isto os pregadores com o exemplo de José, nas ingratidões do copeiro de Faraó. Mas hoje estão estes desenganos tão provados nas experiências, que não necessitam de fé nem de Escrituras. O certo é que toda a fortuna tem jurisdição no amor: se é adversa, ninguém vos ama; se é próspera, a ninguém amais. É tanto assim que, como coisa nova e singular, disse São Paulo de Cristo: *Qui descendit, ipse est et qui ascendit* (Efs. 4,10): O Senhor que subiu ao céu é o mesmo que desceu à terra. — Porque os outros homens, comumente, quando sobem são uns, quando descem são outros. Por isso há tantos que trabalhem pelos fazer descer. Pois, se Cristo no céu e na terra sempre é o mesmo, como dá por razão de diferença ou de vantagem que à Madalena amou-a quando estava na terra, porém a Teresa quando está no céu? A razão é porque em Cristo, ainda que a mudança do lugar não faz diferença na vontade, a maioria do estado acrescenta grandes quilates ao amor. Na mesma Madalena o temos.

625. Sendo Cristo convidado do fariseu, entrou a Madalena por sua casa, lançou-se aos pés do Senhor, ungiu-lhos, segundo o costume daquele tempo, com preciosos unguentos, regou-os com especiosas lágrimas, enxugou-os com seus cabelos, regalou-os e regalou-se com eles até matar a sede da sua dor e do seu amor. Outra vez depois, e poucos dias antes de sua morte, estando o mesmo Cristo em Betânia, hóspede de Simão, lhe fez a Madalena semelhante regalo, ainda com circunstâncias de maior confiança, porque não derramou os unguentos — que eram de mais estimadas espécies — sobre os pés do Senhor, senão sobre a cabeça: *Super caput ipsius recumbentis*¹⁸. Em uma e outra ocasião, tão fora esteve a soberana benignidade de Cristo de lançar de si a Madalena, ou de estranhar este gênero de obséquio, tão alheio da moderação do seu trato, que publicamente a louvou e a defendeu: a primeira vez contra os pensamentos do fariseu, e a segunda contra as murmurações dos discípulos. Sendo tudo isto assim, ressuscita o mesmo Senhor, aparece à mesma Madalena na manhã da Ressurreição, e querendo ela respirar da sua tristeza, alegrar as suas lágrimas, consolar as suas saudades, e ressuscitar também a sua vida com se lançar e abraçar os sagrados pés onde sua alma a tinha recebido, eis que com novidade e estranheza não esperada, o Senhor a aparta de si, e lhe manda que o não toque: *Noli me tangere*¹⁹. A causa que deu a este retiro — a qual logo ponderaremos — não tira, antes acrescenta a dúvida. Pois, se Cristo, antes de sua morte, em que a Madalena o assistiu tão constantemente, admitia e se agradava dos seus obséquios, como agora depois de sua Ressurreição, os não consente, antes lhe manda que se retire? Porventura merecia agora menos a Madalena? Claro está que não, antes muito mais, porque o amor da vida, que costuma acabar com a morte e enterrar-se com a sepultura, vivo, morto e sepultado, e ainda desaparecido, que é mais, o tinha Cristo experimentado nela sempre constante. Pois, se o amor era o mesmo, as finezas mais declaradas, e o merecimento maior, por que lhe nega Cristo, depois da Ressurreição, o favor que lhe concedia antes da morte? Porque antes da morte, diz São João Crisóstomo, estava Cristo mortal e passível; depois da Ressurreição estava já imortal e glorioso: e como este novo estado era tão diferente, esta era também a diferença com que queria ser tratado. O primeiro estado era o da terra, em que veio a servir; o segundo era já o do céu, em que ia a reinar: e por isso tratava e queria ser tratado da Madalena, não segundo a familiaridade de quando vivia na terra, senão conforme a majestade com que ia a reinar no céu. O mesmo Cristo deu à Madalena esta razão.

626. Quando o Senhor lhe disse: *Noli me tangere*, acrescentou: *Nondum enim ascendi ad Patrem: vade autem ad fratres meos, et dic eis: Ascendo ad Patrem meum et Patrem vestrum* (Jo. 20,17). Quer dizer: posto que me vês na terra, e ainda não subi ao céu, digo-te contudo que me não toques, porque daqui por diante hás-me de tratar como se já estivera no

céu, e não na terra. E assim vai dizer a meus discípulos que subo ao Padre: *Dic eis: Ascendo ad Patrem meum*. Notável recado em tal dia! O dia era da Ressurreição, e o recado é da Ascensão. Parece que o recado havia de ser: — Dize a meus discípulos que ressuscitei, que já te apareci, que me viste, que estou vivo. Mas que subo ao céu: *Ascendo ad Patrem?* — e não que subirei, ou que hei de subir, senão que já subo: *Ascendo?* Sim, para que entendessem os apóstolos que o novo estado a que ressuscitara era muito diverso do passado, e que já o não haviam de tratar como companheiro na terra, senão como Senhor no céu. E isto que mandava dizer aos apóstolos era o mesmo que respondia à Madalena, para que do recado que levava entendesse a razão do que lhe proibira; e assim o entendeu. Tornou Cristo a aparecer à Madalena e às outras Marias no mesmo dia, e que fizeram? *Tenuerunt pedes ejus, et adoraverunt eum* (Mt. 28,9): Lançaram-se aos pés do Senhor, e adoraram-no. — Pois, se Cristo permitiu estes segundos obséquios, em que também entrava a Madalena, por que lhe não consentiu os primeiros? Porque os primeiros eram de amor e familiaridade, os segundos eram só de respeito e reverência; aqueles eram abraços, estes eram adorações: *Et adoraverunt eum*. Tanta era a majestade com que o Senhor agora se tratava, e tanta a veneração com que queria ser tratado, não porque não fosse ainda o mesmo, mas porque o seu estado não era já da terra, senão do céu. E se para não admitir os afetos da Madalena, com as demonstrações de favor e agrado que dantes costumava, bastou dizer que já subia ao Padre, vede se distinguiu e encareceu altamente a preferência do seu amor na diferença do seu estado, pois amando a Madalena e amando a Teresa, à Madalena diz que a amou quando estava na terra, e a Teresa que a amava estando no céu. Venha terceira vez o Evangelho.

627. As virgens néscias não se fizeram néscias naquelas poucas horas em que esperaram a vinda do esposo. É verdade que quando lhes disseram que já vinha, bastantes razões tiveram para perder o juízo, pois se viram com as lâmpadas apagadas na ocasião de maior luzimento, e experimentaram tão más correspondências nas companheiras, de cuja amizade esperavam outros primores. Mas antes de tudo isto, quando foram admitidas para o aparato daquela solenidade, já então diz o Evangelho que eram néscias: *Quinque autem ex eis erant fatuae*. Pois se o esposo, que era Cristo, sem embargo deste defeito tão conhecido, as admitiu ao primeiro ato das bodas, por que as excluiu no último? Porque no primeiro estava ainda na terra, onde veio buscar a esposa; no último estava já no céu, onde a levou: e como o estado de Cristo no céu é tão superior ao que teve na terra, na terra, onde tudo é imperfeito, admitia prudentes e néscias, porém no céu, que é a pátria da perfeição, só admitiu as prudentes. Mas que de prudentes e néscias faça Cristo tanta diferença quanta vai do céu à terra, bem está: porém de prudente a prudente, e entre duas tão prudentes, como era a Madalena e Teresa, faça distinção o seu amor, em amar a uma quando estava na terra, e a outra quando está no céu? Sim. E tenha paciência por agora a Madalena, que não poderá o amor responder mais em favor de Teresa.

628. Para conhecimento desta diferença ou desta declarada vantagem, é necessário considerar bem como está Cristo no céu e com quem está. O estado que Cristo tem no céu é tão diverso do que tinha na terra, que quando se partiu para lá, disse assim a seus discípulos: *Qui credit in me, opera quae ego facio et ipse faciet, et majora horum faciet, quia ego ad Patrem vado* (Jo. 14,12): Vós que credes em mim, não só fareis as obras maravilhosas que eu agora faço, senão maiores. — E por quê? *Quia ego ad Patrem vado*: Porque eu vou para o céu. — Pois por que Cristo vai para o céu, por isso hão de fazer seus discípulos maiores milagres do que fazia o mesmo Cristo quando estava na terra? Quando Cristo estava na terra, seus discípulos também faziam milagres, mas menores dos que o Senhor fazia, e alguns não podiam fazer. Qual é logo a razão por que depois de subir ao céu, não só hão de fazer os mesmos milagres que ele fazia, senão maiores? Porque assim convinha ao maior e supremo estado que Cristo havia de ter no céu. A grandeza e majestade dos senhores conhece-se pelo poder e autoridade dos criados. E é tão grande a diferença de estado que hei de ter no céu — diz Cristo — ao que tinha na terra, que vós e todos aqueles de que eu então me servir, não só hão de fazer o que eu faria, senão maiores obras ainda, para que do seu poder e autoridade se conheça a grandeza e majestade do Senhor a quem servem. Se eles, comparados comigo na terra, parecerá que me excedem a mim, eu comparado comigo no céu, quem pode imaginar o que serei? E se tanta é a diferença que Cristo tem de estado a estado, e ainda de si a si mesmo, só porque está no céu: *Quia ad Patrem vado* — vede também quanto cresce um amor sobre outro amor nesta circunstância e quanto mais foi amar Cristo a Teresa, estando no céu, ou a Madalena, quando estava na terra.

629. Mas não basta só conhecer como Cristo está no céu: é necessário também considerar com quem está. Cristo no céu está assistido e cortejado de todos os bem-aventurados. E estes bem-aventurados, quem são e qual é a sua grandeza? Nenhum de nós o podia presumir, se o mesmo Cristo o não declarara. Naquele famoso panegírico que Cristo fez de São João Batista, diz duas coisas notáveis: a primeira, que o Batista era o maior dos nascidos; a segunda, que o menor do reino do céu é maior que o Batista: *Amen dico vobis, non surrexit inter natos mulierum major Joanne Baptista: qui autem minor est in regno caelorum, major estillo*²⁰. — Depois que o Batista for ao céu, então será lá maior que muitos; mas enquanto está na terra, o menor do reino do céu é maior que ele. E por quê? Porque os dos céus — diz São Jerônimo — vêem a Deus: o Batista ainda o não vê. Os do céu amam por vista, o Batista ama por fé; os do céu já venceram e estão coroados, o Batista ainda tem que vencer e está na campanha: *Aliud est coronam victoriae possidere, aliud adhuc in acie pugnare*. E que estando Cristo na terra, onde o maior dos nascidos é menor que o menor do reino do céu, amasse muito a Madalena, não foi grande fineza; mas que estando no céu, onde o menor daquele reino é maior que o maior dos nascidos, amasse tanto a Teresa, esta foi aquela grande diferença, que o mesmo Senhor ponderou, porque só ele a conhecia. A Madalena, como tão amante e tão amada estando na terra, mandava-a Cristo levar ao céu, para que fosse ouvir as músicas dos anjos; e Teresa, estando na terra, amava

tanto e era tão amada que, estando Cristo no céu, deixava as músicas dos anjos para vir conversar com Teresa na terra. Encareça logo Cristo o seu amor pela diferença do seu estado, e pela do lugar e da companhia, e diga que amou a Madalena e amava a Teresa sim, mas a Madalena quando estava na terra, a Teresa quando estava no céu.

630. E se esta circunstância do amor acrescenta tanto à fineza, quanto vai do céu à terra, não é menor, senão a mesma, a que Cristo usa e exercita conosco no diviníssimo Sacramento. O mesmo Evangelho o diz: *Hic est panis qui de caelo descendit* (Jo. 6,59): Este é o pão que desceu do céu. — Quando Cristo disse estas palavras, nem ele tinha ainda subido ao céu, nem instituído o Sacramento de seu corpo debaixo de espécies de pão. Pois, se ainda não era pão, nem tinha subido ao céu, como lhe chama pão que desceu do céu: *Qui de caelo descendit?* É verdade que o Sacramento, o qual começou a ser pão na ceia, não era do céu, nem desceu do céu senão do dia da Ascensão por diante, porque o corpo de Cristo, que é a substância do Sacramento, nunca esteve no céu, senão depois daquele dia; e contudo chamou-lhe Cristo pão do céu, antes de ser do céu, porque, como queria encarecer o muito que nos dava, antecipou a circunstância para mais subir de ponto a fineza. Disse o que havia de ser, quando ainda não era, porque acrescentava muito à substância do que era a circunstância do que havia de ser. — Havia de ser pão, que por amor de nós desceu do céu: *Panis qui de caelo descendit* — e assim como o mesmo Senhor preferiu o amor com que amava a Teresa ao amor com que amou a Madalena, pela diferença de amar estando no céu ou estando na terra, assim pondera muito no Sacramento, não tanto a substância do que dá, quanto a circunstância do lugar donde desce, porque ainda que dar-se Cristo a comer é o *non plus ultra* do amor, dar-se quando está no céu e descer do céu para se dar, é muito maior fineza que se estivera na terra.

631. Daqui se segue que devemos e somos mais obrigados a Cristo pela continuação do Sacramento que pela instituição dele; mas pelo modo com que agora se nos dá a nós, que pelo modo com que no princípio se deu aos apóstolos, porque no princípio deu-se quando estava mortal e passível, agora dá-se quando está imortal e glorioso; no princípio deu-se quando estava na terra, agora dá-se quando está no céu. Assim o entendeu e admirou quem teve ciência para o conhecer, posto que não teve ventura para o gozar, Davi: *Panem caeli dedit eis, panem angelorum manducavit homo* (Sl. 77, 24 s): O pão do céu deu-se na terra, e o pão dos anjos comeram-no os homens. — Três coisas diz aqui o profeta certas, e uma parece que o não é: ser o Sacramento pão do céu, dar-se na terra e comerem-no os homens. Tudo é certo; mas que esse pão seja dos anjos, como ou por que título? Ou seria pão dos anjos se os anjos o comessem, mas eles não o comem: ou seria pão dos anjos se eles o fizessem e consagrassem; mas esse poder é só dos sacerdotes. Por que diz logo o profeta que é pão dos anjos? Porque as coisas propriamente não são de quem as logra, senão de quem as merece. Se o pão do céu se dera por oposição, e não por graça, por justiça, e não por favor, aos anjos se havia de dar, que são do céu, e não a nós, que somos da terra e somos terra. E que havendo nos anjos o merecimento, e em nós a indignidade, se negue este pão aos anjos no céu, e desça do céu para se dar aos homens na terra? Oh! grande amor! E não sei se diga também: grande injustiça! Mas o amor, para ser grande, há de ter alguma coisa de injusto, porque sendo injusto para quem se nega, é mais fino para quem se dá. Só Santa Teresa fez justa esta fineza, porque, sendo mulher, foi serafim; nós, devendo chegar à comunhão como anjos, apenas há algum que o faça como homem: *Panem angelorum manducavit homo*.

§V

Quarto e último favor de Cristo a Santa Teresa: sofrer as ofensas que lhe dirigia a santa por ordem de seus confessores. A famosa questão disputada diante de el-rei Dario: Qual a mais forte coisa do mundo? Por que as virgens néscias, diante das portas fechadas não insistem nem perseveram em bater? Com o desaparecer; provaria Cristo a Teresa quem ele era, como o anjo, desaparecendo, dera-se a conhecer a Pedro, na prisão. Cristo fez muito mais por Teresa que por todo o apostolado, quando reputado por fantasma no mar de Tiberíades. Os mesmos agravos sofre Cristo no Sacramento, reputado por fantasma pelos hereges e ofendido pelos blasfemos.

632. O quarto e último favor de Cristo, que pondero em Santa Teresa, tem ainda muito mais apertadas circunstâncias que as passadas. Nos princípios, em que o soberano Senhor começou a regalar a sua esposa com aparições tão freqüentes e tão extraordinárias, que tiveram por muito tempo suspensa e duvidosa toda a Igreja, a santa, como tão prudente e tão humilde, que no seu conceito se reputava pela mais indigna de todas as criaturas, temia que fossem enganos e ilusões do demônio, e por conselho e obediência de seus confessores, que sempre foram os mais doutos e mais espirituais daquela idade, quando Cristo lhe aparecia, ou como ressuscitado e glorioso, ou como chagado e coroadado de espinhos, ou na mesma forma e representação com que vivia neste mundo, Teresa não só lhe voltava o rosto com rigor e sinais de desprezo, mas com a boca lhe dizia injúrias, com as mãos lhe fazia afrontas, e, como se fosse o inimigo comum do gênero humano, com a cruz e água benta se defendia daquele bendito Senhor, que para nos armar com a mesma cruz quis morrer nela; porém o amor do Esposo divino era tão fino e tão constante, que não só sofria estes bem-intencionados agravos, mas, por serem feitos por obediência, os aprovava e amava.

633. Lembra-me a este propósito aquela famosa questão, disputada diante de el-rei Dario, e referida por Esdras no Livro Terceiro (III Esd. cap. 3 e 4). Era a proposta da questão, entre três sábios do palácio real, qual fosse a mais forte coisa do mundo? Um disse que o vinho, outro que o rei, outro que a mulher. E este provou a sua opinião com este exemplo. Eu vi,

disse, uma mulher chamada Apemen, amiga de um famosíssimo rei, a qual estava assentada à sua mão direita: *Sedentem juxta regem ad dexteram*. E esta lhe tirava a coroa da cabeça, e a punha sobre a sua: *Auferentem diadema de capite ejus, et inponentem sibi* — e com a mão esquerda lhe dava bofetadas: *Et palmis caedebat regem de sinistra manu* — e sobre tudo isto o rei, com a boca aberta, estava suspenso e como arrebatado nela: *Et super haec aperto ore intuebatur eam*. E se Apemen se lhe mostrava indignada, com novas carícias a procurava reconciliar e trazer à sua graça: *Nam si indignata ei fuerit, blanditur, donec reconcilietur in gratiam*. — Tão rendido tinha o amor aquele homem, e tão esquecido de si estava aquele rei. Mas quem poderá imaginar em Deus semelhantes extremos? Grande é, excessivo é, e quase incrível, Teresa, o amor com que rendido vos ama e estima Cristo! Tirais a coroa da cabeça ao Rei dos Reis, persuadindo-vos que não é ele o que vedes. Não só a pondeis sobre a vossa cabeça, mas mostrais que a pisais e lançais aos pés; não só lhe dais bofetadas, mas com as mãos violentas ou violentadas lhe fazeis injúrias de maior aborrecimento e desprezo; não só vos mostrais ingrata a seus favores, mas ofendida e indignada dele. *Et super haec*, e sobre tudo isto, ele, desconhecido, vos não desconhece; ele, tão indignamente tratado, vos torna a buscar; ele continua e insiste com novos favores, para que o acabeis de conhecer e o admitais em vossa graça. Vamos ao Evangelho.

634. Não lhes aproveitou às virgens mal prevenidas haverem seguido o conselho das prudentes — que era a desculpa em que nestes agravos inocentes se fundava a consciência e obediência de Teresa — não lhes aproveitou, digo, nem lhes valeu às cinco virgens aquele conselho, para que o Esposo lhes não fechasse a porta: *Et clausa est janua*¹. Vieram contudo com o descuido emendado e as lâmpadas acesas, bateram e chamaram: *Domine, Domine, aperi nobis*². Mas como o Senhor lhes respondesse: *Nescio vos* (Ibid. 12): Não vos conheço — não bateram nem chamaram mais. Esta é a minha admiração e o meu reparo. O mesmo Senhor, que mandou fechar a porta a estas virgens, tinha dito: *Petite, et accipietis; pulsate, et aperietur vobis* (Lc. 11,9 s): Pedi, e receberéis; batei, e abrir-vos-ão: *Omnis enim qui petit, accipit, et pulsanti, aperietur*: Porque todo o que pede recebe, e a todo o que bate se abrirá. — Pois, se o mesmo Senhor tinha mandado e prometido isto, se tinha mandado que pedissem e que batessem, e tinha prometido que quem pedisse receberia, e a quem batesse lhe abririam, por que não instam em pedir e bater? Se pediram e bateram uma vez, peçam e batam outra; e se isso não bastar, continuem em pedir, e perseverem em bater muitas vezes, pois também sabem que Deus gosta de ser importunado, e que assim o ensinou o mesmo Cristo. Qual é logo a razão por que estas mesmas virgens, tão desejosas de entrar, que não perdoaram a diligências, nem a passadas, nem a despesas, e tudo isto fizeram sem temor nem reparo à meia-noite, qual é a razão por que agora não insistem nem perseveram, e se retiram tristes e mudas, sem falar nem aparecer mais? A razão é porque o Esposo lhes disse: *Nescio vos*: Não vos conheço. — E tanto que se viram desconhecidas, de tal maneira perderam a confiança e ainda o primeiro fervor e desejo, que se não atreveram a falar nem aparecer mais diante de quem as não conhecia. As desconhecidas, no nosso caso, não eram as virgens ou a virgem, senão o mesmo Esposo. Tão desconhecido de Teresa, que não só o não conhecia por quem era, nem só o reputava por fingido e fantástico, senão por outro tão alheio daquela divina figura, quanto é o mesmo demônio transfigurado em anjo de luz. E que assim desconhecido e tratado como tal, com desprezos, com injúrias e aborrecimentos, torne Cristo a buscar a Teresa, e não desista de lhe aparecer, para que acabe de se enganar e o conhecer? Grande e nunca visto amor!

635. As diligências que Cristo fazia para que Teresa, sem escrúpulo, nem dúvida, o conhecesse, e os efeitos que experimentava depois destas aparições, eram todos aqueles com que o mesmo Senhor costuma assegurar as almas timoratas da verdade da sua presença. Porque, depois destas vistas tão mal olhadas, crescia no coração de Teresa a humildade e desprezo de si mesma, crescia o aborrecimento do mundo, crescia o zelo da honra de Deus, e todas as outras virtudes sólidas, que com as aparições do demônio, como vento seco e do inferno, costumam enfraquecer e murchar. Mas nenhuns destes sinais bastavam para que Teresa, ou os que governavam seu espírito, o dessem por seguro. Quando Cristo apareceu a Madalena em traje de hortelão, bastou que dissesse: Maria, para que ela conhecesse a seu Mestre. Quando o mesmo Senhor apareceu em hábito de peregrino aos discípulos de Emaús, bastou que partisse diante dele o pão, para que também o conhecessem; mas para que seguramente o conhecesse Teresa, nenhuns sinais, nenhuma demonstrações, nenhuma experiências bastavam, como também não bastava este tão continuado desconhecimento, para que o Senhor se retirasse, que tanto o apertava o seu amor.

636. Retirai-vos, Senhor, retirai-vos, e eu vos prometo que haveis de acabar mais com o mesmo retiro que com a presença, e mais com o desaparecer que com as aparições, porque tanto que vos retirardes e desaparecerdes, logo se conhecerá que sois vós, e que são verdades seguras e vossas as que agora parecem sonhos e ilusões. Lembrai-vos de quando mandastes livrar do cárcere mamertino ao vosso grande sucessor e amante. Estava ali preso São Pedro com duas cadeias e quatro soldados de guarda, quando entrou o anjo a libertá-lo. Tocou as cadeias, e quebraram-se; tocou o prisioneiro, e acordou; disse-lhe que se vestisse, vestiu-se; disse-lhe que se calçasse, calçou-se; e Pedro, que tudo isto viu e fazia, cuidava que era sonho e ilusão. Disse-lhe o anjo que o seguisse, seguiu-o: passaram a primeira e segunda guarda, e ninguém os impediu; chegaram a uma porta de ferro, e desferrolhou-se; caminharam por dentro e por fora da cidade, e Pedro ainda crente que nada daquilo era verdade, senão imaginações vãs da fantasia: *Nesciebat quia verum est quod fiebat per angelum: existimabat autem se visum videre*³. Eis aqui como muitas vezes, ainda aos maiores santos, as verdades parecem enganos, e as aparições do céu, ilusões. Mas que fez o anjo, para que Pedro se enganasse e cresse o que não acabava de crer? Tirou-se de diante dos seus olhos, e desapareceu: *Discessit angelus ab eo* (At. 12,10). E no mesmo ponto conheceu Pedro

que o anjo verdadeiramente era anjo, e que ele verdadeiramente tinha saído do cárcere, e estava livre: *Nunc scio vere, quia misit Dominus angelum suum, et eripuit me*^{2,4}. De sorte que quando lhe apareceu o anjo, e enquanto o via, não o conhecia; e tanto que desapareceu e não o viu, então o conheceu. Este é o remédio, Senhor, para que Teresa vos conheça. Se vos não conhece quando lhe apareceis, desaparecei, e conhecer-vos-á. Mas este mesmo conselho, que vós sabeis melhor, muito temo que o não há de tomar vosso amor, posto que sinta quanto deve ver-se tão desconhecido.

637. Cansados de lutar a maior parte da noite contra uma grande tempestade na pequena barca de São Pedro, ele e os outros discípulos, e já desesperados de remédio, foi o divino Mestre desde a praia a socorrê-los, caminhando sobre as ondas. O perigo, a escuridade, e os passos daquela portentosa figura, que cada vez que se ia chegando mais para eles, sobre o temor e perturbação em que estavam, lha acrescentou de maneira, que não conhecendo quem era, se persuadiram ser algum fantasma: *Ut viderunt eum ambulans supra mare, putaverunt phantasma esse*^{2,5}. O Siro lê: *Visum mendax*: visão enganosa; e os expositores: *illusionem diabolicam*: ilusão do demônio, que é o mesmo que sucedia a Santa Teresa com suas visões, ou a Cristo com elas. Mas que fez o Senhor neste passo? Diz o evangelista que queria deixar os discípulos: *Volebat praeterire eos* (Ibid. 48). Pois, se os ia socorrer, e por um modo tão extraordinário e milagroso, por que os quer deixar? Porque assim o ditava a razão, vendo-se a si mesmo reputado por fantasma, a sua visão por enganosa, e a sua presença verdadeira por ilusão diabólica. Mas como naquela barca flutuava o seu cuidado e perigava o seu amor, enfim os socorreu, e foi conhecido. Oh! Jesus! Oh! Teresa! Muito era que fizesse Cristo tanto por Teresa, como por Pedro e João, e por todo o apostolado junto; mas sem comparação fez muito mais. Não uma só vez foi reputado por fantasma, nem um só dia, senão anos inteiros; andava o seu amor por tribunais, as suas visões e aparições, ou reprovadas totalmente, ou tidas por suspeitosas, e ele não só desconhecido, mas injuriado, porém a sua vontade sempre tão firme e constante, que nunca se pôde dizer dela: *Volebat praeterire*. Desconhecido, tornava a buscar a Teresa; injuriado, lhe fazia novos favores, e nenhum conceito do mundo, ou descrédito seu, ou perseguição de ambos pôde fazer jamais que a deixasse.

638. E quem não vê neste prodigioso retrato a verdade, a firmeza, a paciência e a invencível perseverança do amor de Cristo para conosco naquele sacrossanto mistério? Nós o cremos, nós o adoramos, nós daremos o sangue e a vida pela confissão e defesa de que naquela Hóstia consagrada, posto que invisível a nossos olhos, está e estará até o fim do mundo toda a majestade do Filho de Deus, humana e divina, tão inteira, real e verdadeiramente como à destra do Padre. Mas quantos hereges houve e há, que a tudo isto, que a católica Igreja crê e ensina, chamam blasfemamente fantasmas. Dizem — tão ignorantes são e tão estóolidos — que quando Cristo disse: *Hoc est corpus meum*: Este é meu corpo — não quis dizer nem significar o que as palavras significam; dizem que não há ali outra coisa senão o que se vê, pão, e não Cristo; dizem que tudo o que os católicos cremos, são quimeras, ilusões e enganos. E, sem embargo desta incredulidade, desta perfídia, destas blasfêmias, e das outras injúrias maiores com que do entendimento cego passam às mãos sacrílegas, foi tão imensa a benignidade do divino amor que, antevendo-as, se deixou conosco, e é tão constante o mesmo amor que, experimentando-as, as sofre e não aparta de nós.

639. Quando Cristo, naquelas palavras que só nos restam por ponderar do Evangelho: *Non sicut manducaverunt patres vestri mana, et mortui sunt*^{2,6}, ensinou a diferença infinita que há do maná ao divino Sacramento, foi porque o povo cego antepunha o maná ao pão do céu que o Senhor lhes prometia, e Moisés ao mesmo Cristo. E quando lhes disse que, se não comessem a sua carne e bebessem o seu sangue, não haviam de ter vida: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis* (Jo. 6,54) — não só o povo, senão muitos dos discípulos do mesmo Cristo se saíram da sua escola e lhe voltaram as costas, dizendo que tais coisas, como aquelas, não se podiam ouvir, quanto mais crer. De sorte que a fé do Sacramento, não só nasceu, mas foi concebida em tal signo de contradição: *In signum cui contradicetur* (Lc. 2,34) — que antes de ser instituído o Sacramento, já era negado, antes de ser dado, já era perseguido, e só por ser prometido, era blasfemado. Pois, Senhor, se assim é já agora, e estas mesmas experiências mostram o que será depois, se estes homens são tão cegos, tão ingratos e tão indignos, e a mercê que lhes quereis fazer excede tanto, não só o seu desmerecimento, senão a sua capacidade, deixai de instituir este novo mistério, pois para a redenção do mundo basta o da cruz; e já que os homens são tais, que vos deixam porque vos quereis deixar com eles, não vos deixeis, para que vos não deixem. Assim havia de ser, se o amor de Cristo para conosco no Sacramento não fora tão fino e constante, como foi para com Teresa fora do Sacramento.

640. Enquanto a verdade das visões de Santa Teresa esteve tão duvidosa, o mesmo Cristo, que lhe aparecia, era ele na realidade, e não era eles na opinião: enquanto ele — que verdadeiramente era — era amado, era estimado, era adorado; enquanto não ele — que falsamente não era — era aborrecido, era desprezado, era injuriado; e todo este amor e aborrecimento, todas estas estimações e desprezos, todas estas adorações e injúrias exercitava no mesmo tempo a mesma Teresa, sendo uma só. Bem assim como o mundo, sendo composto de muitos, uns fiéis, outros infiéis, uns católicos, outros hereges, uns bons cristãos, outros maus, uns crêem a Cristo no Sacramento, outros o negam, uns o adoram, outros o desprezam, uns o veneram com obséquios, outros o ofendem com injúrias; mas assim como Jacó, pelo amor que tinha a Raquel, sofria os desagradados de Lia, e muito mais os agravos de Labão, e esta era a maior fineza daquele forte e constante amor, assim a maior fineza de Cristo no Sacramento foi expor-se às afrontas e injúrias dos que o ofendem, por não faltar à comunicação dos que o amam, e estar sempre com eles.

O desagravo do sacrilégio, figurado nas palavras da Madalena a Cristo disfarçado em hortelão. Os religiosos da Encarnação de Ávila e as religiosas da Encarnação de Lisboa. Na Encarnação fez-se Cristo irmão nosso; no Sacramento fez-nos seus irmãos. Os títulos de parentesco e as insígnias de escravidão das servas e esposas de Cristo. Oração.

641. Mas que desquites podem ter estes agravos, estas ofensas, estas injúrias na justa dor daquelas almas devotas e pias, que as sentem e choram mais que próprias, por serem daquele Senhor seu, a quem mais que a si mesmas amam? Este foi o bem inventado desempenho e o religiosíssimo fim da solenidade presente, restituindo-se a esta igreja o roubo cometido em outra, e vingando-se, com repetidos obséquios de todos os meses, o agravo daquele dia, para que o mesmo Cristo sacramentado, por um sacrilégio, receba muitos sacrifícios, por uma injúria, muitas adorações, e por um ato escondido da infidelidade, muitas protestações públicas da fé, e novas exaltações dela. Quando a Madalena entendeu que lhe tinham roubado do sepulcro o sagrado corpo, dizia: *Tulerunt Dominum meum, et nescio ubi posuerunt eum* (Jo. 20,13): Levaram-me a meu Senhor, e não sei onde o puseram. Entre estas ânsias apareceu o disfarçado hortelão, e disse-lhe: *Si tu sustulisti eum, dicito mihi, et ego eum tollam* (Ibid. 15): Se tu acaso és o que o levaste, dize-me onde o puseste, porque eu o levantarei desse lugar. — Bem está, Madalena. Mas se vós vos queixais de não saber onde puseram vosso Senhor, dizei-nos também onde o haveis de pôr, se o achardes? Só disse que o havia de levantar, mas não disse onde o havia de pôr, porque esse pensamento ficou reservado para as imitadoras do seu amor. Levantaram o Senhor àquele soberano trono, e ali o têm posto e exposto, para que a nossa fé publicamente o confesse e adore, e os nossos corações, prostrados diante de seu divino acatamento, sejam a detestação e desquite daquela abominada injúria.

642. De todas as que material e involuntariamente fazia a Cristo Santa Teresa, era o desquite o seu coração, e assim o fazem todos os corações desta santa congregação, tão devota, como bem entendida, trazendo sobre o peito uma custódia, e ao pé dela um S e um cravo, em sinal de perpétua escravidão daquele ofendido e adorado Senhor. Parece que falava o mesmo Senhor, como em profecia, destes corações e desta casa, quando disse a Santa Teresa o que agora direi. Mandavam seus prelados à santa que fosse ser priora do Convento da Encarnação de Ávila, e ela, como tão humilde, escusava-se. Neste mesmo tempo andava requerendo Teresa com Cristo não sei que mercê para um seu irmão, e como o Senhor tardasse com o despacho, era tanta a confiança entre os dois, que não duvidou a santa de se queixar amorosamente deste que parecia descuido, e comparando-o com o seu cuidado, lhe disse assim: — Por certo, Senhor, que se vós tivéreis um irmão pelo qual me pedíreis alguma coisa, a não dilataria eu, se pudesse. — Não, Teresa — respondeu Cristo. — Pois os corações das religiosas da Encarnação são meus irmãos, e pedem-te que vás para eles, porque hão mister a tua presença, e tu não queres. — Assim argüiu e respondeu o Senhor a uma queixa com outra, e nela descobriu que havia naquela casa uma irmandade de corações em que ele também era irmão. E se aos corações das religiosas da Encarnação de Ávila chama Cristo irmãos seus, com quanta razão podemos nós dar este mesmo nome às religiosas da Encarnação de Lisboa, pela veneração do Santíssimo Sacramento, e daquela sagrada custódia, de que são perpétuos sacrários. Ressuscitado o Senhor, disse às Marias que levassem as novas aos apóstolos, e as palavras foram estas: *Ite, nuntiate fratribus meis* (Mt 28, 10): Ide, e dizei a meus irmãos. — Irmãos, Senhor? E por que parentesco? Amigos dissestes vós que lhes haveis de chamar, e não servos, porque lhes reveláveis vossos segredos; mas irmãos, por quê? E se nunca lhes destes este título, por que lho dais agora? Excelentemente S. João Crisóstomo: *Vester ego frater esse volui: Ego communicavi carnem propter vos, et sanguinem, et per quae vobis conjunctus, ea rursus vobis exhibui*: Chama Cristo irmãos aos apóstolos no dia da Ressurreição, porque a última vez que tinha estado com eles foi na ceia, em que se lhes deu sacramentado, e pela comunicação da sua carne e do seu sangue contraíram o parentesco e a irmandade. Para haver verdadeira irmandade, há de ser recíproca. E isto fez Cristo na Encarnação e no Sacramento, diz Crisóstomo: pela Encarnação, tomando Cristo a nossa carne e o nosso sangue, fez-se irmão nosso; e pelo Sacramento, dando-nos a mesma carne e o mesmo sangue, fez-nos irmãos seus: *Frater vester esse volui*: eis aí a irmandade; *Communicavi propter vos carnem et san guinem*: eis aí a Encarnação; *Per quae vobis conjunctus ea rursus vobis exhibui*: eis aí o Sacramento.

643. Mas são tão religiosamente humildes estes corações irmãos de Cristo, que, podendo-se gloriar do nome de irmãos, se chamam e professam escravos, trocando os títulos de parentesco pelas insígnias da escravidão, com o S e o cravo sobre o peito. Quando Cristo se desposou visivelmente com Santa Teresa, deu-lhe por prendas de seu amor um cravo da sua cruz. Pois, Senhor, um cravo, que é sinal e como ferrete de escravo, dais vós a Teresa quando a levantai à dignidade soberana de esposa vossa? Sim, porque ainda que pelos desposórios contrafa Teresa com Cristo, o mais alto e mais íntimo parentesco que pode ser, sabia o Senhor dos primores da sua alma, como de todas as que fielmente o veneram e amam, que a mesma dignidade a que as levanta de esposas, as cativa e imprime nelas o caráter de escravas. Enfim, este é o espírito da Encarnação. No dia da Encarnação do Verbo, quando o anjo a anunciou à cheia de graça que havia de ser Mãe de Deus, a Senhora respondeu: *Ecce ancilla Domini* (Lc. 1,38): Aqui está a escrava do Senhor. — Davam-lhe a dignidade de Mãe, e tomou o nome de escrava; e porque se teve por mais digna de ser escrava que Mãe, esmaltou com o caráter da escravidão a coroa da dignidade.

644. Ora, Senhor, já que nos corações destas escravas achastes uns espíritos tão conformes ao daquelas entranhas puríssimas, de quem recebestes essa mesma carne e sangue em que vos dais por sustento de nossas almas, ajuntando o

mistério altíssimo da Encarnação com o do diviníssimo Sacramento, para que nesse imenso amor se acenda a nossa caridade, e no preço infinito desse penhor, se confirme a nossa esperança, aumentai, com o mistério da fé, a fé viva dos fervorosos católicos, ressuscitai a fé morta dos indevotos e túbios, e infundi o conhecimento da mesma fé na perfídia e obstinação dos hereges, para que todos vos creiam, confessem e adorem, como nós, por mercê vossa, cremos e confessamos, e prostrados diante desse trono de vossa suprema Majestade, com profundíssima reverência adoramos. E pois estes generosos corações são tão animosos que, encerrados por vosso amor dentro destas paredes, se põem em campo em defesa de vossa fé e desagravo de vossas injúrias, e delas souberam tirar tão multiplicadas glórias a vosso santíssimo nome na terra, considerem os mesmos corações — pois eu o não posso declarar — quão condignos serão os prêmios desta fineza, que vossa divina liberalidade lhes tem aparelhado no céu.

QUARTA PARTE

EM LISBOA
NA OFICINA DE MIGUEL DESLANDES
À CUSTA DE ANTÔNIO LEITE PEREIRA,
MERCADOR DE LIVROS
MDCLXXXV

Com todas as licenças e privilégio real

CENSURA DO M. R. P. M. FREI TOMÉ DA CONCEIÇÃO,
da Sagrada Ordem do Carmo,
Qualificador do Santo Officio.

ILUSTRÍSSIMO SENHOR

Por mandado do Conselho Geral do Santo Officio vi esta *Quarta Parte* dos *Sermões* do Padre Antônio Vieira, da Sagrada Religião da Companhia de Jesus, e digníssimo pregador de Sua Majestade. Todos li com o cuidado que pude e pede a obrigação de qualificador de tão reto tribunal. Confesso que nos sermões deste grande talento e admirável pregador, não tem que censurar a atenção mais crítica e escrupulosa, pois, sendo o autor tão sutil na elevação dos pensamentos, tão claro e elegante nas palavras com que os exprime, tão persuasivo assim pregando como escrevendo, tão desentranhador da verdade das Escrituras e dos Santos Padres, acho que em nada discrepa da pureza de nossa santa fé, e que tudo quanto diz, encaminha à reformation dos costumes. Só uma censura se pode dar a este autor, não pelos sermões com que sai à luz, mas porque não tem saído à luz com todos os seus sermões, pois, prometendo no prólogo do Primeiro Tomo doze, se acham impressos três somente, e agora é este ainda o quarto. E será lástima que pela dilação do tempo se sepultem no esquecimento obras que merecem eternizadas em caracteres de ouro. Podendo dizer-se do autor nestes sermões, o que do grande Jerônimo disse *Cassiod. de Divin. Lect. cap. 21: Planus, doctus dulcis, parata copia sermonum ad quamcumque partem convertit ingenium: totum explicans, totum exornans, et per diversa disertus, semper aequalis incedens*. Acabo dizendo que o autor em nenhum dos seus sermões tem palavras demais nem de menos, e não soube dizer menos porque em tudo diz tudo o que se pode dizer. Este é o meu parecer. Carmo de Lisboa, em 11 de fevereiro de 1684.

Frei Tomé da Conceição

CENSURA DO M. R. P. M. FREI MANOEL DE SANTIAGO,
da Seráfica Ordem de São Francisco,
Qualificador do Santo Officio.

ILUSTRÍSSIMO SENHOR

Vi este livro, que se intitula *Quarta Parte* dos *Sermões* do R. P. M. Antônio Vieira, religioso da Sagrada Companhia de Jesus, pregador em tudo régio. Em cada qual deles se acha grande substância, mas espiritualizada a alegoria, singular o método, eficaz, pura e ajustada a doutrina com que ilustrou a fé na América, repreendeu os costumes na Europa, e acreditou a Nação Portuguesa na Itália. No primeiro, do pecador resoluta a nunca mais pecar, que o autor pede que com mais atenção e paciência se veja, assim agrada, como se se abstivera de repreender, e assim repreende como se procurara não agradar. E

em todos, com a doçura da linguagem, suaviza o amargoso da repreensão, e com a eficácia da doutrina se livra de toda a censura de lisonja. Porque uma e outra coisa faz com liberdade, eloqüência, modéstia e sutileza. A liberdade não se opõe à modéstia, nem à modéstia cede a liberdade. Nesta obra têm os oradores, os teólogos, os pregadores e os estadistas em que se entreter e de que se aproveitar, sem que tenham mais que desejar os doutos, nem que censurar os maldizentes intrometidos a bons ouvintes. E ultimamente, por serem estes sermões que contém o livro conformes à inteligência dos Santos Padres, à pureza de nossa Santa Fé, e úteis para a reforma dos maus costumes, me parecem digníssimos da licença que se pede a Vossa Ilustríssima para os dar à estampa, e de que sejam de ouro as letras da imprensa. Lisboa, São Francisco da Cidade, em 14 de fevereiro de 1684.

Frei Manoel de Santiago

CENSURA DO M. R. P. M. FREI JOSÉ DE JESUS MARIA,
Religioso Capucho da Província da Arrábida.

SENHOR,

Mandou-me Vossa Majestade que visse esta *Quarta Parte* dos *Sermões* do Padre Antônio Vieira, da Sagrada Religião da Companhia de Jesus, digníssimo pregador de Vossa Majestade. E por esta comissão conheço que me fez Vossa Majestade substituído do Arcebispo da Bahia, na aprovação deste livro do autor. E avaliando o meu agradecimento esta honra, pelo juízo que já fez aquele grande prelado, digo que é muito maior do que a que ele logra, com uma vantagem mui conhecida, porque se a ele deu Vossa Majestade no seu Arcebispado uma mitra, a mim neste livro me deu uma coroa, que assim o reconhece a minha estimação: *Coronam mihi* (Jó 31,36). Depois que o Padre Antônio Vieira pôs de assento na Bahia o seu engenho, vêm incomparavelmente mais ricas as frotas daquele Estado, porque todas até agora, por carga de maior peso, valia e preciosidade, trazem um volume seu, que sendo de tanta sabedoria, como este, se acaso se cativara na alfândega, para se haver de tirar por despacho, não se pudera resgatar por todo o ouro do mundo. Porque esta foi a taxa que na mesa do seu paço lhe pôs o rei mais entendido: *Quoniam omne aurum in comparatione illius arena est*¹. Neste volume, por ser quarto, acho eu — ainda que em distância infinita — uma luzidíssima semelhança, que espero seja profecia. Para ilustrar o mundo, diz a Escritura Sagrada que foi feito ao quarto dia o sol; e para o Padre Antônio Vieira obrar em edificação e admiração do mundo, e em maior glória de Deus, lançou este volume como sol, também ao quarto dia. O que faz o sol, disse Salomão, e o Salomão deste nosso século há de fazer o que faz o sol com este seu livro: *Lustrans universa in circuitu*². E ainda há de fazer mais, com o favor divino, porque há de satisfazer pontualmente o Instituto da sua sagrada Companhia, fazendo repetir muitas vezes a empresa gloriosa do seu grande Patriarca: O Instituto, em chegar com a viveza das suas palavras até os confins da terra, onde tem chegado já com grande admiração o harmonioso das suas vozes, que é a ocupação contínua dos filhos da sua religião sagrada: *Et in fines orbis terrae verba eorum*³; e a empresa gloriosa, porque há de incitar a todos que lerem este seu livro, a que dêem muitos louvores a Deus, por haver criado um tão singular ministro do Evangelho na sua Igreja. E é o que o seu Santo Patriarca por tudo e com tudo continuamente repetia: *Ad majorem Dei gloriam*. O primeiro sermão está disposto com um espírito tão elevado nas doutrinas, com um desejo tão eficaz na melhora das consciências, com um zelo tão empenhado na conversão das almas, que nele nos pôs o autor em prática tudo o que no do Primeiro Volume nos deixou por advertência. Naquele disse com Isaías (Is. 6,8) que os pregadores haviam de ser nuvens, de que saíssem relâmpagos, trovões e raios. E tudo é, e tudo faz neste primeiro sermão. Despede relâmpagos, que alumie aos pecadores as cegueiras, trovões, que lhes atemorizem as vidas, e raios, que lhes matem as culpas. Grande, tremendo e admirável sermão! E tão admirável, que sendo, por primeiro, a face deste Quarto Volume, bem se pudera dizer por ele, que como águia de Ezequiel, a si e aos três excede com grande propriedade: *Facies aquilae desuper ipsorum quatuor*⁴. E não fora este meu parecer muito culpável — se a sua igualdade não fora tão conhecida — porque é o autor tão único, que só de si mesmo podia ser excedido. Nos dois Mandatos me parece que perdeu a aposta um grande cortesão e ouvinte, que assistindo a ambos, lhe pareceu melhor o da manhã, fundando o meu receio na razão de outro entendido, que atrevendo-se a afirmar que havia nesta corte quem pregava melhor que o Padre Antônio Vieira, acudiu logo dizendo que era o mesmo padre, quando pregava segunda vez. E eu tenho por impossível que possa haver juízo que o faça na diferença, onde os maiores juízos se rendem à suspensão. Mas, para concordar os pareceres, conservando o respeito ao autor, digo que todos os sermões são grandes, porque todos são seus, que como é tão rica de erudição a mina donde nascem estes doutíssimos partos, não deixa aos segundos que vivam de alimentos dos primeiros, porque todos são morgados, conservando o excelente apelido do seu insigne orador, que, por remorsos de consciência, nos restitui no espírito dos seus escritos a falta que nos fazia a sua voz nos púlpitos, observando para esta substituição, tudo o que advertiu Sêneca, ponderando os escritos de Valério Máximo: *Tribus modis homines aggreditur: penetrando aures, demulcendo oculos et animos invadendo*. Com o douto e entendido, aplica a si os ouvidos para ensinar com clareza; com o político e discreto, atrai a si os olhos para divertir com doutrina; com o doutrinário e católico, penetra os corações para converter com eficácia, sendo admirável em tudo, na sutileza do seu engenho, na fineza do seu discurso, no eloqüente do seu estilo, no peso

das suas razões, na propriedade e pureza das suas palavras. Porque com as espirituais enleva, com as discretas agrada, com as compassivas enternece, com as amorosas atrai, com as temerosas compunge, e com todas persuade, maravilhoso em tudo sobre as hipérboles de toda a admiração. E assim espero que sejam os seus livros, brevemente, em todos os idiomas da Europa traduzidos, e em todas as suas línguas impressos — como o andam já muitos de seus sermões em muitas. — E dirão com Cassiodoro, em um e outro sentido: *Habent haec distributa praeconium, conjuncta miraculum*. Não se acha neste livro coisa alguma que encontre o serviço real, tendo muitas que acreditam o Reino. Pelo que a licença que pede, é devida à pontualidade com que tem obedecido ao que Vossa Majestade lhe mandou. E tenho por sem dúvida que Vossa Majestade lha há de conceder, por conhecer como rei tão ajustado, que se as petições de graça têm só da regalia toda a sua dependência, nos requerimentos de justiça parece que não tem a Majestade regalia. Isto é o que me parece. Vossa Majestade mandará o que for servido. Convento da Boa Viagem, em 27 de fevereiro de 1684.

Frei José de Jesus Maria

LICENÇAS

DA RELIGIÃO

Eu, Antônio de Oliveira, da Companhia de Jesus, provincial da Província do Brasil, por especial concessão que para isto me foi dada de nosso M. R. P. Carolo de Noyelle, prepósito geral, dou licença para que se imprima este livro, *Quarta Parte dos Sermões* do Padre Antônio Vieira, da mesma Companhia, pregador de Sua Alteza, depois de ser examinado e aprovado por pessoas doutas e graves da mesma Companhia. E por verdade dei esta, assinada com meu sinal, e selada como selo do meu ofício. Dada na Bahia, aos 6 de julho de 1683.

Antônio de Oliveira

DO SANTO OFÍCIO

Vistas as informações, pode-se imprimir a *Quarta Parte dos Sermões* do Padre Antônio Vieira, de que esta petição faz menção. E depois de impressa, tornará para se conferir e dar licença que corra, e sem ela não correrá. Lisboa, 16 de fevereiro de 1684.

*Manoel Pimentel de Sousa
Manoel de Moura Manoel
Jerônimo Soares
João da Costa Pimenta
Bento de Beja de Noronha*

DO ORDINÁRIO

Pode-se imprimir a *Quarta Parte dos Sermões* do Padre Antônio Vieira. E depois tornará para se conferir e dar licença para correr, e sem ela não correrá. Lisboa, 17 de fevereiro de 1684.

Serrão

DO PAÇO

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário. E depois de impresso tornará à mesa, para se taxar e conferir. E sem isso não correrá. Lisboa, 13 de março de 1684.

*Roxas
Noronha
Marchão
Azevedo*

Visto estar conforme com o seu original, pode correr este livro. Lisboa, 23 de janeiro de 1685.

Manoel Pimentel de Sousa

*Manoel de Moura Manoel
Jerônimo Soares
João da Costa Pimenta
Bento de Beja Noronha*

Pode correr. Lisboa, 24 de janeiro de 1685.

Serrão

Taxam este livro em doze tostões. Lisboa, 23 de janeiro de 1685.

*Lamprea
Marchão
Azevedo*

SERMÃO DO QUARTO SÁBADO DA QUARESMA

NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA DA BAHIA, ANO DE 1640

Pede o autor a todos os que tomarem este livro nas mãos que, por amor de Deus e de si, leiam este primeiro sermão, do pecador resoluto a nunca mais pecar, com a atenção e paciência que a matéria requer.

*Jam amplius noli peccare*¹.

§I

O pecado, o mal que só é mal. Do conselho e preceito de Cristo à pecadora tira o autor o assunto do presente discurso: o pecador resoluto a nunca mais pecar.

1. O maior mal de todos os males — não digo bem — o mal que só é mal, e sumo mal, é o pecado. Porque assim como Deus, por essência é o sumo bem, assim o pecado, por ser ofensa de Deus, é o sumo mal. Mas se entre pecado e pecado, pelo que toca a nós, pode haver comparação e diferença, o pecado futuro é o pior e mais perigoso mal. O passado e o presente, porque foi e é pecado, é a suma miséria; mas o futuro, porque ainda há de ser, sobre ser a suma miséria, é o sumo perigo.

2. Esta é, fiéis, a importantíssima doutrina que Cristo, soberano Mestre e Senhor nosso, nos deixou recomendada como documento final da última cláusula do presente Evangelho. Trouxeram uma pecadora a Cristo, achada em flagrante delito, para que o Senhor, como intérprete da lei, a sentenciasse. E qual seria a sentença? Foi aquela que se podia esperar da piedade e misericórdia de um Deus feito homem por amor dos homens. Confundiu os acusadores com lhes mostrar escritos seus pecados — que só Deus sabe livrar a uns pelos processos de outros — e depois de absolver a pecadora do pecado de que era acusada, e de todos, o documento breve, maravilhoso e divino, com que a despediu consolada, foram as palavras que propus: *Jam amplius noli peccare* (Jo. 8,11): Não queiras mais pecar.

3. Isto é o que encomendou Cristo àquela venturosa pecadora, em cuja maravilhosa história se nos representa, com grande propriedade, o juízo sacramental a que todos somos chamados ou citados no termo peremptório destes quarenta dias. Todos somos pecadores, e todos temos obrigação neste santo tempo de nos apresentar em pessoa, e não por outrem, naquele sagrado tribunal, onde o mesmo Cristo é o juiz, e preside invisivelmente. Ali, sendo nós mesmos os réus e os acusadores, confessamos espontaneamente todas nossas culpas, e se o fazemos com a verdadeira detestação e arrependimento que devemos a um Deus infinitamente bom e infinitamente ofendido, o mesmo Senhor, que hoje escreveu pecados, manda riscar os nossos de seus livros, e totalmente perdoados e absoltos, nos recolhe entre os braços de sua misericórdia, e nos recebe em sua graça. Tal é o felicíssimo estado a que, por virtude do Sacramento da penitência, se restituem todos aqueles que dignamente o recebem, bem assim como a pecadora do Evangelho, quando ouviu da boca do Redentor: *Nec ego te condemnabo*². Mas porque a absolvição e a graça, posto que livre dos pecados passados, não segura do perigo para os futuros, sobre este grande risco de tornarmos a adoecer depois de sãos e a cair depois de levantados, nos avisa e acautela o Divino Oráculo, exortando-nos a todos e a cada um, como à mesma pecadora, a nunca mais pecar: *Jam amplius noli peccare*.

4. Este foi o ponto único da doutrina de Cristo — que não só é conselho, mas preceito — e neste mesmo determino também insistir unicamente hoje, pois, sendo sua a eleição do assunto, nem eu posso tomar outro, nem devo. A matéria, pois, de todo o sermão, sumamente necessária e sumamente útil, será esta. O pecador resoluto a nunca mais pecar. Na primeira parte do discurso lhes descobrirei a falsidade e engano de todas as razões ou pretextos com que o demônio facilita a continuar os pecados; na segunda lhes inculcarei um novo motivo — que porventura nunca ouvistes — o mais eficaz, o mais forte e o mais terrível que pode haver, para nunca jamais pecar: *Jam amplius noli peccare*. À Virgem Santíssima, em quem nunca houve pecado, peçamos muito de coração, que como Mãe e Advogada de pecadores, nos alcance para esta tão importante resolução a graça que havemos mister. *Ave Maria*.

§II

Motivos para não pecar: a essência de Deus. Os quatro motivos de vigilância apresentados pelo Espírito Santo, e os quatro motivos de negligência apresentados pelo demônio.

Jam amplius noli peccare.

5. Para não pecar mais, nem ter pecado jamais, bastava ser o pecado ofensa de Deus, e ser Deus quem é: infinita e inefável bondade, infinita e imensa grandeza, infinita e incompreensível majestade, infinita sabedoria, infinita onipotência, infinito, incriado, eterno e imutável ser, que só ele é de si mesmo, e por tudo isto digno de ser infinitamente amado, como ele,

que só se compreende, se ama, e não por outra causa ou respeito, senão por ser quem é. Mas, como a vileza do nosso barro, para subir tão alto é muito pesada, e para amar tão fina e desinteressadamente muito grosseira, acomodando-se o Espírito Santo à incapacidade de nossa fraca natureza e à corrupção em que a deixou o primeiro pecado, nos ensinou para não pecar aqueles quatro motivos de temor, tão fortes e tão sabidos, como de nós mal aplicados: *Memorare novíssima tua, et in aeternum non peccabis* (Eclo. 7, 40): Lembra-te, homem, dos teus novísimos, e não pecarás jamais. — E, verdadeiramente, que homem haverá, se não tem perdido o juízo e uso da razão, que sabendo de certo que há de morrer sem levar desta vida mais que as suas boas ou más obras, e que com elas se há de apresentar diante do tribunal da Divina justiça, para ser severissimamente julgado, e que dada a sentença, de que não há apelação nem embargos, ou há de gozar de Deus para sempre na glória, ou carecer de Deus para sempre, e penar sem remissão no fogo do inferno, que homem haverá, torno a dizer, se não tem perdido o juízo e uso da razão, que com a fé e consideração viva destes quatro motivos, seja tão temerário e cego, que se atreva a cometer um pecado?

6. Sendo pois esta verdade tão certa e infalível, e a consequência dela tão racional, tão útil e tão conforme por uma parte ao temor, e por outra ao desejo e esperança humana, qual é ou pode ser a causa por que a experiência de cada dia nos mostre o contrário, e seja coisa tão ordinária nos homens, que isto mesmo crêem e confessam, o pecar, o ter pecado e o tornar a pecar? A causa ou ocasião não é outra, senão que assim como o Espírito Santo nos deu quatro motivos para espertadores da memória, assim o demônio inventou e nos dá outros quatro para adormentadores do esquecimento; aqueles espertam o entendimento, para que sempre vigilante, e com os olhos abertos, nos não consinta pecar; e estes adormentam a vontade, para que frouxa, descuidada e cega nos facilite o pecado. E que motivos infernais são estes quatro? Para serem mais infernais vão todos fundados na verdade da fé e experiência. O primeiro é a dilação do castigo, o segundo a confiança na misericórdia, o terceiro o propósito do arrependimento, o quarto a facilidade e prontidão do remédio. Como o Espírito Santo nos refreia do pecado com a memória e consideração dos quatro novísimos, diz assim o demônio ao pecador, e o pecador a si mesmo: os novísimos da glória e do inferno não hão de vir senão depois do juízo; o novíssimo do juízo não há de vir senão depois da morte; o novíssimo da morte não vem senão no fim da vida. Logo, enquanto dura a vida, quero fazer a minha vontade e viver a meu gosto; e para que seja sem perigo da salvação, desse me asseguram quatro motivos e fundamentos tão certos como os que já referimos e agora veremos.

§III

Primeiro motivo do demônio: a dilação do castigo. O meio que inventou Davi para tirar do mundo todos os pecados. O castigo imediato do pecador. O castigo de Osa e o castigo de Adão. Pensamento com que, depois de ter pecado, se animam os homens a tornar a pecar. A paciência de Deus quanto mais dilata, menos perdoa. Os exemplos de Caim, Saul, Absalão e de el-rei Acab.

7. Anima-se primeiramente o homem e facilita-se a pecar pela dilação do castigo, porque, ainda que crê pela fé que Deus nunca deixa de castigar o pecado, vê contudo pela experiência ordinária, que Deus não castiga logo. Daqui nasceu um notável pensamento em que deu Davi para tirar os pecados do mundo. Sentia tanto o santo rei a facilidade com que se quebravam as leis de Deus e os homens não reparavam em pecar, que este sentimento quase lhe tirava a vida: *Defectio tenuit me, pro peccatoribus derelinquentibus legem tuam*³. O primeiro pensamento com que acordava, e a sua primeira meditação, era cuidar e excogitar como se podia tirar do mundo todos os pecados: *In matutino interficiebam omnes peccatores terrae*⁴. E, finalmente, veio a dar em um meio, o mais eficaz e efetivo que podia haver, e como tal o apresentou a Deus em uma proposta. — Senhor, diz Davi, eu não posso dar conselho, nem vossa infinita sabedoria o há mister: mas não pode o meu zelo deixar de vos representar um meio em que tenho dado para que não haja pecados nem vossa divina Majestade seja ofendido. — Que diferente alvitre era este, dos que ordinariamente se costumam inventar e pagar com grandes mercês, todos para utilidade dos príncipes e para destruição dos vassalos. Porém este de Davi, tão útil era para Deus como para os homens, e mais ainda para os homens que para Deus, porque Deus não seria ofendido se os homens não fossem pecadores. Mas que meio era ou podia ser este, que tirasse os pecados do mundo e não houvesse nele quem não observasse as leis de Deus? As palavras da proposta o dizem: *Exurge, Domine, in ira tua: exurge in praecepto quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te*⁵. Mostre-se Vossa Majestade irado todas as vezes que for ofendido, e assim como a cominação da pena anda junta com o preceito, ande também a execução do castigo junta com o pecado, porque tanto que os homens virem que o castigo não tarda nem se dilata, logo todos obedecerão prontamente, e servirão a Deus, e nenhum haverá que se atreva a pecar: *Exurge in ira tua, exurge in praecepto quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te*. Lá disse o poeta: *Si quoties peccant homines, sua fulmina mutat Jupiter exiguo tempore inermis erit*: Se todas as vezes que os homens pecam caísse sobre o delinqüente um raio do céu, acabar-se-iam os raios. — Mas não disse nem inferiu bem. Se todas as vezes que os homens pecam caísse logo do céu um raio que abrasasse o pecador, não se acabariam, antes sobejariam os raios. Os que se acabariam ou seriam os homens ou os pecadores: mas o certo é que seriam os pecados, e não os homens, porque, tanto que o castigo andasse junto com o pecado, nenhum homem havia de ser tão cego que se arrojasse a pecar. Esta foi a proposta e o alvitre de Davi. E que lhe respondeu Deus? O mesmo Davi o disse logo. Ainda que o coração de Davi era semelhante ao

coração de Deus, o de Davi era tão pequeno que cabia no seu peito, e o de Deus é tão grande como sua mesma imensidade. Respondeu Deus aquilo mesmo que dizem os que, fiados na dilação do castigo, se animam a continuar no pecado: *Deus judex justus, fortis et patiens, nunquid irascitur per singulos dies*⁶? Deus — diz o pecador usando das palavras divinas a sabor do seu apetite — Deus, ainda que é justo juiz, e tão forte, que nenhum culpado ou réu lhe pode escapar das mãos, contudo o seu coração é muito largo, e a sua paciência muito sofrida; e ainda que os nossos pecados são cotidianos, a sua ira não é de cada dia: *Nunquid irascitur per singulos dies*?

8. Este é o fundamento com que disse judiciosamente Tertuliano que Deus padece na sua mesma paciência: *Deus sua sibi patientia detrahit* — porque dá ocasião o seu sofrimento a que se perca o temor de sua justiça e o respeito à sua autoridade. Atreveu-se Osa, posto que com boa tenção, a tocar na Arca do Testamento, e no mesmo ponto pagou aquela temeridade, caindo de repente morto. Oh! se Deus o fizesse assim sempre ou muitas vezes, e os pecados se pagassem logo e de contado, como haviam os homens de ir atentos em pecar, e como se lhes haviam de atar as mãos, ainda quando o pecado fosse duvidoso! Por que cuidais que pecou Adão e comeu da fruta vedada, tendo-lhe Deus cominado a morte, se comesse? Porque viu que Eva tinha comido e não morreu. O preceito e a pena do preceito foi posta a ambos: pois, se Eva comeu e não morreu, também eu — diz Adão — não morrerei, ainda que coma. — Venha a fruta, farte-se o apetite, e vivamos a nosso gosto. — Isto é o que fez Adão, e isto o que fazem seus filhos. O pensamento, diz o texto sagrado com que, depois de ter pecado, se animam os homens a tornar a pecar, é este: *Peccavi, et quid mihi accidit triste* (Eclo. 5, 4)? Eu pequei, e nem por isso me sucedeu mal ou desgraça alguma: Estava vivo, e estou vivo; estava são, e tenho a mesma saúde; tornei para casa, e nem por isso a achei caída, e meus filhos mortos debaixo dela, como Jó; os gados não nos roubaram os inimigos, nem me mataram os escravos; às lavouras não lhes faltou a chuva que as regasse, nem o sol que as amadurecesse; se meti os frutos no celeiro, conservaram-se; se os naveguei, chegaram a salvamento; tudo me sucedeu tão prosperamente que, no mesmo dia em que pequei, se fui à casa do jogo, ganhei; se pleiteava, tive sentença por mim; se tinha algum requerimento, saí despachado, e se fui beijar a mão ao rei, olhou-me com bons olhos. Pois, se na vida, na fazenda, na honra, em nada me empeceu o pecado, por que não hei de tornar a pecar? Quero pecar como dantes, e mais ainda.

9. Este é o discurso, ou mais ou menos expresso, com que os homens se precipitam a continuar no pecado. Mas vede o que lhes diz o Espírito Santo: *Ne dixeris: peccavi, et quid mihi accidit triste? Altissimus est enim patiens redditor* (Ecl. 5, 4): Não digas: pequei, e não me sucedeu nenhum mal, porque a paciência do Altíssimo, ainda que dissimule muito tempo, e se não pague logo do que lhe deves, no cabo puxa pelo capital e mais pelos réditos. — Réditos lhes chamou Tertuliano: *peccati censum*. E S. Gregório, declarando quão grandes e quão custosos serão estes réditos, diz que será tão estreita e insofrível a execução do juízo, quão larga foi a paciência e sofrimento de Deus na dilação do castigo: *Tanto strictiorem justitiam in judicio exiget, quanto largiorem patientiam ante judicium praeogavit*. — Oh! como nos enganamos os homens com a paciência e sofrimento de Deus, que quanto mais dilata menos perdoa. Sofreu Deus o fratricídio de Caim, e não o castigou logo com a morte; mas, depois de andar desterrado e fugitivo por esse mundo, e aborrecido de todos em suma confusão e miséria, veio a morrer desastadamente em um bosque, reputado por fera, a mãos de seu próprio neto, Lamec. Sofreu Deus as desobediências de Saul, e a usurpação do ofício sacerdotal, e as invejas e ingratidões com que perseguiu a inocência e pagou os merecimentos de Davi, a quem devia a honra, a vida e a coroa. Mas, perguntei aos montes de Gelboé, qual foi o triste fim do mesmo Saul, afrontosamente vencido, morto com sua própria espada, e depois pendurado de uma ameaia nos muros de seus inimigos. Sofreu Deus as ambições e loucuras de Absalão, rebelde a seu rei e a seu pai, e as políticas ímpias de Aquitofel, alheias de toda a lei divina e humana; mas a uns vereis enforcado por suas próprias mãos em uma trave da sua casa, e ao outro preso por seus próprios cabelos nos braços de uma enzinheira, com o coração, que lhe não cabia no peito, passado com três lanças. Sofreu Deus as idolatrias del-rei Acab e de sua mulher Jesabel, as perseguições dos profetas e os falsos testemunhos levantados contra Nabot, e o roubo perjuro da sua herdade; mas no cabo, ele e ela infamemente privados do reino: ele foi ferido e morto de uma seta perdida, e ela precipitada de uma janela de seu palácio; a ela lhe roeram os cães os ossos, e a ele lhe lamberam o sangue. Deixo os exemplos de Nabuco soberbo, de Antíoco sacrílego, e de Judas traidor: um convertido em bruto, outro comido vivo de bichos, e o terceiro rebentado pelo meio, vomitando a infeliz alma juntamente com as entranhas, todos três longamente sofridos, mas depois severissimamente castigados, para que ninguém se fie na dilação do castigo, que, se tarda, sempre chega, e recompensa com o rigor as usuras da tardança.

§IV

Segundo motivo que facilita os homens a perseverar na continuação do pecado: a confiança na misericórdia de Deus, o atributo divino mais apregoado em todas as Escrituras. O que diz Santo Agostinho. A misericórdia divina transformada pelos homens em terceira do demônio para se amigarem com ele. O que diz o mesmo Pai das misericórdias. A união ou unidade dos dois atributos divinos: justiça e misericórdia na exclamação de Davi. Que fazem os católicos? Partem a Deus pelo meio, e pecam contra ametade de Deus, sem fazer caso da outra a metade.

10. O segundo motivo que facilita, e quase parece que convida os homens a perseverar na continuação do pecado, é a confiança na misericórdia divina. Nenhum atributo pregam e apregoam mais em Deus todas as Escrituras que a sua misericórdia, grande, infinita, imensa. Não só chamam a Deus misericordioso, senão misericordioso: *Misericors et miserator* (Sl. 110, 4). E como se Deus se multiplicara a si mesmo para multiplicar as misericórdias, dizem que *é multus ad ignoscendum*⁷. À mesma misericórdia, sendo uma, dão nome de multidão: *Secundum multitudinem miserationum tuarum*⁸. E, finalmente, porque a multidão se compõe de números, acrescentam que a misericórdia de Deus não tem número: *Cujus misericordiae non est numerus*. Que muito, logo, que se Deus se multiplica para perdoar, multipliquem também os homens a matéria do perdão, que são os pecados, e que não reparem em acumular uns pecados sobre outros, pois, ainda que o número e multidão deles seja grande, o número inumerável e a multidão sem conta das misericórdias de Deus, sempre é maior? Tão assentado está este desprezo do pecado na confiança da misericórdia divina, que se eu — diz Santo Agostinho, falando de si — se eu quiser persuadir aos homens que temam a Deus e o rigor de sua justiça, para que se abstenham de pecar, haverá algum que, fundado nas Escrituras, se levante contra mim, e não duvide dizer-me na cara: *Quid me terres de Deo nostro? Ille misericors est, et miserator, et multum misericors*: Que medos são estes, Agostinho, que cá nos quereis meter com o nosso Deus? Ele é misericordioso, e mais misericordioso, e muito mais misericordioso; e sendo tanta e tal a sua misericórdia, como é de fé, ainda que nós pequemos, e mais pequemos, e tornemos a pecar, sempre seremos perdoados.

11. Isto dizem muitos pecadores, e isto fazem todos, ainda que o não digam. E é coisa sobre toda a admiração e sobre todo o encarecimento notável, que prometendo Deus o céu e a bem-aventurança, e não podendo o demônio dar senão o que tem, que é o inferno, sendo Deus tão bom e o demônio tão mau, Deus tão formoso e o demônio tão feio, haja, contudo, tantas almas enganadas e cegas que, deixando a Deus, se amiguem com o demônio. Palácios, doutíssimo expositor das Escrituras Sagradas, e tão pio como douto, respondendo a esta admiração, diz uma coisa a que, pelo nome com que a declara, duvidei se a referiria deste lugar. Mas porque outros comentadores, que vieram depois dele, a alegam como muito digna de se saber e dizer, eu a não devo calar. Diz pois este grave autor que a causa de muitas almas deixarem a Deus e se amigarem com o demônio, é porque tem o demônio uma terceira, solicitada pelos mesmos homens, com a qual é tão sagaz, tão astuto, tão enganador e lisonjeiro o demônio, que com suas artes, promessas e carícias, afeiçoa, rende e traz a si as almas. E que ministra é esta, que terceira tão poderosa, para o demônio enganar os juízos e cativar as liberdades? É, porventura, alguma Circes ou alguma Medéia, que com feitiços e encantos alucine os homens? É alguma fúria do inferno, transfigurada em anjo de luz, que com adulações e falsas esperanças lhes tire o medo do mesmo inferno? Não é do inferno, nem da terra, nem só do céu, mas tirada do seio e das entranhas do mesmo Deus, que criou o céu e a terra. E — quem tal imaginara — é a mesma misericórdia divina, a qual os homens, por suma temeridade e impudência, fazem terceira do demônio, para se amigarem com ele: *Immane flagitium est misericordiam Dei lenam facere diaboli, et quod per misericordiam, per quam Deo conjungi debueras, diaboli conjugaris*: Não pode haver mais enorme e mais atroz sacrilégio, nem mais horrendo descomedimento de maldade ímpia e cega, que fazer a misericórdia de Deus terceira do demônio, e que por ocasião da mesma misericórdia, pela qual o homem se havia de unir mais a Deus, se ajunte com o demônio e se amigue com ele. Isto pois é, e nada menos, o que fazem todos aqueles que, confiados na misericórdia de Deus, em lugar de lhe pedir perdão dos pecados, se animam e facilitam sem temor a continuar neles.

12. Ouçam agora estes enganados com a misericórdia, o que lhes diz o mesmo Pai das misericórdias: *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: Miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum miserebitur* (Ecl. 5,5 s): Não acrescentes pecados sobre pecados, e não digas que a misericórdia de Deus é grande e perdoará todos os pecados, ainda que sejam muitos. — E por que razão, Senhor? Se os nossos pecados foram muitos e a vossa misericórdia pouca ou pequena, então tínhamos fundamento para desconfiar do perdão; mas, se a misericórdia é grande, e sempre maior que os nossos pecados, por mais e mais que os acrescentemos, por que não havemos de confiar e estar muito seguros que sempre nos perdoará vossa misericórdia? O mesmo Deus dá a razão, e é tão divina como sua: *Misericordia enim et ira ab illo cito proximant* (Ibid. 7): Não vos fieis demasiadamente da minha misericórdia, diz Deus, porque a misericórdia e a justiça em mim estão muito perto uma da outra. — Admirável sentença! Em Deus, cuja natureza e essência é simplicíssima, tudo é a mesma coisa, porque tudo é Deus. Mas nenhuma coisa há em Deus mais unida entre si, nem mais identificada e mais uma, e mais a mesma, que a misericórdia e a justiça. Em Deus o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus, a misericórdia é Deus e a justiça é Deus; mas o Padre, o Filho e o Espírito Santo, ainda que sejam Deus, e o mesmo Deus, distinguem-se realmente: porém, a misericórdia e a justiça não têm distinção alguma. O Padre é Deus, mas não Filho; o Filho é Deus, mas não é Padre; o Padre e o Filho são Deus, mas não são Espírito Santo; o Espírito Santo é Deus, mas não é Padre nem Filho. Porém a misericórdia e a justiça em Deus de tal maneira são Deus, que a mesma justiça é misericórdia, e a mesma misericórdia é justiça.

13. Daqui se entenderá aquela sentença famosa de Davi, que mais parece enigma que sentença: *Semel locutus est Deus, duo haec audivi* (Sl. 61, 12): Deus — diz Davi — disse uma coisa, e eu ouvi duas. — Aquilo que se ouve, se se ouve bem, é o mesmo que se diz; pois, se Deus disse uma só coisa, Davi, que era muito bom ouvinte, como ouviu duas? O mesmo Davi se explicou, e não sei se nos implicou mais: *Duo haec audivi, quia potestas Dei est, et tibi, Domine, misericordia: quia tu reddes unicuique juxta opera sua* (Ibid. 12): O que ouvi — diz Davi — é que Deus todo-poderoso tem misericórdia e justiça, com que dá a cada um segundo o merecimento de suas obras. — Bem ouviu logo Davi, e bem diz que ouviu duas coisas, pois ouviu que Deus tem misericórdia e justiça. Mas se ele ouviu estas duas coisas: *Duo haec audivi* — como disse Deus uma só: *Semel locutus est Deus*? Porque esta é a diferença que há de Deus para com os homens na realidade ou apreensão da misericórdia e justiça divina: para conosco, e na apreensão com que consideramos a misericórdia e justiça divina, são duas coisas, e por isso: *Duo haec audivi*; porém na realidade com que a mesma misericórdia e justiça divina está em Deus, é uma só coisa, e por isso: *Semel locutus est Deus*. Para conosco, a misericórdia e a justiça são duas coisas, porque apreendemos a misericórdia como misericórdia distinta da justiça, e a justiça como justiça distinta da misericórdia; mas para com Deus e em Deus são a mesma coisa, sem distinção alguma, porque em Deus a justiça é misericórdia, e a misericórdia justiça.

14. Sendo, pois, tão inseparável e tão íntima, não digo a união, senão a unidade destes dois atributos divinos, dos quais depende o perdão ou condenação de todos os que pecam, vede agora se é bom conselho, e digno de Deus, aquele com que o mesmo Deus tanto nos exorta e admoesta, que não acrescentemos pecados sobre pecados, fiados na sua misericórdia, porque a misericórdia e a justiça em Deus estão muito perto uma da outra: *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: Miseratio Domini magna est: misericordia enim et ira ab illo cito proximant*. É contudo tal a cegueira e malícia humana, que estando a misericórdia e justiça divina tão perto uma da outra, não só os hereges, senão também os católicos têm achado invenção com que as dividir. Os hereges marcionistas diziam que Deus tinha misericórdia e não tinha justiça, por ser coisa alheia da sua bondade o castigar, como se Deus fora bom, para que os homens fossem maus, como bem os arguiu Tertuliano. E os católicos, ainda com maior incoerência, conhecendo e confessando que Deus é misericordioso e justo: *Misericors Dominus et justus* (Sl. 114,5) — que fizeram, ou que fazem? Partem a Deus pelo meio — diz S. Basílio: — *Deum ex dimidia tantum parte agnoscunt*. Donde vem que, pecando facilmente contra ametade de Deus, que reconhecem por misericordioso, da outra ametade não fazem caso, como se não creram que é justo. Oh! que sisudos seriam os homens, já que fazem esta divisão, se a fizessem às avessas! Assim a fazia Davi, depois que o seu mesmo pecado o fez sisudo: *Domine, memorabor justitiae tuae solius* (Sl. 70, 16): Senhor, eu daqui por diante só me hei de lembrar de vossa justiça. — E da sua misericórdia, por que não, tendo vós recebido tantos favores da misericórdia divina? Por isso mesmo: para não abusar dela. Quem se lembra só da justiça de Deus, como se não tivera misericórdia, teme de pecar, e salva-se; pelo contrário, os que só se lembram da misericórdia de Deus, como se não tivera justiça, não reparam em pecar, e condenam-se. E isto é o que acontece a todos os que pecam em confiança da misericórdia divina.

§V

Terceiro motivo com que o homem se facilita a pecar mais: o propósito do arrependimento. A concepção da dor e o parto do pecado, segundo Davi. Razão de estado do demônio no contrato de que fala Isaías. A falsidade dos propósitos de arrependimento nas palavras de um cristão condenado ao inferno. Os mais valentes propósitos que se fizeram neste mundo.

15. O terceiro motivo com que o homem se facilita a pecar mais, e a continuar ou multiplicar os pecados, é o propósito do arrependimento. Eu, diz o pecador, peço e pecarei agora, sim: mas não com resolução de perseverar sempre no pecado, senão com intento e propósito firme de me arrepender depois, e de me pesar e doer de todo o coração disto mesmo que agora faço. Este é o modo e a suposição com que se delibera a pecar todo o homem que tem fé da outra vida, e assim o declarou maravilhosamente um deles, bem experimentado nos pecados, e muito mais nos arrependimentos.

16. *Ecce parturiit injustitiam: concepit dolorem, et peperit iniquitatem* (Sl. 7,15): O pecador — diz Davi — quando se deliberou a pecar, concebeu a dor e pariu o pecado. — Na produção e nascimento das coisas animadas, a conceição sempre precede o parto, e o parto se segue à conceição. No pecado sucede o mesmo. Quando o homem se delibera a pecar, então concebeu o pecado, e quando o cometeu e efetuou, então o pariu: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem*. Mas, se bem repararmos nestas palavras, parece que envolvem uma implicação natural. A conceição e o parto sempre são da mesma espécie. Se o parto é homem, o que se concebeu também foi homem; se o parto é leão, o que se concebeu também foi leão; e se o parto acaso é monstro, como é todo o pecado, também o que se concebeu foi monstro. Pois, se Davi diz que o pecador pariu o pecado: *peperit iniquitatem*, por que não diz coerentemente que concebeu o pecado, senão que concebeu a dor: *concepit dolorem*? Porque este é o modo e a suposição com que todo o homem que tem fé se delibera a pecar. Primeiro concebeu a dor, e depois pare o pecado; primeiro faz conceito do arrependimento futuro, e propõe de se doer e arrepender do mesmo pecado que está deliberado a cometer, e sobre este propósito de dor e arrependimento, que já tem concebido, como sobre carta de seguro e imunidade da pena, então peca confiadamente e sem receio. Bem conhece o pecador cristão

que o pecado mata a alma e a condena ao inferno; mas, lisonjeado e vencido do apetite, como se tomara a salva e se desculpara com a sua alma, lhe diz dentro em si mesmo: — Alma minha, eu bem sei que te mato e te condeno; mas se agora te mato e te condeno com o pecado, eu te ressuscitarei depois, e te livrarei com a dor: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem*.

17. Este é aquele concerto ou pacto, mal considerado e pior entendido, que o profeta Isaías diz fazem os homens com a morte e com o inferno: *Audite verbum Domini, viri illusores: dixistis enim: Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum*⁹. Aos que assim pacteiam com o demônio, e se deliberam a pecar, chama-lhes Deus, não ilusos, senão ilusores: *Viri illusores*, porque não só o demônio os engana a eles, mas eles cuidam que enganam ao demônio. Dão-lhe agora a alma pelo pecado, para depois lha tornarem a tirar pela dor e arrependimento. E desta maneira, ou por esta traça, o demônio é o que ficaria iluso, e não eles. Mas vamos às condições. O que os homens podem temer, e o que temem todos os timoratos, é que pelo pecado, morrendo nele, vão ao inferno; e por isso o contrato e pacto que fazem com o demônio é sobre a morte e sobre o inferno: *Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum*. Pelo contrato sobre a morte promete-lhes o demônio que antes da morte terão tempo para cumprir os seus propósitos, e se doer e arrepender do pecado; e pelo contrato sobre o inferno, assegura-os o mesmo demônio, que de nenhum modo poderão ir para lá, porque todo o que se arrepende verdadeiramente de seus pecados antes da morte, é certo que não vai ao inferno. Pois, se estas condições assim praticadas são tão úteis ao homem, e o demônio nelas fica perdido, como o mesmo demônio, que é tão sábio e astuto, pacteia tão facilmente com tais condições? Porque debaixo delas, o que vai enganado e totalmente perdido não é ele, senão o homem. A razão de estado do demônio nos seus contratos com os homens — diz S. Basílio — é com condição da nossa parte, que nós lhe demos o presente, e com promessa da sua, que ele nos dará o futuro: peca agora, e depois te arrependerás; e como o presente é o fácil e o certo, e o futuro o contingente e dificultoso, daqui se segue que agora, que era o tempo da emenda, todos pecam, e depois, que é o tempo da conta, em castigo do mesmo pecado, poucos ou nenhum se arrepende.

18. Mais faz o demônio, como ainda não ponderamos, nas palavras de Davi: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem*. A natureza pôs o leite na conceição e a dor no parto; e o demônio, às avessas, põe o leite no parto e a dor na conceição: põe o leite no parto, que é o pecado, porque a todo o pecado, em qualquer gênero, sempre acompanha o leite; e põe a dor na conceição, porque na deliberação de pecar nos sugere e faz conceber a dor para depois de ter pecado. E como o apetite humano se leva tão cegamente do delectável, por isso ao pecado, em que está o leite e a perdição, damos o tempo presente, e a dor, em que estava o remédio e a salvação, deixamo-la para o futuro. Desta sorte, os nossos mesmos propósitos, que nós chamamos de arrependimento, são de condenação, e os mesmos pecados, que em confiança deles nos deliberamos a cometer, nos deveram desenganar da sua falsidade. Ou estes propósitos são falsos ou são verdadeiros. Se são falsos, por que nos fiamos deles? E se são verdadeiros, e são propósitos de arrependimento, por que nos não arrependemos logo, enquanto temos tempo de não pecar? O certo é que nem os propósitos são propósitos, nem os arrependimentos hão de ser arrependimentos, e porque são propósitos de arrependimento que não hão de ser, nem eles são propósitos.

19. Mas, suposto que este pacto é feito com o inferno: *Cum inferno fecimus pactum*, desçamos ao mesmo inferno, e vejamos como lá se guarda. Há neste cárcere infernal, há nesta masmorra escuríssima algum homem que fosse cristão? Muitos. Responda-me algum homem desventurado, quem quer que sejas, se foste cristão, ainda hoje o és, porque o caráter do batismo impresso na alma, nunca se perde. Pois, se és e foste cristão, e crias tudo o que crê a Santa Madre Igreja, como te não aproveitaste da fé e dos sacramentos, como te não aproveitaste da doutrina e exemplos do Evangelho, que tantas vezes ouvistes, e como enfim te condenaste? — Por meus pecados. — E sabias tu que os pecados, e um só pecado, basta para levar ao inferno? — Bem sabia tudo isso; mas também sabia que basta o verdadeiro arrependimento dos mesmos pecados para Deus os perdoar; e por este conhecimento que eu tinha, todas as vezes que me resolvia a pecar, era com grandes propósitos de depois me arrepender. — Pois, se fazias tantos propósitos de arrependimento, por que te não arrependeste? — Porque esse é o engano que cá nos traz a todos. Estes dois, que aqui estão ardendo junto a mim, foram os dois irmãos Ofni e Finéias, filhos do Sumo Sacerdote Heli, e como tais, muito bem doutrinados e instruídos em todos os mistérios da fé e da salvação. Reprendia-os seu pai, e dizia-lhes que se emendassem e arrependessem de seus pecados; e eles respondiam: *Cum senuerimus, tunc poenitebimus*: que eram moços e queriam viver com liberdade, que depois se arrependeriam. Mas a morte veio antes do depois, os arrependimentos e os propósitos ficaram no ar, e as almas desceram ao inferno. Aqui estão ardendo há dois mil e setecentos anos, e arderão, e eu com eles, porque fiz a mesma conta, enquanto Deus for Deus.

20. Cristãos, tomemos exemplos neste, e não nos fiemos de semelhantes propósitos. Quando o propósito do arrependimento se ajunta com a resolução do pecado, nem é arrependimento, nem é propósito, porque a resolução do pecar contradiz o propósito da emenda, e o pecado presente desfaz o arrependimento futuro. Se os propósitos de não pecar, ainda feitos em graça de Deus, são pouco seguros, os propósitos de arrepender do pecado, que se fazem querendo pecar e pecando atualmente, que firmeza podem ter? Os mais valentes propósitos que se fizeram neste mundo foram os de S. Pedro: valentes não só na boca, mas, o que poucas vezes se ajunta, na boca e mais na espada. E que disse Pedro? *Et si omnes scandalizati fuerint in te, ego nunquam scandalizabor* (Mt. 26,33): Ainda que todos, Senhor, faltem à fidelidade e amor que vos devem, eu nunca hei de faltar. — Que mais disse? *Etiamsi oportuerit me mori tecum, non te negabo* (Ibid. 35). E quando seja necessário dar a vida e morrer convosco, primeiro morrerei, que negar-vos. — Podia haver mais animosos e mais resolutos propósitos que estes, e mais bizarramente declarados? Não podia. E com serem tão repetidos, tão constantes, e feitos, como verdadeiramente eram, de todo coração, não se tinham passado seis horas, quando o mesmo Pedro, caindo, recaído e

tornando a cair, tinha negado a seu Mestre, não menos que três vezes. E se os propósitos de não pecar acabam negando a Cristo, os que começam pecando e negando a Cristo, que se pode esperar deles? Ao pecado de Pedro seguiu-se depois o arrependimento, porque foram propósitos de não pecar, estando em graça; mas a quem peca com propósitos de se arrepender depois, donde lhe há de vir o arrependimento, se o nega e desmerece com o mesmo pecado? Pecareis, como pecais, mas não vos arrependereis, como prometeis.

§VI

Quarto e último motivo com que os homens não temem continuar no pecado: a facilidade e prontidão do remédio. A confissão, remédio de palavras, profetizada por Oséias. Diferença das palavras nas confissões de Davi e de Saul. Os pecadores de Jerusalém e a confiança no Templo. A nova Teologia da Holanda: para um cristão ir ao céu basta ter confessor e dinheiro. O exemplo de Ananias e Safira. A rematada doídice dos que se fiam na facilidade da confissão.

21. O quarto e último motivo com que os homens se cegam e não temem continuar no pecado, posto que conheçam ser enfermidade mortal, é a facilidade e prontidão do remédio. O remédio que Cristo, Senhor nosso, condescendendo com a fraqueza humana, deixou para os pecados que depois do Batismo se cometessem, foi a confissão dos mesmos pecados. Por isso o sacramento da Penitência se chama segunda tábua em que o homem depois do naufrágio se pode salvar. Mas assim como seria temeridade mais que grande a daquele que voluntariamente se lançasse ao mar, mui seguro de chegar ao porto sobre uma tábua, e maior temeridade ainda, se em confiança da mesma tábua, se fosse sempre engolfando mais e mais, assim o fazem os que, debaixo do pretexto da Confissão, se precipitam a pecar, e dizendo: eu me confessarei, multiplicam pecados sobre pecados.

22. Não pretendo negar com isto que o remédio da confissão não seja muito pronto e muito fácil. Não é muito fácil remédio o de curar com palavras, ou fosse inventado pela superstição ou pela arte? Pois deste gênero é, e com muito grandes vantagens, o remédio da Confissão. Não só cura de algumas feridas, senão de todas, ainda que sejam mortais; não só cura de poucas ou de muitas, senão de todas, ainda que sejam inumeráveis; e de tal maneira cura de todas quantas padece o enfermo, que se uma só se lhe excetuasse, não curaria de nenhuma. E tudo isto faz a confissão, não em largo tempo, senão em um instante, e sem outra aplicação da nossa parte mais que palavras. O profeta Oséias, exortando aos homens a que se convertam a Deus, diz assim: *Convertimini ad Dominum, et dicite ei: omnem aufer iniquitatem* (Os. 14,3): Converti-vos a Deus, e dizei-lhe que vos tire todos vossos pecados. — Pois, não há mais que dizer a Deus que nos tire nossos pecados, e não alguns, senão todos: *Omnem aufer iniquitatem?* E se Deus da sua parte nos há de tirar todos os pecados, nós da nossa que havemos de fazer para que ele no-los tire? O mesmo profeta o diz, e é coisa bem notável: *Tollite vobiscum verba* (Os. 14,3): Levai convosco palavras. — Bem diferentemente falavam os outros profetas no mesmo tempo de Oséias, que era o da lei velha. O que diziam os outros profetas era: *Tollite hostias*: levai a Deus sacrifícios, para que por meio deles aplaqueis sua justa ira, e vos perdoe os pecados. Pois, se os outros profetas dizia: *Tollite hostias*¹⁰, por que diz Oséias: *Tollite verba*? Porque Oséias, neste texto, como diz a glosa com Ruperto, fala profeticamente do Sacramento da Confissão, que Cristo havia de instituir na lei da graça; e para conseguir o perdão dos pecados por meio da Confissão, não são necessárias da nossa parte mais que as palavras — não informes, mas formadas — com que os confessamos. Excelentemente Ruperto: *Non dico: Tollite vobiscum multitudinem hircorum, aut vitulorum, sed verba, quae consequi potestis sine dispendio rerum. Verba confessionis Deo pro salute vestra sufficiunt, pro iniquitatibus vestris satisfaciunt*: Não vos digo que tragais convosco ao sacrifício multidão de bezerros ou de cordeiros, senão somente palavras, para as quais todos tendes cabedal, sem dispêndio da fazenda ou necessidade dela, porque virá tempo em que bastem para com Deus as palavras da vossa Confissão, e só com essas palavras se dê por satisfeito de todos vossos pecados. Pode haver maior facilidade que esta?

23. É tão grande que, como refere Santo Agostinho, os gentios do seu tempo o lançavam em rosto aos cristãos, dizendo que não podia ser boa aquela lei, em que tão facilmente se perdoavam os pecados, pois era dar licença para pecar. Assim o diziam ignorantemente os bárbaros, e puderam provar a blasfêmia do seu pensamento com o exemplo ou escândalo de muitos cristãos, os quais de tal modo abusam da facilidade da Confissão, como se fora licença ou imunidade dada por Deus para poderem pecar quanto quisessem. Mas o mesmo Santo Agostinho ensinou aos gentios, que tão fora está a Confissão de facilitar o pecado, que antes é um novo freio com que mais se dificulta, porque, como na Confissão só se perdoam os pecados de quem leva resolução de nunca mais pecar, se no pecado se quebra a lei com que Deus nos manda que não pequemos, na Confissão não só se torna a ratificar a mesma lei de Deus, mas nós mesmos nos pomos outra lei de novo, com que nos obrigamos a não reincidir naquele pecado, nem cometer algum outro. Foi tão engenhosa a traça da Confissão, ou verdadeiramente tão divina, que quando por uma parte abre a porta ao perdão, por outra fecha a porta ao pecado. Se duas casas têm as entradas juntas, com a mesma porta com que se abre uma, se pode fechar a outra. E isto é o que fez Deus no sacramento da Confissão. E como a Confissão verdadeira inclui essencialmente detestação dos pecados cometidos, e resolução firme de nunca mais pecar, com a detestação abriu a porta ao perdão dos pecados passados, e com a resolução fechou a porta à continuação dos futuros.

24. Já daqui começarão a entender os que tanto se confiam no remédio da Confissão quão enganada e enganosa é esta sua confiança. A Confissão verdadeira e efetiva há de levar consigo ao confessado, e pô-lo todo, e para sempre, aos pés de

Deus. Se não leva consigo ao confessado, não é Confissão. Olhai o que dizia Oséias, e ainda não notastes: *Tollite vobiscum verba, ei dicite: omnem aufer iniquitatem*. Para que Deus vos perdoe os pecados, não só diz que leveis as palavras à Confissão, senão que as leveis convosco: *Tollite vobiscum verba*. Porque se vós não levais as palavras da Confissão convosco, e elas vos não levam consigo, a Confissão não é Confissão, são palavras. O sacrifício de Abel, por que contentou a Deus? Porque levou consigo o mesmo Abel. E o de Caim, por que não lhe contentou? Porque não levou consigo a Caim. Davi disse a Natã: *Peccavi*,¹¹ e Saul também disse a Samuel: *Peccavi* (1 Rs. 15,24). E sendo as palavras as mesmas, Davi ficou absolto do seu pecado, e Saul não, porque a Davi levou-o consigo a sua Confissão, e a Saul não o levou a sua. Vejam agora os que guardam a Confissão para a hora da morte, as suas palavras os podem levar consigo, quando eles já não estão em si? Eis aqui por que vemos morrer tantos sem Confissão, ou com Confissões que não são Confissões. Porque é justo castigo de Deus que a quem pecou em confiança da Confissão, essa mesma Confissão lhe falte ou lhe não aproveite.

25. Os moradores de Jerusalém pecavam dissoluta e desafortadamente, como se para eles não houvera lei nem castigo, e toda a sua confiança se fundava em que Deus tinha o seu Templo na mesma Jerusalém. Deus, diziam eles, tem o seu Templo na nossa cidade? Pois ele defenderá as nossas casas, por não perder a sua. Mas vede o que lhes disse então o profeta Jeremias: *Nolite confidere in verbis mendacii, dicentes: Templum Domini, templum Domini, templum Domini est*¹². Vós, fiados no Templo de Deus, matais, roubais, adulterais, como se no mesmo Templo tivéreis licença e imunidade de Deus para pecar livremente: pois sabeí que toda essa vossa confiança é falsa e enganosa, e que no cabo vos há de mentir: *Nolite confidere in verbis mendacii*, porque a quem peca em confiança do Templo, não lhe vale o Templo. E assim sucedeu. O mesmo digo da Confissão, porque Deus, e sua justiça, sempre é o mesmo e a mesma. Assim como não vale o Templo a quem peca em confiança do Templo, assim é justo castigo de Deus que não aproveite a Confissão aos que pecam fiados na Confissão. Deus fez a Confissão para remédio da fraqueza, e não para estímulo da malícia. É medicina para sarar, e não carta de seguro para adoecer. Por isso permite Deus justissimamente, que ou falte a confissão, ou não aproveite a muitos, porque não é razão que o remédio seja proveitoso a quem foi injurioso ao mesmo remédio.

26. Aqui parara eu já, e me dera por satisfeito, se não tivera notícia, que anda muito valida pela terra uma nova proposição ou teologia, a qual eu não posso crer, senão que o Norte a trouxe de Holanda a Pernambuco, e o Nordeste de Pernambuco à Bahia. E que proposição é esta? Que para um cristão ir ao céu, basta ter confessor e dinheiro: o confessor para os pecados, o dinheiro para os sufrágios; o confessor para as culpas, com que vos livreis do inferno, e o dinheiro para as penas, com que vos livreis do purgatório. Ainda agradeço aos que isto dizem, crerem que há purgatório e inferno; mas assim começam as heresias. Pobres dos pobres que não têm dinheiro, e mais pobres dos ricos que nele se fiam. Mas eu lhes concedo que tenham confessor e dinheiro, e, deixado o exemplo de Judas, ainda lhes mostro com outro mais apertado, que com dinheiro e confessor podem morrer sem Confissão. No tempo da primitiva Igreja todos os cristãos levavam o dinheiro que tinham aos pés dos apóstolos, porque viviam em comunidade, como hoje os religiosos. Houve, contudo, dois casados, Ananias e Safira, que vendendo uma sua herdade, contra o voto que tinham feito, reservaram escondidamente parte do preço. Chamou Pedro a Ananias, fez-lhe cargo do seu pecado e de ter mentido ao Espírito Santo, quando estava em sua mão lograr o que tinha, e no mesmo ponto, sem dizer palavra, caiu Ananias morto (At. 5,1-10). Veio depois do mesmo modo Safira, chamada a juízo: argüiu-a S. Pedro da mesma culpa, como meeira da mesma fazenda e cúmplice na reserva do dinheiro, e também caiu de repente muda e morta. Agora pergunto: E estes dois desventurados tiveram confessor e dinheiro? Uma e outra coisa tiveram. Tiveram confessor, e tal confessor como S. Pedro, Sumo Pontífice da Igreja; tiveram também dinheiro, que para isso o esconderam e reservaram, e confessou-se algum deles? Nenhum. De maneira que ambos tiveram dinheiro, ambos tiveram confessor, ambos morreram aos pés do confessor, e ambos morreram sem Confissão. Levai lá as novas aos da nova teologia, porque não quero afrontar a nenhum dos presentes com presumir dele tal ignorância.

27. Não basta ter confessor na hora da morte para a alma se salvar, porque, com o confessor à cabeceira, a uns falta a Confissão, e outros faltam a ela. Aos que falta vida, a fala e o juízo, falta a Confissão; e os que têm vida, fala e juízo, faltam eles à Confissão muitas vezes, porque em pena de a guardarem para aquela hora, e pecarem em confiança dela, permite justamente Deus que por falta de verdadeira disposição — que pode ser de muitos modos — lhes não aproveite a Confissão. Dizei-me: se um homem, por suas próprias mãos se dera uma estocada penetrante, e sobre esta, outras e outras, não o teríeis por doido? E se ele respondesse que fazia tudo aquilo porque tinha uma redoma de óleo de ouro muito provado, com que facilmente se curaria, não o teríeis por mais doido ainda? Pois isto é o que fazem os que, fiados na facilidade da Confissão, continuam a pecar. E a doidice e loucura deles é muito mais rematada, porque nem a Confissão nem o efeito dela está na sua mão. Por isso há tantos que se condenaram sem Confissão, e tantos que se condenaram confessados, para que ninguém, finalmente, se fie na facilidade deste remédio.

§VII

O motivo mais eficaz, mais forte e mais terrível que pode haver para nunca jamais pecar: Deus tem taxado a cada cidade, reino, província ou nação certa medida de pecados, aos quais infalivelmente se segue o castigo. O cativo de Babilônia figurado na visão do profeta Zacarias. O cativo da Bahia e de Pernambuco.

28. Temos visto mais largamente do que quisera, posto que com a maior brevidade que me foi possível, quão enganosos são os motivos e quão falsos os pretextos do nosso apetite, com que o demônio nos anima a pecar e a continuar nos pecados, contra o preceito e conselho de quem tanto nos deseja salvar, que deu por isso a vida: *Jam amplius noli peccare*. Vimos que todos são falsos e enganosos, porque nem a dilação do castigo o diminui, antes o acrescenta; nem a confiança na misericórdia divina nos assegura da sua justiça, antes a provoca; nem os propósitos do arrependimento têm firmeza alguma na vida, nem ainda na vontade; nem, finalmente, a facilidade do remédio é tão desembaraçada e pronta que não tenha tantas dificuldades como perigos, bastando o menor deles para que a alma se perca e se condene. Mas porque este ponto de não haver de pecar mais é tão árduo, a natureza tão corrupta e o hábito de cair e tornar a cair tão comum na cegueira humana, desejando eu algum meio que vos propor mais poderoso que tudo isto, foi Deus servido por sua bondade de me descobrir e inspirar um tão forte, tão eficaz e ainda tão terrível, que depois de ouvido e sabido como é em si mesmo, nenhum homem haverá que se atreva a cometer um pecado mortal, se não for tão obstinado e tão preciso que se queira condenar sem remédio. Este é o meio que porventura nunca ouvistes, como ao princípio prometi; e agora torno a pedir de novo àquele Senhor crucificado, pelo preço infinito de seu sangue e pela intercessão de sua Santíssima Mãe, me assista e nos assista a todos neste ponto, com a eficácia e força de sua graça, que a importância dele requiere. Se em algum discurso me destes atenção, seja neste que, para que o leveis na memória, todo será substância, e muito breve.

29. Por primeiro fundamento de tudo, havemos de saber e supor que Deus, na sua mente divina, tem certa medida destinada aos pecados de cada um, a qual medida, enquanto não está cheia, tem remédio, e podem ter perdão os pecados, mas tanto que se encheu, não tem nenhum remédio. A primeira vez que Deus revelou este segredo da sua Providência e justiça, foi nos pecados dos reinos, das repúblicas e das cidades, que também é muito boa suposição e doutrina para o tempo, estado e contingências em que se acha o Brasil. Prometeu Deus a Abraão, que a ele e a seus descendentes daria as terras dos amorreus, por isso chamadas da Promissão, mas que não seria logo, senão dai a muitos anos: *Nec dum enim completae sunt iniquitates Amorrhæorum usque ad praesens tempus* (Gên. 15,16): Porque os amorreus, até o tempo presente, não encheram ainda a medida dos pecados que eu tenho decretado e taxado para seu castigo. E essa foi uma das razões por que os filhos de Israel andaram tanto tempo aos bordos pelo deserto, até tomarem porto no Rio Jordão, para que entretanto se acabasse de encher a medida dos pecados dos amorreus. Este mesmo foi o sentido em que Cristo, Senhor nosso, disse aos escribas e fariseus, depois de repreender suas impiedades e injustiças, que enchessem a medida de seus pais: *Implete mensuram patrum vestrorum*³, porque nos corpos políticos, quais são as repúblicas, que duram em muitas vidas, os pecados dos pais, filhos e netos, todos concorrem a encher a medida.

30. No profeta Zacarias temos uma ilustre representação desta verdade por todas suas circunstâncias. Apareceu um anjo a Zacarias, e disse-lhe que levantasse os olhos, e visse o que saía pelas portas de Jerusalém. Olhou, e viu que saía uma ânfora, que era certo gênero de medida, quadrada por todas as partes, de que usavam naquele tempo, assim hebreus como latinos; após a ânfora, saiu uma pasta grossa de chumbo, a qual pesava um talento, que do nosso peso vem a ser três arrobas; e atrás destes dois instrumentos ou figuras inanimadas, viu o profeta que saía pela mesma porta uma mulher, a qual encaminhando-se para a ânfora, se assentou sobre ela; porém o anjo, declarando que aquela mulher era a impiedade: *Haec est impietas*⁴, a lançou e meteu dentro da mesma ânfora, e a fechou e tapou com a pasta de chumbo, que, como cortada para o mesmo efeito, se ajustou naturalmente com ela. Feito isto, tornei a olhar, diz o profeta, e vi sair da cidade outras duas mulheres, voando com asas de minhoto, as quais levantaram a ânfora por uma e outra parte, e a levaram pelos ares à terra de Senar. Até aqui, palavra por palavra e letra por letra, a visão de Zacarias, na qual lhe representou Deus a destruição de Jerusalém e Reino de Judá, quando, sitiada e devastada a cidade pelos exércitos de Nabucodonosor, todos presos e cativos foram levados à Babilônia. Isso quer dizer a terra de Senar, porque nesta terra foi edificada a Torre de Babel, donde Babilônia tomou o nome. Mas se todo o intento desta visão era significar Deus a Zacarias o cativo e transmigração do seu povo, que se podia declarar em tão poucas palavras como eu o digo, para que o fez a divina Sabedoria com tantas cerimônias, tantos aparatos, tantas figuras, e com tal ordem e sucessão de umas depois das outras, e com tão notáveis circunstâncias em cada ato ou cena da mesma representação? Porque assim quis revelar Deus ao seu profeta, e nele a todos nós, quais são os estilos ocultos de sua justiça, e as causas da assolação das cidades, reinos e nações, quando contra elas se procede ao extremo castigo.

31. A primeira coisa que aparece em juízo é a ânfora ou medida que Deus tem destinado aos pecados, a qual, enquanto não está cheia, dilata-se e suspende-se o castigo, mas, tanto que se encheu, executa-se sem remédio. Este foi o mistério com que o anjo meteu dentro na ânfora a mulher chamada impiedade, em que eram significados os pecados de Jerusalém e de toda a nação, ímpia contra Deus nas idolatrias e sacrilégios, e ímpia contra o próximo nos roubos, nos homicídios, nos adultérios, e em todo o gênero de injustiças e crueldades. E porque estes pecados tinham já cheia a medida de sorte que não podia levar mais, por isso o anjo, como cheia e arrasada a tapou logo com aquela cobertura de chumbo tão pesada e tão justa, que nem para diminuir nem para acrescentar se podia abrir. Cheia assim até cima a medida, o que só restava era a execução do castigo, sem demora ou momento de dilação. E esta foi a conseqüência com que no mesmo ponto saíram as duas mulheres com asas, as quais, não por terra e andando, senão pelo ar e voando, tomando sobre os ombros a ânfora, a passaram de Jerusalém a Babilônia. E se perguntarmos que duas mulheres eram estas, que não tocaram a terra, respondem os melhores intérpretes, fundados nos oráculos dos profetas, que eram a misericórdia e a justiça divina: a

misericórdia, para justificar o castigo, e a justiça, para o executar. Porque, se os homens suspendessem o curso e multiplicação dos pecados, sempre a misericórdia divina, que a isso os exortava pelos profetas, esteve pronta para os perdoar; mas porque eles não quiseram desistir, e chegaram a encher a medida, já não podia a justiça deixar de executar, como executou, o castigo. Só resta saber por que as asas destas duas executoras eram de minhoto; mas isso declarou admiravelmente o mesmo sucesso, porque o minhoto foi Nabusardão, general dos exércitos de Nabuco, o qual dando um e outro cerco à cidade de Jerusalém, como fazem as aves de rapina, finalmente empolgou em todo o povo, e o levou nas unhas à Babilônia.

32. De maneira que, por esta e outras revelações alegadas, nos consta — o que doutro modo se não podia saber — que Deus na sua mente divina, como dizíamos, e nos decretos altíssimos da sua Providência tem taxado a cada cidade, reino, província e nação certa medida de pecados, aos quais infalivelmente se segue o castigo tanto que se encheu, e antes de estar cheia, não. E neste caso do cativo de Babilônia, notam graves autores, e fazem uma advertência, a qual eu não devo passar em silêncio, pelo muito que nos pode importar. Durou aquele cativo setenta anos, depois dos quais foram os judeus restituídos à pátria, mas tão pouco emendados e lembrados do primeiro castigo, que dali a pouco tempo começaram outra vez a encher a medida com tal excesso que, depois de estar cheia de todo, os castigou Deus com outro cativo e transmigração universal, não de setenta, nem de setecentos anos, mas dos que ainda hoje vão continuando, e são já mil e quinhentos e setenta e sete, sem se saber quantos serão ainda. Disse que essa advertência nos podia também importar a nos, e já creio me tereis entendido. No ano de 1624 castigou Deus a Bahia com a entregar aos holandeses, posto que não passou o cativo de um ano, como já passa de nove o de Pernambuco. De então para cá é certo — ainda mal — que os pecados começaram outra vez a encher a segunda medida, e se dão tanta pressa, que não sei como não está já cheia. Na nossa mão está fazer que se não encha de todo, porque as asas do minhoto andam já tão perto, que não será necessário à divina Justiça mandá-las vir de Amsterdão.

§VIII

A medida dos pecados particulares de cada um. Afirmações de Santo Agostinho, Santo Ambrósio e Cornélio a Lápide. A medida dos dias de vida e a medida dos pecados. O que diz Deus pela boca do profeta Amós. O pecado ad mortem, de que fala S. João na sua primeira Epístola

33. Mas, passando da medida dos pecados comuns à dos particulares de cada um, assim como Deus tem sinalado certa medida aos pecados de cada cidade ou reino, assim a tem sinalado também aos pecados de cada homem. Quanto seja mais para temer esta segunda medida, ninguém o pode duvidar, porque as cidades e os reinos não vão ao inferno: os homens sim, e que Deus o tenha determinado e taxado a cada um de nós, é coisa não só manifesta, senão manifestíssima, diz Santo Agostinho. Traz o santo os exemplos da Escritura já alegados, e outros, e conclui assim no livro *De Vita Christiana: Manifestissime instruimur et docemur; singulos secundum peccatorum suorum multitudinem consummari, et tandiu, ut convertantur sustineri, quandiu cumulum suorum non habuerint delictorum consummatum*: Manifestissimamente nos ensina e declara Deus, diz Agostinho, que a cada homem tem sinalado certa medida ou número de pecados, o qual, enquanto não está cheio e consumado, nos espera, para que nos convertamos; mas, tanto que a dita medida se encheu, e o número ou cúmulo dos pecados chegou ao último, então não espera Deus mais, e se segue sem remédio a condenação. — O mesmo afirma Santo Ambrósio por estas palavras: *Dei verba sunt, non sunt completa peccata Amorrhæorum, per quod ostendit mensuram quamdam esse delictorum, quam cum impleverint peccatores, vita digni minime judicentur*. E porque este é o comum sentir dos expositores da Escritura Sagrada, contento-me com referir o mais prático e versado em todos, o doutíssimo e diligentíssimo Cornélio a Lápide. Sobre a ânfora de Zacarias diz assim: *Amphora est mensura peccatorum cujusque, tum hominis tum populi, qua impleta, Dei vindicta prosilit ad ultionem*. E sobre as palavras de S. Paulo aos tessalonicenses, que abaixo hei de alegar, diz: *Hinc patet Deum urbibus, regnis, et a pari proportione impiis privatis certum statuisset peccatorum cumulum, ad quem paenam vel vindictam differt, donec impleatur ut illo impleto, omnia simul et perfecte vindicet et castiget*. E o mesmo comento e declaração faz sobre outros lugares, assim do Velho como do Novo Testamento, colhendo sempre das revelações divinas, expressas nos mesmos textos, que a cada homem tem Deus sinalado certa medida e taxado certo número de pecados, o qual, quando se acaba de encher pelo último, já não há lugar de perdão, senão de castigo.

34. Nem deve parecer nova ou admirável, e muito menos alheia da justiça ou misericórdia divina a determinação antecedente desta medida, decretada aos pecados de cada homem, porque, se nos castigos dos reinos e das cidades se ajuntam os pecados dos presentes e vivos, que acabaram de encher a medida, com os dos passados e mortos, que a começaram a encher, que muito é que cada homem com os seus, que ele mesmo cometeu, e ultimamente comete, encha também a sua? Nem acrescenta a dificuldade que a medida dos pecados seja maior para uns homens, e menor e de menos número para outros, porque esta mesma, que a nosso fraco entender pode parecer desigualdade, no arbítrio da Providência divina é suma justiça. E se não, respondi-me. Deus também põe medida aos dias da vida de cada homem. Por onde disse Davi: *Ecce mensurabiles posuisti dies meos*⁵. E esta medida é tão certa e determinada, que chegado o último dia, não tem nenhum remédio, como disse Jó: *Constituisti terminos ejus, qui praeteriri non poterunt*⁶. Pois, assim como ninguém se queixa de Deus, nem lhe estranha que a medida dois dias em uns e outros homens seja tão desigual, muito menos se deve admirar que

a dos pecados o seja também, principalmente bastando um só, e o primeiro pecado, para ter Deus justíssimo direito de lançar logo no inferno a quem o cometeu. E a razão fundamental de uma e outra justiça e providência é o supremo domínio de Deus, igualmente autor da graça e da natureza. E assim como enquanto autor da natureza pode limitar à vida certo número de dias, sem injúria do homem, assim, sem injúria do mesmo homem pode limitar ao perdão certo número de pecados. Donde se segue, que assim como aquele dia, que encheu o número dos vossos dias, necessariamente é o último, e chegado a ele não podeis deixar de morrer, assim aquele pecado, que encheu o número dos pecados, também é o último, e, cometido ele, não podeis deixar de vos condenar, porque se cerrou a medida, e já não há lugar de perdão.

35. Ouvei ao mesmo Deus, por boca do profeta Amós: *Haec dicit Dominus: Super tribus sceleribus Juda, et super quatuor non convertam eum; super tribus sceleribus Israel, et super quatuor non convertam eum*¹⁷. O mesmo anuncia a Damasco, a Tiro, a Moab, a Edom e a outros. E quer dizer. Cometeram o primeiro pecado, e perdoei-lhes; cometeram o segundo, e perdoei-lhes; cometeram o terceiro, e também lhes perdoei; mas porque cometeram o quarto, não lhes hei de perdoar. Pois Deus, infinitamente misericordioso, não perdoa mais que três pecados? Sim, perdoa. Perdoa trezentos, e perdoa três mil, e, se o pecador se arrepende de todo coração, perdoa três milhões. Mas nestas sentenças põe-se o número certo pelo incerto, para que por este exemplo e suposição se entenda melhor o que se quer dizer. Reduzida, pois, a medida ou número dos pecados a quatro, diz Deus que perdoará o primeiro, e perdoará o segundo, e perdoará o terceiro, e que para perdoar todos estes pecados converterá em todos ao pecador; porém, que se ele cometer o quarto que o não há de converter nem lhe há de perdoar, porque o quarto pecado, neste caso, é o que acaba de encher a medida, e o pecado que acaba de encher a medida é pecado sem remédio e sem perdão, porque nem Deus o há de perdoar, nem o pecador se há de converter: *Et super quatuor non convertam eum*.

36. Daqui se entenderá facilmente um dificultosíssimo lugar da primeira Epístola de S. João, em grande prova do que dizemos. As palavras do santo apóstolo, entre todos, por antonomásia, o Teólogo, no capítulo quinto são estas: *Qui scit fratrem suum peccare peccatum non ad mortem, petat, et dabitur ei vita, peccanti non ad mortem. Est peccatum ad mortem: non pro illo dico ut roget quis* (1 Jo. 5,16): Se algum cristão souber que seu próximo peca, rogue por ele, e dar-se-lhe-á a vida, se o pecado não for pecado *ad mortem*; mas se for pecado *ad mortem*, não digo que rogue por ele pessoa alguma. — A dificuldade deste texto é tão grande que os expositores e teólogos, na inteligência dele, se dividem em mais de quinze opiniões, não concordando em que pecado seja o que S. João chama pecado *ad mortem*, e pelo qual se não deve orar, como incapaz de perdão, irremissível e sem remédio. Alguns dizem que é o pecado do homicídio, outros o do adultério, e Santo Agostinho e Beda não duvidaram dizer que era o da inveja. E porque estes delitos não parecem tão enormes, outros, subindo mais alto, dizem que é o pecado da blasfêmia, outros o da infidelidade, outros o da apostasia, outros o da obstinação, e outros, sem nomearem a espécie, dizem em geral que é algum pecado gravíssimo. Mas, contra todas estas sentenças, está que não há pecado algum, por grave e gravíssimo que seja, que Deus não perdoe. Que pecado é logo este incapaz de perdão e irremissível, que S. João chama pecado *ad mortem*? Respondo que não é nenhum pecado particular, nem de sua natureza mais grave que os outros, senão qualquer pecado mortal, ainda de muito inferior malícia aos referidos, contanto que seja o último, e o que acaba de encher a medida que Deus tem taxado a cada homem; porque, tanto que a medida se encheu com qualquer pecado que seja, já não há lugar de perdão nem de conversão: *Et super quatuor non convertam eum*. E essa é a propriedade com que São João lhe chama *peccatum ad mortem*: pecado que leva sem remédio à morte eterna; porque, ainda que todo o pecado mortal mata a alma, dos outros pode a alma ressuscitar e tornar a viver, e deste não, como claramente distingue o mesmo texto: *Et dabitur ei vita, peccanti non ad mortem*¹⁸.

§IX

Quem me diz a mim que aquele pecado que quero cometer não seja o que só falta à medida para se encher de todo? O que Deus faz no ponto em que o pecador acabou de encher a medida? O número dos pecados de Baltasar. O fim dos pecados e o fim da vida. A significação de um ai de Deus. Em que consiste deixar Deus uma alma? Santo Isidoro e o exemplo de Sansão.

37. Suposta esta verdade tão assentada e este estilo da Providência e justiça divina, tantas vezes revelado pelo mesmo Deus, veja agora cada um de nós se pode haver, como no princípio prometi, meio ou motivo algum, nem mais eficaz, nem mais forte, nem mais terrível, para que um homem que tem juízo, e um cristão que tem fé, não só se resolva firmíssimamente, mas nem tenha nem possa ter atrevimento para jamais pecar: *Jam amplius noli peccare*. Os outros motivos ou pretextos sempre deixavam alguma esperança depois do pecado; porém este de tal modo a jarreta e corta totalmente, que só quem se quiser condenar de contado e ir resolutamente ao inferno se atreverá a pecar. Porque, se eu sei que Deus me tem taxado certo número e talhado certa medida aos pecados, e sei que cerrado este número e cheia esta medida, já não há lugar de perdão, senão de condenação sem remédio, quem me diz a mim, ou me pode assegurar, que aquele pecado que quero cometer não seja o último, e o que só falta à medida para se encher de todo? Direis que assim como pode ser o último, pode também não ser. E se for? E se for? Quase estive deliberado a acabar aqui o sermão, e vos despedir só com esta pergunta. Mas é bem que saibais, para maior assombro, o que Deus faz naquele mesmo ponto em que o homem, pelo último pecado, acaba de encher

a medida.

38. O que Deus faz no ponto em que o pecador acabou de encher a medida, ou é matá-lo logo, ou abrir dele a mão e deixá-lo para sempre. Vede que disjuntiva esta igualmente terrível por ambas as partes. Ou ir para o inferno logo, ou ir alguns dias depois, mas ir infalivelmente. Quanto à primeira parte, de que Deus tira logo a vida aos que acabaram de encher a medida de seus pecados, é sentença expressa de Santo Agostinho: *Sed hoc magis sentire nos convenit, tandiu unumquemque Dei patientia sustentari, quandiu nondum peccatorum suorum terminum, finemque compleverit, quo consumato, eum illico percuti, nec illi ullam veniam jam reservari: esse autem certum peccatorum modium, atque mensuram Dei ipsius testimonio comprobatur.* Quer dizer, começando pelo fim, que Deus, como consta por seu próprio e divino testemunho, tem determinado aos pecados de cada homem certo número e medida, a qual, enquanto não está cheia, o sofre com sua infinita paciência; porém, tanto que ele a encheu, logo no mesmo ponto lhe tira a vida, sem mais remédio nem lugar de perdão. Assim aconteceu a el-rei Baltasar, cuja sentença de morte, estando à mesa, lhe apareceu escrita na parede em três palavras. A primeira dizia: *Numeravit* (Dan. 5,26), contou, porque fez Deus a conta aos pecados de Baltasar. E como naquela noite e naquela hora cometeu ele o último pecado, com que acabou de encher o número e medida dos que Deus lhe tinha determinado, na mesma hora se escreveu a sentença: *Eadem hora apparuerunt digiti*¹⁹, e na mesma noite foi morto: *Eadem nocte interfectus, est Balthasar* (Dan. 5,30). Mas se então se encheu e cerrou o número dos pecados de Baltasar, como diz a mesma Escritura que se achou que tinha menos: *Inventus es minus habens*²⁰? Por isso mesmo, e porque assim foi. Quando Baltasar se assentou à mesa, tinha menos um só pecado dos que eram necessários para encher o número, e, como ele, na mesma mesa, mandou vir a ela os vasos sagrados do Templo, para que fossem profanados, este pecado de sacrilégio foi o que acabou de cerrar o número e encher a medida; e tanto que ela esteve cheia, logo ele foi morto violentamente: *Interfectus est.*

39. Quantas vezes se vê isto no mundo sem se entender. Mataram esta noite a fulano, vindo de tal parte. E quantas noites tinha ele ido e vindo dessa mesma parte? Muitas. Pois, por que o não mataram então, senão agora? A ofensa de Deus e o agravo dos homens era o mesmo, e muitas vezes público: pois, por que o dissimulou Deus, e o não vingaram os homens, senão neste dia e nesta hora? Porque os pecados antecedentes iam enchendo a medida, o deste dia e desta hora foi o que a acabou de encher. O mesmo passa nas mortes e acidentes repentinos, ainda que pareçam naturais, e em outros desastres e casos que parecem fortuitos, e as mais das vezes são efeito e execução do pecado último e decretório que, ajuntando-se aos outros, e crescendo sobre eles, acabou de encher a medida. Tanto assim — diz o grande Dionísio Cartusiano, tão alumiado no espírito, como insigne em todo o gênero de letras — tanto assim que aquele mesmo homem, que segundo as leis da natureza e disposição da saúde e idade, havia de viver ainda muitos anos, só porque acabou de encher a medida dos pecados, acabou juntamente, e sem remédio, os dias da vida: *Saepe enim homines, propter peccata intempestive moriuntur, quando videlicet impletae sunt iniquitates eorum. Unde de peccatore apud Job scriptum est: Antequam impleantur dies ejus, peribit.* Diz Jó que o pecador morrerá antes de encher os seus dias, e a causa não é outra senão porque antes de encher o número dos dias encheu o número dos pecados: *Quando videlicet impletae sunt iniquitates eorum.* E quem assegurou aos que neste dia e nesta hora estão vivos e são, que o primeiro pecado que se deliberarem a cometer não seja também o último? Aquele hebreu e aquela madianita, aos quais matou o zelo de Finéias no pecado atual, bem mal cuidavam que no mesmo ato se lhes havia de acabar a vida, como tem acontecido a outros muitos. Mas como só aquele pecado faltava a ambos para encherem a medida dos pecados, a vida e o pecado tudo se acabou juntamente, para que temam e tremam todos de se resolver mais a pecar, pois não sabem se aquele pecado será o último.

40. Mas quando com o último pecado se não acabe juntamente a vida — que era a segunda parte da nossa disjuntiva — nem por isso ficam de melhor condição os que já encheram a medida dos pecados, porque deixados da mão de Deus, só lhes servirão esses dias que viverem de maior inferno: *Vae eis, cum recessero ab eis* (Os. 9.12): Ai deles — diz Deus pelo profeta Oséias — ai deles, quando eu me apartar deles! — Oh! Se os homens pudessem alcançar e compreender a significação de um ai de Deus! Oh! que alto e que profundo ai! Tão alto que chega ao céu empíreo, donde o pecador é lançado e deserdado para sempre; tão profundo que penetra até os abismos do inferno, onde o pecador será metido e aferrolhado para arder enquanto Deus for Deus. A este ai responderão por toda a eternidade infinitos ais, mas ais de dor sem arrependimento, ais de tormento sem alívio, ais de desesperação sem remédio. Antes disto basta um ai de verdadeira contrição, para Deus perdoar todos os pecados; mas, depois de cheia a medida e a alma ser deixada de Deus, já não terão lugar esses ais, ou serão sem fruto, porque ninguém se pode converter a Deus sem Deus. Como tornará a alma a Deus, se o mesmo Deus a deixou já: *Cum recessero ab eis?* Ruperto, e com ele a glosa, comentam assim estas palavras de Oséias: *Postquam recessero ab eis, sequitur adhuc vae, id est, judicium aeternae damnationis:* Depois de Deus deixar a alma, segue-se ainda o ai do mesmo Deus, e este ai não é nem significa menos que a eterna condenação. — Santo Isidoro diz o mesmo: *Dei secreto et justo judicio, deseritur homo, et perdendus in potestate daemonum relinquitur nam re vera, quem Deus deserit, daemones suscipiunt:* Quando Deus por seus secretos e justos juízos deixa uma alma, logo o demônio toma posse dela para sua perdição eterna, porque demiti-la Deus de si, é entregá-la ao demônio.

41. Os teólogos, vindo a declarar rigorosamente em que consiste deixar Deus uma alma, alguns disseram que em a privar totalmente dos auxílios, ainda ordinários, em pena dos pecados antecedentes. E verdadeiramente, deixados outros lugares da Escritura, um do capítulo quinto de Isaías parece que o diz assim à letra: *Et nunc ostendam vobis quid faciam vineae meae: Auferam sepem ejus, et erit in direptionem; diruam maceriam ejus, et erit in conculcationem; et ponam eam*

desertam: non putabitur et non fodietur, et ascendent vepres et spinae, et nubibus mandabo ne pluant super eam imbrem (Is. 5,5 s): Deixarei a minha vinha — diz Deus — por me responder com labruscas em vez de uvas: *Ponam eam desertam*. E que lhe farei então? Arrancar-lhe-ei as sebes e derrubar-lhe-ei o muro, para que homens e animais entrem por ela e a pisem; não a podarei nem cavarei, nem lhe farei outro benefício ou cultura; já não será vinha, senão mato, e em lugar de brotarem nela as vides, crescerão abrolhos e espinhas; e, sobretudo, mandarei ao céu e às nuvens que não chovam sobre ela: *Et nubibus mandabo, ne pluant super eam imbrem*. Se isto não é privar a alma de todo o auxílio, ninguém negará que o parece. E para Deus no tal caso justificar a sua Providência, basta a definição do Concílio Tridentino: *Nunquam Deus deserit hominem, nisi prius ab homine deseratur*: que nunca Deus deixa o homem, se o homem não deixa primeiro a Deus. Mas porque a sentença mais pia, mais recebida e aprovada comumente por certo é que Deus em nenhum estado desta vida falta ao homem com os auxílios suficientes. Que se segue daqui depois de cheia a medida dos pecados, senão, como dizia, maior inferno? Ou o pecador encheu a medida dos pecados, ou não: Se a não encheu, salvou-se; se a encheu, condenou-se. E que importa que se condenasse com auxílios, se não usou bem deles?

42. Este é o estado infelicíssimo da impenitência final, a qual se consuma na outra vida, mas começa nesta. Oh! quantos condenados vivem ainda, e andam entre nós, não porque absolutamente não o pudessem, mas porque se não hão de converter! Estão atados aos pecados, de que já encheram a medida: *Funes peccatorum circumplexi sunt me*²!. Cuidam que se hão de desatar do último, como porventura se desataram dos outros, mas engana-os o seu pensamento, como enganou a Sansão. Três vezes rompeu Sansão as ataduras com que os filisteus o queriam prender; mas quando veio a quarta, depois de cortados os cabelos, nota a Escritura que, acordando, disse consigo: — Também desta vez me desatarei, como das outras, porque não sabia que Deus o tinha deixado: *Dixit in animo suo: egrediar sicut ante feci, et me excutiam, nesciens quod recessisset ab eo Dominus* (Jz. 16,20). Tinha Deus deixado a Sansão, e porque o tinha deixado não se desatou como dantes: prenderam-no os filisteus, tiraram-lhe os olhos e levaram-no a moer em uma atafona. O mesmo acontece à alma deixada de Deus: prendem-na os demônios, e tomam posse dela, como dizia Santo Isidoro: tiram-lhe os olhos, com que fica cega, obstinada e impenitente, e levam-na a moer e arder na atafona do inferno, cuja roda em qualquer parte pode ter princípio, e em nenhuma tem fim, porque é a roda da eternidade. E se isto faz ou acaba de fazer o último pecado, que enche a medida, e ninguém sabe qual seja, nem há pecado que o não possa ser, quem haverá que se atreva a cometer qualquer pecado, e se não resolva firmemente a nunca mais pecar: *Jam amplius noli peccare?*

§X

Duas dúvidas: os pecados já confessados e perdoados, e os pecados mais leves, ou menos graves, entram também na conta para encher a medida? Quem nos diz que pequemos e quem nos diz que não pequemos? Advertência final de Cristo aos cristãos.

43. Por fim quero responder a duas dúvidas que podem ocorrer, para que nos não enganemos com elas. A primeira é se os pecados já confessados e perdoados entram também na conta para encher a medida? Respondo que sim, porque, ainda que estejam perdoados quanto à culpa e satisfeitos quanto à pena, para encherem o número e perfazerem a conta basta haverem sido. Assim como os dias, que todos passam, ou fossem bem ou mal gastados, enchem a conta e a medida da vida, assim os pecados, ou perdoados ou não, enchem a sua, a qual se determinou e compôs de todos os que cada um cometesse: *De propitiato peccato noli esse sine metu* (Eclo. 5,5): O pecado já perdoado — diz o Espírito Santo — não deixes de o temer. — E por que, se já está perdoado? Porque, ainda que o pecado perdoado já não é quanto à culpa, e pode também ser que já não seja quanto à pena, quanto ao número e à soma com que já entrou na conta com os demais, basta ter sido pecado para ajudar a encher a medida. E como o chegar a medida dos pecados a se encher é coisa tão temerosa e de sumo perigo, por isso todo o pecado, ainda que nos conste moralmente, ou nos constasse por outra via mais certa, que estaria perdoado, sempre, contudo, nos deve causar temor: *De propitiato peccato noli esse sine metu*.

44. A outra dúvida ainda nos pode enganar mais aparentemente, porque a matéria com que o demônio nos tentar, pode ser muito menos grave que a de outros pecados, que já tenhamos cometido; e, se aqueles, sendo muito maiores, não encheram a medida, muito menos parece que pode encher este, com que agora sou tentado, sendo muito mais leve ou menos grave. Também isto é engano, e se demonstra com autoridade de fé, e com o maior e mais evidente exemplo que se podia excogitar. Fala São Paulo dos judeus que o perseguiram e impediam a pregação do Evangelho, e sendo esta perseguição vinte anos depois da morte de Cristo, diz o Apóstolo que com ela enchiam os judeus a medida dos pecados, pelos quais totalmente haviam de ser destruídos com castigo, assolação e extermínio final: *Qui Dominum occiderunt Jesum, et nos persecuti sunt, prohibentes nos gentibus loqui ut salvae fiant, ut impleant peccata sua semper: pervenit enim ira Dei super illos us que in finem*²². A morte de Cristo foi o maior pecado que nunca se cometeu nem podia cometer, e a perseguição de Paulo, e o impedimento que com ela se punha à pregação do Evangelho, ainda que grande pecado, era, sem comparação, muito menor. Pois, como diz o mesmo S. Paulo, fazendo menção da morte de Cristo pelos judeus, que eles, com a perseguição que lhe faziam, enchiam a medida dos seus pecados: *Ut impleant peccata sua*? Porque, para encher a medida dos pecados, não é necessário que o pecado que acaba de encher seja maior nem igual aos pecados já cometidos, e basta que seja muito menor. Nas coisas secas o último grão, e nas líquidas a última gota, são as que acabam de encher a medida, e não pela grandeza ou quantidade de cada uma, senão porque é a última. O mesmo passa em qualquer pecado, contanto que de sua natureza seja mortal, para que tenhamos a todos e a cada um, e nos não fiemos em ser ou parecer menor, para nos arriscarmos a o cometer.

45. Oh! praza à majestade e misericórdia divina, que esta lição do céu se nos imprima dentro na alma, e no-la penetre de tal sorte que, desta hora e deste momento em diante, nos resolvamos constantissimamente a nunca mais pecar, por nenhum interesse, por nenhum gosto, por nenhum receio, por nenhum caso ou sucesso da vida nem da morte. Vede quem vos diz que pequeis, e quem vos diz que não pequeis. Quem vos diz que pequeis pode ser o mundo, pode ser o demônio, pode ser a carne, três inimigos capitais, que só pretendem e maquinam vossa eterna condenação. E quem vos diz que não pequeis é aquele mesmo Deus que, depois de vos dar o ser, se fez homem por amor de vós, e aquele Deus e Homem que só por vos salvar e vos fazer eternamente bem-aventurado, não duvidou padecer tantos tormentos e afrontas, e morrer pregado em uma cruz. Este Senhor tão poderoso, este conselheiro tão sábio, este amigo tão verdadeiro e tão fiel, é o que vos diz que não pequeis: *Jam amplius noli peccare*.

46. Considerai bem estas palavras do amorosíssimo Jesus, que não só são para persuadir, senão para enternecer a quem ainda tiver coração: *Jam amplius*, já não mais. Baste já, cristão remido com o meu sangue, baste já o que tens pecado, baste já o que tens vivido sem lei, sem razão, sem consciência, sem alma; baste já o que me tens ofendido, baste já o que me tens desprezado, baste já o que me tens crucificado. Se te não compadeces de mim, compadece-te ao menos de ti, que a ti, e por amor de ti o digo. Se não basta que eu te mande que não peques, eu to peço, eu to rego, e não só te represento a minha vontade, mas me valho e invoco os poderes da tua: *Noli, noli peccare*. Que não queiras pecar te advirto uma vez e outra, por que não cuides que não podes. Na tua mão, no teu alvedrio, na tua vontade está o salvar-te, se quiseres, para que vejas que cegueira, que loucura, que infelicidade, que miséria e que eterna confusão e dor irremediável será a tua, se por tua própria vontade, e por não resistires a um pecado, te condenares. Se já estiveras no inferno, para onde corrias tão precipitadamente, e onde já havias de estar ardendo, se eu não tivera mão na minha justiça, que havia de ser de ti a esta hora? E se nesta mesma hora eu te oferecesse o partido de te livrar do inferno e de te dar o céu, só com condição de não queres mais pecar, que havias de fazer e que graças me havias de dar? Pois, se por mercê e misericórdia minha ainda estás em tempo, por que não tomarás muito deveras, e para sempre, a mesma resolução? Por que te não livrarás dos males eternos, e guardarás os eternos bens? Por que não ganharás a coroa e reino do céu, e te farás para sempre bem-aventurado? E tudo isto só por ter uma vontade tão honesta, tão útil, e ainda tão deleitável, como é o não querer pecar? Acaba, acaba já de ser inimigo de ti mesmo,

acaba já de ofender a quem tanto te ama, acaba já de querer antes o inferno sem mim, que a glória comigo: *Jam amplius noli peccare.*

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DO Ó
NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA,
NA BAHIA, ANO DE 1640

Ecce concipies in utero, et panes Filium!

§I

O círculo, a figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza. O primeiro círculo, o mundo; o segundo círculo, Deus; o terceiro círculo, Maria. Assunto do sermão: o círculo do ventre virginal, que compreendeu o imenso, e o círculo dos desejos da Senhora, que compreendeu o Eterno.

47. A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza e conhece a geometria é o círculo. Circular é o globo da terra, circulares as esferas celestes, circular toda esta máquina do universo, que por isso se chama orbe, e até o mesmo Deus, se sendo espírito pudera ter figura, não havia de ter outra, senão a circular. O certo é que as obras sempre se parecem com seu autor; e fechando Deus todas as suas dentro em um círculo, não seria esta idéia natural, se não fora parecida à sua natureza. — Daqui é que o mais alumiado de todos os teólogos, S. Dionísio Areopagita, não podendo definir exatamente a suma perfeição de Deus, a declarou com a figura do círculo: *Velut circulus quidam sempiternus propter bonum, ex bono, in bono et ad bonum certa, et nusquam oberrante glomeratione circummiens*. Estes são os dois maiores círculos que até o dia da Encarnação do Verbo se conheceram; mas hoje nos descreve o Evangelho outro círculo, em seu modo maior. O primeiro círculo, que é o mundo, contém dentro em si todas as coisas criadas; o segundo, incriado e infinito, que é Deus, contém dentro em si o mundo; e este terceiro, que hoje nos revela a fé, contém dentro em si ao mesmo Deus. *Ecce concipies in utero, et paries Filium: hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur*². Nove meses teve dentro em si este círculo a Deus, e quem poderá imaginar que, estando cheio de todo Deus, ainda ali achasse o desejo, capacidade e lugar para formar outro círculo? Assim foi, e este novo círculo, formado pelo desejo, debaixo da figura e nome de O, é o que hoje particularmente celebramos na expectativa do parto já concebido: *Ecce concipies et paries*. De um e outro círculo travados entre si, se comporá o nosso discurso, concordando — que é a maior dificuldade deste dia — o Evangelho com o título da festa, e o título com o Evangelho. O mistério do Evangelho é a conceição do Verbo no ventre virginal de Maria Santíssima; o título da festa é a expectativa do parto e desejos da mesma Senhora, debaixo do nome do O. E porque o O é um círculo, e o ventre virginal outro círculo, o que pretendo mostrar em um e outro é que, assim como o círculo do ventre virginal na conceição do Verbo foi um O que compreendeu o imenso, assim o O dos desejos da Senhora na expectativa do parto foi outro círculo que compreendeu o eterno. Tudo nos dirão, com a graça do céu, as palavras que tomei por tema. *Ave Maria*.

§II

Por que trazem as Escrituras no mistério da conceição do Verbo uma palavra que parece supérflua: In utero? A definição de imensidade e a imensidade de Deus.

Ecce concipies in utero, et paries.

48. Uma das maiores excelências das Escrituras divinas é não haver nelas nem palavras, nem sílaba, nem ainda uma só letra que seja supérflua ou careça de mistério. Tal é o misterioso O que hoje começa a celebrar, e todos estes dias repete a Igreja, breve na voz, grande na significação, e nos mistérios profundíssimo. Mas, contra este mesmo princípio, parece que no nosso texto, com ser tão breve, não só temos uma letra, senão uma sílaba e uma palavra supérflua. E que sílaba, e que palavra? *In utero*. Dizendo o anjo à Senhora: *Ecce concipies et paries*, que conceberia e pariria o Filho de Deus, bem claramente se entendia não só a substância do mistério, senão o modo e o lugar, e que este havia de ser o sacrário virginal do ventre santíssimo. Supérfluo parece logo sobre a palavra *concupies*, acrescentar *in utero*. Mas esta embaixada deu-a o anjo, mandou-a Deus, e refere-a o evangelista, e nem Deus, nem o anjo, nem o evangelista haviam de dizer palavras supérfluas. A que fim, pois, quando se anuncia este oráculo — que foi o maior que veio, nem virá jamais do céu à terra — se diz e se repete por três bocas, uma divina, outra angélica, e outra mais que humana, que o mistério da conceição do Verbo se há de obrar sinaladamente no útero ou ventre da Mãe: *Ecce concipies in utero?* Sem dúvida porque era tão grande a novidade, e tão estupenda a maravilha, que necessitava a fé de toda esta expressão. Haver-se Deus de fazer homem, novidade foi que assombrou aos profetas quando a ouviram. Porém, que esse mesmo Deus, sendo imenso, se houvesse ou pudesse encerrar em um círculo tão breve, como o ventre de uma Virgem: *In utero?* Esta foi a maravilha que excede as medidas de toda a capacidade criada.

49. Considerai a imensidade de Deus, e vereis até onde chega e se estende o significado desta pequena, ou desta grande palavra: *In utero*. Imensidade é uma extensão sem limite, cujo centro está em toda a parte, e a circunferência em nenhuma parte: *Cujus centrum est ubique, circumferentia nusquam*. Ponde o centro da imensidade na terra, ponde-o no sol, ponde-o no céu empíreo, está bem posto. Buscai agora a circunferência deste centro, e em nenhuma parte a achareis. Por quê? A razão é porque sendo a terra tão grande, e o sol cento e sessenta vezes maior que a terra, e sendo o céu muitos milhões de vezes maior que o sol e o empíreo, com excesso incomparável maior que os outros céus, todas essas grandezas têm medida e limite: a imensidade não. Deus, por sua imensidade, como bem declarou S. Gregório Nazianzeno, está dentro no mundo e fora do mundo: *Deus in universo est, et extra universum*. Mas se fora do mundo não há lugar, porque não há nada,

onde está Deus fora do mundo? Está onde estava antes de criar este mundo. Se Deus não estivera neste espaço, onde hoje está o mundo, não o pudera criar; e como Deus, fora do mundo, pode criar infinitos mundos, também está em todos esses espaços infinitos, a que chamamos imaginários. E porque outrossim os espaços imaginários, que nós podemos imaginar mas não podemos compreender, não têm limite, por isso o centro da imensidade, que se pode pôr dentro ou fora do mundo, nem dentro nem fora do mundo pode ter circunferência. Comparai-me o mar com o dilúvio. O mar tem praias, porque tem limite; o dilúvio, porque era mar sem limite, não tinha praias: *Omnia pontus erat, deerant quoque litora ponto*. Assim a imensidade de Deus — quanto a comparação o sofre. — Está a imensidade de Deus no mundo e fora do mundo; está em todo lugar e onde não há lugar; está dentro, sem se encerrar, e está fora, sem sair, porque sempre está em si mesmo. O sensível, o imaginário, o existente e o possível, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se estende, e até onde? Até onde não há onde, sem termo, sem limite, sem horizonte, sem fim, e, por isso, incapaz de circunferência: *Circumferentia nusquam*.

§III

A imensidade de Deus compreendida dentro do círculo do ventre puríssimo da Virgem. A coisa nova de que fala Jeremias: uma mulher a qual há de cercar um varão. Por que se declara o profeta pela palavra cercar? O que diz de si a mesma Virgem no capítulo vinte e quatro do Eclesiástico?

50. Mas, ó grandeza sobre todas as grandezas, ó milagre sobre todos os milagres, o do ventre virginal de Maria! Não se diga já que a imensidade de Deus não tem circunferência, pois o ventre de Maria, assim como Deus é imenso, o concebe todo dentro em si, assim como é imenso, o compreende, assim como é imenso, o cerca. Aquela mesma imensidade de Deus, a que não podem fazer circunferência os orbes celestes, nem o globo inteiro do universo, nem os espaços imaginários, sempre mais e mais infinitos, essa mesma imensidade, e não outra, é a que abraça, encerra e contém dentro em si o círculo daquele ventre puríssimo. E se aquele sagrado círculo verdadeiramente cerca ao mesmo Deus, quão grande ele é em toda sua imensidade, diga-se sim que o centro da imensidade divina está em toda a parte: *Cujus centrum ubique*, mas não se diga já que em nenhuma parte tem a circunferência: *Circumferentia nusquam*, porque o círculo do ventre virginal é a parte onde tem uma circunferência tão capaz e tão cabal, que a todo Deus imenso como é, abraça e cerca. Não é pensamento meu, senão do profeta Jeremias, ou do mesmo Deus por sua boca.

51. *Creavit Dominus novum super terram* (Jer. 31,22), diz o profeta Jeremias: Criou Deus uma coisa nova sobre a terra — e tão nova que nem na terra se viu, nem no céu se imaginou semelhante. E que coisa nova e tão nova é esta: *Femina circumdabit virum*: Uma mulher a qual há de cercar o varão. — O varão por antonomásia neste caso é o Verbo Eterno encarnado. Todos os outros homens, quando se geram e concebem no ventre da mãe, não são homens, nem ainda meninos, porque só têm a vida vegetativa ou sensitiva, e ainda não estão informados com a alma racional; porém, o Verbo Encarnado, Cristo, desde o primeiro instante de sua conceição, foi varão perfeito e perfeitíssimo, não só com todas as potências da alma e do corpo, senão também com o uso delas. Assim como o primeiro Adão nunca foi menino, senão homem e varão perfeito, desde o instante de sua criação, assim também o segundo Adão, e com maior maravilha, porque foi varão perfeito, não em corpo e estatura varonil, como o primeiro, mas naquela quantidade mínima em que são concebidos os outros homens. Essa é a razão por que o mesmo Cristo, à diferença de todos os que nasceram de mulher, se chama em frase da Escritura, aquele que foi gerado varão: *Vir oriens nomen ejus*³. Deste varão, pois, nunca menino e sempre homem, porque sempre homem e Deus, deste é que fala Jeremias, quando diz que uma mulher o havia de cercar: *Femina circumdabit virum*.

52. Mas por que se declara este profeta pela palavra cercar, termo também novo e inaudito? Isaías, profetizando o mesmo mistério, disse: *Ecce virgo concipiet, et pariet Filium, et vocabitur nomen ejus Emmanuel*⁴: que uma virgem conceberia e pariria a Deus. Pois, se Jeremias se tinha empenhado em dizer uma coisa nova e nunca ouvida: *Creavit Dominus novum super terram*, por que a não pondera também pela maravilha da conceição e parto virginal, e em lugar de dizer que a mulher de que fala conceberá e parirá a Deus feito homem, não diz que o conceberá e parirá, senão que o cercará: *Femina circumdabit virum*? Sem dúvida porque a maior maravilha do mistério da Encarnação é chegar nele Deus a estar cercado. Estar Deus cercado dentro do ventre virginal, sendo imenso, foi fazer que a imensidade tivesse circunferência; e ajuntar a circunferência com a imensidade foi mais que ajuntar a virgindade com o parto. Ajuntar a virgindade com o parto foi inventar Deus um nascimento digno da sua divindade, porque, como diz S. Bernardo, havendo Deus de ter mãe, não podia ser senão virgem, e havendo uma virgem de ter filho, não podia ser senão Deus. Mas, cercando a mesma Virgem, dentro do claustro materno, a todo Deus, e ajuntando a circunferência com a imensidade, foi maior maravilha e maior obra. Por quê? Porque foi fazer outro imenso maior que o imenso. Valha-me São Boaventura: *Immensum vas non potest esse plenum, nisi immensum sit illud quo est plenum: Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum, qui caelo major est, continere potuit*⁵. Supõe e prova juntamente o Doutor Seráfico, que o ventre virginal foi imenso, porque a capacidade que recebe e contém dentro em si o imenso, não pode ser senão imensa. Deus é imenso: logo o ventre virginal, que concebeu e teve dentro em si a Deus, também é imenso. E basta isto? Não. *Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum, qui caelo major est, continere potuit*. Não só diz que o ventre de Maria foi imenso, senão imensíssimo. E por que, teólogo divino? Porque cercou a Deus. Quando um imenso cerca outro imenso, ambos são imensos, mas o que cerca maior imenso que o cercado; e por isso,

se Deus, que foi o cercado, é imenso, o ventre que o cercou, não só há de ser imenso, senão imensíssimo. A boa filosofia admite que pode haver um infinito maior que outro infinito, porque se houver infinitos homens, também os cabelos hão de ser infinitos; porém o infinito dos cabelos, maior que o infinito dos homens. Pois, assim como pode haver um infinito maior que outro infinito, assim pode haver um imenso maior que outro imenso. E tal foi o claustro virginal de Maria: *Ecce concipies in utero*. Deus, que foi o concebido, imenso; e o útero, que o concebeu, porque o cercou, imensíssimo: *Maria autem vas immensissimum fuit*.

53. Ainda temos melhor autor que São Boaventura, com ser tão grande doutor, que a Igreja o fez supernumerário aos quatro doutores da grega e aos quatro da latina. E que autor é este? A mesma Virgem, Senhora nossa. Falando a Senhora de si no capítulo vinte e quatro do Eclesiástico, diz estas palavras: *Gyrum caeli circuivi sola* (Eclo. 24,8): O círculo que cerca o céu, eu só o cerquei. — Admiravelmente dito. O círculo criado, que cerca o mundo, é o céu; o círculo incriado e imenso, que cerca o céu, é Deus; e o círculo imensíssimo, que cercou a esse Deus imenso, é Maria: *Gyrum caeli circuivi sola*. Demos o seu a seu dono. O comento e o pensamento é de Ricardo de Sancto Laurentio: *Gyrum caeli, id est, illum, qui claudit omnia, Christum scilicet, qui est gyrus ingyabilis, circuivi gremio uteri mei*. O círculo que cerca o céu é aquele que cerca e encerra em si todas as coisas, que é Deus. Este círculo, porém, por sua essência e grandeza, é tal que se não pode cercar: *Gyrus ingyabilis*. Não se podia declarar uma coisa tão nova, sem se fazer também uma palavra nova: *gyrus*, porque Deus, por sua imensidade, cerca tudo; e juntamente *ingyabilis*, porque essa mesma imensidade, como dizíamos, o faz incapaz de circunferência e de poder ser cercado. Mas esse impossível, que a essência e definição da imensidade não permitia, venceu a capacidade, não só imensa, mas imensíssima, do útero e grêmio virginal de Maria: *illum, qui claudit omnia, qui est gyrus ingyabilis, circuivi gremio uteri mei*. Isto é o que disse o Eclesiástico, quando pronunciou em nome da Senhora: *Gyrum caeli circuivi sola*; isto o que tinha profetizado Jeremias, quando disse: *Femina circumdabit virum*; e isto o que lhe anunciou o anjo, quando disse: *Ecce concipies in utero*.

§IV

Por que, sendo Cristo hebreu, não falou o Senhor em hebraico, senão em grego, quando disse que era o Alfa e o Ômega? Assim como o O é um círculo, assim o mistério da Encarnação é outro círculo. Por que não se compara Cristo ao ômicron senão ao Ômega? Manílio e os nascidos debaixo do signo da Virgem, como Cristo.

54. Já o dito até aqui bastava para que eu desse por desempenhada a promessa de que o círculo do útero virginal foi um O que compreendeu dentro em si o imenso. Mas será bem que o mesmo imenso o diga, resumindo também a um O a sua imensidade. Apareceu Cristo, Senhor nosso, ao evangelista S. João na primeira visão do seu Apocalipse, e disse-lhe: *Ego sum alpha et omega, principium et finis* (Apc. 1,8): Eu sou o Alfa e o Ômega, porque sou o princípio e o fim de tudo: o princípio, enquanto Criador do mundo, e o fim, enquanto reparador dele. Alfa e Ômega são a primeira e última letra do alfabeto grego, o qual começa em A e acaba em O. E esta foi a razão e o mistério porque, sendo Cristo hebreu e S. João também hebreu, não lhe falou o Senhor em hebraico, senão em grego, porque o alfabeto grego acaba em O, e o hebraico não. O alfabeto hebraico também começa em A, que é o seu *aleph*; e para significar, na primeira letra, as obras da criação, enquanto Cristo é princípio, tanto servia o alfabeto hebraico como o grego. Porém o Senhor usou do grego, sendo estranho, e deixou o hebraico, sendo natural e da própria língua, porque, para significar na última letra o mistério da reparação, enquanto o mesmo Cristo é fim, só o O tinha propriedade e semelhança. E esta semelhança, em que consiste? Consiste em que a figura do O é circular, e assim como o O é um círculo, assim o mistério da Encarnação foi outro círculo: *Deus humanatus dicitur esse circulus, ut circumferentia dicatur humanitas, centrum autem divinitas*⁶. O mistério da Encarnação do Verbo — diz S. Boa-ventura — foi um círculo porque, vestindo-se Deus de nossa carne, a humanidade de Cristo cercou e encerrou em si a divindade. E por este modo inefável ficou sendo a mesma divindade o centro, e a humanidade a circunferência. Sendo, pois, o mistério da Encarnação, que foi o fim e última perfeição de todas as obras de Deus, este perfeito círculo, por isso Cristo disse a S. João que, assim como ele, enquanto primeiro princípio, é a primeira letra, A, assim, enquanto último fim, é a última letra, O: *Ego sum Alpha et Omega*.

55. Mas todos os que tiverem qualquer notícia dos elementos da língua grega, porão aqui uma dúvida, que está muito à flor da terra, fundada no mesmo O e no mesmo alfabeto. No alfabeto grego não há um só O, senão dois; um que se chama Ômega, que quer dizer O grande, e outro que se chama ômicron, que quer dizer O pequeno. Logo, falando Cristo, como falava, do mistério de sua Encarnação, parece que se havia de comparar ao O pequeno, e não ao O grande. O nome de grande, não só em comparação do homem, mas absolutamente, e fora de toda a comparação, compete à divindade. Pelo contrário, a humanidade, ainda comparada com outras criaturas, é pequena, e menor que elas: *Minuisti eum paulo minus ab angelis*⁷. Pois, se Cristo falava de si enquanto homem, por que se não compara ao O pequeno, senão ao O grande, e por que não diz: *Ego sum omicron*, senão *Omega*. A razão é porque, falando Cristo da sua humanidade na metáfora de O e de círculo, não devia considerar nela o que era, senão o que cercava. Cercava a divindade do Verbo, cercava toda a imensidade divina, e um círculo de tão infinita capacidade, que fazia circunferência à mesma imensidade, não podia formar um O que não fosse o maior de todos: *Ego sum alpha et omega, principium et finis*. Enquanto Deus, que é o princípio, era Alfa; enquanto homem, que é o fim, era Ômega. Mas, sendo tão grande o Ômega, que encerrou dentro em si o Alfa, sendo tão grande e tão imenso o O, que encerrou dentro em si o A, como podia ser O pequeno?

56. Para bem vos seja, Virgem puríssima, esta grandeza da humanidade de vosso Filho, e para bem outra vez, porque não seria tão grande a capacidade daquele O, se do círculo, onde foi concebido, a não participara. Manílio, no livro quarto da sua Astronomia, diz uma coisa admirável, e é que os que nascem debaixo do signo de Virgem recebem desta influência tal graça no escrever, que uma letra sua contém uma palavra: *Hic et scriptor erit, felix cui littera verbum est*⁸. Eu não direi o fundamento que teve Manílio para sair com este axioma, nem os outros astrônomos o comentam facilmente. Mas o certo é que Cristo nasceu debaixo do signo da Virgem, o certo é que Cristo nesse mesmo mistério diz de si que é um O, e o certo é que esta letra e este O contém a primeira e maior palavra, que é o Verbo Eterno: *Cui littera Verbum est*. Grande, singular, imensa capacidade do Filho, mas participada do útero virginal da Mãe, em que foi concebido enquanto homem: *Ecce concipies in utero*. Enquanto Deus, também Cristo foi concebido no útero do Pai: *Ex utero, ante luciferum, genui te*⁹. Notai, porém, a diferença, mais com pasmo que com admiração. O Pai-Deus de tal maneira concebeu o Filho, Deus, que encerrou nele toda a sua essência em uma palavra; e a Mãe-Virgem de tal maneira concebeu ao Filho-Homem, que encerrou nele a mesma essência em uma letra: a palavra é o Verbo, a letra é o O: *Cui littera Verbum est*.

§V

O O dos desejos da Senhora na Expectação do Verbo, foi um círculo que compreendeu o Eterno. Eternidade e desejo, figurados pela natureza e pela arte em um O. Como podem ser eternos os desejos da Senhora, se tiveram a duração de nove meses? A roda do tempo e a roda da eternidade na carroça da visão de Ezequiel, alegoria da Virgem, sinaladamente no espaço dos nove meses.

57. Assentado, como temos visto, que o círculo do ventre virginal, na conceição do Verbo, foi um O que compreendeu o imenso, segue-se agora mostrar como o O dos desejos da mesma Senhora, na expectação do parto, foi um círculo que compreendeu o eterno. A eternidade e o desejo são duas coisas tão parecidas, que ambas se retratam com a mesma figura. Os egípcios, nos seus hieroglíficos, e antes deles os caldeus, para representar a eternidade pintaram um O, porque a figura circular não tem princípio nem fim, e isto é ser eterno. O desejo ainda teve melhor pintor, que é a natureza. Todos os que desejam, se o afeto rompeu o silêncio, e do coração passou à boca, o que pronunciam naturalmente é O. Desejou Davi água da cisterna de Belém, e antes de declarar aos soldados qual era o seu desejo, adiantou-se um O a dizer o que desejava: *Desideravit ergo David, et ait: O, si quis mihi daret potum aquae de cisterna, quae est in Bethlehem¹!* O O foi a voz do desejo: as demais a declaração. E como a natureza em um O deu ao desejo a figura da eternidade, e a arte em outro O deu à eternidade a figura do desejo, não há desejo, se é grande, que na tardança e duração não tenha muito de eterno.

58. Os desejos da Virgem Santíssima, que todos eram: Oh! quando chegará aquele dia! Oh! quando chegará aquela ditosa hora, em que veja com meus olhos e em meus braços ao Filho de Deus e meu! Oh! quando? Oh! quando? Oh! quando? Estes desejos da Senhora começaram na conceição e acabaram no parto. Mas, desejos que começaram e acabaram? Desejos que tiveram princípio e fim? Como podiam ser eternos? Como podia igualar a duração de uma eternidade o espaço que foi somente de nove meses? Entre a conceição e o parto não meteu o anjo mais que um *et ecce concipies et paries*. Mas não é coisa nova nesta mesma embaixada trocar a Senhora alguma palavra do anjo em outra. Assim como trocou o Eva em Ave, assim trocou o *et em o*. E reduzidos os nove meses ao círculo perfeito deste O, não é muito que fossem eternos. O mesmo *et*, sem mudança, se não diz toda a eternidade, diz parte dela, e na eternidade não há parte que não seja eterna. No *et* do anjo começaram a ser eternos os desejos, que também então começaram a ser; e no O tão continuado e repetido da Senhora, acabaram de cerrar o círculo da sua eternidade. Nem é contra a extensão natural da eternidade a limitação do tempo de nove meses, porque não devemos conceder menos à capacidade do coração da Senhora do que à do ventre santíssimo. A maior capacidade que criou a natureza é a do coração humano; e se o ventre de Maria foi capaz de encerrar o imenso, por que não seria capaz seu coração de estreitar o eterno? O eterno e o temporal são tão opostos como a eternidade e o tempo. A eternidade não conta dias nem meses; o tempo sim, que por isso contou nove desde a conceição até o parto da Virgem, a quem S. João Damasceno chamou: *Officina miraculorum*. E se nesta oficina miraculosa o eterno se pode fazer temporal, o tempo por que se não poderia fazer eterno?

59. Naquela famosa carroça, que descreve o profeta Ezequiel, na qual ia ou era levado Deus, o artifício das rodas era admirável, porque dentro de uma roda estava ou se revolvía outra roda: *Rota in medio rotae¹!* E que duas rodas eram estas? Uma era a roda do tempo, e a outra a roda da eternidade, diz Santo Ambrósio: *Rota in medio rotae, veluti vita intra vitam, quod in hac vita corporis, vitae volvatur usus aeternae*. A roda do tempo é pequena e breve; a roda da eternidade é grandíssima e amplíssima, e, contudo, a roda do tempo encerra e revolve dentro em si a roda da eternidade, porque, qual for a vida temporal de cada um, tal será a eterna, diz o santo. De maneira que a maravilha destas duas rodas era que, sendo a eternidade tão grande e tão imensa, a roda da eternidade se encerrava dentro da roda do tempo. Agora pergunto eu: e qual era a carroça de Deus, que sobre estas rodas se movia? Não só era a Virgem Santíssima, como alegorizam os Santos Padres, mas era a mesma Virgem, sinaladamente no espaço dos nove meses que teve a Deus em suas entranhas. Assim como o que vai ou é levado em uma carroça não dá passo nem tem outro movimento senão o da carroça, assim o filho, enquanto está nas entranhas da mãe, não se move ou muda de lugar senão quando se move a mesma mãe, e deste modo se houve ou andou Cristo em todos os nove meses que se contaram desde a sua conceição até o seu nascimento. Depois de concebido partiu logo às montanhas de Judéia a santificar o seu precursor, das montanhas tornou para Nazaré, de Nazaré foi a Belém, e não só nestas jornadas mais largas, mas em todos seus movimentos, nenhum passo deu a Majestade humanada, que não fosse na mesma carroça real, que por isso se chamava sua, como própria da pessoa do Verbo. E como esta carroça de Deus representava a Mãe do mesmo Deus, em todo aquele tempo que o trouxe dentro em si, por isso as rodas sobre que se movia eram fabricadas e travadas com tal artifício, que dentro da roda do tempo se revolvía a roda da eternidade, para significar que os dias e meses que passaram desde a conceição até o parto, posto que parecessem breves na duração, eram, no desejo, eternos.

§VI

Como podia o desejo fazer eternos aqueles dias, sendo de tão poucos meses? Os OO das cifras aritméticas e os OO dos desejos da Senhora. O efeito maravilhoso da pedra lançada ao mar sereno.

60. E se me perguntarem os filósofos, como podia o desejo fazer eternos aqueles dias, sendo de tão poucos meses, respondo que o modo foi, e a razão é porque os desejos da Senhora e os OO dos mesmos desejos — que também são rodas — unidos e acrescentados à roda do tempo, posto que o tempo fosse finito, eles o multiplicavam infinitamente. Assim o disse Davi, falando da mesma carroça de Deus: *Currus Dei decem millibus multiplex²*. O caldeu lê: *centum millibus*; Santo Agostinho: *millies millibus*; S. Jerônimo: *innumerabilis*; Novatiano: *infinitus, imensus*. Quer dizer que o número na carroça de Deus se multiplica a milhares, a dezenas de milhares, a centenas de milhares, a contos e milhões de milhares; em suma, que chega a ser inumerável, infinito, imenso. Não se poderá declarar o que digo nem com melhor comparação nem com mais

apropriado exemplo que este da multiplicação da aritmética: *Decem, centum, millies millibus multiplex*. Sabeis como eram os OO dos desejos da Senhora nos dias, nas horas, nos momentos de todos aqueles meses da expectação do sagrado parto, em que, depois de concebido o Filho de Deus em suas entranhas, suspirava pelo ver nascido? Eram os OO dos desejos da Senhora na multiplicação do tempo como as cifras da aritmética, que também são OO. Ajunta-se a cifra ao número, e que faz? A primeira cifra multiplica dez, a segunda cento, a terceira mil, e se chegar a vinte e quatro cifras quantas são as horas do dia, multiplicam tantos milhares sobre milhares, e milhões sobre milhões que excedem a capacidade de toda a compreensão humana. Perguntam curiosamente os matemáticos, se desde o centro da terra até o céu estivesse todo este mundo cheio de areia miudíssima, quanto seria o número daqueles grãos de areia? Esta questão excitou já antigamente Arquimedes, ainda mais estendida, e não é dificultosa de resolver, porque medida primeiro geométrica, mente a capacidade ou côncavo do céu da lua, logo, por demonstração aritmética, se colhe com certeza quanto seria o número das areias que o podem encher. Mas, reduzido este mesmo número inumerável a figuras aritméticas, parece coisa digna de admiração que todo ele somado se venha a resumir em uma unidade e trinta e duas cifras somente. Passemos agora dos OO destas cifras aos OO dos desejos da Senhora.

61. Os OO dos desejos da Virgem Santíssima, no espaço daqueles nove meses, não se hão de contar por dias, nem por horas, nem por minutos, senão por instantes, porque não houve instante em todo este tempo, nem de dia nem de noite, em que no coração da Senhora se não estivessem multiplicando os mesmos OO, suspirando e anelando sempre por aquela hora, que tanto mais tardava e se alongava, quanto era mais desejada. E digo nem de dia nem de noite, porque ainda que o brevíssimo sono dava suas tréguas aos sentidos, o coração, que não se podia apartar donde tinha o seu tesouro, como vela que sempre ardia, sempre vigiava: *Ego dormio, et cor meum vigilat*^{1 3}. Pois, se os OO de trinta e três cifras multiplicavam ou multiplicariam aquele número sem conta, os de tantos e tão continuados instantes, que em cada parte de tempo são infinitos, vede se o fariam eterno? A multiplicação artificial das cifras — sem mudarem a figura, que sempre é o mesmo O — consiste em que a segunda cifra excede proporcionalmente a primeira, a terceira a segunda, a quarta a terceira, e assim as demais. E a este mesmo medo se excederam e iam excedendo também os OO dos desejos da Senhora, sendo sempre os seguintes maiores e mais intensos que os que tinham precedido. A razão teológica e conatural deste argumento era porque a cada desejo da Mãe de Deus correspondia novo aumento de graça, a cada aumento de graça, maior amor do mesmo Filho, e ao maior amor, maior e mais intenso desejo. Assim que, sendo os círculos dos primeiros OO grandes, os que lhes iam sucedendo mais e mais sempre eram maiores. Dê-nos aqui o exemplo a natureza, assim como até agora no-lo deu a arte.

62. Se acaso ou de indústria lançastes uma pedra ao mar sereno e quieto, ao primeiro toque da água vistes alguma perturbação nela; mas tanto que esta perturbação se sossegou, e a pedra ficou dentro no mar, no mesmo ponto se formou nele um círculo perfeito, e logo outro círculo maior, e, após este, outro e outros, todos com a mesma proporção sucessiva, e todos mais estendidos sempre, e de mais dilatada esfera. Este efeito maravilhoso celebra muito Sêneca, no primeiro livro das suas questões naturais, e dele aprenderam os filósofos o modo com que a voz e a luz se multiplicam e dilatam por todo o ar. Mas, se a natureza, na multiplicação e extensão destes círculos teve outro intento mais alto, sem dúvida foi para nos declarar, com a propriedade desta comparação, o modo com que os OO dos desejos da Senhora, ao passo com que se multiplicavam, juntamente se estendiam. A Virgem Maria era o mar, que isto quer dizer Maria: a pedra era o Verbo encarnado; Cristo: *Petra autem erat Christus*^{1 4}; o primeiro toque da pedra no mar foi quando o anjo, na embaixada à Virgem, lhe tocou em que havia de ser Mãe, com bênção sobre todas as mulheres: *Benedicta tu inter mulieres* (Lc. 1, 19). E que sucedeu então? Duas coisas notáveis. A primeira, que a serenidade daquele mar puríssimo se turbou um pouco: *Turbata est in sermone ejus*^{1 5}; a segunda que, sossegada esta perturbação: *Ne timeas Maria*^{1 6}, no mesmo ponto em que a Senhora disse: *Fiat mihi secundum verbum tuum*^{1 7}, e a pedra desceu a seu centro, logo os círculos, que eram os OO dos desejos da Senhora, se começaram a formar e crescer no seu coração de tal sorte, que sempre os que se iam sucedendo e multiplicando, à medida do amor, que também crescia, eram mais crescidos também, e de maior e mais estendida esfera.

§VII

Efeitos dos círculos do desejo unidos à roda do tempo. O desejo e o tempo nas palavras de S. Agostinho e de Nazianzeno. Por que chama Jacó ao Messias desejo dos montes eternos? O desejo do Messias prometido nos patriarcas da lei antiga.

63. Agora vejamos estes círculos ou estes OO do desejo, unidos ao círculo ou à roda do tempo, que efeitos causaram nele? Os efeitos foram que, sendo o período da expectação do parto tão breve como de nove meses, o fizeram eterno. E por que ou como? Porque cresceu o desejo à proporção do amor, e o tempo à proporção do desejo. Não me creiais a mim, senão aos dois maiores doutores da Igreja, Nazianzeno, entre os gregos, e Agostinho, entre os latinos. S. Gregório Nazianzeno, com prefação de que afirma uma grande verdade, diz que um só dia de ardente e ansioso desejo é igual a todo o tempo a que se pode estender a vida humana: *Profecto vel unicus dies totius vitae humanae instar est desiderio laborantibus*. A duração que as Escrituras dão comumente à vida humana são cem anos; e se cada dia de desejos intensos se mede por cem anos de duração, e a cada dez dias respondem dez séculos, que são mil anos, vede quantos milhares sobre milhares se podiam

encerrar no círculo de nove meses? E se isto afirma com tanta asseveração Nazianzeno, por antonomásia o Teólogo, sem determinar objeto nem sujeito, que seria se supusesse que o objeto desejado era Deus, e o sujeito que desejava, o coração da Mãe de Deus? Por isso Santo Agostinho remeteu toda a questão a Deus, como Senhor dos tempos e autor dos desejos. E diz que travou Deus o tempo com o desejo reciprocamente de tal sorte que, dilatando o tempo, estende o desejo, e estendendo o desejo, dilata o tempo: *Deus, dilatando, extendit desiderium*. Sendo, pois, os OO dos desejos da Senhora uns círculos tão estendidos, como vimos, bem se infere quão dilatados seriam neles os círculos do tempo. Tão dilatados que a roda do tempo pôde compreender em si a roda da eternidade: *Et rota in medio rotae*. Mas para que é recorrer a argumentos de doutores, se temos no próprio caso o testemunho expresso da mesma Senhora do O. E quando deu a Senhora este seu testemunho, e com que palavras? Com as mais adequadas ao seu pensamento, e as mais bem medidas com os seus desejos. Disse que os seus desejos eram como o seu desejado: *Dilectus meus totus desiderabilis; dilectus meus totus desideria* (Cânt. 5, 16): O meu amado é todo para desejar, e os meus desejos são como todo ele. — Assim o traslada e interpreta a versão caldaica. E se os desejos da Senhora se mediam totalmente com o seu desejado, e o desejado era imenso, infinito, eterno, vede se seriam também eternos os seus desejos?

64. Finalmente, para que não pareça encarecimento o que digo, deixai-me abater o discurso, para melhor o provar, e ouvi como os desejos de quem desejava muito menos, só por serem do mesmo desejado, foram também eternos. Quando Jacó, despedindo-se de seus filhos na hora da morte, lhes lançou a bênção — a qual juntamente era bênção e profecia — o último termo que sinalou a todas as felicidades que lhes prometia foi a vinda do Messias, a quem chama o desejo dos montes eternos: *Donec veniret desiderium collium aeternorum*¹⁸. Grandes e misteriosas palavras! Chama Jacó ao Messias não o desejado, senão o desejo, porque havia de ser desejado tão singular e unicamente, que os desejos de todas as outras coisas, em comparação deste desejo, nem eram, nem mereciam nome de desejos. Mas por que lhe não chama desejo dos homens, senão desejo dos montes e dos outeiros: *Desiderium collium*? Porventura porque até as criaturas insensíveis, sem uso de razão, nem conhecimento de tanto bem, o haviam de desejar a seu modo e suspirar por ele. Assim explicam alguns este lugar, com a energia daquela mesma figura com que disse o poeta: *Ipsae te, Tytire, pinus, ipsi te fontes, ipsa haec arbusta vocabant*. Porém Jacó, no verdadeiro sentido em que falava, entendeu por montes e outeiros os patriarcas e profetas, assim passados como futuros, nos quais só se conservava a fé explícita de que o Messias havia de ser Filho de Deus. E por isso a esposa, falando da mesma vinda do Messias, dizia: *Ecce iste veniet saliens in montibus, transiliens colles*¹⁹. E chamam-se os patriarcas e profetas montes e outeiros, porque, assim como os montes e outeiros se levantam sobre os vales, e, extremándose da outra terra, se avizinham mais ao céu, assim os patriarcas e profetas, pela eminência da dignidade, da santidade e do conhecimento de Deus, em respeito do outro povo, mal disciplinado e rude, e incapaz de tão altos mistérios, eram os montes e outeiros do mundo. Mas agora entra a dúvida, em que todos, creio, tendes já reparado, e é por que lhes chama eternos: *Desiderium collium aeternorum*? Os patriarcas e profetas, ainda que lhes demos a antigüidade, desde o primeiro de todos, que foi Adão, de Adão até a morte de Jacó se passaram dois mil anos; e se a continuarmos depois de Jacó, desde a morte de Jacó até a vinda do Messias, passaram outros dois mil. Quanto mais que nesta segunda idade as vidas dos homens, por mais patriarcas e profetas que fossem, eram tão breves como as nossas. Pois, se estes montes e outeiros caíam, e se sepultavam, e se desfaziam em cinzas em tão breve tempo, como lhes chama Jacó eternos: *Desiderium collium aeternorum*? Na palavra *desiderium* disse Jacó o porquê. Não vedes que o desejo desses patriarcas e profetas, em que viveram, todo era suspirar pela vinda do Messias, todo era clamar ao céu e a Deus, que acabasse já de vir: *Donec veniret*? O mesmo Jacó dizia: *Salutare tuum expectabo*²⁰; Moisés: *Mitte quem missurus est*²¹; Davi: *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam, et salutare tuum da nobis*²²; Isaías: *Rorate caeli desuper, et nubes pluant justum; aperiatur terra, et germinet salvatorem*²³. E como os desejos dos patriarcas eram tão intensos, e a tardança do bem desejado tão dilatada, ainda que o tempo das vidas fosse tão breve, a dilação dos desejos o fazia eterno. Eram grandes, eram santos, eram eminentíssimos nas pessoas, mas muito mais se estendia neles o tempo do que os levantava a dignidade: a dignidade os fazia montes, e o desejo, eternos: *Desiderium collium aeternorum*.

65. Nem mais nem menos tomou estas medidas Davi, a quem os desejos e o desejado tocavam de mais perto: *Cogitavi dies antiquos, et annos aeternos in mente habui*²⁴. Quando considero a antigüidade dos patriarcas e profetas — assim entendem este lugar os mais graves expositores — quando considero os tempos antigos, a tradição dos patriarcas e a fé dos profetas, aqueles homens tão alumiados de Deus, que desde então esperavam e desejavam o que eu hoje só desejo e espero, os dias, no meu entendimento, são anos, e os anos, eternidades: *Cogitavi dies antiquos, et annos aeternos in mente habui*. Ainda tem maior mistério a distinção e repartição destes tempos. A Adão revelou-lhe Deus que se havia de fazer homem, mas não disse como, nem de quem; a Abraão revelou-lhe que havia de ser da sua descendência e da sua nação; a Davi, que havia de ser da sua casa e da sua família. E quanto mais de perto tocava este bem aos homens, tanto mais se excitava neles o desejo, e tanto mais crescia, com o desejo, a dilação. Na antigüidade remotíssima de Adão os momentos eram dias; na menos remota de Abraão, os dias eram anos; mas na mais próxima, e já vizinha, de Davi, os anos eram eternidades: *Et annos aeternos in mente habui*. Tudo isto sucedia segundo aquela regra natural, que quanto o bem desejado está mais vizinho, tanto é maior o desejo. Bem assim como a pedra no ar, que quanto mais se chega ao centro, tanto com maior velocidade se move: *Desiderium acuit absentis vicinitas*, disse com verdadeira sentença o Cômico²⁵. E se esta vizinhança

já em Davi fazia do tempo eternidades, só porque sabia Davi que havia de nascer em sua casa, que seria no coração da Virgem Santíssima, que já o tinha concebido em suas entranhas? Os dois que avaliaram estes desejos por eternos foram nomeadamente Davi e Jacó, os mesmos dois de que o anjo anunciou havia Cristo de ser herdeiro: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, et regnabit in domo Jacob in aeternum*⁶. E se Jacó e Davi de tão longe reconheciam esta eternidade, como a não compreenderia o coração da Senhora dentro nos OO dos seus desejos, tanto mais intensos quanto mais vizinhos, e tanto mais dilatados quanto mais intensos? Um patriarca dizia: *O Sapientia!* Outro suspirava: *O Adonay!* Outro clamava: *O Radix Jesse!* Os demais: *O Clavis David!* *O Oriens!* *O Rex Gentium!* *O Emmanuel!* Mas nenhum disse, nem podia dizer: *Ó Filho!* E se os OO daqueles desejos faziam uns círculos tão dilatados, que eram eternos: — *Desiderium collium aeternorum, et annos aeternos in mente habui*⁷ — que seriam os OO daquele coração e daquela Mãe, que o tinha concebido em suas entranhas e o havia de ver nascido em seus braços: *Ecce concipies in utero, et panes Filium*.

§ VIII

A natureza do desejo e a presença de Cristo. Carecia a Senhora do mesmo bem que tinha, porque o tinha dentro em si. A distinção real existente entre a pessoa do Padre e a pessoa do Filho. Identidade e distinção entre Cristo e sua Mãe na concepção e no parto.

66. Certo estou já que não haverá quem duvide que os desejos da Senhora foram eternos. O que só receio, pelo contrário, é que não falte quem ponha dúvida a serem desejos. O bem — replicará algum filósofo — o bem, que é o objeto da vontade, assim como tem diferentes tempos, assim causa na mesma vontade diferentes afetos. Porque o bem, ou é presente, ou passado, ou futuro: se é presente, causa gosto; se é passado, causa saudade; se é futuro, causa desejo. E como o bem, e sumo bem, objeto dos afetos da Senhora, que era o Filho único de Deus e seu, não só o tinha presente, senão mais que presente, porque o tinha dentro em si mesma, parece que antes havia de causar em seu coração júbilos de gosto, e não ânsias nem desejos. Quem discorre desta sorte ainda não tem entendido que a presença, para ser presença, há de ter alguma coisa de ausência. O objeto da vista, para se poder ver, há de ser presente; se está pegado e unido à mesma potência, é como se estivesse ausente: há de estar apartado dos olhos para se poder ver. Assim a presença, para ser presença, não há de passar a ser íntima, nem há de estar totalmente unida, senão, de algum modo, distante. É a queixa de Narciso, com verdadeira razão, em história fabulosa: *Quod cupio mecum est: inopem me copia fecit*: O que desejo, tenho-o em mim; e porque o tenho em mim, careço do que tenho. — Pois, que remédio? *Votum in amante novum*: o remédio é um desejo novo, qual nunca desejou quem amasse. E que desejo é este? *Velle quod amamus abesse*: desejar que o que amo se ausente e se aparte de mim. — Tal era o desejo da Senhora, e tal a razão do seu desejo. Carecia do mesmo bem que tinha, porque o tinha dentro em si. Por isso suspirava e desejava com ânsia vê-lo já fora, e esta era a causa dos seus OO: *Quis mihi det te fratrem meum, ut inveniam te foris*⁸: Oh! quem me dera, irmão e filho meu — irmão porque tomastes de mim a natureza humana, e filho, porque eu vo-la dei — oh! quem me dera ver-vos já fora de minhas entranhas, porque dentro delas, posto que vos tenho e possuo, não vos posso gozar. *Ut inveniam te*; diz ainda com maior energia: Oh! quem me dera achar-vos! Como se dissesse a ansiosa Mãe, falando como mesmo Filho: — No dia em que vos concebi, foi como se vos perdesse e vos escondêsseis de mim, porque vos não posso ver. Se me pergunta a fé, onde estais: *Ubi est Deus tuus*⁹? respondo, com toda a certeza que dentro em mim. Mas se me perguntam os olhos, só lhes posso responder que ainda vos busco e suspiro por vos achar: *Ut inveniam te*. E sendo esta a presença do seu bem — ausente por muito presente — vede se tinha razão a Senhora de o desejar com ânsias, e suspirar mais e mais por ele?

67. Deseja a Virgem Santíssima gozar a seu Filho ao medo com que o Padre Eterno o goza, pois era Filho comum de ambos. Voai agora, se puderes tanto, os que pusestes a dúvida. Descreve o evangelista S. João a geração eterna do Verbo, e diz que o Filho estava junto ao Padre, ou perto dele: *Et Verbum erat apud Deum*¹⁰. Aquele *apud*, assim como foi escândalo aos arianos, assim tem sido reparo altíssimo a todos os maiores teólogos. Não diz Cristo, falando da mesma geração sua enquanto Deus, que ele está no Padre, e o Padre nele: *Ego in Patre, et Pater in me est* (Jo. 14,10)? Pois, por que não diz também S. João que o Verbo estava no Padre, senão junto a ele: *Et Verbum erat apud Deum*? E se estava junto a ele, onde estava, e qual era o seu lugar: *Ubi erat hoc Verbum? Quis erat locus ejus?* — pergunta Ruperto. E responde que o lugar onde estava o Verbo, era a distinção real com que a pessoa do Padre se distingue do Filho, e a pessoa do Filho se distingue do Padre: *Verbum erat apud Deum, ut de personis non dubites, dum alteram audis esse vel fuisse ad alteram*. O mesmo tinha dito antes dele São Basílio e depois de ambos o diz Santo Tomás. Mas ouçamos discorrer altamente na matéria altíssima a Ricardo Vitorino. Deus é sumamente bom e sumamente beato: enquanto sumamente bom, é suma e infinitamente comunicável; logo, não se podia comunicar infinitamente senão a quem também fosse Deus, e este é o Filho. Enquanto sumamente beato, não podia ser ou estar só, porque não há felicidade sem companhia: logo, quem lhe fizesse companhia nesta suma felicidade, havia de ser distinto dele; e esta é a distinção real que há entre o Filho e o Padre.

68. Neste segundo ponto, que é o nosso, as palavras de Ricardo são: *Felicitas summa non potest esse unius solitarii sine consortio; Deus autem est sume felix, quare consortio debet habere*. E se alguém replicar que antes de haver mundo Deus estava só, porque somente havia Deus, responde Tertuliano contra Praxéias, distinguindo uma soledade da outra, tão profundamente como costuma: *Deus ante omnia solus erat, ipse sibi, et mundus, et locus, et omnia: solus autem, quia nihil extrinsecus praeter illum. Caeterum ne tum quidem solus, habebat enim secum rationem suam, hanc Graeci logon dicunt*: Deus antes do mundo estava só, porque fora de si não tinha produzido coisa alguma. Porém ainda então não estava só, porque estava acompanhado do Verbo, o qual tinha consigo. Notai muito a palavra *habebat secum*. De maneira que na natureza divina, sumamente comunicável, não bastou que o Padre tivesse o Filho em si: *Ego in Patre*; mas, para que o mesmo Padre não estivesse só, e para que fosse sumamente beato, foi necessário que tivesse o Filho também consigo: *Habebat secum*. E porque o não podia ter consigo, senão distinguindo-se realmente uma Pessoa da outra, por isso foi juntamente necessário que o Filho se distinguisse realmente do Padre, para que deste modo, não só estivesse nele, senão junto a ele: *Et Verbum erat apud Deum*. Estava o Filho no Padre pela identidade da natureza, e estava com o Padre pela distinção das Pessoas. E esta mesma diferença, que fazia no Pai a identidade e a distinção, fazia na Mãe a concepção, e havia de fazer o parto, porque depois da concepção tinha o Filho em si, e depois do parto havia-o de ter consigo. E se na diferença daquele *in* e daquele *apud*: *Ego in Patre, et Verbum apud Deum*, consistia a razão da suma felicidade em Deus: *Deus autem est summe felix, quare consortium debet habere*, — vede se era bastante motivo na Mãe do mesmo Deus, ainda que o tivesse em si, desejar e desejar sumamente tê-lo junto a si?

69. Esta é a verdadeira filosofia, porque o bem presente pode causar desejos, e porque a presença, para se lograr, há de ter alguma coisa de ausência. O bem e sumo bem da Senhora, enquanto o tinha dentro em si, por muito presente, fazia-o presença invisível; porém, depois que o teve fora de si, e em seus braços, esta mesma distância, que era parte de ausência, fez que o pudesse ver e gozar. E se é propriedade do sumo bem visto, fazer as eternidades breves, que muito é que não visto, nem se podendo ver, fizesse os dias eternos? Não acabava de entender S. Gregório Nazianzeno como pudesse ser que os anos que serviu Jacó por Raquel lhe parecessem poucos dias, e no cabo achou e deu a verdadeira razão, a qual não era nem podia ser outra, senão porque em todo aquele tempo gozava Jacó a vista da mesma Raquel: *Cujus rei haec fortasse causa erat, quia rei expetitae conspectu fruebatur*. Se enquanto a Senhora tinha o bendito fruto de seu ventre dentro em si o pudera ver, então os nove meses lhe pareceriam breves dias; mas como era bem e sumo bem, por muito presente, invisível, todo o tempo em que o não via nem podia ver se lhe fazia eterno. E por isso os seus desejos, como vimos, mudaram o *et* do anjo em O, consumando a eternidade, que no mesmo *et* teve seu princípio: *Ecce concipies, et paries*.

§IX

O Sacramento do Altar, segunda parte do mistério da encarnação do Verbo. A forma circular da Hóstia nas Sagradas Escrituras. A comunhão, único desejo do cristão. Quais devem ser os OO de nossos desejos? Oração.

70. Tenho acabado o sermão, e mais depressa porventura, ou mais de repente do que imagináveis. Todos esperavam que eu me lembrasse de duas obrigações mui precisas, das quais parece me esqueci totalmente, porque, tendo presente a Majestade Sacrossanta do Diviníssimo Sacramento, e falando a um auditório tão grave e tão numeroso, como se não olhasse para o altar nem para a Igreja, nem do Sacramento disse uma só palavra, nem ao auditório dei um só documento. Este é sem dúvida o reparo que todos fizestes nos dois discursos que preguei. E eu agora acabo de entender que nem percebestes bem o primeiro, nem aplicastes, como devíeis, o segundo, porque o primeiro todo foi do Sacramento, encarecendo a sua maior excelência, e o segundo todo foi ao auditório, dando-lhe a mais importante doutrina.

71. No primeiro discurso, sobre as palavras: *Ecce concipies in utero*, não provei eu que o ventre virginal da Senhora, pela concepção do Verbo Encarnado, fora a circunferência da imensidade, e um círculo que compreendeu o imenso? Pois isso mesmo é o que a onipotência divina tornou a obrar por nosso amor no mistério altíssimo do Sacramento, encerrando naquele círculo breve de pão toda a imensidade de seu Ser divino e humano. Por que cuidais que instituiu a Igreja que a forma da Hóstia consagrada fosse de figura circular, como foi desde seu princípio e se continuou sempre? Alguns quiseram na Grécia que a figura da Hóstia fosse quadrada, para significar os quatro elementos de que é composto o corpo de Cristo, e as quatro partes do mundo, sobre que tem absoluto e supremo domínio; mas prevaleceu a figura circular, não só porque no círculo se representa também a redondeza do mundo, mas, como diz São Gregório Papa, porque sendo figura que não tem princípio nem fim, em nenhuma outra se exprime mais claramente a eternidade, a infinidade e a imensidade divina, que naquele milagroso círculo está encerrada. Assim se fez e assim se havia de fazer, porque muitos séculos antes da Encarnação do Filho de Deus, já era tradição dos doutores hebraicos, na exposição do salmo setenta e um, que o sacrificio do Messias, como sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, havia de ser em pão, e esse pão formado em figura circular do tamanho da palma de uma mão: *Sacrificium Messiae fore placentam rotundam, sicut est vola manus*.

72. Mas, para que são tradições, onde temos o ritual de Davi? *Circuivi, et immolavi hostiam vociferationis*³¹. Fala Davi de um sacrifício que ofereceu a Deus em ação de graças — como consta de todo o salmo — e tal é o nosso sacrifício. Quando Cristo o instituiu, deu primeiro graças: *Gratias agens, fregit*³², e por isso se chama Sacramento da Eucaristia, que quer dizer ação de graças. E quais foram os ritos ou cerimônias deste sacrifício? Três a coisas, diz o profeta, que só como profeta as podia antever e imitar. Diz que fez um círculo à roda: *circuivi*; diz que ofereceu a Hóstia: *immolavi hostiam*; e diz que a acompanhou, não com preces e orações, senão com brados e vozes: *vociferationis*. No sacrifício, com nome de Hóstia, antevia e significava a que temos e adoramos presente; no círculo que fez em roda, a figura circular de que havia de ser formada, em representação da imensidade divina que encerra dentro em si; e nas vezes, não dearticuladas, senão a gritos, que queria significar Davi? Parece que tinha diante dos olhos a solenidade deste dia. Desde o dia de hoje por diante, até do nascimento do Senhor, na Catedral de Toledo, onde começou esta instituição, e em muitas outras igrejas da cristandade, a última clausura dos Ofícios Divinos são vozes sem concerto nem harmonia, clamando todo o clero e todo o povo a gritos oh! oh! oh! Isto é o que quer dizer propriamente *vociferationis*. E como o diviníssimo Sacramento é a segunda parte do mistério da Encarnação — por onde São João Crisóstomo lhe chamou Encarnação mais estendida — não é coisa alheia ao espírito de Davi, antes mui própria dos seus fervorosos e arrebatados afetos, que à vista daquela sagrada Hóstia, quando a sacrificava em figura, acompanhasse o mesmo círculo que fazia exclamando ele e fazendo exclamar a todos com OO de júbilos, com OO de aplausos, com OO de admirações: Oh! Hóstia, em que o sacrificado é Deus! Oh! círculo, que cercas e compreendes o incompreensível! Oh! invento maior da Sabedoria! Oh! milagre sem igual da Onipotência! Oh! firmeza! Oh! excesso! Oh! extremo do amor infinito para com os homens! Enfim, todos aqueles OO que a Igreja resumiu em um só O: *O sacrum convivium, in quo Christus sumitur!*

73. Esta foi a alegoria do meu primeiro discurso, toda dirigida, Senhor, à vossa divina e humana Majestade sacramentada. E a doutrina do segundo, em afetos tão sobre-humanos do primeiro exemplar das virtudes, também foi encaminhada toda à imitação dos ouvintes. Que ouvistes sobre as segundas palavras do tema: *Et paries Filium?* Ouvistes que estando a Virgem Santíssima toda cheia de Deus, ainda se não satisfizeram seus desejos, desejando ter consigo ao que tinha em si, e acabar de ver com seus olhos ao que estava escondido em suas entranhas. Ora, aplicai isto mesmo a vós. Nada menos do que a Virgem concebeu dentro em si é o que nós recebemos dentro em nós quando comungamos: ela ao Verbo a quem deu carne, e nós ao Verbo encarnado; ela a todo Deus, tão imenso como é, e nós a todo Deus com toda a sua imensidade. E daqui se colhe quão grande injúria fará o mesmo Deus quem depois de o ter todo em si, ainda deseja outra coisa. Qualquer outro desejo do mundo neste caso, ou é declarada heresia, ou rematada loucura: ou heresia, porque é não ter fé ou loucura, porque é não ter juízo. Condenando Sêneca a ambição monstruosa de Alexandre, disse com profunda sentença: *Inventus est qui aliquid concupisceret post omnia*: Basta que se achou no mundo um homem que, depois de ter tudo, ainda desejou mais alguma coisa? O tudo que possuía e dominava Alexandre era nada: só Deus verdadeiramente é tudo. E que tendo um cristão a Deus, e a todo Deus em si, ainda haja de desejar os nada do mundo? Ó cegos, ó enganados, ó perdidos, ó infieis desejos! Uma só coisa pode desejar lícita e cristãmente quem chegou a ter a Deus em si. E qual é? Chegar também a o ter consigo, que é o que desejava a Senhora.

74. *Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo* (Flp. 1,23): Uma só coisa desejo — diz S. Paulo — que é desatar a minha alma das cadeias do corpo, para estar com Cristo. — Tornai a dizer, apóstolo sagrado, que vos não entendo. Vós não dizeis que nesta mesma vida está Cristo em vós: *Vivit vero in me Christus*³³? Pois se Cristo está em vós nesta vida, para que quereis deixar a vida para estar com Cristo? Porque vai muita diferença de estar Cristo em mim, ou estar eu com ele. Estar Cristo em mim, é possuí-lo sem o ver; estar eu com ele é vê-lo e gozá-lo. Esta é a mesma razão por que a Virgem, tendo a seu Filho e a seu Deus dentro em si, ainda desejava e suspirava, porque o desejava ter de modo que o pudesse ver e gozar. E esta é também a razão — se temos uso de razão — porque tendo a Cristo dentro em nós sacramentado e invisível, esta mesma felicidade nos deve excitar o desejo da outra maior e felicíssima, que é chegar a estar com ele, onde o vejamos e gozemos por toda a eternidade. Para fartar a fome de todos os outros desejos, basta termos a todo Deus em nós; mas desta mesma fome, já satisfeita, há de nascer uma sede insaciável de se romperem aquelas nuvens, e o vermos descobertamente na glória: *Sitivit anima mea ad Deum fortem vivum: satiabor cum apparuerit gloria tua*³⁴. Estes hão de ser os OO dos nossos desejos, como eram os do mesmo profeta: *Quando veniam, et apparebo ante faciem Dei*³⁵? Oh! quando virá aquele ditoso dia, em que apareça, meu Deus, diante de vós? Oh! quando chegará aquela hora em que vos veja face a face! Oh! quando se verá livre a minha alma do cárcere deste corpo mortal, que lhe impede a vossa vista. — *Quis me liberabit de corpore mortis hujus? O Domine, libera animam meam; O Domine, salvum me fac. O Domine, bene, prosperare*³⁶! Estes hão de ser os OO dos nossos desejos, e não os do mundo, os da cobiça, os da ambição, os do falso amor, que não são OO, senão ais: *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est*³⁷. Virgem Senhora do O, esta é a graça que hoje vos devemos pedir todos, e a que eu, em nome de todos, vos peço de todo o coração. Que reformeis todos nossos desencaminhados desejos, que os aparteis de todas as coisas temporais e da terra, que os levanteis ao céu, e os encaminheis à eternidade, para que nela, por vossa intercessão, e pelos merecimentos infinitos de vosso Santíssimo Filho, consigamos, com a sua vista sem fim, o fim para que fomos criados. *Amém*.

SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA DA QUARESMA

NO CONVENTO DE ODIVELAS*, ANO DE 1644

Diligite inimicos vestros¹.

§I

Os dois mais perigosos afetos da vontade humana: amor e ódio. Os enganos do mal e os enganos do bem. Tema do sermão: como amar o bem, e como aborrecer o mal!

75. Temos hoje em controvérsia os dois mais poderosos afetos, e os dois mais perigosos da vontade humana. Tão poderosos que, se a vontade o vence, é senhora; tão perigosos que, se eles vencem a vontade, é escrava. E que dois afetos são estes? Amor e ódio. O amor tem por objeto o bem, para o abraçar; o ódio tem por objeto o mal, para o fugir; e este é o poder universal, que se estende sem limite a quanto tem o mundo. Mas, como o mal muitas vezes anda bem trajado, e o bem, pelo contrário, mal vestido, daqui vem que, enganada a vontade com as aparências, facilmente ama o mal, como se fora bem, e aborrece o bem, como se fora mal: e aqui está o perigo. Os antigos diziam: amai a quem vos ama, e aborrecei a quem vos aborrece, isto é: quereí bem a quem vos quer bem, e quereí mal a quem vos quer mal. Mas este mesmo ditame, ainda hoje tão seguido, posto que parece fundado em igualdade e justiça, é o maior e mais perigoso erro que a Sabedoria divina veio alumiar e reformar ao mundo. Neste Evangelho nos manda Cristo amar aos inimigos, e em outro nos manda aborrecer os amigos; neste nos manda amar aos que nos têm ódio, em outro nos manda ter ódio aos que nos amam; e sendo o mesmo legislador divino o autor destes dois preceitos tão encontrados, daqui se deve persuadir a nossa pouca capacidade, que nem sabemos o que é amor, nem sabemos o que é ódio; nem sabemos amar, nem sabemos aborrecer; nem sabemos querer bem, nem sabemos querer mal. Engana-nos o mal com aparências de bem, e leva-nos o amor; engana-nos o bem com aparências de mal, e mete-nos no coração o ódio. E que fará a triste vontade enganada assim, e cativa? O desengano destes dois erros é o que eu determino pregar hoje, e ensinar, não às más, senão às boas vontades, como hão de saber amar, e como hão de saber aborrecer. É matéria em que, depois de disputada a controvérsia, vos hei de descobrir um admirável segredo. Ajudai-me a pedir a graça. *Ave Maria.*

§II

Qual é o mais rigoroso preceito da lei evangélica: Amar nossos inimigos, como afirma Santo Agostinho, ou aborrecer aos que nos amam?

Diligite inimicos vestros.

76. Amai vossos inimigos. Santo Agostinho, com o peso do seu singular juízo, sondando a profundidade deste preceito, diz assim: *Recole in omnibus justificationibus Domini, nulla esse mirabiliora, nec difficiliora, quam ut suos quisque diligat inimicos²*. Lede todas as Escrituras Sagradas, ponderai todos os preceitos, conselhos e documentos divinos, e nenhum achareis — diz Agostinho — nem mais admirável, nem mais dificultoso que mandar Deus a um homem de carne e sangue, que ame a seus inimigos. — Admirável e dificultoso, diz o santo; e deixando o admirável para depois — como prometi — reparemos primeiro no dificultoso. É tão dificultoso este preceito, que os gentios o tiveram por impossível, e muitos hereges também, aos quais refuta doutissimamente e convence S. Jerônimo. Porém, em ser dificultoso, e muito, o mesmo S. Jerônimo concorda com Santo Agostinho, e com Jerônimo e Agostinho, todos os outros Santos Padres e Doutores da Igreja. Todos dizem e confessam que este é o mais rigoroso preceito da lei evangélica, e esta a mais árdua e dificultosa empresa da religião cristã. Se entre os homens se acham tão poucos que amem verdadeiramente a seus amigos, quão dificultosa e repugnante coisa será à natureza humana chegar a amar os próprios inimigos?

77. Ora, com isto se representar e praticar assim, eu cuido que esta doutrina, quando menos, é muito duvidosa, e que padece uma grande instância. Santo Agostinho, nas mesmas palavras que já referi, diz que leiamos todas as Escrituras, e que em nenhuma delas se achará preceito ou documento mais dificultoso; e eu digo que para achar preceito e documento mais dificultoso, não é necessário ler todas as Escrituras, nem muitas, porque basta só um texto do Evangelho. O mesmo Cristo que disse: *Diligite inimicos vestros*, diz assim no capítulo catorze de S. Lucas: *Qui non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus* (Lc. 14,26): Quem não aborrece a seu pai e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e a suas irmãs, e, o que é mais, a si mesmo, não pode ser meu discípulo. — Este preceito obriga em todos aqueles casos em que o amor dos pais e parentes se encontra com a observância da lei de Deus. E geralmente é obrigação de todo o cristão não corresponder a quem o ama, se ilícitamente é amado, ainda que não fosse com perda da graça, senão da perfeição que professa. De maneira que, combinados os cânones da lei de Cristo, em uma parte manda-nos que amemos a quem nos aborrece: *Diligite inimicos vestros*, e em outra que

aborreçamos a quem nos ama: *Qui non odit patrem, et matrem, non potest meus esse discipulus*. Agora pergunto eu: e qual destes dois preceitos é mais dificultoso: aborrecer um homem a quem o ama, ou amar a quem o aborrece? Responder com ódio ao amor, ou com amor ao ódio? Antes de resolver a questão, disputemo-la primeiro, e ouvi com atenção o que alegar por uma e por outra parte, porque vós haveis de ser os juízes.

§III

Mais natural é no homem o ódio ao inimigo que o amor ao amigo. É mais dificultoso aborrecer a quem nos ama que amar a quem nos aborrece.

78. Primeiramente parece que é mais dificultoso amar a quem me aborrece, do que aborrecer a quem me ama. Provo. O agravo com que me ofende o inimigo é dor no coração próprio: a correspondência com que falto ao amigo é dor no coração alheio; e no remédio das dores sempre se acode primeiro à que mais lastima, e sempre é mais sensitiva a que está mais perto. Logo, mais natural é no homem o ódio ao inimigo que o amor ao amigo, porque no ódio ao inimigo acode-se à dor própria, com a vingança, no amor ao amigo acode-se à dor alheia, com a correspondência. Mais. Quando amamos a quem nos ama, governa-se a vontade pela razão; quando aborrecemos a quem nos aborrece, move-se o apetite pela ira, e os ímpetos da ira sempre são mais fortes que os impulsos da razão; sempre obram mais eficazmente os ofendidos que os obrigados, porque a ofensa corre por conta da honra, a obrigação por conta do agradecimento, e mais sofrível é o nome de desagradecido, que a nota de afrontado. Mais ainda. Quando amo a quem me ama, pago o que devo; quando me vingo de quem me ofendeu, pagam-me o que me devem. E quem há que não seja mais inclinado a receber a satisfação, que a pagar a dívida? Mais dificultoso é logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece, que deixar de amar a quem nos ama. Só parece que está a experiência contra esta resolução, porque, sendo no mundo mais as ofensas que os benefícios, são mais as ingratidões que as vinganças: logo os homens, naturalmente, parece que são mais ingratos que vingativos. Mas não é assim, porque para a vingança é necessário poder, e para a ingratidão basta a vontade. E se é menor o número das vinganças, é por serem os homens menos poderosos, e não por serem menos inimigos.

79. Por outra parte, parece que é mais dificultoso aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece. Provo: Amar a quem me aborrece, é ser humano com quem o não é comigo; aborrecer a quem me ama, é ser cruel com quem me não merece: o ser humano é ser homem, o ser cruel é ser fera. Logo, aborrecer a quem nos ama, tanto mais dificultoso é quanto mais repugnante à natureza. Mais, e é forte razão esta. Da parte do objeto tanto provoca o ódio a aborrecer, como o amor a amar; porém, da parte da potência, a vontade é mais inclinada a amar que a aborrecer, porque o amar é ato natural, o aborrecer violento. Donde se segue que, convidada igualmente a vontade do ódio do inimigo para aborrecer, e do amor do amigo para amar, naturalmente se há de inclinar mais a amar ao amigo que a aborrecer ao inimigo. Logo, maior violência padece a vontade em aborrecer a quem nos ama que em amar a quem nos aborrece. Mais. Amar a quem nos aborrece, é ato de generosidade; aborrecer a quem nos ama, é ato de ingratidão. E que coração haverá tão irracional, que queira antes ser ingrato que generoso? Quem há de trocar a nobreza e fidalguia de uma generosidade pela vileza e baixeza de uma ingratidão? Finalmente, mais dificultoso é aborrecer sem causa que amar com razão. Em quem me aborrece há razão para o amar, porque se o aborrecer como inimigo, posso-o amar como próximo. Em quem me ama não há causa para o aborrecer, porque se o devo amar por próximo, por que o hei de aborrecer por amigo? Logo, mais dificultoso é aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece.

§IV

Os diferentes votos dos ouvintes. O voto das religiosas de São Bernardo. O caso mais dificultoso da questão: não amar. O que escreve Marco Túlio a Bruto sobre a correspondência no amor. O segredo de Hecaton.

80. Posta a questão nestes termos, para eu continuar o sermão, é necessário tomar primeiro os votos aos ouvintes, porque onde eles reconhecerem a maior dificuldade aí se devem empregar todas as forças do discurso. Que dizeis pois nestes dois casos? Tendes por mais dificultoso o amor dos inimigos ou o ódio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amam? Todos se calam, ninguém me responde. Mas já vejo que quereis que os votos sejam secretos, para serem mais livres e mais verdadeiros. Vede se os interpreto e distingo bem. Destas grades para fora pode ser que haja alguns ânimos tão briosos ou vingativos, que tenham por mais dificultoso amar inimigos e perdoar agravos. Mas das mesmas grades para dentro — que é a melhor e principal parte do auditório — como os corações naturalmente são mais benignos, cuido eu que o amor há de ter por si os mais votos, e tanto mais e melhores, quanto mais bem entendidos. Do amor — dizem as almas mais discretas e de melhor coração — do amor me livre a mim Deus, que pelo ódio não me há de levar o diabo ao inferno. O estado religioso, como livre das injúrias do mundo, quase é incapaz de ódio; mas para o isentar do amor, que tem penas e asas, não bastam cercas nem muros. Dado pois, e não concedido, que algum amor modesto e comedido pudesse aqui entrar ou entrasse, não haver de amar neste caso, nem corresponder com amor um coração que é amado, não há dúvida que este é o ponto mais estreito e dificultoso, e este o preceito mais árduo da lei de Deus. Assim me parece, senhoras, que o está votando geralmente e concedendo o vosso silêncio. Com que vem a distinguir sutilmente, na segunda parte da nossa mesma questão, outro terceiro caso, tanto mais escrupuloso quanto mais delicado, e tanto mais dificultoso quanto mais repugnante. Não amar é menos que aborrecer a quem nos ama; e como no preceito de aborrecer se inclui também o de não amar, neste não amar, que é menos, consiste o mais da dificuldade. Assim entendo que o entendem e estão votando os melhores juízos. E por que não pareça que dissimulo a força da vossa razão, para mais facilmente a desfazer, pondo-me primeiro da vossa parte, a quero fortificar e defender quanto ela merece.

81. Primeiramente, o mesmo legislador desta sagrada república, S. Bernardo, sobre aquelas palavras dos Cânticos: *Dilectus meus mihi, et ego illi*³, ainda das telhas acima diz que o amor com que a alma ama a Deus, nasce do amor com que Deus ama a alma: *Amor Dei amorem animae parit*. E acrescenta que por isso a alma ama, porque sabe que é amada: *Nec dubitat se amari quae amat*⁴. No amor natural e cá da terra passa o mesmo. Um amor naturalmente chama por outro. E não há coração nem tão surdo, que se é chamado não ouça, nem tão mudo, que se ouviu não responda. Até as penhas dos desertos respondem às vozes, e o mesmo eco, que parece que é repulsa, é correspondência. A correspondência não é outra coisa que a reflexão do mesmo amor, que torna dobrado para donde veio. E assim como não há mármore nem bronze tão duro que, ferido do raio do sol, não responda ao mesmo sol com a reflexão do seu raio, assim não há coração tão de mármore na dureza, e tão de bronze na resistência, que, prevenido no amor, o não redobre e corresponda com outro.

82. É tão certa e experimentada esta força do amor, e tão constante no juízo de todos os sábios, que poetas, oradores, filósofos, e os mesmos Santos Padres a confessam e encarecem. Entre os poetas, todos sabem o epigrama de Marcial: *Ut ameris, ama*. Deixo outras citações de autores desta casta, porque são gente que mais professa a lisonja que a verdade. Entre os oradores, o príncipe de todos, Marco Túlio, escrevendo a Bruto, diz assim: *Clodius valde me amat, quod cum mihi persuasum sit, non dubito quin illum quoque judices a me amari*. Quer dizer: Clódio me ama muito, e como eu estou persuadido a isso, não duvido que vós também julgareis que eu o amo. — E por quê? *Nihil enim minus homini ea, quam non respondere in amore us a quibus provocere*: Porque não há coisa — diz — mais alheia do ser de homem, que não responder com amor a quem o amou primeiro. — De maneira que, em sentença daquele homem, de cuja língua estavam pendent as sentenças de todos, o homem que foi amado de outro, ou o há de amar também, ou deixar de ser homem.

83. Entre os filósofos, Hecaton, referido e seguido por Sêneca — que é dobrada autoridade — disse o mesmo, mas com coturno filosófico e confiança de mestre dos mestres. As suas palavras, como se apregoasse e vendesse amor, são estas: *Ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius veneficae carmine*. Se alguém deseja que o amem, não peça ervas à natureza, nem confeições à medicina, nem feitiços à arte mágica: venha-se a mim, que eu lhe descobrirei um segredo de mais virtude que todas as ervas, de mais eficácia que todos os medicamentos, e de mais e maior força que todos os feitiços. E que segredo é este tão poderoso? *Si vis amari, ama*: Se queres ser amado, ama. — Não disse mais o filósofo, e nestas duas palavras compreendeu toda a filosofia do amor. Amar e ser amado, são relações mútuas e recíprocas que, posta ou suposta uma, logo naturalmente resulta a outra. E assim como o amor só com amor se conquista, assim não há amor tão forte, ou tão fortificado, que se não renda a outro amor. Vamos aos Santos Padres.

§V

O que dizem os Santos Padres. O amor de Davi e Jônatas. A antecipação do amor nas palavras de Santo Agostinho. Plínio e os amores da pedra e do ferro. As finezas do amor de José para com a egípcia. Não só aborrecer a quem nos ama, mas ainda o não amar somente, é a maior tirania da natureza

84. São João Crisóstomo, sem alegar a Hecaton, também grego, disse como própria a sua mesma proposição: *Si vis amari, ama*. Mas provou o que ele não tinha provado, com a natureza do mesmo amor. O amor essencialmente é união, e a união não pode unir um extremo sem que una também outro. Porventura, se vos atardes a um homem pode ele deixar de ficar também atado convosco? Não. Pois, da mesma maneira — diz Crisóstomo — se amastes, não podeis deixar de ser amado: *Quomodo enim, si velis te ipsum alteri alligari, non aliter poteris, nisi ipsum quoque tibi ipsi alliges*. Assim se uniu e atou Jônatas a Davi, e Davi logo ficou unido e atado com Jônatas. Os mesmos termos com que o conta a Escritura declaram o amor e mais a comparação: *Anima Jonathae conglutinata est animae David*⁵. Não diz que Jônatas amou a Davi, e Davi a Jônatas, senão que a alma de Jônatas se grudou com a alma de Davi. Porque assim como uma tábua se não pode grudar com outra sem que ambas fiquem unidas, assim uma alma não pode amar outra alma sem que ambas se amem. O valor de Davi moveu a alma de Jônatas a que o amasse, e o amor de Jônatas obrigou a alma de Davi a que o correspondesse. Jônatas, não amado, amou; mas Davi, depois de amado, não pôde deixar de amar. O primeiro amor foi livre, o segundo necessário. Finalmente, conclui o mesmo S. Crisóstomo, que a vontade de cada um é a lei da vontade alheia: *Voluntas tibi sit lex*, porque, segundo cada um quiser ou não quiser amar, assim será ou não será amado. De sorte que o amar eu é mandar e obrigar a que me amem. O amor é o preceito, a correspondência a obrigação: o amar império, o ser amado obediência.

85. Santo Agostinho, em menos palavras não disse menos. *Nulla major est ad amorem invitatio, quam amantem amore praevenire. Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere*: O maior e mais certo motivo de ser amado, é antecipar o seu amor quem quer alcançar o alheio. Todos os outros motivos, por mais fortes que pareçam, e por mais usados que sejam, conquistam vaidade e engano, mas não verdadeiro amor. A formosura entretém os olhos, as dádivas enchem as mãos, a discrição lisonjeia os ouvidos, os regalos saboreiam o gosto, o poder e a majestade faz dobrar os joelhos; mas sujeitar e render o coração, só o amor. E o coração humano tão generoso, que não se rende senão a seu igual, nem há outro interesse, força ou arte com que se possa conquistar, senão amando: *Nulla major ad amorem invitatio, quam amore praevenire*. A palavra *invitatio* soa a invite, e o *praevenire* é ganhar por mão. Quem tomou a mão em amar primeiro, esse levou o resto ao amor. A razão é — diz Agostinho — porque se no mundo houver algum coração tão duro e duríssimo, que nem ame nem queira amar, nenhum haverá tão alheio de toda a humanidade — ainda que seja esse mesmo — o qual, depois de amado, não queira responder com amor: *Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere*. Notai muito aquele *nolebat* e este *nolit*. Antes de o amarem, poderá haver coração tão duro que não ame nem queira amar; mas, depois de se ver amado, há de amar e querer amar, ainda que não quisesse.

86. É tanto isto assim — para que eu também fizesse meu encarecimento — é tanto isto assim, que se Deus criara um coração de ferro, e este coração fosse amado, natural e necessariamente havia também de amar. Falando Plínio do magnete, ou calamita, ou pedra-ímã* — que me não cabe na boca o nome do nosso vulgo descreve o seu amor com o ferro, ou os seus amores, desta maneira: *Quid ferri duritia pugnatius? Sed cedit, et patitur amores. Trahitur namque a magnete lapide, dominatrixque illa rerum omnium materia, ut proprius venit, assistit, teneturque, et complexu haeret*: Que dureza mais dura que a do ferro? E contudo esta matéria, domadora de todas as coisas, também se deixa penetrar e padecer de amor. É o ferro amado da pedra-ímã — a quem os franceses discretamente chamam pedra amante — e é tão milagrosa ou tão amorosa entre ambos a força desta natural simpatia, que a pedra, como amante, sempre está atraindo, e o ferro, como amado, sempre correspondendo. Ela o chama, ele se move; ela o guia, ele a segue; ela o eleva, ele se suspende; ela o ata, ele se deixa prender; se ela pára, ele pára; se sobe, sobe; se desce, desce; se anda à roda, rodeia; sempre juntos, sempre conformes, sempre unidos, e tão pegados entre si, como se um e outro foram de cera. E se isto obra no ferro uma qualidade oculta, que seria no coração, ainda que fosse de ferro, um amor declarado? Um ferro amado de uma pedra não pode deixar de pagar amor com amor. E poderá um coração humano amado não amar? Todos estais dizendo que não, e parece que dizeis bem.

87. Só tem esta regra ou opinião geral uma exceção contra si, a qual notou Santo Ambrósio, e, depois dele, Santo Agostinho, ambos pelas mesmas palavras. Ponderam o caso de José, e o valor mais que de homem com que fugiu e largou a capa nas mãos da senhora, e o que sobre tudo encarecem, é que, amado, não amou: *Adamatus, non redamavit*. Logo, não é tão certa nem tão universal a proposição que até agora pretendemos provar, nem tão repugnante e quase impossível ao coração humano não responder com amor quando é prevenido com outro, ou deixar de amar quando é amado. Bem pudera eu aqui responder que a exceção de um exemplo, quando é um só, ou raríssimo, não desfaz a regra geral, antes a confirma. E a mesma admiração com que os santos celebram este caso e lhe chamam prodigioso, vem a ser nova e maior prova de quão próprio e natural é da vontade e propensão humana, seguir sempre e obrar o contrário. Mas, com licença de Ambrósio e Agostinho, eu não consinto em que José amado não amasse, antes digo, que não só amou, mas com muito maior excesso do que foi amado. A egípcia, como vil, acusou a José, e o que começou amor, degenerou em vingança; José, pelo contrário, como honrado, estando inocente, não se desculpou, e o que parecia desamor, mostrou que era fineza. Fino com Deus, porque não quis pecar, fino com seu senhor, porque o não quis ofender, e mais fino com a mesma que o amou, porque, preso, carregado de ferros, e quase condenado à morte, não se desculpou a si pela não culpar a ela. Pagou-lhe o amor com lhe encobrir o delito. Ela cobriu-o com a capa, e este com o silêncio. Tão impossível é que o amor, ainda na terra mais dura e mais estéril, e ainda rejeitado e rebatido, não produza amor.

88. Mas, admitido que a egípcia amasse e não fosse amada, e José fosse amado e não amasse, falando em termos

somente naturais e humanos, neste caso, ou noutro semelhante, qual estado ou qual fortuna seria mais cruel e mais detestável: a do que ama, e não é amado, ou a do que é amado, e não ama? Respondo que no tal acontecimento — de que Deus livre a todo o coração humano — o que ama e não é amado seria digno de maior compaixão, e o que é amado e não ama, de maior horror. Amar e não ser amado é o maior tormento; ser amado e não amar é a maior injustiça. Mas aquilo é padecer a sem-razão; isto é fazê-la: logo, melhor é amar e não ser amado, que ser amado e não amar, porque amar e não ser amado, é ser mártir; ser amado e não amar, é ser tirano. Sendo pois um excesso tão alheio da razão, tão indigno da humanidade, e tão contrário a toda a inclinação natural, não pagar amor com amor, quem duvida ou pode duvidar que não só o aborrecer a quem nos ama — que é ato — mas ainda o não amar somente — que é mera suspensão — seja a maior violência da liberdade humana, o maior aperto do coração, e a maior tirania da natureza?

§VI

As três maiores dificuldades do coração humano: amar os inimigos, aborrecer os amigos e não corresponder aos amantes, vencidas pelas três palavras tomadas por tema: Diligite inimicos vestros. Os inimigos que nos aborrecem e os inimigos que nos amam. Amar mal e aborrecer bem. As setas do amor e as setas do ódio. O amor e a morte na fábula de Anacreonte. Aborrecer bem é amar.

89. Ponderadas assim de qualquer modo as três dificuldades em que até agora nos detivemos — cujo peso e energia mais se pode sentir que declarar — que faria a vontade humana cercada ou sitiada por todas as partes, e combatida juntamente de três violências tão fortes? Um preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda aborrecer os amigos, e o terceiro, que deste se segue, lhe manda não amar nem corresponder — para que o digamos por seu nome — aos amantes. E, bastando qualquer destas obediências por si a fazer desmaiar e estremecer o mais animoso coração, todas juntas, que será? Pela parte do vivente, pela parte do sensitivo e pela parte do racional se vê o homem aqui nas mais apertadas angústias. Quem o manda amar o inimigo, parece que o quer insensível; quem o manda aborrecer o amigo, parece que lhe tira o racional; e quem o manda que, amado, não ame, parece que o supõe pedra ou morto. Que remédio, logo, para satisfazer tantas e tão dificultosas obrigações juntas, e para que não fique nelas o entendimento esmorecido, a vontade desesperada, e toda a alma oprimida? Não é tampouco suave a lei de Deus, que, se dificulta os preceitos, não facilite os remédios. Todas estas dificuldades, que tão feias e tão medonhas se representam ao coração humano, assim como elas são três, assim se vencem com três palavras, que são as que tomei por tema: *Diligite — inimicos — vestros*. Manda Cristo, Senhor nosso, que amemos nossos inimigos. E só com a imitação deste preceito, que tem alguma dificuldade, se observam os outros dois, sem nenhuma dificuldade. Disse só com a imitação, porque não é necessária a observância deste preceito para observar os outros. Mas, se este preceito trata dos inimigos, e os outros dois dos amigos, se este preceito manda amar, e um dos outros aborrecer, se este diz: amai a quem vos tem ódio, e o outro diz: não ameis a quem vos ama, como pode ser que na imitação deste preceito consista a observância dos outros? Não vos parece isto que digo uma coisa muito maravilhosa? Pois este é o segredo admirável que vos prometi.

90. Para inteligência dele havemos de supor, em primeiro lugar, que há dois gêneros de inimigos: uns inimigos que nos querem mal, e nos fazem mal com ódio, e outros inimigos que nos querem mal, e nos fazem mal com amor. Os inimigos que nos querem e fazem mal com ódio, são os que Cristo nos manda amar, e estes todos sabemos quais são; os inimigos que nos querem e fazem mal com amor, são os que o mesmo Cristo nos manda aborrecer, e estes porventura não sabeis nem imaginais quais sejam, e agora o sabereis. Sabeis quem são estes inimigos? São todos aqueles que por sangue e parentesco mais ou menos estreito, ou por inclinação natural, ou por trato, ou por benefícios, ou por esperanças e dependências, ou por graças e prendas pessoais, ou por qualquer outro motivo de afeição vos amam desordenadamente. A esposa santa dizia: *Ordinavit in me charitatem*^b. O amor ordenado é caridade, e o amor desordenado, ainda que a desordem seja ou pareça leve, nem é caridade, nem é amor: é ódio. Como pode ser amar nem querer bem o que me priva ou aparta do sumo bem?

91. Daqui se segue a segunda coisa que havemos de supor, e é que assim como há dois gêneros de inimigos, assim há dois gêneros de amar e dois gêneros de aborrecer. Há amar bem e amar mal, e há aborrecer mal e aborrecer bem. E em que se distinguem ou diferenciam este amar e este aborrecer? Distinguem-se pelos afetos e também pelos efeitos, porque o amar mal é aborrecer, e o aborrecer bem é amar. Os antigos pintavam o amor e o ódio igualmente armados, ambos com arco e aljava; mas o amor diziam que atirava com setas de ouro, as quais tinham por efeito dar vida, e o ódio com setas de ferro, que tinham por efeito matar. Agora pergunto: e se o amor e o ódio trocassem as aljavas, que sucederia neste caso? Sucederia sem dúvida o que conta Anacreonte que sucedeu ao mesmo amor com a morte. Caminhavam — diz — o amor e a morte, cada um a seus intentos, e vieram ambos a fazer noite e albergar na mesma estalagem; levantaram-se muito cedo para continuar seus caminhos, e como havia ainda pouca luz, sucedeu que as aljavas se trocaram; e porque o amor levou as setas da morte, daqui veio que dali por diante as suas feridas foram mortais. O mesmo digo eu que sucederia no nosso caso, não fabulosa, senão verdadeiramente. Se o amor atirasse com as setas do ódio, o amar seria aborrecer; e se o ódio atirasse com as setas do amor, o aborrecer seria amar. Pois isto mesmo que sucederia é o que sucede, e isto mesmo que havia de ser, é o que é, diz Santo Agostinho. Porque o amor, amando mal, aborrece como se fora ódio; e o ódio, aborrecendo bem, ama como se fora amor: *Si male amaveris, tunc odisti: si bene oderis, tunc amasti*: Se amastes mal, então aborrecestes; se aborrecestes bem, então

amastes. — É sentença expressa e sem variação alguma, tirada do mesmo texto de Cristo. E por que não pareça que o nome de admirável, que eu dei a este segredo, é posto por mim, o mesmo Agostinho lhe deu o mesmo nome: *Magna et mira sententia*.

92. Supostas estas duas verdades certas e evidentes, em que muitos corações andam tão enganados e tão cegos, cuidando que amam e são amados, quando aborrecem e são aborrecidos, vede quão fácil fica a execução, e quão natural e leve o exercício de todas aquelas que ao princípio nos pareciam dificuldades, violências e tiranias. Pergunto: não é muito fácil não amar eu a quem me não ama, e aborrecer a quem me aborrece? Sim. Pois isto é o que Deus nos manda. Se os que me amam, me amam mal, daqui se segue que tão fácil é não amar eu a quem me ama, como não amar a quem me não ama, porque quem me ama mal, não me ama. E do mesmo modo, tão fácil é aborrecer a quem me ama, como aborrecer a quem me aborrece, porque o amor de quem me ama mal, tão fora está de ser amor, que antes é aborrecimento e ódio. E se alguém disser que ao menos por esta via não guardo o preceito de amar aos inimigos, também infere mal e se engana, porque esse mesmo aborrecê-los e não os amar, é amá-los. A prova é manifesta, mas há mister atenção. Amar mal é aborrecer: *Si male amaveris, tunc odisti*: logo quem me ama mal, aborrece-me, e porque me aborrece, é meu inimigo. É meu inimigo? Logo, tenho obrigação de o amar: *Diligite inimicos vestros*. Tenho obrigação de o amar como inimigo? Logo sou obrigado a o aborrecer bem, assim como ele me ama mal; e se eu o aborreço bem, já o amo, porque aborrecer bem é amar: *Si bene oderis, tunc amasti*.

§VII

O ódio santo com que Cristo manda aborrecer pai e mãe. Os amigos inimicíssimos, ou inimicíssimos amigos. As amizades inimigas de que fala São Tiago. Por que lhes chama o apóstolo adúlteros?

93. Parece-me que temos filosofado assaz, posto que toda esta especulação foi necessária para chegarmos ao ponto em que estamos. Agora desçamos à prática dele, que é o que mais importa, e ponhamos o exemplo nas amizades, afeições e correspondências que no mundo se usam — e também nas que se abusam fora do mundo — para que a doutrina chegue a todos. Nenhum amor há mais natural, mais lícito e menos suspeito que o dos pais para com os filhos; e contudo é coisa que excede toda a admiração, dizer o divino Mestre, como referimos no princípio, que quem não aborrecer seu pai e sua mãe, não pode ser seu discípulo: *Qui non odit patrem et matrem, non potest meus esse discipulus*. Abaixo de Deus devemos amar os pais, que depois dele nos deram o ser. Como diz logo o mesmo Deus, que para ser seu discípulo é necessário aborrecer e ter ódio aos próprios pais? Bem se está vendo que este texto há mister declaração, e nenhum lha deu melhor que S. Gregório Papa. Muitas vezes o amor dos pais é desordenado, e não conforme a lei e amor de Deus. Não são todos como Jefté, que sacrificou a filha única, nem todos como Abraão, que não duvidou levar também ao sacrifício o seu primogênito. Quantos, por estabelecer a sucessão da casa, impedem o estado religioso às filhas, e quantos, por terem perto de si os filhos, não fazem caso de que eles andem muito longe de Deus? E pais que querem mais à sua casa que à minha alma, pais que estimam mais o seu gosto que a minha salvação, pais que, porque me deram a vida temporal, me apartam de segurar eu a eterna, vede se são merecedores de amor ou de ódio? Ditasas vós, que por amor do esposo do céu tivestes valor para deixar os pais da terra; ditosas, se por vontade sua os deixastes, e muito mais ditosas, se contra sua vontade fugistes deles. Eles, voluntariamente deixados, sacrificaram em vós o seu amor; e vós, violentamente fugindo deles, consagrastes neles o vosso ódio. Este é o ódio santo com que Cristo manda aborrecer pai e mãe, aos que se quiserem fazer dignos de sua escola; e este o verdadeiro aborrecimento com que lhe devem pagar os filhos o seu falso amor. Nem se encontra o preceito de amar os mesmos pais com este preceito ou conselho de os aborrecer — diz S. Gregório — porque, se eles me aborrecem com amor, justo é que eu os ame com ódio: *Quasi enim per odium diligitur, qui dum prava non suggerit, non oditur*. Eles aborrecem-me com amor, porque me amam mal: *Si male amaveris, tunc odisti*; e eu amo-os com ódio, porque os aborreço bem: *Si bene oderis, tunc amasti*.

94. Depois do amor dos pais — em que se compreendem todos os graus do sangue — debaixo do nome comum de amigos entrarão geralmente, e com maior decoro, todos os outros que amam e são amados. Quando os amigos eram verdadeiros amigos, era também o nome desta profissão sagrada e venerável: *Illud amicitiae sanctum et venerabile nomen*. Mas, depois que a sincera amizade, a qual entre o coro das virtudes tinha tão honrado lugar, se desceu de sua dignidade, e acompanhou com os vícios, que amigo ou chamado amigo há hoje que, assim como é o maior inimigo de si mesmo, o não seja também do seu amigo? Tertuliano, falando de certos hereges que negavam a ressurreição da carne, sendo porém grandes amadores dela, chamou-lhes discretamente os amicíssimos inimigos da carne: *Inimicos carnis, et nihilominus amicissimos ejus*. E, posta de parte a heresia, quem são os amigos do uso, sem lhes fazermos agravo, senão amigos inimicíssimos, ou amicíssimos amigos? E, se não, dizei-me os mais moços — para que guardemos esse respeito às cãs — dizei-me e confessai sem reboço: de que vos servem esses que tendes por amigos mais íntimos, e que amizades são as suas? Irem convosco ao passeio e à comédia, levarem-vos à casa de jogo e às casas ou serralhos da ruim conversação; acompanharem-vos de noite aos furtos da honra alheia, ou à vingança oculta; serem vossos padrinhos no desafio a que vos levam já excomungado, e vos trazem morto ou mal ferido; serem os secretários de todos vossos cuidados e pensamentos, e os conselheiros de todas as

traças, enredos e execuções de vossas loucuras e apetites sem freio; enfim, os cúmplices inseparáveis de todos vossos vícios e pecados, e as guias mais certas para o inferno, cujas estradas vos alargam e asseguram: e tudo isto com tal esquecimento da fé e desprezo da razão, como se não houvera outra vida, nem conta, nem consciência, nem alma, nem Deus. E se quanto tenho dito é menos do que calo e vós sabeis, julgai se pode haver algum inimigo mais cruel e mais inimigo que estes amigos? Não só são os maiores inimigos, mas muito maiores que o maior, porque o maior inimigo pode-vos tirar uma vez a vida do corpo, e estes tiram-vos mil vezes a vida da alma. Ouvi o que lhes diz, e como os trata o apóstolo São Tiago.

95. *Adulteri, nescitis quia amicitia hujus mundi inimica est Dei?* Adúlteros, não sabeis que a amizade deste mundo, qual é a vossa, é inimiga de Deus? — Amizade inimiga lhe chama, porque debaixo do nome de amigos, são os mais cruéis inimigos, e não há amizade tão contrária, nem hostilidade tão feroz, tão nociva e tão inimiga, como são estas amizades. Mas, reparemos no nome extraordinário de adúlteros, com que o apóstolo ou nomeia ou afronta estes amigos! O qual nome, não só parece impróprio de amigos ou inimigos, mas incapazes eles mesmos de se lhes poder aplicar. O adultério não se pode cometer ou executar, senão entre três: o adúltero, a mulher própria, a quem se nega o legítimo amor, e a estranha, que illicitamente se busca e ama. Pois, se este ato trágico se não pode representar com menos de três figuras, se o adultério se não pode cometer senão entre três, como pode haver adultério entre dois amigos somente, e esses amados e conformes entre si, e nenhum ofendido do outro, nem aborrecido? Por isso o apóstolo, quando lhes chamou adúlteros, lhes chamou também ignorantes: *Adulteri, nescitis?* — porque não sabem que o seu amor é aborrecimento, a sua união discórdia, a sua fidelidade traição, e toda a sua amizade o maior ódio. O adúltero divide os seus afetos ou a sua paixão entre duas: a uma aborrece, a outra ama; a uma despreza, a outra estima; a uma ofende, a outra regala; a uma é infiel, a outra mostra fidelidade; a uma trata em tudo como amiga, e a outra como inimiga. E estas mesmas contrariedades, que no adultério se repartem por dois sujeitos, nesta falsa e adulterina amizade, todas se juntam e acumulam em um só, que é reciprocamente cada um dos falsos amigos. Como a sua amizade é inimiga e o seu amor não é amor, senão ódio, o mesmo que, enquanto amigo, é amado, estimado, defendido, favorecido e servido, e goza aparentemente os bens do amor, esse mesmo, enquanto inimigo, é aborrecido, ofendido, perseguido, maltratado e destruído, e padece verdadeiramente todos os males do ódio. E a razão destes efeitos tão encontrados e tão unidos não é outra, por última conclusão, senão a que temos dito. A amizade de tais amigos, e o amor dos que assim se amam, porque se amam mal, é verdadeiro ódio; que muito logo, que tendo-se verdadeiro ódio, se queiram mal e se façam mal? O mesmo que se querem, isto se fazem, assim como se fariam bem, se se quisessem bem. Mas quem se quer mal e se faz mal porque se ama mal, não se pode querer bem, nem fazer bem, senão aborrecendo-se bem: *Si bene oderis, tunc amasti; si male amaveris, tunc odisti.*

§ VIII

O intento de todo este discurso: o apartamento geral dos que se amam. O ódio perfeito nos salmos de Davi. O ódio que salva e o amor que perde. As tréguas e suspensões dos afetos.

96. Tempo é já de colhermos as redes. E quantos corações se acharão — pode ser — enredados e presos nelas? Mas, se os peixes, que entre todos os animais são os mais brutos, fazem tanta força pelas romper e se libertar, que alma haverá tão irracional e tão insensível, que sendo a prisão mortal como é, queira antes a prisão que a liberdade? O que se possui com amor — diz o nosso São Bernardo — não se pode deixar sem dor. E que dor seria a de hoje — mas que lágrimas tão venturosas e tão alegres! — se de todos os corações que se amam se houvesse de fazer um apartamento geral? Este é, e este foi o meu intento em todo o discurso que ouvistes. E se lhe destes a atenção que vos pedi, bem creio tereis entendido quão fácil resolução será a que vos pretendo persuadir. Não digo que se deixem de amar os que se amavam, nem de querer-se bem os que se queriam bem: só digo que se se amavam, se amam, e se se queriam bem, não se queriam mal. Concordem-se logo em se amar os que se amam, mas amem-se como devem e como convém a ambas as partes. Quem diz que me ama, porque assim o cuida, ou me quer bem, ou me quer mal. Se me quer mal, quero-o amar como cristão: *Diligite inimicos vestros*; se me quer bem, quero-o amar como homem, porque todo homem, diz Cristo, ainda que seja gentio, ama a quem o ama: *Si enim diligitis eos qui vos diligunt, nonne et ethnici hoc faciunt*⁸? Na nossa doutrina — que toda é do mesmo Cristo — uma e outra coisa vem a ser muito mais fácil. Se amar mal é aborrecer, que dificuldade tem aborrecer a quem me aborrece? E se aborrecer bem é amar, que dificuldade há em amar a quem me ama? Por isso digo que se amem os que se amam, mas de modo que se queiram bem e não se façam mal.

97. E porque neste apartamento — que é forçoso — das pessoas e nesta troca — que há de ser voluntária — de um amar, ou modo de amar, em outro, nem os mal-amados se queixem dos que bem os aborrecem, nem os bem aborrecidos dos que mal os amavam: consolem-se uns e outros com a queixa que fazia Davi dos que, pelo mesmo caso, se queixavam dele: *Perfecto odio orderam illos, et inimici facti sunt mihi* (Sl. 138, 22): Aborreci com perfeito ódio aos que devia aborrecer — diz Davi — e eles entenderam isto tão mal, que por isso se fizeram meus inimigos. — Pois, se vós os aborrecestes, que muito é que eles vos aborçam? E se vós lhes tivestes ódio, que muito que eles também vos pagassem com ódio, e de amigos vossos se trocassem em inimigos? Muito é — diz Davi — e de quem entende pouco, o que vai de ódio a ódio. O ódio com que eu os aborreci foi ódio perfeito: *Perfecto odio oderam illos*; e ódio perfeito é verdadeiro amor. Pois, se eu os amei com

verdadeiro amor, e essa é a perfeição do ódio com que os aborreci, que causa tiveram eles para se fazerem meus inimigos: *Et inimici facti sunt mihi?* Nenhuma causa tem logo de se queixar ou agravar deste ódio perfeito, nem os que não professam perfeição — porque também eles são obrigados à consciência — nem, e muito menos, os que a professam, porque seria cometer um sacrilégio, e consentir e concorrer para outro com dobrada ofensa e injúria — por não lhe chamar escândalo — da mesma perfeição. O que devem fazer nesta troca de amor imperfeito e ilícito com o ódio perfeito e santo, todos os que, amando-se mal, se aborrecem, é darem-se o parabém a si e ao seu mesmo amor, pois não pode haver parabém mais justo e bem-aceito, que quando o que era mal se trocou em bem, e quando se começam a querer bem sem engano os que, enganados e cegos, se queriam mal.

98. E se o nome de ódio — que sempre é odioso — ainda com ser perfeito, lhes causa algum horror, ouçam a suavidade divina com que a suprema verdade e sabedoria do mesmo Cristo lhe tirou todo este medo com outro maior: *Qui amat animam suam, perdet eam; et qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam* (Jo. 12,25): Quem ama a sua alma, perdê-la-á, e quem lhe tiver ódio, salvá-la-á para sempre. — Não é melhor o ódio que me salva, que o amor que me perde? Não é melhor a triaga amargosa que me dá vida, que o veneno doce que me mata? Pois este é o amor e o veneno que o médico divino condena, e este o ódio e a triaga que receita, aprova e persuade. Oh! como é louco e sem juízo todo o amor desordenado! Pode haver maior loucura que estimar mais a enfermidade que a saúde, e mais a morte que a vida? Se vós amais mal, ao menos não mateis a quem vos ama. *Animam suam*, na língua em que falava Cristo, quer dizer a alma, a vida e a pessoa. E por que se não contentará quem vos ama, de ser amado como vós amais a vossa alma, como amais vossa vida, e como vos amais a vós mesmo? Não é isto desamar, nem pretendeu Cristo, quando o disse, que nos amássemos menos, mas que fizéssemos verdadeiros os encarecimentos vãos dos que se amam. Então amareis a quem vos ama como a vossa vida, como a vossa alma, e como a vós mesmo em alma e corpo, quando amardes e zelardes igualmente tanto a sua salvação como a vossa, a qual se não consegue nem pode conseguir senão por benefício deste ódio: *Qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam*.

99. Reparaí se tendes fé naquele *aeternam*. A vida que depende deste ódio não é outra que a eterna. Esta é a que se perde por quatro dias de amor, e esta a que, por outros tantos de ódio, se assegura para sempre. E então, que digam e cuidem que se querem bem os que, só por se quererem, não querem o sumo bem! E que creiamos que nos amamos e não nos aborrecemos, quando nos aborrecemos para o céu e nos amamos para o inferno? Se vos amais, e estimais tanto o ser amado, por amor do vosso mesmo amor deveis fazer estas tréguas e esta suspensão de afetos, entre vós e com ele. Porque, se fordes ao céu, os mesmos que agora vos amais, lá vos haveis de amar eternamente. E, pelo contrário, se fordes ao inferno — o que Deus não permita — lá vós haveis de aborrecer com ódio imortal, enquanto o mesmo Deus for Deus. Será logo bem que, por um falso amor de poucos dias, percais o verdadeiro amor de toda a eternidade, e que este mesmo amor com que vos amais — e só porque vos amais — se haja de converter em ódio eterno?

§IX

Outros motivos para que o amor seja aborrecido e detestado como arrematada loucura. As finezas do amor de Adão convertidas em acusação. A traição da amante de José. A mulher, inconstante por condição, o homem, inconstante por nascimento. Os amores da samaritana. O inferno sem redenção dos que amam. A queixa de Cristo a Santa Brígida. Oração.

100. Mas ainda que não houvera inferno, nem paraíso, nem cristandade, nem religião, bastava só ter entendimento e juízo para que esta apreensão e quimera que se chama amor fosse aborrecida e detestada como rematada loucura. Se no mundo houvera amor, ainda que acima do mesmo mundo — como dizia — não houvera céu, nem abaixo dele inferno, eu vos concedera que amásseis; mas perder, não digo já a alma, de que agora não falo, mas a liberdade, a quietação, o sossego, o descanso e a vida, e condenar o triste coração ao perpétuo martírio de cuidados, confusões e tormentos, e a estar ou andar sempre penando fora de si, por uma imaginação fantástica do que não há nem é, nem o nome de loucura e cegueira basta a declarar o desvario de tão custoso engano.

101. E para que vos desenganeis que não há amor, e que este nome especioso, ainda nos que parece mais fino, é falso, ponhamos o exemplo em ambos os sexos, para que chegue o desengano a todos, e nem os homens se enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens. Entre os homens houve porventura algum amante mais perdido que Adão e Eva? Tão perdido que por ametade de uma maçã deu um mundo inteiro, e não pelo que era a maçã, senão pela mão de quem vinha. Tão perdido que perdeu o paraíso, se perdeu a si, e nos perdeu a nós e todos seus descendentes, por não perder um leve agrado de quem imaginava então que amava muito. Mas, assim como Adão se enganou com o pomo, se enganou também

com o seu próprio amor. Chegou a ocasião de mostrar qual ele era, e logo desfez a mesma fineza tão grosseiramente que, sendo o preceito sob pena de morte, para ele se livrar a si, acusou a Eva: *Mulier quam dedisti mihi*⁹. Enquanto cuidou que a pena da lei era somente cominação, grandes aparências de fineza — que tudo o que dissemos foram só aparências — mas tanto que viu que a devassa ia deveras, livre-me eu uma vez, e padeça Eva embora. Pois estes eram, Adão, os vossos amores, estas as vossas finezas, estes os vossos extremos tão afetuosos? Estes eram. Estes eram os de Adão, e estes são os de seus filhos, para que na primeira mulher aprendam as mulheres, e no primeiro homem se desenganem de todos.

102. E os homens, onde conheceram o amor das mulheres? Não é necessário repetir o exemplo, porque já o vimos na amante de José. Não reparar na autoridade, sendo princesa, nem na lealdade, sendo casada, nem na desigualdade, sendo ela senhora e ele escravo, porque nada disto via. Por isso diz a Escritura, não que pôs os olhos em José, senão que lhos lançou ou lhe tirou com eles: *Injecit oculos in Joseph*¹⁰, para significar que em tudo o que fez e pretendeu obrou como cega. Mas, tanto que recuperou a vista, logo viu a falsidade de seu amor, e como se quisesse vingar a Eva, o mesmo que Adão disse a Deus disse ela ao marido: *Ingressus est servus Hebraeus, quem adduxisti, ut illuderet mihi* (Gên. 39,17): Eis aqui para que me trouxestes a casa o servo hebreu, para que ele se atrevesse a me querer descompor. — Oh! falsa! Oh! desleal! Oh! fementida! Oh! traidora! Agora, porém, só verdadeira, quando descobriste o avesso do teu coração, e nele o interior inconstante e já mudado com que a José enganavas e a ti mesma mentias. Mas, que muito é que mudasse tão de repente a cena de amor de uma mulher, quando o primeiro autor de semelhante tragédia foi o primeiro homem? Se os homens querem outro exemplo, lembrem-se do amor de Dalila para com Sansão. E se as mulheres quiserem também outro, não se esqueçam do amor de Amon para com Tamar, no mesmo dia com os maiores extremos amada, e no mesmo com muito maiores aborrecida. Assim tratou um homem, que tinha obrigações de ser honrado, a mulher mais ilustre de Israel; e assim pagou uma mulher, de que se tinha feito a maior confiança, ao homem mais famoso do mundo.

103. Eu bem ouço que as mulheres, e não os homens, têm a opinião da inconstância; mas eles são filhos delas. Olhai que bem o notou Jó com ser homem: *Homo natus de muliere, nunquam in eodem statu permanet* (Jó 14,1 s): O homem filho da mulher é tão vário, tão mudável e tão inconstante, que nunca permanece nem dura no mesmo estado. — Mas, se todo o homem nasce de mulher e de homem, por que lhe chama Jó neste caso só nascido de mulher: *Homo natus de muliere*? Porque os homens no sexo saem aos pais, e na inconstância às mães. Porém daqui mesmo se colhe que tão inconstantes são os homens como as mulheres: os homens, por filhos de tais mães, e as mulheres por mães de tais filhos: *Homo natus de muliere*. A mulher inconstante por condição, o homem inconstante por nascimento; a mulher, como a lua, por natureza; o homem, como o mar, por influência. Vede o que disse Cristo a uma mulher, a samaritana. Era ela não só a mais discreta de que se lê no Evangelho, senão também a mais sábia, pelas questões que altercou com o mesmo Cristo. E que lhe disse o Senhor? *Quinque viros habuisti, et hunc quem habes non est tuus vir*¹¹. Além do amigo que agora tens, já tiveste outros cinco. — Pois cinco amigos, um depois dos outros, uma só mulher, e não de muita idade? Aí vereis a inconstância do amor humano. Mas, reparai no que porventura não advertis. Ou a samaritana deixou aos cinco, ou os cinco a deixaram a ela: se eles a deixaram a ela, fiái-vos lá de amor de homens? E se ela os deixou a eles, quem se fiará de amor de mulher?

104. Bem digo eu logo que isto que no mundo se chama amor é uma coisa que não há nem é. É quimera, é mentira, é engano, é uma doença da imaginação, e por isso basta para ser tormento. Pode haver maior tormento que amar, quando menos em perpétua dúvida, amar em perpétua suspeita de ser ou não ser amado? Pois este é o inferno sem redenção a que se condenam todos os que amam humanamente, e tanto mais, quanto mais amarem. Ouvi umas palavras que tendes ouvido muitas vezes, mas com uma consideração em que nunca reparastes — *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus aemulatio* (Cân. 8,6): O amor é forte como a morte, e o ciúme cruel como o inferno. — Assim o declara o texto original hebreu, o grego, o siro e o arábico: *Crudelis sicut infernus zelotipia*. Todos sabeis que à morte, a qual é trânsito e passagem, se seguem outros dois termos de que se não passa: ou inferno ou paraíso. Pois, se o amor é como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*, por que se não segue também depois do amor ou paraíso, ou inferno, senão inferno somente: *Dura sicut infernus aemulatio*? Porque o amor desta vida e deste mundo é uma morte que só tem precitos, e não tem predestinados; é uma morte pela qual sempre se vai ao inferno e nunca ao paraíso. O paraíso do amor — se o houvera — havia de ser amar e ser amado, e amado com certeza de nunca ser aborrecido. Mas como não há, nem pode haver no mundo, nem este amor, nem esta certeza, senão as dúvidas, os escrúpulos, as desconfianças, os receios e as suspeitas de se me amam ou não me amam, ou de que já me ama menos que dantes, ou que trocam o meu amor por outro, ou de que outrem pretende o que eu amo, em que consiste por vários modos o tormento crudelíssimo do ciúme, este ciúme sempre duvidoso, sempre crédulo, sempre fixo na imaginação, e nunca satisfeito, este é o inferno inevitável e sem redenção a que todos os que amam se condenam, e em que são atormentados duramente, sem fim e sem remédio: *Dura sicut infernus aemulatio*.

105. Pois, se o que neste mundo se chama amor, bem considerado e conhecido, e visto com os olhos abertos, é um inferno, que será se a este inferno juntarmos o da outra vida, no qual estão ardendo e arderão por toda a eternidade tantas almas infelizes, que por amarem o que não deviam, e como não deviam, não repararam em se condenar para sempre. Mas, graças ao divino Mestre e luz de nossas cegueiras, que se quisermos sair do abismo e labirinto delas, ainda estamos em tempo de trocarmos estes dois infernos por outros dois paraísos, um aqui, outro no céu. Aborreçamos com verdadeiro amor o que amávamos com verdadeiro ódio; queiram-se o verdadeiro bem os que verdadeiramente se queriam mal. E para que desde logo entremos no paraíso presente, livre de penas e cuidados, amemos só aquele soberano Amante — e mais os que o

têm por Esposo — o qual é certo e de fé, que paga uma nossa vontade com duas suas, a divina e a humana, tão fiel, tão constante, tão amoroso, que a todos os que o amam com verdadeiro amor, posto que limitado, ele não deixou jamais de amar com amor imenso e infinito. *Ego diligentes me diligo* (Prov. 8, 17), diz o mesmo Cristo: Eu, Deus e Homem, amo a todos os que me amam. — E o nosso S. Bernardo, pregando aos seus religiosos, e ajuntando à certeza da fé as evidências do que tinha experimentado, dizia: *Ego amans amari me dubitare non possum, non plusquam amare*: Eu, quando amo a Jesus, de nenhum modo posso duvidar que também sou amado dele, tão seguro do seu amor, que não vejo com os olhos, como do meu, que sinto no coração.

106. E sendo isto assim, e o mesmo Cristo quem é, e nós cristãos, e tendo fé, que seja tal a nossa demência que o não amemos a ele, e empreguemos nosso coração em outro amor? E que haja almas racionais tão sem juízo e tão inimigas de Deus e de si, que contra si cometam uma tal desumanidade, e contra Deus um tão descomedido desprezo? Desprezo digo, porque, com nome de desprezado e enjeitado, se lamenta de nós o mesmo Senhor. Apareceu Cristo, Senhor nosso, a Santa Brígida, com rosto compungido e cheio de confusão, e como envergonhado e corrido lhe disse estas sentidas palavras: *Ab omnibus neglectus sum, ab omnibus repulsus sum, quia nemo me in sua dilectione habere desiderat*: Não estranhes, filha, que me saiam ao rosto estes sinais da mágoa e sentimento, porque todos me desprezam, todos me enjeitam e lançam de si, e não há quem aceite o meu amor. — Verdadeiramente que quem se não entenece com estas palavras e não se compadece do Filho de Deus, e não tem lástima ao seu amor, tão justamente queixoso e magoado, nem é cristão, nem é homem. E que seria se nós entrássemos também neste número dos que o enjeitam e desprezam?

107. Senhor, Senhor, não permita vossa bondade tal, nem nos castigue tão severamente a justa indignação de vosso amor. Todos prostrados a vossos pés nos arrependemos, não de o ter desprezado, não, que sempre o estimamos e adoramos como nosso, mas de o ter tão cegamente ofendido. Confessamos nossa cegueira, confessamos nossa ingratidão, só menor que vossa misericórdia. Ela nos valha com vosso piedosíssimo coração, e nós, com todos os nossos, desde esta hora, para sempre, abjuramos, renunciemos e condenamos a perpétuo esquecimento todo o outro afeto, todo o outro desejo e todo o outro pensamento, que não for de só a vós amar e querer. Morra nesta hora, e acabe-se nesta geral despedida, para sempre, todo o amor que não for de Jesus. E desengane-se toda a outra afeição, vista, conversação ou correspondência humana, que só com o aborrecimento daqui por diante será amada na terra, para que o falso e breve amor, convertido em verdadeiro, se continue eternamente, e dure sem fim no céu.

SERMÃO DAS CADEIAS DE S. PEDRO EM ROMA

PREGADO NA IGREJA DE S. PEDRO. NO QUAL SERMÃO É OBRIGADO, POR ESTATUTO, O PREGADOR A TRATAR DA PROVIDÊNCIA, ANO DE 1674

Traduzido de italiano em português

*Tibi dabo claves regni caelorum*¹

*Vinctus catenis duabus*²

§I

Pedro, o anjo do Apocalipse, com as chaves em ambas as mãos e com ambas as mãos nas cadeias. Por que não disse Cristo a Pedro: o que fechores ou abrires, senão o que atares ou desatares? Primeiro argumento do sermão: a providência divina provada nas cadeias de S. Pedro.

108. Lá viu São João, no seu Apocalipse, um anjo, o qual em uma mão tinha uma chave e na outra uma cadeia: *Habentem clavem abyssi, et catenam magnam in manu sua*³. E que anjo é este, ó Roma, senão o teu grande custódio, Pedro? Pedro com as chaves nas mãos: *Tibi dabo claves regni caelorum*; e Pedro com as mãos nas cadeias: *Vinctus catenis duabus*. Lá foi visto com a chave em uma mão e a cadeia na outra, porque assim devia ser; mas hoje o vemos com as chaves em ambas as mãos, e com ambas as mãos nas cadeias, porque havia de vir tempo em que assim fosse.

109. Este é, senhores, o maior espetáculo da sem-razão que jamais viu o mundo, e este o que eu ao longe com dor, e vós ao perto com admiração, estamos vendo: Pedro, com as chaves nas mãos, e Pedro com as mãos atadas. Cuidas tu, ó Herodes, que deu Cristo ao seu Vigário as chaves para padecer juntamente com elas a servidão das cadeias? Senhor e cativo? Livre e atado? Poderoso e sem poder? Não, não. Eu bem sei que as chaves de Pedro também são cadeias, mas cadeias para atar e desatar, e não para ser atado. Notai o texto: *Tibi dabo claves regni caelorum. Et quodcumque ligaveris, erit ligatum, quodcumque solveris, erit solutum* (Mt. 16, 19): Eu te darei — diz Cristo — as chaves do meu reino, e o que tu atares, será

atado, e o que desatares, desatado. — Tal quis o supremo legislador que fosse o governo do seu reino: governo que atasse e desatasse, e não governos que nem atam nem desatam. Mas se os poderes de Pedro eram chaves: *Tibi dabo claves*, parece que havia de dizer o Senhor: Tudo o que abrires será aberto, e tudo o que fechares será fechado. Por que não diz logo: o que fechares ou abrires, senão o que atares ou desatares? Para mostrar que as chaves que dava a Pedro também eram cadeias, mas cadeias para atar ou desatar a outros, quando quisesse, e não cadeias para estar ele atado, como hoje o vemos: *Vinctus catenis duabus*.

110. Ora, eu à vista destas chaves e destas cadeias, que farei? Se não estivera também atado, e me fora livre a eleição do discurso, de boa vontade o dividiria em duas invectivas, armadas de justiça, de razão e de ira contra os dois monstros sacrílegos, que com a primeira e segunda cadeia, em diferentes tempos e lugares, se atreveram a prender e atar a Pedro. Uma invectiva contra ti, ó Herodes, que foste o Nero de Jerusalém, e outra contra ti, ó Nero, que foste o Herodes de Roma. Mas porque é obrigação desta cadeia neste dia, que o argumento do sermão seja da providência, a mesma providência, que entregou a Pedro as chaves e o deixou atar nas cadeias, será a gloriosa soltura desta que nos parecia implicação. Com as cadeias atarei as chaves, com as chaves abrirei as cadeias, e como a matéria das cadeias e mais das chaves toda é de ferro, se a imagem que eu formarei da providência não for preciosa e de lustre, ao menos será forte e sólida. Deus, cuja é a idéia, me assista com sua graça. *Ave Maria*.

§II

A Igreja segura na providência de Pedro, e Pedro seguro na providência de Cristo. Cristo dormindo na tempestade, e Pedro dormindo nas cadeias. Por que na barca em perigo faz Cristo o ofício de mandador, e não Cristo, senão Pedro, o de timoneiro? Pedro, piloto que se guia pelo céu.

Tibi dabo claves regni caelorum.

111. A ordem hierárquica da providência divina, no governo de suas criaturas, é governar superiores e súditos, mas os súditos por meio dos superiores, e os superiores imediatamente por si mesmo. Uma e outra coisa temos nas chaves e nas cadeias de Pedro. Em todo o mundo cristão não há mais que um superior e um súdito, um Pedro e uma Igreja; e este superior e este súdito, este Pedro e esta Igreja, quem os governa? A Igreja governa-a a providência de Pedro, que tem o poder das chaves: *Tibi dabo claves regni caelorum*; a Pedro governa-o a providência de Cristo, que o livrou das cadeias de Herodes: *Ceciderunt catenae de manibus ejus*⁴. Este é o desenho altíssimo, e esta a fábrica seguríssima da suprema providência. A Igreja segura na providência de Pedro, e Pedro seguro na providência de Cristo.

112. Caso foi verdadeiramente admirável, e por isso notado e advertido pelo mesmo historiador sagrado, que cercado S. Pedro de guardas, e atado a duas cadeias, na mesma noite daquele dia em que havia de sair a morrer, como homem sem nenhum temor nem cuidado, estivesse dormindo: *In ipsa nocte erat Petrus dormiens*⁵. E se passarmos da terra ao mar, não é caso menos digno de admiração que, correndo fortuna a barca de Pedro com uma terrível tempestade, Cristo, que ia na mesma barca, também estivesse dormindo: *Ipsa vero dormiebat*⁶. Cristo e o Vigário de Cristo, ambos dormindo? Cristo dormindo no meio da tempestade, e Pedro dormindo no meio das guardas e das cadeias, e ambos com a morte à vista, sem nenhum cuidado? Sim. Na tempestade dorme Cristo, porque a barca está segura na providência de Pedro; e nas cadeias dorme Pedro, porque Pedro está seguro na providência de Cristo. Debaixo da providência de Cristo dorme Pedro ao som das cadeias, e debaixo da providência de Pedro dorme Cristo ao som da tempestade e das ondas.

113. E se isto que digo vos parece só metáfora, voltemos a cena e o teatro, e troquem-se as figuras: seja Cristo o que esteja nas cadeias, e Pedro na tempestade. Naquela escuríssima noite em que prenderam a Cristo seus inimigos, e naquele mesmo lugar em que foi preso, correu tão furiosa tormenta a mesma barca de Pedro, que a barca, o piloto e os companheiros, todos estiveram a pique de naufragar, e faltou pouco que não pusessem de todo. E que fez a providência de Cristo em tão extremo perigo, e tão universal? *Ego autem rogavi pro te* (Lc. 22, 32): Eu — diz o Senhor — roguei por ti, ó Pedro. — Por ti, Senhor meu? E pelos outros, por que não? Vós não dissestes a todos: *Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte*⁷? Pois, se o perigo e a borrasca ameaça a todos, e a todos tem derrotado, por que fazeis oração e rogais só por Pedro? Porque Pedro estava à providência de Cristo; os outros ficavam à providência de Pedro. O mesmo texto o diz: *Ego autem rogavi pro te ut non deficiat fides tua: et tu aliquando conversus, confirma fratres tuos*⁸. Notai muito aquele *ego* e aquele *tu*. Eu tive cuidado de ti: tu o terás dos outros. *Ego autem rogavi pro te*: eis aí a providência de Cristo para com Pedro. Tu *confirma fratres tuos*: eis aí a providência de Pedro para com os demais.

114. E se ainda quisermos ver uma e outra providência, a de Cristo e a de Pedro, maravilhosamente praticada, entremos no golfo do mar, e observemos o que faz Cristo e o que faz Pedro, ambos na mesma barca, ou na mesma nau, que assim lhe chamam os evangelistas, quando se engolfa: *Erat navis in medio mari*⁹. Estava pois Cristo na nau de São Pedro, um pouco afastada da terra, e depois de pregar às turbas, que em confusa multidão o ouviam desde a ribeira, mandou o Senhor zarpar ou levar a âncora, e disse a Pedro que guiasse ao alto: *Duc in altum*¹⁰. Não é justo que eu passe em silêncio o que aqui advertiu São Crisóstomo, pois esta cadeia, no lugar em que está, é sua¹¹. Quem se engolfa e se mete no alto do mar,

perde a terra de vista, e por isso — diz Crisóstomo — manda Cristo a Pedro que guie ao alto: *Duc in altum*. Porque quando a nau de Pedro perder a vista da terra, então navegará felizmente. Assim o pregou o santo Arcebispo em Constantinopla, quando o mundo secular tinha duas cabeças, e também o pudera pregar eclesiasticamente em Roma. Mas, tornando ao meu intento, o que eu pondero do *duc in altum* é aquela palavrinha *duc*. Se Cristo está na mesma nau, por que manda a Pedro que guie, e não guia ele por sua própria pessoa? Assim como Cristo na oficina de José tirava com as suas próprias mãos pela serra, assim, na nau de Pedro, podia ele também pegar no leme sem perigo de indecência. Por que faz pois Cristo aqui o ofício de mandador, e não Cristo, senão Pedro, o de timoneiro? Porque esta é a ordem e esta a subordinação de uma e da outra providência. A nau subordinada à providência de Pedro, e Pedro subordinado à providência de Cristo. Pedro, o piloto da nau, e Cristo, o piloto do piloto: *Duc in altum*. Oh! admirável providência do governo universal da Igreja! A nau uma, e os mandadores dois. Os apóstolos manejavam os remos, mas debaixo do mando de Pedro, e Pedro sustentava o leme, mas debaixo do mando de Cristo. Pedro era o que governava, sim, mas governava governado. A nau governada pela direção de Pedro, mas Pedro governado pela direção de Cristo: *Duc in altum*.

115. Dirá, porém, alguém, e com razão ou aparência dela, que naquele tempo Cristo e Pedro estavam ambos na mesma nau, e não é maravilha que então fosse ela bem guiada por Pedro. Mas, depois que Cristo subiu ao céu, e Pedro ficou só no mar, como haverá na nau e no piloto esta dobrada providência? As mesmas palavras o dizem: *Duc in altum*. A navegação do mar alto verdadeiramente é admirável. *Maria undique, et undique caelum*: não se vê ali mais que mar e céu. — E, contudo, naquela campanha imensa, sem rasto, sem estrada nem baliza, o piloto leva a nau como por um fio, não só aos horizontes mais remotos deste hemisfério, mas ao porto mais incógnito dos antípodas. E como faz ou pode fazer isto o piloto? Governando ele no mar, e sendo governado do céu. Toma o piloto o astrolábio na mão, mede a altura do pólo, ou pesa o sol, como eles dizem, e deste modo o piloto governa a nau, e o sol governa o piloto. De sorte que o que governa a nau está no mar, e o que governa o piloto está no céu. Pois isto mesmo é o que passa no governo da Igreja. Ainda que Cristo subiu ao céu, Pedro ficou no mundo: Pedro, da popa da nau, governa o mundo, e Cristo, do zodíaco do céu, governa a Pedro.

116. Vede-o nas mesmas chaves e nas mesmas cadeias de Pedro. Quando deu Cristo a Pedro as chaves, e quando o livrou das cadeias? As chaves deu-lhas Cristo antes de partir deste mundo, porque a providência de Pedro para com a Igreja ficou na terra; e das cadeias livrou-o quando havia já muito tempo que estava assentado à destra do Padre, porque a providência de Cristo para com Pedro está no céu. Em suma, que esta é a dobrada providência com que o Monarca e a Monarquia da Igreja se governa no mundo e sobre o mundo. No mundo imediatamente por Pedro, como se mostra no poder das suas chaves: *Tibi dabo claves regni caelorum*. E sobre o mundo imediatamente por Cristo, como se prova na soltura das suas cadeias: *Ceciderunt catenae de manibus ejus*^{1 2}.

§III

As cadeias e as chaves, dois fortíssimos argumentos contra a providência de Cristo. Por que não livrou Cristo a Pedro das cadeias de Nero em Roma, como o livrou das de Herodes em Jerusalém? As duas prisões de José, em Canaã e no Egito. A mesma providência que livrou a Cristo das mãos de Herodes a primeira vez, não o livrou em Jerusalém das mãos dos judeus. Por que morre Paulo à espada e Pedro na cruz?

117. Mas em um auditório tão douto e de tanta perspicácia, vejo quase vacilante a firmeza deste meu discurso, e que das mesmas chaves e das mesmas cadeias se formam dois argumentos fortíssimos, um contra a providência de Cristo em respeito de Pedro, e outro contra a providência de Pedro em respeito da Igreja.

118. Começando pelas cadeias para acabar pelas chaves, é certo que Cristo livrou a São Pedro das cadeias de Herodes em Jerusalém, mas também é certo que o não livrou das cadeias de Nero em Roma. Logo a providência, que supomos de Cristo para com São Pedro, ao menos é duvidosa e mal segura, e tal que não parece sua, porque providência que não é de todo tempo, de todo lugar e de todo perigo, providência que uma vez se lembra, outra se esquece, uma vez acode, outra desampara, uma vez provê e outra não provê, não é providência. Assim é, mas não foi assim. Tudo concedo e tudo nego. Concedo que a providência que não é continuada nem permanente não é providência. Mas nego que a providência de Cristo, que começou e resplandeceu nas cadeias de Herodes, não se continuasse igualmente e não permanecesse a mesma nas cadeias de Nero. E por quê? Porque tanta providência foi não livrar Cristo a Pedro das cadeias de Nero, como livrá-lo das cadeias de Herodes. Vede se o provo.

119. José foi duas vezes preso: uma vez em Canaã, por inveja e ódio de seus irmãos, e outra vez no Egito, por castigo e ignorância de seu senhor. Destas segundas prisões o livrou Deus, mas das primeiras não o livrou, porque, preso e manietado, foi vendido e entregue aos ismaelitas. E que se segue daqui? Segue-se porventura que em umas prisões o assistiu a providência divina, e nas outras o deixou? De nenhum modo, diz o texto sagrado. E dá a razão: *In vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni* (Sab. 10, 14): Nunca a providência de Deus deixou nem desamparou a José nas suas cadeias, até que, por meio de umas e outras, o sublimou ao império. — De sorte que os efeitos da providência não se hão de medir pela diversidade dos meios, senão pela unidade do fim. O fim da providência divina era levantar a José ao império do Egito, para o qual o tinha destinado, e tanto dependia a fortuna de José de ser livre de umas prisões, como de não ser livre das outras. Se

Deus o livrasse das prisões de Canaã, nunca havia de ir ao Egito, e se o não livrasse das prisões do Egito, não havia de subir ao império. Necessário foi logo que José fosse livre de umas cadeias, e não fosse livre das outras. Para quê? Para que Deus e José conseguissem juntamente, José por Deus, os meios da sua fortuna, e Deus em José, os fins da sua providência. E se a mesma providência livrou e não livrou a José de umas e outras cadeias, por que não creemos outro tanto das cadeias de Pedro?

120. Só do fim se pode duvidar, o qual para mim é evidente. O intento de Herodes era cortar a cabeça a S. Pedro, como tinha feito a São Tiago: *Occidit autem Jacobum, fratrem Joannis, gladio*³. E não quis a providência de Cristo que morresse Pedro à espada, porque o quis exaltar consigo à morte de cruz. Na cruz estava o mesmo Senhor encravado, quando os judeus o blasfemavam, dizendo: *Confidit in Deo: liberet nunc, si vult eum* (Mt. 27, 43): Já que tem tanta confiança em Deus, por que o não livra agora Deus de nossas mãos? — Isto disse a infidelidade, e o mesmo pudera dizer ainda mais apertadamente a fé. Quando a ambição cruel de Herodes quis assegurar em si a coroa, com a morte do rei novamente nascido, andou tão vigilante a providência do Eterno Padre sobre a vida de seu Filho, que daquele dilúvio de sangue, em que pereceram tantos mil inocentes, só a ele livrou e pôs em salvo. Pois, se o livrou então, por que o não livrou também agora? Dizer-se que o livrou porque o quis isentar da morte, não pode ser, porque desde o instante da sua Encarnação, antes, desde o princípio sem princípio da eternidade, tinha decretado o mesmo Pai que morresse. Pois, se havia de morrer uma vez, por que o não deixa morrer em Belém às mãos de Herodes? E se o havia de livrar outra vez, por que o não livra em Jerusalém das mãos dos judeus, como eles diziam: *Liberet eum?* Porque a mesma providência que livrou a Cristo a primeira vez, não o livrou para lhe impedir a morte, senão para o guardar de uma morte menos ilustre para outra morte mais gloriosa. Em Belém, como notou Santo Agostinho, havia de morrer Cristo à espada; em Jerusalém morria na cruz: e porque a providência do Padre, para mais exaltar o Filho, tinha decretado que morresse em Cruz: — *Mortem autem crucis, propter quod exaltavit illum*⁴ — por isso o livrou em Belém das mãos de Herodes, e o não livrou em Jerusalém das mãos dos judeus.

121. Tal foi a providência de Cristo para com São Pedro, quando o livrou e quando o não livrou. Livrou-o das cadeias de Herodes, para que não morresse à espada, como Jacó, e não o livrou das cadeias de Nero, para que morresse em cruz, como o mesmo Cristo. A espada e a cruz, ambas saíram ao teatro no mesmo dia e na mesma Roma, ambas foram os instrumentos sacrílegos da impiedade de Nero, ambas tiraram cruelmente a vida aos dois maiores Atlantes da Igreja; mas a espada a Paulo, a cruz a Pedro: Paulo degolado, para que conhecesse a heresia, ainda hoje obstinada, que em Roma e na Igreja não pode haver duas cabeças, e para que o mesmo Paulo — *capite imminutus* — pregasse e desenganasse o mundo que na terra é menor que Pedro. Quando eu agora passei a ponte do Tibre, adverti que Paulo, com a espada à mão direita, e Pedro, com as chaves, à mão esquerda; mas isso mesmo é prova do que digo. Dar Pedro a Paulo o melhor lugar, é mostrar Pedro que ele é o dono da casa. Este foi o mistério, como dizia, porque Paulo perdeu ou depôs a cabeça nos fios da espada de Nero. Morre, porém, Pedro na cruz, inteiro e em nada diminuído, como aquele de quem estava escrito: *Os non comminuetis ex eo*⁵, para que a cabeça visível da Igreja se parecesse em tudo com a invisível. Cristo, porém, na cruz, com a cabeça inclinada para baixo, e Pedro na cruz, às avessas, com a cabeça levantada para cima, porque a cabeça de Cristo e a de Pedro, recíproca e reflexamente se retratam e se vêem uma na outra, bem assim como a mesma cabeça, vista e multiplicada no espelho, parecem duas cabeças, e é uma só. E como Cristo queria fazer a seu primeiro sucessor tão semelhante a si em tudo, essa foi a providência continuada e permanente, e não contrária ou diversa, senão a mesma com que, rotas as cadeias de Herodes, o livrou da espada, e não rotas as de Nero, o levou à cruz.

§IV

A unidade de ambas as providências demonstrada milagrosamente pelas mesmas cadeias. A cadeia uniforme e elegantíssima da providência divina nas palavras de Boécio e Cornélio a Lápide. As cadeias de Arão, o Pedro da lei escrita. Qual foi maior providência: a que livrou Pedro das cadeias em Jerusalém, ou aquela que o não livrou em Roma? A providência que se ajuda da onipotência, e a pura providência, sem ajuda de outro atributo.

122. Mas para que é defender ou interpretar eu a unidade desta providência em umas e outras cadeias, se as mesmas cadeias a provam, e com milagrosa demonstração a fizeram evidente aos olhos. Estavam conservadas e veneradas em Roma as cadeias de Nero, quando à imperatriz Eudóxia, peregrina de Constantinopla a Jerusalém, foram apresentadas, como igual tesouro, as de Herodes; vieram estas dali a Roma, mandadas pela mesma Eudóxia a outra, também Eudóxia e também imperatriz, e não faltando quem duvidasse se verdadeiramente eram as mesmas, que sucedeu? Toma o Pontífice nas mãos umas e outras cadeias, cotejando as que certamente eram de Nero com as que se dizia serem de Herodes, no mesmo ponto aqueles sagrados ferros, como se tiveram sentidos e uso de razão, por si mesmos se abraçaram entre si, e se uniram e ligaram de tal sorte, como se nunca tiveram sido duas, senão uma só cadeia, fabricada pelo mesmo artífice. Oh! admirável e portentoso testemunho da providência de Cristo para com seu Vigário! Oh! admirável e portentosa confirmação de ser uma, continuada e a mesma providência, aquela que em Jerusalém rompeu as cadeias de Herodes e livrou a Pedro, e aquela que em Roma conservou inteiras as cadeias de Nero e o não quis livrar delas. Se dividirmos esta providência em duas providências, e combinarmos uma com a outra pelos efeitos, não só parecem diversas, senão totalmente contrárias: uma de cuidado, outra de

descuido; uma de estimação, outra de desprezo; uma de liberdade, outra de cativo; uma de vida, outra de morte; uma que afrontou e iludiu os intentos de Herodes, e outra que ajudou e fez triunfar os de Nero. Mas, assim como as cadeias, sendo duas e tão diversas, se uniram em uma só cadeia, assim a providência, que em Jerusalém as rompeu e livrou a Pedro, e em Roma as conservou inteiras e fortes, e o não quis livrar, foi também uma e a mesma cadeia, porque foi uma e a mesma providência.

123. Boécio, a quem segue Santo Tomás, e comumente os teólogos, definindo a providência, diz que a série de todas as coisas e suas causas ordenadas na mente divina, e encadeadas e ligadas entre si com uns nós maravilhosos e secretos que ninguém pode desatar: *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, quae omnia suis nequit ordinibus miris, arctisque, sed arcanis nobis*. E Cornélio, comentando o mesmo Boécio, ainda o declara com maior expressão: *Deus per congruos providentiae suae modos, quos in thesauris sapientiae suae reconditos habet, facit ut omnes rerum temporumque successus invicem apposite nequantur; ac velut ansulae sibi invicem inserantur; et catenam elegantem efficiant*: De sorte que os sucessos dos tempos e das coisas, ainda que pareçam diversos e encontrados, estão na mente e providência divina ordenados e atados entre si de tal modo que, como anéis ou fuzis enlaçados uns nos outros, compõem uma uniforme e elegante cadeia. — Tal foi em um e outro caso a do supremo artífice, Cristo, o qual, livrando em diversos tempos, e não livrando a Pedro, soltando-o em Jerusalém, e deixando-o prender em Roma, tirando-o milagrosamente das mãos de Herodes, e consentindo que natural e cruelmente morresse a mãos de Nero, das cadeias rotas de um, e das cadeias não rotas de outro formou uma uniforme e elegantíssima cadeia de sua providência, para maior ornamento e glória do mesmo Pedro.

124. A Arão, que era o Pedro da lei escrita, como Pedro o Arão da lei da graça, mandou Deus fazer para ornato das vestiduras pontificais duas cadeias de ouro, as quais, porém, com dois anéis da mesma matéria, se uniam uma na outra, e sendo duas cadeias, formavam uma só: *Facies in rationali catenas sibi invicem cohaerentes ex auro purissimo: catenasque aureas junges annulis, qui sunt in marginibus ejus*⁶. Não reparo em serem aquelas cadeias de ouro e estas de ferro, porque já disse Crisóstomo que por isso se honrava mais delas e se ornava mais com elas o nosso Pontífice: *His catenis Apostolus ornabatur; et tanquam regalem aliquem ornatum circumferens exultabat*. O que só noto é a unidade ou a união e coerência de umas e outras cadeias: *Catenas sibi invicem cohaerentes*. Moisés andou coerente nas cadeias de Arão, porque as formou pelos mesmos moldes; Cristo não andou coerente nas cadeias de Pedro, porque as traçou e dispôs com sucessos e efeitos contrários. Isso é romper umas cadeias e não romper outras; isso é livrar a Pedro e não o livrar. Mas, assim como a coerência daquelas cadeias a fazia a semelhança, assim a coerência destas a fez a contrariedade. E que sendo tão contrários os atos da providência, saísse a providência tão uniforme, e sendo uma cadeia tão diversa da outra, saíssem ambas as cadeias entre si tão coerentes: *Catenas sibi invicem cohaerentes*? Essa foi a maravilha.

125. Mas, nesta mesma uniformidade e coerência da providência de Cristo, se alguma curiosidade doura perguntar qual foi maior providência, se aquela que livrou a Pedro das cadeias em Jerusalém, ou aquela que o não livrou em Roma, não faltará quem diga que a de Jerusalém foi maior, porque lá foi miraculosa, e cá não. Lá quebrou as cadeias, cegou as guardas, abriu as portas, ou deu passo franco por elas sem as abrir — que é mais —; cá não obrou milagre algum, antes totalmente não obrou, porque foi uma mera suspensão de todo o ato e concurso. Contudo, digo que foi maior e mais alta providência não livrar Cristo a Pedro das cadeias de Nero que livrá-lo das cadeias de Herodes. E por quê? Porque nas cadeias de Herodes conseguiu a providência o seu fim contra a vontade de Herodes, e nas cadeias de Nero conseguiu também o seu fim, mas não contra, senão pela vontade do mesmo Nero. O nobre, o alto, o fino, o maravilhoso da providência divina, não é fazer a sua vontade violentando a minha: é deixar livre e absoluta a minha vontade, e com a minha, e pela minha, conseguir a sua.

126. A maior obra da providência de Deus foi a Redenção do mundo por meio da morte de Cristo. E como conseguiu a mesma providência este altíssimo fim, tão estupendo como necessário? Não de outro modo que entregando o mesmo Cristo, por decreto do injusto juiz, à vontade de todos aqueles que lhe queriam tirar a vida: *Jesum vero tradidit voluntati eorum*⁷. Fez a sua vontade Judas, fez a sua vontade Caifás, fez a sua vontade Pilatos, fizeram a sua vontade os escribas e fariseus, fez finalmente a sua vontade o mesmo demônio que os instigava. E que por meio de tantas vontades, e todas contrárias à divina, o fim da divina se conseguisse? Esta foi a providência mais nobre, esta a mais sábia, esta a mais sublime, esta a mais divina, esta a mais providência. E qual é a razão? A razão é porque a providência, que violenta a vontade e poder humano, é providência que se ajuda da onipotência; porém a providência que deixa obrar à potência humana tudo quanto pode, e deixa executar à vontade humana tudo quanto quer, é providência sem ajuda de outro atributo, e por isso pura providência. A potência e a vontade de que se serve a providência em tal caso, não é a divina e sua, senão a humana e contrária; e quanto mais permite à contrária, tanto é mais providência; quanto mais concede à humana, tanto é mais divina. Tal foi, pois, a providência de Cristo em não livrar a Pedro das cadeias de Nero. Na prisão de Herodes, para que a providência conseguisse o seu fim, rompeu a onipotência as cadeias; porém, na prisão de Nero deixou a providência as cadeias inteiras, sem usar da onipotência, e contudo, conseguiu o seu fim. Logo, não só foi providência, senão maior e mais gloriosa providência, não livrar a Pedro das cadeias de Nero que livrá-lo das cadeias de Herodes. E, como as mesmas cadeias, temos já solto ou atado o primeiro argumento.

Segundo argumento: A providência de Pedro fundada nas suas chaves. Que uso fez Elias das chaves do céu que lhe tinham sido entregues? Como usa Cristo das chaves de Pedro e abre por si mesmo a porta do céu ao bom ladrão? O maior milagre de S. Pedro: não ser milagroso em sua própria casa. É obrigação natural da providência de Cristo prover ele onde Pedro não provê.

127. O segundo, que é contra a providência de Pedro, fundado nas suas chaves, e em respeito de todos aqueles que por elas lhe são sujeitos, parece mais dificultoso. Assim como Deus deu a São Pedro as chaves do céu, assim as tinha dado, por seu modo, antigamente a Elias, e com poder e autoridade universal e privativa, de que só ele pudesse abrir ou fechar os tesouros celestes, isto é, as chuvas e orvalhos do céu, com que se fecunda a terra e vive o mundo. Mas que fez Elias com estas chaves na mão, e como usou delas? *Vivit Dominus* — disse ele falando com el-rei Acab — *si erit annis his ros et pluvia, nisi juxta oris mei verba* (3 Rs. 17,1): Eu tenho na minha mão as chaves do céu, e tu, ó rei, desengana-te, que nestes anos do meu governo, nem uma só gota há de cair de água ou estilar de orvalho sobre a terra, senão pelo império da minha voz. — A terra abrasada e ardendo abrirá mil bocas, com que generará e gritará ao céu; mas o céu, debaixo das minhas chaves, não se moverá a brados nem a gemidos, e se mostrará tão seco e duro, como se fosse de bronze. Parece-vos boa providência esta das chaves do céu entregues ao arbítrio de um homem? Pois ainda não ouvistes outra circunstância mais terrível, por não dizer desumana. No mesmo tempo, diz o texto, morava Elias mui descansado sobre as ribeiras do rio Carit, e um corvo, manhã e tarde, lhe trazia pão e carnes: *Panem et carnes mane, panem et carnes vesperi* (3 Rs. 17,6). De maneira que nos mesmos anos em que o povo encomendado à providência de Elias andava caindo e expirando à fome, Elias, com provisão sempre nova e abundante, comia e se regalava duas vezes ao dia. Nos campos não se via uma folha, nas searas não se colhia uma espiga, e a Elias sobejava-lhe o pão. As aves não tinham mais que as penas, nem os gados mais que os ossos, e a mesa de Elias abastecida de carne sobre carne. As fontes secas e mudas, sem correr ou suar delas uma só gota, e Elias com a água a rios. É boa ou será boa esta providência das chaves do céu? E mais, se as mãos que tiverem o domínio das chaves não forem as de Elias? Logo — argumenta o herege, e porventura também o político — logo o mesmo poderá acontecer às chaves do céu entregues à providência de Pedro.

128. Primeiramente digo que não poderá. E por quê? Porque se a providência de Pedro faltasse ao ofício de Vigário de Cristo, a providência de Cristo faria o ofício de Vigário de Pedro. Estava Cristo na cruz, pouco antes de render o espírito, quando o ladrão convertido lhe apresentou o seu memorial, dizendo: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum*^{1 8}. Respondeu-lhe o Senhor incontinenti: *Hodie mecum eris in paradiso*^{1 9}. E esta foi a primeira vez que se abriram as portas do céu, até aquela hora cerradas. Mas vede como replica e acode, pela jurisdição de Pedro, Arnaldo Carrotense. — O ofício e jurisdição de abrir as portas do céu, vós Senhor, não a tendes dado a Pedro? Sim. Como, logo, não remeteis este memorial ao vosso Vigário? Porventura porque vos negou no átrio do pontífice, tende-lo privado do cargo? Não, que Pedro já estava arrependido, e emendado e restituído à graça. Como, logo, usa Cristo das chaves de Pedro, e abre por si mesmo a porta do céu? Agudamente o mesmo Arnaldo: *Absens eras, o Petre, et ministerii tui claves modo non profers; supplet vicem tuam* — notai as palavras — *supplet vicem tuam Summus Sacerdos, apertisque serias antiquis, aperiente Christo, introducitur latro in regnum caelorum*: Quando o ladrão apresentou o seu memorial, estava Pedro ausente; e como o tempo era brevíssimo, e o negócio tão urgente que não sofria dilações, fez-se Cristo substituto do seu Vigário, e supriu a ausência de Pedro com a sua presença. Trocou o crucificado Senhor os cravos com as chaves, e abriu as portas do paraíso ao repentino penitente. E por que Pedro não acode à obrigação de seu ofício, como Vigário de Cristo, acudiu Cristo a ela, como Vigário de Pedro: *Supplet vicem tuam, o Petre*.

129. Eis aqui como nunca pode faltar a providência das chaves de Pedro, ainda no caso em que ele por si mesmo faltasse. Mas, antes que desçamos em particular ao cuidado, vigilância e admirável circunspeção desta universal providência, quero eu acudir pela honra de Pedro, e não refutando a sua improvidência neste caso com a sua providência em todos, mas sarando gloriosamente uma improvidência com outra. Dai atenção ao sucesso, tão digno de ser ouvido, como imitado.

130. Entrou Cristo em casa de S. Pedro: *Introivit Jesus in domum Simonis* (Lc. 4,38), e havia muito tempo que estava na mesma casa a sogra do mesmo Pedro, tão enferma e prostrada de umas gravíssimas febres, que nem para receber o Senhor se pôde levantar. Essa força tem a palavra *tenebatur* do evangelista: *Socrus autem Simonis tenebatur magnis febribus*^{2 0}. Grande febre e grande caso! Quem haverá que não repare e note aqui muito a pouca providência de S. Pedro, antes o demasiado descuido e negligência de atender ao remédio de sua casa e à necessidade dos seus domésticos e parentes? A sogra de Pedro em casa de Pedro ardendo em febres, e sem cura; padecendo dores, e sem alívio; atada tanto tempo a um leito, sem saúde, nem sequer melhora? Não é este aquele mesmo Pedro, que passando pelas ruas e pelas praças, só com a sobra sarava todos os enfermos? Como, logo, abusa de tal modo do seu poder que, curando a todos, só aos seus domésticos não cura? Tantos milagres para as casas dos outros, e só para a sua casa nenhum milagre? Sim. E este creio eu que foi o maior milagre de S. Pedro. Entre todos os milagres deste grande prodígio do mundo, o maior milagre foi não ser milagroso em sua casa. Fora de casa e ao sol fazia sombra, e obrava milagres; chegado à sua casa, não obrava milagres, porque já não tinha sombra.

131. Mas que farão em tal caso os domésticos de Pedro, e que será deles? Vós, senhores, que servis a S. Pedro nesta

sua casa, sois mais propriamente os seus domésticos. E que será de tantos, que somente vivem da sua sombra? Não tenhais medo, porque como Cristo nos casos de necessidade é Vigário do seu Vigário, se vos faltar a sombra de Pedro não vos faltará a mão de Cristo. Assim foi. Chega-se o Senhor ao leito da enferma: *Stans super illam*²¹, dá-lhe e toma-lhe a mão: *Aprehensa manu ejus*²², e no mesmo ponto não só ficou livre da febre, mas sã, e com todas as suas forças: *Surgens ministrabat illis*²³. Assim provê a providência de Cristo milagrosamente, onde a providência de Pedro, com maior milagre, não provê. Antes digo, que assim como o não prover em Pedro foi milagre, porque é obrigação natural da providência de Cristo prover ele onde Pedro não provê, se Pedro, por excesso de generosidade, se descuidar dos seus domésticos, Cristo, por excesso de providência, tomará cuidado deles; e se Pedro, abusando gloriosamente do poder das suas chaves, fechar a porta da sua casa a todo o favor, Cristo, tomando-lhe as chaves, abrirá a mesma porta, e, cheio de favores e graças, entrará em casa de Pedro: *Introivit Jesus in domum Simonis*. Assim que seguros estão sempre os efeitos da providência de Pedro, porque quando ele, por qualquer acidente, ou como homem, ou como mais que homem, não usar dos poderes das chaves por si mesmo, fá-lo-á melhor por Cristo, ou Cristo por ele.

§VI

Da improvidência de Pedro para com a sua casa se prova altissimamente a providência do mesmo Pedro para com a Igreja. Pedro e a vinha do Senhor. A providência universal de Pedro demonstrada nas duas maiores questões que se excitaram na Escola do Apostolado: a da divindade de Cristo e a da verdade do Sacramento. Outras demonstrações do cuidado de Pedro com todos.

132. E que se segue ou se prova disto? Segue-se e prova-se o que eu prometi dizer, posto que pareça que disse o contrário. Desta improvidência de Pedro para com a sua casa, se prova altissimamente a providência do mesmo Pedro para com a Igreja que lhe foi encomendada. Era o espírito soberano de Pedro como o daquela excelentíssima alma, que disse por boca de Salomão: *Posuerunt me custodem in vineis: vineam meam non custodivi* (Cânt. 1,5): Puseram-me por guarda das vinhas, e eu não guardei a minha vinha. — Pois isto diz e isto faz uma alma unicamente perfeita, que é a idéia e exemplar de todas as almas santas? Se disse: puseram-me por guarda das vinhas, parece que havia de acrescentar: e eu guardei-as com grande cuidado e vigilância; mas, em lugar de dizer que guardou as vinhas que lhe encomendaram, diz que não guardou a sua vinha: *Vineam meam non custodivi*? Sim. Porque o maior testemunho e a maior prova de guardar com todo o cuidado as vinhas que lhe encomendaram, era não ter nenhum cuidado de guardar a sua. A vinha — como Cristo lhe chamou — composta de tantas vinhas, é a Igreja universal; e porque a providência de Pedro se descuidou totalmente da sua vinha, por isso teve tanto cuidado da de seu Senhor.

133. Notável coisa é ver o zelo e providência universal com que São Pedro tomava sobre si o que pertencia a todos, como se ele fora todos ou estivera em todos, e todos nele. Mas por isso lhe entregou Cristo as chaves e o cuidado do universo. As duas maiores dificuldades ou mais dificultosas questões que se excitaram na Escola do Apostolado, foram a da divindade de Cristo e a da verdade do Sacramento. Sobre a questão da divindade, depois de ouvidas várias opiniões, todas negativas, perguntou o Senhor: *Vos autem, quem me esse dicitis*⁴? E falando a pergunta com todos, Pedro respondeu por todos, como se falara só com ele: *Tu es Christus, Filius Dei vivi*⁵. Na questão do Sacramento pareceu tão dura a doutrina, que muitos por amor ou por horror dela deixaram a escola. Então perguntou o Senhor aos demais: *Nunquid et vos vultis abire*⁶? E falando também a pergunta com todos, Pedro do mesmo modo respondeu por todos: *Domine, ad quem ibimus? Verba vitae aeternae habes*⁷. E homem que toma por si o que se pergunta a todos, e responde por todos quando se não fala só com ele, este homem tem zelo e providência universal, a este homem, e não a outro, hei de dar as chaves da minha Igreja: *Tibi dabo claves regni caelorum*.

134. Mas não assentou a eleição de Pedro sobre estas duas experiências somente. No Monte Tabor, quando viu a glória, disse: *Bonum est nos hic esse*⁸. E quando ouviu que para entrar na mesma glória era necessário dar esmola (Mt 17, 4), como ele tinha deixado tudo, instou dizendo: *Ecce nos reliquimus omnia. Quid ergo erit nobis*⁹? Não sei se reparais neste *nobis* e naquele *nos*, uma e outra vez repetido. Em tudo mostrou Pedro ser Pedro. Se alega serviços, alega por todos: *Ecce nos reliquimus*; se procura prêmios, procura por todos: *Quid erit nobis*; se deseja bens, deseja para todos: *Bonum est nos hic esse*. Uma vez fala do passado: *reliquimus*.. outra vez do futuro: *quid erit*; outra vez do presente: *bonum est*, mas sempre de todos, por todos e para todos. Não se ouve da boca de Pedro nem *ego*, nem *mihi*, nem *me*, senão *nos*, no primeiro caso, *nobis* no terceiro, e *nos* no quarto: *Nos reliquimus, nobis erit, nos esse*, porque a providência de Pedro não sabe o nome a si, nem trata ou cuida de si, senão de todos. Se alguma vez se lembra Pedro só de si, é para ele só tirar a espada no Horto, e defender a seu Mestre; é para ele só o seguir até o átrio de Caifás, cercado de guardas; é para ele só se lançar vestido ao mar, ou pisando as ondas com os pés, eu rompendo-as com os braços para o ir buscar. Só para os perigos só, mas nunca só, senão com todos e como todos, para o bem e interesse de todos.

135. Todos, digo, uma e outra e tantas vezes, porque a providência de Pedro, sem exceção nem limite no universal e no particular, sempre se estendeu e abraçou a todos, aos grandes e aos pequenos, aos naturais e aos estranhos, aos fiéis e aos infiéis, aos presentes e aos ausentes, aos vivos e aos mortos. O primeiro ato da providência de Pedro, tanto que pela morte

de Cristo lhe sucedeu no pontificado, foi confirmar os outros apóstolos na fé da Ressurreição. Enquanto o disseram outros, eram delírios: *Visa sunt sicut deliramentum*³⁰; tanto que o disse Pedro foi verdade infalível: *Surrexit Dominus vere, et apparuit Simoni*³¹. Mandou-lhes Cristo que esperassem pelo Espírito Santo, mas Pedro, com providência antecipada e admirável, não esperou pela vinda do Espírito Santo para refazer a quebra de Judas e inteirar o número do apostolado. Quando Cristo subiu ao céu, deixou onze apóstolos, e quando desceu o Espírito Santo, já achou doze. Com esta diligência conseguiu Pedro que viesse o Espírito Santo antes de vir, porque antes de vir em línguas visíveis, já tinha vindo na língua invisível com que declarou a Matias: *Cecidit sors super Mathiam*³². Cheios todos os apóstolos do Espírito Santo, Pedro foi o primeiro que no mesmo dia, e na mesma hora, e na mesma Jerusalém, onde tinha sido crucificado Cristo, pregou publicamente a fé da sua divindade. E com que efeitos? O mesmo Cristo, pregando em Judéia três anos, deixou nela só quinhentos cristãos, como consta da primeira Epístola aos Coríntios, e São Pedro, com a graça superabundante do mesmo Cristo, naquele só dia e naquela só pregação, converteu três mil judeus, e noutra dia e noutra pregação, cinco mil, cumprindo-se em Pedro o que o mesmo Senhor tinha prometido: *Majora faciet, quia ad Patrem vado*³³.

136. Mas como se contentaria com o fruto que colhia em Jerusalém e Judéia, quem tinha a cargo da sua providência o resto do mundo? De Jerusalém parte Pedro a Antioquia, e ali assentou a primeira vez a sua cadeira, não se desprezando, sendo príncipe e pastor do universo, de ser e se chamar bispo de uma cidade. De Antioquia passou a Roma que, como cabeça do império, o era também da superstição e idolatria, para que assim como tinha pregado em Jerusalém aos hebreus e em Antioquia aos gregos, pregasse também em Roma aos latinos, e com as três línguas universais em que foi escrito o título do crucificado: *Hebraice, graece et Latine* (Jo. 19,20), levantasse o estandarte da mesma cruz nas três metrópoles mais conhecidas, e nos três castelos mais eminentes do mundo, do que o dominante era Roma. Quando Davi derrubou o gigante, diz o texto sagrado que pôs a pedra na funda, e dando uma e outra volta, lha pregou na cabeça: *Circumducens percussit Philisthaeum, et infixus est lapis in fronte ejus*³⁴. E que pedra é esta, senão Pedro? Ao redor de Jerusalém deu uma volta à Palestina, e ao redor de Antioquia deu outra volta à Grécia, e com esta dobrada força, como pedra de Davi, se veio meter e fixar na testa do gigante, que é Roma, cabeça do mundo. Aqui o derrubou e prostrou por terra, mas para daqui o subir da terra ao céu. De Roma, melhor que os Césares aos Fábios, Metelos e Cipiões, repartiu S. Pedro os Pancrácios, os Berilos, os Marciais, os Apolinares, os Prodocimos, os Hermagoras, os Maternos, os Torcatos, os Tesifontes, e outros famosos discípulos de sua fé e espírito, os quais, ordenados de bispos e sacerdotes, penetrassem a Itália, as Gálias, as Espanhas, a Numídia, a Mauritània e as demais províncias da Europa e da África — como já tinha feito na Ásia o mesmo S. Pedro para que, como raios do mesmo sol, alumiassem, e como rios da mesma fonte, regassem e fecundassem aquelas terras.

137. Porém, a verdadeira providência, que toda é olhos, não se contenta com mandar, senão com ir, nem com ser informada somente, senão com ver. Por isso Pedro, ainda que pôs a cadeira em Roma, não a fez para si sede fixa, senão sede rodante. Lá viu Daniel a Deus assentado no seu trono, e diz que o mesmo trono era fundado sobre rodas: *Thronus ejus flammae ignis, rotae ejus ignis accensus*³⁵. E por que tinha rodas o trono de Deus, sendo aquele *que immotus dat cuncta moveri*³⁶? Para mostrar nesta figura visível, que assim como com sua imensidade enche todo o mundo, assim com sua providência o vê e rodeja todo. O mesmo fazia Pedro como vice-Deus na terra. Nem ele se podia apartar da sede episcopal, nem a sede dele; mas, levando-a sempre consigo, como diz S. Lucas, visitava e via por si mesmo a todos: *Dum pertransiret universos*³⁷. Tomou outra vez a Jerusalém e outra vez a Antioquia; foi em pessoa à Galácia, à Capadócia, à Ásia, à Bitínia, a Corinto, ao Egito, e a outras partes da África, e até à barbaríssima região do Ponto, que naquele tempo era o degredo mais áspero dos romanos, e o horror, como diz Tertuliano, do mundo, não faltou a providência e presença de Pedro. Em Nápoles e Sicília há ainda hoje memórias suas, e é autor Metafrastes, que também passou à Espanha, e pregou em Inglaterra. Assim respondeu o primeiro apóstolo, sendo o príncipe de todos, à sua primeira vocação. Como Cristo o tinha chamado para pescador de homens, não só no Tiberíades, nem só no Mediterrâneo, nem só no Euxino, mas também no oceano era bem que fosse lançar as redes, para que pescasse homens em todos os mares.

138. Bem quisera a providência de Pedro, assim como visitava a todos, assistir sempre com todos. Mas o que não podia com a presença e com a voz, fazia com a pena. Ninguém lerá as epístolas canônicas de São Pedro, que com admiração e assombro o não veja, não só retratado, mas vivo nelas. Na majestade do estilo, no sólido da doutrina, no profundo das sentenças e no ardente do zelo. Por este meio se multiplicava Pedro em todas as partes, e se fazia presente no mesmo tempo a todos. Mas o que mais admiro naquelas sagradas escrituras, é o título: *Petrus apostolus, electis advenis dispersionis*³⁸. Não iam dirigidas estas letras pontifícias aos reis e monarcas do mundo, senão a uns pobres peregrinos e desterrados por todo ele. Lembrava-se S. Pedro que lhe encomendara Cristo duas vezes os cordeiros, e uma só vez as ovelhas: *Pasce agnos meos, pasce agnos meos, pasce oves meas*³⁹. Nas ovelhas lhe encomendou os grandes, e nos cordeiros os pequenos; e por isso os pequenos duas vezes, e em primeiro lugar, para que tivesse deles maior cuidado. Esta foi a confiança com que Cornélio, sendo ainda gentio, não duvidou em mandar chamar a S. Pedro, e que fosse à sua casa, distante sessenta milhas, como logo foi. Estava então S. Pedro em Jope, e este nome traz à memória o profeta Jonas, o qual no mesmo porto se embarcou, fugindo de Deus, por não ir a Nínive, sentindo e desprezando muito de ser mandado pregar a uma gente tão vil e aborrecida, como eram todos os gentios na estimação dos hebreus. E quando Jonas não quis ir pregar à maior cidade do mundo, onde só os inocentes eram cento e vinte mil, vai o Sumo Pontífice da Igreja, e a pé, desde Jope até Cesaréia, só por catequizar um gentio.

§VII

Vive e permanece imortal a providência de Pedro sobre a Igreja. As provas mais manifestas e visíveis da assistência da sua providência. Oração.

139. Estas foram, senhores, não todas, mas uma pequena e abreviada parte das obras maravilhosas de S. Pedro, e dos exemplos que deixou à Igreja de sua universal providência. Disse deixou, e disse mal, porque os não deixou. Ainda os continua depois da morte, como insistiu neles em toda a vida. Morreu Pedro, mas a sua providência não acabou, porque foi, é e será imortal. S. Pedro de Ravena, em uma carta que escreveu a Eutiques, que anda junto ao Concílio Calcedonense, diz que S. Pedro vive sempre em todos seus sucessores: *Hortamur te, frater; ut his, quae de beato Papa Romanae civitatis scripta sunt, obedienter attendas, quoniam Beatus Petrus, qui in propria sede et vivit et praesidet, praestat quaerentibus fidei veritatem.* Mas não é isto só o que quero dizer. Digo que no céu, onde está S. Pedro, vive e permanece imortal a sua mesma providência sobre a Igreja, não apartando jamais os olhos dela, nem faltando ou tardando em lhe acudir, todas as vezes que o há mister. Assim o prometeu o mesmo Pedro a todos os fiéis, quando se despediu deles na sua segunda Epístola, por estas palavras: *Certus quod velox est depositio tabernaculi mei, secundum quod et Dominus noster Jesus Christus significavit mihi. Dabo autem operam, et frequenter habere vos post obitum meum*⁴⁰. Não promete aos fiéis para depois da sua morte as suas orações, como fazem os outros santos, senão a sua manutenção: *Frequenter habere vos:* Eu vos terei, eu vos mantereí, eu vos conservarei. — E a palavra que responde a *frequenter;* no original grego, em que o santo apóstolo escreveu, quer dizer: *semper quotidie, sigillatim:* sempre, todos os dias, e a todos, não só em comum, senão em particular.

140. Quão exatamente cumprisse São Pedro esta sua promessa não se pode compreender nem contar, por serem ocultas e invisíveis as ordinárias e contínuas assistências da sua providência; mas bastam para superabundante prova as manifestas e visíveis. S. Pedro foi o que, pouco depois da sua morte, apareceu ao mesmo Nero que o mandou matar, com um aspecto tão severo e terrível que, assombrado o tirano — como refere Suetônio, sem saber a causa — os poucos dias que depois viveu, mais parecia já morto que vivo, com que cessou a perseguição da Igreja. S. Pedro foi o que apareceu ao imperador Constantino, e em lugar do banho de sangue dos inocentes, o exortou a que se banhasse no do sangue de Cristo, com que, batizado e feito cristão, os pontífices e sacerdotes, que viviam nas grutas dos montes, puderam aparecer publicamente nas praças de Roma, e colocar as imagens de Cristo nos templos, e pregar sua fé por todo o mundo. S. Pedro foi o que, durando a perseguição em Inglaterra, e tendo fugido alguns bispos, para que não fugisse também o metropolitano de Cantuária, como pretendia, o repreendeu e castigou por suas próprias mãos, de tal sorte que bastou a vista das chagas que lhe ficaram em todo o corpo, para que os mesmos tiranos o deixassem viver e guardar as ovelhas do pastor que tão asperamente punira os pensamentos só de as querer deixar. S. Pedro foi, finalmente, o que no século passado apareceu a Inácio em Pamplona, mortalmente ferido de uma bala, e o sarou com sua presença, e lhe infundiu o seu espírito, para que levantasse uma nova e forte companhia em defesa da Igreja militante, contra Lutero e Calvino e os outros heresiarcas de nossos tempos, como diz a mesma Igreja: *Novo per Beatum Ignatio subsidio, militantem Ecclesiam roborasti.*

141. Mas, glorioso defensor da fé e autoridade romana, e também da mesma Roma e desta vossa Basílica, oitava maravilha do mundo, agora que as trombetas otomanas quase se ouvem dentro de seus muros, e já as meias-luas turquescas se divisam das torres de Itália e lhe estão batendo às portas, tempo é de outros socorros e de outras armas. Lembrai-vos, ó Pedro, que não vos disse Cristo que deusesseis a espada, senão que a metêsseis na bainha, para a tirar outra vez e a empunhar quando a honra de vosso Mestre, já triunfante no céu, e a vossa providência o pedisse na terra. Esta foi a espada com que assististes fulminante ao lado de vosso sucessor, Leão, e destes tanta eficácia à sua eloquência, e metestes em tanto temor a Átila, que não se atrevendo a dar um passo adiante, voltou as costas e as bandeiras, e confessou aos seus, tremendo ainda, o que vira. Com esta espada, e vestido de armas resplandcentes, socorrestes Alexandria, cidade da Igreja romana sitiada pelo imperador Frederico, e, capitaneando os cercados no assalto, com que debaixo de falsa trégua os invadiu repentinamente, vós, com imensa mortandade de todo o seu exército, o obrigastes fugindo a levantar o sítio. E quem assim acudiu por uma cidade da Igreja romana, que fará pela mesma Roma e pela mesma Igreja? Mas, avizinhemo-nos mais à oficina capital, onde se está fabricando e dispondo o perigo, e entremos na mesma Constantinopla. Imperadores eram daquela sempre infensa e venenosa metrópole Bardas e Micael, os quais tinham devastado com esquitas crueldades toda a cristandade do Oriente, quando vós, aparecendo visível aos afligidos católicos, por um dos ministros de vossa justiça que vos acompanhavam armados, não só os mandastes matar, mas fazer em postas a ambos, e assim se executou. Também era imperador de Constantinopla Alexandre Impiíssimo, o qual, olhando para as estátuas dos antigos ídolos de Roma, que tinha no seu palácio, disse: *Quandiu istas colebant Romani, potentissimi et invicti perseveraverunt:* Enquanto os romanos adoraram a estas, foram poderosíssimos e perseveraram invictos. — Mas apenas o bárbaro tinha lançado da boca esta blasfêmia, quando vós, sempre vingador das injúrias de Cristo, vos presentastes diante, dizendo: *Ego sum Romanorum Princeps Petrus.* E ao trovão desta voz, vomitando todo o sangue pela mesma boca sacrílega, caiu morto Alexandre.

142. Assim venceis, assim triunfais, gloriosíssimo Pedro. E se um *Ego sum* da vossa boca em Constantinopla é tão poderoso como outro *Ego sum* (Jo. 18,5), da boca de vosso Mestre e Senhor em Getsêmani, quando esta só voz derrubou os

esquadrões de seus inimigos, e quando a vossa espada, como então começou, os degolara a todos, se o mesmo Senhor vo-la não mandara meter na bainha, agora, agora é tempo de a desembainhar outra vez, ou de tornar a dizer *Ego sum*, para que tremam o turco, para que se acabe Mafoma, para que as suas luas se eclipsarem, para que os seus exércitos desmaiem e se confundam, e para que em Constantinopla, como em Roma, e no império do Oriente, como no do Ocidente, se conheçam e se venerem só as chaves de Pedro, e com ele, e por ele, e nele o nome de Cristo. Amém.

SERMÃO DE TODOS OS SANTOS

EM LISBOA, NO CONVENTO DE ODIVELLAS, ANO 1643

*Beati mundo corde*¹.

§I

A festa mais universal e mais particular de toda a Igreja. Argumento do sermão: quão grande coisa é ser santo e quão facilmente o podemos ser todos.

143. A festa mais universal e a festa mais particular, a festa mais de todos e a festa mais de cada um, é a que hoje celebra e nos manda celebrar a Igreja. É a festa mais universal e mais de todos, porque, começando pela fonte de toda a santidade, que é Cristo, e pela Rainha de todos os santos, que é a Virgem Santíssima, fazemos festa hoje a todas as hierarquias dos anjos, fazemos festa aos patriarcas e aos profetas, aos apóstolos e aos mártires, aos confessores e às virgens. E não há bem-aventurado na Igreja triunfante, ou canonizado ou não canonizado, ou conhecido ou não conhecido na militante, que não tenha a sua parte ou o seu todo neste grande dia. E este mesmo dia tão universal e tão de todos, é também o mais particular e mais próprio de cada um, porque hoje se celebram os santos de cada nação, os santos de cada reino, os santos de cada religião, os santos de cada cidade, os santos de cada família. Vede quão nosso e quão particular é este dia. Não só celebramos os santos desta nossa cidade, senão cada um de nós os santos da nossa família e do nosso sangue. Nenhuma família de cristãos haverá tão desgraçada que não tenha muitos ascendentes na glória. Fazemos pois hoje festa a nossos pais, a nossos avós, a nossos irmãos, e os que tendes filhos no céu, ou inocentes ou adultos, fazeis também festa hoje a vossos filhos. Ainda é mais nossa esta festa, porque, se Deus nos fizer mercê de que nos salvemos, também virá tempo, e não será muito tarde, em que nós entremos no número de todos os santos, e também será nosso este dia. Agora celebramos, e depois seremos celebrados: agora nós celebramos a eles, e depois outros nos celebrarão a nós. Esta última consideração, que é tão verdadeira, foi a que fez alguma devoção à minha tibieza neste dia tão santo, e quisera tratar nele alguma matéria que nos ajude a conseguir tão grande felicidade. Dividirei tudo o que disser em dois discursos, fundados nas duas palavras que tomei por tema, e nas duas do título da festa. Pois a festa é de todos os santos, no primeiro discurso veremos quão grande coisa é ser santos, e no segundo, quão facilmente o podemos ser todos. O primeiro nos dá a primeira palavra do tema: *beati*; o segundo nos dará a segunda: *mundo corde*. Digamos à Virgem Santíssima: *Regina Sanctorum omnium ora pro nobis*, e ofereçamos-lhe a costumada *Ave Maria*.

§II

O maior apetite do homem: desejar ser. O sereis do demônio e o sereis de Deus. Só o ser santo é o verdadeiro ser. A maior excelência de Deus: a santidade. O testemunho dos teólogos e dos profetas. O juramento de Deus a Davi.

Beati mundo corde.

144. A mais poderosa inclinação e o mais poderoso apetite do homem é desejar ser. Bem nos conhecia este natural o demônio, quando esta foi a primeira pedra sobre que fundou a ruína a nossos primeiros pais. A primeira coisa que lhe disse e que lhe prometeu foi que seriam: *Eritis* (Gên. 3,5), e este *eritis*, este *sereis* foi o que destruiu o mundo. Não está o erro em desejarem os homens ser, mas está em não desejarem ser o que importa. Uns desejam ser ricos, outros desejam ser nobres, outros desejam ser sábios, outros desejam ser poderosos, outros desejam ser conhecidos e afamados, e quase todos desejam tudo isto, e todos erram. Só uma coisa devem os homens desejar ser, que é ser santos. Assim emendou Deus o sereis do demônio com outro sereis, dizendo: *Sancti eritis, quia Ego sanctus sum*². O demônio disse: Sereis como Deus, sendo sábios; e Deus disse: Sereis como Deus, sendo santos. E vai tanto de um sereis a outro sereis, que o sereis do demônio não só nos tirou o ser como Deus, mas tirou-nos também o ser, porque nos tirou o ser santos, e o sereis de Deus, exortando-nos a ser santos, como ele é, não só nos restitui o ser como Deus, senão também o ser. Quando Moisés perguntou a Deus o que

era, respondeu Deus definindo-se: *Ego sum qui sum* (Êx. 3,14): Eu sou o que sou — porque só Deus tem por essência o ser. Agora diz a todos os homens por boca do mesmo Moisés: Se sois tão amigos e tão ambiciosos de ser, sede santos, e sereis, porque tudo o que não é ser santo, é não ser. Sede rei, sede imperador, sede papa: se não sois santo, não sois nada. Pelo contrário, ainda que sejais a mais vil e mais desprezada criatura do mundo, se sois santo, sois tudo o que pode chegar a ser o maior e mais bem afortunado homem, porque sois como aquele que só é e só tem ser, que é Deus. Todo o outro ser, por maior que pareça, não é, porque vem a parar em não ser. Só o ser santo é o verdadeiro ser, porque é o que só é, e o que há de permanecer por toda a eternidade.

145. Bastava esta só razão para os homens, que temos alma imortal, desejarmos a santidade sobre todas as coisas, e desprezarmos todas as coisas só por ser santos. Mas quero que os mesmos santos e todos os santos nos ensinem e animem a esta verdade. Todos os santos quantos há e pode haver, pela mesma ordem em que hoje os celebra a Igreja, se reduzem a quatro classes. Deus, que também se preza de ser e de se chamar santo; a Mãe de Deus, que é a mais santa entre todas as puras criaturas; os santos anjos, repartidos em nove coros; os homens santos, divididos em seis hierarquias. Ora, vejamos como todos estes santos nos ensinam a estimar sobre tudo o ser santos, e comecemos por Deus.

146. Se perguntarmos aos teólogos qual é o maior atributo de Deus, responder-nos-ão que todos são iguais, porque todos e cada um deles é Deus. Mas se perguntarmos qual é o que mais declara e engrandece o ser do mesmo Deus, S. Dionísio Areopagita, que é o que mais altamente escreveu dos atributos divinos, diz que o ser santo: *Deus per excellentiam cuncta excellentem Sanctus Sanctorum praedicatur*. Quando dizemos que Deus é santo, e Santo dos Santos, louvamos em Deus uma excelência que é mais excelente que todas: *Excellentiam cuncta excellentem*. O grande doutor da Igreja, Santo Ambrósio, ainda disse mais, ou com maior expressão: *Nihil pretiosius invenimus, quo Deus praedicare possimus, nisi ut sanctum apellemus: quodlibet aliud inferius est Deo, inferius est Domino*: Quando queremos louvar e engrandecer a Deus, nenhuma coisa achamos de maior estimação e de maior preço que chamar-lhe santo, porque tudo o demais que dissermos é inferior a Deus, e só quando lhe chamamos santo dizemos o que é. Antigamente, como Deus era só conhecido em Judéia, no resto do mundo havia muitos chamados deuses, os quais todos tinham sacrifícios e sacerdotes. E que fez o verdadeiro Deus para se distinguir dos deuses falsos? Mandou que o seu Sumo Sacerdote trouxesse na testa uma lâmina de ouro com esta letra: *Sanctum Domino* (Êx. 28,36): A santidade ao Senhor — porque só aquele Senhor, que tem por atributo o ser santo, é o verdadeiro Deus.

147. Mais fizeram os profetas, os quais, falando de Deus, deixavam o nome de Deus, e o trocavam pelo nome de Santo. Lede Isaías e os demais, e achareis: *Ad Sanctum Israel respicient: Blasphemaverunt Sanctum Israel: In Sancto Israel laetaberis: Venia consilium Sancti Israel*³, e assim em muitos outros lugares, não havendo panegírico, invectiva ou declamação em que não tragam sempre na boca o Santo de Israel, o Santo de Israel. E que Santo de Israel é este? É Abraão, Isaac, ou Jacó? É Moisés, Josué, ou Davi? É Elias ou Eliseu? Não. O Santo de Israel, de que falamos os profetas, é Deus. Pois, se é Deus, por que lhe não chamam Deus, ou o Deus de Israel, senão o Santo de Israel? Porque em Israel havia naquele tempo muitos ídólatras, que veneravam e sacrificavam aos deuses falsos da gentilidade; e para distinguir o Deus verdadeiro dos deuses falsos, não acharam os profetas outra diferença mais individual, nem outra distinção mais adequada, que chamar-lhe o Santo. Se lhe chamaram Deus, equivocava-se o nome de Deus com o dos ídolos, a quem os ídólatras também chamavam deuses; mas chamando-lhe o Santo, tiravam toda a equivocação e toda a dúvida, porque só o atributo da santidade era o que distinguia e provava no Deus de Israel a única e verdadeira divindade. Tanto significa, tanto monta, e tão alta e divina coisa é, ainda no mesmo Deus, o ser santo.

148. Mas, se os profetas queriam distinguir o Deus verdadeiro dos falsos, por que não fundavam a distinção na verdade, senão na santidade? Por que não diziam o verdadeiro de Israel, senão o Santo de Israel? Porque, ainda que o verdadeiro se opõe formalmente ao falso, mais se qualifica o ser divino pelo atributo de santo que pelo de verdadeiro. Ouvi uma das maiores ponderações com que se pode avaliar e conhecer quão sublime e divina coisa é, ainda na estimação e veneração do mesmo Deus, o ser santo. Jurou Deus a Davi que seria o seu reino eterno, porque dele descenderia o Messias; e como fez Deus este juramento, ou por quem jurou? Coisa estupenda! *Semel juravi in sancto meo, si David mentiar: semen ejus in aeternum manebit* (SI. 88, 36): Jurei a Davi, pelo meu Santo, que não hei de faltar à verdade do que lhe prometi, e que há de ser pai do Messias. — *In Sancto meo*, pelo meu Santo! E que santo é este, pelo qual Deus jura? Já sabeis que juramento se faz sempre por aquilo que mais se venera ou mais se estima. Fora de nós, juramos pela vida de el-rei, pela cruz, por Cristo, por Deus, porque é o que mais veneramos, dentro em nós, juramos por nossa vida, por nossa alma, porque é o que mais estimamos. Da mesma maneira, não tendo Deus fora de si por quem jurar, jura pelo que tem dentro em si, e jura por si mesmo, enquanto santo, porque o ser santo é o que mais estima, o que mais preza, e, se se pode dizer assim, o que mais venera. Parece que havia Deus de jurar pela sua verdade, e jura pela sua santidade, como se ficara mais estabelecida a verdade do seu juramento na firmeza da sua santidade que da sua mesma verdade. Em Deus tudo é igual, e tão verdadeiro é como santo, e tão santo como verdadeiro; mas buscando Deus dentro de si mesmo um atributo que, ou fosse ou parecesse mais soberano e mais digno de veneração, pelo qual pudesse jurar, jurou Deus verdadeiro por Deus Santo: *Semel juravi in Sancto meo*.

A grandeza da santidade provada pelas três Pessoas divinas. Em que consistia toda a glória e grandeza do único herdeiro do Padre, o Verbo encarnado? A escada de Jacó, profecia da Encarnação do Verbo Eterno. Santidade, única ciência que professou ensinar na terra o Mestre divino. Por que se chama só a terceira Pessoa Espírito Santo?

149. Por tão altos e tão admiráveis termos como estes nos ensinou Deus em comum quão grande coisa seja o ser santos, e o mesmo documento confirmou cada uma das três Pessoas divinas em particular, por exemplos não menos maravilhosos. — Sobre a Encarnação da Pessoa do Filho mandou o Eterno Padre por embaixador o anjo S. Gabriel, e o que lhe deu por instrução que dissesse de sua parte à Virgem Santíssima, foi que o Filho de Deus e seu, que de suas entranhas havia de nascer, seria santo: *Ideoque, et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei*⁴. De sorte que, tendo o Eterno Padre um Filho igual a si mesmo, e querendo que por segunda geração e segundo nascimento, sendo Deus, fosse também homem, o que lhe deu a ele, e o que prometeu à sua Mãe, foi que seria santo: *Quod nascetur ex te sanctum*. Notai o *sanctum* e o *ex te*: santo, e de vós. Não lhe deu riquezas, porque o fez Filho de uma Mãe muito pobre: *ex te*; não lhe deu honras, porque o fez Filho de uma Mãe muito humilde: *ex te*; não lhe deu mandos, nem dignidades, nem impérios temporais, porque, ainda que a Virgem era descendente de reis, todos esses cetros e coroas tinham já degenerado aos instrumentos mecânicos de um oficial, com quem era desposada: *ex te*. E, que lhe deu? Deu-lhe o ser santo: *Quo nascetur ex te sanctum*. Pois a seu Filho não lhe daria outra coisa um Pai onipotente? Os pais, tudo quanto têm e tudo quanto podem, dão a seus filhos, e mais, se são primogênitos e únicos, como Cristo era. Pois a um Filho primogênito, a um Filho único, um Pai todo-poderoso, um Pai Deus e Senhor de tudo, não lhe dá outra coisa mais que o ser santo? Não, e por isso mesmo. Ao Filho primogênito e único do Eterno Padre competia-lhe a herança de todos os bens de seu pai; e todos os bens que Deus tem, e todos os que pode dar, é fazer a um homem santo e mais santo, porque tudo o mais, ou não é nada, ou, para ser alguma coisa, há de ser também santificado e santo. Enquanto Filho, herdeiro de sua Mãe, pertenciam-lhe ao mesmo Cristo o cetro de Davi e a casa de Jacó, que também Deus lhe mandou prometer: *Dabit illi sedem David patris ejus, et regnabit in domo Jacob*⁵; mas essa mesma casa e esse mesmo cetro deu-lhe Deus a seu Filho por tal modo que, de temporal que era, o converteu em espiritual, para que tudo nele fosse só santidade, e ele, por todos os modos, mais e mais santo.

150. Vede como dizem o que digo, os que viram o mesmo Unigênito do Padre: *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti a Patre, plenum gratiae et veritatis*⁶: Vimos — diz S. João — a sua glória, a sua majestade, a sua grandeza, e bem mostrava que era glória, que era majestade, que era grandeza de Filho Unigênito do Eterno Padre. — E em que consistia essa glória, essa majestade e essa grandeza? *Plenum gratiae et veritatis*: em ser cheio de graça e de verdade. — A graça é a santidade formal, ou a forma santificante, que faz e denomina santos; e nesta graça, nesta santidade, neste ser santo consistia toda a glória, toda a grandeza e toda a majestade do único herdeiro do Padre. E se perguntardes ao evangelista a razão de serem só estes os bens que contém a herança de um Pai todo-poderoso e Senhor de tudo, o mesmo evangelista tem já dado a razão nas mesmas palavras: *Plenum gratiae et veritatis*: cheio de graça e de verdade. Porque tudo o que não é graça de Deus e santidade, é mentira. As riquezas mentira, as honras mentira, os mandos mentira: só o estar em graça de Deus é verdade, só o viver em graça de Deus é verdade, só o morrer em graça de Deus, em que consiste o ser santo, é verdade: *Plenum gratiae et veritatis*. Isto deu o Eterno Padre a seu Filho, para que vós aprendais a saber o que haveis de procurar aos vossos. Procurai-lhes que sejam santos, e esta é a maior riqueza, a maior honra, a maior felicidade que lhes podeis alcançar, e os maiores e só verdadeiros bens de que os podeis deixar por herdeiros.

151. Vamos à Pessoa do Filho. A Pessoa do Filho é a Sabedoria de Deus. Fez-se homem a Sabedoria Divina, veio ao mundo para ensinar aos homens, e que lhes ensinou? Nenhuma outra coisa, senão a ser santos. Naquela escada de Jacó, como todos sabeis, representou-se em visão e profecia a Encarnação do Verbo Encarnado. No alto da escada estava Deus inclinado sobre ela, porque uma das Pessoas divinas havia de descer ao mundo; ao pé da escada estava Jacó, que era o homem, ou o gênero humano, porque o modo com que Deus havia de descer era encarnando e fazendo-se homem; e a escada chegava da terra ao céu, porque o fim do mistério da Encarnação, e o fim por que Deus desceu do céu à terra, foi para ensinar e mostrar ao homem como havia de subir da terra ao céu. E para esta subida tão notável e tão nova, que até então estava ignorada, que é o que ensinou o Deus que desceu e encarnou, que é o que ensinou o Verbo e a Sabedoria divina a Jacó, ou ao homem, que nele se representava? O mesmo Verbo o diz no capítulo décimo da mesma Sabedoria, falando do mesmo Jacó: *Ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum* (Sab. 10,10): Mostrou-lhe o céu e o reino de Deus, e ensinou-lhe a ciência de ser santo. — De sorte que, vindo a Sabedoria divina em pessoa, e descendo do céu à terra a ser Mestre dos

homens, a nova cadeira que instituiu nesta grande universidade do mundo, a ciência que professou, foi só ensinar a ser santos, e nenhuma outra. A Retórica deixou-a aos Túlios e aos Demóstenes; a Filosofia aos Platões e aos Aristóteles; as Matemáticas aos Tolomeus e aos Euclides; a Medicina aos Apolos e aos Esculápios; a Jurisprudência aos Solões e aos Licurgos; e para si tomou só a ciência de ensinar a salvar e fazer santos: *Regnum Dei, et scientiam sanctorum*.

152. Em todas as ciências, é certo que há muitos erros, dos quais nasce a diferença das opiniões; em todas as ciências há muitas ignorâncias, as quais confessam todos os maiores letrados que não compreendem nem alcançam. Pois, se vinha a Sabedoria de Deus ao mundo, por que não alumiu estes erros, por que não tirou estas ignorâncias? Porque errar ou acertar em todas estas matérias, sabê-las ou não as saber, nenhuma coisa importa: o que só importa é saber salvar, o que só importa é acertar a ser santos, e isto é o que só nos veio ensinar o Filho de Deus. Nem ensinou aos filósofos a composição do contínuo, nem aos geômetras a quadratura do círculo, nem aos mercantes a altura de Leste a Oeste, nem aos químicos o descobrimento da pedra filosofal, nem aos médicos as virtudes das ervas, das plantas, das pedras e dos mesmos elementos, nem aos astrólogos e astrônomos o curso, a grandeza, o número, as influências dos astros: só nos ensinou a ser humildes, só nos ensinou a ser castos, só nos ensinou a desprezar as riquezas, só nos ensinou a perdoar as injúrias, só nos ensinou a sofrer as perseguições, só nos ensinou a chorar e aborrecer os pecados, e a amar e exercitar as virtudes, porque estas são as regras e as conclusões, estes os preceitos e os teoremas por onde se aprende a ser santos, que é a ciência que professou e veio ensinar a Pessoa do Filho de Deus: *Scientiam sanctorum*.

153. A Pessoa do Espírito Santo com o seu próprio nome nos prova e confirma o mesmo. O Padre também é espírito, e também é santo. Pois, por que se chama só a terceira Pessoa Espírito Santo? A razão é — dizem todos os teólogos — porque ao Espírito Santo compete o ofício de santificar e de fazer santos. Todas as obras de Deus, que chamam *ad extra*, isto é, que saem de Deus e se terminam às criaturas, são indivisamente de toda a Santíssima Trindade, na qual o poder e o obrar não só é igual, senão um só e o mesmo. Mas por certa propriedade, fundada na natureza ou origem das mesmas pessoas, umas obras se atribuem a umas pessoas, e outras a outras. E porque à terceira Pessoa se atribui particularmente o santificar e fazer santos, por isso se chama Santo.

154. E para que vejais quão grande significação é na mesma Pessoa do Espírito o nome de Santo e o atributo ou atribuição de santificar, notai o muito que com ela se supre, e a grande carência ou vazio que com ela se enche. O nome ou antonomásia de Santo, e o ofício de santificar e fazer santos não lhe pudera competir ao Pai, que é a fonte original e irascível da santidade? Não lhe pudera competir ao Filho, que foi o que, encarnando, nos mereceu essa mesma santidade? Sim. Pois por que se deu ao Espírito Santo? Disse com alto pensamento Ruperto, que para suprir a infecundidade da terceira Pessoa. A divindade no Padre é fecunda, no Filho é fecunda, no Espírito Santo não é fecunda. No Padre é fecunda, porque gera o Filho; no Filho é fecunda, porque, juntamente com o Padre, produz o Espírito Santo; no Espírito Santo só não é fecunda, porque não produz outra Pessoa divina. Pois, que meio podia haver para suprir na terceira Pessoa esta infecundidade? O meio foi cederem nela as outras Pessoas divinas a virtude ou atribuição de santificar e fazer santos e o título e antonomásia de se chamar Santo. A terceira Pessoa não pode gerar nem produzir pessoa que seja Deus? Pois faça santos. A terceira Pessoa não se pode chamar Pai nem se pode chamar Filho? Pois chame-se Santo. Tão grande, tão alta, tão sublime, tão divina coisa é ser Santo, e com tão maravilhosos documentos nos ensinaram esta verdade em si mesmas as três Pessoas divinas.

§IV

A grandeza da santidade provada na Virgem Santíssima. As qualidades das mulheres famosas de Israel e a escolha feita por Maria entre a universidade de bens naturais, e sobrenaturais do imenso morgado de Deus.

² Nós, ó Deus, com as nossas orelhas ouvimos: nossos pais nos anunciaram a obra que fizestes nos dias deles e nos dias antigos (SL. 43,2).

³ A tua mão exterminou as gentes, e os plantaste a eles; afligiste os povos, e os lançaste fora (SL. 43,3).

⁴ Porque não foi com a sua espada que possuíram a terra, e o seu braço não os salvou, senão a tua destra, e o teu braço, e a luz do teu rosto, porque te comprazeste neles (SL. 43, 4).

⁵ Mas agora tu nos lançaste fora e cobriste de confusão, e tu, ó Deus, não andarás à testa dos nossos exércitos (SI. 43, 10).

⁶ Tu nos fizeste voltar as costas a nossos inimigos, e que fôssemos presa dos que nos tinham em aborrecimento (SI. 43, II).

⁷ Tu nos entregaste como ovelhas de matadouro, e nos espalhaste entre as nações (SI. 43, 12).

⁸ Puseste-nos por opróbrio aos nossos vizinhos, por escárnio e zombaria àqueles que estão ao redor de nós (SI. 43, 14).

⁹ Tu mesmo és o meu rei, que dispões as salvações de Jacó (SI. 43,5).

¹⁰ Quero estabelecer em ti e na tua descendência o meu império.

¹¹ Senhor, a ti não se te dá (Lc. 10,40)?

¹² Tu és justo, Senhor, e é reto o teu juízo (SI. 118, 137).

¹³ Não fazemos estas deprecações fundados em alguns merecimentos da nossa justiça, mas sim na multidão das tuas

misericórdias (Dan. 9,18).

¹⁴ Deixa que se acenda o furor da minha indignação contra eles, e que eu os consuma (Êx 32,10)

¹⁵ Não permitas, te rogo, que digamos egípcios: Ele os tirou do Egito astutamente para os matar nos montes, e para os extinguir da terra (Êx. 32, 12).

¹⁶ Porventura parece-te bem caluniar-me e oprimires-me a mim que sou obra das tuas mãos, e favoreceres o desígnio dos ímpios (Jó 10,3)?

¹⁷ Porque os dons de Deus são imutáveis (Rom. 11,29).

¹⁸ Eles os tirou do Egito astutamente para os matar e para os extinguir da terra (Êx. 32,12).

¹⁹ *Virgil.*

²⁰ Traze-me cá os cegos e os coxos (Lc. 14,21).

²¹ Começaram a toscanear todas, e assim vieram a dormir (Mt. 25,5).

²² Não vos conheço (Mt. 25,12).

²³ Fechou-se a porta (Mt. 25, 10).

²⁴ Tocado interiormente de dor (Gên. 6,6).

²⁵ Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens (Gên. 8,21).

²⁶ O flagelo não se aproximará à tua tenda (Sl. 90, 10).

²⁷ As ruas de Sião choram, porque não há quem venha às solenidades (Lam. 1,4).

²⁸ E viu Deus que isto era bom (Gên. 1, 10).

²⁹ Pesou-lhe de ter criado o homem na terra (Gên. 6, 6).

³⁰ Porque me pesa de os ter feito (Gên. 6,7).

³¹ Segundo a tua grande misericórdia, e segundo as muitas mostras da tua demência (Sl. 50, 3)

³² Por que dormes? Por que apartas teu rosto? Por que te esqueces da nossa miséria e da nossa tribulação (Sl. 43, 23 s)?

³³ Por que não me tiras o meu pecado, e por que não apagas a minha iniquidade (Jó 7,21)?

³⁴ Pequei, que te farei eu (Jó 7, 20)?

³⁵ Contra uma folha, que é arrebatada do vento, ostentas o teu poder (Jó 13,25).

³⁶ Eis aí te constituí sobre as gentes e sobre os reinos, para arrancares e destruíres, e para arruinares e dissipares, e para edificares e plantares (Jer. 1,10).

³⁷ Deus, juiz justo, forte e paciente, ira-se acaso todos os dias (Sl. 7, 12)?

³⁸ Não se ponha o sol sobre a vossa ira (Ef. 4,26).

³⁹ Sol, detém-te sobre Gabaon (Jos. 10,12).

⁴⁰ Os céus publicam a glória de Deus (Sl. 18,1).

⁴¹ Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores (Mt. 6,12).

¹ O reino dos céus é semelhante a um homem rei que fez as bodas a seu filho, e mandou os seus servos a chamar os convidados (Mt. 22,2 s).

² A minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida (Jo. 6, 56).

³ É semelhante o reino dos céus a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a receber o esposo e a esposa (Mt. 25,1).

⁴ Alude toda a explicação do Evangelho a casos sucedidos naqueles dias.

⁵ Recusaram ir (Mt. 22, 3). Mataram-nos (Mt. 22,6).

⁶ Irou-se, e pôs fogo à sua cidade (Mt. 22,7).

⁷ Acabou com aqueles homicidas (Mt. 22,7).

⁸ Congregaram todos os que acharam, maus e bons (Mt. 22,10).

⁹ Saíram a receber o esposo e a esposa (Mt. 25,1).

¹⁰ A minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida (Jo. 6,56).

¹¹ Este sacramento é grande, mas eu digo em Cristo e na Igreja (Ef. 5,32).

¹² Feriste o meu coração (Cânt. 4,9).

¹³ O que come a minha carne e bebe o meu sangue, esse fica em mim e eu nele (Jo. 6,57).

¹⁴ Pariu um filho varão (Apc. 12,5).

¹⁵ E foi arrebatado para Deus e para o seu trono (Apc. 12,5).

¹⁶ Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer outra vez (Jo. 3, 4)?

¹⁷ Clamava com dores de parto, e sofria tormentos por parir (Apc. 12,2).

¹⁸ Sobre a cabeça de Jesus, que estava recostado à mesa (Mt. 26,7).

¹⁹ Não me toques (Jo. 20, 17).

²⁰ Na verdade vos digo que entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior que João Batista; mas o que é menor no reino dos céus é maior do que ele (Mt. 11,11).

²¹ E fechou-se a porta (Mt. 25, 10).

²² Senhor, senhor, abre-nos (Mt. 25,11)!

²³ Não sabia que o que se fazia por intervenção do anjo era assim na realidade, mas julgava que ele via uma visão (At. 12,9).

²⁴ Agora é que eu conheço verdadeiramente que mandou o Senhor o seu anjo, e me livrou (At. 12,11).

²⁵ Quando eles o viram caminhar sobre as águas, cuidaram que era algum fantasma (Mc. 6,49).

²⁶ Não como vossos pais, que comeram o maná e morreram (Jo. 6,59).

¹ As riquezas nada valem em sua comparação (Sab. 7,8).

² Visitando tudo em roda (Ecl. 1,6).

³ E as suas palavras se estenderam até as extremidades do mundo (Sl. 18,5).

⁴ E rosto de águia no alto dos mesmos quatro (Ez. 1,10).

¹ Não peques mais (Jo. 8,11).

² Nem eu tampouco te condenarei (Jo. 8, 11).

³ Eu desfaleci, vendo aos pecadores que deixavam a tua lei (Sl. 118,53).

⁴ Pela manhã entregava à morte todos os pecadores da terra (Sl. 100,8).

⁵ Levanta-te, Senhor, na tua ira, levanta-te segundo o preceito que tu ordenaste, e a multidão dos povos se unirá em roda de ti (Sl.7,7 s).

⁶ Deus, juiz justo, forte e paciente, ira-se acaso todos os dias (Sl. 7, 12)?

⁷ É de muita bondade para perdoar (Is. 55,7).

⁸ Segundo as muitas mostras da tua clemência (Sl.55,3).

⁹ Ouvi a palavra do Senhor, homens escarnecedores, porque vós dissestes: Nós fizemos um concerto com a morte, e fizemos um pacto com o inferno (Lc. 28,14 s).

¹⁰ Levai vítimas (Sl. 95,8).

¹¹ Pequei (2 Rs. 12, 13)

¹² Não ponhais a vossa confiança em palavras de mentira, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, este Templo é do Senhor (Jer. 7, 4).

¹³ Acabai vós pois de encher as medidas de vossos pais (Mt. 23,32).

¹⁴ Esta é a impiedade (Zac. 5,8).

¹⁵ Eis que puseste os meus dias em medida (Sl. 38, 6).

¹⁶ Tu lhe demarcaste os limites, dos quais ele não pode passar (Jó 14,5).

¹⁷ Isto diz o Senhor: Depois das maldades que Judas cometeu três e quatro vezes, eu o não converterei; depois das maldades que Israel cometeu três e quatro vezes, eu o não converterei (Am. 2,4,6).

¹⁸ E será dada a vida ao tal cujo pecado não é para morte (Jo. 5,16).

¹⁹ Na mesma hora apareceram uns dedos (Dan. 5, 5).

²⁰ Achou-se que tinhas menos do peso (Dan. 5,27).

²¹ Laços de pecadores me cingiram (Sl. 118,61).

²² Os que mataram ao Senhor Jesus, e nos têm perseguido a nós, proibindo-nos falar aos gentios para que sejam salvos, a fim de encherem sempre a medida dos seus pecados, porque a ira de Deus caiu sobre eles até o fim (1 Tes. 15 s).

¹ Eis conceberás no teu ventre, e parirás um filho (Lc. 1,31).

² Eis conceberás no teu ventre, e parirás um filho, e será chamado Filho do Altíssimo (Lc. 1, 31 s).

³ Eis aqui o homem que tem por nome o Oriente (Zac. 6,12).

⁴ Eis que uma virgem conceberá, e parirá um filho, e será chamado o seu nome Emanuel (Is. 7,14).

⁵ *Div. Bonavent. in Speculo*

⁶ *Div. Bonavent. in Ps. 11, ad illud: in circuitu impii ambulat*

⁷ Pouco menor o fizeste que os anjos (Sl. 8, 6).

⁸ *Man. Astrom. Lib. 4.*

⁹ Eu te gerei do seio, antes do luzeiro (Sl. 109,3).

¹⁰ Davi pois teve desejos, e disse: Oh! se algum me dera a beber água da cisterna que há em Belém (2 Rs. 23,15).

¹¹ Uma roda no meio de outra roda (Ez. 1,16).

¹² O carro de Deus vai rodeado com muitas dezenas de milhares (Sl. 67,18).

¹³ Eu durmo, e o meu coração vela (Cânt. 5,2).

- ¹⁴ Esta pedra era Cristo (1 Cor. 10,4).
- ¹⁵ Turbou-se do seu falar (Lc. 1,29).
- ¹⁶ Não temas, Maria (Lc. 1,30).
- ¹⁷ Faça-se em mim segundo a tua palavra (Lc. 1,38).
- ¹⁸ Até que venha o desejo dos outeiros eternos (Gên. 49,26).
- ¹⁹ Ei-lo aí vem saltando sobre os montes, atravessando os outeiros (Cânt. 2,8).
- ²⁰ A tua salvação esperarei (Gên. 49,18).
- ²¹ Rogo-te que envies aquele que deves enviar (Êx. 4,13).
- ²² Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia, e dá-nos o teu Salvador (Sl. 84,8).
- ²³ Destilai, ó céus, lá dessas alturas o vosso orvalho, e as nuvens chovam o justo; abra-se a terra, e brote o Salvador (Is. 45,8).
- ²⁴ Pensei nos dias antigos, e tive na mente os anos eternos (Sl. 76, 6).
- ²⁵ Terêncio, poeta cômico latino (190-159 a. C.).
- ²⁶ O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e reinará eternamente na casa de Jacó (Lc. 1,32).
- ²⁷ Desejo dos outeiros eternos (Gên. 49,26). — Tive na mente os anos eternos (Sl. 76, 6).
- ²⁸ Quem me fará tão ditosa que te tenha a ti por irmão, para que eu te ache de fora (Cânt. 8. 1).
- ²⁹ Onde está o teu Deus (Sl. 41,11)?
- ³⁰ Verbo estava com Deus (Jo. 1,1).
- ³¹ Dei voltas e sacrifiquei hóstia com vozes de júbilo (Sl. 26, 6).
- ³² Dando graças, o partiu (1 Cor. 11,24).
- ³³ Mas Cristo é que vive em mim (Gal. 2, 20).
- ³⁴ A minha alma está ardendo de sede pelo Deus forte e vivo (Sl. 41,3): saciar-me-ei quando aparecer a tua glória (Sl. 16. 15).
- ³⁵ Quando virei e aparecerei diante da face de Deus (Sl. 41,3)?
- ³⁶ Quem me livrará do corpo desta morte (Rom. 7,24)?
- Ó Senhor, livra a minha alma (Sl. 114,4).
- Ó Senhor, salva-me, ó Senhor, faze que tenha prosperidade (Sl. 117, 25).
- ³⁷ Ai de mim, que o meu desterro se prolongou (Sl. 119,5)!
- * Odivelas: — freguesia de Portugal, da província da Extremadura, em cujo convento professavam as freiras da aristocracia portuguesa.
- ¹ Amai a vossos inimigos (Mt. 5,44).
- ² *Aug. in Ps. 118.*
- ³ O meu amado é para mim e eu para ele (Cânt. 2,16).
- ⁴ *Bernard. Serm. 69.*
- ⁵ A alma de Jônatas se conglutinou com a de Davi (1 Rs. 18,1).
- * Talvez o autor se refira à *pedra de cevar*, nome por que também era conhecido o ímã.
- *
- ⁶ Ordenou em mim a caridade (Cânt. 2,4).
- ⁷ Adúlteros, não sabeis que a amizade deste mundo é inimiga de Deus (Tg. 4,4)?
- ⁸ Por que se vós não amais senão os que vos amam, não fazem também assim os gentios (Mt. 5,46 s)?
- ⁹ A mulher, que tu me deste (Gên. 3, 12).
- ¹⁰ Lançou os olhos sobre José (Gên. 39,7).
- ¹¹ Tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido (Jo. 4,18).
- ¹ Eu te darei as chaves do reino dos céus (Mt. 16,19).
- ² Ligado com duas cadeias (At. 12,6).
- ³ Que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão (Apc. 20, 11).
- ⁴ Caíram as cadeias das suas mãos (At. 12,7)
- ⁵ Nessa mesma noite se achava dormindo Pedro (At 12,6).
- ⁶ E entretanto ele dormia (Mt 8,24).
- ⁷ A todos vós serei esta noite uma ocasião de escândalo (Mt. 26, 31).
- ⁸ Mas eu roguei por ti para que a tua fé não falte: e tu, enfim, depois de convertido, conforta a teus irmãos (Lc. 22,32).
- ⁹ Achava-se a barca no meio do mar (Mc. 6,47).
- ¹⁰ Faze-te mais ao largo (Lc. 5,4).
- ¹¹ A Capela da igreja de S. Pedro, em que se prega neste dia, é de São João Crisóstomo.
- ¹² Caíram as cadeias das suas mãos (At. 12,7).
- ¹³ E matou a espada Tiago, irmão de João (At. 12,2).

- ¹⁴ E morte de cruz, pelo que Deus também o exaltou (Flp. 2,8 s).
- ¹⁵ Não quebrareis dele osso algum (Jo. 19, 36).
- ¹⁶ Farás para o racional duas pequenas cadeias de ouro o mais puro, que se unam entre si: e ajuntarás as cadeias de ouro com as argolinhas que estão nos remates deles (Êx. 28,22,24).
- ¹⁷ E permitiu-lhes que fizessem de Jesus o que quisessem (Lc. 23,25).
- ¹⁸ Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino (Lc. 23,42).
- ¹⁹ Hoje serás comigo no paraíso (Lc. 23,43).
- ²⁰ Ora a sogra de Simão padecia grandes febres (Lc. 4,38).
- ²¹ Inclinando-se sobre ela (Lc. 4,39).
- ²² Depois de a tomar pela mão (Mc. 1, 31).
- ²³ Levantando-se, se pôs a servi-los (Lc. 4,39).
- ²⁴ E vós, quem dizeis que sou eu (Mt. 16,15)?
- ²⁵ Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo (Mt. 16,16).
- ²⁶ Quereis vós outros também retirar-vos (Jo. 6,68)?
- ²⁷ Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras da vida eterna (Jo. 6,69).
- ²⁸ Senhor, bom é que nós estejamos aqui (Mt. 17,4).
- ²⁹ Eis aqui estamos nós que deixamos tudo. Que galardão pois será o nosso (Mt. 19,27)?
- ³⁰ Pareceu-lhes um como desvario (Lc. 24,11).
- ³¹ Na verdade que o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão (Lc. 24,34).
- ³² Caiu a sorte sobre Matias (At. 1,26).
- ³³ Fará outras ainda maiores, porque eu vou para o Pai (Jo. 14,12).
- ³⁴ Dando-lhe a volta, feriu ao filisteu, e a pedra se encravou na sua testa (1 Rs. 17,49).
- ³⁵ O seu trono era de chamas de fogo, as rodas deste trono um fogo aceso (Dan. 7,9).
- ³⁶ *Boetius.*
- ³⁷ Saindo a visitar todos (At. 9,32).
- ³⁸ Pedro, apóstolo, aos estrangeiros que estão dispersos (1 Pdr 1,1).
- ³⁹ Apascenta os meus cordeiros, apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas (Jo. 21,15 ss).
- ⁴⁰ Estando certo de que logo tenho de deixar o meu tabernáculo, segundo o que também me deu a entender nosso Senhor Jesus Cristo. E terei cuidado que ainda depois do meu falecimento possais vós ter repetidas vezes memória destas coisas (2 Pdr. 1,14 s).
- ¹ Bem-aventurados os limpos de coração (Mt. 5,8).
- ² Vós sereis santos, porque eu sou santo (Lev. 11, 45).
- ³ Olharão para o Santo de Israel (Is. 17,7).
- Blasfemaram o Santo de Israel (Is. 1,4).
- Alegrar-te-ás no Santo de Israel (Is. 41,16).
- Chegue-se o conselho do Santo de Israel (Is. 5,19).
- ⁴ Por isso mesmo o santo que há de nascer de ti será chamado Filho de Deus (Lc. 1,35).
- ⁵ Dar-lhe-á o trono de seu pai Davi, e reinará eternamente na casa de seu pai Jacó (Lc. 1,32).
- ⁶ Nós vimos a sua glória, glória como de Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (Jo. 1, 14).